V. Paginas

398
446
471 até
475

Donde se prova q. o Autor deste Ramalhete é
o Dr. Fr. Fortunato de S. Boaventura, ex Pro-
fessor do Coll.o das Artes da Universid.e na Lingu
Grega. Nomeado pelo Uzurpador Arcebispo d
Evora, Reformador da m.ma Universidade de
Coimbra, Autor do Cacete, da Contra-
mina, do Malho Ferreo Anti Maçonico
e outros muitos bem conhecidos &c. &c. &c.

Um Portuguez

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

Por Fr. Fortunato de S. Boaventura Abreu

Nº. 1.

Dr. em Theologia, Professor de Lingua Grega no Coll. das Artes na Universidade de Coimbra

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

Corja de Pedreiros, heide-vos pôr nuzinhos como vossas mãis vos parirão. . . .

Advertencia aos Pedreiros livres.

Podendo ser que o meu titulo vos assuste, e vos obrigue a vociferar, e talvez a que me chameis — *Bota-Fogo do Clero* —, e dos nobres, e o Apostolo do despotismo, e da anarquia, importa admoestar-vos caritativamente que ninguem vos dará credito, e que feita huma pequena mudança de hum rifão antigo, todos vos poderão dizer. Bem o prégou Fr. isto he o Irmão Thomaz, se bem o disse peor o fez.... Com que a necessidade de exterminar a ferro e a fogo os corcundas, qual se intimou nas Sociedades Patrioticas de envolta com a celeberrima indicação *de hum mez de anarquia* não erão nada? Com que as marradas no Congresso (nunca lhe chamei Soberano, porque chamalo assim era huma heresia religiosa, e politica, nem se quer lhe dei a pavonada de Nacional, porque os tristes povos não metião para ahi prego nem estopa) com que as marradas tendentes para o exterminio dos Corcundas, erão huma brincadeira? Com que a alliciação feita por miseraveis estudantinhos tão desaforados como igno-

rantes para que as tropas no seu transito por Coimbra matassem os Frades, e os Corcundas, era hum jogo de crianças? Ora pois calai o bico senão tereis muito que soffrer... e não he muito que zombando eu desses punhaes ainda mais curtos doque o vosso entendimento com que haveis lançado huma especie de contribuição a toda a casta de ferros, e de ferreiros... desse ao meu papel o Soberbo, e pomposo titulo do unico santinho que vós adoraes, e trazeis ao pescoço; mas cumpre fazer huma e bem essencial differença.

O vosso he propriamente a arma dos cobardes, e dos tolos, que não sabendo responder ás objecções dos Corcundas, se valem de fanfarronicas ameaças, e de carteis de desafio, verdadeiros testemunhos de crassissima ignorancia que mui breve hão de ser postos á Luz do dia... O nosso, isto he o punhal dos corcundos he o punhal da rasão, e da experiencia, he o punhal digno do homem estudioso, he o punhal de que não sabeis usar porque álem de que a natureza foi mesquinha com vosco. (pois se o Doutor Gall fizesse algum exame dos vossos craneos, apenas descubriria os orgãos da perfidia da impudencia, e da incredulidade he de notar que no periodo de tres annos, terieis feito retrogradar seculos á nossa literatura se os vossos escritos servissem de norma para o diante. Meninos ide para a escola... pois nem se quer de lingoa Portugueza tendes a mais leve tintura... e assim mesmo com essas carinhas da pouca vergonha querieis destruir e anniquilar o throno, e a Fé!!!

Como deverá refutar-se o Maçonismo.

In illo Tempore = Vogou por todos os Reinos da Chritandade hum desalmado furor a que se deo o nome de Cavallaria andante. Matavão-se huns aos outros por — *dá ca aquella palha* —

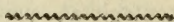
que bem pouco mais era a questão se Dulcinea excedia em fòrmosura a Floripes ou esta a Rosamunda... Depois de se esgotarem todos os recursos da Sabedoria humana, depois de se empregarem inutilmente as proprias armas da Igreja, sem tornarem a si aquelles doudos rematados, apparece o mellhor dos Romances antigos, e modernos isto he = D. Quixote de La Mancha... e logo meteo pernas a Cavallaria andante, que se intimidou de que as proprias creanças e mulheres da rua se pozessem a gritar quando passasse alguns desses *heroes de lança* enristada ahi vai o cavalheiro da *triste figura*!

Já em tempos mais vezinhos do nosso, appareceo outra doença moral ainda mais funesta, e assoladora, que todas as pragas do Egypto, e que obrigou os que pensão atiladamente a terem saudades da Cavallaria andante. Esta quando muito era huma Sarna ou tinha sim contagiosa, porém felismente não chegava senão a meia duzia de enthusiastas em cada hum dos Reinos da Europa, nem consta que se derramasse pelo povo meudo, nem que conduzisse os Reis ao patibulo, nem que menoscabasse ou desprezasse a verdadeira Religião, symptomas estes porque se annuncia o simples começo da nova pestilencia. He esta a

---

Liberdade de pensar.

Que foi posta em scena pelos heroes, e campeões do que então se chamou tão pomposa como falsamente = REFORMA, = sempre o nome predilecto, e a *gavadinha* dos que se querem engrandecer, ou fazerem-se celebres á custa alhêa. Concebida nas entranhas de hum Frade soberbo, intrigante, e revoltozo a quem os da sua quadrilha tratárão logo de Santo em carne porque mui *Liberal* na satisfação dos dezejos da carne, dava largas aos monges para dezertarem do Claustro, ás Freiras para abandonarem

os seus Conventos, aos Principes para terem mulher proprietaria e mulher substituta, aos Reis para devorarem o patrimonio dos Mosteiros, e lançarem mão ao thuribulo decidindo, e legislando em materias Ecclesiasticas... não deixou nem podia deixar de ter innumeraveis creaturas, e deitando raizes por toda a parte (excepto em Portugal e suas conquistas o que se deve ao Santo officio que só elle nos livrou de sermos Lutheranos Calvinistas, Anabaptistas, e Socinianos) a poucos passos de sua existencia, e para se desasombrar de alguns Reis que bem aconselhados não estiverão pelos autos, e disputarão aos novos Reformadores esta prerogativa, que nem Deos, nem os homens lhe derão, e que só elles de motu proprio assumião, e exercitavão, espalhou hum dogma politico das mais infaustas, e desastrozas consequencias, a saber:

A Soberania do Povo.

De que na antiguidade sagrada, ou profana por mais que se busque, não apparecem vestigios, antes pelo contrario quanto mais perto da origem da sociedade chegão os trabalhos, e exames historicos, vai-se parar constantemente em algum Rei ou Juiz ou Magistrado Supremo ... o que he tão certo, que o ditado vulgar — Haja hum que nos governe ... já o era mil annos antes que Jesus Christo viesse ao mundo ...

Foi a Soberania do povo quem levou ao Cadafalso o Rei Carlos I. de Inglaterra e em nossos dias o malfadado Luiz XVI, e acabaria infallivelmente por fazer a todos a mesma gracinha, se lhe não forem a mão, e cortarem os herpes mui radicalmente de maneira, que nunca mais pegue tal doutrina quer seja de sementeira, quer de enxertia quer de estaca ... Assentemos por huma vez que nunca o povo se diz soberano para outro fim mais do que para cahir toda a Soberania nas mãos de hum punhado de aventureiros, que desta arte lhe fazem a boca doce, em quanto mui a salvo, e a des-

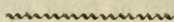
peito da moral christã, e dos principios mais vulgares de decencia, vão enchendo a bolsa, e por certo que não ha cousa melhor nesta vida....

Se pegou a labia ficaremos verdadeiramente Soberanos, e o povo terá de obedecer a muitos que só curão de esmagalo, e saquealo, em lugar de hum só que nenhum interesse tinha de o vexar e de o opprimir. Se o tiro falhou, e não acerta no alvo não falhárão as *louras* que vão na aljubeira e que darão para comer e viver folgadamente em qualquer parte do mundo. São pois os heroes deste jaez inimigos do povo a quem esbulhão de todo o fruto dos seus suores e fadigas; são inimigos dos Reis cuja autoridade aviltão a ponto de fazerem sensivel pela experiencia de alguns annos, que hum Rei he *traste superfluo*, e que se todas as suas funcções se devem reduzir a assinar de cruz em todos os papeis que lhe arrumarem, será melhor que o não haja... pois hum Rei assim que custa hum conto de reis por dia, sahe mui caro a Nação (1) Ora tem sahido a lume refutações sem conto desses Puritanos, liberaes, Pedreiros carbonarios etc. etc. etc. mas quem deo chiste foi o author de *Hudibras*.

Ainda que o restabelecimento de Carlos segundo no throno de Inglaterra suffocou os partidos, e restituio a paz, e a tranquillidade ao proprio Reino que nessa parte mais feliz doque acaba de ser o nosso, não fôra roubado sob a Protecção de Cromwel e que á primeira voz que soltou o General Monck (mais feliz do que o nosso inclito Silveira) gritou em altas vozes pela monarquia; nem por isso deixou de haver huma chusma de descontentes, que sem embargo de que todas as classes tinhão acceitado cordealmente a mudança de governo, mordião-se de raiva, e não perdião de todo a esperança de tornarem a subir...

Appareceo o Hudibras, ficarão todos metidos n'hum chinello, e nunca mais ninguem piou, e o que não chegaria a fazer toda

(1) Expressão de hum illustre deputado ás Cortes Ordinarias, que de certo não podião ser mais ordinarias.

a severidade de hum rei, que desagravava o throno de seu desgraçado Pai, conseguio-o a penna de hum escriptor, que sem nomear pessoas, ainda que designando-as mui claramente pelas suas artes, prendas, e manhas, triunfou daquella emperrada teima de reformar a torto e a direito, e por certo mais esforçado que Alcides livrou a sua ditosa patria destes verdadeiros, leões de Neméa... Appareça entre nós hum Hudibras — e sem páo nem pedra daremos cabo dos Pedreirinhos, que conseguirem escapar ao desterro, e á morte, e a qualquer outra pena, que lhes infligir a justa severidade das Leis.

Como devem ser castigados os Pedreiros Mestres de loja aberta.

Não he da minha competencia endereçar conselhos aos Reis sobre a linha de procedimento, que devem guardar com os seus figadaes, e irreconciaveis inimigos os Pedreiros. Quem veste purpura, e cinge huma corôa tem obrigação de exhaurir todos os meios de os conhecer, e de os punir logo que sejão conhecidos, sob pena de que cedo ou tarde pagará ou com a vida, ou com a mais insultadora, e affrontosa deposição, toda a condescendencia, que tiver com elles... e não he este o menor perigo que os ameaça... Hum Rei deve ser elemente, e já dizia hum Filosofo antigo (Seneca) que era tão indecoroso a hum Rei o perdoar a todos como o castigar a todos; ha porém muitos lances em que huma desmesurada clemencia he hum crime de que o Rei dos Reis lhe tomará huma estreitissima conta.

Confundir os bons com os máos, he animar a impunidade, e com ella todos os crimes, poupar cegamente os criminosos he sacrificar os bons, he perturbalos na fruição dos seus direitos, he pôlos em huma perpetua desconfiança de serem outras vez enxovalhados, e per-

seguidos: o que he tão certo que nestes casos importa mais ao cidadão probo e leal, esconder-se, ou antes mudar de patria do que viver no meio de tygres que por ventura açaimados hum só instante pelo irresistivel poderio da opinião pública, já estudão, e se afanão por desfazer com seus proprios dentes, a mordaça que os refrêa, e que apenas conseguirem tira-la encherão tudo de estragos, de mortes, e de sangue... E será feliz huma suspirada mudança de cousas visivelmente feita, e concluida pelo — BRAÇO OMNIPOTENTE — se o primeiro e principal cuidado dos qne affrontarão o desterro o carcere, e a morte em obzequio a Fé Catholica, e á Dignidade Real, deverá ser a accquisição dos meios indispensaveis para fugirem quanto antes em demanda de algum reino onde os Carbonarios, e os Pedreiros nem subão, nem possão nunca subir aos primeiros lugares do Estado?

E serão acaso estes principios alheios da Santa Religião que nós professamos? Terão acaso o minimo resabio de desejo de vingança tantas vezes proscripto, e abominado pelo supremo legislador?

Dezejará por ventura lavar suas mãos no sangue dos pedreiros quem se atreve a insinuar ou lembrar a necessidade do castigo para huma seita que he *jurada* e implacavel inimiga dos thronos, e dos Altares do Christianismo? Que facil he jogar contra a Seita Pedreiral esses mesmos principios fantasticos, e cerberinos com que ainda hoje trata de embair os credulos, e os ignorantes? Agora he a força armada que cedendo ás perfidias suggestões dos corcundas conseguio dictar a lei... e a 24 de Agosto de 1820 dia de infausta, e execranda memoria nem sombra ou resto de gente armada se vio na Cidade Regeneradora, e talvez que o Regimento N. 18 que vos tratasteis de preverter e desencaminhar, mas que tão gloriosamente ha voltado para o lugar, que por sua antiga reputação de lealdade, e de valor lhe competia, vos assistisse e apoiasse então só para decencia, e formozura do auto. Então foi virtude conceber, e executar o mais nefan-

do acto de desobediencia, e rebellião, que por miserando que fosse o estado a que nos chegára a lastimosa ausencia Del-Rei nunca seria legitima ou valiosa, porque nós os Christãos pela graça de Deos respeitamos e seguimos a doutrina do Apostolo S. Paulo, doutrina verificada nos melhores dias da Igreja, ou nos primeiros seculos, em que apparecendo tantos Neros, não appareceo hum só christão quo se revoltásse contra os maiores abusos da autoridade qoe os regia com vara de ferro, o os esmagava: e agora, que estranha incoherencia dos taes Pedreiros! e agora depois de tantas infracções, do aureo — rapinante Systema constitucional, qne ha mais de dous annos fugira para o globo de Saturno, agora sim que he perjurio, e hum crime irremessivel qualquer resistencia, por minima que seja a auctoridade publica! Não ha cousa melhor que este páo de dous bicos, pois desta maneira tudo se aplana, e justifica.

Então foi hum *auto* de extremosa lealdade o grito *Viva a Constituição,* que devia lançar por terra a Monarquia Portugueza, e adiantar o imperio das trevas, o imperio do Maçonismo, e agora he aleivosia he perjurio, he ser insurgente, e faccioso pegar em armas para defensa do throno, e para livrar nossos vindouros de serem todos huns infames adeptos da Pedreirada! Então os Coroneis erão huns homens dignos da immortalidade, huns heroes merecedores de estatuas, e padrões; e agora hum heroe, filho de outro heroe sim de outro heroe . . . que apezar de inveja foi hum Portuguez que verdadeiramente se distinguio na expulsão dos Francezes invazores de Portugal em 1809, sim de outro heroe que antes queria morrer, que adherir aos planos das Sociedados Maçonicas, sim de outro heroe, que estalou de pena quando soube que ElRei aprovára a Constituição; este heroe porque lhe fervem no peito os sentimentos de lealdade, que seu Grande Pai lhe infundira, e tanto lhe recommendára em seus ultimos momentos, este heroe porque deseja acudir a Fé quasi expirante, pois eu mesmo viajando na Provincia de Tras os montes ouvi,

e estremeci de ouvir as mais execrandas blasfemias na propria cadeira da verdade, porque deseja impedir que venhão os estrangeiros dar-nos lições de fidelidade aos nossos Reis, porque entoa os vivas ao Rei como era dantes (legitimo, e verdadeiro sentido da palavra absoluto) porque lastimado, e enfurecido de ver preza, e desterrada a Esposa de qum Rei, Filha Mãi, e Irmãa de outros Reis, trata de lhe espedaçar os ferros... he o faccioso e rebelde, e o infame Ex-Conde de Amarante!!!

CONCLUZÃO.

Ah! Perfidos, e traidores por certo os mais vis, e os mais ignorantes, que tendes enxovalhado a Historia das nações, infelices da vós se a palavra — Rei absoluto, que tanto vos incommoda e fere tivesse aquelle sentido, que vós quereis dar-lhe para semear-des astutamente a desconfiança entre El-Rei, e hum povo que o adora, e que a despeito de vossos estratagemas, e ardis, quer agora indemnizalo dessa especie de agonia, a que vós o tinheis reduzido... Se El-Rei fosse despotico, e uzasse daquelle estilo oriental com que o Despota de Bisancio manda vir dentro do saco fatal as cabeças dos que lhe tem desagradado, por certo que nenhum de vós, já existira. Não queiraes metter-lhe á cára o exercio de huma auctoridade que elles não deseja nem pertende uzar com vosco. Novos Catilinas já acabou o tempo dos insultos a El-Rei, á decencia, á virtude, e ao Christianismo; purificai ao menos, livrai da vossa hedionda presença o nosso territorio onde pezaes com tanto excesso que o povo todas as vezes que lhe he necessario encarar comvosco, e que repara no sangue frio que vós ainda quereis ostentar com sacrilego arremedo dos privilegios da innocencia, por certo que se vê nas circunstancias de fitar immediatamente as vistas em hum Deos, que manda amar os inimigos, e que tambem morreo por vós todos que de continuo o desconheceis e ultrajaes... He muito apurar o já can-

sado soffrimento de huma Nação generosa, que antes quisera sumir-se toda no fundo dos mares, por effeito de alguma dessas revoluções fisicas, que já tem feito desapparecer ilhas, e cidades populosas do que ser governada a sabor do Maçonismo... Ninguem vos pede contas desses thesouros que possuis, nem do escandaloso salario de 4800 rs. por dia em quanto cerceaveis todos os outros salarios fazendo consistir a urgencia das necessidades publicas em tirar aos outros o que era seu, para que vos embolsaseis sem a minima quebra o que nunca foi vosso ... Ide gozar o fruto de rebellião, e de atrocidade em paizes estranhos... pregai embora contra o Despotismo, que será o mesmo que pregar contra as abominações que ousada, e sysmaticamente haveis praticado. Ide ensinar os direitos do homem pelos vossos evangelistas Paine, e Rouseau, e Constant, e Pradt ás nações errantes, e selvagens, sob os auspicios de outras nações vossas antigas mestras, e protectoras. Subio de ponto a aversão nacional ás esquadrias ás trolhas, aos aventaes, as mitras, e bigodes posticos, e a toda essa perlenga maçcnica de que tanto se embairão os tolos, e os ambiciosos... respeitai a fraqueza humana, pois ainda que seja huma verdade incontestavel que apenas he licito ao christão refutar os vicios, sem perseguir, e doestar o criminoso, maximas estas que o Evangelho nos deo, e que só elle nos podia ensinar completamente, he todavia facillimo que se passe em taes assumptos das couzas ás pessoas, e que o vosso descaramento accenda a vingança publica... Nenhum interesse me resultará de que sejaes inquietados, e vos torneis o fito a que atire a vingança popular, mas terei o maior interesse, e toda a nação me acompanha nestes sentimentos, de que por estes seis mezes ao mais tardar não haja em Portugal nem fumos de Pedreirada, visto que assim o exige a felicidade, e a segurança de todos quantos amão deveras o throno, e a Fé. Vós mesmos levasteis as couzas á força de extorsões, de injustiças, e de todo o genero de violencias a hum extremo daquelles que nem admittem nem podem admittir meio termo...

Ou a Nação toda o que he impraticavel ha de expatriar-se para os Sertões da Africa deixando-vos este belissimo e fecundissimo territorio por Capital do Maçonismo ... ou vós todos sahireis de huma Patria, que não mereceis de huma Patria que vos engeita, e que vos reprova.. Agora he tempo de seguir o que mais vos importa, se vos demoraes, se quereis tomar a pelle de mansas ovelinhas, quando ha pouco ereis Lobos famintos, e devoradores, asseguro-vos em nome de todos os bons Portuguezes que talvez chorareis sem remedio, a vossa indiscrição, e a vossa temeridade...

P. S. O n.º 2.º da Tripa Virada que no meu conceito he obra prima de hum engenbo peculiar em taes assumptos, e que outro qualquer, de balde pertenderia imitar, já me annuncia, que dentro em poucos mezes teremos a certos respeitos cousa mui superior ao Hudibras...

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO.
Rua Formoza N.º 42.

Com licença da Commissão da Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N°. 2.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

SILVEIRA

Quiz a Providencia cuidadosa do bem, e felicidade dos seus queridos Portuguezes, suscitar hum heróe deste Apellido nas maiores tormentas, porque tem passado em nossos dias a Monarquia Portugueza. Foi o primeiro Conde de Amarante, quem destituido de cooperação estrangeira deteve, e repellio hum inimigo audaz, e victorioso, que a conseguir o passo livre pela ponte de Amarante, nos fizera hum damno irreparavel, ferindo nos em o proprio coração da opulencia nacional. He o segundo Conde de Amarante, que herdando de seu illustre, e saudoso Pai, não tanto os foros de huma antiga, e sempre esclarecida nobreza, como a lealdade ao Throno Portuguez de que elle fôra victima; quem ergue a primeira voz que se ouvio neste Reino contra os novos Francezes, tanto peores, que os do Exercito da Gironda, quanto forão mais hypocritas, refalsados, e até mais sedentos de ouro que os primeiros. Malogrou-se a-final a heroica resistencia do primeiro só por falta de braços, e não de valor, e mais por fatigados de huma peleja que durára trinta dias continuos, do

**

que por abatidos, e desanimados, não podérão obstar a que hum inimigo superior em forças se apoderasse por estratagema daquella mesma posição que á viva força não podéra conseguir. Tambem se malogrou a empreza do segundo Conde de Amarante, depois que os seus briosos, e esforçados guerreiros, se cançárão de matar, e de vencer, e malogrou-se porque os infames calculos sobre a primazia que havia de competir a *Silveira* no caso de se effeituar a projectada restituição do Throno ao seu antigo resplendor que fôra apagado no infausto dia 24 de Agosto de 1820, e talvez porque os juramentos sobre as nefandas aras do Maçonismo, pezavão mais na balança de certos .... Portuguezes, que sem o mais leve remorso, ajudarão hum punhado de facciosos na execravel ousadia de assumirem, e usurparem a authoridade suprema, e que tão despejadamente se mostrarão sacrilegos quebrantadores do primeiro juramento que havião prestado ao seu Rei, e á sua patria.

Cumpre todavia notarmos, que os serviços do segundo Conde de Amarante á sua e nossa patria, a sua e nossa Religião excedem muito os que fizéra o primeiro Conde; senão lancemos hum rapido volver de olhos sobre a longa cadêa de males a que viviamos sugeitos.

Que bens, que immensas venturas nos annunciou o doloso, e abominavel Manifesto da chamada Regencia do Porto, que se erigio em arbitra dos destinos do Reino, e suas conquistas? Se as promessas tiverão algum effeito, que o digão o Brazil desmembrado da Monarquia, e entregue á hedionda furia das guerras civis, que o digão os cofres públicos exauridos para sustentarem o luxo oriental de hum bando de harpias, que o diga o credito nacional perdido, que o diga o commercio estagnado, e a ponto de acabar inteiramente, que o diga o crescimento de divida pública subida ao maior auge pelos mesmos, que seguindo o rasto de seus preceptores os Revolucionarios Francezes, ostentavão o mais vivo empenho de restabelecerem o credito, e de remediarem quanto nelles fosse, os erros dessa administração do *Real*

Erario, que elles atropellando as Leis Divinas e humanas, taxarão de infiel e usurpadora, sem nunca terem dado provas de tão seria accusação? Que o digão as odiosas preferencias aos indignissimos afilhados, em que a licença dos costumes, e a entrada nas Lojas Maçonicas, fazia as vezes desse tantas vezes apregoado merecimento? Que o digão .... mas que tentava eu .... Nem correndo, nem voando eu poderia incluir no estreito ambito de menos de huma folha de papel, huma idéa tosca, e mui imperfeita das rapinas violencias e atrocidades, que desacreditarão as promessas do dia 24, e annullarão toda a força dos juramentos prestados a huma constituição, que a final se convertêra no interesse particular de cinco, ou seis individuos....... E que posso eu dizer agora dos muitos, e desapiedados golpes que acinte, e em virtude dos *aresticos Maçonicos* se descarregárão sobre a veneranda e antiga crença dos nossos Maiores? Quando esquecerá neste Reino o impulso dado por quantas artes se podião escogitar aos Catecismos já do Deista, ou Atheo Volney, já dos Pedreiros Livres, e ás innumeraveis proposições temerarias, e hereticas de que o proprio Diario do Governo era o impuro, mas sobre-maneira contagioso vehinculo?

E por este impio, e desmoralisado Governo, he que nos importava derramar o sangue, e dar a vida? E Portugal o Reino por extremo fiel aos seus Principes, o Reino Catholico, que regeitará sempre as lições empestadas dos Revolucionarios Francezes, havia de ficar mudo, insensivel de todo ao desabar das ruinas assim do Throno, como do Altar? Seria necessario que os Soberanos da Santa Alliança, nos viessem trazer com o ultimo desengano, a suspirada restituição do nosso legitimo Governo? Que vergonha seria esta para nós, e para todas as gerações futuras se nos acompanhasse mais esta nódoa, mais este argumento de se terem extinguido as heroicas virtudes dos nossos Maiores?

SILVEIRA HE QUEM RESGATA A NAÇAÕ PORTUGUEZA DE HUM OPPROBRIO, QUE SERIA DE TAMANHO VULTO COMO SE FOSSEMOS RISCADOS DA LISTA DAS NAÇÕES INDEPENDENTES.

Muito embora a negra, e atraiçoada inveja de mãos dadas com o sordido interesse, mola real dos perfidos Mações contribuisse muito para se desvanecerem as lisongeiras esperanças, que o afortunado exito da Batalha de 13 de Março, infundira nos bons Portuguezes...... Mais valia tentar huma obra de tão requintado merecimento, do que concluir outras das que mais avultão em a nossa Historia...... Não me aterrão, nem os latidos da satyra, nem os bramidos da inveja sopeada, e confnndida...... Roma não admirou menos Regulo escravo de que Scipião triunfante, e se aquelle heróe desligado dos ferros, como da sua palavra conseguisse voltar á *Cidade*, por certo que o seu triunfo excederia o dos Marios, e dos Mettellos, visto que os corações nesta parte governão mais que a authoridade pública...... He tão evidente ser o *General Silveira*, *o heróe Portuguez do seculo* 19, que se enfadarião os bons Portuguezes para os quaes sómente escrevo, se eu tratasse agora de amontoar provas do que se lê escrito nos semblantes de immensa população que se abala para dar vivas ao seu *Libertador*...... Limito-me por fim a huma simples advertencia aos nossos historiadores presentes e futuros, que depois de recensearem, e lastimarem o profundo letargo em que jaziamos devem concluir. Foi *Silveira* quem nos acordou, quem nos fez lembrar de que eramos Portuguezes. Se elle não fosse estariamos agora todos caracterizados, ou de Cobardes ou de Pedreiros.

OS TRANSMONTANOS.

Desde tempo immemorial que este nome passa em todo o Reinos, e Dominios Portuguezes, por synonimo de probo, honra-

do, e valoroso. = Seria infinito quem se propuzesse colligir as provas da justiça com que lhes são concedidos estes nobres, e gloriosos epithetos, ou se quer nomear os varões assignalados que sahirão da Provincia de Traz-os-Montes para encherem os lugares mais honorificos da Igreja, e do Estado.

No tocante aos exercicios da guerra, e ao valor e coragem, que ali se demandão, creio que ninguem apresentará maior copia de titulos autenticos para huma inquestionavel primazia, e se algum dos nossos Cotteraneos, ou por mal informado, ou por invejoso, me quizesse disputar o que ousadamente affirmo, bastaria lembrar-lhe os memoraveis campos da Godinha onde os Transmontanos Dragões de Chaves, quizerão antes ser cortados, e feitos em postas desde o Chefe até ao ultimo Soldado, que renderem-se ao inimigo, acção esta que os Escritores Portuguezes censurão, e taxão de indiscreta, mas que os Estrangeiros tem querido chamar, e revendicar para os seus concidadãos.

Quando este grande exemplo por ser unico deixasse de o abalar então lhe faria vêr em os nossos Historiadores, quando tratão da protentosa victoria de Montes Claros decisiva da sorte de Portugal, onde os Terços e Esquadrões Transmontanos fizerão a principal figura, mais outro irrefragavel monumento daquella bem fundada primazia: Estas (explica-se deste modo huma Relação Castelhana impressa em Lisboa, poucos dias depois daquella gloriosissima victoria) « Estas bravas gientes de Tras los Mon-
» tes parece que en todos lugares se reproduzian para ven-
» cer. »

Concedido porém que faltasse a nuvem de argumentos do valor Transmontano, que enche, e enobrece todas as paginas da nossa Historia, que he o que nós temos visto, e admirado, senão huma plenissima demonstração, do ingenito valor, que não cede ao que nesta parte, ou referem os Historiadores, ou cantão as antigas Musas?

Reparemos na Continencia desses animosos Soldados que não pôde ser mingoada, ou escurecida por huma serie de privações,

e de trabalhos, que por ventura custarião a propria vida a quem não fosse Transmontano.

Admiremos a invencivel firmeza com que depois de reprovada a sua causa pelos que se reputavão Deoses da terra, e depois de se verem abandonados de huma grande parte dos seus Chefes, (pois houve Regimento fiel ao grande *Silveira*, ou á causa da razão, e da justiça em que sómente dous Officiaes, quizerão participar dos trabalhos, que se antolhão sempre no caminho da honra, e da virtude!!) assim mesmo forão Catões preferindo os desastres que parecião amontoados sobre a boa causa, ás alliciações, recompensas, e vantagens de que se ataviava a má causa para os fascinar, e illudir.

Quem morre nas Thermopylas, ainda consegue mais frondosos Louros do que havião de ser os conseguidos nas planices de Mantinêa...... A retirada dos dez mil he o feito de armas por certo o mais brilhante, e signalado da Historia antiga, e que leva a palma aos triunfos do Granico, e de Arbelles...... E que he a penosa marcha dos Transmontanos ao travez da Hespanha sobre modo inquieta, e agitada senão huma viva imagem da famosa retirada dos dez mil? Que suave e gostosa he para mim, e para os bons Portuguezes, que só os máos pensarão de outro modo, a lembrança das alturas de Santa Barbara, e dos illustres Generaes, Vahia, Teixeira, e Corrêa de Moraes, inseparaveis da sorte, e destinos do novo Xenefonte!! A povoação da Trindade he outra Numancia e Sagunto...... As Mães, e as Espozas Transmontanas, são as heroinas de Lacedomonia, e tambem excitão os seus filhos, e os seus Espozos com o decantado *Aut cum hoc, aut in hoc*...... Ou morrer combatendo sob as ordens do Conde de Amarante, ou voltar com elle já vencedor, e triunfante...... Ah! Estas heroinas ainda fizerão mais, querendo expulsar de suas casas, os profugos que desertarão das bandeiras da honra, e da Fé!!!

Que mais falta para a gloria dos heróes Transmontanos, cujos nomes deverião abrir-se em laminar de ouro, como se decre-

tou relativamente aos heróes das Thermopylas? Que sejão remunerados...... e que nunca se chegue a dizer que o seu Rei, que a sua Patria, e que os seus Concidadãos lhe forão ingratos.

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO.
Rua Formoza N.° 42.

Com licença da Real Commissão da Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 3.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

A PRIMEIRA REVOLUCIONARIA.

QUEM será esta *primeira Revolucionaria* de que os Pedreiros Livres tanto se doem, queixão, e lastimão? Será por ventura o magestoso *prototypo* das Revoluções modernas, que em pontos de crueldade, de atrocidade, e de porfiada guerra ao Christianismo, sobresahe a todas quantas se fizerão nos tempos antigos, deixando muito áquem a do impostor Mafoma, pois este ao menos dava testemunho á unidade de Deos, reverenciava a pessoa de Jesus Christo, e os Revolucionarios Francezes solemnemente renunciárão ambas as cousas, proclamárão o Atheismo, e destruírão os altares, que a piedade de Clovis, de S. Luiz, e de outros Reis Christianissimos erigíra ao Deos Salvador dos homens? Não he a França que os nossos Regeneradores ousarião tachar desse odioso crime, pois desta arte se mostrarião infieis e desagradecidos a quem lhe deo o ser, e os ensinou a andar, e a fallar, ao que nunca poderião chegar sem auxilio estranho e poderoso. Será por ventura a digna herdeira das virtudes Gallo-Republicanas, que sustentada pelos seus enthusiasmados filhos Arguelles, Toreno, e outros do mesmo jaez, concedia plenos poderes á incredulidade para que hum livro recheado de blasfemias e de impiedades fosse em Cadix o primeiro en-

saio da liberdade de imprensa, do que altamente gemêrão os virtuosos Pastores da Igreja de Hespanha, que não se julgão adornados de mitra, e bago para desfrutarem socegadamente vinte, trinta, ou cincoenta mil pezos duros, nem recorrem ao vão subterfugio de que *não se faria nada*, *que os tempos não dão lugar*, que he necessario ter prudencia!

Ainda não he esta a primeira Revolucionaria; que se tomarmos a palavra em sentido Christão, mal póde quadrar á Mãe dos Revolucionarios Portuguezes, e que sem o farol, ou tição acceso da Constituição Hespanhola, como faltos de experiencia naufragarião ao terceiro dia de viagem! Se os Pilotos Castelhanos outr'ora nos affoutárão para commettermos a abordagem na Ilha da Madeira, a pezar do constante negrume, que procedido das exhalações da terra, chegou a causar tão grande terror, que os mareantes lhe chamárão *Boca do Inferno*, tambem no infausto anno de 1820 á força de nos metterem animo e esperanças, por certo que nos abrírão a propria *Boca do Inferno*, a qual se dilatou neste quasi triennio de abominações e maldades para engolir toda a nação Portugueza!!!

Quaes forão nesta ultima revolução (prouvéra a Deos que os fosse!) os caracteres mais honrosos para esta Monarquia, mais capazes de hombrearem com os seus melhores tempos, e mais assinalados do cunho da protecção Divina! Forão quatro, distribuidos chronologicamente, a saber: o Eminentissimo Cardeal Patriarca, o Excellentissimo General Conde de Amarante, a Mui Alta e Poderosa Rainha a Senhora D. Carlota Joaquina, e o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel. Tres são exceptuados pelo sexo de lhes competir a gloriosa denominação — A primeira Revolucionaria, que a ser tomada em rigor só poderia accommodar-se á Excelsa, Magnanima e Heroica Princeza, que huma vez inteirada e firmemente persuadida de que a Constituição Portugueza fôra traçada debaixo das mesmissimas tenções dos Revolucionarios Francezes e Castelhanos, renuio corajosamente subscrever á intentada ruina do Throno, e do Altar; e com effeito ainda no caso de prescindirmos inteiramente de que a Constituição fosse ou não fosse opposta ao Evangelho, he necessario tocar o ultimo extremo ou da impudencia, ou da maldade, para exigir de huma Pessoa Real que sanccione o fantastico dogma da Soberania do Povo..

Não ficava pois desairoso a Sua Magestade Fidelissima a Senhora D. Carlota Joaquina o titulo de *Primeira Revolucionaria*; mas por felicidade nossa (que certamente nos devemos gloriar de que a Providencia nos depara-se huma Heroina para ser até em firmeza e valor nossa Augusta Soberana) he Sua Magestade a primeira que gostosamente cederá toda a honra a quem ella pertence, e que tendo sido constantemente no seu desterro a mais empenhada em collocar todas as suas esperanças na Senhora da Conceição da Rocha, não deixará nunca de ser a primeira que santificando huma palavra de que os Mações fazem hum abuso tão sacrilego, decifre o enigma, e o explique no verdadeiro sentido.

A *Primeira Revolucionaria*, na frase dos Pedreiros Livres, he a *Senhora da Conceição da Rocha*. Que glorioso não he para os fieis Portuguezes, que os mais encarniçados inimigos do culto e adoração da Mãi de Deos involuntariamente se bandeem comnosco para admittirem, e reconhecerem a causa principal dos bens, que inopinadamente gozámos, e que nunca esperámos gozar tão cedo! Que novo testemunho da verdade, com que a Santa Igreja reconhece na Mãi de Deos o alto poderio não só de *esmagar a cabeça da Serpente*, mas de lançar por terra e anniquilar toda a sorte de heresias que ha perto de vinte seculos a perseguem, e combatem! Se os Apologistas do Christianismo desde os Minucios, Athenegoras, e Tertulianos até aos Huecios, Valsechis, e Bergieres se comprazem de forçar os proprios authores, ou Pagãos ou Judeos, como por exemplo os Tacitos, os Plinios, os Suetonios, e os Josefos, para que advoguem a nossa causa... por certo que ninguem me estranheará de que eu exulte, de que eu triumfe em sociedade de todos os Portuguezes merecedores deste nome ao ver que os Pedreiros Livres, quando se trata de examinarmos a verdadeira causa dos successos estupendos e assombrosos, que tão rapidamente forão vistos seguirem-se huns aos outros no brevissimo espaço de oito dias, contados de 26 de Maio até 4 de Junho, não podendo resistir á evidencia, confirmão quanto nelles he, ainda que de maneira injuriosa para a Mãi de Deos, que esta *Senhora* foi quem tomou a seu cargo fazer parar a antiga crença, que todos os dias motejada e insultada começava de fugir para onde tivesse outro respeito, e

melhor tratamento, e repor na cabeça do Mui Alto e Poderoso Rei o Senhor D. João VI a coroa que os facciosos lhe tinhão arrancado, e já esmigalhado para repartirem entre si os pedaços mais tentadores da sua cobiça....

He tanta a affluencia de imagens risonhas e consoladoras, que para evitar ao menos em parte a confusão e desordem que naturalmente procedem de hum gosto desmedido, tratarei de reduzir o maior dos beneficios, que a Padroeira destes Reinos tem concedido aos Portuguezes, ou antes o milagre dos milagres, a tres pontos de vista.

Apparição.

E houve no Clero Portuguez quem ousasse apparecer em campo e brandir a espada, a fim de cortar o que lhe pareceo supersticioso culto da Rainha das Virgens, do Refugio dos Peccadores, e da Consoladora dos Afflictos! Houve quem pertendesse roubar ás nossas desgraças este asylo, onde se desafogava o mais justo sentimento pelos continuos golpes dados na Propriedade, no Throno, e na Divina Religião de nossos pais! Houve quem pertendesse fazer seccar os rios de lagrimas que inundárão a gruta de Carnaxide, e que não menos caudaes e perennes se mudárão para o vasto pavimento da antiga Cathedral de Lisboa... Houve... sim, para haver tudo o que he máo na época sinalada por essa alluvião de males, por esse diluvio peior que o dos tempos de Noé, de que a melhor *Arca da Atliança* nos livrou, e que a melhor *Estrella do Mar* soube reduzir a hum estado de perfeita bonança e serenidade. Diremos que o successo da Apparição, longe de ser maravilhoso, foi mero acaso! Acaso, e nenhuma razão he tudo o mesmo. Nada se faz sem razão aos olhos do bom Filosofo. Nada se faz sem influxo ou permissivo ou decretorio da Providencia aos olhos do Christão. Todas as circumstancias que mais desafião o escarneo, a mofa, e até os insultos de huma estragada critica, são os proprios que afiançāo de hum modo incontrastavel a existencia do prodigio.

Huns rapazes que forcejão por apanhar hum coelho, que se met'êra pela cavidade de hum rochedo; esta cavidade que se desentulha, conforme o intento principal dos trabalhos de 28 de Maio; huma pequenissima Imagem que ap-

parece!!! tudo isto he simples, e provoca o riso dos Filosofos; porém o Christão nesta mesma apparente baixeza decifra os caminhos seguidos da Providencia em tudo que he grande, que he admiravel aos nossos olhos. Nada mais simples que sahir de sua casa huma pobre mulher em companhia de seu marido para darem o seu nome em a cabeça do districto, na conformidade de ordens superiores; nada mais simples que chegar-lhe então a hora do seu *parto*, e que faltando-lhe melhor abrigo dê á luz o seu Unigenito em hum curral, sem ter mais que humas palhinhas em que possa deitar o filho recem-nascido!! Nada mais simples, torno a dizer; porém que grandes mysterios se encobrem debaixo desta simplicidade!! Outro tanto, guardada sempre a devida proporção, convem affirmar do presente successo, que tão forte impulso deo á Fé, e á entranhavel devoção dos Portuguezes para com a sua antiga Padroeira.

Se admittirmos hum plano seguido de ficções, e imposturas de que os *rapazes* fossem authores, concebemos hum prodigio de maldade que a todos os respeitos se faz incrivel, para nos livrarmos de hum prodigio de clemencia que a todos os respeitos se mette pelos olhos, como procedido da Mãi de Graça e Mãi de Misericordia. Se admittirmos suggestão ou conselho de pessoa estranha que os dirigisse, como não trataria esta pessoa de excogitar a apparição de outra Imagem de maior vulto, e de mais preciosa materia? Como se lisonjeou de que hum *bocadinho de barro* sería mais poderoso que a pedra despedida do alto da montanha; que se esta pulverizou estatuas de enorme grandeza, aquelle supplantou e derribou milhares de Nabucos? Ponhamos de parte as objecções da impiedade. Quanto se disser ou excogitar contra o authentico e solemnissimo prodigio da Apparição da Imagem de N. S. da Rocha, se desvanecerá como fumo diante dos successos immediatos, e da copia innumeravel de milagres por ventura não menos conspicuos e estrondosos do que esses, que Nosso Senhor Jesus Christo fazia pelo meio das ruas, e á face de milhares de testetemunhas. Entremos pois na

Adoração continua.

Quando ao voltar do meu desterro entrei na Basilica de

Santa Maria Maior, fiquei absorto, e plenamente convencido de que os habitantes das provincias do Reino, que ainda não virão este milagre continuo e permanente, mal poderão fazer huma idéa remota dos que se tem presenciado sob as abobedas daquelle sumptuoso templo... Leião embora tudo que os Authores não menos piedosos que illustrados tem escrito sobre a materia, e apenas conseguirão ter huns longes do que alcança a vista em qualquer hora do dia em que se visite a Senhora da Conceição da Rocha...

As grossas columnas do Santuario vestidas desde a base até aos capiteis de milhares de testemunhos de protecção da Senhora, por certo ajudão o espirito maravilhado de tanta devoção e piedade em hum seculo de frieza, e da mais pasmosa indifferença... Os riquissimos ornatos da Imagem, e do Altar em que se expoz á veneração do publico... A prata, o ouro, e as pedras preciosas resplandecendo nas visinhanças do Altar, onde se adora huma pequenissima Imagem... Ah! tudo isto he sinal de que a adoração tem sido continua; porém não he tudo, não he o que mais assombra... Ao ver o ardentissimo empenho com que o povo acode a enxames para imprimir doces osculos na sua generosa bemfeitora... ao ver as enternecidas lagrimas que correm a fio de muitos semblantes, pois julgo ser impraticavel que a propria indifferença chegue a ter mão nellas... ao ouvir os bem compassados e harmoniosos canticos, que apenas cessão os dos Levitas consagrados ao serviço daquella antiquissima Igreja, começão de retumbar naquellas abobedas quasi sem interrupção, parecendo converter-se em ferro ou bronze a propria debilidade do sexo que a Santa Igreja qualificou de mais incendido na devoção... eis-aqui huma nova affluencia de prodigios, que deixando a minha alma suspensa e como interdicta, apenas me derão lugar para que eu fizesse duas reflexões, que me dispensárão de outras muitas que o assumpto exigia.. Que mais poderia fazer a devoção e piedade dos fieis no instante em que a Imagem Sacratissima foi depositada no seu Altar, sim no seu Altar, que já o era ha mais de seiscentos annos, sim no seu Altar, onde a grandeza e corpulencia da Imagem antiga deve causar as mais fortes impressões que avivem na memoria o beneficio de que Portugal foi sempre Catholico, e sem quebra o tem sido desde muito antes da fundação da Monarquia? Que

mais se lhe fizera para a honrar e exaltar se hoje fosse o dia da Apparição! Tudo isto faz sobre maneira crivel ou antes certissima a influencia do seu

Anniversario.

Chegamos a outra maravilha que nos deixa muito bem explicados os motivos da Apparição, que he o remate das antecedentes, e nos he como hum segurissimo penhor de que principiando a Senhora da Conceição da Rocha o assinalado beneficio da nossa verdadeira Restauração quando menos lho mereciamos, tambem o saberá levar ao fim, se lhe mostrarmos o devido reconhecimento. *Ahi vem o Exercito, que nos ha de livrar*, foi o grito dos verdadeiros Portuguezes, apenas souberão do acontecimento de 31 de Maio de 1822. Nenhuma apparencia de desgraças, nenhum desmancho do que parecia mais conducente para a nossa liberdade, nem a retirada do Conde de Amarante para o interior da Hespanha, nem a forçosa demora do exercito ás ordens do Duque de Angouleme, nem a espada do crime e de irreligião, já nua... já ferindo mortalmente os asylos da beneficencia e da virtude, já fazendo sahir dos seus antigos domicilios o cenobita enfermo, e o octagenario de envolta com as Imagens dos Santos e com os proprios Tabernaculos do Senhor.. já arrancando os penitentes e virtuosos filhos de S. Bruno ás suas pacificas, e silenciosas moradas... já... erguida ao alto para descarregar outros golpes ainda mais tyrannos, que por certo custarião lagrimas de sangue á piedade christã... nada em fim quebrou os animos fortalecidos com a esperança no auxilio de Nossa Senhora da Conceição da Rocha! » Não importa (assim o dizião as pessoas mais ignorantes e » mais rudes). não importa que o Silveira se retire, e que os » Francezes não dêm mostras de nos acudir. Esperemos o » Anniversario da Senhora da Rocha, e veremos o que vai.

Chegou em fim o suspirado Anniversario, e que bens, e felicidades nos chegárão com elle!! Referillas por miudo he impossivel. Querer persuadir aos Fieis que já não devem ter o minimo receio de publicarem a bôca, e de ensinarem a seus filhos que a Senhora da Rocha appareceo em 31 de Maio de 1822 para nos libertar em 31 Maio de 1823, sería fazer-lhes a mais pezada injuria. Contento-me pois de requerer ao

menos da parte da razão a certos criticos mui alheios de recorrerem a explicação mais facil de successos de tal ordem, e de tal importancia, que deitem os seus olhos ao dia 4 de Junho, e que se admirem de que em lugares distantissimos huns dos outros, sem combinação, que era impossivel a todos os respeitos lavrasse á mesma hora o mesmo fogo nos corações Portuguezes, fazendo sahir delles as mais vivas e energicas demonstrações de lealdade.... e se elles ainda se abalançarem ao extremo de quererem explicar esta pasmosa uniformidade de successos pelo *simples acaso*, terão conseguido as duas qualificações de impios, e dementes....

(Artigo de Fr. Fortunato de S. Boaventura, Monge de Alcobaça, em acção de graças a Nossa Senhora da Conceição da Rocha, que o livrou de huma aturada perseguição dos liberaes, que no espaço de hum anno contado de 3 de Junho de 1822 a 3 de Junho de 1823, lhe fizerão padecer dois desterros, de que brevemente se publicará hum Relatorio para desengano dos saudossos da Justiça Constitucional.)

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.º 4.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

Morra a Constituição.
Morra a Constituição.
Morra a Constituição.

Eis o grito unanime que retumbou desde a embocadura do Minho até ao Cabo de S. Vicente, e que nos assegura de ser este o voto nacional, porque foi espontaneo, assim como erão forçados pelas baionetas os que forão dados á Constituição defunta.

Houve Portuguezes honrados, e he necessario que o confessemos, os quaes de boa fé, e seduzidos de promessas lisonjeiras acreditárão que era chegado o feliz momento de nos emparelharmos com as nações mais cultas e mais opulentas do universo, e de se taparem de subito as feridas que nos abríra a sempre lastimada ausencia de ElRei, a qual nos chegára á mais deploravel orfandade. Perdoemos embora a estes a sua illusão momentanea, porém neguemos-lhes afoutamente que ao menos o senso commum os dirigisse no alto conceito que formárão de tal empreza.

Pois homens que dizião a quem os queria ouvir, que ninguem podia ser bom Constitucional sem ter sido hum

bom Jacobino, serião os idoneos para manterem no Throno a Casa de Bragança!

Pois homens que exercião, durante as suas Magistraturas, a infame commissão de recrutar gente para o Maçonismo, e que jurárão odio eterno a quem renuia seguillos, e approvar-lhe as medidas revolucionarias, he que poderião ter a gloria de purificarem a nossa Santa Religião das superstições que no seu conceito a desfeavão!! Pois homens que desde o seu primeiro congresso revolucionario (*) se mostrárão sobranceiros á crença do vulgo, que ficava desairosa à homens grandes, os quaes apenas se contentão de admittir a existencia de Deos, em quanto não refinão em sua dementada embriaguez a ponto de se arvorarem em atheos positivos . . . estes homens he que havião de conservar neste Reino as luzes do Evangelho!!

Pois homens que sem ceremonia apeavão do Throno ao seu legitimo Rei, chamando Cortes não pela fórma antiga, (que a ser praticada por elles nem por isso deixaria de ter impresso o ferrete da nullidade). . . mas a sabor da facção, precedendo insinuações, e até listas impressas dos candidatos... pois homens que legislavão a seu bel prazer, quebrantavão, e derogavão todas as Leis quando lhes convinha para os seus execrandos fins, poderião ser por ventura huns excellentes Legisladores!

Não consta que os Solons, que os Lycurgos, que os Numas, que os Confucios, e outros Legisladores antigos fossem huns solemnes mentecaptos ou huns descarados *bregeiros*. Se em tempos modernos vimos prosperar huma empreza revolucionaria, que a principio se julgou insubsistente, e falhar outra, que parecia engolir o mundo, e pedir meças em duração á propria eternidade, he porque na primeira entrárão homens probos, e desinteressados, que cessando o peri-

---

(*) Podia apontar a cidade e o lugar delle, onde forão celebrados os primeiros conventiculos de Lucifer com os anjos rebeldes; mas fique para outra vez, quando á mosquetaria, com que me vou entretendo, succederem as peças de grosso calibre.

go, e a tormenta, folgavão de passar aos outros o leme dos negocios, e pelo contrario pozerão-se á frente da segunda os Mirabeaus torpissimos adulteros já condemnados á forca, e façanhosos inimigos de toda a moral... e os Briennes adeptos do Filosofismo que os empregava para a destruição do Clero, e da Igreja.... Quem necessita de se reformar primeiro a si, falhará cedo ou tarde na empreza de reformar os outros; e á luz deste principio vulgarissimo custa-me perdoar aos que não tiverão logo como certa a ruina do trono, e da Igreja neste Reino, apenas vírão em scena personagens conhecidas ou pelo seu *desabuso*, ou pela sua perversidade, e que, para terem os requisitos essenciaes a hum *homem grande* nestes ultimos tempos, não faltava á maior parte delles a conspicua e distincta honra *de terem dado que fazer ao Tribunal do Santo Officio.*

Bem apoucado de entendimento, e de idéas sou eu, que *ando ás escuras nesta vida*, e *que sempre fui inimigo da Luz*; e tanto que me zunio aos ouvidos o tal grito de *Viva a Constituição*, e li os nomes das figuras theatraes, a quem o maior engenho Portuguez dos nossos dias mui judiciosamente caracterizou de *Palhaços*, disse logo para os meus botões — *Latet anguis*. Isto leva agoa no bico!... Ora pois deixemos em paz todos esses desacautelados vivas, e passemos a examinar se este grito *Morra a Constituição* he estupido, ou fautor do despotismo. Quem menos quer e mais aborrece o despotismo he o povo miudo, que se lava em agoa de rosas, e se regala de obedecer a hum Soberano que exalta o merecimento, deprime, e castiga os crimes, exercitando a maior das virtudes politicas, isto he, a Justiça. He pois manifesto, que se a palavra Constituição azéda o commum dos Portuguezes, e até dos mesmos que não são povo, e faz tão máo estomago, que não cabendo lá dentro represada a furia e sanha geral contra esse mimo dos infernos, se exhala e desafoga em clamores de *Morra a Constituição*, alguma cousa hade haver que excite o desagrado publico; nem os attentos observadores do caminho, que ordinariamente seguem as paixões humanas, terão por indigno de suas altissimas comprehensões que eu deite huma vista imparcial a este successo, a fim de se lhe penetrarem quanto seja possivel as suas verdadeiras causas.

Morra a Constituição.
Morra a Constituição.
Morra a Constituição.

He o grito universal, torno a dizer, e importa muito reflectirmos hum pouco sobre estes continuados, e fervorosos *Morra*, *Morra*, *Morra*... Ha certos nomes de zanga, a que não sómente os individuos, e corporações, mas até as Provincias e Reinos concebem tal odio, que não os podem ouvir sem grande abalo, principalmente se elles derão como o sinal das perturbações, e calamidades publicas.

Nos crimes de Lesa Magestade Real (que nacional he hum sonho, huma entidade Platonica) levão cresta os mesmos appellidos, não lhes valendo o serem innocentes, e muitas vezes illustrados pelos avoengos do Reo.. os pobres nomes carecem de toda a malicia; ligando-se porém a certos crimes, embebem toda a sua perversidade, e por effeito natural da associação das idéas, ouvir este, ou aquelle nome faz vir á lembrança como de tropel huma serie de abominações já como identificadas com elles...

Acha-se nestas durissimas, porém inevitaveis circumstancias o nome Constituição; e não ha remedio senão fazer-me povo, ou seu advogado, que tenho nisto muita honra, qual he a de ser encarecido em sentimentos de lealdade ao Throno, e de estremecer até de huma simples viração, e do bulir de huma folha, quando os leigos sem missão nem authoridade se pòem a decidir em materias ecclesiasticas, e os *Sacerdotes á Paviense* julgão tocar-lhes por direito huma jurisdicção sem termo, e sem limites sobre a Igreja Lusitana. Afouto-me pois a sustentar que o nome he digno de eterna proscripção, tal qual a merecem os crimes de que elle em certa maneira se fez cumplice. Não consta que a ausencia deste *nome encantador* impedisse o bom successo das grandes, e levantadas emprezas, que nós commettêmos nessas afortunadas éras, que apezar dos esforços dos Publicistas Economistas, Liberaes, e de toda a quadrilha, nunca mais voltárão para este Reino... Astrolabio, agulha de marear, Leis Affonsinhas, Leis Manoelinas, etc. etc. crescêrão, e sobejárão para que fossemos grandes em tudo, ora levando o terror das nossas

armas até ao coração da Asia e da Africa, ora exercitando sobre os mares aquelle poderio que hoje tem a Inglaterra, ora sobresahindo nas Letras e nas Sciencias, quando outras nações, que hoje nos tratão de menor, existião ainda a muitos respeitos na infancia da sociedade. Não tinhamos nesses tão brilhantes como saudosos dias nem Mablys, nem Filangieris, nem Puynes, nem Rousseaus, mas praticavão-se melhor do que hoje os direitos do homem. Nem sonhavamos nesse tempo a decantada soberania do povo, e nunca o povo foi nem mais feliz nem menos escravo. Não tinhamos os principios de tolerancia que são hoje os da moda; tinhamos porém outra piedade, outro fervor nas cousas de Deos, que nos deveria confundir, para que nos esmerassemos a fim de chegarmos a ser pelo menos outro tanto, quando não fosse mais.

Não tinhamos a nuvem de Prégadores da livre communicação dos pensamentos do homem, viviamos no maior rigor das indagações e das penas infligidas pelo Santo Officio, e assim mesmo contavamos grande numero de Varões egregios nas sciencias e letras humanas, que mal poderão ser excedidos em hum seculo de theorias, abundante em todo o genero de ladroeira, e até em homens vestidos da sciencia alheia, e que por huma especie de mania se tem na maior conta imaginavel, quando he tão facil mostrar-lhe que he o mais ignorante, anuveado, e tenebroso de quantos lhe precedêrão.

Logo que vem trazer-nos esta furia constitucional, que vomitada das Lojas Pedreiraes he mais hum ramo da pestilente arvore da incredulidade que os Inglezes plantárão, e os Francezes tratárão, ainda que inutilmente, de fazerem tão subida e tão copada, que assombrasse todo o mundo? A que fim se convocárão os ultimos Estados Geraes de França? Para minarem o Throno, e confundirem as suas ruinas com as da Igreja Gallicana. Qual foi o espirito das varias, e variadas Constituições, que sahírão das forjas Jacobino-Republicanas? Que foi a Constituição civil do Clero Francez senão a mescla do Jansenismo com a impiedade, cujo nexo mostrarei algum dia com a maior evidencia? Ao nome Constituição demolírão-se os Altares, quebrárão-se as Imagens dos Santos, esmigalhárão-se os Tabernaculos do Deos vivo..

e os calices, patenas, resplendores, e cruzes pendêrão dos estribos do jumento em que hia montada a furia da incredulidade, vestida de habitos pontificaes, e ornada a frente de mitra Episcopal em affronta, e menoscabo de alta dignidade.

Ora da Constituição Franceza de 1791 nasceo a Constituição Hespanhola, que já destruio os Mosteiros, fez sahir ou expulsou debaixo de fantasticas promessas os seus desgraçados habitantes, privou o Clero de huma subsistencia indispensavel, reduzio os Parocos a desertarem das suas freguezias, e as tristes ovelhas a carecerem de Altar, de Sacerdotes e de Sacrificio, e a morrerem desamparadas sem o conforto das esperanças e consolações, que o proprio Filho de Deos vem trazer aos seus filhos moribundos....

Nem hum cento de linguas, ou huma voz de ferro poderia recensear o sem conto de males que tem produzido esse monstro da Constituição Hespanhola; e dahi vem que os Francezes são recebidos por toda a parte daquelle infelicissimo Reino como libertadores, entre milhares de acclamações Viva Christo, Viva o Rei absoluto, Viva a Santa Inquisição.

O povo nessa parte he mais illustrado que os *Sabichões.* Teme a propria sombra dos novos reformadores. Quer tudo pela antiga, pois os seus maiores forão ditosos e bons Christãos. Nada mais lhe importa que seguillos, e imitallos. Não atura que se lhe torne a fallar em Constituição, e ainda que esta lhe baixasse do Ceo, trazendo este nome pareceria a muitos cousa suspeita.....

Ora que tal seria a Filha — isto he, a Constituição Portugueza, de abominavel memoria, que prometteo ser em tudo mais petulante, mais desavergonhada, e mais infame isto he, mais liberal que sua Mãi? E que por nossos peccados não desmentio nem hum apice de tão escandalosas promessas?

Que dizeis a isto, meus Pedreiros da minha alma? já passou, e creio que passou para nunca mais voltar, o vosso seculo dourado, em que os tremendos gritos de Fora Corcunda erão o zenith da vossa sabença, e como decretos de proscrição, e de morte. Ainda não sahio o melhor e o mais fino.. Por hora são faiscas e pequenas lavaredas... não tardão as grandes massas de penedia, que vos hão de esborrachar,

e sepultar cem braças abaixo do chão... Antes morte que Constituição traçada por Vigilantes e Veneraveis. Temos boas leis; executem-se, e he quanto basta para sermos felices... Seja mais feliz quem quizer, pois nós viveremos contentes no meio da pobreza que fez ricos, ao menos de fama e de gloria nas armas, os Gamas, os Castros, e os Albuquerques, e nas letras os Camões, os Ferreiras, os Bernardes, os Foreiros, e os Paivas.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 5.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

Mais Liberal que a Hespanhola.

OH se havia de ser, quando tal edificio corria por conta de tão insignes Pedreiros, que nem o Mestre que dirigio a obra da Batalha sería capaz de deitar agua ás mãos a qualquer dos rapazinhos serventes desta maravilhosa fabrica!

Mais Liberal que a Hespanhola. Absorto na consideração deste *mais liberal*, termo exotico e peregrino, que já tem feito dar com os narizes no chão a grandes homens, entrei a scismar, querendo saber a legitima significação do termo *Liberal*; e neste comenos occorreo-me, e bem a proposito, huma historieta do bom tempo dos *Crystaes da alma*, e da *Fenix renascida.* Andou pelas grades das Freiras,

então Licêos de toda a sapiencia e litteratura, e exercitou os melhores engenhos daquella idade o mote

A mais formosa que Deos,

que fez dar mil voltas ao miolo, roer e gastar unhas sem conto, até que appareceo, *feliz do genero humano!* quem resolvesse o enigma, e desatasse o nó gordio, fazendo entrar o diabo na dança. Induzio ou metteo na scena hum terceiro, que pergunta a duas Damas, huma dellas formosa como hum anjo, e a outra feia como hum demonio, quem as fizera assim? Responde a ultima (caso estupendo, que bem custará a apparecer outro, de mulher que confesse de plano que he feia!) responde singelamente que o demonio a fizera assim... e a mais formosa, que Deos...

Mais Liberal que a Hespanhola quer dizer, mais bella que a propria belleza; assim como já houve neste Reino cousa *mais feia que a propria fealdade.*

Vejamos agora se os bons intentos do Mestre da obra forão secundados, ou apoiados pelos seus ajudantes...

Logo nos alicerces ou *Bases* se conheceo que era obra de pouca duração, que não era vivenda em que mora-se *gente christã*, e que bem cedo teria que dar com a ossada ou pedraria no chão...

Ah! Nunca as mãos doão ao impavido Cardeal Patriarca de Lisboa D. Carlos da Cunha, que no meio do pavoroso silencio da Igreja Lusitana, que já tem erguido a vez em lances de menos apuro, e de menos consequencia, levantou a sua com toda a energia de hum Pastor zeloso, amaldiçoou a fabrica, antes quiz degredo e exterminio, antes quizera a morte do que desvairar de seus apostolicos sentimentos, ou desmentir huma firmeza digna dos Athanasios, e dos Chrysostomos.

Nero e Caligula, se tratassem de fazer huma Constituição civil, que assustasse os verdadeiros fieis, não chegarião a fazer huma que fosse tão liberal, ou tão endiabrada . .

Pois a extrema facilidade com que se deo hum juramen-

to de causa futura, e quando nem cão nem gato deixava de saber que o tal futuro andava por mãos pessimas, infieis e apostadas a saquearem os Mosteiros, a pôrem o alto Clero a pão e laranja, e a seduzirem os Curas de aldêa com a penção do thesouro nacional, que devia ser paga e satisfeita em dia de S. Nunca a tarde!!!

Pois os solemnes canticos do *Te Deum Laudamus*, exigidos pela mais nefanda hypocrisia!!

Pois o enxame de *Pregadores Constitucionaes* a quem ouvi do pulpito, *que a Liberdade era o bem supremo do homem; que Nero foi hum anjo em comparação das sevicias do Tribunal do Santo Officio*, e pregava esta boa doutrina em huma villa da Provincia da Beira, e não longe da cidade de Coimbra onde existia o horrendo (1) (para mim nunca o foi) Tribunal do Santo Officio, e ao mesmo tempo que se patenteavão os carceres, sem que lá houvesse hum unico prezo, e sem que viesse a lume sequer huma só testemunha que apoiasse a existencia de taes sevicias!! Pois hum insigne e decantado Orador Evangelico — Liberal, que em sexta feira santa começou assim = *Morreo o Constitucional por essencia, e o Liberal por natureza*!!!! blasfemia esta, que ainda hoje me faz arripiar as carnes, e apertar o coração!!

Pois a santa, queirão ou não queirão os Pedreiros, e irrevogavel doutrina do Celibato dos Clerigos, accommettida, e enxovalhada nos impressos liberaes, tendo já hum esto lantinho a fiducia de querer cavalgar a Tradição, e os Concilios!!!

Pois hum *retratista de Venus*, mettendo á cara *como virtude, que a natura ensina*, o que a nossa Religião severamente

---

(1) Assim vem designado o Tribunal do Santo Officio no Compendio, por que os estudantes das faculdades de Theologia e Canones aprendem, ha bons quinze annos, a Historia da Igreja!!! Porém não he cousa de perigo, antes mui christã, depois que hum atiladissimo Professor o explicou desta maneira: — Chama-se horrendo pelo medo que causa aos prezos e aos delinquentes!!! O mal vem de longe, e se lhe não acudirem a tempo, verão ainda o que vai!!

condemna, e mettendo a bulha a inspiração divina de hum livro canonico, e assim mesmo declarado innocente pela recta e escrupulosa consciencia dos meritissimos Jurados de Lisboa!!!

Pois hum insecto desconhecido na Republica das Letras, imprimindo com licença da Meza da Censura em 1821, e na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo „ que nunca mais „ se torne a recorrer á Corte de Roma para se obterem as „ Bullas para a sagração dos Arcebispos, Bispos, Parocos „ etc..... salvo se de lá as quizerem mandar sem dinheiro. „ *Os Bispos todos recebêrão a authoridade do Supremo Le-* „ *gislador, e não consta que elle desse mais ao de Roma que* „ *aos outros; por tanto o que póde fazer hum, podem fazer* „ *os outros.* „ Que mais dizem os Protestantes, e outros accirrados inimigos do Primado de S. Pedro, e de seus successores??

Pois illustres Deputados, rejeitando com obstinação a palavra *unica*, que exprime huma das notas essenciaes da verdadeira Igreja de J. Christo!!

Pois outros ainda mais illustres Deputados feitos Gazeteiros, e Trombetas da Liberdade dos Cultos, e almejando por verem na Capital do Reino hum Templo Maçonico dedicado ao *Sublime Adonirão*, que teria na fachada o emblema de *Acacia* entertecido de esquadrias e trolhas!!

Pois o jejum da Quaresma vilipendiado, tido em pouca monta! e os fieis em suspensão, incerteza, e horror de verem a longa enfiada de mentiras, que se apresentou ao Vigario de J. Christo para se lhe extorquir huma fantastica dispensa!

Pois a temeridade continua com que esse rancho de pedantes, que erão tão audazes, como falladores, mettia a sua colherada em tudo que era sagrado, e que elles não entendião nem respeitavão, a ponto de que hum Deputado Christão me disse que temia sempre de que escorregasse pela boca fóra a algum dos seus Collegas a blasfemia = *Não ha Deos*....

Pois os Ministros de Estado a derogarem pontos de Disciplina Ecclesiastica, a instituirem outros de novo, a desligarem os Frades do que elles tinhão promettido á face dos Altares, e a exercerem hum primado similhante ao de Henrique 8.º sobre a Igreja Anglicana!!

Pois o Sacrilego inventario não só das alfaias dos Mosteiros, o que lhes era vedado por todas as Leis Canonicas aceeitas e observadas neste Reino, mas o que era muito peior, e tantas lagrimas custou á piedade christaã assombrada, e espavorida de tamanhos, e tão desusados horrores, mas tambem das Santas Imagens, dos Calices, das Patenas, das Custodias, nas quaes se attendia sómente á preciosidade da materia, sem alguns visos de respeito á sagrada, e tremenda applicação que os deve tornar invulneraveis a toda a rapina!!!

Pois a dura necessidade, unico principio que os moveo a desistirem do projectado leilão das Imagens, a que a rusticidade, e simplicidade dos Fieis, poz huma barreira que a timida sabedoria estremeceo de levantar, quando lhe era mais propria, e até de huma rigorosa obrigação!!

Pois o malevolo, e endiabrado plano de obstar a que os Frades tomassem para si nem sequer hum amicto, hum sanguinho, como se elles não fossem verdadeiros senhores do que ou a beneficencia lhes deo, ou elles ganhárão pelo suor de seus rostos!!

Por bem pouco as alfaias, e ornatos da Igreja que tiverão a fortuna de escapar á voracidade Franceza, menos avida, e faminta, e mais facil de compor que a voracidade constitucional, não ficárão sumidas neste poço sem fundo, para manterem alguns dias a torpeza, e sensualidade desses profugos adeptos do grande Oriente Lusitano!!

E ha Portuguezes, que tiverão e tem ainda hoje hum estranhavel amor ás instituições que nos acarretárão hum sem numero de desgraças; pois os fastos do Despotismo Oriental apenas excedem os do Despotismo, que sob o nome de Constituição calcou e espesinhou tudo que cheirava a Lealdade, e os que tinhão o merecimento de adherir á Santa Religião dos nossos Pais!!!!!

Já he menor o meu assombro, quando me succede pasmar do endurecimento de Faraó ao passo que elle via o seu Reino ferido das vinganças do Ceo, e alastrado de mortos.... a cegueira, e obstinação dos Pedreiros he muito acima deste formidavel monumento das vinganças do Altissimo, e por certo que não ha exemplo de Historia antiga, ou moderna, que chegue a dar huma idéa remota desse perti-

nacissimo affinco, desse estado morboso, e incuravel . . . .

Depois de tudo isto venhão sahir-me ao caminho, e levar-me alguma injuria em nome da defunta, se eu protestar que ella foi peior que todos os demonios, ou existentes e submergidos no Inferno, ou derramados pela região do ar, pois saibão que se está afiando o Punhal dos Corcundas para descarregar este 5.° golpe, e tremendo.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 6.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

O SYLLOGISMO.

QUEM zomba e escarnece das proprias armas, que só vistas afugentão o Demonio, he certamente peior que o Demonio.

Atqui os Liberaes e Pedreiros zombão e escarnecem das proprias armas que afugentão o Demonio, isto he, do sacrosanto e adoravel Estandarte da Cruz.

Ergo

Os Liberaes e Pedreiros são peiores que o Demonio.

Da proposição maior ninguem duvída, excepto os que sobranceiros *á crença do vulgo*, não admittem cousa alguma que cheire a substancia espiritual, e que se darião por envergonhados se fizessem o sinal da Cruz, a que os taes meus Senhores tem substituido hum gestozinho de *enxota moscas*, por certo o mais galante e o mais expressivo da sua intima, cordial, e fervorosa *devação.*

Entremos na menor, e vejamos se he facil demonstralla.

*

Temos em Portugal huma cidade, antiga Corte dos nossos Reis, e illustrada para todo sempre, não só pelo grande nome do immortal Capitão e Alcaide Mór Martim de Freitas, mas tambem pelos seus leaes habitantes, que se o não fossem, que poderia concluir o Freitas, vendo-se em aperto, e sózinho contra os soldados de ElRei D. Affonso III! Berço de insignes Varões em todas as idades da nossa Monarquia, tambem o foi da gloriosissima revindicação da nossa independencia em 1385.... Assento de huma Universidade das mais celebres da Europa, e que á maior parte dellas ha cedido alguns dos seus conspicuos e egregios Professores.... Coimbra finalmente he quem ha de acudir-me com as mais terminantes e decisivas provas da *menor*; mas importa fazer primeiro huma separação mui essencial a quem não se propõe fazer ataques directos e pessoaes... que só erão licitos, e sanccionados em o proprio Diario do Governo, durante o regime constitucional!!

O Corpo *Docente*, ou dos Lentes da Universidade, he por ventura o mais afferrado ás instituições antigas, o mais addido á Casa Reinante, herança esta dos abalizados Mestres, que em 1580 no meio do estrondo das armas su tentárão quaes firmes e inabalaveis columnas o direito da Serenissima Senhora D. Catharina, e o mais opposto ás novas instituições, que lhes offerecião manifestamente o cunho da mais descarada e insolente democracia....

Nessa parte eu folgo de o tratar com a imparcialidade e justiça, de que elle se faz crédor; e sería o cume da sandice e da maldade, se hum corpo incessantemente favorecido por *ElRei Nosso Senhor* se tivesse mostrado ingrato e rebelde. Fiquemos nisto para sempre. Todas as vezes que eu censurar ou estranhar alguma cousa pertencente á Universidade, terei sómente em vista as doutrinas, e rarissimas vezes os homens; pois dos que seguírão com ardor e enthusiasmo a causa liberal posso dizer com toda a verdade

Apparent rari nantes in gurgite vasto.

Ora em Coimbra ha mezes a esta parte declarou-se huma febre ou *febrão constitucional*, que logo no primeiro dia chegava os enfermos a huma completa indifferença para tudo o

que mais deve interessar hum Christão, e a hum maniaco e insanavel furor de atacar as superstições, que na *linguagem Pedreiral* soão largamente, e comprehendem desde as genuflexões e sinal da Cruz até ao Mysterio da Santissima Trindade, e da Redempção do homem feita por *Nosso Senhor Jesus Christo.*

Surdio como por encanto neste recem-passado Maio (tempo bem azado e proprio!!!) huma cafila de excellentes Periodicos Liberaes, onde sobresahião as redundancias do talento por ventura capaz de segurar na *queda* o *grão systema*, se o *pobrezinho* depois que se lhe applicárão esses *malditos causticos de Verona* (caso triste, e miserando!!) não promettesse a toda a hora favorecer-nos com a sua ausencia, ou precipicio nos quintos infernos.....

Tem a mesma data o successo horroroso, e nunca visto em Portugal desde que he Reino livre e independente, e que só teria lugar sob a dominação Mouresca, e então mesmo sería despido dos gráos de malicia, de estudada e systematica perversidade, que marcárão e distinguírão a coroa, e o remate das obras constitucionaes, ou tenebrosas, posto em Coimbra a tres de Maio....

Nenhum Christão ignora que esse dia he especialmente consagrado á Invenção da preciosa Cruz do Salvador, feita por mandado, e diligencias da Imperatriz Mãi do grande Constantino.... Já houve na mesma Cidade exemplos de insulto e desacato a varias Cruzes de pedra, que nesse tempo se julgárão effeitos de loucura ou bebedice.... porém nunca houve nem se temia que houvesse huma inteira demolição e destruição de todas as Cruzes existentes na Cidade e suas mais proximas cercanias. Era huma gloria justamente reservada para os tempos constitucionaes! He de advertir que huma pessoa temente a Deos, e mui devota das Almas do Purgatorio, fizera erigir muitos Calvarios de pedra nas differentes sahidas de Coimbra, e por sinal que importou cada hum em 4:800 réis de despeza, que não faltará em Coimbra quem os tivesse por mais bem empregados em algum destruidor de Cruzes; mas o certo he que a obra se concluio á medida dos desejos de quem podia gastar como quizesse o que era seu, e que não foi roubado á Nação.

Já por vezes a impiedade rangêra os dentes... e muito

durárão as Cruzes para a vontade que lhes tinhão estes seus endiabrados inimigos. Não he nada, aprompta-se a falange infernal, por ventura ao mesmo ponto em que sahia das lojes.. desesperada e sedenta de estragos.. repartem-se os vigilantes, e mais quadrilha, põem mãos á obra... e na manhã seguinte fica a Cidade tão pasmada como estremecida de que os raios do Ceo não cahissem immediatamente sobre ella, para lhe infligirem o castigo, que por muito menos tiverão de padecer as cidades enterradas no Lago Asphalites!!! Foi tal a consternação, que difficultosamente poderia caber em linguagem; e só quem a vio de perto, quem examinou o proprio theatro de tão inaudita como nefanda perversidade, he que poderia, mais á força de lagrimas que de vozes, expor dignamente o susto que se apoderou dos habitantes de Coimbra, apenas vírão o que nunca imaginárão ver!!

Logo se vio que falhára a *Tentativa Maçonica* para desapegar os povos da sua confiança nos Mysterios e prerogativas da Cruz; e mais de hum juizo atilado previo que era chegado o prazo final da audacia, ou da impiedade Maçonica.. E se o povo de Coimbra se limitou a bramir contra o execravel attentado, e não rompeo logo em outras demonstrações do seu odio figadal ao Liberalismo, he por ser Christão.. Sobejava-lhe o valor para esmagar os tão debeis como impuros sustentaculos do Maçonismo; porém sobejou-lhe igualmente a discrição para ver que a espada da Lei he a unica, que sem perigo de se ultrajar o Senhor da vida e da morte, ou de se perturbar o socego publico, se desembainhará opportunamente contra os fautores, e instigadores de taes excessos.

Creio que não ha mais que desejar para que fiquemos certos, e mui certos de pedra e cal (certeza bem propria de quando se trata de Maçõ's), que estes, e só estes monstros, por extremo fieis ao antigo decreto de *esmagar o infame* (1),

(1) Esmagar o infame — He a divisa dos veneraveis Mestres Voltaire, Alambert, Rei da Prussia, etc., etc., etc. Hum campanudo Mestre da Universidade entende por este infame, não a *J. Christo*, porém o fanatismo . . . . Para perto se mudou. Atqui *fanatismo* em a linguagem corrente de toda a correspondencia de Voltaire he a Superstição Christi-

traçárão e executárão o plano de atirar ao chão, e destruir todas as Cruzes.... que se fazem o terror, e o espanto dos demonios, achárão desta vez outros peiores, que levárão huma noite de fio a pavio só para darem cabo de tantas Cruzes.

Se algum Campeão dessa ainda ha poucos dias formosa Dulcinêa me quizer argumentar que eu uso do sofysma — *non causæ pro causa* — que misturo alhos com bugalhos, e que confundo com a *Divina Constituição* os abusos que se fizerão della.. respondo facilmente.. Onde só ha erros e abusos innumeraveis de tal porte como esses que acabo de referir, e nenhum bem que valha trinta réis, está demonstrado invencivelmente que a cousa, de que tanto se abusa, não só he má, porém abominavel e pessima....

Não resmungueis; senão empurro-vos a *infallivel* authoridade do vosso Evangelista Rousseau, e ficais ahi de queixo cahido.

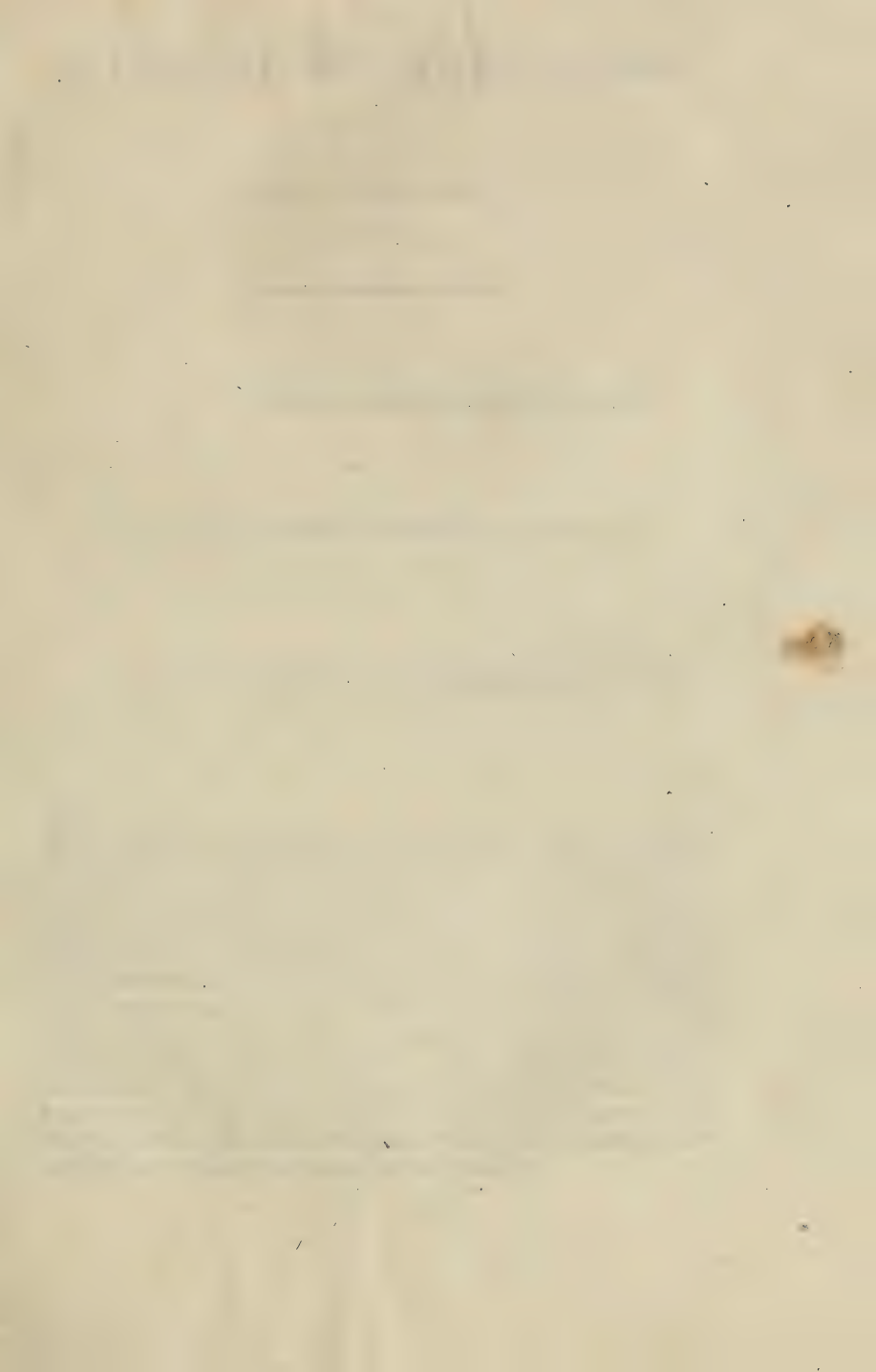
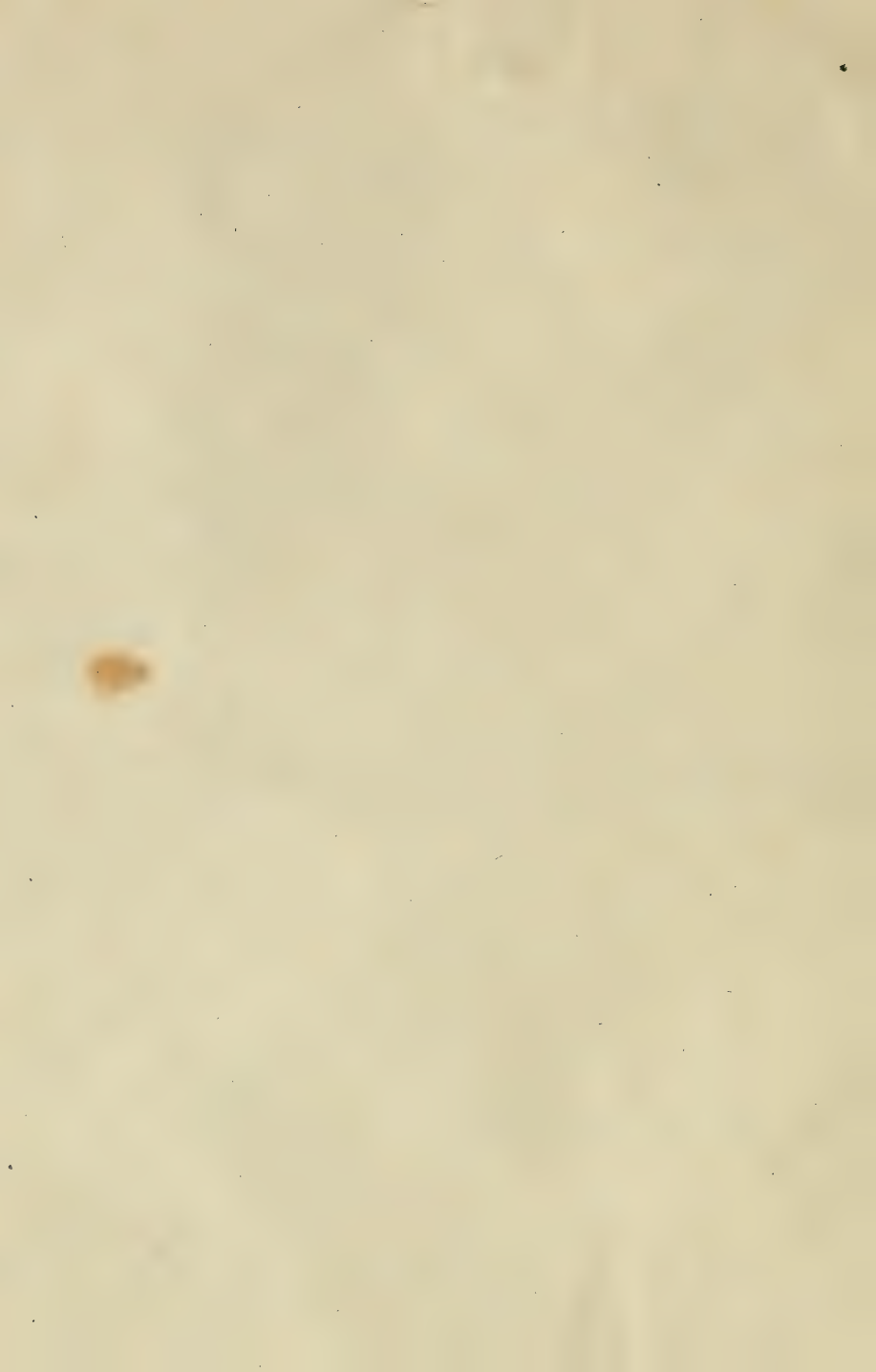
---

cola ou Religião Catholica ... Ergo ... Fique para outra vez a conclusão, que será de levar couro e cabello, quando se lhe juntarem as provas da sã Theologia de Voltaire.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 7.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

O SEGREDO DOS PEDREIROS.

PARA que he quebrarem-nos os ouvidos e a paciencia com esse mysterioso, e impenetravel segredo.... He elle tão bom de adivinhar, e decifrar, que dado o caso de que huma fragata pejada de Lusos Mações (hoje fosse o dia que tal succedesse, a pezar de que ficariamos todos ás escuras!) abordasse em alguma praia só habitada de selvagens para ahi fazer algum ensaio de civilisação; creio que antes de quinze días já os mais obtusos e rombos daquella povoação se dirião affoutamente huns para os outros: Que corja! Que sociedade! Quem dera que nos vissemos livres desta gentinha, que doce em palavras, e mais azeda que o fel nas obras, nos deixará a todos qualquer dia sem camisa, se por ventura lhe não formos á mão em quanto he tempo!!!

*

Ha dous principios de eterna verdade, que a razão, e a experiencia de mãos dadas apoião, e coadjuvão; e o mais he que forão ensinados ao homem pela Suprema Verdade. 1.º Pelos seus frutos e obras os conhecereis. 2.º As obras más buscão as trevas, e odêão a luz. He tão clara a que despedem continuamente de si estes dous principios, que será necessario ter perdido ou o senso commum, ou todo o respeito e consideração pela palavra de Deos para deixar de ceder á força invencivel com que elles desfazem, e pulverizão toda a fabrica de enredados sofismas com que a *horda pedreiral* forceja por manter-se a todo o custo na sua Cidadella, na sua Mantua = *O segredo.*

Por mais que forão mordidos, acutilados, e esporeados... nunca se resolvêrão a dar copia de si, e a deslumbrar-nos com a estupenda serie de seus beneficios ao genero humano. Apenas revelárão o que he de pouca monta, o que segundo as actas pedreiraes não tem perigo, e que deve ser como a papinha que se dá aos meninos, aos imbecís, que assim reputão elles os que tem a felicidade de não pertencerem aos Conventiculos de Satanaz...

Fervem as condemnações da Igreja, multiplicão-se as Bullas contra as Sociedades Pedreiraes ou Carbonarias, que he tudo o mesmo... e elles moita... Queixão-se de injustiça, porém entertidos com a felicidade dos povos (ou enchimento das proprias bolsas) para nos regalarem com o *interessante mappa* das suas fundações de beneficencia (no seu Diccionario capitulárão de *barbaro e antiquado* o termo *Caridade*) das suas instituições de *Filantropia*, dos seus hospitaes, dos seus asylos consagrados á *humanidade afflicta*, que sería este o modo efficacissimo de taparem a boca aos seus adversarios, pois nunca se vírão em maior precisão de sahirem com todo o fato á rua... e acabrunharem os profanos sobre o enorme pezo de huma *logica victoriosa e fulminante.* Cuidão esses papalvos que ninguem lhes sabe as prendas; e mui similhantes ao animal, que depois de metter a cabeça na toca de huma arvore pensa estar seguro, quando o resto do corpo está descoberto, reputão-se invulneraveis, quando tem não só todo o corpo, mas até a propria calva ao sol, escondendo apenas o que he de menos importancia, e que tanto valia esconder-se como ficar á mostra.

Os Soberanos da formidavel Santa Alliança, especie de Cruzada, que vai surtindo melhor effeito que o das intentadas contra os seguidores de Mafoma, já conhecêrão o perigo, desembainhárão a espada, e *jurárão* não tornar a mettella outra vez na bainha senão depois de limpa a geração actual dessas plantas venenosas e parasitas, que senão forem cortadas pela raiz ficarão só ellas no campo, e adeos merecimento, adeos virtude, adeos throno, adeos Religião... Melhor o tem já feito, e ainda melhor o fará Deos em beneficio de todas as gerações presentes e vindouras... Já não he segredo, nem o que fazem, nem o qne projectão fazer os Pedreiros livres.

Correspondencias inteiras de Sociedades Carbonarias chegárão á mão do Imperador de Austria, que muito póde quem faz diligencia para haver os documentos da Maçonaria, e vio nellas com assás horror, e para felicidade nossa, que o plano das taes Sociedades era apeallo de toda a influencia nos negocios da Italia, forcejar por todos os meios para destruir a Potencia Austriaca, partindo-lhe os seus vastos dominios, ou em pequenos Estados republicanos, ou em Monarquias governadas representativamente, em que os Reis fossem as primeiras pessoas representantes, e não menos do que são os que apparecem no *Theatro.*

Se me perguntarem onde achei similhantes noticias, que mal podem acreditar-se debaixo de huma simples authoridade anonyma, respondo que as achei beliscando com a ponta do meu ***Punhal*** em hum livro Francez intitulado, Annuaire Historique par Mr. Suard 1820.

Ora já dei pai á creança; e por evitar agora mais diffusão, que enojaria os pios leitores, apenas advirto que ha livrinhos Portuguezes impressos ha pouco menos de hum seculo, onde já os taes Pedreirinhos são trabalhados á consciencia, e arguidos de proposições abominaveis. Ora huma destas he a licença nos appetites venereos... e bem se vio que a *Senhora Defunta* remunerava com empregos honorificos e rendosos quem era campeão dessa proscripta e impia doutrina, signal este de que os nossos maiores forão mais espertos e mais providentes do que nós somos, e que não comião facilmente gato por lebre...

Que bom tempo era aquelle em que a Universidade de

Coimbra jurando a Bulla *Unigenitus*, não hesitava em protestar que o Successor de S. Pedro nunca ensinaria erros ou proposições hereticas á Igreja de Deos! (1) Que máo tempo he este em que se faz zombaria de tudo o que diz respeito ás formidaveis armas da Igreja, em que as mais justas excommunhões são tidas em menoscabo, e illudidas com as cerebrinas interpretações dos proprios criminosos!!

Que máo tempo he este em que a authoridade Pontificia, aquella mesma que S. Jeronymo acatou de tal maneira, que reputava immundo, sujeito a naufragio, e a perecer irremediavelmente a quem não se abrigasse dentro desta melhor Arca de Noé, apenas he invocada para extinguir Mosteiros, supprimir Igrejas Cathedraes, dispensar abstinencias, e por ventura para enxovalhar o proprio deposito da Fé... mas em tudo o mais he tratada de menor, vilipendiada, e escarnecida!!!

E como he possivel que os taes Pedreiros ousem arguir de injustiça o Pai commum de todos os Fieis?

Hoje em dia chegárão as cousas a hum tal ponto de evidencia, que não ha meio entre as duas proposiçoens . . ou os Pedreiros erão tudo que ha mais de trinta annos se lhes imputa e lança em rosto . . ou os Zimermans, e os Barrueis tiverão o dom de profecia . . . . Examine-se qualquer destes dous escritores (hum delles já foi posto em lingoagem pelo novo Aquilles, que promette levar de assalto, e queimar a Troia Pedreiral), e ver-se-ha que os nossos *Pedreiritos* estavão como apostados a seguirem e a verificarem como huma especie de imitação escrupulosa quanto se lê nos sobreditos authores.

---

(1) Alto lá, Senhores Theologos Canonistas e Legistas, em cujas Theses reluz e scintilla o — Diamante de que o *Papa he fallivel*... Tenhão paciencia, e não cuspão fóra. O que eu digo não he puro Ultramontanismo, he hum corollario da mesmissima doutrina do grande Bossuet, sobre a Igreja Romana; e sem lhes fazer a V. mm. a mais leve injuria, digo e sustentarei em publico não só a exposta doutrina, mas que V. mm. todos diante de Bossuet são mais pequenos que huma pulga.

Cá os nossos forão nessa parte muito fieis aos seus mestres. . . nem hum só apice, nem huma só virgula tem faltado ás instrucções do *Grande Oriente de París*, verdadeiro pai e mãi de todos os destemperos, de todas as maldades, e de todos os horrores que tem succedido ha trinta annos a esta parte, sob o pretexto de *refórmas*, *de regenerações*, *de melhoramentos*, *e de perfectibilidades.*

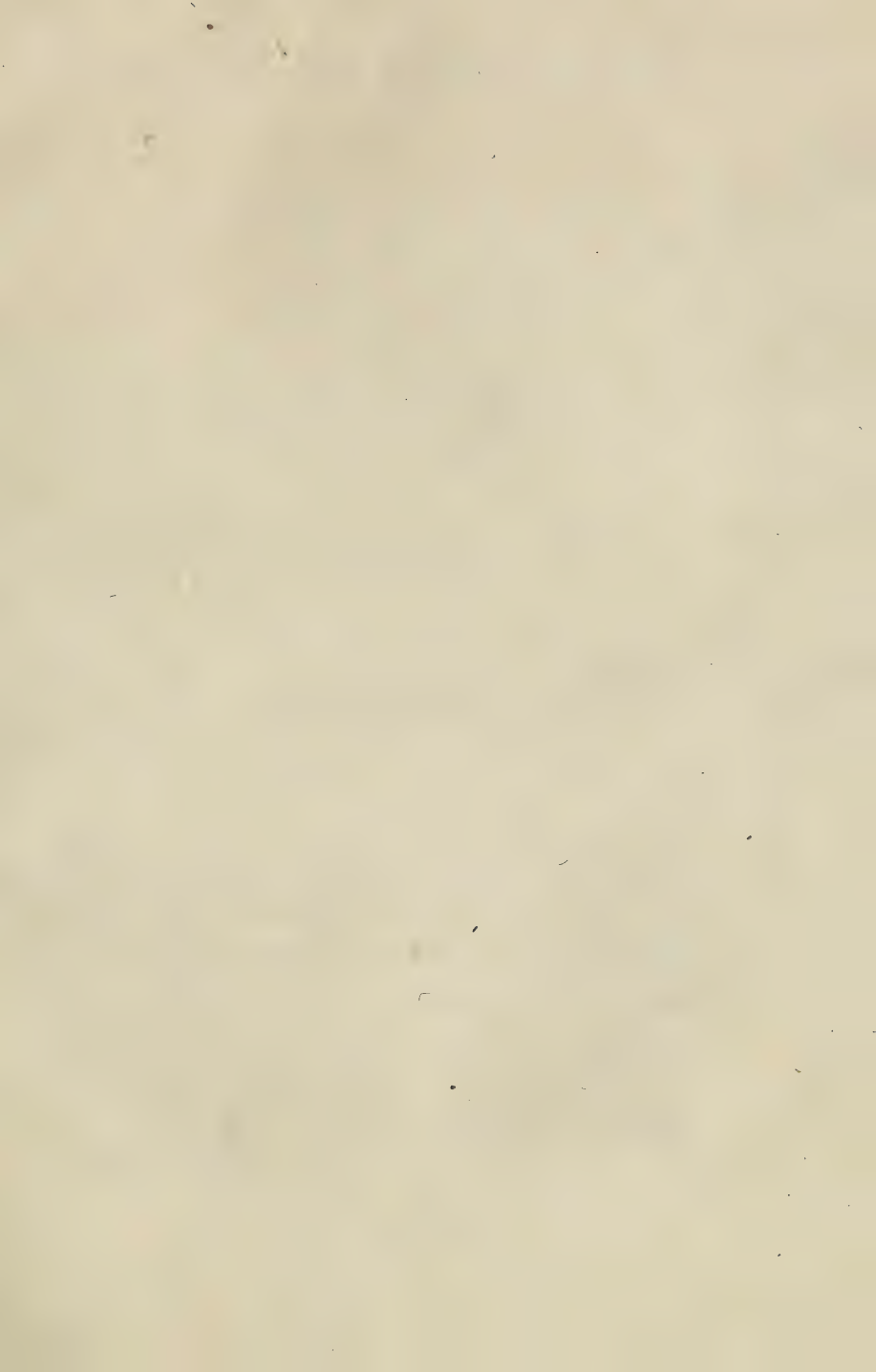
De mais, quem são os authores mais queridos da Pedreirada Lusitana? São os Frerets, os Rousseaus, os Voltaires, os Boulangers, os Volneys (logo no principio da infaustissima Regeneração foi arvorado este infame Deista, ou Atheo, em Catequista da Nação Portugueza). Que se encontra nestes authores predilectos da Seita? Odio mortal aos Reis, enunciado de tal maneira que a minha penna se recusa por agora a copiar-lhes as invectivas contra os ungidos do Senhor; odio mortal ao que elles chamão por formaes palavras *a Superstição Christicola*; horror a tudo o que he propriedade; affinco em defender a soberania do povo; aversão entranhavel aos Frades por serem (que glorioso crime!) os apoios da superstição, e os Janizaros do Papa; sêde insaciavel de riquezas, e nomeadamente das que pertencem aos Mosteiros, que dolosamente chamão *nacionaes*, para que em breves audiencias se chamem pedreiraes; empenho por se a Liberdade de Consciencia (e os cachorros ainda a querem maior!), e a tolerancia religiosa, que debaixo do semblante de dar a mão a todas as crenças e opiniões, só tem em vista livrar-se, e descartar-se de todas; em fim tudo isto assás prova que só algum tolo ou estupido comerá o logro pedreiral, e que o seu *decantado e mysterioso segredo* está roto por mil partes, e que já chove nelle como na rua; o que he tão certo que modernamente se tem visto obrigados a palliarem os seus verdadeiros intentos debaixo de huma capa ainda mais transparente do que se a formassem de teias de aranha. Pois não ha certa Madama Stael, constitucional até furor (como legitima herdeira e filha de quem desenthronisou Luiz XVI) que se deixa, e mui seriamente, cahir com esta no seu tratado, aliás erudito, sobre a Litteratura Allemã » Que as Sociedades secretas e pedreiraes da Allemanha só tratão de averiguar, e pôr cada vez em maior evidencia, e o que? *A espiritualidade da alma*! Por esta, e outras que taes, he que eu todas

as vezes que me querem embaçar com o segredo *pedreiral*, sou accommettido de hum fluxo de rir, que me põe em termos de arrebentar pelas ilhargas.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 8.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

AS RUINAS.

„ E Jaz por terra sem honra o Monumento ou Lapida
„ Constitucional! Oh vergonha do seculo da razão, e da
„ Filosofia! (exclamará hum Pedreiro Livre) Oh labéo sempi-
„ terno de huma Nação, que volta, e mui gostosamente,
„ para os antigos e pezados ferros, de que a Lapida Consti-
„ tucional os declarava soltos e desembaraçados para sem-
„ pre. Todo o sangue dos perfidos Corcundas era pouco pa-
„ ra lavar esta nodoa impressa no caracter Portuguez... O
„ que falta agora he que tornemos a ver no seu lugar a *Es-*
„ *tatua* da Fé!! Se tal acontece, ordenar-se-ha hum luto ge-
„ ral do Maçonismo... entre os clamorosos gritos de *Mor-*
„ *rão os Corcundas.*

*

Permitta-se ao menos este desafogo aos pobres homens, que, se o olho me não mente, e a Santa Alliança me não falha, nunca mais poderão ter outro... Serei com elles tão benigno... hia a dizer tão bom irmão... (Arreda... que até fizerão suspeita e inadmissivel esta frase Christã, quando se trata do Maçonismo) serei com elles tão bom homem, que hei de ajudallos em seu enternecido pranto.

» Oh tu, sublime Author dessas ruinas, que derão
» tamanho brado na Republica das letras, que tem corrom-
» pido tantos mancebos, e perturbado tantas consciencias,
» mórmente depois que ellas, e até o lindo Cathecismo que
» lhes vem appenso, mancharão os prelos da nossa Monar-
» quia... Volney, empresta-me o teu negro pincel, que
» bem molhado na Estygia do teu sombrio e melancolico
» engenho, poderá lastimar dignamente outras mais deplo-
» raveis ruinas. Tu não viste Palmyra no seu estado de
» grandeza e opulencia... mas de seus restos e despojos con-
» cluiste o que fôra algum dia, que muito póde a tua ima-
» ginação, que dando em ruinas achou o seu elemento.. Nós
» vimos fundar e progredir esta nova Torre de Babel, desti-
» nada para competir e hombrear com o proprio Ceo...
» Quem vio a affluencia de Pedreiros a acarretar, e a edifi-
» car; quem vio luzirem as argentinas trolhas... como po-
» derá ver hoje enxames de corcundas a levantarem pedras
» de enorme grandeza, separando-as facilmente de suas *Ba-*
» *ses*, e quasi a ponto de nos assoalharem o ninho de guin-
» cho que lá depositamos para zombar dos *évos*, e dos *ho-*
» *mens*... Grande homem, quem nos déra que por alguma
» fresta de hum Palacio fronteiro á Lapida tu podesses vêr
» e lamentar os iniquos e porfiosos trabalhos dessa pestilente
» corcundagem, que não contente de nos apontar com o de-
» do para sermos *justiçados* em cima da *Sacrosanta* Lapida,
» concebeo o nefando projecto de arrasar até aos fundamen-
» tos o melhor apoio das nossas quasi perdidas esperanças..
» Se bem o disse melhor o fez... e a segurança das liberda-
» des Portuguezas, que nós chamámos tantas vezes firme e
» indestructivel, desappareceo n'hum momento!! Quando o
» silencio da noite, que he o melhor tempo das nossas em-
» preitadas, e huma total ausencia dos inimigos, que dia e
» noite girão em torno da Lapida, o consentirem... vá

„ cada hum de nós por seu turno buscar huma pedrinha,
„ hum bocado de caliça, e até hum punhado daquella *vene-*
„ *ravel* poeira, de que encheremos devotos relicarios para
„ trazer ao pescoço, e nos excitarmos de continuo á vingan-
„ ça . . . Oh Lapida de minha alma, quem dissera que mor-
„ rerias na *casca*, e não terias de vir a ser grande! Que he
„ feito da solemnissima pompa com que foste começada?..
„ Olhar para ti com desdem era hum crime até ao infaus-
„ tissimo dia 31 de Maio, e mettias tanto respeito, que só-
„ mente os nossos ousavão fitar seus olhos no teu, sim tar-
„ dio, mas glorioso crescimento... agora té os rapazes da
„ rua te mettem a bulha, te ferem, e despedação!!!

Basta de ironia..... Meus amigos, se a pilula vos amarga, se vos custa a engolir...tende paciencia... Mais amorgas forão essas, que no decurso de tres annos incompletos nos azedárão a ponto de invejarmos a propria escravidão dos captivos de Tunes, e de Argel... e por certo que tinhamos justiça ás carradas, pois não ha cousa mais dura (que assim o escreve huma Nynfa Constitucional Madame Stael) do que sermos esbulhados impunemente do que he nosso pelos nossos proprios concidadãos.

Fallemos serio.. Por entre a nuvem de successos plausiveis e causadores de hum jubilo e alvoroço, que nunca se chegarão a descrever exactamente, foi por ventura este o que me ferio mais vivamente, e me obrigou a meditar hum pouco sobre estas *ruinas*, onde se lè facilmente não só a vicissitude das cousas humanas, que muitas vezes, assim como foi desta, sobem a huma altura desmedida para ser mais estrepitosa a sua queda... mas tambem hum odio reflexo, entranhavel, hum odio *nacional* á Pedreirada, e aos seus abominaveis intentos. Era de ver o empenho e ardor com que pessoas de todas as condições e jerarquias se apinhavão sobre o malfadado moimento para darem cabo deste opprobrio nacional, que durou assás depois dos memoraveis successos de 31 de Maio. Aos gritos de Viva ElRei, Viva a nossa Religião, se encetárão os primeiros trabalhos, que não obstante a desmedida grandeza das pedras, tiverão logo o melhor successo, e não erão passadas tres horas que não se vissem em roda do monumento grandes rimas de pedras arrancadas. Espectaculo foi este o mais doce e consolador pa-

ra os bons Portuguezes, e tal houve que não podendo assistir por embaraços á entrada solemne e triunfal de S. M. a Rainha Nossa Senhora em a Basilica de Santa Maria, deixou tudo, e cortou por tudo, para assistir á demolição da Lapida Constitucional!!!

Não se podia escolher hum dia mais apropriado a esta demonstração de hum *voto nacional*. Em vespera do Santo Precursor, cujo nome faz huma das principaes glorias que cercão o nosso amabilissimo Rei o Senhor D. João VI, desapparece da face da terra esse monumento de vergonha eterna para os seus authores, e que desgraçadamente não era mais que hum *Troféo Maçonico*, hum penhor da queda do Throno Portuguez, e o farol de esperanças que folgavão ainda de se nutrirem só com a vista dos trabalhos que proseguírão até 23 de Junho!!! O que he tão certo, que se notou logo huma sensivel mudança nas caras de *pedra* inaccessiveis ao pejo e ao rubor, que ordinariamente córa os homens honrados... esse ar de riso, esse ar de mofa, que os Pedreiros livres ostentavão por todos os lugares desta populosa cidade, converteo-se então em huma pallidez de morte; e como não podérão resistir aos accessos da mais pezada melancolia, forão tentados pela primeira vez a desesperarem do bom successo da *Santa Causa*.

De nada pois lhes servírão os lacinhos *Candido-ceruleos*, ou Constitucionaes, postos de reserva para daqui a seis mezes, e talvez para o dia 24 de Agosto!!! A demolição da *Sacrosanta* foi o verdadeiro enterro do Systema Constitucional... e se os loucos demagogos tentarem por sua desgraça novos ensaios de *regeneração* e felicidade publica... já lhes annuncio (e quem os avisa não lhes quer mal) de que os ossos de toda a Pedreirada Lusitana poderão muito bem substituir as pedras para se fundar sobre elles hum monumento, que perpetue a memoria do exterminio e destruição total de huma Seita, cujo fim principal he demolir até aos alicerces o Throno, e a Fé...

Se até aqui solemnizárão com Festas Nacionaes os dias mais negros e mais horriveis da nossa historia, convem-lhes agora mudar de rumo, e prescrever nos seus ajuntamentos grande copia de dias de Luto Pedreiral, e o seu calendario, que tinha muitos *claros* para dias de festa... quaes serião

para elles por exemplo o dia em que fosse morto ElRei de Hespanha, o dia em que fosse morto o Rei de França, o dia em que fosse morto o Rei de Prussia, o dia em que fosse morto ElRei... não escrevo estas palavras sem me estremecer a penna fiel aos sentimentos do meu coração.. ElRei de Portugal deve agora encher-se de outras solemnidades mui differentes. Os dias da inteira abolição do Systema neste seu já como certo patrimonio, isto he, Portugal e Castella, hão de ser forçosamente de luto pezadissimo... Nesse dia ou noite o môcho agoureiro, a quem tocar a nobilissima *tarefa de arengador*, será obrigado a *esporear* os seus ouvintes com huma elegantissima prosopopeia, *onde sejão invocadas as ruinas da Lapida Constitucional, para que reanimadas á voz da razão e da humanidade, consigão ainda esmagar os Despotas, e o hediondo Fanatismo.*

Tambem á feição do que se ha praticado em successos da mesma natureza, cumpre lavrar-se huma Acta firmada em *Punhaes*, unicos sellos authenticos e valiosos do Maçonismo, para que não esqueça celebrar com toda a pompa o *anno secular* das ruinas da Lapida, assim como o Bispo Regicida (Gregoire) celebrou em hum elegantissimo discurso o anno secular das ruinas de Porto Real, que grande fortuna tiverão os Jansenistas com a descoberta de mais esta joia para o seu partido!

Tudo isto são bons desejos, pois esse novo Alexandre, mais illustrado, magnanimo e poderoso que o primeiro, como tem a seu mando essas Legiões de Cossacos, e essas oitocentas mil baionetas, e julgou que ninguem o podia estorvar de fazer a mais crua guerra ao Maçonismo, nem sequer vos concederá hum anno de existencia, que tal he a furia com que vos persegue, e jurou exterminar-vos!!

Parabens em fim aos leaes habitantes da Capital do Reino, que em poucos dias lavárão a especie de nodoa que o soffrimento de quasi tres annos lhes imprimíra, pois nas *fogueiras do S. João* queimou o Systema Constitucional, accendendo-as o proprio gradame de páo que cingia o infausto monumento. Fizerão bem, porque de outro modo cederião á heroica divisão do Conde de Amarante, que fez abater dezoito Lapidas em hum Reino estranho, mais esta gloria; e fizerão ainda melhor, quando entregárão á justa severidade

das leis o incauto espião do *regime defunto*, que misturando-se com os leaes ao Throno, accendeo huma vingança sempre illegitima e criminosa todas as vezes que he particular, e todas as vezes que offendendo a authoridade publica, offende igualmente, e fere no coração essa tranquillidade, mimo dos Ceos, que não póde existir no meio das furias da anarquia.

Portuguezes, huma só gota de sangue que se derrame illegalmente, hum só Pedreiro que vós assassinasseis contra a vontade d'ElRei, e a determinação das leis que felizmente nos governão, sería hum deslustre irremediavel de toda a gloria que sob os auspicios do Ceo temos adquirido para nós, e para os nossos vindouros.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 9.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

OS MACACOS.

Não se me ponhão a gritar — aqui da Nação, aqui da Nação... que eu gritarei mais alto — aqui d'ElRei, aqui d'ElRei contra os infelicissimos copistas da Revolução Franceza... O que elles querião era que eu lhes chamasse imitadores. Estão bem livres desta honra, que de nenhum modo lhes competia... Não he mais ridiculo e mais excitante de riso o animal que a Providencia collocou, para assim o dizermos, á porta da especie humana, do que forão os Macacos Portuguezes, servís arremedadores dos homens revolucionarios, que derão tanto que fazer á sua patria, e ao mundo inteiro.

Começou-se lá o primeiro ensaio das manobras republicanas pela necessidade de acudir ás rendas publicas, de fa-

*

cilitar a sua cobrança, e de pagar a divida nacional, palladio commum destes modernos impostores.

Começou cá da mesma sorte, e a lamentação do pessimo estado das finanças foi a introducção ou antes o verdadeiro Aquilles de todos os Manifestos e desconchavadas Proclamações, que inundárão este Reino em Agosto e Setembro de 1820 desde os trabalhos da suprema até aos *papelões* da infima, que farião chorar as pedras, nomeadamente quando se tocava a especie do *Lavrador cuspindo sangue nas mãos* para agricultar as suas terras em pró de hum Mosteiro ou de hum Senhorio!

Começou lá o primeiro acto da Tragedia pelo convite que fez hum Bispo das duzias aos Sabios da Nação, para que dessem voto sobre a convocação dos Estados Geraes, e sobre o remedio mais conducente para obviar os males publicos etc. etc. etc.

Cá usárão da mesma trampolina, e fervêrão as cartas.. e que resultou? Fazerem o que lhes deo na cabeça, e terem mais hum meio de saberem quem era Realista, e por consequencia inimigo do Systema.

Lá por entre a furia dos Demagogos, que já contavão certo o seu triunfo, apparecêrão alguns homens rectos e bem intencionados, que tendo amor ás reformas, engeitavão animosamente o que cheirava a extorsão e violencia, e os bons e verdadeiros amigos do Throno e do Altar, depois de terem forcejado inutilmente por diminuir o influxo da facção preponderante, houverão a final de ceder á corrente, que forçou os mais impavidos a escolherem entre o desterro e a morte.

Cá (e felizmente hei chegado aos termos de fazer vêr que a generalidade em que ordinariamente fallo não deve tomar-se á letra) apparecêrão homens consummados em sabedoria, homens de hum caracter inflexivel aos aproches da intriga, e aos manejos das assembléas tenebrosas; porém ou tiverão de emmudecer, ou forão apupados, e ouvírão á sahida ameaços de morte!!! fruto este, e bem sazonado da Liberdade Constitucional. Se por ventura a sorte dos Realistas Portuguezes não foi igual em tudo á dos Francezes, foi porque não houve tempo; dessem-lho, por nossos peccados, e veriamos no cadafalso os Varões egregios, que nas chama-

das Cortes Lusitanas, alçando a voz defensora da justiça e da propriedade, zombárão desses trovões espantosos, desses Mirabeaus feitos á pressa.

Lá os proprios fautores da queda do Throno e do Altar sabião fallar com eloquencia, de maneira que o nome de *Jove Tonante da Assembléa Nacional* foi dado de commum acordo ao celebre e assás famoso *Patriarca da Regeneração Gallicana.*

Cá os principaes *botafogos* nunca disserão cousa que lhes grangeasse o titulo de homens eloquentes, e as mais das vezes recorrião a subterfugios miseraveis, transtornavão, enredavão tudo, e a extremosa lealdade ao que fôra decidido nas loges Maçonicas resumbrava das principaes deliberações do Congresso infernal.

Lá seguião-se as denominações varias a cada passo — Estados Geraes, Convenção, Assembléa Nacional etc. etc. etc., porque houve tempo, e assás tempo de fazerem quanto mal quizessem.

Cá (e foi o que nos valeo) escasseou o tempo, que a vontade e a fome de destruir era de palmo, e fallou-se todavia em Junta de Segurança Publica, e até em Directorio. Por signal que huns Demagogos quizerão dar em Coimbra o nome de Junta de Segurança Publica a huma associação de que se contão passos galantissimos, a qual devia sustentar e aviventar o Liberalismo já expirante...

Lá os *direitos do homem* forão o alicerce de tudo, e passárão constantemente por axiomas, que não admittião replica, os bens da Igreja forão proclamados *bens nacionaes*, os dizimos forão abolidos apezar dos esforços do proprio Abbade Seyeis, extinguírão-se os Mosteiros, acabárão-se os privilegios, e fizerão-se outras habilidades do mesmo cunho.

Cá... nem houve discussão sobre aquelles principios, que ao mero *Ipse dixit* forão sanccionados, e por ventura só hum Professor da Universidade, que tem filhos de legitimo matrimonio já Oppositores na Faculdade de Leis, e por consequencia não trata de os metter frades, foi quem advogou com energia a causa da propriedade dos bens pertencentes ao Clero Secular e Regular!

Lá figurárão muitos Ecclesiasticos, que para se mostrarem Cidadãos se fizerão impios desertores dos privilegios da

sua corporação, e quando foi necessario comparecer na Assembléa, renegar publicamente da Fé, pizar os habitos Pontificaes em signal de execração ao fanatismo, achárão quem o fizesse de bom grado, e até excedesse, o que he muito, as esperanças dos que lhe havião encomendado este papel, não menos odioso que abominavel.

Cá, se aconteceo tratar-se do privilegio do Foro Ecclesiastico, forão vistos em campo homens casados, que se afanárão por sustentar as prerogativas da Igreja; surdio porém mais de hum Ecclesiastico a impugnar aquelles adversarios, e a prescindir inteiramente do seu foro... Se as outras abominações ou nodoas do Clero Francez não forão vistas entre nós, dessem-lhes tempo e veriamos... e póde ser que não vissemos a totalidade do Clero Portuguez tão firme e apegada ao Christianismo, como foi vista e admirada em todas as partes do mundo a maioria do Clero Francez!!

Lá urdirão-se e sonhárão-se conspirações medonhas, que o Realismo traçava contra a Republica, e debaixo de hum frivolo pretexto accendêrão-se fogueiras, trabalhou incessante a guilhotina, e corrêrão por toda a França rios de sangue.

Cá tivemos a *horrorosa Conspiração*, e outras do mesmo cunho, em que os nossos *Reizinhos* fizerão hum papel não menos odioso que ridiculo. Neste ultimo periodo já começavão as espoliações das Igrejas, as *deportações*; e se o *heroe Portuguez* o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel não acode, teriamos cedo as *metralhadas*, e as *afogadellas*.

Lá estabeleceo-se a indefinita Liberdade de Imprensa, este *mimo do Ceo* que tem feito cortar a cabeça aos seus maiores apologistas, dando-lhes o bem merecido premio de terem aberto os diques á maledicencia, á calumnia, ao desprezo das cousas divinas e humanas, e á incredulidade. Lá foi simplesmente hum laço que se armou aos verdadeiros amigos da Religião e do Throno, e ai de quem sustentasse os a toda a hora offendidos e postergados direitos daquella, e mostrasse dôr e magoa pelas injurias feitas a hum Rei piedoso, clemente, e amigo dos seus povos...

Cá forcejárão e suárão para divulgar antes do encerramento das primeiras Cortes a Lei da Liberdade da Imprensa, que fora solemnemente promettida nas Bases; porém os

heroes fizerão esta conta: » A Lei he sómente em nosso be-
» neficio e de quem atacar o *fanatismo*... para os mais
» será hum espantalho, huma simples armadilha em que fi-
» carão apanhados, e de que tiraremos o partido de saber-
» mos quem são os nossos affeiçoados... E demais, quem
» ousará abrir bico diante dos *Sabios da Nação*? Causamos
» tanto pavor pelas baionetas que nos apoião, como pelas
» relevantes prendas intellectuaes que nos adornão... Fóra
» daqui tudo são trevas... e ninguem quererá ou poderá
» aproveitar-se do beneficio da Liberdade de Imprensa...

Lá derão muito que entender as Gazetas e mais papeis escritos por quem mostrasse affinco á verdadeira Religião, ou aborrecimento ao proceder desse enxame de Satrapas e de Facciosos que cubria toda a França.

Cá desde longo tempo se buscárão e empregárão todas as artes para que o mais antigo dos nossos papeis publicos em sentido favoravel (quanto esses máos tempos o concedião) ao Throno e á Igreja, o mais circumspecto, o mais sisudo, e o mais alheio de *personalidades*, fosse abandonado dos seus leitores, fosse supprimido. As qualificações de *infame e detestavel* forão dadas á Gazeta Universal, a este derradeiro asylo em que os amigos do Throno e do Altar depositavão os seus timidos, porém entranhaveis gemidos!!! E hum dos interrogatorios das devassas de Março, Abril, e Maio deste anno, foi se o denunciado lia a Gazeta Universal!

Lá, para encurtarmos razões, e dizermos tudo por huma vez, prevaleceo o dito de Robspierre! » Não fomos nós
» chamados para fazer tudo pelo contrario de quanto se vio
» até aos nossos dias?

Cá obedecêrão cega e pontualmente aos dictames de tão bom Mestre, e se durão mais hum anno ficaria tudo perdido e arrazado, nenhuma instituição antiga ficaria em pé... Mosteiros, Cabidos, Universidade, Academia Real das Sciencias etc. etc., apenas conservarião os seus nomes em os Diccionarios da Lingoa Portugueza, e na memoria dos homens!!!

Cá e lá más fadas ha... porém tristes das Nações que tem de pagar os delirios e as traições destes Reis de comedia, destes seus chamados Regeneradores, que não tendo

onde cahirem mortos, se enchêrão á custa do suor alheio, e cujas frases mais escolhidas de *bem publico, felicidade nacional*, *adiantamento das artes e das sciencias*, *progresso da agricultura* hão de passar por huma revista especial e miuda.

Lisonjeio-me de os apunhalar de modo que só no conceito de outros taes como elles he que poderão levantar cabeça.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 10.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

A perseguição das Ordens Religiosas.

Como faltaria aos nossos Liberaes este requisito, que he de essencia para ser ou parecer *homem grande* no seculo 19? Esse proprio ferrete de ignominia, que hum Bispo Constitucional e Regicida imprimio nos que aborrecem gratuitamente e como por officio as Ordens Religiosas, he para os nossos Liberaes hum titulo de honra, e mais hum brazão que deve accrescentar-se aos muitos que elles tem ganhado á custa da antiga Crença, e da Piedade Christã. » Hum odio figadal ás Ordens Religiosas he o caracter dominante das Seitas modernas » explica-se desta maneira o citado Bispo (Mr. Gregoire); e se de huma tal asserção podemos tirar consequencias da maior honra para o Estado Religioso, nada mais se exigia por outro lado, para que os Pedreiros Livres requintassem naquelle odio, e o manifestassem por todas as artes e meios, que a seducção, as intrigas, e as baionetas pozerão ao seu alcance. Tal *Pedreiro* houve,

que ostentou publicamente de seguir o *novo systema*, porque este lhe deparava em seus dias o *gostinho* de assistir á extincção da *Canalha fradesca*, e que só esta doce esperança o faria desembainhar gostosamente a espada, a fim de commetter a mais abominavel perfidia, voltando-a contra quem lha cingíra, e o cumulára de honras e privilegios.

Todas as miras *Fernandinas* se pozerão logo nos cabedaes e possessões dos Mosteiros, como segurissimos fiadores do systema, que ou conseguirião fazello andar para diante quando alguma vez emperrasse nos máos passos e caminhos por que deveria transitar, ou em ultimo recurso taparião o *deficit* enorme, que ás mãos cheias de ouro Portuguez espalhado na França e na Inglaterra pelos irmãos Propagandistas, causarião antes de pouco tempo.

Tão aleivosos como ingratos, mostravão-se fagueiros e benevolos para com as proprias victimas destinadas ao sacrificio, e ai dos Mosteiros que ficavão expostos á passagem destas aves da rapina, quando vierão fazer o seu ninho em a Capital do Reino, pois vírão consumir-se em hum dia o que talvez chegaria para o seu gasto ordinario de muitos mezes!!! Apenas repimpados no Throno Bragantino, que pasmou de se ver assim usurpado e denegrido, com çá;ão logo de assoalhar, por via dos seus emissarios incumbidos de apalparem os animos, e sondarem a opinião publica, as satyras indecentes, os aleives mais descomedidos, e as calumnias mais atrozes contra os frades, que nem sequer *pestanejavão ou se bulião* contra hum systema, que vão proclamado por entre arcos triunfaes, e huma adhesão, que parecia livre e espontanea, de todo o Reino. Quasi não assomou hum só dia em o nosso horizonte esse memorando *Astro da Lusitania*, sem despejar alguma porção de suas *manchas e fezes* contra as Ordens Religiosas, e q em se lembrasse de vexar e denegrir algum Mosteiro, ou qualquer dos seus habitadores, achava sempre huma porta aberta de par em par naquelle execrando papel, em que a mordacidade suppria ás vezes de talento, e a desenvoltura das expressões era todo o merito que o fez estimado da *gentinha*, e dos *adeptos*. Quando poderáõ esquecer neste Reino essa torrente de calumnias despejada sobre os Padres de Maceiradão, sobre os Padres Carmelitas descalços dos Conventos do Porto, e de Olhalvo?

Tais infamias só deverião ter cabimento nos annaes dos Filibusteiros, ou dos Argelinos; e para nossa vergonha forão tramadas por homens Portuguezes!!! Não... Não... Pedreiros Livres são Cosmopolitas (Cidadãos do Universo) todo o mundo he seu, e não devem chamar-se Portuguezes.

Que se havia de esperar de escritores subalternos, que por ventura mais apertados da fome que de outro qualquer poderoso estimulo, se mettião por devoção na *Irmandade dos calumniadores*, quando o proprio Diario do Governo se occupava gostosamente em recolher nessa verdadeira estrebaria de Augeas toda a immundicie dos Claustros... Se algum Frade vicioso ou descontente queria desafogar a sua paixão... escrevia para o Diario do Governo.., e o Diario do Governo lançava em suas hediondas paginas mais este documento de licença e de immoralidade... e como se tudo isto fôra ainda pouco, e ainda muito abaixo da importancia e dignidade da materia; os proprios Corifèos da *Horda Revolucionaria*, furtando á Nação o tempo que esta julgou conceder-lhes para sómente a felicitarem, e remirem da viuvez em que se considerava na ausencia do seu Rei, do seu Bemfeitor, do seu querido, e tão querido Pai; gerárão hum novo Periodico, que debaixo do nome de Independente só realizou esta *alcunha* pondo-se muito acima do que fôra decretado nas *Bases*, e na propria Lei da Liberdade da Imprensa, vomitando continuos insultos ás Ordens Religiosas, qualificando de inimigas da Patria as mais conspicuas e authorizadas Corporações, e fazendo-se o arauto dessa *Tolerancia Religiosa*, unico fim de todos os *novos Legisladores*. Pobre de quem sahisse ao encontro desses Fernandes, desses Borges, ou não temesse os prestigios da *Moura encantada*, que por mais razão que tivesse, e por mais força de que revestisse os seus argumentos, deveria necessariamente ou fugir ou ser amarrado em hum calhabouço, que a este ponto chegárão as pomposas liberdades que os nossos *Regeneradores* tantas vezes nos promettião e annunciavão.

No meio porém de todos esses ameaços feitos ás Ordens Religiosas notou-se huma certa inacção, hum certo desleixo assás reprehensível em homens audazes e *emprehendedores*. Aprompt ou-se tarde o Projecto de Reforma, ainda mais tarde se discutio, e parece que não foi desserviço, an-

tes especial favor para as Ordens Religiosas todo esse procedimento, pois as medidas legaes, e não os dicterios das Gazetas são as que podem mostrar o verdadeiro espirito dos Governos.

Assim discorrerão ainda hoje os Pedreiros Livres para se fazerem menos odiosos, e talvez para serem tidos na conta de protectores (á franceza póde ser) e amigos dos Frades!!! Estratagema he este não menos ocioso que ridiculo, que apenas será bom para enganar os simplices e os ignorantes, que nem esses mesmos poderão ficar largo tempo illudidos! Sempre com os olhos fitos na sua *honrada vizinha*, e no bom ou máo successo das traças de seus *Regeneradores*, virão os nossos que a extincção dos Mosteiros de Hespanha foi hum dos principaes incentivos da guerra civil, e que depois de ter cuberto de luto innumeraveis familias que se mantinhão da beneficencia e generosidade daquelles Mosteiros; depois de ter chegado a huma vida errante, vagabunda, e miseravel os ha pouco fartos e abastados; depois de ter feito despejar nos cofres *Nacionaes* sommas immensas, que tiverão a mesma sorte da agoa com que as Danaides, conforme a antiga mythologia, devião encher huma pipa sem fundo; longe de preencher as vistas dos *Reformadores*, só conseguio augmentar e engravecer os já crescidos males da Patria... assustárão-se... retrocedêrão hum pouco, a fim de poderem lá mais para diante fazer a salvo quanto pertendião...

Foi decretado nas *Loges Maçonicas* que a extincção das Ordens Religiosas fosse lenta e vagarosa. Não obstante a impaciencia de muitos Vigilantes, Roza Cruzes, e Veneraveis, para os quaes já tardavão muito as formosas Quintas de Fója, de Almiara, da Cardiga, e outras similhantes, concordeu-se nas delongas, como de absoluta necessidade para se obter o fim sem graves incommodos, e sem perigo de commoções, e effervescencias populares, já que huma Ordem, que não he das ricas, e o devia ser pelo muito que a tenho visto empregar-se no serviço da Igreja e da Patria, quero dizer a dos Agostinhos Descalços, sendo a propria que exigia a suppressão de alguns dos seus Conventos, achou a mais viva resistencia nos povos circumvizinhos dos taes Conventos, que pedírão ás *Cortes* a conservação dos seus

Frades, que erão o seu refugio nas doenças da alma e do corpo, sustentando os pobres nas suas portarias, e assistindo a todos de dia e de noite nos transes da passagem deste mundo para a eternidade.

Guardando para outra vez hum exame seguido e especial dos Projectos de Reforma dos Regulares, que as circumstancias do tempo não consentírão fossem analysados da maneira que convinha, e então farei ver a monstruosa illegalidade de *taes Commissões*, e a ignorancia dos *mui altos sabedores* que as formalizárão, nomeadamente o primeiro, visto que os Authores do segundo fizerão talvez mais do que se devia esperar de homens suffocados pela irresistivel preponderancia da Facção Fernandina; por ora tocarei sómente em huma anecdota, que põe ás claras o verdadeiro espirito daquella Commissão. Tenho-a de hum varão egregio em sciencia e costumes, por quem suspirão as principaes Mitras deste Reino, e que fez parte das Cortes chamadas Constituintes, o qual ouvindo nomear a Commissão de Reforma dos Regulares, lembrou-se (pelos bons estudos que tem nestas materias, e n'outras as mais estranhas do fim principal de suas continuas e indefessas applicações) lembrou-se de apontar algumas especies de interesse para os taes collaboradores do Projecto de Reforma. Chegou á porta do gabinete, ou casa onde trabalhavão, e por obrar de boa fé, e segurar-se, perguntou.. Trata-se de reforma, ou de extincção? De extincção. Respondeo hum Ex-Frade, classe esta donde costumão sahir desde Luthero para cá os melhores reformadores das Ordens Religiosas, como veremos a seu tempo!! A estas palavras retirou-se pasmado o nosso Transmontano, e nunca mais duvidou que o Systema Constitucional era ou se reputava incompativel com a existencia de Frades, pois de que servem Frades em hum Reino que apostáta do Christianismo? E o Systema Constitucional, como o traçárão os nossos Regeneradores, não póde existir sem a mais viva, e encarnicada guerra ao Christianismo: sim ao Christianismo, que prescreve a sujeição aos Reis como dever de consciencia, e nem os proprios Neros julga amoviveis do throno; sim ao Christianismo, que fulmina todos os juramentos de liberdade, de igualdade, e odio á realeza; sim ao Christianismo, que será constantemente huma barreira invencivel ao progresso

das *Idéas Liberaes*, que onde entrarem, e dominarem, hão de acarretar necessariamente comsigo a expulsão dos Frades, Clerigos e Bispos, das Santas Imagens, dos Sacramentos, e de tudo que cheirar a principios Christãos. Perdõem-me os Leitores esta pequena digressão, e voltem comigo ao meu principal intento.

Rematado o Projecto de Reforma, seguio-se pedirem ao Santo Padre Pio VII (ora reinante em a Igreja de Deos, e que este Senhor talhou expressamente para os dias mais calamitosos de sua querida Esposa) que o sanccionasse com a sua authoridade Apostolica, e o fizesse dar á execução neste Reino, e seus Dominios. Coroada seja do Pai das Luzes a heroica resistencia do Santo Padre aos arestos das Sociedades tenebrosas! Gloria ao Pai commum dos Fieis, que não se abalou nem de promessas, nem de ameaças, e que por meio de repulsas tão judiciosas como opportunas acudio á Igreja das Hespanhas, salvando a de cahir nos infernaes boqueirões, que lhe abríra a Filosofia dos nossos tempos!! Rendão agora as Ordens Religiosas huma especial homenagem á Cadeira de S. Pedro, que se ella não fosse, terião cahido todas as deste Reino em o sumidouro da *extincção que foi jurada nas Lobregas e hediondas cavernas do Maçonismo.* Declamem agora muito á sua vontade os Theologos á Paviense, e os Canonistas á moda Gmeineriana contra as isenções e privilegios das Ordens Religiosas. Se por ventura não fossemos immediatamente sujeitos ao Vigario de Jesus Christo, que sería de nós? Terião os Bispos deste Reino assás valor e firmeza para deixarem de lavrar o Decreto da nossa extincção, quando isto dependesse unicamente da sua authoridade? A que parece *nova* Disciplina da Igreja, e que bastaria ser approvada, e sanccionada em Concilios Geraes, para que só este nome fosse huma especie de mordaça na boca de alguns estouvados Canonistas, foi a nossa taboa de salvamento, pela qual deveremos instar e gritar todas as vezes que formos ameaçados de naufragio.

Arrebatei-me hum pouco; mas quem se atreverá a criminar-me de menos verdadeiro, ou de exaggerado? Em todo o caso sería mui airoso para hum filho o sahir pela honra de sua Mãi offendida e ultrajada; e qualquer excesso, a que em taes pontos se abalance o amor filial, costuma ser facilmente perdoado. Continuemos.

Desesperados de conseguirem os Indultos Apostolicos, por que tanto forcejárão, e que lhes forão constantemente negados (no que pede a verdade historica se dem os justos, e merecidos louvores ao Illustrissimo Prelado D. José Cherubini, Delegado Apostolico em Lisboa, que informou exactamente o Santo Padre de todos os procedimentos arbitrarios, e impios das Cortes Lusitanas) rasgárão a mascara, e pozerão de parte os principios mais vulgares de honra, e de decencia. Fieis ao principio geral Fernandino « *de que tinhamos bullas para tudo quanto quizessemos* » começárão de fazer por authoridade propria os esbulhos, as violencias, as trasladações, e confusões para que não tinhão podido arrastar a legitima authoridade. Desligárão os subditos da obediencia aos seus legitimos, e verdadeiros Prelados, e os forçárão a prestar huma obediencia contra aquella que tinhão jurado na presença de Deos, e de todos os seus Santos.... Confundírão os Religiosos de diversos institutos á sombra de huma *analogia* por elles sonhada, e logo erigida em fundamento dessas misturas conducentes ao fim de promover desordens, e fazer os Religiosos despreziveis. Arrancárão de seus pacificos asylos as virgens dedicadas ao Senhor, e as trasladárão para lugares distantes da Capital, onde lhes dava muito nos olhos a observancia dos Conselhos Evangelicos que a todo o custo pertendião acabar, e destruir.

Ora estes differentes horrores apenas se indicão para terem lugar mais espaçoso em outro genero de escritura; mas convem agora que lançadas, para assim o dizermos, estas primeiras delineações do edificio, nos demoremos hum pouco não tanto em a questão geral já sobejamente tratada, e por ventura exhaurida em muitos escritos destes ultimos tempos, como no exame das causas desse odio figadal, dessa aturada perseguição dos Mações contra os Frades, e na semrazão de tantos e tão iniquos procedimentos.

Eu temo, e por ventura mais que ninguem, cançar a paciencia dos Leitores, e por isso mais de huma vez obrigo em qualquer destes numeros a minha penna a que deixe de correr á sua vontade. Sou breve mais pelo receio de enfadar, do que por falta de materia. Examinemos pois

1.°

Causas geraes que reduzo sómente a duas.

1.ª Temporal, a saber, a cubiça dos bens, e riquezas dos Mosteiros. Não se lembrão dos suores e fadigas, por que tiverão de passar os antigos Monges, para deixarem hum bocado de pão aos actuaes; não se lembrão do sem numero de bocas, que se mantem ás vezes do escasso rendimento de hum só Mosteiro; não se lembrão das grossas contribuições dos Mosteiros ricos para remedio das necessidades publicas; não se lembrão de que não ha melhores rendeiros e feitores do Estado, do que são os Monges, e tudo lhes parece mal empregado nelles. O que huma prudente economia fez guardar e poupar avulta de tal maneira diante destes olhos fascinados e prevenidos, que lhes parece estarem vendo em cada Mosteiro as delicias de Sardanapalo, ou as riquezas de Cresso. Diz Madama Stael que ha huma classe de Pedreiros Livres ou *Illuminados*, cujo fim principal he assenhorearemse dos empregos mais lucrativos, e que em se vendo ricos, e fartos, andão contentes. Parece-me que são estes os sentimentos de todas as classes maçonicas; e a experiencia demostra que o seu grande principio he este « O *melhor bocado para nós e para os nossos, e o peior de roer para esses cães, para esses profanos.*

2.ª Moral, e vem a ser a profissão do Catholicismo, Esta ainda he mais forte que a primeira, segundo he licito discorrer pelo que succedeo na Revolução de França, onde o saque, e a profanação dos Mosteiros foi o menos, pois em verdade foi muito mais a solemne, e juridica abolição dos votos religiosos, e hum dos motivos que fizerão protestar os Bispos Deputados á Assembléa nacional (que não forão cães mudos entre os gritos de morte — A Lanterna a guilhotina, e as espadas nuas, e as baionetas apontadas ao peito) os quaes seguidos immediatamente da maioria dos Bispos que forão ao todo mais de cento e trinta (faltando só quatro) e roborados com a sancção do immortal S. Padre Pio VII, vírão naquelle Decreto a mais pezada affronta ao Evangelho, e ao Supremo Legislador dos Christãos.

He necessario que o Povo Portuguez tenha os olhos abertos para ver o principio da guerra mais ou menos activa, que ha trezentos annos a esta parte se tem feito aos Frades. Os Lutheranos, e Calvinistas, cujos maioraes pela maior parte forão Ex Frades, bramírão contra os seus antigos Irmãos. Os Protestantes não querem ver nem sombra de Frades, e por isso nos Theatros de Londres quando se quer apresentar huma figura ridicula e abominavel, assoma algum Comediante vestido de Frade, assim como já o desenfreado Buchanan se vestio de Frade para castigar a seu Discipulo depois Rei de Inglaterra e de Escocia Jacob VI, para infundir-lhe desde os mais tenros annos hum entranhavel odio a quem vestisse habito religioso. Os Puritanos aborrecem de morte os Frades, e que o digão os nossos Arrabidos que seguírão até Londres a Senhora D. Catharina Infante de Portugal, e Rainha da Grã-Bretanha. Os Filosofos do Seculo 18 *não tem pappas na lingoa*, para dizerem á boca cheia nas suas correspondencias, e em milhares de obras impressas, que se devem extinguir os Frades, porque ensinão, confessão, pregão, catequizão, e são causa de que não possa ir abaixo a Religião Catholica, segundo elles querem, e ardentemente desejão. Os Pedreiros Livres onde chegão a dominar, tudo he abater as Ordens Religiosas, tudo he intimar aos Reis que se apropriem os bens das Ordens, unico remedio para se curarem as feridas da Patria, que talvez só esses desalmados abrissem, levantando casas para seus filhos, que excedem ás vezes em rendimento o de Ordens Religiosas que tem dez ou doze Mosteiros!! Fizerão a mais viva guerra aos Jesuitas, porque os Jesuitas ensinavão, e pregavão; e tudo isto era de graça, pois não custava aos povos nem cinco réis!!! E dado o caso que estes Frades dominassem os gabinetes, e influissem nos negocios politicos mais alheios do seu estado, não haveria outro remedio para os cohibir senão deitar a perder a educação da mocidade, e por consequencia fazer estalar os mais fortes laços que prendião os povos aos Reis, e estragar as Missões Americanas, Africanas, e Asiaticas? Quem lê a Historia Ecclesiastica, não acha hum só Reino convertido á Fé por industria dos Summos Pontifices, em que não appareção Frades, e por isso he que os Frades são perseguidos, e debaixo do pretexto de chamar as

cousas á primitiva, hão de ser arrancados á obediencia do *Unico* que mais proveitosamente os póde empregar em serviço da Igreja Catholica!! Até aqui são principios geraes já sobejas vezes realizados em muitas Nações Européas, que tem aprendido á sua custa o que são os Frades, e a *grandissima* falta que logo se experimenta em todos os Reinos, que commettêrão o indesculpavel erro de os extinguirem: porém, he justo que desçamos a hum rapidissimo exame das causas do odio, que se lhes professa neste Reino, onde elles contão inimigos até nas proprias classes onde só deverião encontrar amigos, e defensores.

Serei o primeiro que se affoute a descobrir huma das principaes causas deste odio, que muitos saberão, e que por effeito de hum medo panico não se atrevem a denunciar. Importa-me agora ser breve, mas claro e terminante.

P. Porque Livros se estuda nas Escolas principaes deste Reino a Historia dos Monges, o espirito das suas instituições, e a natureza de seus privilegios?

R. Nas Aulas por Gmeiner, Cavallario, e Dannemair; e cá fóra por Mosheim, Gibbon, e outros que taes.

P. Donde he tirado o que dizem Gmeiner, e Dannemair sobre as Ordens Religiosas?

R. De Mosheim, Bingham, e outros Protestantes, de que Dannemair se fez éco, não sabendo dizer senão o que elles dizem.

P. E onde parão os Authores classicos sobre a origem das Ordens Religiosas?

R. Ou são desconhecidos neste Reino, ou jazem no pó das Livrarias, onde ninguem os consulta.

P. E que ha de seguir-se de taes Mestres, alguns dos quaes tem sido expressamente condemnados pelo Summo Pontifice?

R. O que nós vemos; e em quanto rejeitada e mettida a bulha a infallibilidade do Pontifice Romano, se acreditar cegamente na infallibilidade de Gmeiner, de Eybel, de Montesquieu, e Gibbon, e outras taes fontes da Historia Monacal, não se espere senão odio mortal aos Frades.

Muitas graças devem elles a Nosso Senhor por terem

escapado á *tormenta pedreiral*, e muito devem rogar ao mesmo Senhor pela vida e segurança do Imperio de ElRei e Senhor D. João VI, que mais de huma vez se tem chamado a si proprio *o unico amigo das Ordens Religiosas.* Confio da prudencia dos nossos inimigos, que são todos ou Pedreiros ou defensores da *Soberania do Povo*, que hão de poupar-me o desgôsto de aclarar mais e mais o que só por necessidade de sustentar a minha causa deixo apontado para se discutir algum dia mais largamente, e se me for possivel, conforme a dignidade do assumpto.

Brevissima enumeração, ou indicação dos serviços feitos pelas Ordens Religiosas á Monarquia Portugueza.

Antes de começar este acto de justiça para com as Ordens Religiosas estabelecidas neste Reino, deverei protestar, que apenas escrevo o que tenho de memoria, e que fica salvo o direito a cada huma das sobreditas Ordens para manifestarem ao publico as suas utilidades preteritas e presentes. Oxalá que este meu ensaio conseguisse animallas todas, para que cheias de hum nobre e santo ardor pela sua respectiva gloria, deputassem os seus mais benemeritos filhos para escreverem, ao menos resumidamente, sobre tão importante objecto! Destinando-me apenas a indicar-lhes a gravidade, e o interesse, repartirei os serviços dos Frades pelas épocas mais notaveis da Historia Portugueza.

1.ª

Antes da Monarquia.

Quem forão os que sustentárão na antiga Lusitania os restos de hum atenuado, porém glorioso Catholicismo, senão os Frades? Quem forão os cooperadores da liberdade das Hespanhas, quando mais inundadas de Mouros, senão Frades? Que forão as Ordens Militares das Hespanhas em sua origem, senão Communidades Religiosas, que incessantemente ou levantavão suas mãos ao Ceo, ou brandião nos campos a lança e a espada? Quem forão os que rebatião a furia dos Agarenos em o campo de Monte mór o Velho, se-

não os Frades capitaneados pelo Abbade João? Quem forão os principaes auxiliadores da restauração de Coimbra nos dias de Fernando Magno, senão os Frades Bentos de Lorvão? Derramados estes por todas as Provincias do que então se dizia Portugal, fizerão então mesmo luzir na agricultura aquella Provincia onde tinhão maior copia de Mosteiros, e não esperárão que Portugal fosse Monarquia independente para lhe desbravarem as montanhas, e reduzirem a cultura as mais empinadas serras, e as mais ingratas penedias, de que póde ser ainda hoje testemunha o Mosteiro antiquissimo de S. João de Pendorada.

2.ª

Fundação da Monarquia até ao reinado do Senhor D. João I.

Ahi começão os Pedreiros a morderem-se de raiva, e a vomitarem toda a sua peçonha contra a que elles chamão exorbitantissima doação feita pelo Senhor D. Affonso Henriques ao Mosteiro de Alcobaça.... E deveria pouco este Rei ao Santo Abbade de Claraval, devendo-lhe a confirmação de hum titulo, que conforme as idéas recebidas naquelle tempo não iria por diante sem aquella poderosissima intercessão? E ficará devendo pouco este Reino a huma colonia de Frades, que recebêrão huns matos povoados de feras, e dentro de hum seculo, á força de cultivarem a terra por suas proprias mãos, apresentárão hum jardim aos que vinhão de longe pedir-lhes, debaixo de certos encargos, huma parte do fruto e consequencia dos seus trabalhos?

Outro tanto se deve affirmar do Mosteiro de Santa Cruz; e só Pedreiros manhosos e refalsados terão cara para negarem que forão estes dous grandiosos Mosteiros bem como o dourado berço, em que se embalou na sua infancia o Throno Portuguez, que sem o poderoso auxilio destes *Frades* mal poderia combater felizmente os muitos e quasi insuperaveis obstaculos que o cercárão ao nascer: pois que negocio grave se decidio naquelles tempos onde não figurassem principalmente o Abbade de Alcobaça, e o Prior de Santa Cruz?

He quanto basta para os Mações, que não admittem profecias nem milagres; que se eu escrevêra sómente para os bons Portuguezes, contentava-me de os levar á prodigiosa escalada dos muros de Santarem, e a doação de Alcobaça por certo ficaria a mais justa, valiosa, e inabalavel... Pedreiros, eu torno para vós... Quem sabía nesses tempos alguma cousa de Dialectica, de Fysica, e de Medicina?... Os Frades... e achamos hum Frade primeiro Medico de ElRei D. Affonso III? Quando se tratou de fundar-se huma Universidade, quaes forão os principaes instigadores de tão proficua e gloriosa lembrança? Os Frades Cruzios, Bernardos, e Bentos.... Não erão planistas em secco, de que abunda, e por extremo, a nossa idade... Concorrêrão com avultadas sommas para o salario dos primeiros Lentes; e a Universidade de Coimbra não poderá lavar-se nunca desta origem fradesca, grão desar para ella no conceito dos seus alumnos Mações...

3.ª

Desde o Senhor D. João I. até á perda do Senhor D. Sebastião nos campos de Africa.

Quem era o digno restaurador do Throno Portuguez ameaçado nos fins do seculo 14.º de cahir em mão de estrangeiros? Era hum Frade professo na Ordem de Aviz. Quem luzio á frente dos seus acclamadores na Cidade de Coimbra? A Corporação Benedictina. Quem affrontou o poder de Castella, e o dos Alcaides de Obidos, Torres Novas, e Leiria, que seguião a voz da Infanta D. Brites, para sustentar a delRei D. João I, acudindo com viveres ao seu exercito postado em Aljubarrota, com hum reforço de mil homens bem armados, e com a sua propria pessoa durante a fugida do exercito Castelhano? O Abbade de Alcobaça D. João Dornellas.

Encontro os Frades inseparaveis desse glorioso Monarca em suas expedições ultramarinas: são Frades os seus principaes Conselheiros, e muitas vezes fez descançar em Frades o pezo dos negocios publicos.

Mais adiante os Frades acompanhão os nossos primeiros

descubridores: são elles os que dirigem as Missões Africanas, e especialmente a de Congo; e os Reis de Portugal por industria dos Frades tem já convertidos á Fé muitos Reis por seus tributarios.

Os Frades, como Santo Antonio de Lisboa, D. Fr. Alvaro Paes, e Fr. Vicente o Pregador insigne, e outros muitos precedêrão a desejada restauração das Letras. Se as humanas tanto medrárão e florecêrão neste Reino, deve-se o melhor dos seus frutos ao Dominicano Fr. André de Resende, ao Jeronymo D. Fr. Braz de Barros, e aos Cruzios D. Damião da Costa e D. Heliodoro de Paiva.

Se os nossos estudos theologicos derão então hum grande brado por toda a Christandade, quem ignora que os Dominicanos Fr. Francisco Foreiro, e Fr. Jeronymo da Azambuja; que os Eremitas Augostinianos D. Fr. Gaspar do Casal, e D. Fr. João Soares; que o Cruzio D. Pedro de Figueiró, e o Jeronymo Fr. Heitor Pinto, e outros muitos Frades, tiverão a maior parte nestes brazões do Reino Portuguez?

Mas que fui eu dizer! Hum Pedreiro, que não conhece o verdadeiro objecto da Theologia, como ha de tomar interesse nos progressos da Rainha das Sciencias? Hum Pedreiro, que tacha de *fanatismo* as diligencias que já tiverem feito ou possão fazer daqui em diante para ser exaltado o Nome de Jesus Christo, já se enjoaria, e não pouco, das Missões de Congo; e por isso não o irritemos com a lembrança das nossas Missões da India, do Japão, da China, e de toda a Costa de Africa, nem lhe desafiemos o seu riso de piedade, mostrando-lhe o *crescido numero de Frades Prégadores e Martyres de Jesus Christo*, e passemos ao exame dos trabalhos que elle mais preza, ou finge estimar.

Os Religiosos de Santa Cruz de Coimbra exercitão, cultivão, e animão por todos os modos a Arte Typografica, que mal pensavão elles em que viria a dar *esse instrumento da propagação das luzes*. Se os Frades Arrabidos, Dominicos, e outros, sabem morrer pelo seu proximo na chamada peste grande de 1569, tambem os que restárão daquelle contagio souberão morrer ao lado d'ElRei D. Sebastião nos campos de Africa, fechando gloriosamente, no meio das proprias desgraças, a época do maior florecimento das Ordens Religiosas deste Reino.

Debalde se quererão oppor os nomes de João de Barros, D. Antonio Pinheiro, e Francisco de Andrade, como verdadeiros Mestres da nossa lingoagem, aos nomes dos Carmelitas D. Fr. Amador Arraes, e Fr. Simão Coelho, do Cisterciense Fr. Bernardo de Brito, do Jeronymo Fr. Heitor Pinto, e do Dominicano Fr. Luiz de Sousa, que já em 1578 era homem feito nas Letras humanas.. Quem não vê deste ligeiro esboço que todas as glorias, excepto a das armas, competem no gráo mais eminente ás Ordens Religiosas!

4.ª

Desde a perda de Africa até ao anno de 1668.

Abrem a scena destes infaustos dias, em que principiou a nossa escravidão, muitos Frades victimas da sua lealdade ao Throno de seus Reis naturaes; e basta-me apontar os nomes do Jeronymo Fr. Heitor Pinto, zelosissimo propugnador dos direitos da Casa de Bragança, do Cisterciense Fr. Chrysostomo da Visitação, imperterrito seguidor da mesma causa, e que á imitação do primeiro acabou seus dias no desterro, e do illustre Dominicano Fr. José Teixeira, que de envolta com outros Religiosos da sua Ordem foi exceptuado da amnistia que o intruso Filippe I concedêra aos partidistas do Senhor D. Antonio Prior do Crato.

Sem tocarmos agora no serviço de se fomentar por todo o Reino, e por todos os modos, a nunca interrompida affeição á Serenissima Casa de Bragança, que maior extremo de lealdade póde haver que o executado pelo Monge de Alcobaça Fr. Antonio Brandão, quando se atreveo a divulgar as Cortes de Lamego, que cortavão pela raiz os suppostos direitos do Rei Castelhano? Se a Monarquia surge debaxo das ruinas em que a sepultára a dominação estrangeira, acodem promptas e fervorosas as Ordens Monasticas, para lhe darem a mão... e as rendas dos Mosteiros se empregão na justa revindicação dos nossos direitos; e quando seja necessario que os Frades acudão aos exercicios de Marte, hum Frade Bernardo os afugentará da Provincia do Minho, e outro Frade Bernardo, pela confissão dos Authores estran-

geiros, deixará em problema se lhe fica melhor o bago, se a espada.

5.°

De 1668 até ao presente.

Durante as épocas de segurança, de paz, de tranquillidade, assim interna como externa, custão mais a apparecer os relevantes serviços das Ordens Religiosas. A occasião do perigo e das calamidades publicas he sempre aquella, em que melhor desenvolvem e manifestão as suas virtudes *patrioticas*. Eu poderia citar neste longo intervallo de mais de hum seculo entre os Cistercienses hum Historiador digno de seguir as pizadas dos Britos, e dos Brandões; entre os Theatinos huma sociedade de Atlantes, que podem com o pezo do Diccionario da Lingoa, e da Historia Genealogica da Casa Real; entre os da Terceira Ordem hum D. Fr. Manoel do Cenaculo, assás louvado quando se nomea, e hum D. Fr. Caetano Brandão, que não he só *Filantropo* na lingoa e na penna, mas que o he nas obras, applicando os rendimentos da sua Mitra a fundações pias de todo o genero, para meninos orfãos, para mulheres do mundo, para velhos doentes e estropeados, e até dando premios a quem sobresahia em certos ramos de agricultura; cheguemos porém á Invasão Franceza, e aqui se decidirá de todo a nossa causa.

Que fizeste, Pedreiro, quando a tua Patria se vio tantas vezes ameaçada, e a final invadida? Mostraste huma alegria indecente e escandalosa, porque erão chegados os nossos Regeneradores; não houve serviço humilde, nem baixeza que de bom grado não praticasses, a fim de teres propicios os vencedores de Marengo, e de Austerlitz...

E que fizerão os Frades? O que tu não terias animo de fazer, ainda que tivesses debaxo de tua chave os thesouros do Grão Mogol... Derão para a guerra quanto podião, e mais que podião; e tal Corporaçao houve, que se empenhou em mais de duzentos mil cruzados para coadjuvar o Estado (Alcobaça), e para não ficarmos regidos pelo Codigo Napoleonico, já muito bem traduzido em lingoagem pelo

sabio Jurisconsulto Moura, que assim veio escarrado no então oraculo das Nações Europeas, o Monitor...

Este punhal, por mais que corte e despedace, nunca se lhe embotão os fios, e ainda vai fazer das suas na

Conclusão.

Contribuir tão poderosa como efficazmente para a fundação da Monarquia Portugueza; não só dirigir, mas executar com as proprias mãos os trabalhos mais pezados da agricultura; promover os estudos neste Reino á custa da propria fazenda; sahir a campo não só com os dinheiros, mas tambem com risco das proprias vidas, todas as vezes que Portugal foi ameaçado de perder a sua gloriosa independencia; oppor hum muro de bronze ás tentativas da heresia e da impiedade, assim no seculo XVI, como nos seculos XVIII e XIX; civilizar nações estranhas, e conseguintemente sujeitallas de bom grado á nossa Monarquia... Taes são os nossos titulos abonados por innumeraveis Escritores, e presenciados por huma infinidade de testemunhas...

Pedreiros, quaes são os vossos? No curto espaço de menos de tres annos, em que vossas mãos tremulas e incapazes de tudo o que he bom, sustentárão o leme dos negocios publicos, foi acima das areias do mar o de vossos delirios e atrocidades... Se continuais hum anno só que fosse... nunca mais seriamos Portuguezes... A vossa infamia e a vossa incapacidade achão-se escritas de maneira indelevel na desmembração do Brazil, no *deficit* enorme das rendas publicas, e no esgotamento da riqueza nacional; e será mais facil metter o mar em huma concha, ou fazer do preto branco, do que mostrar, ainda sofisticamente, que sois ou podeis ser uteis ao Estado.

***

Utilidades Religiosas, e Politicas que provêm actualmente dos Mosteiros.

Ainda torno a fallar comvosco, meus Pedreiros, nem convinha que eu vos deixasse facilmente sem vos ter pago, quanto em mim fosse, a divida immensa em que haveis posto as Ordens Religiosas. Ficão estas para sempre ennobrecidas pelo vosso odio, exaltadas pelo vosso desprezo, cada vez mais seguras pelo vosso furor de extincções, e mais profundamente arraigadas pelos vossos Projectos de Reforma. Póde tanto a infamia de que estais opprimidos á face da geração presente; não se começaria a proposito a demonstração das = Utilidades Religiosas, e Politicas dos Mosteiros = sem que fosse apontado na *cabeceira do rol* por ventura o mais nervoso de quantos argumentos podem trazer-se para o meu sujeito. Somos perseguidos pela *Maçonaria Portugueza*, tem esta jurado abolir os Frades, porque os Frades advogão a causa da Religião Catholica todas as vezes que ella he insultada e combatida, porque os Frades são addidos ao Throno, que os favorece, que os eleva, e a quem devem tudo que são de presente, em fim porque os Frades são contrarios ás suas obras más, tenebrosas e nefandas..... He tanto isto verdade, que mal apparecêrão outra vez os Jesuitas, e o S. Padre Pio VII derogou a Bulla do Papa Clemente XIV andavão taes que parecião furiosos, e o seu trombeta Mr de Pradt (o inimigo dos trabalhos de Mr. Chateaubriand sobre as vantagens, e bellezas do Christianismo) já disse que mal do genero humano se estes Padres tornão a propagar-se; que infelizmente já os vê na Hungria, na Bohemia, nos Estados da Casa de Austria, no Piemonte, na Lombardia, em Napoles; e que para mais penas sentir, já se vão mettendo pela França, e que adeos *idéas liberaes*, que esses *malditos* não deixarão fructificar, nem progredir.... He pois de eterna verdade, que por esse odio figadal dos Pedreiros aos Frades se conclue necessariamente que os Frades são uteis por extremo á causa dos Reis, e á causa da Fé; e ainda que os nossos maiores não tivessem feito huma innumeravel copia de serviços a esta Monarquia, sobejava aquelle odio para nos pôr em toda a luz, como defensores *natos* da Igreja, e da Monarquia. Vamos pois insistindo nas propostas utilidades,

e comecemos pelas que são de maior vulto para quem ainda crè que ha Deos, que ha Ceo, que ha inferno, e que a Religião he o primeiro dever do homem intelligente, e creado para hum fim sobrenatural.

Não se póde encubrir que por influencia das opiniões modernas tem cahido em hum certo *desprezo* a vida Ecclesiastica, e o que ainda he mais de estranhar, nem todos os Clerigos se esmerão por adquirir e conservar os conhecimentos indispensaveis para o Estado Sacerdotal. Ha tal *rapazinho* (e só aqui fica bem este nome) que sendo filho de pobres cavadores de enxada, todo se anoja de lhe fallarem em ser *Padre*; assim como ha Sacerdotes que só de terem lido sem attenção, e meramente por *satisfazer*, alguns principios do Larraga se tem na conta de *sabichões*, que já não carecem de estudar mais nada para o tão arduo como delicado Ministerio do Sacramento da Penitencia. O proprio Voltaire conheceo tanto esta verdade que chegou a dizer que a extincção dos Frades o poria em termos de levar ao fim quanto premeditava sobre a Igreja Catholica, e que nem o Clero Secular, nem os Bispos o assustavão como esses corpos numerosos, que fazião *massissos* impenetraveis para sustentarem a todo o custo a existencia do *fanatismo*.

Recahe pois de necessidade em as Ordens Religiosas a maior parte das confissões, e prégações; e caso as taes Ordens fossem abolidas, se experimentaria logo em todo este Reino a maior falta de soccorros espirituaes, e por certo que huma grande parte dos fiéis chegaria cedo á terrivel e durissima extremidade *de pedir o pão, sem haver quem lho repartisse.* Nem se diga que os Frades não erão expulsos do Reino, e que reduzidos ao Estado Secular podião assistir como d'antes aos fiéis, e ministrar-lhes igualmente os soccorros da vida christã; pois quem discorre desta maneira ou não sabe, ou affecta não saber o tempo que costumão roubar os cuidados ordinarios da vida, e que mui differente cousa he o viver exonerado de procurar o necessario para a subsistencia, a poder entregar-se todo ás obras do Ministerio Sagrado, ou desviver a todos os cuidados, que traz comsigo a subsistencia, que não seria ella tão firme, e segura no reino constitucional, que desobrigasse os Ex-Frades de procurarem outro modo de vida sob pena de morrerem todos á fome.

Deos livre esta Monarquia de experimentar huma carestia absoluta de Frades!! Alguns Povos, que em nossos dias a tem experimentado, como são nomeadamente os Belgas Catholicos, ainda hoje estão gritando por elles, e protestando que os Frades erão todo o seu remedio, e toda a sua consolação; e o mesmo ouviremos ainda hoje lastimar aos velhinhos dos collegios dos Jesuitas neste Reino, se por ventura ainda existem, como he provavel, muitos anciãos daquelle tempo.

Concluida que fosse entre nós a extincção dos Frades, não tardaria muito que hum grande numero de fiéis não perecessem destituidos do conforto dos ultimos sacramentos, e que pelo menos aldêas, e povoações inteiras ficassem ao Domingo sem Missa, e que todo este Reino se fosse aproximando insensivelmente do estado a que os Mações o querião reduzir.

Se estas vantagens puramente religiosas se fossem discutindo miudamente, por certo que não sería huma das menos consideraveis a que merece grandes applausos a hum Liberal (Mr. Mercier = Tableau de Paris), e vem a ser a assistencia dos Frades aos infelices réos desde que se lhes intíma a sentença de morte até subirem ao patibulo; nem ficarião no ultimo lugar os deliciosos frutos, que por esta occasião tem colhido os Frades, e de que a nossa Historia podia subministrar continuos, e assignalados testemunhos. . . . .

Onde são mais pomposas as grandes Festividades do Christianismo, do que nos Mosteiros? Onde se ouve mais frequentemente a palavra do Senhor, que nos Mosteiros? Onde he mais facil receber os Sacramentos da Penitencia, e da Eucharistia, que nos Mosteiros? Onde ha maior copia de oradores Evangelicos não menos distinctos pela sciencia do que por huma vida exemplar, do que nos Mosteiros? Quem semea a palavra de Deos tão felizmente como os virtuosos Missionarios de Varatojo, e as mais filiações deste Sagrado Instituto? Se alguns Santos fundadores quizerão habilitar melhor o Clero Secular para que se empregasse fructuosamente nos mesmos trabalhos, derão-lhe a forma de Religiosos, fazendo-os viver em Mosteiros, observar a vida commum, etc., etc., etc. Por isso nenhuma destas fundações, como por exemplo a dos Missionarios do Instituto de S. Vicente de Paulo, ficaria em pé no meio da quéda geral das Instituições Mo-

nasticas; e tambem por isso a Casa do Espirito Santo em Lisboa, que he de Clerigos Seculares, os quaes se empregão com hum zelo, e caridade acima de todo o elogio, na conversão, e direcção das almas, e que não tem nada com as Instituições Monasticas, assim mesmo por oito ou dez dias se livrou de experimentar o raio da extincção já despedido pelos Mações contra ella.....

Accrescento que não veriamos tão perdida neste Reino, e por certo confiada tantas vezes a sujeitos inhabeis, desacreditados, e viciosissimos, se os nossos *sabichões* conseguissem moderar o espirito filosofico, que lavrando ha cincoenta annos em Portugal influe onde menos se devia crer ou esperar.... mas fique para outra vez esta punhalada, em que se podem dizer bocadinhos de ouro!!!

Entremos pois nas vantagens politicas, e a fim de se evitar quanto couber no possivel o tedio dos Leitores, reparta-se a materia em pequenos artigos....

1.º

Letras humanas.

Direi só huma palavra, sendo-me facil dizer muitas ao caso.... O estudo das Lingoas orientaes no conceito da Europa *sabia* he de absoluta necessidade para quem caprícha de se estremar dos Huttentotes, e Caraibas. Quem soube, e sabe a fundo neste Reino a Lingoa Santa, a Lingoa Hebraica, se não os Frades? Se me vierem á mão com hum dos mais egregios sabedores desta Lingoa em nossos tempos, que era Conego Secular do Evangelista, e morreo Bispo do Funchal, respondo que esse mesmo entra facilmente na regra geral que assignei tratando dos filhos de S. Filippe Neri, e S. Vicente de Paula....

Quem duvida que o conhecimento da Lingoa Arabe he importantissimo nesta Monarquia por amor das nossas relações com as Regencias Barbarescas, em que vai muito a segurança do nosso Commercio, e o recobrarem a sua liberdade muitos dos nossos Compatriotas, que gemem nos ferros, e masmorras de Argel? Quem são os sabedores desta Lingoa? Os Frades da Terceira Ordem, e que por sinal as Cor-

tes Ordinarias tirárão ou furtárão o que lhes pertencia, e elles tinhão ganhado á custa de mil trabalhos e perigos; e notarei de passagem que se a Academia Real das Sciencias de Lisboa attrahio recentemente os louvores da Petropolitana deve-o aos escritos de hum Frade mui perito nesta Lingoa.

2.°

Agricultura.

Dá-se huma volta por todo o Reino, e onde influem, ou dominão Frades, apparece tudo no maior auge de perfeição, e cultura, empregão-se muitos braços, e subsiste muita gente de se aplanarem montanhas escabrosas, e até vive huma infinidade de pedreiros de se construirem grossas paredes, que obstem á furia das correntes, e das inundações. As proprias terras, que pagão quarto e dizimo, longe de serem abandonadas recreão os olhos pela sua formosura, e enchem os celleiros do Lavrador pela sua abundancia. Comparem-se as quintas dos Jesuitas no seu estado actual ao que já forão algum dia, e ficará o ponto da agricultura resolvido de maneira, que não possa admittir mais objecção ou replica.

3.°

Soccorro aos pobres, aos mendigos, aos enfermos, e a toda a casta de infelices....

Ha Ordens Religiosas especialmente destinadas para a redempção dos captivos, e para assistirem aos enfermos, e as *Heroinas* Chrestãs filhas de S. Vicente de Paulo começão de assombrar a Capital do Reino com os prodigios de caridade já vulgares no resto da Europa. Ora neste particular quem será tão cégo, e tão ousado, que negue os quotidianos beneficios que as Ordens Monasticas e Mendicantes fazem de continuo á pobreza? Haja vista ás portarias dos Frades na hora de jantar, e ainda o que se vê, e admira, he o menos.... Haja vista aos remedios que se distribuem gratuitamente das suas boticas para os enfermos necessitados, haja ás avultadas porções de alimento que sahem para muitas pes-

soas honestas e recolhidas; e se podessem vêr-se outras esmolas feitas no espirito do Evangelho, sem a esquerda saber o que faz a direita; esmolas não só das communidades, mas tambem dos particulares; esmolas, que tantas vezes arrancão a pobre donzella das garras da indigencia e do demonio, e livrão a triste viuva de vêr expirando á fome os seus queridos filhos... appareceria huma somma de beneficios capaz de impor silencio aos maldizentes, e aos Pedreiros....

Mosteiro de S. Cruz de Coimbra, eu desafio todas as Casas Seculares, e Episcopaes deste Reino para me apresentarem hum só rival que chegue a hombrear comtigo, e só me daria por vencido quando se podesse mostrar, o que he impossivel, que tu não és como o primeiro delegado da Providencia na Cidade que te conhece te respeita, e que te professa hum amor tão justo como encendido!!

4.°

Sciencias.

Os Frades não sobresahem em todas, porque os não deixão matricular em todas. — Fossem Canonistas, e Legistas, assim como são Theologos, e veriamos... Que progressos não fizerão em a propria Faculdade de Medicina os Frades de S. João de Deos, em quanto lhe não fechárão a porta!! Se lançarmos huma vista de olhos para a Sciencia que menos tolerava admittir Frades no seu gremio (que a dizer a verdade nem Rogerio Boschovich era para a indispor contra os Frades, nem ao seu Creador neste Reino se podia tirar a *nodoa* Jesuitica) veremos que sendo necessario dar-lhe impulso e vida, entrão nella hum Frade Bento, hum Frade Grillo, e hum Frade de S. João de Deos.

Não me foge ao concluir, huma certa objecção que algum dos que presumem de *oculatissimos* poderá fazer-me, e he que injuriei o Clero Secular no que tenho expendido!!! Olhe, meu *tolinho*, meu Pedreiro *disfarçado*, fiz ao Clero onde conheço muitos, e mui virtuosos *Membros*, e onde conheci e tratei de perto hum D. Manoel de Aguiar, a mesma injuria que podia fazer aos Frades, quem ao vêr o estado actual das nossas Missões Americanas se pozesse a gri-

tar. Em fim venha quem vier... só Jesuitas fazião aqui milagres.... tudo aqui mostra e confirma, que Deos Nosso Senhor *roborou a sua Igreja com o subsidio que lhe trouxe o glorioso S. Ignacio.*

Sobre Frades essenciaes ou não essenciaes á Igreja, sobre o não haver Frades na Igreja Primitiva, e sobre a *propriedade nacional* dos bens Fradescos, ainda se fallará conforme a importancia do sujeito, mas importa agora combater mais directamente os Pedreiros Livres.

Conclusão.

O Despotismo he sempre abominavel para mim, que lhe professo aquelle horror, para que a razão e o Evangelho de sobejo me authorizão.

Quer elle me appareça vestido de farrapos constitucionaes, quer de fardas azuis, ou vermelhas ricamente agaloadas, quer de purpura, ha de ser o eterno fito da minha indignação, e do meu desprezo. Nunca hei de fazer tregoas com elle, ainda que me seja necessario mudar de patria.... Por dous instantes, que me restão para viver, confio em Deos que me assistirá com os seus dons para nunca desmentir o meu caracter, e os meus principios. Em França ha Monges de S. Bernardo, e he quanto basta para quem não quer mais nada deste mundo.... Ninguem pois se deve ter por mais authorizado que eu para ser hum éco da pura verdade.

Quando acabarão de crer os Reis da Europa que sobejas vezes tem sido enganados por seus Ministros, infames adeptos do Maçonismo, que tudo he carregar sobre os Frades, arrancar-lhes até os olhos da cara, em quanto elles se tratão á grande, e levantão casas mui opulentas á custa de huma venalidade, que sería indecorosa nos proprios gabinetes de Nero, e Caligula? Que serviços tem para allegar ás suas respectivas nações, que elles fizerão governar por Atheos, e Pedreiros Livres, dando-lhes os empregos mais honrosos e lucrativos, e por ventura assignando a condição *sine qua* de ser Pedreiro Livre para entrar nos Ministerios Ecclesiasticos, e Civis? Homens *grimpas*, e versateis como as suas idéas ambiciosas, que só estas fazem a mola real de todos os seus procedimentos, são de ordinario os primeiros, que, fe-

chando as bolsas quando se trata de acudir ás necessidades da patria, tudo he denunciarem os bens dos Frades, que muito embora pereção de fome, em paga de terem sustentado o pezo da indignação maçonica!!

Não he de presumir que entre nestas *generalidades* o Reino de Portugal, que tem hum Soberano cordial amigo dos seus Povos, e sinceramente apegado ás instituições antigas, e que (eu o affianço aos bons Portuguezes) não ama os Pedreiros Livres, como se irá vendo cada vez melhor pelo decurso dos tempos. Ninguem sabe melhor que elle a que ponto subírão nesta época os sentimentos de lealdade nas Ordens Religiosas.... Quem premêa largamente os que só por breves horas desembainhárão a espada a favor da Monarquia, não terá animo de castigar as Ordens Religiosas, por lhe terem sido extremamente fiéis, e por terem passado tres annos de mortal agonia sempre com o cutello na garganta, e promptas para o exterminio, para a desolação, e para a morte, o que lhes sería mais doce, que o apostatarem da fidelidade ao Throno. As Ordens Religiosas achão-se de todo exhaustas; os povos ou forão exonerados pelas Cortes de pagarem metade, ou para melhor dizer tacitamente o forão de pagarem hum só real que fosse, pois a tanto chegárão os extremos do odio, e da perseguição! (*) Gravallas, e oppri-

(*) Conserva-se huma carta original de hum execravel Deputado ás Cortes, pela qual se conhece, que elle aconselhava, e auxiliava a insurreição dos povos para não pagarem cousa alguma aos Donatarios. Por esta carta, que casualmente eu vi, se podem conjecturar as intenções, e tramas daquelle malvado ajuntamento, que se arrogou o titulo de = Cortes Soberanas = sendo aliàs elle sómente huma mera Deputação, ainda que subornadissima, do povo, que fingírão, e intitulárão soberano, para melhor o illudirem, não conservando porém elle mais que o titulo da soberania, e gozando-o de facto na sua plenitude os seus Deputados. Que illusão e terrivel engano, e traição ao mesmo povo, que pertendião trazer a seu partido!!

Desengane-se pois o povo, e todo o Mundo com elle, que o fim dos Mações, Carvonarios, Communeros, e Radicaes, e outros taes Coirmãos, não he senão derribar todo o Governo, anniquilar a Religião, e enriquecerem-se e

millas de novo será o mesmo que condemnallas a hum ge-

---

enthronizarem-se: e para conseguirem seus depravados intentos, nem se poupão a fadigas, nem se embaração com a legitimidade dos meios, tendo por principio fundamental, que *o fim justifica os meios*, e por isso tem elles sanccionado em seus tenebrosos Clubs, como cousa necessaria, e por isso justa (porque lhes he util) 1.° Que se illuda o povo com o apparatoso, ainda que fantastico, titulo de soberano, e com a promessa de diminuição (momentanea) de direitos territoriaes, e de grandes felicidades futuras, quando elles lhe preparavão os duros ferros da sua escravidão, o horroroso pezo das contribuições, e o flagello da sua pobreza: eis-aqui as felicidades, que o esperavão. 2.° Que se acabe com todos os Soberanos, ou antes com todos os Governos, conservando-se comtudo hum como fantasma delles, em quanto lhes convier, para melhor estabelecerem o seu imperio universal. 3.° E principalmente que se destrua, e anniquile a Religião, que os reprehende e castiga, e liga a todo o homem com os vinculos internos da Fé, Esperança, e Caridade.

Para o poderem conseguir desacreditavão, injuriavão, e calumniavão os Ministros do Altar, imputando-lhes os crimes e delictos mais atrozes. Assim o fizerão na França, na Italia, na Hespanha e em Napoles, e em fim na minha desgraçada Patria. Sirva-me de prova a Informação abaixo escripta de hum Ministro sabio, honrado, incorrupto e virtuoso, (o Corregedor de Lamego Joaquim Manoel de Faria Salazar) sobre a estrondosa accusação dos Religiosos de Maceira-Dão. Esta informação pelas circunstancias do tempo, em que foi feita, e depois dos illegaes e precipitados procedimentos do exterminio dos Padres, sem os ouvir, nem convencer, dá tanto a conhecer a inteireza e firmeza de caracter deste Ministro 3.° informante, quanto patentea a ignorancia, má fé e perversidade do outro Ministro 1.° informante, e juntamente accusador dos Padres e agente da facção, (o Corregedor de Vizeu João Cardoso da Cunha Araujo e Castro) bem como da Commissão das Cortes, e do Secretario exterminador. E deixando agora de mencionar outros muitos bem sabidos aleives, v. g. a prizão de muitos Frades innocentes em horrorosos carceres, as falsificadas certidões de Missas, as armas e exercicios militares dentro dos con-

nero de morte por ventura mais consumidor e mais tyran-

---

ventos, os avultados dinheiros mandados para Trás-os-montes, etc. etc., volto ao fio do principiado discurso.

Item, para o conseguirem perseguem de morte os ditos Sagrados Ministros, maximè os Regulares, (na conformidade da carta de Frederico II a Voltaire: *deve começar-se por destruir os Frades, que são os que mais fomentão o fanatismo* (a Religião) *no coração dos Povos*...) prendendo, desterrando e assassinando huns, e reduzindo outros a nimia pobreza; ora vociferando que seus bens são da Nação (como que se os direitos, por que elles os adquirírão não fossem tão justos e legaes, como os dos mais cidadãos) ora decretando a sua ruinosa reforma (extincção) por serem, dizem, inuteis, e prejudiciaes á sociedade (dos Pedreiros livres sim) quando os Frades ensinárão e augmentárão a agricultura, as artes e as sciencias, cathequizárão e civilizárão os povos, propagárão e mantiverão a Religião, e mitigando a ferocidade de huns, contém outros na devida sujeição ás Leis.

Item, decretão ao mesmo tempo (para se segurarem com todas as amarras) em Portugal, que as Corporações paguem huma 2.ª decima para amortização da divida publica, e já tinhão determinado mais huma 3.ª decima nas segundas Cortes.... Permitta-se-me agora aqui huma reflexão, e com ella acabarei esta afflictiva recordação de males.

As Congregações Religiosas, que desde 1797 pagão a decima e quinto, que convencionárão, que desde 1801 lhes foi accrescentada, sendo assim obrigadas a pagar muito mais que a decima: que no tempo do intruso Governo Francez pagárão pelo menos hum terço da contribuição do resgate das propriedades, e supportárão as perseguições e os roubos daquella tropa, e os estragos da invasão de 1810, além das despezas na passagem das tropas restauradoras antes e depois do dito anno: que pela Portaria de 7 de Junho de 1809 forão collectadas em 3 decimas, além da que já pagavão, e no terço de seus rendimentos pelas Portarias de 2 de Agosto de 1810, e de 10 de Abril de 1811, que se effectuárão até o S. João de 1815: que em virtude destas decimas, e contribuições, lançadas com hum rigor extraordinario, e não com aquella moderação, que se pratíca com os Seculares, se

no, do que esse que ameaçava infligir-nos o Systema Consti-

---

achão atrazadas e muito empenhadas com a Fazenda Real, não podendo satisfazer a encargos tão horrorosos, apezar de se terem reduzido a huma estricta economia: as Corporações em fim, que tem perdido a maior parte de seus rendimentos, pelas alterações, que tem havido sobre Bannaes e Foraes, chegando até nem se lhes pagar em muitas partes os dizimos e foros, hão de ser, digo, obrigadas a pagar huma segunda decima, e até ameaçadas com 3.ª!!!

Isto só o podia decretar hum ajuntamento de homens, que tivesse por instituto anniquilar estas Corporações; porque não se póde descobrir em tal decreto razão alguma de direito, de justiça, ou de proporção: de direito, porque não pedírão, ou não obtiverão Bullas, e o Concilio Tridentino no §. 25 de Refor. cap. 11 lhes tira todo o poder nos bens Ecclesiasticos, et in super, clara, e expressamente anathematiza toda e qualquer pessoa, que usurpa os bens Ecclesiasticos, ou para isso aconselha ou concorre, como igualmente os mesmos Ecclesiasticos, que nisso consentem, ou não empregão todas as suas forças para a sua manutenção. Quem acreditar o poder da Igreja, não póde duvidar disto. De justiça, porque esta segunda decima he applicada para o pagamento da divida publica, e não sendo ella contrahida, nem augmentada por causa das Corporações, não deve recahir sobre ellas este onus, e muito mais quando estão tão atenuadas: se he necessario pagar-se esta divida, pague-a todo o Reino. De proporção, porque as Congregações já pagavão huma decima muito rigorosa, e os Seculares huma moderada, porque estes não forão tão opprimidos com as contribuições de 1808 a 1815, nem tem agora perdido tanto como ellas por occasião do determinado sobre direitos Bannaes e sobre Foraes, antes tem alguns delles utilizado com grave detrimento dellas.

Que se seguiria pois destes decretos tão impios, como destruidores? o que se pertendia: e vem ser a indigencia, a fome e a miseria das Corporações, e por consequencia o seu desprezo e abatimento, e a sua morte civil e natural. Mas a Providencia, que tudo dirige, permittio que acabasse o governo desta raça de viboras, antes que pozesse de todo em pratica os seus damnados projectos, e que fosse restituido aos seus Direitos Magestaticos o nosso amado, e religiosis-

tucional; e allivialIas será dar hum devido premio por sua

---

simo Monarcha o Senhor D. João VI, que desfará n'hum momento tão nefandas determinações.

Informação do sobredito Corregedor de Lamego Joaquim Manoel de Faria Salazar, sobre a accusação de Maceira Dão.

Senhor = Manda-me V. Magestade informar, com o meu parecer, sobre o requerimento e papeis juntos do D. Abbade Geral da Congregação de S. Bernardo, e sobre a resposta e documentos com que o Dr. Corregedor da comarca de Vizeu instruio sua defeza a respeito da denuncia dada pelo Juiz da Vintena de Fragozella contra os Religiosos do Convento de Maceira-Dão, a qual o dito Ministro affirmou ser verdadeira, e estar plenamente provada tanto no Augusto Congresso Nacional, como na Real Presença de V. Magestade; devendo por isto ser punidos todos os Padres daquelle Convento com castigo exemplar.

Vendo eu, Senhor, e examinando attentamente a affectação e frase estudada das testemunhas do summario junto, a inverosimilhança e animosidade de seus ditos, e ao mesmo tempo a incuria e illegalidade com que forão inquiridas sobre tantos factos criminosos e estupendos, que imputárão aos ditos Padres, não se perguntando a nenhuma dellas a razão de seus ditos, que he a alma de todo o juramento, nem o que recommenda a Ord. Liv. 1 T. 86 §. 1 debaixo de graves penas; dando-se todo o valor de prova plena e perfeita ao que ellas referião pelo ouvir, por ser constante, por ser publico, e por ser notorio, que he o mesmo que nada dizer nem provar; vendo que parecião marchar de accordo, e fallar pela mesma boca (como V. Magestade melhor observará) tanto aquelle denunciante, que não sabe ler nem escrever, e por isso assignou de cruz, como as testemunhas do summario, que elle nomeou e ageitou, e o Dr. Corregedor, que copiando em sua representação o requerimento do denunciante, e o dito, tal e qual, da segunda testemunha do summario, inimigo capital dos Padres, por ter sido executado por elles, ainda o exaggerou e encareceo mais, sem entrar no amago e na substancia das cousas, para esclarecer a verdade, pela qual só devia trabalhar, cegando-

fidelidade á Religião e ao Throno, e pelas injurias e per-

---

se e precipitando-se tanto, que deo por provados todos esses diversos crimes, sem que o fossem, nem constasse da sua existencia por meio de exames e corpos de delicto, a que devia proceder primeiro que tudo, como bases de todo o procedimento criminal, e sem as quaes o mesmo he nullo na fórma de Direito; deixando até de dar-se o juramento áquelle denunciante, que o era de casos que lhe não tocavão, e cuja omissão faz nulla a mesma denuncia, na fórma das Ord. Liv. 5 Tit. 117 §. 6 Tit. 2 §. 5 Tit. 118 §. 2, e do Cap. 44 do Regimento dos Portos seccos, resultando, apezar de todas estas faltas essenciaes, ser tida por verdadeira a representação do dito Ministro, e produzir logo o lamentavel effeito de serem desacreditados e punidos á face da Nação inteira todos os Religiosos do dito Convento, e mesmo os innocentes reconhecidos e declarados depois taes por elle mesmo na sua segunda representação, que se lê impressa no Diario do Governo n.º 186, o qual vai junto; vendo a mentira com que este denunciante diz, e o Corregedor confirma, que os Padres só tinhão o direito da pesca em metade do alveo do rio, quando o contrario se prova da Certidão junta da sua Doação; e que elles ordenavão a seus criados que matassem a todos os individuos que encontrassem caçando ou pescando, não nomeando criados alguns, nem individuo morto pelos mesmos; que o Padre Fr. João de Moraes, com quem foi a briga dos Arestas, vinha com facas de ponta no dia 6 de Julho, sendo impossivel não usar dellas, como não usou, para offender ou se defender dos ferimentos e pizaduras que lhe fizerão, e constão do exame junto, pois que os peritos declarárão nos exames fol. 3 e 4 v. serem todos feitos com instrumento contudente; vendo o dolo com que este denunciante ajuntou ao requerimento de sua denuncia os autos de Exames, e Corpos de Delicto de ferimentos, que não forão feitos pelos Padres, e dos quaes os feridos se não queixavão, como se vê a f. 6 e 7 v. para com esta accumulação de crimes illudir melhor a V. Magestade, fazendo os Padres authores de quantos delictos alli se perpetravão, ainda que elles os não praticassem; vendo a malicia, e arte com que o mesmo denunciante, para desculpar o crime dos ferimentos feitos pelos Arestas áquelle Religioso, inventou a fabula de se agarrar este ás partes genitaes

seguições, que resignadamente soffrêrão: daqui resultaria hu-

---

do filho, que diz andava pescando no rio nú, e de cahirem assim ambos pelos despenhadeiros daquelles sitios, nos quaes foi ferido, e pizado o dito Padre (o que he repugnante, e manifestamente falso, não só porque no exame judicial que se fez a f. nada appareceo nessas partes, nem elle se queixou de cousa alguma nellas; como, porque se elle estava no rio nú, aonde andava pescando, e ahi foi agarrado, não podia estar nú nos despenhadeiros das suas margens, nem era natural que podesse trepar para elles depois de agarrado no rio por taes partes, e com facas de ponta em mãos encarniçadas, como diz o denunciante, estando o pai, e o filho nús, e desarmados; vendo a inverosimilhança, ou para melhor dizer, a maldade com que o denunciante diz em seu requerimento que os Padres publicão, sem declarar a quem, aonde e em que tempo, que o Soberano Congresso lhes não póde abolir a sua coutada, quando da attestação jurada do Paroco de Muimenta, que vai junta, se prova que o D. Abbade prégava aos povos o contrario, louvando as Cortes por este sabio decreto; vendo em fim que este denunciante pedia ao Dr. Corregedor que levasse ao conhecimento do Soberano Congresso o seu requerimento, e que este, saltando por cima dos meios ordinarios estabelecidos para descobrimento e castigo de todos os delictos, e que fazem cessar sempre os extraordinarios, assim o tinha feito, e aggravado tudo ainda mais por hum modo inaudito e inacreditavel, causando aos Representantes da Nação hum tão grande desgosto, e ao Paternal Coração de V. Magestade a dolorosa necessidade de punir os delictos daquelles Religiosos, que julgou provados pelo summario, e pela affirmativa daquelle Ministro; assentei logo, Senhor, que o requerimento deste denunciante era filho de grande intriga, calumniosa e perversa, cuja origem e molas encobertas tratei de descobrir; julgando de absoluta necessidade reperguntar as testemunhas do summario para lhes fazer dar a razão de seus ditos, que se lhes não perguntou, o tempo e lugar em que tinhão visto ou ouvido que praticassem os Padres aquelles crimes, e as circumstancias todas que os acompanhárão, a fim de fazer apparecer a verdade em toda a sua luz, removendo as sombras com que a malignidade affectada, e disfarçada com os visos de justiça, parecia querer encobrilla a V. Magestade.

ma grande utilidade publica, e hum grande augmento á de-

E com effeito, Senhor, cheguei a alcançar que este denunciante foi calumnioso, e que só obrou por espirito de vingança contra os ditos Padres, pois tendo sido penhorado e executado pelos mesmos, como se prova dos autos juntos, que fiz trasladar, lhes maquinou em desforra esta denuncia de acordo com os de Fragozella, para os perseguir e vexar, como inimigo capital que he delles; sendo por isto prohibido de denunciar na fórma das Ord. Liv. 3. tit. 56. §. 7., e Liv. 5. tit. 117. §. 2., que põem a pena de nullidade a toda a querélla, ou denuncia só por este principio: E foi tal a malicia do denunciante, que para prova de sua denuncia nomeou a 1.ª testemunha do Summario Antonio Luiz, que disse ser trabalhador, occultando que era quadrilheiro do denunciante, e tão pouco acreditavel no que disser, como jura a testemunha Manoel Viegas, Cura que foi de Fragozella; nomeando tambem a 2.ª testemunha do Summario Antonio Lopes de Almeida, inimigo capital dos Padres, por ter sido penhorado e executado por elles este anno passado, segundo se prova dos autos juntos; sendo taes as outras testemunhas que se inquirírão no Summario, que manifestamente jurárão falso; como foi a testemunha Antonio Lopes de Jesus, que se contradisse, e fallou por differente lingoagem na devassa, que envio, no Summario, e na repergunta, que lhe fiz; sendo a verdade a que declarárão as testemunhas da devassa, que tirou o Dr. Juiz de Fóra de Mangoalde em virtude da Precatoria do Juiz de Fóra de Vizeu; as quaes testemunhas jurando que Fr. João de Moraes levava na mão huma tarrafa ou rede para pescar peixe, e que hia na companhia de dois meninos, hum de oito, outro de quatorze annos, demonstrão o animo pacifico com que este Padre hia divertir-se, e convencem de mentirosas e perjuras as testemunhas de Fragozella; principalmente o dito Antonio Lopes de Jesus, que jurou que este Padre levava facas, espingarda, e que dera com hum páo, não usando com tudo daquellas armas em defeza da propria vida, porque de certo as não levava.

Nomeou tambem o denunciante a testemunha 5.ª José de Almeida, que tendo jurado de vista no Summario a fol. 15, jurou de ouvida quando a reperguntei; não provando nada as mais testemunhas daquelle Summario, algumas das

fecada agricultura, que assim como tem encontrado nos claus-

---

quaes disserão na minha repergunta não terem dito nem jurado o que se achava escripto no Summario, como he a testemunha Manoel Ferreira, Barbeiro, Antonio Luiz, e Antonio Lopes de Jesus. Quando o dito destas testemunhas seja acreditavel, V. Magestade lhe dará com a sua alta penetração e sabedoria a gravidade que elle merece, e formará exacto juizo do espirito que animou e regulou todo este procedimento, que eu por decóro me callo neste ponto.

O facto, que por hum concurso de circumstancias as mais extraordinarias deo em toda a Nação hum brado tão clamoroso, foi huma simples briga entre Fr. João de Moraes, e hum rapaz de quatorze annos, que o acompanhava, como se prova da certidão junta, e João Antonio Aresta, e seu filho Bernardo de Fragozella; mas qual fosse o aggressor ou o aggredido, qual o culpado ou o innocente nesta briga, não consta até ao presente, ainda que eu me persuado firmemente que forão os taes Arestas os culpados; porque se estes sempre, e mesmo quando os Padres erão sós Senhores daquelle rio, dentro do seu couto lhes disputárão a pesca de peixe (que tem por agencia, como diz o denunciante), chegando a usar de espingarda, e a apontalla contra os criados do Convento, a fim de pescarem á força no rio, então dos Padres, pelo que forão condemnados, segundo se prova do processo que envio, e a insultar e correr a páo os Padres do mesmo Convento Fr. José Barbosa, e Fr. Antonio de Albuquerque, como jurão as testemunhas da justificação junta, muito maiores arrojos, e atrevimentos praticarião agora com o dito Padre depois de extincto á estes Religiosos o direito exclusivo da pesca naquelle rio.

O certo he, Senhor, que o Dr. Corregedor culpou em sua pronuncia, além destes, outros Padres que não figurárão nesta briga, nem commettêrão delicto algum provado, e ao dito Fr. João de Moraes, e ao rapaz que o acompanhava, e absolveo aos Arestas do crime, dando-lhes provimento no aggravo, como consta dos autos juntos, tomando por fundamento o dito da testemunha falsa Antonio Lopes de Jesus, e o dito da outra, José Marques de Almeida, que nada prova para o fim do dito Ministro, nem disse que o Padre fosse o aggressor, sendo por tanto esta sentença em graça dos taes Arestas por aquelle futil fundamento, e em

tros o seu maior progresso, acharia tambem agora nelles o

---

odio deste Religioso, a quem os ditos Arestas podião assim matar impunemente, e com applauso do mesmo Corregedor.

He verdade que a Ord. Liv. 5. tit. 35 permitte até o matar sem pena alguma em necessaria defeza, mas as testemunhas nada dizem sobre esta necessidade, nem consta se elles excedêrão ou não a temperança que devêrão, e poderão ter, para segundo o seu excesso ou moderação serem punidos ou absolutos; sendo portanto inconsiderada aquella sentença, assim como tudo o mais deste processo.

O meu parecer, Senhor, he que esta Denuncia e Summario foi hum procedimento illegal, injusto, e escandaloso, no qual o Dr. Corregedor, em vez de se revestir de toda a prudencia, e do sangue frio da Lei, para obrar sem paixão, que he sempre inimiga do acerto, se fez parte, e apoio da malicia do denunciante, e dos individuos de Fragozella, que julgárão opportunas as circumstancias do tempo, para com taes intrigas (em que forão muito auxiliados) cevarem suas vinganças contra estes Religiosos, em cuja perda e ruina muito interessavão, ou julgavão interessar, para se livrarem de pagar-lhes os foros que devem aos mesmos, e pelos quaes muitas vezes tem sido executados; devendo julgar-se tudo nullo, não só pelas razões expostas, mas principalmente pela falta de Corpo de Delicto, sendo estranhada a este Ministro a leveza e inconsideração com que fallou no Augusto Congresso Nacional, e na Real Presença de V. Magestade, pela boca dos inimigos capitaes dos Padres, contra os mesmos Padres, e affirmando falsamente que todos aquelles delictos estavão plenamente provados, quando assim não era; deixando V. Magestade aos mesmos Padres o direito salvo para a satisfação das suas injurias, e das perdas e damnos que soffrêrão, contra o denunciante, contra o Corregedor, e contra as duas testemunhas Antonio Lopes de Jesus, e José de Almeida, 4.ª e 5.ª do Summario; pois que assim o requer a justiça e a Lei, e a reputação de tantos Religiosos punidos e infamados, que depois forão declarados innocentes pela propria boca, e confissão deste mesmo Ministro, seu maior accusador.

A verdade, Senhor, não tem mysterios, nem enigmas, e a que alcancei cuidadoso he esta, clara e pura: a ella só, e não a contemplações algumas humanas, sacrificarei eu

seu restabelecimento; aliàs virá a sentir em muitas Provin-

---

sempre tudo com o mais firme valor sobre o Altar da justiça: Lamego 4 de Fevereiro de 1822. — O Corregedor de Lamego Joaquim Manoel de Faria Salazar.

Tendo informado a Vossa Magestade sobre o negocio dos Padres de Maceira Dão com aquella honra e verdade que he propria do meu caracter, recebi pelo Correio a carta inclusa do Dr. Juiz de Fóra de Vizeu, na qual me participa que as testemunhas do Summario, que eu reperguntei, pedírão ao Dr. Corregedor da mesma Cidade que lhes mandasse tomar termo de reclamação dos juramentos que derão perante mim, allegando mentiras e falsidades, para dellas tirarem partido favoravel aos seus dolosos fins; fazerem suspeitosa a minha imparcialidade, e apoiarem aquelle Ministro no procedimento que intentou contra os ditos Padres; porém o mesmo Summario, que foi por mim cotado, e o mais que consta dos autos, he bastante para refutar o conloio e a maldade destas testemunhas, que em Mangoalde, onde as inquirí, andavão publicamente de sociedade e companhia com o denunciante; e que vindo depois de inquiridas participar ao Dr. Corregedor o aperto e tortura em que as mettì com as minhas perguntas e instancias, para lhes fazer dar a razão de seus ditos, assentárão, que para triunfarem todos lhes convinha arguir e queixar-se de minha inteireza, que lhes não fazia conta, encaminhando-se sómente ao descobrimento da verdade; mas V. Magestade, a cuja penetração nada he occulto, dará a estas pueris maquinações e malicias (que só servem de confirmar o que indiquei na minha informação) o valor que merecem, e fará ao meu caracter a justiça que lhe he devida, e de que nenhum homem honrado jámais duvidou. Lamego 6 de Fevereiro de 1822. — O Corregedor de Lamego Joaquim Manoel de Faria Salazar.

Resultado da Consulta do Desembargo do Paço depois desta Informação.

Certidão. Nesta Secretaria da Meza do Desembargo do Paço, e Repartição dos negocios da provincia da Beira, se acha huma Consulta, que se fez a S. Magestade a requerimento do D. Abbade Geral da Congregação de S. Bernardo, em que se queixa das falsas arguições, feitas pelo Corregedor da Comarca de Vizeu João Cardoso da Cunha Araujo e Castro con-

cias as convulsões de hum moribundo, com notavel prejuizo do Reino: o que será hum tremendo golpe sobre o mais interessante ramo da opulencia nacional

---

tra os Religiosos de Maceira Dão indistinctamente, representando-os como oppressores dos povos, como manifestamente oppostos e repugnantes aos Decretos das Cortes, e finalmente como publica e escandalosamente immoraes e relaxados: em consequencia do que S. Magestade em Portaria de 20 de Julho do anno proximo passado de 1821 ordenou que se fizesse dispersar aquelles Religiosos, pondo a casa em administração, ao que se satisfez; succedendo depois dar o Corregedor nova conta a S. Magestade, por ver o povo daquelle districto a favor dos Padres, o que se declarou no Diario do Governo, que os Religiosos culpados havião sido sómente quatro, confessando que o D. Abbade era bom Religioso, e homem de probidade; mas fora ainda com visivel malicia que elle figurou serem sómente tres innocentes, e quatro culpados, quando constando a communidade de onze Religiosos, ficando ainda sete reconhecidos sem culpa: pedindo o supplicante se mandasse restituir ao Mosteiro aquelles sete Religiosos; como tambem estranhar ao Corregedor a sua precipitação, e fazer effectiva a responsabilidade com que elle se achava para com os ditos Religiosos innocentes sobre o dito requerimento e resposta dada pelo Corregedor, procedêra informação do Corregedor de Lamego: em vista de todos os papeis, em que respondeo o Desembargador Procurador da Coroa e Soberania Nacional, e se fez a dita Consulta a S. Magestade, que foi servido, por sua Real Resolução de 11 de Junho proximo do corrente anno, declarar que os Padres pronunciados devião proseguir o seu livramento competentemente; porque o processo criminal começado só podia terminar legitimamente por sentença definitiva, proferida com pleno conhecimento de causa, e não por meios de averiguações extraordinarias; porque só no julgado devião esperar o desaggravo de qualquer injustiça que entender se lhe tenha feito. E para constar o referido se passou a presente Certidão. Lisboa 20 de Julho de 1822 annos — *Pedro Norberto de Sousa Padilha e Seixas.*

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 11.

AS DUAS SOBERANIAS.

Não trato agora da Soberania dos Reis. Já disse e torno a dizer que esta he inconcussa, indestructivel, e que a antiguidade em pezo se declarou a favor do Governo de *hum só*... O Principe dos Poetas ha pouco menos de trinta seculos sanccionava os direitos da Soberania dos Reis, e condemnava os governos *Representativos* ou Constitucionaes, pondo na boca do mais judicioso e experimentado dos Heroes Gregos aquella memoravel sentença... » Não he bom o *governo de muitos, hum só he que deve governar.* » (Illiad. liv. 2.°) Conheço que este dito amargará aos nossos mais famosos Publicistas; mas tenhão paciencia, que ainda agora he agora... Vai-se acabando o tempo dos risinhos sardoni-

cos, fieis substitutos da sabedoria moderna, e vão cahindo de maduros esses decantados axiomas em que já não era licito argumentar... Cedo nos veremos em cousa que lhes será pezadissima, e já declaro que hei de rir-me dessa enfiada de nomes *magicos* de Eybels Gmeiners, Filangieres, e outros oraculos... Razões e mais razões... Fontes genuinas e mais fontes genuinas... Nada de Canones viciados, e mal entendidos, nada de authoridades truncadas ou interpoladas... Tem de passar bem má vida comigo, que antes quizera ser escravo em Argel, do que ser bem reputado pelos nossos *Sabichoens*, que antes quero que me chamem *esturrado e fanatico*, do que me appellidem tolerante, comedido, e que sei viver... Tomára eu saber morrer pela Fé, e confirmar-me todos os dias na santa loucura, de que blazonava o grande Apostolo S. Paulo (*Nos stulti propter Christum*).

Quiz preparar certos *bichaços*, para que instruidos sufficientemente de qual he o meu animo, ou rasguem, ou deitem ao fogo este maldito papel, e não estraguem na sua leitura os preciosos momentos que se devem gastar com os Paynes, Constants, e Pradts, e mais Irmãos da Confraria Liberal.

Duas Soberanias tem havido na Europa desde a queda do Imperio Romano até aos nossos dias, e a qual dellas mais conspicua e estrondosa. A Soberania dos Papas, que se ingerião nas temporalidades dos Reis, que punhão e depunhão os Soberanos, que absolvião os Povos do juramento de fidelidade (*), e commettião outras desordens, que se acreditarmos o *Grão Fleury*, e o *Grão Racine*, por bem pouco não puzerão á dependura a civilização, as artes, e a felicidade da Europa.

A *Soberania do Povo* he a segunda, que levantada sobre as ruinas da primeira, logo por entrada arrancou á obediencia do Pai commum dos Fieis Provincias e Reinos

---

(*) Cá em nossos dias fez o mesmo hum certo Jam, ou Manoel Fernandes, e ninguem lhe contestou esse direito, que só he odioso nos Papas!!

inteiros, esmigalhou Sceptros e Coroas, proclamou solemnemente que os Reis erão seus verdadeiros subditos, e no seculo 18, em que mais se despregárão as suas furias, não tem ás costas menos de quatro a cinco mil homens de victimas, ainda sem computarmos o effeito dos golpes descarregados sobre a geração futura . . .

Esta he hoje a formosa, a deleitavel, a unica soberania de que importa dizer bem, carregando-se de aleives a sua por ventura mais desgraçada que criminosa antecessora . . . Ora pois nem tanto soffrer, que a paciencia tambem cança.

Entrárão por ventura os Summos Pontifices no exercicio daquella soberania por chamamento da Escritura, da Tradição, ou por Decreto de algum Concilio Geral? Não . . . . e assim respondo, porque a verdade he o meu unico norte. Mas donde lhes veio tão estranha authoridade, que por certo não exercitárão os Pontifices do primeiro seculo? Responda em meu lugar hum *Sabichão*, hum Filosofo de mão cheia, hum Robinet, que no seu Diccionario Diplomatico (V. Pape) affirma sem rebuço que os Reis e os povos derão essa authoridade aos Successores de S. Pedro, e que elles como interessados nella, jámais deverão ser arguidos de a terem exercitado . . . Bem . . . Já temos a favor dos Papas huma authoridade classica . . . E as Cruzadas, e os Reis depostos? Sim, Senhor, já lá vamos. As Cruzadas livrárão a Europa de ser inundada pelo Turbante Mossulmano, e de experimentar a sorte da Africa, e da Asia Christã; e não he nada o ultimo golpe descarregado sobre as vistas ambiciosas do Imperio de meia Lua, nas ágoas de Lepanto, he devido a hum Papa, e até o Protestante Bacon estranhava que ainda não estivesse canonizado este Pontifice amigo dos homens. Não me esquecem os Reis depostos . . . No meio do que antiga e modernamente se ha discutido sobre esta materia pouco me importa o que dizem os Lutheros, os Calvinos, os Buchanans, os Miltons, e os proprios Marianas; e cortando o nó gordio das incertezas do famoso Grocio, enunciarei mui clara e despejadamente o meu sentir . . . *A nossa Divina Religião manda soffrer os proprios tirannos, e jámais consentirá ella que seus Filhos attentem contra os Ungidos do Senhor* . . . Entretanto he o summo grão da incoherencia, e da sandice que os Pedreiros censurem nesta parte a sobe-

rania dos Papas... quantas guerras civis e assoladoras se poupárão no genero humano por via desta jurisdicção pacifica, e bemfazeja!.. Erão por ventura dignos de reinar certos homens que acinte flagellavão, e destruião os seus povos? E se esses povos se acolhião ao sagrado do Throno Pontificio, entregando a huma só palavra o que sem este meio terião conseguido á força de armas, serião por isso mais reprehensiveis que os Regicidas de Carlos I de Inglaterra, e Luiz XVI de França? Que raio serião mais temiveis e estragadores; os do Vaticano que ferião muitas vezes huma só cabeça, ou os da Assembléa Nacional, os da Convenção, os do Directorio Executivo, e os de Napoleão, que em breves horas deixavão hum campo alastrado de mortos, e moribundos, que por bem pouco não reduzírão a Europa a hum deserto, que ao menos era possivel fazer-se de Lisboa até Moscou, huma calçada dos ossos das suas victimas.

Creio que muitos dos meus leitores (tanto podem os prejuizos de educação litteraria!!) se tem maravilhado destas asserções hoje triviaes por toda a Europa, e seguidas por AA. Catholicos, e Protestantes. Ha quem defenda que a soberania temporal dos Summos Pontifices, qual foi exercitada nos seculos onze, doze, treze, etc. etc. foi hum grande beneficio para o genero humano, e que a Europa deve a esta Soberania tão odiada pelos Filosofos, e Pedreiros toda a sua civilização e grandeza. Imprimio-se a obra em 1816, e ainda não houve quem lhe respondesse..., nem he facil, pois os sabios da moda correm, correm, debicão, deflorão, e nada mais. Logo que appareça algum que estude, examine, e peze os fundamentos, de qualquer ordem que elles sejão, póde estar certo de que ninguem lhe sahe ao caminho, nem lhes fará abandonar o campo....

Ora que fação outro tanto á soberania do povo, e que se mettão a demostrar que foi hum grande beneficio para o genero humano... Ah! Não tenhão medo que tal aconteça, ainda que dos *Chorões* de Ermonville resurgisse o demonstrador de paradoxos, o coroado pela Academia de Dijon, o Grão Rousseau!!

Não me faltava que dizer ao proposito das soberanias ... mas fica o melhor no tinteiro, porque ainda he cedo ... e os ares ainda me não apresentão aquella serenidade,

que virá com o tempo, e com os nunca assás louvados esforços da Santa Alliança...

Que nome foi agora escorregar-me da penna!! Ahi dá hum *fanico* em algum dos meus leitores... pois toca a fazellos tornar a si, e divirtillos... que nem sempre hão de tratar-se questões de polpa...

O Hirco Cervo.

Appareceo, appareceo... Já o vemos, já o possuimos, e não obstante o passar até agora como impossivel na ordem da natureza, só elle não appareceria no seculo XIX, seculo das cousas raras, estupendas, e maravilhosas!! Muito perdêrão os Buffons, os Linêos, os Lacepedes, e outros que não chegárão a vêr o que eu vejo, e o que eu admiro.

Metade do Corpo das taes animalias he de Veado, e a outra he de Bode ou Cabrão... Oh que linda mistura de feições, de gestos, e de movimentos!! Não me farto de os vêr, de os analysar, e dar vivas ao meu seculo, que os gerou e produzio! Não he hum só que appareceo, de modo que seja necessario andar á mostra pelo Reino... ha muitos nas cidades principaes, já os ha nas villas, e o que he mais, já penetrão nas aldeias e chossas dos pastores! Sendo tanta a bicharia, talvez pareça á primeira vista que perdêrão o ser de monstros, e devem fazer huma nova especie... Nova especie... Fóra... isso não, que teriamos em campo os Senhores Materiaes ou Materialistas a gritarem que estes bicharocos forão gerados pelo simples esforço da materia... Não Senhor, não he nova especie. São muitos, e são *monstros.* Posso affirmar com toda a segurança, que he huma *raça hybrida*, e que dentro em seis annos já não haverá nem fumos de Hirco Cervo em Portugal. Continuemos todavia a sua descripção, que he importante e divertida.

São de varias cores e tamanhos, huns azues, outros negros, outros brancos, outros pardos, huns apessoados, e de figura gigantesca, outros da marca de Judas, e quasi pigmèos... Sendo o seu natural viverem nas cavernas onde estiverão por muito tempo sem haver quem désse fé de taes *brutalidades.* Sahírão ha pouco das suas vivendas, e fizerão-se mais conhecidos do que se fossem *gatos pardos*... Fazem

liga com os Leões, Tigres, Leopardos, e Onças, e não lhes péza o pé huma *onça* quando se trata de servirem aquelles *bichaços*, e de lhes facilitarem a preza de animaes pequenos, mansos, e innocentes... Por isso mesmo que degenerárão das especies primitivas, dão-lhes continuas mostras de odio figadal, desejão trincar-lhes o proprio coração, e lhes fazem quanto mal podem, ora mordendo, ora *escoucinhando*, e até desalojando-as de suas pacificas moradas. Se a bem ordenada républica dos industriosos Castores he a admiração dos Naturalistas a ponto de lhes estudarem todos os seus passos, trabalhos, e edificios, quanta lhes deverá excitar a sociedade dos *Hirco Cervos*, que sobresahem até nos officios mecanicos, e especialmente de *pedreiro*?

He de ver e de pasmar a summa agilidade com que menеão a *trolha e a colher*, *mexem e remexem a cal*, e *sabem destruir para melhor edificarem.*

Se algum dos meus leitores por mais esperto e agudo tiver percebido que o Hirco Cervo he o Frade Constitucional, por isso não teremos grande bulha, a pezar de que o assumpto foi agora tocado bem pela rama... Atrás de tempos tempos vem, e até ao lavar dos cestos he vindima......

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

N. B. Ainda que no ultimo numero deste Periodico sahirá huma taboada geral de erratas e emendas, importa corrigir quanto antes os erros seguintes do Pnnhal N.° 7.

	Erratas.	*Emeudas.*
P. 54 l. 25	Para nos regalarem	Quando nos regalarão
Ibid. l. 33	sobre	sob
P. 57 l. 23	empenho por se a liberdade	por se estabelecer

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 12.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

O Juramento da Constituição futura.

Donde viria aos seculos 18 e 19 a excessiva copia de juramentos em que deixão muito áquem de si todos os seculos precedentes? Tão facil de resolver fosse a *quadratura do circulo* como he de decifrar a causa deste fenomeno. » Todas as vezes que eu ouço fallar muito em bem publico (diz hum sabio Academico de Berlim) fico a tremer, e fico certo de que não se intenta outra cousa senão o mal publico. » Hum formigueiro de livros impressos do meado do seculo dezoito por diante, advogando, ao que parecia, a causa do genero humano, proscreveo e amaldiçoou a pena de morte, por ser a *mais violenta usurpação dos direitos do homem;* e que resultou dessas theorias admiraveis, que promettêrão á illu-

dida Europa, o feliz regresso da idade de ouro? Nunca jámais forão nem maiores intensiva e extensivamente, nem mais horriveis os males publicos, nem a fouce da morte se vio mais occupada do que no chamado seculo da *humanidade*, *das luzes e da filosofia*. Tal houve, que depois de estabelecer em huma obra assás conhecida que a pena de morte se deveria riscar dos codigos de todas as nações, quando lhe chegou o seu turno de votar no monstruoso processo de Luiz XVI, nem por isso deixou de votar que fosse guilhotinado!! He pois facillimo de attingir a causa donde veio aos seculos dezoito e dezanove *essa fartura* de juramentos, dos quaes vamos tratando. Veio-lhe da sua assás demonstrada falta de sentimentos religiosos; nem ha cousa mais facil a hum Atheo, quando se empenha por seduzir a multidão, que chamar a todo o instante o nome de Deos para ver se póde agrilhoar as consciencias com este vinculo fortissimo, que tão apertadamente liga os que conhecem e adorão hum Deos, que se dá por mui offendido de que lhe tomemos em vão o seu tremendo e adoravel nome.

Quem ignora que a totalidade da Assembléa e da Convenção Nacional de França constava ou de solemnes Atheos, ou dos Atheos disfarçados (vulgo Deistas)? E apezar disto que cuidados, que trabalhos para fazerem jurar a torto e a direito por toda a Nação o odio aos Reis, e pelo Clero a sua denominada Constituição Civil? Que horrorosas perseguições, que nefandos e atrocissimos procedimentos não marcárão esses dias de luto para a humanidade, se bem que de eterna gloria para o Catholicismo? Como era de presumir que os nossos Jacobinos faltassem á ceremonia do *juramento*, que lhes trazia infallivelmente huma destas duas vantagens.. Manifestar huns, e conhecer os outros... Quem jurava, ou por vontade ou por força, teria de seguir a *causa* e o *systema*. Quem não jurava tinha de expatriar-se, e deste modo tão facil e expedito se descartavão dos seus maiores inimigos.

Mette horror que os inimigos de Deos (que o são todos os inimigos da authoridade Real) abusem tão sacrilegamente do seu nome; porém dá consolação por outro lado o vermos que até os impios rendem hum involuntario testemunho á firmeza e santidade das promessas, em que Deos

he chamado para testemunha! (*) Quando eu vi chegarem a todos os cantos do Reino as proclamações do *infimo* governo, já seguidas da formula de hum juramento sobre cousas futuras, e cousas que dependião de certas vontades, muito desejei ter a voz forte do heroe que clamava aos seus illusos coterraneos:

Sic notus Ulysses!

Mexia-se este cavallo Troiano, ou systema Constitucional, que debaixo das apparencias de mimo dos Ceos levava no seu grande bojo as armas destruidoras da honra, da propriedade, do throno e da fé, e todo o seu empenho era acastellar-se dentro da nova Troia, e fazer baquear no chão o throno de Priamo... Não dava elle hum só passo na sua marcha lenta e vagarosa, que não se me afiligisse e apertasse o coração... Pasmava eu da cegueira com que os povos lhe sahião ao encontro, e o abençoavão como se elle tivera cahido do Céo! Que formidavel castigo para este Reino! (dizia eu para muitas pessoas religiosas e sisudas, que ainda estão vivas.) Pois não sabem que este juramento, além de condemnado por si mesmo, vai consummar hum acto da mais execranda rebellião? Pois esperão de homens ardilosos, de homens cheios de ambição, de homens, que se fazem Reis a si proprios, a conservação da Augusta Dynastia Brigantina! Que cegueira! que abysmo de desgraças se vai cavando debaixo de nossos pés! Quem he o nosso Corifeo desta seita de regeneradores? Hum homem assás conhecido pelos seus principios Jacobinos e anti-religiosos... E que se ha de esperar desta cabeça de motim...

Bem sei o que he hum juramento extorquido pelas *baionetas*; mas tambem sei que a maioria do Clero Francez não quiz jurar quando não havia alternativa entre o juramento, e a *deportação*; e se he justo que eu releve a fraqueza humana, tambem he necessario que eu louve e engrandeça a firmeza Christã. Da facilidade porém com que se deo o primei-

(*) He tanto assim, que Mr. de Voltaire, se quiz ver acabados os roubos que se fazião na sua matta de Ferney, tirou do seu Cura huma carta de excommunhão!!!

ro juramento, eu conclui quanta era a desgraçada influencia das novas doutrinas sobre a fonte e principio de authoridade Real... Nos tempos da Igreja primittiva entendeo-se litteralmente o *Per me Reges regnant*; e quando não houvesse testemunhos positivos que assim o mostrassem, bastaria que vissemos a imperterita constancia dos primeiros Christãos em obedecer aos Reis gentios, que os tratavão mais como a feras bravas, do que como a seus os mais fieis vassallos.

Seguio o Clero Francez a mesma doutrina; e muitos dos seus mais illustres Pastores antes quizerão morrer, que proferir o juramento de *odio á Realeza*. A doutrina da Soberania do povo faz estalar os mais fortes laços, que costumão prender hum Rei á nação que elle governa; e como a *nova doutrina era a dominante em Portugal*, por isso nós temos visto que nenhum reparo se fez em que ElRei não tivesse dado o seu consentimento para a nova ordem de cousas.

Desenganem-se de huma vez os Reis, Imperadores, e mais Soberanos da Europa, que as *doutrinas velhas* são o melhor alicerce da magestade de seus thronos; e se deixarem livres as *doutrinas filosoficas*, não devem esperar senão estragos e ruinas. Elles cahírão no laço de supporem que a authoridade Pontificia era a sua rival, e queria usurpar-lhes as suas essenciaes prerogativas; consentírão que o Romano Pontifice fosse tido em menos cabo nas principaes escolas de seus Reinos; (1) que a cada passo lhe chamassem fallivel, usurpador do direito dos Bispos, etc. etc. etc., e daqui procedeo ficarem sosinhos em campo, e com o peito descoberto aos tiros da desobediencia e da rebellião sem lhes valer já o remedio da authoridade Ecclesiastica por elles proprios esbulhada de sua antiga força, e preponderancia. (2)

Tenho dado pois a verdadeira explicação assim da facilidade com que se exigírão a principio os decantados juramentos de obediencia á *Constituição, que as Cortes houve*-

---

(1) Haverá pouco mais de vinte annos que hum Doutor fazendo as vezes de Mestre, dizia para hum numeroso auditorio: *Tomára já ver desfeita esta caranguejóla de Roma*. Que tal era a doutrina!!!

(2) Que o diga o exemplo de José II da Alemanha, que se esmerou em mortificar o Santo Padre Pio VI, porém quan-

rem de fazer, como da outra não menos reprehensivel facilidade com que se prestou hum juramento, que tendia por si mesmo a destruir e annullar a legitima authoridade d'ElRei Nosso Senhor, que pouco antes fora jurado na sua Acclamação Rei de Portugal, como havião sido os seus Augustos Predecessores, donde se vê, que ao menos os Coudeis da chamada regeneração se fizerão mui deliberadamente réos de hum solemne, descarado e abominavel *perjurio*.

Por ora ainda vejo em alguma distancia o juramento das Bases, e ainda em maior o juramento da Constituição.. Quando me for chegando para elles, e for obrigado a ver esse turbilhão de blasfemias sobre a unidade da Igreja, e a presenciar outra vez a geração da hydra da Liberdade de Imprensa, que só teve o sobremaneira execravel intuito da abolição do Christianismo; eu por certo que desfalleceria se no meio desse espantoso negrume, que tantos raios despejou sobre a innocencia e a lealdade, eu não víra luzir dous brilhantissimos luminares, que hão de communicar-me o preciso desafogo para tratar assumpto de tão alta consideração e dignidade... Formarei pois dous artigos sobre os dous heroismos, que hão de ser como duas magestosas columnas, que dominão em huma planicie coberta de ruinas, e que hão de intitular-se

O Juramento das Bases, ou o Cardeal Patriarca.

O Juramento da Constituição, ou a Muito Alta e Muito Poderosa Rainha D. Carlota Joaquina.

Hão de sahir nos lugares em que vierem mais a proposito, e a ordem chronologica, de que principío a ser mais estudioso, claramente os exigir. Pelo segundo concluirei os meus trabalhos, pois confio que a esse tempo já o Duque

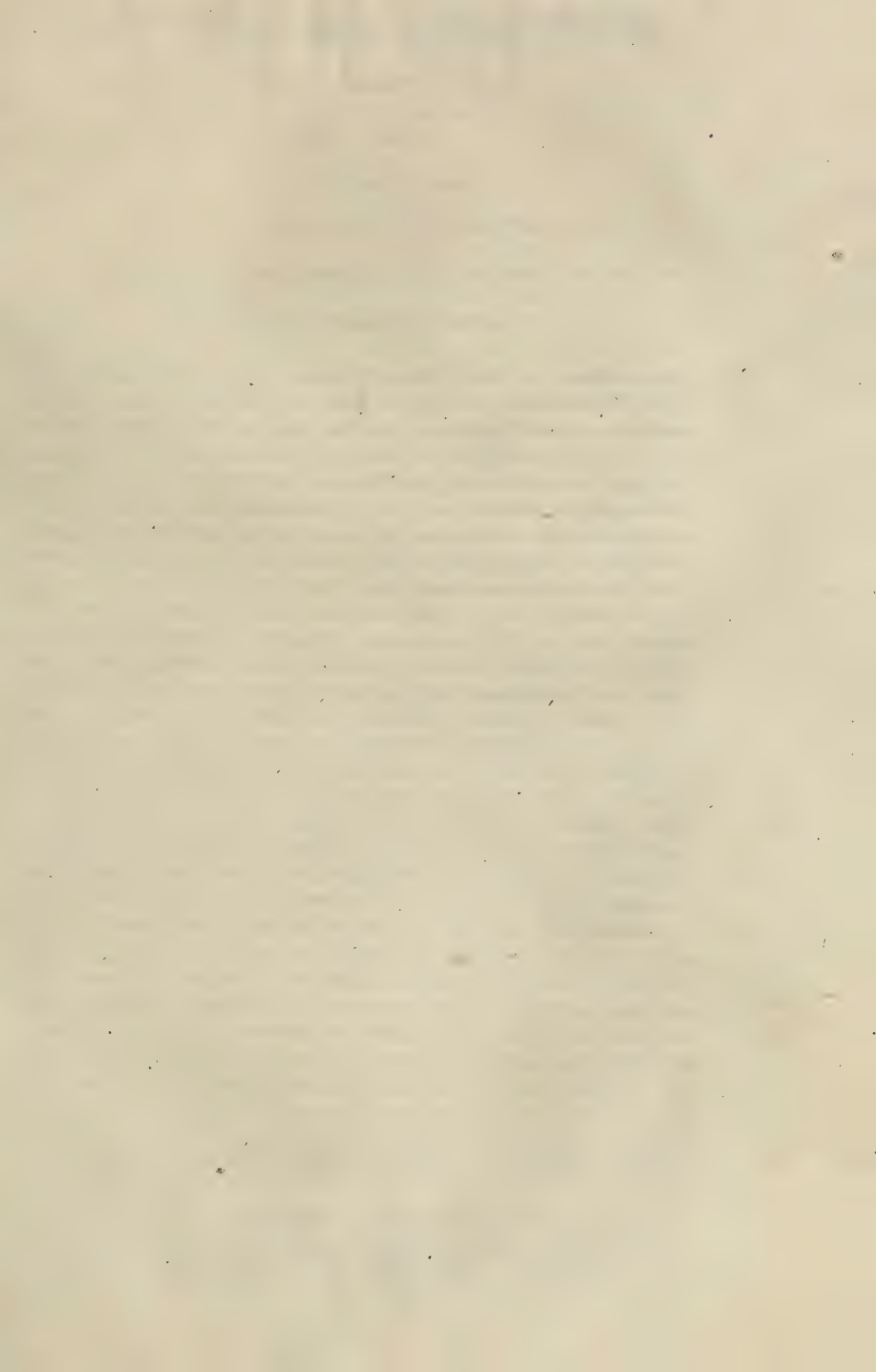
---

do os Belgas se revoltárão contra elle, rogou encarecidamente ao mesmo Pontifice, que os excommungasse! Já foi tarde; e aquelle Imperador meio Filosofo, que os seus augustos successores não imitão nem querem imitar, já tem visto na presença de Deos quaes são as doutrinas falsas, e quaes as verdadeiras.

de Angoulême e a Santa Alliança (*) terão quebrado todos os Punhaes da Maçonaria, e por consequencia inutilizado os Punhaes dos Corcundas, que só apparecem durante o perigo, e se recolhem logo que assoma a perfeita serenidade.

(*) Santa Alliança, instrumento da Providencia para que não acabem de golpe a fé e a realeza e a civilização na Europa, verdadeiro Santelmo que podes abrigar-me da tormenta que ainda gyra em torno de mim, seja-me permittido agora endereçar-te as minhas sinceras acções de graças. Desgraçados dos Reis da Europa se tu não fosses!! Dentro de cinco ou seis annos teriamos a Europa dividida em hum enxame de Republicas, ou de pequenos Estados representativos, onde influissem e dominassem os Pedreiros, que só para isso he que se retalharia em miudos pedaços o corpo actual da Europa civilizada. Os Pedreiros te aborrecem da mesma sorte que os réos aborrecem o castigo, e os ladrões e facinorosos aborrecem a forca... só o teu nome lhes faz perder o somno, e lhes enche a imaginação de pavorosos fantasmas.... *Bem a seu pezar conhecem que tu és* destinada pelo Ceo para assistires ao funeral da mais depravada de todas as seitas, para lhe abrires a sepultura, e para lhe fazeres o epitafio..,

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com Licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 13.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

CATECISMO DE VOLNEY.

DONDE veio aos Regeneradores do Porto a sobremaneira estulta presumpção de que farião quanto quizessem dos bons Portuguezes? He de admirar que sujeitos da mais atilada sabença, e *Donatarios* das formosas regiões da Luz, não conhecessem o proprio terreno em que se devião fazer as suas *evoluções* Maçonico-Jacobinas. Tem-se observado que o amor dos Povos aos Reis está sempre na razão directa do cumprimento dos deveres religiosos. Nunca hum *paiz verdadeiramente Christão deixará de ser hum paiz cordealmente sujeito aos seus Principes*, o que he tão certo, que a lealdade em paizes Catholicos he sempre mais crescida que em paizes Protestantes. Ora que á vista da estranha relaxação de costumes, que ha trinta annos a esta parte se nota e deve lastimar em todas as classes de cidadãos, elles pensassem que chegarião a salvo com seus disfarces republicanos, e que á sombra de illegaes usurpações feitas aos Grandes e aos Mosteiros, contentarião os pequenos e os lavradores, nem se admira, nem se deve ter por estranho do que succede nas mudanças de governo, especialmente urdidas para levantarem huns sobre a ruina e a desgraça dos outros . . . mas que houvesse constitucionaes escandecidos a ponto de julgarem os seus concidadãos já maduros para ouvirem, abraçarem, e seguirem de bom grado as lições do *Deismo*, que na frase do Grande Bossuet não he mais que *hum atheismo disfarçado*, parecêra incrivel se desde o começo da nossa infausta *Regeneração* não vissemos impresso com licença da Meza da Commissão de Censura na Typografia Rollandiana 1820 a Exposição da lei natural ou Catecismo do Cidadão! ! ! Obrinha he esta do famigerado Atheo Volney, que só este nome do author he sobeja recommendação para ser o pasto das chammas, onde quer que appareça tão infernal e desatinada producção.

Foi este hum dos maiores attentados contra a Fé, qual nunca se vio em seiscentos para setecentos annos de existencia, que vai contando a nossa Monarquia . . . nem todos es-

ses seculos, que precedêrão o nosso, poderião ver a sangue frio tão desbocada e horrorosa violação do que ha de mais sagrado e respeitavel entre os Portuguezes . . . Ha certos livros manhosos, traçados com arte, onde o veneno se encobre de tal maneira, que chega a illudir os mais experimentados; porém neste reina desde o começo até ao fim a maior clareza e desbocamento de principios, que assusta e faz tremer a propria ignoraacia.

Começando logo pela definição da lei natural se mostra, e bem ás claras, todo o veneno que hão de propinar todos os capitulos da obrinha, que todavia se apura e sóbe de ponto na explanação dos caracteres da lei natural, como se irá vendo das formaes palavras do infame Catequista » Pergunta — Mas nenhuma outra lei he universal? » R. — » Porque nenhuma convém, ou he applicavel a todos os » povos da terra: todas são locaes e accidentaes, filhas das » circumstancias de lugares e de pessoas, de maneira que » se tal homem ou tal acontecimento não tivessem existido, » tal lei não existiria. (Cap. 2.º).

Aqui vemos solemnemente desmentido o — Prégai a toda a Creatura — e postos em scena os principios filosoficos modernos, a que o *adepto* Montesquieu deo tanta voga quando sustentou que a admissão do Christianismo era impraticavel na China em razão dos costumes, habitos, e climas, etc. etc. etc. Ora qualquer simples Christão, ainda sem estudar Logica e Theologia, e apenas escudado pelo seu Catecismo, tapará facilmente a boca a estes Filosofastros com huma só palavra. A este legislador, que manda prégar o Evangelho a toda a Creatura, não he nada impossivel, pois elle he sempre infinitamente maior que todos esses obstaculos sejão da natureza, sejão dos habitos, sejão dos climas.

Sobre o quarto caracter — P. » Logo nenhuma outra » lei he uniforme, e invariavel? R. Não . . . »

E assim depõem a Lei Evangelica de ser universal, e de ser invariavel; mas que brecha lhe podem fazer homens até quasi depostos do ser humano, e cujo primor scientifico se reduz a nivelarem a especie humana com os proprios jumentos, e com os proprios mus que carecem de intelligencia!!!

Sobre o quinto caracter — P. » E as outras leis não » são evidentes? R. Não; porque se fundão em factos pas» sados e duvidosos, em testemunhos equivocos e suspeitos, » e em provas inaccessiveis aos sentidos.

Aqui temos proclamado o Sceptcismo, expostas á desconfiança as historias mais authenticas do Universo, e com-

prehendidos nesta sentença de morte os proprios milagres de Nosso Senhor Jesus Christo!!!

P. » E outra qualquer lei não he sempre racionavel? » R. Não; porque as outras contradizem algumas vezes a » razão e o entendimento humano, e lhe impõem com ty- » rannia huma crença cega e impraticavel.

Eis que surde a razão humana, esta pobre, miseravel, e acanhada em tudo que he sujeito ao seu alcance, já feita Soberana, e desde o alto da sua tripode, intimando em ar de Oraculo a destruição dos Mysterios, e de tudo o que pertence á Fé Catholica. E sahio impressa tal obrinha neste Reino, e com licença dos Illustrissimos Delegados de Manoel Fernandes Thomás!!!

Ainda não cahio huma nodoa similhante sobre os nossos prelos, e sobre o conceito que as Nações estrangeiras fazião da nossa Catholicidade! Não podemos jactar-nos de que perdêmos tudo excepto a honra...

Se hum dos interlocutores conclue em ar de pergunta em o Capitulo 7.° » Logo o prazer não he hum mal, hum » peccado, como pertendem os Casuistas? R. Não; o prazer » só he hum mal quando tende a destruir a vida e a saude, » que nos vem do mesmo Deos, como concordão até os » mesmos Casuistas.

Não será isto huma especie de carta em branco para se atropelarem de continuo as Leis Divinas e Humanas? Que porta mais franca se póde abrir ao Materialismo do que estabelecer a saude como regra e norma dos prazeres, como se não houvesse huma substancia que elles principalmente offendem e arruinão? E para nos tirar as duvidas sobre a legitima e verdadeira accepção daquellas palavras, não tarda o Perguntador em abrir caminho a outra resposta ainda mais decisiva e abominavel... » P. Mas a virtude e o vicio não » tem hum objecto puramente espiritual, e abstracto dos sen- » tidos? R. Não; he sempre a hum objecto fysico, que se » refere em ultima analyse, e este fim ou objecto he sempre » destruir ou conservar o corpo. »

Que tal se promettia a Liberdade de Imprensa, quando no seu *captiveiro á constitucional* era tão descomedida, e ousava romper nestes execraveis delirios?... E os bons Catholicos devião alegrar-se com a promettida Regeneração! E o Eminentissimo Cardeal Patriarca devia dormir a somno solto em cima da coberta do navio, cuja direcção lhe fôra confiada, ao mesmo tempo que huma recua de piratas lhe deitava fogo por todos os lados!!!

Voltemos ao Catecismo infernal, que no artigo das virtudes he curioso, e como se excede a si proprio.

» P. E devemos considerar a abstinencia e o jejum como
» acções virtuosas?

» R. Sim, quando se comeo demasiadamente; porque
» então a abstinencia e o jejum são remedios simplices e
» efficazes; mas quando o corpo tem necessidade de alimen-
» to, negar-lho, e deixallo soffrer fome ou sede, isto he de-
» lirio, e hum verdadeiro peccado contra a lei natural. »

Ora aqui vemos a mortificação dos Penitentes da Nitria e da Thebaida olhada como se fosse hum delirio! E o proprio Legislador dos Fieis, e de todos os homens, incurso na mesma censura por ter chegado a experimentar fome no dilatado jejum de quarenta dias e quarenta noites!! Que sorte devia esperar o jejum da Quaresma depois de se lerem taes blasfemias!! Sim, tudo isto era aplanar caminho para a famosa Bulla da Carne, em que brevemente fallarei com extensão; porém os estouvadissimos Pedreiros não escolhêrão boas posições, e enredárão-se de tal maneira, que na sua campanha aberta neste Reino para enthronizarem o Maçonismo sahírão huns perfeitos e acabados Joões de Las Vinhas...

Quando o Catequista se vê obrigado a fallar (Cap. 5.º) nas abstinencias ordenadas por varios legisladores, nem por isso ha de mostrar-se mais propenso a admittir os fins da instituição do jejum. » Longas experiencias (diz elle) tinhão » ensinado aos antigos que a Sciencia Dietetica fazia grande parte da Sciencia Moral...

Nesta parte já tinhamos visto a *Medicina* Theologica, que de certo bebeo na mesma fonte, de que se valeo o Catequista, ou em outras igualmente corrompidas, se bem que a tal doutrina já he muito velha, e eu a tenho lido em AA. que escrevêrão ha duzentos annos, mas torna a apparecer mais *bella* e *remoçada* por ser grande fautora do Materialismo... isto he do erro mais dominante em o seculo 19. Por mais que vissemos neste Reino, he certo que ainda não tinhamos visto huma definição de Fé e de Esperança, qual se encontra no Capitulo 12.

» P. A lei natural considera como virtudes a Fé e a
» Esperança que se juntão á Caridade? R. Não; porque
» isto são idéas sem realidade, porque se dellas resulta al-
» gum effeito he mais em proveito daquelle que não tem es-
» tas idéas, do que daquelles que as tem; de maneira que a
» Fé e a Esperança podem chamar-se *virtudes dos tolos em*
» *proveito dos velhacos*.

Basta. Que mais era necessario para sabermos que Constituição e regeneração erão os votos da impiedade em proveito dos Maçães? Quem ensina taes principios a hum Reino

Catholico, por que arte se poderá lavar da nodoa de Prégador do Atheismo? Vendeo-se o Catecismo alguns dias .... porque a Lisboa do Seculo 19 não he a Lisboa do Seculo 16.

Mas que culpa tem o Governo então Supremo de que sahisse o Catecismo? Como ha de refluir no Systema Constitucional o defeito de hum homem perdido, ou alienado?

Assim he; porém o Tribunal da Censura por quem foi instituido? E não sabía elle que seus amos lhe não estranharião a publicidade do Livrinho? E não vogaria elle por todo o Reino e suas Conquistas? Não faria elle todo o mal para que era destinado, se o Eminentissimo Cardeal Patriarca não se pozesse em campo, e não se afadigasse pela suppressão do endiabrado Catecismo? E não foi este hum dos crimes daquelle impavido Athleta, que ficou em aberto para ser punido em *melhores tempos*? E não vírão estes melhores tempos as *Superstições descobertas*, o *Cidadão Lusitano*, e o *Retrato de Venus*? E para me restringir por ora ao meu assumpto: não se imprimírão em Lisboa, e não se affixárão nas portas das Igrejas os annuncios de estarem á venda as Ruinas de Volney, cujo nome posto em letras maiusculas para sinal de exultação, e de triunfo, consternou sobre maneira a piedade Christã, reduzida então ao silencio, e aos gemidos a furto na presença dos altares?

Serei claro; e se alguem he capaz de me desmentir, que me desminta. Foi a decantada These do Abbade de Prades o primeiro botafogo da incredulidade na França, e o Cathecismo de Volney fez o mesmo papel na chamada Regeneração Portugueza. Deve soar esta verdade nos pulpitos, nas cadeiras, nas praças e até em cima dos telhados, para que os nossos concidadãos aprendão, e se desenganem, e por outra parte os cumplices do maior dos attentados se confundão, se mordão de raiva, e percão de huma vez a sacrilega esperança de fazerem deste Reino huma sociedade de Atheos, ao que se endereçava a maior parte das suas medidas em assumptos religiosos, como irei mostrando em os numeros seguintes.

APPENDIX.

Extracto de hum projecto de Revolução, composto pelo Conde de Mirabeau, apanhado em casa de Madama Grai, por Le Garde seu domestico, e vendido a Mr. Houle, Official no regimento de Dragões da Rainha, impresso depois com os outros escriptos do mesmo genero com o titulo Mysterios da Conspiração.

» Huma Nação junta não se muda; só tem em vista o

interesse commum para o estabelecer. Deve destruir toda a resistencia: e attendei bem para isto. *Nada póde offender a justiça quando se trata do bem geral.* Eis aqui o principio. Trata-se agora de saber qual seja o caminho que he preciso tomar para chegar á restauração geral. *He preciso destruir toda a ordem, supprimir todas as leis, annullar o poder, e deixar o povo em anarquia.* As leis que fizermos não terão logo todo o vigor, não o terão talvez depois; mas he preciso restituir a força ao povo: elle resistirá por sua liberdade, persuadido que a póde conservar. He preciso lisongear seu amor proprio, e sua esperança, e prometter-lhe a felicidade depois dos nossos trabalhos. He preciso illudir seus caprichos, e os systemas que elle tem feito á sua vontade, porque o *povo legislador he muito perigoso, só estabelece leis* que coalisão *com suas paixões.* E como não haja mais que huma alavanca, que os legisladores movem á sua vontade, he preciso que nos sirvamos delle, *fazendo-lhe odioso tudo o que quizermos destruir.* He preciso semear a illusão em todos os seus passos; comprar todas as pennas mercenarias, que propagarão os nossos meios, e lhe farão ver que nós não atacamos mais que os seus inimigos.

„ O Clero, sendo o mais poderoso na opinião, não póde ser destruido, senão *mettendo-se a ridiculo a Religião, tornando odiosos seus Ministros, e dando-os a conhecer como outros tantos monstros hypocritas*; porque Mafoma, para estabelecer a sua Religião, começou por infamar o Paganismo, que os Arabes, os Sarmatas, e os Scytas professavão. He preciso que a todos os instantes os Libellos abrão hum novo caminho ao odio contra o Clero: he preciso exagerar suas riquezas, tornar geraes os crimes, e os erros dos particulares, attribuir-lhe todos os vicios, a calumnia, o assassinio, a irreligião, e o sacrilegio. *Nada de delicadeza, tudo he permittido nas Revoluções.*

„ Venhamos á Nobreza. He preciso evitalla, e dar-lhe huma origem odiosa. He preciso estabelecer hum germen de igualdade, *que não póde existir*; mas que lisongeará o povo. He preciso sacrificar os mais preoccupados, incendiar, e destruir suas propriedades, para intimidar os outros. Senão podérmos destruir inteiramente a preoccupação da Nobreza, ao menos a enfraqueceremos, e o povo vingará seu amor proprio, e seu ciume, com todos os excessos, que obrigarão os Nobres a fazer o que nós quizermos.

„ Em quanto á Corte, he preciso eclypsalla aos olhos do povo, annullando todas as leis, que a protegem. O *Duque de Orleans* não omittirá cousa alguma para dar explosão á sua vingança. He preciso degradar a Corte até tal ponto, e

com tanto excesso, que em lugar de veneração, o povo não tenha mais que *odio, e aversão a seus Soberanos.* He preciso que os considere como seus inimigos, e que esteja pronto a se vingar. He preciso lisongear o soldado, levanta-lo contra a authoridade legitima, fazer-lhe odiosos seus Officiaes, e os Ministros: augmentar seu soldo, fazendo-o o homem da Nação, e não do Rei: enviar-lhe emissarios, que o instruão nos nossos projectos, e fazello patriota E não vedes vós que sem isso nossos inimigos illudirião todas as nossas vistas, todas as nossas combinações, todos os nossos meios, pela força das armas? Passemos aos Parlamentos.

„ He preciso representar ao povo sua venalidade, que recahío sempre sobre o mesmo povo. He preciso mostrar-lhe os Magistrados como despotas altivos, que vendem até os seus mesmos crimes. O povo ignorante e bruto só vê o mal, e não o bem das cousas. Não digo nada dos *Financeiros.* Será infinitamente facil convencer o povo que tudo são abusos na administração da fazenda, e que só merecem indignação os que a ella presidem. Notai bem que o Rei, e os Grandes procurarão frustrar a nossa Revolução com guerras intestinas, ou com as Estrangeiras. He preciso pois para que isto tenha hum completo exito *levar o espirito de independencia a todos os povos circumvizinhos.* Isto não será cousa muito difficultosa. O Hespanhol he muito inflammavel, e geme ha muito tempo debaixo do jugo tyrannico do Despotismo, e da Inquisição. Os Italianos são tão arrebatados como os Francezes, e depois que começou a lavrar entre elles o *espirito Filosofico*, desprezão a Thiara. O Alemão he mais difficil de se mover; porém sua escravidão o indigna contra seus despotas. He preciso espalhar ouro em Alemanha. Todos os que se deixarem corromper, propagarão a insurreição. O Brabante se inflammará com o mais leve assopro. A Hollanda he toda nossa. A Inglaterra nutrirá, e sustentará nossas desordens. Seu odio natural contra os Francezes não lhe deixará tomar hum partido generoso para defender nossos direitos, se neste partido não divisar seu proprio interesse. Quando o Gabinete de S. Jaime nos queira fazer guerra, oppôr-se-hão os Communs, porque nós lhes diremos que o que pertendemos he destruir o Despotismo, e a Hydra feudal, e fazermo-nos livres, como elles são. A Prussia tem vistas, que poderão prejudicar; mas a Russia a saberá conter. Em quanto á Sardanha, este Reino não nos deve metter medo; não he huma Potencia, que possa affrontar hum grande povo ardente, e impetuoso como são os Francezes. He preciso *aguerrir* este povo. He preciso mais que tudo fixallo na defensa das fronteiras, e para isto cumpre nutrir e

accender seu furor, alentar snas esperanças com a suppressão dos impostos: intimar-lhe surdamente a matança, e exterminio dos inimigos da Revolução, como hum dever util ao Estado. Nós devemos exigir o juramento a todos aquelles, que se juntarem a nossos projectos, e formar diversas sociedades, que em suas sessões tratem o mesmo assumpto, discordando (para disfarçar) de opinião.

„ Em fim importa admittir o povo aos estabelecimenfos, que devemos crear, concedendo-lhe a voz deliberativa nas Assembléas geraes; isto lhe dará hum *vehiculo* de honra, que lhe fará andar a cabeça á roda. Mas he preciso não deixar ás Cameras mais do que hum poder limitado. Se lhes deixarmos muita força, seu Despotismo será muito perigoso. Lisongeemos o povo com huma justiça gratuita; promettamos-lhe huma diminuição de impostos, e huma repartição mais igual. Estas vertigens o hão de *fanatizar*, e removerão toda a resistencia.

Ah! Que importão as victimas e seu numero, as espoliações, as destruições, os incendios, e todos os effeitos necessarios de huma Revolução? Nada nos deve ser sagrado „ Que importão os meios, com tanto que se consiga o fim! „ (Tirado da Refutação dos Principios Metafysicos, pag. 222).

Este Documento original e authentico contém em si todos os principios de irreligião, e immoralidade: os Pedreiros Livres o pertenderão negar; mas o que elles praticárão na França, na Italia, em Hespanha, e em Portugal, manifesta bem a sua authenticidade, e que este he o seu Credo, ou Cartilha, por onde se governão, e querem deste modo arrancar de entre os homens a Religião, e os bons costumes, e precipitallos no abysmo de todos os males: são por tanto os maiores inimigos do genero humano. Só poderemos ser felizes pela Religião, e pelos bons costumes; e como esta infernal seita trabalha por destruir estes dois principios, sómente com o exterminio della poderemos aspirar á nossa felicidade.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 14.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

BENS ECCLESIASTICOS.

Quando o poder executivo do Maçonismo, ou as Cortes Geraes, Extraordinarias e Constituintes da Nação Portugueza, decidirão, pela atroadora voz do seu Hierofante Manoel Fernandes Thomaz, que os bens da Igreja erão *Nacionaes*, ou sujeitos ao capricho de quantos Maçōes os quizessem invadir ou empolgar, não me assustei dos temerosos roncos desse trovão constitucional; e affrontando as iras do Patriarca dos Maçōes, provei, quanto em mim era e aquelles máos tempos o consentião, que a Igreja he tanto senhora dos bens temporaes, que ou lhe forão doados, ou ella propria adquirio, quanto o póde ser qualquer proprietario secular desses bens temporaes que ou seus maiores lhe deixárão, ou que elles tem feito accrescer por meios legitimos ao seu antigo patrimonio. Na Gazeta Universal N.° 89 (24 de Abril de 1822) se póde ver como eu já nesses tempos desci a esta areia para combater os sofismas dos perseguidores da Igreja, e creio que as palavras formaes de que então usei (pag. 360) „ Como porém felizmente para mim a liberdade da impren„ sa me franquêa as portas, quero entrar para dentro, ainda „ que huma *voz de trovão* me ronque, e pertenda atordoar-

» me com o *Procul abeste profani*... » combinadas com tudo quanto fazia ou dizia o Coryfeo dos nossos Regeneradores, assás mostrão que eu não dobrei os meus joelhos diante desse Baal, nem tive necessidade de queimar incenso aos authores da Constituição, para que a minha audacia fosse menos suspeita e menos arriscada.

Logo depois, ao ver que o Oraculo dos novos Constitucionaes propunha que fossem chamados ao *Thesouro Nacional* todos os rendimentos de bens ecclesiasticos para dahi se distribuir o que fosse indispensavel para a sustentação dos Ministros da Igreja, estremeci de que já desaforadamente e sem o mais leve rebuço se declarasse a idéa de extinguir o Catholicismo neste Reino; e como já nesse tempo me via denunciado ao *Jury* por ter apontado á Nação o proximo destino dos bens das Communidades religiosas, que serião applicados exclusivamente » para estender e propagar o imperio » das trolhas nas quatro partes do mundo » foi-me necessario usar de certo rodeio, que felizmente me levava ao termo desejado, e por ventura com mais segurança e certeza de colher fructo dos meus trabalhos. Puz em lingoagem e fiz sahir a lume a » Questão resolvida por Mr. Chateaubriand na Camera dos Pares » *Que vem a ser hum Clerigo pobre e assalariado?* onde á socapa de huma simples traducção fiz correr os verdadeiros principios, e até os proprios elogios da Santa Alliança; e já disposto a mudar de terra, foi então pela primeira vez que não disfarcei o meu nome, e de bom grado me expuz a peito descoberto ás investidas do Maçonismo.

Se eu por tanto no maior auge da *potencia Fernandina*, e quando o menos que se podia temer era o desterro e a proscripção, me affoutei a dizer o que sentia, como ficarei agora mudo e frio espectador da voga que continuão a ter esses mesmos principios, que durante o systema constitucional forão alvo das minhas impugnações? Então podia haver todo o receio de inutilidade de vozes, a que muitos chamavão espalhadas ao vento, e que necessariamente havião de morrer diante dessas *doutrinas armadas*, a que ninguem póde resistir senão com outras similhantes. Agora, que felizmente começamos a viver e respirar sob o paternal governo de S. M. F. o Senhor D. João VI, como sería pos-

sivel que eu me acobardasse de tratar hum ponto do maior interresse para a conservação da Fé neste Reino de Portugal? Dado o caso que alguma vez me excedesse, ou irreflectidamente deslizasse das regras da prudencia e moderação christã, já sei que as minhas faltas hão de ser benignamente interpretadas, e sobeja-me a certeza e gloria de não ser *Pedreiro* para contar com a indulgencia de hum Soberano, que se he tão benigno e clemente, que não manda enforcar os *Pedreiros* que o esbulhárão do seu Throno, por que arte havia de castigar a quem toma o encargo de patentear os ultimos estratagemas do *espirito Maçonico*, que desgraçadamente ameaça influir ainda, e muito, nos destinos da Nação Portugueza?

Insistindo pois na questão sobre a natureza dos bens ecclesiasticos, eu, que desejo evitar confusões de idéas e principios, e proceder com toda a clareza e ordem que taes materias demandão, vou repartillas em pequenos artigos.

1.°

Igreja primitiva.

Affirmou Jesus Christo que o seu Reino não era deste mundo; e faz pasmar o estranho abuso que se ha feito destas palavras, como se elle proprio, que vivia das oblações dos fieis, e que não tolhêra, antes animára os seus Discipulos para receberem o que lhes dessem, não tanto por esmola, como por devida retribuição de seus trabalhos, quizesse prohibir a Igreja de possuir bens temporaes, de que fosse huma rigorosa *proprietaria e senhora.* He lastima que, sendo clarissimo tratar-se naquella passagem de resistencia por via de armas e de legiões ao que mandava o Cesar ou o seu Lugar Tenente Poncio Pilatos, queirão arrastallas para serem capa de todas as violencias perpetradas contra a Esposa do Rei dos Reis, condemnando-a a fazer o papel de escrava e de mercenaria. Devo accrescentar que os nossos Regeneradores forão mais que infelices em toda a applicação que lhes agradou fazer dos Textos da Sagrada Escritura, e que nunca lançárão mão ao thuribulo, que não mostrassem huma inercia e huma inaptidão, que os farião dignos de riso, se a ma-

teria de que se tratava os não excluisse absolutamente. Igualmente ineptos e sandeos se mostrárão no que pertence aos monumentos dos primeiros seculos da Igreja; e se a objecção mil vezes trilhada, de que a Igreja daquelles formosos dias não era opulenta, como a de hoje, podesse valer alguma cousa, então concluir-se-hia que não houvesse Templos, que não houvesse Procissões, e que acabassem muitas ceremonias do culto externo, que não sahisse o Senhor por Viatico aos enfermos, que cessasse toda a pompa edificante e sublime dos funeraes Christãos.... se bem que todas estas conclusões nem por isso havião de ser muito desagradaveis aos *simplificadores* da Religião Christã, que só nos recommendão a primitiva, para se irem desembaraçando pouco a pouco de toda ella, que por extremo os desgosta e os incommóda. Em fim todas essas paridades, que costumão trazer-se dos primeiros seculos, estão sujeitas a voltarem-se de hum modo victorioso contra os que desassisadamente as empregão. » Se quereis tirar á Igreja actual certas prerogati-
» vas que ella não teve, nem podia ter, quando era perse-
» guida, ao menos sêde francos e sinceros, e dizei: Quere-
» mo-la ver pobre e mendiga, porque a desejamos ver por
» terra; queremo-la no estado de perseguição, visto que
» huma das maiores que se lhe póde fazer he diminuir o cre-
» dito, e abolir a consideração dos seus Ministros, que só
» no estado de perseguição, qual era o dos primeiros secu-
» los, podião carecer de rendimentos fixos, e de tudo o
» necessario para as solemnidades Christãs. »

Demais estes saudosos da Igreja primitiva requerem hum estado de cousas, que não póde renovar-se. Por certo que não se fechárão os thesouros das virtudes Apostolicas, ainda hoje patentes a quem forcejar por seguir o exemplo dos Mestres do Christianismo; porém os dons extraordinarios de que elles forão revestidos, como por exemplo o dom dos milagres, o dom da *infallibilidade pessoal*, e outros similhantes, não se transmittírão aos Bispos seus successores. Hum Apostolo que fazia parar os rios, amainar as ondas, que toldava, quando muito queria, o Ceo de nuvens, que resuscitava os mortos, que fallava a muitas pessoas de diversas patrias e lingoas, e era de todas ellas entendido, por certo que possuia mais riquezas do que os seus successores,

e quanto mais pobres erão, mais recommendados se fazião pelo exercicio de tão soberanas prerogativas. Daqui se vê que podia facilmente haver huma época em que as riquezas temporaes fossem de todo inuteis, e por ventura damnosas, quando noutras épocas serão de absoluta necessidade para o soccorro dos miseraveis, abrigo dos orfãos, remedio das viuvas, e para outros santos fins, que excellentemente se preencherião com huma só palavra dos que tinhão á sua disposição toda a natureza, e executavão quando lhes aprazia o sublime poder de quem sustentou com cinco pães e dous peixes huma infinidade de ouvintes. Accresce mais que o fervor e caridade dos primeiros Christãos fazião riquissima a Igreja daquelles tempos, e logo que se esfriárão aquellas virtudes era de força cuidar-se por outro modo na subsistencia dos seus Ministros. Ainda terei occasião de examinar as fontes da Historia Ecclesiastica, e só então me desenganarei a final de que o estudo da antiguidade Christã he sempre infeliz, quando, omittida a lição dos Padres e Concilios, se descança temerariamente nas authoridades, já não digo dos Mosheims, dos Le Clercs, dos Pearsons, e dos Binghams, porém do tão gavado e exaltado Fleury; e por fim deste artigo só me importa observar que logo no primeiro facto de intervenção de authoridade civil em temporalidades da Igreja apparece hum *Soberano Pagão*, que em todo o decurso da contestação movida sobre o dominio das casas Episcopaes de Antiochia nem por isso deo a entender que as casas erão *bens nacionaes*, ou deixavão de pertencer, como as de outro qualquer cidadão Romano, a quem era seu legitimo proprietario.

2.º

Paz da Igreja.

He fóra de toda a duvida que a Igreja adquirio bens temporaes logo depois que o Imperador Constantino Magno se declarou seu Defensor, e Protector; e oxalá que a moderação deste Soberano, e que as suas palavras recitadas diante dos Padres Nicenos, fossem a norma que dirigisse todos os Reis, que sò merecem o titulo de Protectores da Igre-

ja quando se lhe mostrarem sujeitos e rendidos, sem quererem desacatala, nem offender as suas honras e privilegios. Não quer a Igreja dominar as Nações com espirito secular; quer sómente que lhe deixem as mãos livres e desembaraçadas para o seu dominio espiritual, onde tem grande parte a conservação dos Templos, e da magestade do Sacrificio, e a sustentação do Clero, e dos pobres. Todo o seu intento he conservar o que lhe derão, e o que foi accrescentado por meios legitimos; e não soffre que lhe disputem a propriedade que os Reis, que os homens, e que os seculos tem sanccionado, e consagrado. Em vão se produz contra ella, que já em tempos mui distantes do seu berço he que lembrou aos Padres de hum Concilio particular a nova imposição do preceito de se pagarem dizimos. Ella os possuia ha muito como bens proprios, e a piedade dos fieis lhe acudio com tanta promptidão como se já existíra desde tempo immemorial a santa lei de se pagarem os dizimos; e quem não vê que a decadencia dos costumes fez indispensavel a promulgação de certas leis? O jejum da Quaresma he tão antigo como a Igreja. O preceito deste jejum intimado a todos os fieis não he tão antigo; e que outra cousa nos mostra senão o que eu acabo de dizer? Não carecião os antigos fieis de que os mandassem confessar; logo que se vião criminosos, acudião á piscina Christã para se lavarem, e purificarem; deste modo se passão muitos seculos: vem o preceito da confissão annual em tempos modernos; e quem poderá concluir que até este tempo não erão os fieis obrigados a confessarem-se? Muitos preceitos se julgão modernos, porque a Igreja se vio reduzida a conseguir por meio de authoridade o que até esse tempo era voluntario, e quem reparar bem nesta observação achará facil sahida a muitos argumentos que se oppõem contra a propriedade dos bens da Igreja, e contra certas chamadas usurpações, que ella, se diz, ter feito á authoridade civil. O certo he que nesses dias melhores que os nossos havia tal certeza daquella propriedade, que ninguem se atrevia a impugnalla, nem os povos convertidos á Fé, que davão com mão larga, consentírão que a Igreja adquirisse, para que os seus descendentes se levantassem algum dia contra a validade de taes doações, e acquisições.

Ainda que as trevas da meia idade fossem tão espessas, que

nem sequer me deixassem ver o que foi decidido em muitos Concilios, e o que se lê nos Santos Padres, bastaria hum volver de olhos sobre a doutrina *desses pretendidos bens nacionaes* para abrir os mais cerrados á luz, e que só encarão taes objectos pelo *microscopio* de que usão os Protestantes no exame das antiguidades Ecclesiasticas.

3.°

Resumo historico das tentativas contra os bens temporaes da Igreja.

Se os frutos respondem ordinariamente á boa, ou má arvore que os produzio, e he forçoso que os procedidos de hum tronco já viciado e podre sintão mais ou menos o effeito necessario da sua origem; não he de admirar o vicio de muitas opiniões modernas, que por certo lhes sobeja, ou serem ou frutos ou ramos das venenosas arvores da heresia e da incredulidade, para que logo, e independentemente de qualquer outro exame, devão ser rejeitadas. Nestas circumstancias existe a opinião dos bens nacionaes, que eu vou refutando, e basta-me a serie genealogica dos seus maiores, papara lhe tirar a influencia que ella poderia ter ainda nos incautos e desprevenidos. No seculo 12 figurão os Valdenses ou Pobres de Leão, que depois de renovarem as heresias dos Donatistas, e Iconoclastas, dogmatizárão que a Igreja não podia ter bens temporaes. Exultárão com a nova doutrina muitos capitalistas, e senhores de feudos, que se apropriárão logo os bens Ecclesiasticos, e sem este incitamento de cubiça, por certo que nunca serião para temer os progressos daquella heresia, com que os chamados reformadores do Seculo 16 se pretendem encabeçar a todo o custo, para seguirem o fio da successão Apostolica, que desgraçadamente para elles já quebra de todo a poucos passos da sua origem. Não tardárão os novos Maniqueos ou Albigenses, que adiantando-se mais pela regra *facile est inventis addere*, sustentárão que não se devião pagar dizimos, e condemnárão sem piedade a todos os Ecclesiasticos possuidores de bens de raiz. Mais adiante chegárão os Wiclefitas, que só em Deos achárão verdadeira propriedade, e de todas as propriedades hu-

manas sómente admittírão a que o mesmo Deos concedesse aos justos; e como se perdia no peccado mortal esta propriedade, por isso esbulhárão o Clero da Igreja Romana de todos os bens de raiz, e contentárão, como he de estylo em similhantes reformas, a avidez e rapacidade dos senhores, e a innata resistencia dos povos desmoralizados, a satisfazerem os dizimos, primicias, e outros encargos. Ora com estes herejes, que pedião santidade aos legitimos possuidores dos bens da terra, não estavão seguros os nossos Pedreiros livres, que de cousa nenhuma tratão menos que de chegarem a ser santos, excepto se a introducção nas loges Maçonicas he para elles huma carta de santidade a seu geito; e por isso elles tachárão de profanos os que não participão de seus tenebrosos mysterios. Cumpre notarmos que a Igreja assim congregada em Synodos, como dispersa, condemnou estes erros, e nunca apparecerá hum só monumento donde se conclua que ella se julgou inhabil para o direito de propriedade ao mesmo passo, que abundão as provas de que ella sentia o contrario, e não julgou ser cousa fóra de proposito o vingar a posse das suas temporalidades. Mais furiosa tempestade aguardava a Esposa de J. Christo no infaustissimo Seculo 16, que foi o manancial de todos os erros, delirios, heresias seguintes, e até do proprio indifferentismo ou incredulidade, em que sobresahio a todos o Seculo 18. Já notei como a *Soberania do povo* rebentou dessa inficionada raiz; e notarei agora que a mais sacrilega invasão dos bens Ecclesiasticos datou das virulentas declamações de Luthero contra os bens das Igrejas, e Mosteiros; e sem este adminiculo, não teria a chamada refórma conseguido os seus maiores triumphos. Varios Principes da Alemanha, e o Monstro *Coroado* Henrique VIII de Inglaterra, unírão-se aos reformadores para serem muito a seu salvo espoliadores das Igrejas, e Mosteiros; e se estes bens erão nacionaes, que muito era que o seu legitimo senhor os reassumisse quando assim lhe convinha? Aberta de huma vez essa porta larga, e franca ao espirito de rapina, comettêrão-se horrores de que andão cheias as proprias narrações dos A. A. Protestantes, e são esses proprios, que nos asseguräo de que essas medidas nenhum proveito, ou sombra de utilidade trouxerão aos Reis e aos povos, e que antes parecia terem esses bens assim usur-

pados hum natural corrosivo, que damnava e estragava a massa dos outros bens a que se havião accrescentado. Dão pois hum testemunho involuntario dos terriveis effeitos de maldição Divina, que perseguirá constantemente os invasores e espoliadores dos bens da Igreja; e eu sería infinito se quizesse agora citar exemplos desta verdade a mais temivel para impios, e a mais consoladora para os que se comprazem de seguir pelo decurso dos tempos o invariavel, e extremoso cuidado que tem o Salvador pela sua Igreja. Quem se lembrasse de fazer hum parallelo dos reformadores do Seculo 16, e do Seculo 18, não sería infeliz, e teria abundancia de cabedaes na justamente famosa Historia das variações das Igrejas Protestantes, e nas contendas de seu illustre Escritor com o visionario, ainda que erudito Jurieu; e não sería menos curiosa huma lista dos Reis invasores dos bens da Igreja, que ora nos frequentes desastres de seus reinados, ora no máo successo das suas mais bem traçadas emprezas, ora no repentino ou calamitoso de suas mortes, devião servir de exemplo aos que houverem de seguir-lhe os passos; e daqui vem a antiga provenção dos Fieis contra tudo o que são bens de Igreja distrahidos de seus fins, e de suas verdadeiras applicações, que se nos individuos particulares são quasi sempre o instrumento da ruina de casas as mais grossas e opulentas, ainda mais claramente o são em todos os Reinos, que tem usurpado as regalias e possessões da Igreja. Apezar de todas estas lições, que devião fazer cahir em si os Reis, e os povos, dando intelligencia aos primeiros, e instrucção aos segundos, parece que a chamada reforma de Luthero foi dotada de huma força irresistivel para contaminar, e seduzir os conselhos dos Reis da Europa, e nunca mais se restabeleceo a perfeita harmonia da Igreja com o Estado, e forão diariamente crescendo, e tomando huma face cada vez mais horrivel, as perseguições fomentadas pela sede de ouro, e pela mais sordidas paixões, que se desenvolvião rapidamente atrás da liberdade de pensar, e da lisongeira primazia que os reformadores concedèrão aos Reis, para que os Reis fossem os proprios agentes, e como generaes em chefe na crua guerra, em que todos cedo ou tarde serião victimas. Desta fermentação geral dos animos, que mais que tudo se exaltára na França durante as contes-

tações de Luiz XIV com a Sé Apostolica, se aproveitárão muito a proposito as Seitas dos Filosofos e dos Economistas do Seculo 18, e formou-se em todas ellas huma alliança offensiva, e defensiva, que tendia a esbulhar a Igreja dos seus bens temporaes, por ser este hum modo sim indirecto, porém decisivo para alcançarem a plena derrota do Catholicismo. Quanto dissërão, e pregárão os Valdenses, Albigenses, e Lutheranos, foi apenas remoçado, ou envernizado, para attrahir os animos, e fazer popular a doutrina que a Igreja condemnára, mas que a Filosofia achou ser a mais idonea para levar ao fim sem estrondo, e sem grandes commoções o seu principal intento. Assentárão muitos Pastores e muitos Escritores, que nesta parte devião ceder ás chamadas luzes do Seculo; e parecendo-lhes que não era essencial á Igreja a posse dos bens temporaes, ou forão largando terreno, ou se dispozerão a fazer ao menos huma honrosa capitulação, sem advertirem que todos estes conselhos timidos da prudencia humana, longe de açaimarem os tigres sedentos da propriedade Ecclesiastica, os fazia cada vez mais emprehendedores, e mais atrevidos contra a suspirada preza, que tinhão jurado fazer em mil pedaços . . Neste comenos surdio a Assembléa nacional de França, onde se colhêrão os frutos de cem annos de trabalhos; e as minas que se deixárão fazer impunemente, e sobre as quaes dormião a somno solto os mais interessados em lhe obstarem ao progresso, rebentárão pavorosamente no meio daquelle infernal Congresso, em que Mirabeau, fazendo as vezes de Satanaz, se mostrou digno de representar cá na terra o proprio, que lhe soprava dos abysmos, as suas vehementes declamações contra a Igreja e seus Ministros.

Essas tumultuosas Sessões, em que se decidio a final que a Igreja não era proprietaria, e se confiscárão em proveito da Nação todos os bens Ecclesiasticos, devem ser lidos com reflexão, por se encontrar alli facilmente o summario das doutrinas do seculo, e o norte que dirigio os Mirabeaus, e os Robespierres, e os Marats Lusitanos. He sabido com que valentia, calor, e força de raciocinio sustentou o então Abbade, e depois Cardeal Maury, a Causa da Igreja; e he bem para notar que alli tambem sahissem a favor da Igreja alguns Deputados leigos, como depois veriamos acontecer

nas Cortes Portuguezas para demonstrar a pura verdade *pelo orgão* de pessoas desinteressadas. Vem a este proposito a falla de Mr. Pelerin em a sessão de sabbado 24 de Outubro de 1789, de que tirarei alguns periodos mais notaveis. » O direito do Clero he evidente, recebeo e adquirio por di- » nheiro de contado, e por escambos, edificou, roteou e me- » lhorou; ora estes actos são de hum proprietario, e não de » hum usufructuario... Sería talvez para esbulhar depois o » Clero, que a Nação lhes permittiria estas acquisições? » Por certo que ella tem hum direito sobre as propriedades, » o direito da soberania, que he o mesmo que lhe pertence » sobre a propriedade dos individuos. Como Soberana póde » regrar por leis sabias o exercicio da propriedade; mas nem » por isso póde arrogar-se a propriedade dos bens da Igreja » com mais fundamento, que a propriedade dos bens dos » particulares... Por honra do seculo não ataquemos a » propriedade, nem queiramos ferir a nossa Religião. » Assim discorria, e a meu vêr mui sensatamente, este Deputado; e porque discorria elle por este modo? Porque tinha sentimentos de Religião; e quem os tiver nunca seguirá outra doutrina. Mas pelo contrario, que se deve esperar de quem não vê na Igreja senão a fautora da superstição, a inimiga da liberdade, e o unico apoio seguro dos thronos, cuja total ruina foi jurada desde o seculo 16 a esta parte, e se ha promovido pelas artes e modos que nós todos conhecemos? Ora a maioria do Congresso Francez era composta de Mações e de incredulos; e para extinguir o Catholicismo recorreo ao expediente de declarar nacionaes os bens Ecclesiasticos, e foi este o preludio das atrocissimas violencias que logo depois se commettêrão, e que erão o modelo que as Cortes Lusitanas havião de seguir, e a que as Ordinarias derão tão grande impulso, que não tardaria muito a executar-se litteralmente o que se vio na França; nem haveria entre nós falta de Garats, e de Geryets, que pedissem cousas manifestamente oppostas ao Catholicismo, assim como teriamos hum grande numero de Deputados, *que soubessem conciliar os votos da Filosofia com os votos da Religião Christã.* Para vermos ainda como era de absoluta necessidade que triunfasse a doutrina dos *bens nacionaes*, importa contar aos meus Leitores o succedido na Sessão de 29 de Setembro de

1789. » A Abbadia de S. Martinho dos Campos, de rendi-
» mento de 1.800$ libras, entregou á Nação a proprieda-
» de de todos os seus bens, e pedio que lhes deixassem me-
» tade, para que toquem 1.500 libras a cada Religioso. He
» notavel, e a historia o notará, que o primeiro exemplo
» desta renuncia de bens fosse dado pelos Monges Benedicti-
» nos, cujas possessões quasi em toda a parte onde elles as
» tem, se revestem *do titulo mais sagrado da propriedade*,
» a saber, os *roteios*. A França lhes deo ermos, e elles en-
» tregão terras cultivadas e ferteis. »

Que se aproveitou com este offerecimento espontaneo e generoso? A carta que o continha foi mandada imprimir; mas dahi a pouco tempo já não existia o Mosteiro de S. Martinho dos Campos, que he sempre esta a boa fé com que procedem taes legisladores, que vão sentar-se nos *bancos infernaes* já determinados a preencherem á risca os successos da fabula do Lobo e do Cordeiro...

Nunca mais se despegou inteiramente da Europa o furor da nova doutrina. Aprendeo-a José II de Alemanha; e fundado nas oppiniões dos seus egregios Canonistas, extinguio de *motu proprio* Mosteiros e Cabidos, e fez quantas innovações lhe vierão á cabeça, desprezando solemnemente a authoridade do Chefe Supremo da Igreja, que se vio na extremidade de acudir a Vienna de Austria, para vêr se punha hum dique á inundação de males, que alagava todo o Imperio Austriaco... A sciencia do tempo, que não vai mal no seu negocio de tirar tudo á Igreja para dar tudo aos Reis, levou-os por este fraco; e dahi vem o cardume de livros compostos no espirito da mais baixa adulação, e a defensa annual de theses nas universidades Catholicas, onde se repete de mil modos que os Principes podem lançar mão quando queirão dos bens da Igreja, e assim tratão de os desempecer de todo o escrupulo, para que sem elle fação gala de serem superiores aos anathemas da Igreja: e a conduzão a hum estado de humilhação e dependencia, de que muito se pagão; como se não estivera já meio abalado aquelle throno, que se apoia em taes doutrinas. Parece-me que estou a ouvir os Canonistas modernos, que por ventura se queixarão de que eu os trate, ou com demasiada acrimonia, ou com a mais odiosa injustiça... Não ha Religião sem Culto (di-

rão elles), não ha Culto sem Ministros, não póde haver Ministros sem huma subsistencia; e como exercitão hum Ministerio util e indispensavel, segue-se que o Estado lhes deve acudir, e supposta a necessidade da Religião, he de direito natural que elles sejão providos do necessario para a vida; mas para que são as riquezas? Não lhes basta o necessario, e logo que o Estado lhes satisfaça o que deve, que mais se exige para sermos Catholicos? Ora aqui temos raciocinios á Bonaparte, e quaes se fizerão quando este damnado hypocrita simulou favorecer o Christianismo. Desenganem-se de huma vez esses Illuminados, e os Pedreiros seus irmãos, que temos assás experiencia para vermos onde vão dar comsigo todas essas medidas apparentemente favoraveis ao Christianismo; he pena, e grande pena, que tenhão corrido em vão trinta annos de experiencia, e que ainda hoje possão agradar esses planos destruidores de que usava Napoleão, a fim de se desassombrar mais a seu salvo da authoridade Ecclesiastica. Ha muitos modos de se acabar de todo a Religião (he pensamento de hum atilado escritor dos nossos dias). Bem póde ella ter acabado, e guardar ainda o seu exterior. Guardas assalariadas por authoridade extrangeira estão já meio corrompidas. Ai da Igreja quando a sustentação dos seus Ministros entrar no *Budjet* de administração publica, e ella se considerar dependente de um rasgo de penna de hum Ministro Pedreiro, que se lembre de riscar-lhe o nome em aquelle mappa das despezas publicas! Assás o mostrou a influencia de Bonaparte nos negocios da Igreja, a quem elle pertendia fazer escrava, assim como fizera prisioro o seu Chefe; e se aquelle tyranno quando usurpou os Estados Pontificios argumentasse com os Canonistas desta maneira: „ Vós ensinais á boca cheia em toda a Europa
„ Christã que os bens da Igreja são bens nacionaes, e de
„ sua natureza reversiveis para a sua primaria senhora,
„ quando esta assentar que necessita delles. Ora pois os Es-
„ tados Pontificios forão dados á Igreja pelos meus anteces-
„ sores Reis de França, que pela vossa doutrina apenas con-
„ cedião uso fructo, e nada mais; e por isso, escudado nas
„ vossas opiniões, torno a chamar para mim os Estados
„ Pontificios, porque assim o exige a utilidade do meu Im-
„ perio; nem eu sou obrigado a dar conta do que faço a

» huma authoridade, que não tem poder nem jurisdicção al-
» guma em cousas temporaes... Huma vez que eu assigne
» ao Romano Pontifice huma cidade em que elle viva, e
» huma pensão annual de que elle se possa manter, fiz
» quanto devia, e não sou mais obrigado. » Que lhe responderião os taes Canonistas? Se quizessem ter alguma coherencia com os seus principios, deverião responder-lhe que o attentado sobre os dominios temporaes do Romano Pontifice foi hum corollario das novas doutrinas: e se aquelle mereceo anathemas, que merecerão estas verdadeiras causas de mil transtornos e calamidades, que tem affligido e promettem ainda affligir a Europa já cançada de padecer? Não basta o que temos soffrido pelo inconsiderado desprezo das opiniões e doutrinas velhas? Ainda queremos ensaiar novas theorias? Não deviamos nós horrorizallas e detestallas para sempre? Milagrosamente preservados de experimentarem as furias da Revolução Franceza, quererão ainda os Portuguezes como forçar a Justiça Divina para que castigue a invasão dos bens da Igreja, que não deve continuar por mais tempo, nem consentir-se o arremedo dos passos de humas Cortes moceladas inteiramente pela Assembléa Nacional de França? Valdenses, Albigenses, Wiclefitas, Protestantes, e Constitucionaes de França, eis os Progenitores da nova doutrina; e quem não a condemnará sómente ao ler o nome das viboras infernaes que a procreárão? Entremos agora no que pensárão e fizerão os nossos antigos sobre esta materia, e appliquemos ao Clero Secular e Regular deste Reino os principios até agora expendidos.

1.°

Bens do Clero Secular e Regular neste Reino.

Não sou tão curto de intelligencia, que não conheça que muitas corporações deste Reino tem possessões e dominios rigorosamente Ecclesiasticos, e possessões e dominios rigorosamente seculares, ou como lhe chamão bens da Coroa; e permitta-se-me que eu os confunda em quanto ao laço commum que os prende a seus legitimos possuidores, isto he, ao direito de propriedade, que em todos elles reputo sa-

grada e incontestavel. Ainda que Portugal já fosse povoado de Mouros, quando o Augustissimo Senhor D. Affonso Henriques levou ao fim a sua conquista, por isso mesmo que os antigos possuidores abandonavão pela maior parte as suas terras, foi necessario cuidar, mui especialmente naquelles primeiros tempos da Monarquia, de que se fossem enchendo os lugares que a deserção e fugida dos Mouros necessariamente havia de deixar vagos; e o Rei immediato, que se deo com todo o empenho a estes importantes cuidados, mereceo com toda a justiça o titulo de Povoador. He certo que elle foi ajudado nesta grande empreza pelo Clero Secular e Regular, e que nomeadamente os Cabidos e Mosteiros, fazendo-se agricultores para serviço da patria, conseguírão rotear e melhorar espaçosos terrenos, que não he muito ficassem pertencendo a quem não só dirigíra, mas concluíra por suas proprias mãos esses por extremo uteis e proficuos trabalhos. Já apontei na Carta inserida em a Gazeta Universal os serviços especiaes do Cabido da Sé de Braga, e de todos os Mosteiros Benedictinos da provincia do Minho a esta Monarquia; e se elles trabalhavão para serem esbulhados algum dia do que tantos suores e fadigas lhes custou, melhor lhes sería terem dado inteiramente á consideração das verdades eternas hum tempo, que só roubárão ao seu principal officio por darem mostras de que erão os vassallos mais empenhados no serviço da sua patria. Mas que digo eu? Quasi me afastava dos sentimentos que animárão os nossos primeiros agricultores... Por certo que elles não trabalhavão por amontoar campos e mais campos, lavouras e mais lavouras, senão para que o deposito consagrado á sustentação dos pobres, e á guerra contra os Mouros, se reforçasse todos os dias por tal maneira, que nem aos pobres faltasse nunca hum refugio, nem aos defensores da patria quem supprisse os gastos de expedições tão arriscadas como dispendiosas... Consultem-se os annaes da Historia Portugueza, pezem-se em justa balança os donativos do Clero Secular e Regular, não só para os citados fins, mas tambem para acclamações de Reis, e casamentos de Principes; e por outra parte considerem-se os immensos sacrificios que o Clero Secular e Regular ha feito nas mais violentas crises do Estado; e será preciso estar agitado de hum odio mais que vatinia-

no para escurecer a importancia e assiduidade de tão relevantes serviços. Antes das novas doutrinas chegava tudo, nadava o Erario em riquezas, appellava o Soberano para a boa vontade do Clero Secular e Regular, constituia-o arbitro das sommas com que havia de contribuir para a salvação da patria, e affluião donativos exuberantes, e que por serem gratuitos davão especial consideração a quem os fazia, e honravão o Soberano, que tão generosamente se remettia ao querer da primeira ordem do Estado. Por certo que foi muito bem aos Reis e aos povos com a doutrina velha; porém tanto que as novas entrárão cessou huma certa confiança que, ligando o Rei ao Clero, era a mola real sobre que jogavão as esperanças de hum e outro; apenas o Clero soube que tudo era *nacional* vio claramente que as cousas chegarião cedo ao extremo de os saquearem de todo, quando algum Ministro Pedreiro nos governasse; e temendo perder a cada instante o que pelas opiniões modernas não reputava seu, acobardou-se de fazer donativos, que só farião crer aos Satrapas que só davão o que não podião deixar de offerecer, e que sería isto mais hum estratagema com que pertenderião salvar esses thesouros, que o Maçonismo vê em sonhos nas casas religiosas. Tal Ordem houve que se affoutou a offereeer em tempos modernos a avultada somma annual de quarenta mil cruzados, no que fazia hum grande esforço, consultando mais a sua lealdade que as suas forças; e que tirou dahi? Accrescentarem-lhe logo mais dez mil cruzados annuaes, e gravarem-na de tempos a tempos com outras contribuições cada vez maiores e mais pezadas.

Não se nega o Clero Secular e Regular á satisfação do que lhes he consignado pelas Ordens Regias, que sempre executão fielmente; mas he quasi impossivel que deixem de se estomagar e azedar por extremo ao ver que isto se faça, ou continue a fazer em conformidade de Instrucções Maçonicas; e será a mais insupportavel das tyrannias que ainda queirão tapar a boca aos opprimidos, não consentindo que elles respirem, que elles desafoguem a sua pena em todos os modos que estiverem ao seu alcance... Quem se envergonhará de ser hum éco fiel das sobremaneira atribuladas Corporações, que tendo o melhor Rei do universo, e o mais contrario aos projectos da Maçonaria, assim mesmo estão

ameaçadas de verem outra vez apinhados sobre si os raios constitucionaes de que se julgavão izentos e livres para sempre? Será por ventura injustiça condemnar os homens pelo que fazem e escrevem? Não ha cousa melhor do que tornar ao uso da ancora sagrada „ Quem escreve assim, trata de semear a desconfiança entre o Rei e os seus Ministros, e chama os povos á sedição „ Ora esta ancora poderá ser valiosa durante o Systema Constitucional, ou na Corte de Bysancio, porém no systema adoptado por S. M. F., que ouve as queixas e gemidos dos seus vassallos, e que nunca se offenderá de que elles representem o que lhes dictar a sua consciencia, e que nem por sombras he offensivo da Magestade, hão de esmigalhar-se todas as ancoras do Maçonismo; por tanto examinemos parcialmente e com brevidade o que se tem passado sobre dizimos, foraes, rações, padroados seculares, etc. etc. etc.

Dizimos.

Nunca em Portugal se hesitou sobre o quinto Mandamento da Santa Madre Igreja senão em o seculo chamado das Luzes, em que se chegou a imprimir hum Catecismo falto deste Mandamento. São incommensuraveis os damnos, que taes doutrinas fazem á Religião e ao Estado. A' Religião; porque se a Igreja foi usurpadora de hum direito, que lhe não competia, e prohibio ou mandou o que só tocava á authoridade civil, que segurança terá o povo ignorante de que ella não se excedesse nos outros Mandamentos? o que he tanto mais para sentir, quanto he certo que nunca faltão mestres do erro, que se aproveitem desta aberta para levarem avante os seus pessimos designios. Ao Estado; porque se o povo chega a persuadir-se que os dizimos era obrigação puramente humana, e a conhecer que se relaxão de todo os vinculos da consciencia, ha de furtar quanto podér, e ninguem lhe metterá na cabeça que os direitos Reaes sejão mais sagrados: tal he o nexo que tem a Igreja com o Imperio civil, que este necessariamente ha de padecer o effeito de todos os golpes que se descarregarem sobre o melhor e mais seguro apoio das Monarquias.

Que importa que a Igreja recebesse os dizimos da au-

thoridade civil? Quem ha de tolhella de impor a lei de se lhe pagar o necessario para a subsistencia dos seus Ministros? Determina ella que os fieis oução Missa aos Domingos e Dias Santos. Ora não póde haver nem Templo nem Capella onde se celebre publicamente o Santo Sacrificio sem influxo da authoridade civil, e não sei como não lembrou ainda riscar mais este do numero dos preceitos; e nada sería estranho quando vemos em campo Sacerdotes a gritarem contra os dizimos!! He esta huma das maiores calamidades, que nestes ultimos tempos ha soffrido a Igreja Lusitana. Ao menos os Sacerdotes por honra e brio deverião sustentar a doutrina verdadeira. Não he desinteresse, he espirito de condescendencia, he ambição quem anima estes discolos; fingem-se desinteressados para melhor promoverem os seus interesses; capitulão com o mundo para que este os contemple, e os tenha na conta de homens *desabusados*, e os adiante em honras, que sahem mui caras a quem põe atrás das costas a honra, a consciencia, e a propria Fè... Entretanto não se deve encobrir que a ignorancia tem sido a fautora destas perigosissimas novidades; e se estes indignos Sacerdotes podessem entender a questão 87 da 2.ª 2.æ de S. Thomaz, acharião plenamente discutida a materia dos dizimos, e o que he mais, admirarião como o Anjo das Escolas adivinhou e combateo as principaes objecções contra os dizimos. Não faltará quem desdenhe de lhe citarem huma authoridade escolastica; mas para quem sabe o que foi esse gigante litterario, que huma lingoa das mais eloquentes do seculo 18 vio dando a mão a S. Agostinho, e este a S. Paulo, para formarem todos tres huma cadeia insuperavel, não poderá negar-se a hum surriso de compaixão, vendo que o formigueiro de anões e pigmeos do nosso seculo tem a ousadia de presumir que sabe mais do que esses homens, que fizerão época na historia dos progressos do espirito humano. Sei que a má applicação dos dizimos he a mais nervosa das objecções que se fazem contra elles, e pasmo de que o sobremaneira judicioso e atilado escritor do Diccionario das Heresias (Mr. Pluquet) na palavra *Albigenses* se dispensasse de tratar o ponto da legitimidade dos bens Ecclesiasticos, debaxo do fundamento que ninguem se convenceria do bom uso que se tenha feito daquelles bens; pois a isto he que se chama rigorosamente fazer huma capitulação, que nunca poderá ser

muito honrosa: por ventura os bens da Coroa dados aos Grandes tiverão nas suas primeiras doações o absurdo e illegal destino de se applicarem a jogos, prazeres illicitos, e á mais criminosa devassidão? E quem argumentará de hum abuso, que desgraçadamente não he mui raro, para deprimir ou invalidar a legitima posse dos bens seculares? He cousa bem lastimosa que essas pennas venaes, dedicadas ao esbulho da propriedade Ecclesiastica só tenhão os olhos abertos quando se trata da Igreja, e os fechem de todo quando lhes era facil notar outros abusos por ventura mais aggravantes e mais escandalosos... Pode citar-se felizmente copia de exemplos de boa applicação de dizimos, e outros mais redditos Ecclesiasticos... mas sobeja-me por agora produzir os claros nomes dos Varões de santa memoria D. Fr. Caetano Brandão, e D. Manoel de Aguiar, que postos á frente da questão, se os dizimos são bem ou mal applicados, são a meu ver dous baluartes inexpugnaveis; e só a fundação e estabelecimento do grandioso hospital da cidade de Leiria póde hombrear com todas as fundações, que não sejão Reaes, desde o berço da Monarquia até ao nosso tempo.

Vinha agora ao meu intento a outra queixa mais vulgar sobre dizimos, que se repartírão mal, absorvendo-se huma grande parte em Commendas e Mosteiros. Em quanto ás primeiras, notarei sómento que a tolerancia da Igreja ao ver desmembrada huma grande porção do seu antigo patrimonio, devia ensinar muitos *Commendadores*, que talvez se demasião contra a Igreja e suas chamadas usurpações, e que sem repararem na trave atravessada em seus olhos, são por extremo cuidadosos de apontarem os argueiros dos seus vizinhos. Em quanto aos segundos, quem reparte melhor os dizimos que os Frades? Onde se fazem e celebrão mais pomposamente os Officios Divinos? Onde se distribuem mais esmolas e mais soccorros aos pobres e aos miseraveis? Já citei em o N.º 10 deste Punhal, e com o louvor que merecia, o Real Mosteiro de S. Cruz de Coimbra; e só quando os Pedreiros Livres chegarem a mostrar que elles fazem a centesima milesima parte dos actos de benificencia que alli se praticão diariamente, he que eu poderei ter mais hum bocadinho de trabalho para contar pelo miudo como se faz a applicação dos dizimos nas casas religiosas de Portugal.

Foros, quartos, e rações, etc. etc.

Já se advertio, e muito a proposito, que nem tudo quanto a Igreja possue neste Reino lhe foi dado pelos nossos Reis... Trabalhárão muito, e accrescentárão muito, na boa fé de que augmentavão o seu verdadeiro patrimonio.. No que toca aos Mosteiros succede o mesmo; e releva que notemos o que permittírão até certo tempo as nossas leis. Os Monges herdavão das casas de seus pais, e em virtude desta legislação subio consideravelmente o antigo patrimonio dos Mosteiros; e a este principio se deve referir huma grande parte dos foros que hoje pertencem aos Mosteiros: e como se deverão reputar nacionaes estes bens, que sahírão no espaço de muitos seculos das familias e casas particulares?.. Só quem estiver cego não verá que mais direito assiste ás casas e familias para lhe reverter a posse daquelles bens, do que á Nação, que foi só espectadora deste novo modo por que se augmentárão e engrandecêrão as posses dos Mosteiros.

Sobre os quartos, rações, etc. he mais renhida a controversia; porém já tenho observado mais de uma vez que por mais exorbitantes e damnosas á agricultura que se queirão julgar estas imposições, fizerão os nossos avoengos o mesmo contrato, que ainda se celebra impunemente, debaixo de condições muito mais onerosas .. A fazenda que se deo de quarto ou de quinto (que são estes os que se julgão mais excessivos) era do senhorio; e como o emphyteuta acceitou as condições, que seu dono quiz impor a esta, como trasladação de dominio, que razão tem de queixar-se pela boca dos seus descendentes? E estes proprios não arrendão frequentemente de meias, ou de terço as suas terras? e se elles não commettem neste ponto a menor injustiça, como se dirá que a fizerão os senhores que ha quatro ou cinco seculos impozerão condições mais suaves aos que nesse tempo se julgavão favorecidos no mesmo, que hoje se chama tyrannia e violencia? Ora entendêsse alguem com a propriedade dos Maçôes, e veriamos como elles atroavão tudo com invectivas e queixas de ser offendida a propriedade, e de tirar do seu devido assento hum dos eixos sobre que principalmente

roda o socego e felicidade das Nações!!! Em fim dispunhão os Mosteiros do que era seu; e toda a repugnancia que hoje lhe mostrão he effeito natural da indocilidade, e da tendencia natural do homem para se izentar de toda especie de jugo e de sujeição. Que bem fomentárão as damnadas Cortes Lusitanas estas sordidas paixões dos homens! Ha districtos inteiros em Portugal, que favoneados pelo sopro *infecto e pestilente da Casa das Necessidades*, se eximírão de tudo, que erão quartos, oitavos e dizimos, e reduzindo-se arbitrariamente ao *estado natural*, desfrutárão uma vida santa; e o mais he que estes descarados Ladrões, apenas igualados pelos que infestão os pinhaes d'Azambuja, protestão guardar aquella brilhantissima prerogativa, e sem meios coactivos nunca mais poderão chamar-se aos seus deveres... Huma Corporação, hum Mosteiro, que foi açoutado pelas Cortes Lusitanas, que perdeo metade do seu rendimento pela chamada *vontade nacional*, e que não recebe a outra metade, como poderá satisfazer contribuições, que suppõem o seu antigo estado de fortuna? Ninguem dá o que não tem; e sería indispensavel que primeiro que tudo fossem chamados *á ordem* os povos refractarios, do que se tratasse de impor novas contribuições ao Estado Ecclesiastico. Para quem não recebe o antigo apenas he admissivel metade das contribuições antigas. Tristissima cousa he mudaremse loucamente os usos e antigos costumes de qualquer Nação! E insolentissima cousa he apparecerem ainda hoje tantos advogados do diabo, que não tomão a peito outra cousa mais do que tentarem o exito de novas theorias? Será ainda pouco o sangue que ellas tem custado ao genero humano? Ainda tentarão *sacudir a arvore das idéas* para saberem as que ficão pegadas, e não cahem? Que politica será esta de querer tirar as ultimas gotas de sangue a huns corpos atenuados e exhautos de forças, e a quem os dois tremendissimos flagellos da Invasão Franceza, e da Invasão Constitucional, fizerão todas as extorsões e males que nós sabemos? Veremos a sangue frio caminharem para diante em ar de triumfo os systemas Pedreiraes, e o odio encarniçado que elles jurárão ás Ordens Religiosas, ainda se manifestará desempeçado e arrogante, sob o paternal governo d'ElRei, que professa hum entranhavel amor ás antigas fundações dos

seus Antepassados? Ainda seu Augusto Avô o Senhor D. José I. não quiz impor o tributo de decimas ao Clero Secular e Regular, e nem por isso lhe faltárão os meios para sustentar huma guerra, nem o Real Erario chegou a exhaurir-se, ou a perder o credito!! Lançemos porém hum véo sobre factos demasiadamente notorios, e apressemos á

Conclusão do exposto.

Se as Cortes Geraes querião acabar de todo com as Ordens Religiosas, e nesse espirito augmentavão as contribuições e impunhão encargos sobre encargos, ha de imitar-se servilmente o exemplo Maçonico, e o que devia causar-nos horror, e ser arrojado ás chammas, continuará a ser o norte de Commissões estabelecidas para melhorarem, e não para destruirem? Por mais que espirito Maçonico se disfarce, se ladêe, e queira manhosamente occultar-se, eu penetro-lhe os seus ardis, não quero nada delle, nem com elle, e nunca serei enganado pelo *Jumento de Cumas*, a pezar de que elle se mascare ou tome a pelle de Realista, o que he tão alheio do seu natural, como a natureza do leão he diversa da natureza do jumento... Aposto eu que nem Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, que *vivendo valido* sahio *pobre* do Ministerio dos negocios do Reino!!! Nem José Accursio das Neves, o defensor intrepido da innocencia e da virtude, nem José Vaz Correa Seabra, o campeão do privilegio do foro Ecclesiastico, e o ha largos annos defensor nas cadeiras da Universidade dos bens Ecclesiasticos, hão de seguir as novas doutrinas, ou dar valor ao principio da Soberania do povo, que he irmão gemeo do outro de que a Igreja não tem propriedade? Quando veremos em Portugal á testa das Commissões e repartições civis e militares sómente homens de cunho antigo, homens de saber profundo, e não odiosas mesclas de Francezismo, de Anglicanismo, e por ventura de Maçonismo, e os que satisfeitos de lerem os pequenos e bem pequenos livros do nosso tempo, se julgão com forças e cabedaes de sobejo para dirigirem a náo do Estado?

Não venho a dizer com isto que sejão máos todos os nossos primeiros Empregados publicos; e só huma crassa

ignorancia do sentido obvio das minhas palavars he que ousará deitar-lhes veneno Quem deseja o melhor nunca deve ser arguido ou estranhado. Em grande parte eu sei dar o preciso desconto aos homens, que tarde ou nunca se despegão dos principios fundamentaes da sua educação litteraria, e bem poucos á força de maduras reflexões se despedem para sempre daquelles principios falsos que se bebêrão nas escolas viciadas pelo espirito do seculo. Entendão ou não entendão as minhas palavras, eu já não estranho as perseguições, estou familiarizado com os ares do desterro, achei-os puros e deliciosos, porque tem certa analogia com os que se respirão na verdadeira patria do Christão, que he o Ceo. Hei de morrer com as armas na mão contra os Pedreiros Livres. Conheci-os por graça de Deos, e nunca me abalei, nem de suas promessas, nem de suas ameaças; e para lhes dar huma inteira prova da minha *affeição*, hei de offerecer-lhes hoje hum pouco ampliada *huma ironica arenga*, que lhes endereçou hum dos mais eloquentes Apologistas da Fé nestes ultimos tempos. (O P. Valsechi).

Arenga aos Pedreiros.

Botai fóra de suas pacificas moradas esses Zangões, que chupão todo o mel da riqueza nacional. Embora estalem de pena os que se aproveitárão de suas luzes na direcção das consciencias; embora pereção de fome essas legiões de pobres e mendigos, guarnição não menos fixa do que honrosa das Portarias dos Conventos... Entregue-se tudo aos Pedreiros Livres. Acudão em chusmas estes Discipulos de Hobbes, de Espinosa, e de Tolando. Venhão armalos com o *Systema da Natureza*, *Prejuizos destruidos*, *Idade da razão*, *Militar Filosofo*, e não esqueção *as Cartas Judias*, *e o Espirito de Helvecio*, que podem ser de grandissima utilidade para a Universal Regeneração. Que vantagens hão de tirar do ensino de tão campanudos e abalisados Mestres? Com que enfase dirão elles que a Religião he huma patranha inventada pelos Sacerdotes para conter o povo na sujeição aos Principes; que o direito consiste na força, e tudo o mais he ranço e palheirada; que he bom e santo o que se póde fazer impunemente; que o marido se póde descartar de sua mu-

lher e tomar outra, quando aquella por velha o enfastiar, e esta por nova lhe for mais agradavel; que o pejo das mulheres he huma fabula, hum prejuizo da educação, hum desmancho da natureza; que o juramento he huma palavra oca; que ou não ha Deos, ou elle não cura de nós e das nossas cousas! O' seculo ditoso, e mil vezes afortunado, em que se propagarem taes doutrinas! Que segurança para os thronos! Que descanço para as familias, pois será desnecessario que os pais zelem o credito de suas filhas, e as mortifiquem pelos extremos ou *caturrices* de sua vigilancia! Que boa fé no commercio, onde quem pilhou pilhou, e quem mais póde furtar mais esperteza mostrou! Passem de huma vez para a mão dos Pedreiros esses montes de ouro e prata mais ricos e mais altos que os do Potosi, que já custão a esconder dentro dos Mosteiros; entrem no giro e na circulação Maçonica essas mal empregadas riquezas, que se definhão e *paralysão* em poder dos Ecclesiasticos, e veremos tudo em ordem, e no seu lugar competente. Hão de ter melhores applicações, dando-se em tributo a Dançarinas e Cantarinas, que merecem honras devinaes, que assim o escarrou o Grão Voltaire, fallando da Actriz M. Le Couvreur —

Un objet digne des autels
Est privé de Sepulture.

Quanto mais vale ter hum Camarote fixo em S. Carlos, dar partidas sumptuosas, ter mancebas assoldadadas a 6$400 rs. por dia, que applicar estas sommas ao soccorro da indigencia, da miseria, e da pobreza envergonhada? Luxo e mais luxo, he este o verdadeiro alicerce das sociedades, que assim o começárão a ensinar ha perto de cem annos em huma obra impressa, onde se mostrou o crescido numero de bens que traz comsigo a corrupção dos costumes. (Fable des abeilles au miel — París 1729).

Ora tudo isto faz horror; mas saibão os Portuguezes que he este o fim, a que vão parar as novas doutrinas.

P. S. Para se mostrar a constancia dos meus principios, quero juntar a carta citada, que publiquei em 1822.

3.ª *Carta do Christão Velho ácerca das Ordens Religiosas.*

Já tornei a mim do apêrto de coração, e desmaio com que fechava a minha segunda carta. Parecia-me tudo negro, e tempestuoso naquella hora, e passados alguns instantes, renasceo-me a esperança de que nunca se chegarião a ver em Portugal as atrocidades, que enlutárão a *França*, e de que (por mercê de Deos) estamos livres de *Marats*, e *Robespierres*, etc., etc., etc. Foi o que me valeo, senão como poderia sustentar hoje a penna, e guialla com firmeza em huma questão melindrosa, que já parece definida! Não posso negar que o principio de que o Clero Secular e Regular não tem propriedade dos seus bens, ainda que lhe custassem bom dinheiro ganhado á custa do seu trabalho, ainda que fossem doados por quem lhe chamava *seus*, ainda que elles proprios com a sua roçadoura ás costas se mettessem a desbravar esses matages, hoje ferteis campinas, he já tido como axioma politico, irrefragavel, inabalavel, indestructivel. Ora eu, que infelizmente sou curto de engenho e capacidade, quizera ver mais liquidos certos chamados axiomas. Tenho medo que me péllo ao — *Ipse dixit* — que me parece não menos odioso em materias de Politica do que em materias Filosoficas. Digão embora as cousas, mas provem o que dizem. . . . Se os proprios Concilios Geraes, Ecumenicos, a quem o Espirito Santo concedeo a infallibilidade, assim mesmo discutem as materias, ouvem os argumentos em contrario, e só depois de hum maduro exame procedem a estabelecer, e definir as verdades Catholicas, por ventura gozará o homem de privilegios superiores, quando falla a outro homem que saiba usar da sua razão, e que não se deixe enfeitiçar por essa *taralhoada* de nomes impostores de *Camus*, *Seyeyés*, *Paynés*, e outros da mesma estofa? Nao, Senhor: vamos a principios, que sem elles tudo he levantar castellos sobre o vento, e fiquem de parte os risinhos sardonicos, os desdens irrisorios de certos heroes para os quaes *Vatel*, *João Jacques*, *Bentham*, e *Constant* são veneraveis, e venerados como entre nós os quatro Evangelistas . . . E o mais he que esses mesmos famigerados AA. hão de municiar-me de polvora e bala para combater os seus discipulos.

****

He necessario confessarmos por entrada, que hum absoluto e entranhavel odio ao *meu*, *e teu*, isto he, a toda e qualquer propriedade, he a base fundamental dos sonhos do homem, que enxovalhava o credito de Madama *Warren* sua especial bemfeitora, e que andando com huma campainha por esse mundo a gritar *Crescite et multiplicamini*, era tão *filantrópo* e tão bom pai, que mandava seus filhos para a Roda dos Engeitados. Começou-se a guerra dos impios pelo ataque dos direitos de propriedade, que parecião mais fracos. Vierão no seu tempo em que a Fé se entibiára, e quasi se extinguíra em muitos dos seus seguidores, e por isso pegárão como visco as suas perversas, e abominosas doutrinas . . . Dispozerão o ataque, e a hum Rei Filosofo coubérão as honras do commando em chefe das tropas levantadas para destruirem o Throno, e o Altar . . . Ora neguem-me que a pag. 126 e seguinte do 2.° Tomo da Correspondencia de Mr. *Voltaire* com ElRei da Prussia, edição de *Paris* (anno quarto) se lêm as palavras seguintes:

« Tenho notado, e outras pessoas comigo, que os lu-
» gares, onde ha mais Conventos de Frades, são aquelles
» em que o povo he mais cegamente dado á superstição
» (1). Não tem duvida que se se chegão a destruir estes asy-
» los do fanatismo, o povo se tornará hum pouco indiffe-
» rente e tibio sobre estes objectos, que são agora os de sua
» veneração. Tratar-se-ha pois de destruir os Claustros, pe-
» lo menos de começar a diminuir-lhes o numero. Este mo-
» mento he chegado, pois o Governo Francez, e o da Au-
» stria achão-se endividados, e já empregárão todos os re-
» cursos da industria para satisfação de suas dividas sem o
» conseguirem. O engodo das *Abbadias ricas*, e dos *Conven-*
» *tos* bem dotados, he tentador. Representando-se-lhes o mal
» que os Cenobitas fazem á população dos seus estados,
» assim como o abuso do grande numero dos — *Cucullati*
» — que enchem suas Provincias, e ao mesmo passo, que
» hão de satisfazer as suas dividas, applicando-lhes os the-
» souros destas communidades que não tem successores, as-

(1) Esta *Superstição*, he — *La Superstition Christicole* — de que se faz menção em a Carta 159 escrita por Voltaire a 5 de Abril de 1767.

„ sento que os determinarião a começar esta reforma, e
„ he de presumir que depois de terem gozado da seculariza-
„ ção de alguns beneficios, a sua avidez engolirá os mais.
„ Todo o governo, que se determinar a fazer isto, será
„ amigo dos Filosofos, e tomará partido a favor de todos
„ os livros que atacarem as superstições populares, e o fal-
„ so zelo dos hypocritas, que se lhes quizerem oppôr. Eis-
„ aqui hum pequeno projecto, que eu sujeito ao exame do
„ Patriarca de *Ferney*. A elle como Pai dos *Ficis* toca
„ emendallo, e executallo. Póde ser que o Patriarca me op-
„ ponha . . . Que se ha de fazer aos Bispos? Respondo-lhe
„ que não he ainda tempo de cuidar nisso, que he necessa-
„ rio principiar pela destruição dos que soprão o abrazamen-
„ to do Fanatismo em o coração do Povo. Logo que o Po-
„ vo esfriar, os Bispos serão huns *meninos*, de que os Sobe-
„ ranos pelo andar dos tempos farão tudo o que quizerem. „

Se eu assentasse que em *Portugal* se intentava fazer cousa simillhante, hoje mesmo fechava os livros, e nunca mais os tornaria a consultar em taes materias, visto que nenhuma força de argumentos resiste a — *Doutrinas armadas* — por certo a melhor definição do espirito revolucionario, dada por quem melhor soube deslindar-lhe os ardis enredos, e manhas (1); como porém felizmente para mim a Liberdade de Imprensa me franqueia as portas, quero entrar para dentro ainda que huma voz de trovão me ronque, e pretenda atordoar-me com o — *Procul abeste, profani* . . .

Ninguem duvída que o Clero Secular e Regular deva contribuir segundo suas posses e meios para as necessidades do Estado, e serião máos cidadãos se divergissem de hum principio essencialmente constitutivo das sociedades humanas . . . Andão cheias nossas historias de donativos do Clero para armadas, expedições, guerras internas, e externas, e cumpre observarmos de passagem que nesse tempo, em que os dizimos erão reputados geralmente como de Direito Divino, e os Reis não ousavão forçar o Clero que pagasse tributos, davão elles de bom grado sommas proporcionalmente mais avultadas, que todas essas posteriormente pagas em virtude dos Reaes Decretos. O Clero *Portuguez* tem assás mostra-

(1) Mr. *Burke*.

do que não ha outro nem mais pacifico, nem mais zeloso do bem publico, nem mais capaz de grandes sacrificios... Se algum dia for esbulhado do que possue, nunca se provará que tenha sido criminosso. Mosteiros, Cathedraes, e Beneficios, ou adquirírão seus bens por Doações valiosas, reconhecidas pela Nação, e authorizadas pela tranquilla posse de 500, e mais annos, ou se dévem considerar nas mesmissimas circunstancias dos que atravessando os mares vão ter a Ilhas desertas, de que tomão posse, reduzindo-as a cultura, e ganhando assim hum dos direitos mais sagrados da propriedade, que he o roteio de terras incultas.

Forão estas circumstancias em que varios Mosteiros e Corporações deste Reino melhorárão o que lhes foi doado, tornando-se em poucos annos o melhoramento de hum preço mui avantajado ao da primeira doação. Ora estes Bispos, Conegos, e Monges, que fizerão povoar e agricultar espaçosos terrenos, forão utilissimos á Patria, fizerão-lhe por certo maior favor do que tinhão recebido (1). Quem se lembrou nunca de que fossem nullas as Doações feitas pelos nossos Reis a Estrangeiros, como se póde ver na 3.ª parte da Monarquia Lusitana L.° 10, Capitulo 3.°? E por que motivo hão de parecer exorbitantes as que se fizerão aos Monges, e Conegos naturaes deste Reino, e que formárão, por assim dizer, huma especie de Herança Nacional, que servisse de accommodação honesta a parte da nossa mocidade, e aos nossos irmãos, parentes, e amigos, que folgassem de abra-

---

(1) Aconselho os inimigos da propriedade dos bens da Igreja, que leião e revolvão a Memoria para a Historia da Agricultura em *Portugal*, que he a primeira do Tomo 2.° das Memorias de Litteratura Portugueza publicada pela Academia Real das Sciencias de *Lisboa*, e que reparem nestas palavras: » Repartio (o Conde *D. Henrique*) largamente as terras incultas por alguns corpos de *mão morta* como ás Cathedraes de *Braga*, e outras, aos Monges Benedictinos; e tambem por muitos Senhores da sua Corte, que as fizessem cultivar. A Cathedral de *Braga* repartio estas terras, afforando humas, dando outras a Lavradores com a convenção de certas partilhas na colheita dos fructos. » = Pag. 7.

çar a vida Ecclesiastica? Por ventura em nossos Cabidos e Mosteiros tomárão assento os Antropófagos para os desejarmos longe de nós, ou reduzidos a huma necessidade extrema do que he indispensavel para a vida? Donde virá esta furiosa tendencia para desmembrar o Clero da grande Familia Portugueza, considerando-o ha largos annos como hum Estrangeiro pezado, e roubando-lhe os proprios direitos que se franqueião aos mais Cidadãos? Tratando-se de quaesquer outros parece desnecessaria, e até ridicula, toda a controversia sobre propriedade, e quem ousasse contradizella sería taxado de ocioso, e impertinente; trata-se porém de Clerigos e Frades, mudão as scenas, já correm outros ares, põem-se muitas duvidas a esta propriedade, que tem por si os mesmissimos fundamentos da outra, e não ha pedra que se não mova para lhes denegar huma propriedade, que os Seculos, os Povos, e os Reis tiverão como firme, e indestructivel, comminando maldições, e anathemas a quem tentasse invadilla, ou quebrantalla! Quem foi (perguntemos alguma cousa a estes affamados publicistas), quem foi o doador dos bens do Clero? O Rei ou a Nação, que os deixou adquirir, e que os certificou mil vezes de que tudo o que possuião era seu. . . . Será crivel que os Reis, e as Nações só armassem por este modo hum laço inevitavel á boa fé, e innocente credulidade dos Cabidos, e dos Monges, e de outras Corporações Ecclesiasticas. Não pareceria, quando assim fosse, o que certamente não foi, que no meio dos trabalhos de huma Classe tão industriosa os proprios Reis seus bemfeitores lhes dizião: « Trabalhai não para vós, e para a vossa espiritual descendencia; mas para quem só vio, e admirou vossos trabalhos. Quando largardes a enxada, o ancinho, e a fouce, não vos permitteremos que descanceis á sombra dos proprios arvoredos com que aformoseastes nossas montanhas, e planices. . . . Tudo o que fazeis he inutil. Virá tempo em que os vossos successores ouvirão da propria boca de seus Irmãos: « Sois huns intrusos, huns usurpadores. . . . Isto que possuís não he vosso. . . . Sois Inimigos da Patria, e o melhor que possue esta Mãi bemfazeja deve passar immediatamente para outras mãos. » De que horror não ficarião possuidos esses antigos Doadores, esses Monges Lavradores, se voltando agora a este Reino,

ouvissem dispôr illegal, e arbitrariamente huns de suas ultimas vontades, e outros de suas laboriosas fadigas. . . . He desgraça que sómente o que pára nas mãos dos Monges, e que tem luzido á força dos seus trabalhos, pareça muito, e mal empregado, e que ninguem repare nas exorbitantes sommas que custão os desvarios, e excesso do luxo, e dissipação por certo desconhecidos de nossos maiores!

Supponhamos todavia que os bens dos Regulares fossem dados pela Nação, o que he falso, (pois ha neste Reino Mosteiros fundados, e dotados antes da fundação da Monarquia por homens, que tinhão direito de propriedade, e que o transferírão a esta especie de herdeiros, como por exemplo os de *Lorvão*, *Pendorada*, *Grijó*, e outros; e ha muitos já posteriores á fundação da Monarquia, que não percebem hum só real dos bens chamados da Coroa, e que se engrossárão com as legitimas dos Frades no tempo em que as nossas Leis lhe permittião herdar) assim mesmo teria bem pouca força o argumento deduzido de tal natureza de bens, e olhando-se as cousas á luz da justiça e equidade natural, o mais que a Nação poderia fazer em lances de aperto sería declarar com generosidade e franqueza: « Esta cousa era minha, eu vo-la dei; logo não a posso retomar sem que vos dê hum equivalente. » O argumento de se ter dado a cousa, para haver direito de a retomar, he o mais futil que póde haver, e por isso mesmo que a cousa foi dada, he que não he justo, nem airoso retomalla. Idéas são estas mui obvias, que andão na boca de todos, e que são como o alicerce de hum dito popular, que não he mal trazido para o assumpto de que ora se trata — Quem dá, e torna a tomar, ao inferno vai parar. —

Se a Nação deo os bens, se authorizou seus filhos para os possuirem, e desfrutarem, assegurando-lhes por 600 e mais annos, que podião viver tranquillos, e dormir á sombra de promessas tão solemnes como repetidas, terá ella presentemente assás despejo para infringir e anullar quanto se fez, quanto se jurou, e prometteo guardar até ao fim do mundo?

Que fructo tirou a *França* de ter declarado nacionaes os bens do Clero, de ter supprimido inteiramente os dizimos, de abolir as Ordens Religiosas, e de ter assalariado os Mi-

nistros do Altar? Não duvido que o Erario se atulhasse momentaneamente de riquezas; porém os Altares, e as Igrejas ficárão vazias, o Clero buscou asylo em reinos estrangeiros para se livrar da Guilhotina e dos *Septembrizadores*, os proprios calices e patenas entrárão no saque geral, e forão convertidos em usos abominaveis.... O Catholicismo dentro em poucos mezes não foi conhecido senão pelo horrivel nome de *Fanatismo*.... Que tirou a *Hespanha* deste grande espolio das Ordens Religiosas? Ficou por ventura em termos de fazer rosto ás despezas nacionaes? A grande alteração que fez nos dizimos, influio por ventura nos Castelhanos para darem de melhor vontade esses meios dizimos a que são actualmente obrigados? Não confessão á boca cheia muitos periodicos de *Madrid* que as Juntas Diocesanas tem sido remissas em satisfazerem as pensões do Clero? Que será hum Clero morrendo de fome, e dependendo a toda a hora dos mesmos a quem por officio deve reprehender e castigar?

Diminuida a consideração do Sacerdocio, diminue-se forçosamente a sua influencia no rebanho, e tudo se transtorna e vai perdido.

Quando eu tinha chegado a esta altura, e me propunha responder á objecção tirada da pobreza dos seculos primitivos da Igreja, ao que sómente replicaria com duas palavras = Ou não argumenteis do tempo da perseguição e calamidades da Igreja para os tempos de agora em que he declarada fiel depositaria dos Dogmas Catholicos, Nacional, ou concedei-me que he actualmente perseguida. = Veio-me ter á mão hum Folheto trasladado do Hespanhol (o que não admira, pois de Castella soprão agora furiosos ventos de perversas doutrinas, para o que bastava a sua esclarecida *Fontana d'ouro*), e só lhe responderei tambem duas palavras: olhe, Senhor Author do Juizo Historico Cauonico Politico da authoridade das nações nos bens Ecclesiasticoso, V. m. mostra carecer absolutamente do sentido da primeira palavra do frontispicio ou titulo de sua Obrinha. Leia melhor os Padres que allega em sua defensa, consulte o incomparavel *Santo Agostinho*, principalmente em as suas respostas aos Donatistas sobre temporalidades de Igreja, das quaes abunda o 2.° e 3.° tomo das suas obras da Edição *Maurina*, ou seja a de *Anvers*, ou a reimpressa em *Veneza*; sai-

ba destinguir o Bispo, o Clerigo, o Frade, das suas respectivas Igrejas, ou Communidades, e quando apparecer em publico não dê erros de palmatoria. Olhe que em a sua resenha dos meios de adquirir, que tem os Monges e Clerigos (pag. 27) esquecêrão-lhe os Monges Cavadores dos primeiros seculos da nossa Monarquia, que sendo ás vezes 900 em hum só Mosteiro, tinhão horas determinadas para ganharem o pão pelo suor de seus rostos, e os Monges herdeiros de seus Pais, cujos bens não erão o patrimonio dos pobres.... Não involve contradicção serem os Bispos meros administradores e dispensadores do patrimonio dos pobres, e ser a Igreja senhora do Concilio Geral de *Constança*; e não queira incorrer na censura justamente fulminada contra os Albigenses, Valdenses, Hussitas, e outros *louvaminhores* da pobreza Apostolica, para desempenharem os fins occultos de sua cobiça e preversidade.... Por seu respeito não metterei mais na panela, e saiba que depois de concluir as minhas 25 palavras sobre as Ordens Religiosas hei de mostrar-lhe a sua ignorancia, a sua má fé, e o seu pouco exame das passagens de *Tertulliano*, *Santo Ambrosio*, e *Santo Agostinho*, que são todas *contraproducentes*, e a final as heresias lançadas a pag. 20, onde V. m. mette a bulha os suffragios pelas almas do Purgatorio.

Não desmaie, Sr. Redactor, na heroica empreza de ser a sua excellente Gazeta como o arsenal onde os bons Catholicos depositão, e preparão as suas armas para o combate. Não o lisongeio. Tem V. m. hum milhão de admiradores, e neste numero se compraz de entrar o seu

Amigo

Coimbra 8 de Abril.

Christão Velho.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 15.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

AS SAUDADES DA CONSTITUIÇÃO.

Que será feito do arrogantissimo letreiro aberto em huma das portas de certa cidade deste Reino por ordem da Camara, onde se lia em grossos caracteres

Memoria eterna
Arco da Constituição.

E assim brincando lançavão por terra hum dos brazões permanentes, que affianção a antiguidade da sua patria! Só em huma cousa lhes achei muita razão, e vem a ser que a hum titulo mourisco succedia hum titulo revolucionario, e por tanto subião mais alto que os edificadores da porta... Que será feito delle? A estas horas já não existe, e o nome antigo já recobrou o lugar que por huma posse de mais de novecentos annos lhe pertencia... Onde estão as lapidas constitucionaes Portuense e Lisbonense? Onde os nomes de Praças da Constisuição, Praças da Regeneração? Sumio-se tudo, e como por encanto se forão mettendo as violinhas no sacco, e ninguem se atreve a usar desses nomes justamente proscritos e detestados. Apenas hum decantado *nacional*,

synonymo de *pedreiral* ou *jacobinico*, ainda se expõe ás vistas do publico indignado, e nem todos abraçárão ainda a substituição do nome Real que se tirou ás cousas, que por mil razões devião conservar esse titulo. Bem sei que o medo forçou muita gente boa a enlaçar as duas soberanias *Nacional* e *Real*, dando á primeira, que nunca existio nem póde existir, nada menos que o primeiro lugar, para que até os sobrescritos de milhares de officios e cartas apregoassem por todo o Reino a doutrina revolucionaria ... porém que nodoa esta para o caracter Lusitano, sim do caracter Lusitano, que rompia até em desatinos para mostrar a sua lealdade á Serenissima Casa de Bragança, de que basta citar agora o exemplo desse honrado Cavalleiro Senhor da Trofa, que succedendo-lhe encontrar na ponte de Coimbra ElRei Filippe de Hespanha, metteo esporas ao cavallo, e precipitou-se da ponte abaixo só para se esquivar de fazer venia ao Rei intruso!!!

Pois não houve *tolinho* que ousou appellidar-se em letra redonda — Correspondente da Instituição Vaccinica estabelecida na *Academia Nacional* das Sciencias de Lisboa! E por certo que a Academia Real tiraria grandes frutos desta injuriosa alcunha, que se o governo revolucionario durasse entre nós mais tres annos, largaria o posto ás sociedades de Minerva, ás Patrioticas, e outras Irmandades do mesmo calibre!!

He bom que se apaguem e se risquem de todo esses nomes sobremaneira desairosos para esta Monarquia, porém ainda era melhor que se apagassem de todo as negras saudades do systema constitucional, ainda mais vivas, ainda mui descaradas, e ainda mui esperançosas!! Ha Portuguezes Deistas ... ha Portuguezes filhos de Israel ou Judeos, ha Portuguezes aladroados, e ha hum *cardume* de Pedreiros, que se chegão, como he fama e tradição vulgar, a trinta mil, são menos do que eu pensava ... Querem os primeiros ver diffundida por todo este Reino a suprema authoridade da razão *sem hypocrisias nem fanatismos* ... Hum templo á Razão na capital do Reino, outro á Fortaleza no Porto, outro á Filantropia em Coimbra, etc. etc. enchião-lhes as medidas; nem estes homens já agora podem viver contentes sem que tenhão visto o complemento destas admiraveis

obras... Querem os segundos aberta, seja onde for, huma synagoga, em que se explique o Talmud, e se decifrem os mysterios de Misna e da Cabala, e dê por onde der, perca quem perder... Querem os terceiros viver no *estado natural*, onde não se conhece o *absurdissimo direito de propriedade*, e onde não ha nem foros, nem rações, nem dizimos; e para estes não presta, faz azedar o estomago a instauração da Monarquia, porque temem ver-se esbulhados do roubo insolentemente praticado ha tres annos, debaixo da *egide constitucional*, por certo a melhor capa de velhacos que tem havido neste Reino.

Querem os quartos e ultimos governar e mais governar, e confiado que lhes seja o leme dos negocios tudo vai para elles ricamente, presumem-se e intitulão-se os verdadeiros *filhos da luz*, e movidos de huma *filantropica e exaltada compaixão*, querem-nos levar a todos pela mão, exonerando-nos primeiramente de qualquer pezo estranho que nos possa fazer tropeçar ou cahir, v. g. dinheiro ou cousa que o valha, etc. etc. e metter-nos de posse do reino de Saturno, onde não ha Reis, não ha Fidalgos, não ha Clerigos, não ha Frades, não ha Deos... e tudo são trolhas, barbas de bode, aventaes, esquadrias e prumos, o que ainda que seja de folha de Flandres *he mais precioso* que todos os sceptros e diademas do universo.

Ora aqui temos em resumo as principaes causas da saudade, que punge e devora os corações talhados para a grande e heroica empreza de felicitarem o genero humano, por mais que elle grite, que elle berre, protestando que não conhece, nem admitte similhantes reformadores, e que os teme ainda mais que as pestilencias e os terremotos.

Atrás da saudade vem as illusões e os sonhos agradaveis, e hum dos taes ha poucas noites sonhou que por effeito das *manobras pedreiraes* alguns dos irmãos vigilantes (que hoje dormem) trepavão, *como gateando*, a huma empinada montanha, donde fazião despegar massas enormes de penedia, que, rolando estrondosamente, cahião sobre os despervenidos corcundas, que em breves momentos apparecião todos feitos em salada... Foi tal a commoção de alegria, que gritou, acordou, e não vio nada!!..

He com effeito pasmosa a audacia destes *Gracos* ou an-

tes *Lazaronis*, que levão as noites de fio a pavío a excogitarem fabulas aterradoras com que hão de illustrar o dia seguinte. Sustentadas pela mentira em quanto lhes foi bem, cuidão estas sevandijas que ainda poderão fazer fortuna pelo mesmissimo trilho, que os despenhou no boqueirão da mais completa nullidade .... Hum dia apparecem já erguidas a favor do systema defunto as cidades e povoações, que o enterrárão cem braças abaixo do chão ... Outro dia lá vem o annuncio de que os negocios de Hespanha correm a favor dos constitucionaes, sem duvida por artes da madre Celestina, ou por alguma nova sementeira dos dentes de Cadmo, ou porque algum exercito encantado surdiria talvez do alcaçar de Sevilha, ou das ruinas de Alhambra. Outros meneão a cabeça em tom ameaçador, como quem espera muito da heroica resistencia dos Gaditanos, que bloqueados por mar e por terra pedem a Deos misericordia; outro dia alentão-se com as proezas do novo D. Quixote, aliàs Sir Roberto Wilson, que veio ao atar das feridas, e que provavelmente só conseguirá fazer criveis certas aventuras do heroe da Mancha, e sahirá para a Inglaterra de caixas destemperadas, como já lhe aconteceo em París, onde se metteo a praticar *as obras de misericordia liberal*, subtrahindo á justiça os réos de lesa magestade; outro dia recorrem aos *talentaços constitucionaes*, que tem queimado as pestanas para traçarem o plano de huma contrarevolução em que os Nobres, os Frades e os Clerigos terão de passar por huma nova *S. Barthelemi*. Em fim os taes meus senhores rião-se até agora da *estupida credulidade* dos realistas ou corcundas (synonymos em frase pedreiral); e porque não estalaremos nós hoje de riso ao vermos claramente a fatuidade das suas esperanças?

Ora se estes sonhos de febricitantes provocão riso, nem por isso nos ha de succeder outro tanto se considerarmos de perto os damnos, que elles ainda agora fazem ao socego e á propriedade de muitas classes e individuos. O espirito constitucional ainda vive, muito direito e senhor do seu nariz, em algumas povoações deste Reino; e podendo eu citar muitos exemplos desta verdade, apenas citarei hum dos mais notaveis e mais escandalosos.

Ha nesta provincia da Estremadura hum pequeno districto ou comarca, onde apparece hum formigueiro de pes-

soas de todas as condições, que se mostrão por extremo doridas e saudosas *do grão systema constitucional.* Ainda a 8 de Junho se esperançavão muito na sonhada resistencia de hum tal *Pego que não adherio ás proclamações de ElRei.* A 13 de Junho estranhárão altamente que hum Prégador por accasião de exaltar o nosso Portuguez S. Antonio, Protector e General dos nossos exercitos, passasse a louvar o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel pela grande obra que tão ousadamente concluíra. Boca que tal disseste! Derão logo sinal de si com as viseiras cahidas, e gestos de desapprovação, e de furibunda colera... nem tardárão em o proprio recinto da Igreja as palavras injuriosas, que por bem pouco não chegárão a mais... Outro Prégador na mesma data foi observado e vigiado attentamente do corpo da Igreja por hum *magote* de individuos armados de varapáos, e que ao proprio Vigario da Paroquia protestárão que havião de espancar o reverendo Prégador se elle continuasse a gritar, como já fizera em hum pulpito visinho, contra a Constituição e seus apaixonados. As mesmas scenas ou talvez ainda peiores, se renovárão em o dia 24, e creio se renovarão todas as vezes que os Prégadores Evangelicos fizerem nesta comarca o seu dever, combatendo e profligando os erros e delirios constitucionaes.

Ora estes casos, tão peregrinos e monstruosos, demandão hum serio exame; pois vistas as suas causas, nada he mais facil que applicar-lhes o verdadeiro remedio.

Será isto por ventura alguma lavareda de Maçonismo? Creio que não vai por ahi o gato ás filhozes... Este povo, que eu deixo de nomear para que mais se confunda e envergonhe, se por acaso he possivel que os seus demagogos tenhão ainda algum resto de vergonha, era obrigado a pagar a hum certo senhorio quartos e dizimos, condições estas que nem forão injustas (porque se os taes cabeças de motim dão as suas terras de meias, he claro que o senhorio podia dar as suas, e muito suas, de quarto), nem parecêrão onerosas aos primeiros colonos; logo porém que soprárão para este lado os ventos constitucionaes, principiou a *gentinha* de se alterar e esperançar muito, pois conhecêrão pelo vidonho dos Regeneradores que tinhão á porta o seu S. Martinho... Seguírão-se as contagiosas exhalações *ou miasmas*

da Casa das Necessidades, vulgo Côrtes Lusitanas, e ficárão os taes amigos, como lá dizem, mettidos n'hum sino. Soube-lhes como gallinha a *Soberania do Povo*, *a extorsão e o roubo*, *que o senhorio commettia ha seculos*, e não he nada até quizerão dar huma força do senhorio, e obrigarem-no a restituir quanto recebêra destes povos ha seiscentos annos a esta parte!!!

Em vão se lhes intimou das Necessidades que pagassem metade; elles que tinhão certeza (que cedo apparecerá documentada) de darem gosto aos satrapas, cada vez se endurecêrão mais, e proseguírão constantemente na mais affincada negativa de foros, rações, e até dos proprios dizimos; e cumpre notarmos que tem havido nesta comarca huma boa meia duzia de Sacerdotes, que tem sido os botafogos desta insurreição, e que ensinão ainda hoje á cara descoberta que não se devem pagar dizimos...

De todas estas permissas se conclue a mais facil explicação destas *saudades constitucionaes*, que tem por motivo ou causa

Nos taes Povos. Hum desenfreado espirito de rapina, indice bem seguro da actual decadencia dos bons costumes, em que tanto sobresahio outr'hora a Nação Portugueza.

Nos taes Sacerdotes. Hum gráo de immoralidade que os faz indignos de exercerem por mais tempo o Sagrado Ministerio, que elles deshonrão por taes instigações, conselhos, e doutrinas...

E quaes serão os remedios mais opportunos desta enfermidade, que se fosse contagiosa deitaria a perder os frutos da nossa prodigiosa restauração?

O 1.°, que deve applicar-se aos povos refractarios, he da competencia da authoridade civil, e consiste em distinguir os povos e comarcas leaes ao Throno, onde aos gritos de *morra a Constituição* succedia muitas vezes o protesto de que era melhor pagar mais seis alqueires de milho, que ficar sem Throno e sem Religião, dessoutros povos, que ainda hoje clamão que se ElRei lhes não perdoar mais que a Consti-

tuição, que embora continuasse esta, e nunca ElRei assumisse a sua authoridade. He claro que se os primeiros são dignos de premio, será injustiça deixar os segundos sem castigo.

O 2.°, que deve applicar-se aos Sacerdotes, he da competencia da authoridade Ecclesiastica, e consiste em dous ou tres annos das doutrinas sãs que se aprendem no Seminario Patriarcal de Santarem, e pelo menos hum de exercicios no de Rilhafoles, para que as instrucções dos dignos filhos de S. Vicente de Paulo fação tornar a si esses discolos, nodoas, e opprobrios do Estado Sacerdotal.

Tenho concluido a minha primeira admoestação Canonica, que por espirito de caridade me lembrou fazer aos anojados e saudosos do systema constitucional. Foi branda por extremo, e os taes comprehendidos na Tysica Liberal que os definha, e não tarda á muito que os leve á sepultura, bem conhecem que os tratei com amor... Vejamos se a lição aproveita, e fiquem esperados até ver, e até chegarmos á altura das exequias do *Patriarca da Regeneração*...

Cumpre todavia que eu enderece a segunda admoestação aos Pedreiros *da gema*, aos Pedreiros vigilantes, veneraveis, etc. etc. etc., pois estes Mestraços calção mais alto que os aprendizes, serventes, e mais Pedreirinhos de mão furada.

Não querem tomar o conselho de se expatriarem, e de sahirem na demanda dos bemfazejos climas Americanos, ou das Ilhas Filantropicas da Grã Bretanha, onde não serião tão depressa inquietados, e onde poderião ter, possuir, e gozar *a tolerancia dos cultos*... pois hão de chorar brevemente o seu desacordo com lagrimas de sangue...

Esperanças Maçonicas, se por ventura não morreis á vista de 200$000 baionetas Francezas, já apontadas contra vós para vos acabarem a casta... sois tresloucados, e mereceis que vos apupem os *gaiatos* pelas ruas... Atrás dos 200$ virão, se for necessario, mais 200$ e mais 200$ dos *Santos Alliados*... Não cabe cá tanta gente, me direis vós pela boca pequena... Cabe, cabe, respondo eu á boca cheia. Deixareis cedo muitos lugares vagos na Peninsula das Hespanhas... os desertos da Siberia são grandes, e lá cabem muito á vontade os Pedreiros da Europa, sem ficarem

empilhados ou afrontados. E como tem as cabeças tão exaltadas ou esquentadas, muito bem lhes faria aquelle ar fresco da Siberia; alli poderião meditar mais socegadamente suas sublimes theorias de regeneração, e ventilar com a Dialetica, que lhes he propria, aquelles luminosos principios de que se deriva a verdadeira felicidade do genero humano; porque está demonstrado pela experiencia que sem a Politica Maçonica não podem existir as sociedades civis.

Depois das remessas das levas dos Pedreiros Livres de todos os quatro angulos da terra para aquelle delicioso e fertilissimo paiz, conhecendo-se hum numero sufficiente de individuos capaz de formar hum corpo de Nação, que depois se fosse (alli mesmo) dilatando e crescendo, como era de presumir que fossem com os Mações muitas Maçoas, porque o sexo immundo e encantador tambem engrossa estas Hordas selvaticas e verdadeiramente brutas, eu daria hum conselho de amigo ao Autócrata de Todas as Russias, e vem a ser, ou convem a saber, que os mandasse viver conforme as suas leis de igualdade, liberdade, fraternidade, sem culto publico dado a Deos, que se chame Religião; podendo todo aquelle povo de Filosofos fazer publica e ingenua profissão do Atheismo, como nos gloriosos dias de Robspierre, de saudosa memoria, se fez na França. Nem Deos no Ceo, nem Rei nem Roque na Terra; porque bastão os Pedreiros Livres para governar tudo, e governar bem Estados Geraes, e Dieta permanente. Depois huma lei agraria a sabor da Nação Soberana, que devia legislar de si para si, que isto quer dizer a Soberania da Nação, pois a Soberania reside essencialmente em a Nação, que a deve exercitar sobre si mesma; por esta lei agraria se devia repartir metade da Siberia em partes iguaes, sem que, por exemplo, o quinhão que tocasse a Pretextato não excedesse o quinhão que tocasse a Pato ou a Gato. Como no Povo Maçonico não ha classes, distincções e senhorios, porque na verdade todos os Pedreiros são o mesmo, não ha direitos banaes, nem foraes, nem feudaes, nem servos colonos; porque apenas admittirião hum Cacique em cada huma destas Hordas selvagens, segundo o Platão *Rosseau* em suas republicas; trabalharem elles por suas mãos, e comerem dos frutos daquella fertilissima terra com o suor do seu rosto, fazendo-lhes observar á risca na

ordem moral tudo quanto tem parido sua delirante fantasia, sem se apartarem hum ápice da lei que elles chamão unica e necessaria, qual he a natural no estado de depravação em que se acha a natureza humana, dando-lhes plenissima liberdade de não distinguirem entre o justo e o injusto, entre a virtude e o vicio, abolindo-lhes, como elles clamão, todas as leis positivas, até o mesmo Decalogo, mandando-lhes, á moda Spartana, que os frutos em commum se repartissem com igualdade, que tamanha ração tivesse o *Moura*, como o *José da Silva*, permittindo-se-lhes que considerassem o adulterio como hum divertimento, e o furto como huma habilidade; em huma palavra, que vivessem maçonicamente, que vem a ser á redea solta, e para os alliviar do trabalho e monotonia de agricultar, determinarem-se-lhes Festas Civicas ou Nacionaes, como v. g. a festa das vindimas, os São Martinhos das provas, outra Festa Nacional ao 24 de Agosto, outra ao *amalgamento* dos dois Governos, outra o Anniversario de *Fernandes*, outra a Egira, ou a fugida de Mafoma, que vem a ser ao desabelhar das Cortes, e esgueiramento dos Padres Conscriptos pela porta fóra do Augusto Salão, e deixallos assim viver; que eu affiançava a Sua Magestade Imperial de todas as Russias que dentro em nove mezes daquella burrical barrigada não existia hum só Pedreiro naquelle seu sublime e decantado contrato social; os punhaes trabalharião reciprocamente, e todos se esbarrigarião e extriparião huns aos outros; porque em Politica he impossivel a existencia de huma sociedade de Atheos, e ficava o mundo livre desta canalha sem a intervenção do competente Carrasco, porque elles o serião huns dos outros, e com muito boa vontade, e cahissem elles abysmados nas ruinas em que querião sepultar o genero humano com tanta sevicia como estupidez. Dizia o seu *Frederico II.* que se elle quizesse castigar huma das suas provincias rebelladas, não lhe mandaria para lá huma divisão de Ussares desalmados e ladrões, mas que a mandaria governar pelos Pedreiros *Voltaire*, *D'Argens*, *Robinet*, e *Elvesius*, e governalla a seu modo, e conforme as suas Theorias politicas, sem lhe esquecer os direitos banaes, e os cereaes, que isto bastava; porque com effeito o Codigo das operações maçonicas he o mesmissimo da casa dos orates, e para darem cabo de si bastão elles

só; e tal he a desgraça do Mundo politico, que tem sido baralhado ha trinta e dois annos nas mãos destes alarves, que á qualidade de tolos ajuntão a superiminente de pessimos; e tolos máos sempre forão o mais pezado flagello da natureza humana.

Isto não póde ser, nem se póde conseguir, salvo se, passando o Duiewom, o Dniester, o Boristheres, o Reno, e outros regatinhos para cá, as Divisões Russas Brancas e Russas Negras viessem ao Maçanares, e ao flavo Téjo, sem lhes esquecer o *Mondego*, levar comsigo em gargalheira os Pais da Patria todos, grossos e miudos, por catalogos, heroes exactissimos, que eu e alguns curiosos mais lhes apresentassem esta monda, e esta excommungação da Lagarta e Pulgão muito sería necessaria e proveitosa na vinha do Senhor. Póde a Maçonaria agradecer-nos a boa vontade; e como nesta parte se não cumpre, convertamos a proa a outro rumo.

Para consolação dos saudosos da Constituição não haverá nunca outro remedio senão fazer-lhes a elles o que elles nos querião fazer a nós. *Exinanite*, *exinanite usque ad fundamentum in ea*, arrasallos até aos alicerces, e mais abaixo dos alicerces, que vem a ser, pesquizar onde ha *Orientes*, e onde ha lojas, e arrasar tudo, e os Morcegos, que tanto vêm de noite, em pilhando procissão lá para 18 de Outubro, que vá prantear os Manes dos Martyres da Patria, dar com tudo a eito nas utilissimas galés. Seja como elles querem, nada de penas ultimas, que isso he opposto ás luzes do seculo, e á Filantropia Filosofica, seja assim; mas o ferrinho e barrilinho, e nos intervallos a bassoirinha para desempachar as ruas da lama sempre em sessão permanente, isso era melhor que a cordinha do Carrasco, os incommodos da Misericordia, e o desarranjo das casas; porque as mãis com crianças ao collo vao logo de madrugada tomar lugar para verem os enforcados. Galés, e em lugar do uniforme de Arlequins que agora lhes derão, fazellos caminhar com as insignias maçonicas, conservando-se na fundição os modelos apanhados na cisterna de Coimbra, para serem providos destes competentes vestuarios nas estações do anno, e conforme o uso que fossem tendo. Que vistoso sería o largo do Pelourinho na primeira sahida que fizessem os Vene-

raveis do Palacio da Ribeira das Náos! E assim como elles compravão archotes para dar á Nação rota no dia ou noite de 17 de Novembro, comprarem, por finta, as classes assobios de chumbo, rouxinoes de barro, e apitos de corno para destribuir aos rapazes, e isto por mão do Anão dos assobios, grande entendedor de gaitadas. Isto, além de ser o verdadeiro castigo dos Pedreiros, sería hum rasgo de profunda politica para dar hum alegrão ao Povo, e fazer-lhe esquecer a carestia do pão e do azeite, com que tem campado a lei dos cereaes.

Se os da Capital, e os das provincias dos bb vissem isto, talvez lhes fosse passando a amarga saudade que os encolhe e devora, e se lhes desvanecesse a esperança de outra regeneração ou esfolação; porque não me consta que lhes reste ainda coisa alguma que cardar, coisa que se faz neste Reino desde 29 de Novembro de 1807 até 31 de Maio do presente.

P. S. Antes do engrazamento destas contas bentas e abençoadas nas grilhetas das galés, devião passear á fresca da cintura para cima as ruas principaes e esquinas das suas praças, e antes de subir e descer a sola compassada pelo filantropico braço do Carrasco até ao costado dos Amigos do Povo, e Pais das Nações, ouvir-se a argentina voz do Pregoeiro, que dissesse e entoasse — Justiça que manda fazer ElRei Nosso Senhor a estes Amigos do Throno e do Altar, em louvor do dia 24 de Agosto, em que solto o Diabo, e vindo com elles, intentárão e conseguírão a total ruina deste Reino. — Acabado este sonoro pregão, em cada espinhaço vinte çapatadas espertas, e sinal aos dos assobios para a sonata dos intervallos.

Mais desejos temos nós disto, que vossês saudades da Constituição.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 16.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

EDUCAÇÃO PUBLICA.

Assumpto he este que desde a chamada reforma de Luthero ha merecido os cuidados e attenções de toda a especie de sectarios. Julgárão elles, e mui sensatamente, que se chegassem a dominar o coração e o espirito da sempre incauta mocidade, poderião contar de certo que seus erros terião voga, e mui difficultosamente chegarião a desarraigarse. Já no seculo 16.° forão as *lingoas mortas* huma das capas com que se cobrírão os malevolos intentos das novas seitas, para melhor propagarem as suas doutrinas; e foi hum rasgo visivel da Providencia que ao mesmo passo em que a Heresia lançava mão deste fatal expediente, começassem a existir os filhos de Santo Ignacio, cujo principal intento era a direcção dos estudos da mocidade, para que sahisse das escolas preparada com o auxilio das sãs doutrinas, a fim de se precaver das seducções que tão frequentes erão naquelle desgraçado seculo. Por mais que se tenha clamado entre nós contra o Senhor D. João III, que removeo do ensino das aulas menores os Buchanans, os Grouchys, os Vinetos, e outros abalisados cultores das letras humanas, nem por isso ajudarei essas pouco reflectidas e mui desassisadas invecti-

vas. Hum Rei Catholico antes quer que huma duzia de seus vassallos fiquem menos instruidos em Grego ou Hebraico, do que, sob o pretexto de se adiantarem nestes estudos, beba toda a mocidade do seu Reino pelas taças envenenadas da heresia e da incredulidade; além de que para se condemnar, com alguma justiça, aquelle Soberano, era necessario que me convencessem de que os Jesuitas Padres — João Baptista Perpinhão, Manoel Alvares, e Cypriano Soares erão inhabeis para ensinarem Latim, Rhetorica, e Grego á mocidade destes Reinos.

Manifestou-se pois, desde o berço da Companhia de Jesus, huma figadal aversão aos novos Mestres destinados para a educação da mocidade, e não forão as decantadas maximas sobre o regicidio, e as sonhadas associações com os Chatels, e outros inimigos dos Reis; mas principalmente a sua preponderancia no Reino de França (por assumirem os cuidados da instrucção publica), que suscitárão contra elles a perseguição que lhes foi movida pelos Hugonotes, em extremo afflictos e desesperados de se lhes contrariarem as suas idéas e os seus projectos. Grande numero de provas tiradas dos escritos do fim do seculo 16.°, e de todo o seculo 17.° poderia eu trazer em confirmação destas verdades, se o meu intento não fosse delibar apenas esta materia, a fim de chegar, o mais cedo possivel, á desastrosa influencia daquelles principios neste Reino.

He sabido que os Pseudo-Filosofos do seculo 18.°, já para se fazerem senhores da educação publica, intrigárão e minárão tudo para conseguirem a extincção dos Frades da Companhia, cujo maior delicto era certamente o de lesa-filosofia; porque obstavão denodada e valorosamente aos seus progressos de tal maneira, que nunca o estandarte da irreligião se arvoraria na capital da França, nem se chegaria a perpetrar o regicidio de Luiz XVI, se a Corte de França, por extremo corrompida, não désse as mãos aos Filosofos para se conseguir aquella extincção. Sobejas vezes o tenho ponderado, e não me cançarei de o repetir, que he bem digno de lastima esse indifferentismo ou desleixo, com que depois da extincção dos Jesuitas foi tratada a educação religiosa pelos Soberanos, que, desconhecendo os seus verdadeiros interesses, coadjuvárão pela maior parte, e sem o adver-

tirem, a causa da impiedade. A conservação da Fé, no meio das tormentas que tem ameaçado por vezes submergir a barca de S. Pedro, he sem duvida hum milagre fixo e permanente, e para mim tão admiravel como se eu visse a passagem do mar vermelho ou a resurreição de Lazaro. Era impossivel que forças humanas guardassem puro e illibado o sacrosanto deposito das verdades catholicas, sem que elle tivesse o menor perigo durante a guerra, ora encoberta ora descarada, que lhe tem feito os impios ha cem annos a esta parte. E o que me robora ainda mais nesta persuasão he o ver a summa diligencia e actividade com que os Filosofos se mettêrão a seu salvo na direcção dos primeiros estudos da mocidade, fazendo imprimir livros recheados de heresias e obscenidades para serem o primario objecto das leituras da infancia. Mette dó considerar-se que a impiedade tivesse sobejas forças para imprimir taes livros, e para os disseminar por todo hum reino tão vasto e populoso como a França, e os distribuir gratuitamente, a fim de segurar melhor as suas infernaes conquistas, e que não prevalecesse ao mesmo tempo o contrario systema de fazer imprimir e espalhar gratuitamente os bons livros, ainda que estes desejos de alguns Pastores talvez desmaiassem perante os esforços da authoridade civil, que, pouco ou nada escrupulosa na eleição dos Mestres, fechava de todo as portas á esperança de que homens indignos e immoraes quizessem servir-se dos bons livros em pró dos seus ouvintes.

Desta perseguição ao Christianismo se deriva o malfadado systema de remover os Frades a todo o custo da educação da mocidade, e por isso nestes ultimos tempos em que mais de huma vez se tem renovado essas odiosas contestações, só o nome de Frades tem consternado, e feito mudar de côr alguns Ministros, secretos agentes da maçonaria, como se vio ha pouco tempo na França, quando se tratou de admittir ao ensino publico os Padres das escolas christãs, que só este nome he huma declaração de guerra aos impios do seculo, que não receião cousa alguma tanto como a propagação do Christianismo.

Da mesma envenenada fonte procedêrão as instrucções dadas neste Reino, em tempos do Senhor D. José I, para que os Frades se excluissem do magisterio, visto que apenas

sabião ler o seu breviario, e já modernamente, em os annuncios de opposição ás cadeiras menores, se affixou nas portas da Universidade, e nos outros lugares onde convinha, a famosa *excepção dos Frades*, que por mais que soubessem, e acompanhassem de excellente morigeração os seus bons estudos, achárão hum *veto absoluto*, que tantas vezes escandalizou os homens probos e assisados.

Apenas se installárão as Cortes Lusitanas começou de manifestar-se algum cuidado pela instrucção publica, e logo se vio que a maçonaria tratava de ser fiel aos principios e doutrinas de seus Mestres Francezes, e não desperdiçava este meio de fazer proselytos; e como até para ser Bispo se recommendou huma virtude *exotica*, *peregrina e de novo cunho*, que não tinha lembrado ao Apostolo S. Paulo, a saber, *adhesão ao systema*, ainda mais se exigia nos cultivadores das tenras plantas, que se as fizessem crescer no *espirito maçonico* terião ainda mais valor para os *Pedreirões*, do que se fossem Bispos, que nunca forão nem hão de ser *pessoas de grande monta* no conceito dos Pedreiros, que só os querem lá, ou para *espantalhos* ou para agentes da propagação da seita, e preenchido que fosse o seu fim os indemnizaria depois com *dinheiro*, ou *empregos civis*, do que tivessem perdido em honras e privilegios... Devem tratar-se com alguma extensão estes dous artigos, *Livros* e *Mestres*, em que apparecerão factos mui curiosos, e mui dignos de chegarem á noticia do publico, e de fixarem toda a attenção do Governo sobre hum dos assumptos de maior consideração, em que o simples descuido, não digo sómente de mezes, mas de dias e horas, acarretará males gravissimos sobre este Reino. Comecemos.

Livros.

Ainda terei occasião de patentear as equivocações e *paralogismos* das Cortes Lusitanas sobre o artigo da censura dos livros, materia esta em que os factos são mais poderosos que os raciocinios; e por agora satisfaço-me de ponderar que apenas os egregios canonistas furtárão á Igreja todo o exame dos livros, nunca mais se pôde ter mão nelles, para que não inundassem e pervertessem os reinos onde a au-

thoridade civil se apossou daquella censura. Descancem por huma vez os engenhosos fabricantes de novas maquinas regeneradoras, que cedo ou tarde se voltará tudo contra elles, e huma desgraçada experiencia os convencerá de que ha certos interesses ligados intimamente á Fé, os quaes só fição bem nas mãos de huma Depositaria fidelissima, qual he a Igreja de Deos.

Hum dos primeiros cuidados da nossa regeneração foi soltar os diques á torrente de máos livros, que até esse tempo se vendião ás occultas e debaixo do capote, e dar amplissima faculdade aos livreiros para terem sobre os mostradores *A religiosa de Diderot*, as obras mais impias de *Voltaire* e *Freret*; que as de Rousseau, não obstante o serem prohibidas ha muitos annos pela Real Meza Censoria, já se vendião antes de 1820 sem rebuço, o que não admira, quando em Julho deste anno de 1823 se imprimia na Typografia da Universidade o *Contrato Social*, *por ventura a fim de se radicar mais e mais a adhesão e fidelidade ao Throno Portuguez*. Quasi não havia neste Reino huma loja de livros, que não se tivesse mudado em huma botica a mais bem sortida de venenos, para se matar com elles quem se desgostasse de viver segundo os preceitos do Christianismo. Para direcção dos novos costumes *liberaes* tinha acudido hum enxame de exemplares das Cartas do Lente de Mathematica José Anastacio, onde se mettem a bulha os dogmas do peccado original, da predestinação, das penas eternas (freio este que os Liberaes tratão logo de espedaçar a todo o custo), e a immortalidade da alma, e sua liberdade, etc. etc. Guardárão a simples decencia de lhe assinarem a cidade de París, como o lugar em que tinhão sido impressas, quando por todos os exames e combinações se deprehende claramente que tinha sido em Coimbra... Pois *que impulso* não derão á veneração das cousas santas, e á observancia dos preceitos da Igreja hum *Cidadão Lusitano*, e as *Superstições descobertas?*

Que nuvem de *Santos de páo carunchoso* não ameaçou procrear o licencioso *retrato de Venus?* Que *virtuosas* donzellas, que *boas mãis de familia* não devia formar a *piedosa* leitura do *Toucador das Senhoras*, onde se lhes propinou desaforada e periodicamente o que ha de mais venenoso em

todos os escritos modernamente dedicados á obscenidade? Se algum destes livros, como notoriamente incurso nos abusos da liberdade de imprensa, era denunciado ao *Jury*, lá estavão os incorruptos e venerandos Jurados de Lisboa, que deixavão passar carros e carretas, e que, ouvindo a *convicção intima* de suas melindrosas consciencias, achavão que a licença franca de seguir os prazeres carnaes, como outras tantas virtudes, e o escarneo das obras *inspiradas* e *canonicas* era hum simples jogo de crianças!!! Pois hum certo periodico mensal chamado *Compilador*, que metteo a salvo nessa farragem de inepcias quanto lhe veio á cabeça para mofar de tudo que he sagrado, e especialmente dos milagres, a que a devoção dos Portuguezes tem dado ha seculos inteiro credito!! Pois o tom dictatorio com que o Diario do Governo, ou *das parvoices*, mettia a sua *colherada* em assumptos religiosos, confundindo e enxovalhando tudo!!! Os periodicos e mais impressos constitucionaes seguírão a doutrina e systema anti-religioso da Assembléa Franceza. Esta Assembléa extinguio as ordens religiosas, e prohibio que os regulares trouxessem o habito das ordens extinctas. O Theologo regular que escreveo as Memorias para as Cortes Lusitanas decretou o mesmo: *Em fim* (diz) *o nome de Frade nunca mais deve lembrar, nem vestuario que o indique*, e as Freiras são incluidas nesta extincção. O mesmo decretou o Dr. Apostata; nas suas advertencias uteis a pag. 30 n.° 5, fallando das Freiras, diz: *dispondo as cousas de modo, que com andar dos tempos se venhão a extinguir* etc., palavras que declarão bem a sentença de morte contra os regulares. Mas outro ex-Frade e vagabundo Theologo decreta a sua extincção com mais infamia nas suas reflexões sobre hum e outro Clero. Elle repete contra estas ordens respeitaveis os improperios e calumnias dos hereges, e professa contra estas instituições religiosas o mesmo desprezo, odio e rancor dos impios.

Este mesmo com o Theologo Frade estabelecem todas as maximas da Assembléa Franceza, e justificão e authorizão o Congresso Portuguez para as decretar. Elle quer a tolerancia até o ponto de se unir o Theologo com o Filosofo: quer a extincção do Santo Officio: declara o Congresso authorizado para as reformas ecclesiasticas; quer a extincção

das immunidades, e o saque dos bens ecclesiasticos, que declara nacionaes e pertencentes á Nação. O ex-Frade zomba e escarnece de toda a Theologia; affirma que a Polemica tem feito hereges, a Mystica doidos, e a Exegetica até atheos. Elle quer que se desterre essa sciencia, e que a Religião seja ensinada só por hum Catecismo. Mas quem deverá fazer este Catecismo? Será hum Theologo e Mestre da lei? Isso não quer o ex-Frade. Chama questões de insignificancia as que se suscitárão no 4.º seculo entre os Arianos e Catholicos, e falla com desprezo dellas, tendo em nenhuma monta a defeza de hum dogma fundamental da Religião, como he o da Santissima Trindade; nem he menos notavel quando falla nos debates theologicos a favor da doutrina da Graça desde Santo Agostinho até nós.

Para justificar a authoridade, que dá ao Congresso para as reformas ecclesiasticas, não só calumnía os Concilios, e até os geraes, mas tambem affirma que sente mal destas Assembléas geraes. Elle as tem, como os Protestantes, por meramente humanas, isto he, não vê nellas senão homens, e as paixões dos homens, o que he injurioso ao Espirito Santo que as dirige, e ás promessas de J. C. á sua Igreja, que tão positivamente nega. Este Theologo confirma com a sua doutrina o que o Reformador da Italia dizia em 1769: que a Seita Theologica estava já adiantada em Portugal.

Item decretão contra os celibatarios, e que ao Papa se peça licença para que os Frades e Freiras de pouca idade se casem. Podia-se-lhe repetir aquella sentença de Erasmo a Luthero: *A vossa reforma acaba, como as comedias, em casamentos*, e provar com Bergier que he mais prejudicial á republica civil e moral o celibatario da libertinagem do que o ecclesiastico e religioso. Decreta mais a reforma das rendas dos Arcebispos, Bispos, e Conegos etc., e com poder mais que pontificio os põe a pão e laranja, e extingue os dizimos com fundamento de que não são de direito divino. Em consequencia desta abolição manda sustentar o Clero secular pelos seus freguezes. Que politica! Lançar huma nova contribuição ao povo para lhe tirar os dizimos a que estava acostumado: e que doutrina! J. C. ordenou que os que servem o Altar vivão do Altar, e prohibindo-lhes o implicarem-se em negocios seculares, não lhes especificou e realizou

esta congrua e quota; e não pertencia á sua Igreja o realizalla, quando isto se fez necessario? Póde haver authoridade mais legitima do que a Commissaria de J. C. para todos os assumptos religiosos? E como estes dizimos não forão taxados por J. C., mas sim pela sua Igreja, decide que sejão abolidos, e até o seu nome. E quem não vê que pertendem nisto reformar mais o poder da Igreja que os Ecclesiasticos? Nem hum Concilio geral faria tanto. Mas se por não serem os dizimos de direito divino devem ser abolidos, que outra cousa se lhes poderá substituir que não fique sujeita á mesma sentença de abolição dada pelo mesmo direito, e pelos mesmos juizes? Sustentem-se de pensões dadas ou pelos povos, ou pelo Estado; e a final que teremos, senão decretos de direito humano para a sustentação do Clero? e por mais que se decrete para se substituir os dizimos, ficará sujeito á abolição pelo mesmo fundamento de que não he de *direito divino.* O fim destas reformas era, á imitação da revolução da França, tirar aos Ecclesiasticos a sua congrua sustentação, para que diminuisse e acabasse o Clero, e com elle a Igreja, porque esta não subsiste sem Ministros. E se a congrua sustentação delles he de direito divino, não será contra direito divino tirar-lha? Veja-se Bergier sobre este ponto.

Item extinguírão estes dous Mações a Ordem de Malta, e das Commendatarias, e até as musicas das Cathedraes, e tão republicanos como os da Assembléa de França, querião dar cabo dos vinculos, e nos Ecclesiasticos de toda a representação civil. Abolindo assim pelo primeiro decreto a Nobreza ou aquillo que a sustentava, e pelo segundo o que constitue o Clero hum dos Estados da Monarquia, reduzindo por estes dous decretos a Monarquia a hum estado popular. Ambos decretão a tolerancia universal, que he o mesmo que religião nenhuma.

O Reformador regular exclue, como a Assembléa Franceza, o Papa da eleição e confirmação dos Bispos, commettendo-a a hum Concilio nacional; e o Apostata accrescenta que toda a dignidade ecclesiastica será dada pelo Rei e pela Nação, e que nunca mais se torne a recorrer a Roma para a sagração de Arcebispos, Bispos, e *Parocos* (sagração de Parocos!!), porque (diz este fatuo) não consta

que J. C. désse mais poder ao Bispo de Roma que aos mais Bispos; seguio o erro condemnado de Marsilio de Padoa, e he Protestante, porque nega o primado de authoridade ao Summo Pontifice, e he réo do Alvará de 30 de Julho de 1795, por igualar os Bispos ao Papa seu Primaz. Huns taes Bispos não terião Missão divina, e huma tal doutrina nasceo do espirito de insubordinação com que sacudírão o jugo das leis da Igreja, e lhe negárão o influxo do Espirito Santo. Fiquemos por ora aqui.

Eis-aqui muito em grosso huma noção succinta do que nós aproveitámos durante o *Systema* Constitucional, que, se por nossos peccados, chega a ter mais hum anno de duração, creio firmemente que serião irreparaveis os seus damnos. Entretanto será cousa bem lastimosa que não seque de todo a fonte que ainda corre dos paizes estrangeiros, e que o Imperio civil não desembainhe quanto antes a espada da lei para castigar os seus infractores; visto que será inutil qualquer outro remedio em quanto a nossa mocidade se imbuir das perversas doutrinas de taes mestres, que serião os unicos authores de nossas maiores desgraças, se os mestres vivos, e existentes não fossem ainda mais para temer.

Mestres.

Ninguem suspeita que a nossa Religião favonêe a ignorancia como sua alliada. A nossa Religião que desde o seu berço sustentou os mais renhidos combates com a sabedoria humana, e cantou a victoria sobre os Celsos, Porfyrios, e Julianos, como ha de temer o bando de *petimetres*, e de *ignorantes*, que tem querido mais insultalla, e vilipendialla, que combatêla nestes ultimos tempos? Quer, e deseja ardentemente a nossa Religião, que seus filhos sejão, ainda mais que nas sciencias humanas, instruidos na sciencia dos Santos; nem a que acompanhou os Justinos, os Athenagoras, os Chrysostomos, e os Agostinhos, foi jámais exclusiva de toda a variedade de conhecimentos humanos, que fazem parte das cousas que Deos entregou á livre discussão dos Sabios. Tudo o mais que se divulga sobre esta materia, como se a Religião Christã fosse inimiga do crescimento das luzes,

quando ella só he inimiga das trevas, *e do que se gera e inculca no seio das trevas*, procede ou de ignorancia, ou de malicia, e importa que este aleive se desminta por todos os modos, que estiverem ao alcance dos sinceros amigos da sua Patria, e se declare á face dos Ceos e da terra o que são os *Mestres* devassos de costumes, e seguidores de perversas doutrinas. E como se ha de haver com seus discipulos hum mestre que só considera nas tenras plantas, que lhe forão entregues, huma cousa bem pouco acima dos *vegetaes*, que nasceo para viver e morrer, e que não deve ter esperanças de huma vida futura? E desgraçadamente ha copia de taes mestres no Reino de Portugal!!! Daqui vem, que no ensino da Filosofia racional e moral se ommitte por muitos Professores, como desnecessaria, e superflua a terceira parte da Metafysica, que trata de Deos, e nem huma só palavra se estuda dos ultimos capitulos da Etica de Heinecio, que são os mais importantes, visto que se trata nelles dos meios para se conseguir a felicidade. Tenho presenciado muitas vezes a decadencia dos estudos, sem lhe poder acudir, nem dar remedio!!! Não pára aqui o arrojo de taes Mestres, que demais a mais são inhabeis e insipientes, nem os seus peccados são meramente de ommissão, sobem de ponto os de commissão por certo mais aggravantes, e mais escandalosos! Que ha de fazer hum pobre Discipulo, que escuta o seu mestre, como se fosse hum oraculo, se este oraculo annuncia nas aulas menores os principios de hum refinado materialismo, (*) e nas maiores, que he desnecessaria a revelação, que o Catholicismo tem sido sempre o mantenedor, e a capa do despotismo, e que o Concilio Tridentino apertou as cadêas, que os Reis tinhão lançado ao genero humano; que este Concilio não foi ecumenico, que os

(*) He indizivel a astucia com que os proprios mestres de Latim podem insinuar a seus ouvintes os mais errados e perversos documentos. Queixa-se hum sabio escritor Francez (Mennais) de que os sobreditos Mestres ao traduzirem a passagem de Virgilio *Auri sacra fames*, o fazião deste modo: *Sacra fames*, a fome *Sacerdotal auri* do ouro, e assim começavão de accender as primeiras faiscas do incendio com que elles querião abrazar a Igreja de Deos.

Sacerdotes não carecem de *jurisdicção* para confessarem, e absolverem *validamente*, que a doutrina vulgar das Indulgencias he hum tecido de erros, e de superstições, etc. etc.? Pois que diremos dos *Sapientissimos* Lentes, e Professores infectos do maçonismo? E dos aspirantes ao Magisterio, seduzidos com a esperança de supplantarem, e fazerem depôr seus mestres, cujo maior erro tinha sido habilitar para o magisterio estas crianças na sciencia, e nos annos? Estamos para ver se ainda continuão a ensinar os Mestres conhecidamente Pedreiros Livres, que será este o final extremo... e se as providencias tomadas sobre o exame do liberalismo dos mestres se reduzem a simples formulario, e temos *justiça de compadres*, sahirá brevemente do exercicio das aulas huma nova geração, quasi toda Maçonica, e por conseguinte desaffeiçoadissima ao Throno, e inimiga do Altar...

Para que os meus Leitores não fiquem assentando que eu sou exaggerado nos meus receios, devem saber que em algumas casas de educação já se hia abolindo *de facto* o Sacramento da Penitencia, e que era necessario aos alumnos, que ainda professavão o Catholicismo, sahirem como a furto, ou darem outros pretextos da sahida; e eu mesmo encontrei alguns nestas louvaveis emprezas, durante os poucos dias de Junho, que residi na Capital do Reino; e era voz constante que nesta ultima Quaresma, e já na antecedente ficárão por desobrigar muitos alumnos, porque não só os não mandavão, mas até os arguião de que se quizessem confessar. Notei igualmente que o Methodo de Lencaster, ou Ensino mutuo, que se plantou modernamente em Lisboa, ainda prosegue, e com applauso; o que me fez pensar que talvez ainda se ignore neste Reino que elle já foi prohibido em muitos lugares, onde reina o Catholicismo, e tem contra si alguns dos mais abalisados, e religiosos escritores do nosso tempo. Oxalá que os Portuguezes, e nomeadamente os Pais de Familia se resolvão de huma vez a abrir os olhos, e se convenção de que huma barquinha lançada a hum mar tormentoso, sem direcção, e sem leme, forçosamente ha de padecer naufragio. Que importa que seus filhos sejão humas *aguias*, que adornem o seu espirito de muitos e *variados* conhecimentos, se he quasi inevitavel perderem as almas!!! Que thesouros, e dignidades podem resarcir os mancebos de

tão lastimosa perda!!! Carecemos de huma inteira refórma de estudos em Mestres, e em Livros, e já he tempo de seguirmos o exemplo da Austria, de Napoles, e do Piemonte; e se estes reinos se antolharem a certos Leitores, como possuidos de *fanatismo*, dignem-se ao menos de imitarem Frederico II Rei da Prussia, e Catharina II da Russia, que sendo o primeiro Athêo, e a segunda Scismatica, não temêrão confiar a Frades Catholicos a direcção dos estudos da mocidade de seus reinos.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 17.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

Demonstração da ignorancia, da má fé, e da perversidade com que os Mações procedem na famigerada questão sobre a natureza dos bens ecclesiasticos.

PRELUDIO.

Entre os outros ardis e maranhas de que lançárão mão as seitas modernas para o ataque geral e desesperado contra o maior bem do genero humano, qual he a Divina Religião de Jesus Christo, sem a qual sería de presente mui difficil estremar os homens das mais embravecidas feras, tratou-se com singular affinco e perseverança de eliminar das aulas, exercicios e certames literarios o methodo escolastico. Obrigava este a huma precisão e deducção tal de principios, que sería impraticavel sustentar-se qualquer opinião sobre que se tivessem feito estudos superficiaes; e como além disto era inimigo de atavios e enfeites, e amava sómente a verdade nua e crua, de que arte poderia servir a homens cuja sciencia era toda fundada em castellos de vento, recheada de imposturas, e naturalmente inimiga da *Polemica*, isto he de se *metter ao fogo?* Pretextárão ou fingírão metter nas aulas o methodo socratico, de que logo mostrárão não ter a

menor idéa, pois quanto nos he permittido alcançar dos Dialogos referidos por Xenefonte, Platão, e outros, aquelle homem a certos respeitos extraordinario, e diante de quem são zero os mais decantados filosofos modernos, era consequente nos seus principios, não divagava fóra da questão, e as suas idéas levavão sempre o caminho direito para a verdade, do qual se extraviavão quando mais não podia ser, e lhes faltava absolutamente o unico farol que os livraria de enganos, e a que o mais sabio dos Athenienses se mostraria mais agradecido que os nossos Filosofos se tivera a fortuna de o conhecer. Não haja medo que os nossos *Sabichões Pedreiros* queirão disputas *em fórma*, nem o antigo estilo do *objicies primo, objicies secundo.* Cheira-lhes tudo isto a hum ranço intoleravel, e da mesma sorte que hum estudo de *mez e meio* os fez *sabios*, *authores*, *e oraculos da Nação*, tambem hum risinho de dous segundos os livra de se metterem em *camisas de onze varas*; isto he, na fórma syllogistica, de que sahirião não só pouco airosos, mas até envergonhados e corridos. Em fim no que respeita á *sabença* dos modernos tenho assentado em huma analogia, que a meu ver he exactissima. Quando os homens estudavão por livros grandes, por livros *in folio*, sahião homens grandes, homens *in folio (magni in folio)*; porém logo que principiárão a ter sequito os livros pequeninos, e muito enfeitadinhos, sahírão os homens pequeninos em *sciencia*, apezar de enfeitados de ouropel, misangas, e outras quinquilharias; e aquella matrona que devia respirar em tudo decencia, compostura, e gravidade, appareceo nos trajes de huma desenvolta e ridicula prostituta. Serei eu acaso hum defensor do methodo escolastico, e tratarei de o vingar até em seus proprios abusos, e nas intrincadas e ociosas questões com que elle enredou singularmente a Dialectica e Metafysica, donde passárão e se communicárão infelizmente á propria Theologia? Não, e Deos me livre de tal idéa; sustento porém, e sustentarei sempre, que o methodo escolastico, fosse como fosse, ao menos era methodo; e eu hoje no modo por que se levão ordinariamente as questões, na rude e indigesta maquina de especies amontoadas fóra de proposito, e nas *miserrimas* evasivas que se costumão dar aos argumentos em contrario, não posso ver nem sequer huns longes do me-

thodo socratico, aliàs excellente para se descobrir e sustentar a verdade, quando os combatentes são judiciosos, estudárão a materia, procedem de boa fé, e pertendem aclarar, e não confundir ou escurecer.

Tenho pois dado a minha satisfação aos leitores sisudos, para que não estranhem a nova ordem que intento guardar na presente discussão. No que toca aos Pedreiros, Illuminados, Liberaes, Radicaes (e tudo o mais que acaba, e deve por certo acabar em aes!!!), serei tanto mais afortunado, quanto for maior a estranheza que eu lhes fizer; pois eu, que por cartas anonymas (as quaes brevemente hão de sahir a lume para credito immortal da Seita) sou o *maior dos profanos*, *ignorante chapado*, porque não sou iniciado nos *mysterios* grandes e pequenos da *nova Ceres Eleusina*, ou da sapientissima *Jardinagem*, obrarei sempre como quem sou, como *parecido aos Gregos na falta de honra e probidade*, e terei dado no vinte quando faça enraivecer a maldita Pedreirada.

Começarei pois de estabelecer huma these geral, e de a illustrar com as mais escolhidas provas (que será lastima serem deduzidas de outra parte que não seja a unica sciencia humana, a sciencia dos gafanhotos, mas que lhe hei de eu fazer se esta minha inimizade com a *luz* já agora tem de fazer-me companhia até á sepultura?) Proporei as objecções principaes da Maçonaria; apparecerá e dançará na corda (ah! que gravissimos damnos, que males hoje irreparaveis se terião poupado se Luiz XVI tivesse feito arcabuzear ou dançar por huma vez na corda o Excellentissimo Conde de Mirabeau, de quem eu fallo, quando as leis e huma sentença formal o condenavão á morte, que elle merecia de sobejo!!)

O mais fino que se ha dito na Assembléa Nacional de França contra a propriedade dos bens da Igreja, ainda que já velho e sediço, entrará hoje em scena com seu vestidinho francez, que só elle cativa os nossos *papalvos*, assim como a devassidão de seus authores he huma efficacissima e irresistivel carta de recommendação para muitos dos nossos *Mondeguistas*...

These.

A Igreja he verdadeira e rigorosa proprietaria, e nunca os seus bens se deverão ter na conta de nacionaes.

Prova-se.

1.° Pela voz da natureza.

Já mostrei de passagem (N.° 14 deste Punhal) que a sustentação dos Bispos, Sacerdotes e outros Ministros do Culto Catholico, huma vez admittido e reconhecido por unico verdadeiro, nacional, protegido e favorecido pelos Reis e legislação fundamental do Paiz que o admittio, he huma dimanação clara e evidente do direito natural: e como hum dos principaes deveres do methodo escolastico he o tremendo *non repetat*, *addat*, que se fosse applicado e formalmente imposto aos nossos *sabichões* ficarião amarellos, enfiados, e com as suas *veneraveis* cabeças a razão de juro, pois, coitadinhos! o seu mingoado saber não se estende a mais do que a trazerem sempre o mesmo cozido, assado, frito, e guizado por mil diversas maneiras; tratarei agora de recommendar pela primeira vez aos Maçóes Lusitanos que não se pejem de revolver os monumentos principaes da antiguidade pagã, onde se encontrão mil factos que devem encher de assombro e confusão os inimigos da propriedade dos bens ecclesiasticos.

He falso dizer-se que o encargo dos dizimos e primicias começou na Lei Escrita... São mui anteriores os factos de Melchisedech Rei de Salem, e de Abraham, Pai dos verdadeiros crentes, donde se vê que não erão os Judeos a unica Nação obrigada a satisfazer os dizimos e primicias... Achase na maior parte dos Filosofos e Historiadores pagãos a certeza de que os dizimos se pagavão exactamente desde tempos remotissimos, quaes poderão alcançar as tradições humanas que servírão de fundamento aos primeiros Historiadores. Poderia eu citar em abono desta verdade muitos Escritores antigos, como Thucydides, (liv. 3.°) Pausanias, (Eliac. et Phoc.) Diodoro de Sicilia, (liv. 5.°) Plutarco, (in Camilo, Scylla, Lucullo, etc.) Aristoteles, (Œcon. liv.

2.°) Justino, (liv. 18—20) Cicero, (de natura Deorũ (liv. 3.°) mas attentando pela brevidade e concisão propria do methodo que vou seguindo, apenas citarei algumas passagens terminantes e decisivas dos Historiadores Gregos e Latinos. Comecemos por Herodoto, em cujo primeiro livro (pag. 45 da Edição de P. Wyselingio) se lê o seguinte conselho, que o Rei vencido (Cresso) deo a Cyro: *Siste ad singulas portas aliquod ex tuis satellitibus custodes, qui auferentes vetent exportari opes, tanquam earum decimæ Jovi necessario reddendæ sint*... que vem a dizer em summa que se ponhão guardas ao saque feito em Sardes, para que não se desencaminhe, visto ser de absoluta necessidade o pagar *dizimo* de tudo a Jupiter. (*) Segue-se Xenefonte, que no liv. 5.° de Expeditione Cyri, tratando de hum templo que se erigíra em honra de Diana, accrescenta: *Prope fanum pila erecta, quæ has Literas continet. Fundus Dianæ Sacer. — Hoc qui possesor fruitur, quotannis consecrato decumam. (Edit. Leunclavii Paris.* 1625 pag. 351).

Na oração de Agesilao Rege (pag. 657) *Ipse de hostili fructus eos percepit, ut intra biennium decumam Delphico Deo consecraret C. talentis ampliorem.*

Na Historia Grega, (liv. 3.° pag. 493) *Delphos profectos Agis quum decumam obtulisset, etc.*

Não sería grande injuria aos Pedreiros reduzir a linguagem esta versão fiel do Grego; mas demos de barato que elles poderão achar-lhe sentido (a pezar de que huma indicação feita ao já definido Congresso queria acabar o Latim de todo, como se elle não estivera já bem morto em Portugal)... e note-se para uso do povo, que erão invioladveis os Campos dedicados a Diana, e tidos por sacrilegos os que não pagavão exactamente o dizimo dos frutos, e que o Rei Agesiláo, sendo, como era, hum pagão, tirava do despojo feito aos inimigos a exorbitante somma de cem

---

(*) Tive idéa de citar o original Grego para maior certeza do facto, mas depois que Manoel Fernandes Thomaz declarou á face do Congresso Soberano em demencia e em fatuidade, que os estudos de Grego não erão de urgencia, quem se ha de atrever a desmanchar huma palavra tão honrada e tão digna de hum dos maiores sabios do nosso tempo?

talentos, que considerados no seu justo valor, e segundo a raridade de certos metaes naquelles tempos, fazem-me necessariamente romper nesta exclamação. » Reis gentios, a quem faltava a Luz da verdade, podestes sem a mais leve censura dos povos, antes com applauso de todos, consagrar Templos ás falsas Divindades, assignar-lhes espaçosos campos donde se tirasse a subsistencia dos que os servião, e repartir com mão larga de todas as vossas conquistas e novas acquisições para o esplendor do culto... e hoje se hum Rei Catholico, sem defraudar os seus povos, sem os vexar e opprimir com tributos, sem faltar á devida sustentação dos empregados publicos, manda fazer hum templo em honra do Deos verdadeiro, que sem elle desembainhar a espada, lhe franquêa das entranhas da terra abundantissimas riquezas... gritão, he máo Rei, he hum sacristão... he indigno de reinar!!! E hão de levar-me huma injuria se eu lhes chamar estontados, delirantes, impios, e blasfemos!! Continuemos, já que a indignação me fez exorbitar das regras que eu protestára seguir... Dionysio de Halicarnasso no livro primeiro das Antiguidades Romanas (Edic. de Emilio Porto — 1588 pag. 8), fallando dos Pelasgos: *Et Decimas ex maritimis proventibus, siqui alii, splendidissimas Delphos Deo mittebant.* Aqui temos direitos de pescado admittidos e satisfeitos por aquella Nação antiquissima, que teve de vir ao mundo seculos e seculos antes que se ouvisse no Salão das *necedades* que o ar, e o mar, ou as agoas erão livres para todos!!

O mesmo A. no liv. 4.º (pag. 133) tratando da expedição de Tarquinio Soberbo contra os Sabinos, e dos ricos despojos que por esse motivo se colhêrão, accrescenta: *Et Decimæ argenti Diis sacratæ non minorem summam quam quadringentorum talentorum efficerent* (*).

(*) Com este dinheiro se podia fazer naquelles tempos hum edificio mais sumptuoso que o do Convento da Estrella; e o que foi licito a hum máo Rei, e que os seus povos lhe não estranhárão, foi hum excesso criminoso e reprehensivel na mui alta e poderosa Rainha D. Maria I., cujo nome sempre me custa escrever sem lagrimas de veneração e de saudade!!!

Dos AA. Latinos contento-me de citar Tito Livio, e de remetter os meus Leitores para o liv. 5.° cap. 23 e 25, e ahi poderão ver no facto de Camilo sobre o saque da cidade de Veios, que promettêra aos Deoses se ficasse victorioso, e nos debates subsequentes a este voto ou promessa, qual era a fidelidade dos antigos Romanos em tudo o que pertencia ás suas divindades.

Donde veio pois a tantas e tão diversas nações este consentimento unanime de que se devião pagar á Divindade, ou verdadeira ou reputada como tal, os dizimos, não só dos frutos da terra, porém de todos os bens adventicios, sem exceptuar os proprios colhidos na guerra aos inimigos?

Se este consentimento não he expressão clara e intelligivel dos sentimentos da natureza, que outro nome lhe daremos? Será acaso esta reunião de pareceres e vontades? Acaso he sempre o subterfugio dos *tolos*, que não ficará bem aos *verdadeiros filhos da Luz*... Será bebida nos livros sagrados dos Judeos? Não he admissivel esta doutrina para quem sabe que muitos dos factos apontados são anteriores á primeira Traducção Grega do Antigo Testamento, e por isso deixemos aos Pedreiros a *tarefa* de examinarem as causas verdadeiras deste fenomeno religioso, e aos falsos Christãos, que furtão os dizimos, e não querem pagallos, a mais vergonhosa inferioridade aos proprios Gentios.

Não era difficultoso juntar novos testemunhos, de que nem veio nunca á imaginação dos povos antigos que os bens liados ao serviço dos templos estivessem dependentes da fantastica Soberania do Povo, antes este olhou constantemente como sacrilegos até os proprios, que sob o pretexto de extrema necessidade se appropriárão do que fora primitivamente offerecido á Divindade. Quem sabe o horror de todas as Nações ao sacrilegio, que nem aos proprios heroes e Reis, como Hercules, e Dionysio o Tyranno perdoava estas violações de huma propriedade firmissima e sagrada, e tem lido nas orações de Cicero o que forão de mal vistas e censuradas acremente as depredações de alguns Proconsules Romanos, que attentárão contra o que era sagrado, ou havido nesta conta, ficará plenamente convencido de que todo o esforço por se mostrar que os bens da Igreja não são nacionaes he a mais severa reprehensão do tenebroso seculo, em

que tivemos a desgraça de nascer e presenciar tantas scenas de desprezo das cousas sagradas, e de indifferença para tudo o que mais importava que fosse tratado com o profundo acatamento, que merecem todas as cousas onde se imprimio o caracter augusto da unica verdadeira Religião, que não tem de presente maiores inimigos que seus proprios, mas degenerados filhos.

2.° Pelo antigo Testamento.

Nem os mais descarados Pedreiros negarão que a Lei escrita impõe aos filhos de Israel a obrigação de satisfazerem pontualmente os dizimos, e que a transgressão desta lei era punida severamente, assim como a sua exacta observancia era hum dos caracteres de santidade que honrárão e distinguírão a pessoa de Tobias o velho. Ora o *mestre Diderot* fez hum elogio por esses ares á legislação de Moysés, reputando-a obra prima e assás digna de que todos os legisladores humanos a consultassem e revolvessem; e não sei como aquella *sulfurea* cabeça admittio este *lucido intervallo*, que o expunha á irrisão dos Veneraveis e Rosa Cruzes, que basta mencionarem-se *dizimos* na Lei velha para que esta os azede e faça *revoltar*. Se o conselho de Diderot fôra seguido nunca terião lugar as insulsas theorias, que nem reformão, nem melhorão, nem supprem o antigo, mas que só tem a funestissima habilidade de arruinallo e destruillo. Entretanto esta prova que se deduz de tantas passagens do velho Testamento (*) (ainda prescindindo-se agora de tratar a questão se este preceito he extensivo á Lei da graça), como deixará de ter huma grande força para quem sabe que ainda militão as circumstancias que movêrão o Supremo Legislador a assignar este modo de subsistencia aos Levitas, que nem por isso erão menos ricos do que as mais Tribus, a que forão dadas em herança propria certas porções da terra promettida? Quando lembrou no antigo Testamento que as mais Tribus possuião a verdadeira propriedade dos bens assinados á de Levi, e que lhos poderião tirar quando lhes parecesse que as necessidades publicas o exigião? Se os dizimos, primicias e oblações erão cousas inviolaveis no antigo Tes-

(*) Levit. 27. Num. 18. Deuteron. 12, 14, 26. Malaq. 3. Tobias c. 1.

tamento, porque erão dedicadas ao Senhor, a quem se dedicão as mesmas cousas e outras da mesma natureza em a Lei nova?

3.º Pelo novo Testamento.

Os proprios Mações concedem por algum tempo (digo por algum tempo, que a final desprezão tudo, e se retratão sem pejo do que tinhão affirmado a principio) que visto o preceito formal do Senhor que vivão do Evangelho os que são Ministros do Evangelho, (1) he de necessidade que a Igreja Catholica ou perceba dizimos e todos os mais redditos dos bens que ella se tem dado a si propria, melhorando e ampliando de sua industria o que todas as leis canonicas e civis lhe deixárão adquirir, ou algum outro equivalente, que chegue para a sustentação de seus Ministros, para a decencia do Culto, e outros encargos, que de direito lhe pertencem. (2) Reduzio-se pois tudo o que hoje seguem depois de João Gerson, (3) muitos abalisados Canonistas a assentar-se que ao menos o tal equivalente he de direito Divino, e só he questionavel qual elle será, e de que modo importa ser abraçado pelos Reis, Estados Aristocraticos ou Republicanos, onde florecer o Christianismo. Desta boa fé, que não disputarei a muitos desses Canonistas, abusárão outros, e a sciencia *accommodaticia* (4) tem ficado sempre mal na sua estulta presumpção de taxar hum equivalente ao que o Infinito em sabedoria tinha estabelecido para regimento e direcção do Povo de Israel.

Não disfarcemos a verdadeira tenção destes ultimos assoalhadores do *equivalente*. Conhecem, como as suas pro-

---

(1) Ep. ad. Cor. — 9.

(2) Conto, e devo contar neste numero a subsistencia dos pobres, (*pauperes semper habetis vobiscum*), e não dou nada por essas Sociedades Filantropicas com que nos querem aturdir.

(3) *Solutio Decimarum Sacerdotibus est de jure Divino quatenus inde sustententur, etc.* Tom. 3. ed. Dupin. Col. 93.

(4) Accommodaticia lhe chamo, porque se accommoda facilmente ao que desejão os Principes, que dão Bispados, Igrejas, e Beneficios pingues, etc. etc. etc.

prias, essas mãos infieis, a que tocará a distribuição do *equivalente*, que cedo ou tarde põe a Igreja em huma situação *equivalente* á que ella experimentou em os dias de Nero e Diocleciano, ou em os nossos trinta e tres mezes constitucionaes, e por isso lhes faz tamanho asco a doutrina de que ainda hoje os dizimos se reputem de direito Divino. (*)

Em ordem pois a corroborar-se esta prova do Testamento novo, citarei o que sentia nestas materias hum Author, que florecia no segundo para o terceiro seculo da Igreja, e que além passou em conhecimentos exegeticos, por ventura os que mais se distinguírão até hoje no exame critico do Texto da Sagrada Escritura. He Origenes Adamancio, que na flor de seus annos dirigio a famigerada escola de Alexandria, e que se não delinquíra, mostrando-se ás vezes mais Filosofo que Discipulo de J. Christo, por certo que levaria a palma a todos os SS. Padres dos tres primeiros seculos da Igreja. Tratando elle a questão, se o preceito dos dizimos ligava os Christãos da mesma sorte que os Judeos, explica-se desta maneira:

» Reputo necessario que ainda agora se observe esta
» lei segundo a letra, bem como alguns outros preceitos...
» pois he decente e he util que ainda hoje se offereção as
» primicias aos Sacerdotes do Evangelho. Assim foi deter-
» minado pelo Senhor que vivão do Evangelho os que an-
» nuncião o Evangelho, e participem do Altar os que ser-
» vem no Altar. Assim como isto he decente e bem feito,
» assim tambem pelo contrario eu tenho por indecente, mal

(*) He muito para admirar que os nossos Theologos e Canonistas modernos fujão e estremeção de sustentar que os dizimos são de direito Divino. Ha certas classes de pessoas, a que nunca se deverão estranhar certas doutrinas. Só os *Pedreiros*, desavergonhados por essencia, he que se atrevem a censurar, por exemplo, que os Reis sigão a doutrina, que o seu poder vem immediatamente de Deos, e só elles poderáo arguir hum Sacerdote de que defenda serem os dizimos ainda hoje de direito Divino... Faltão porém estes Sacerdotes, porque tudo esfriou e murchou, e só abundão os que pregão de continuo ao rebanho de J. Christo que não pague dizimos ás Igrejas e Mosteiros!!!

» feito e *impio*, que o que dá culto á Divindade, e sabe
» que os Sacerdotes e Ministros de Deos assistem no Altar,
» e servem, ou para annunciar a palavra de Deos, ou para
» outros Ministerios Ecclesiasticos, não offereça aos Sacer-
» dotes as primicias dos frutos da terra, que Deos lhe dá,
» produzindo o calor do Sol, e ministrando-lhe as chuvas.
» Parece-me que esta alma assim disposta não se lembra de
» Deos, nem pensa, nem crê que Deos lhe deo os frutos
» ja recolhidos, e que ella encobre, como se fossem alheios
» para com Deos. Se acreditasse que Deos lhos tinha dado,
» por certo que se inteiraria de que honrava o Senhor pelos
» dons e dadivas de sua mão recebidas, se aquinhoasse des-
» tas os Sacerdotes. E para nos instruirmos ainda mais pe-
» la voz de Deos, que estas cousas se devem ainda hoje
» guardar á letra, accrescentar-lhe-hemos o seguinte. » O
» Senhor diz nos Evangelhos: » Ai de vós, Escribas e Fa-
« riseos hypocritas, que dizimais, (isto he) dais o dizimo da
» hortelã, do endro, e do cominho, e pondes de parte as
» cousas maiores da lei; cumpria que estas se fizessem, e
» que não se omittissem aquellas. Repara attentamente co-
» mo a palavra do Senhor quer sim que se fação e cumprão
» em todos os modos as cousas maiores da lei, mas nem
» por isso quer que se omittão as cousas menores designa-
» das em a letra da lei. Se me disserem que estas cousas
» erão recommendadas aos Fariseos, e não aos Discipulos,
» escutem o que elle diz outra vez aos seus Discipulos: Se a
» vossa justiça não abundar mais que a dos Fariseos e Es-
» cribas, não entrareis no Reino dos Ceos. » Por tanto o
» que elle manda que os Fariseos cumprão, muito mais quer
» que os seus Discipulos o fação, e que o fação mais abas-
» tadamente. (*)

He pois desnecessario recorrermos á authoridade de S. Thomaz, se bem que mui respeitavel e *classica* em taes pontos, e ao que elle ponderou sobre a mistura de *judicial e moral*, que se encontra na lei de pagar os dizimos, pois he de mais pezo, e de tanta mais força a authoridade de Origenes, quanto he certo que os AA. modernos ou dizem que

(*) Homil. in Cap. 18 Num. Ed. Maur. Tom. 3. pag. 303 e 304.

S. Cesario Bispo de Arles em 544 foi o primeiro que tocou nos dizimos, ou arrastadamente confessão que S. João Chrysostomo já fallou nesta materia, ou com os nossos malfadados Legisladores Constitucionaes dizem á boca cheia que data do sexto seculo e do Concilio Maconense o preceito Ecclesiastico dos dizimos; ignorancia esta, que pelos antecedentes assás se desmascara e reprehende, e ainda será mais patente no decurso das provas seguintes.

4.° Pelos SS. Padres e Escritores Ecclesiasticos.

Antes de começar a deducção desta prova, que os Tratadores da propriedade da Igreja não tem desenvolvido em proporção do que ella merecia, convem fazer algumas distinções, e estabelecer alguns principios, a fim de se evitar a obscuridade, que facilmente provém de se amontoarem sem a devida escolha e critica as authoridades dos SS. Padres.

1.° Já notei que o fervor dos seculos primitivos era tal, que os Fieis se avantajavão muito aos desejos de seus pastores, offerecendo até de sobejo para a sustentação dos Bispos, dos Sacerdotes, dos pobres e das viuvas, e para a manutenção do Culto. Daqui vem que era superfluo erigir dizimos e outros direitos, e que ainda no caso de hum absoluto silencio da parte dos SS. Padres dos primeiros seculos não se poderia concluir que tal obrigação fosse desconhecida naquelles tempos...

2.° Fallou-se até aqui em dizimos e primicias, e nem ao longe se tocou em bens de raiz pertencentes á Igreja, porque o estado de perseguição, em que ella se vio desde o seu berço, a embaraçava de adquirir outra cousa que não fosse simples oblação dos Fieis.

3.° Se em todos os monumentos daquella idade não apparecer o mais leve rasto de que a Igreja não se reputasse verdadeira Proprietaria de tudo quanto lhe offerecia a piedade e entranhavel devoção de seus filhos; deste silencio que se estende a mais seculos, e da novidade da opinião contraria á propriedade da Igreja, se póde concluir seguramente que ella se julgou sempre verdadeira senhora de taes bens, e que nunca lhe passou pela imaginação que o Povo Romano fosse o verdadeiro senhor e proprietario delles.

4.° Importa subdividir os testemunhos dos SS. Padres em duas classes, 1.° Dos que florecêrão nos tres primeiros

seculos da Igreja, 2.ª dos que florecêrão no 4.º e 5.º; e como dos seguintes não ha duvida que favorecem a propriedade da Igreja, só ajuntarei huma palavra que me pareceo conveniente sobre os Escritores Ecclesiasticos, mas advirto aos meus Leitores o que já por vezes tenho advertido e recomendado. Eu indico apenas o essencial, e não me demoro, porque o meu trabalho he hum simples ensaio, e não he hum tratado.

1.º *Padres dos tres primeiros seculos.*

Se os Canones e Constituições Apostolicas fossem obra, aquelles dos Santos Apostolos, e estas ao menos de S. Clemente Romano, por estes monumentos se poderia levar ao fim a questão de que tratamos. Não deixarei todavia de lhes assignar o primeiro lugar, visto que os Canones forão escritos no 2.º seculo, que he a opinião de Beveregio, e as Constituições antes de S. Epifanio, que he a opinião de Cottelier; e he assentado entre os eruditos que ambos estes monumentos encerrão muitas cousas preciosas, que debalde se procurarão em outros escritos daquella idade. Já o Canon Apostolico 2.º toca nas primicias e no lugar em que devem ser depositadas; porém o Canon 34 (para outros 41) he mais accommodado ao meu intento.

„ Mandamos que o Bispo tenha o *poder* das cousas „ ecclesiasticas. — E logo abaixo — Porque a Lei de Deos „ determinou que os que servem ao Altar, se mantenhão „ do Altar. „ Não sei que possa haver testemunho mais claro de qual era o sentimento da Igreja primitiva sobre o poder, ou dominio das cousas ecclesiasticas, e sobre a verdadeira intelligencia do Texto já produzido da Carta de S. Paulo aos Fieis de Corintho.

As Constituições Apostolicas são igualmente decisivas; e não pensem os meus leitores que eu não sei as contestações a que ellas derão motivo principalmente na Igreja Grega; mas tudo o que vou citar está isento da nodoa de ser malignamente inserido no Texto.

No L. 1. cap. 25 principião deste modo „ O Bispo „ gastará os dizimos e primicias, *que se dão á Igreja por* „ *mandamento de Deos*, pela maneira que convem a hum „ homem de Deos.

No L. 2. cap. 27. » Deveis por tanto, Irmãos, offere-
» cer os vossos sacrificios e oblações ao Bispo como Ponti-
» fice, ou por vossas mãos, ou pelos Diaconos; de mais a
» mais trazei-lhes as primicias, os dizimos, e os *dons espon-*
» *taneos.* »

No mesmo livro, cap. 34. » Assentai que elles (os
» Bispos) vos presidem como em lugar de vossos Principes
» e Reis, trazei-lhes os vossos *tributos* como a vossos Reis;
» pois tanto elles como os seus criados devem sustentar-se
» dos vossos bens.

No mesmo livro cap. 35. » Deveis saber que ainda que
» estais livres de sacrificios, de abluções, de purificações etc.
» não vos livrou o Senhor das contribuições, que deveis aos
» Sacerdotes. »

No livro 7, cap. 29. » Darás aos Sacerdotes as primi-
» cias todas provenientes do lagar, da eira, dos bois, e das
» ovelhas. » (1)

Toda a explicação, que se fizesse de lugares tão claros e terminantes, sería o mesmo, que pertender mostrar a existencia da luz ao meio dia.

Podendo citar agora muitos SS. Padres desde o tempo dos Apostolos até ao anno 300 de Jesus Christo, limitar-me-hei a S. Ireneo, e S. Cypriano.

Estabelece o primeiro a differença essencial que fazião dos Judeos os Christãos do seu tempo nas seguintes palavras: *Illi quidem decimas suorum habebant consecratas, qui autem perceperunt libertatem, omnia quæ sunt ipsorum ad Dominicos decernunt usus, hilariter, et libere dantes ea quæ non sunt minora, utpote majorem spem habentes:* porém logo abaixo continúa: *Et non genus oblationum reprobatum est. Oblationes enim et illic, oblationes autem et hic . . . Sed species immolata est tantum, quippe cum jam non a servis, sed a liberis datur:* que vem a dizer: » Nao
» foi reprovado na lei nova o genero das oblações. Houve
» lá oblações (isto he na lei antiga), e tambem as temos cá.
» As cousas mudárão de figura só neste ponto, que lá erão
» dadas por homens servos, e cá por homens livres. » (2)

---

(1) Cottelier. Patres Apost. T. 1, 236, 241, 244, 245.
(2) L. 4 adv. Hæres. Edit. Grabe pag. 325.

Ninguem suspeite que são contra mim estas ultimas palavras, em que conspirão outros S. S. Padres que de certo não ignorárão que havia obrigação de satisfazer os dizimos, nem que a Igreja era Proprietaria dos bens que por qualquer modo lhe fossem offerecidos. Se eu tratasse agora de sustentar aquelle ponto da obrigação dos dizimos, dissera que apenas se faz neste lugar a contraposição de homens servos a homens livres, e que os Christãos, revestidos por J. C. da verdadeira liberdade, executão sempre como taes as leis mais obrigatorias do novo Testamento; porém he agora do meu instituto seguir outra vereda.

A Tribu de Levi em nome do Soberano Proprietario de todas as cousas, e especialmente das consagradas ao seu serviço, era rigorosa proprietaria dos seus bens; e como por S. Ireneo só houve mudança no estado das pessoas, e não das cousas, segue-se pela sua doutrina que estas ficárão no pé antigo, e que nem ainda nas cousas temporaes foi a Synagoga superior á Igreja de Christo...

Passemos a S. Cypriano. He tão energica e vehemente a exhortação que elle faz aos Christãos do seu tempo no fim do *Tratado de Unitate Ecclesiæ*, que bem mostra o uso antiquissimo de se pagarem os dizimos, e de ficarem á *Soberana* disposição da Igreja. » Agora nem damos os dizi» mos do nosso patrimonio; e mandando Nosso Senhor que » vendamos, trata-se mais de comprar e adquirir. Tanto » affrouxou o vigor da fé, tanto desfalleceo a força dos crentes! etc. » Na Carta 66 aos Presbyteros, Diaconos, e Povo da Igreja Furnense, Carta que he a primeira na edição Maurina, traz a comparação da Tribu de Levi para mostrar que o Clero não se deve intrometter em negocios seculares, e prosegue: *Quæ nunc ratio et forma in Clero tenetur, ut qui in Ecclesia Domini ordinatione clerica promoventur, in nullo ab administratione Divina avocentur, nec molestiis, et negotiis secularibus alligentur, sed in honore sportulantium fratrum tamquam* decimas ex fructibus *accipientes, ab altari et sacrificiis non recedant.*

Daqui pertendem concluir alguns, tendo á sua frente o aliàs erudito Rigault, que a Igreja vivia de *esportulas*, ou dons voluntarios, que supprião as vezes dos dizimos, contra os quaes se levantão, escudando-se nesta passagem; o por

certo que he digno de se ler o que nota a este proposito o sabio editor das obras de S. Cypriano (*), cujas atiladas observações recahem no que já ponderei sobre o estado de perseguição em que vivião os Fieis daquelle tempo, e sobre a conhecida impossibilidade que então havia de se recolherem dizimos e quaesquer outros direitos dos trabalhos da agricultura.

2. *Padres do IV e V seculo.*

Tendo a Igreja de Deos conseguido nestes dias a protecção e favor dos Imperantes civis, e o livre exercicio de todas as funções sagradas, começou tambem de possuir copia de bens temporaes, e o seu fisco, que assim lhe chama S. Agostinho, que de companhia com S. João Chrysostomo, e S. Jeronymo, fechará as citações destes dous seculos.

S. João Chrysostomo em a Homilia quarta sobre a Epistola de S. Paulo aos de Efeso, diz assim: *Quid enim non fecerunt in hac re Judæi? Decimas ac rursus decimas orphanis, viduis, ac proselytis contribuerunt. Sed dixerit quispiam admirandi quemquam commendandique gratia, decimas ille, vel iste dat. Quanta, quæso, turpitudine scatet, si quod apud Judæos nullius erat admirationis aut celebritatis, apud Christianos jam sit unde quis debeat admirari?* Diz outro tanto sobre o cap. 23 de S. Mattheus; e raparem os meus leitores como já lavrava naquelles tempos o sacrilego abuso de defraudar os bens da Igreja, que moveo o S. Padre a estranhar com toda a razão que os Fieis não se pejassem de ficar muito abaixo dos Judeos, que sem hesitar pagavão dizimos e mais dizimos.

Insistiria eu por muito tempo no exame das passagens de S. Jeronymo, que vem ao caso, e nomeadamente no que elle diz sobre o cap. 44 de Ezequiel: *Primitiæ quoque ciborum nostrorum Sacerdotibus offeruntur, ut nihil gustemus novarum frugum, nisi Sacerdos antea gustaverit etc.* se eu não visse e admirasse como o Anjo de Hipponia em breves palavras, segundo o seu costume, propunha a doutrina verdadeira, e desfazia as principaes objecções: *Si non habet (In Ps. 146) rempublicam suam Christus, non habet fi-*

(*) Notas á Carta citada.

scum suum . . . Ne putetis quia aliquis draco est fiscus, quia cum timore auditur, exactor fisci, fiscus saccus est publicus. Ipsum habebat Dominus hic in terra, quando loculos habebat et ipsi loculi Judæ erant commissi. Judam traditorem patiebatur Dominus et furem, et in ipso ostendens ubique patientiam suam: tamen illi, qui conferebant in loculos Domini conferebant. Nisi forte putatis, quia Dominus ibat, petebat aut indigebat, cui Angeli serviebant, qui de quinque panibus tot millia hominum pavit . . . Exime aliquam partem reddituum tuorum. Decimas *vis? Decimas exime quamquam parum sit.* (1)

Daqui se vê que se a Igreja he huma republica deve ter o seu fisco, nem Santo Agostinho soube concluir da pobreza do Salvador e dos Apostolos que os Bispos e Parocos mendigassem de porta em porta; e com effeito que mal vem ao imperio civil de que a Igreja se considere proprietaria dos seus bens? Pelo contrario seguem-se males gravissimos de que a Esposa do Rei dos Reis seja a escrava das nações, que ella felicitou com a prégação do Evangelho (2).

---

(1) Ed. Maur. de Anvers T. 4 Col. 1228, 1229.

(2) Obriga-me aqui o amor de filho a citar de entre muitas huma só passagem dos escritos do Anjo de Claraval, meu grande Pai, que he a que apontei da sua carta 397 *ad Odonem Abbatem majoris Monasterii prope Turones* „ In promptu est etiam nunc ex auctoritate Canonum affirmare, quod fas sit de rebus ecclesiasticis fieri *permutationes*, prout Ecclesiis videbitur expedire. „ Ponho agora de parte o muito que podia extrahir das obras de S. Thomaz e S. Boaventura, e outros Doutores e escolasticos dos seculos 12, 13, e 14, porque devo parar neste, e na respeitavel authoridade de João Gerson. Respeitavel lhe chamo, não tanto para mim que sei dar o necessario desconto a quem escrevia durante as agitações de hum scisma, e a effervescencia de animos que taes desgraças costumão produzir, como por saber que foi este o *homem* dos Theologos e Canonistas modernos, que muito se valêrão e abusárão delle. *Præterea* (Tom. 2 das obras deste escritor, ediç. Dupin T. 2 Col. 253) *civile dominium seu politicum est dominium peccati occasione introductum . . . fundatum in legibus civilibus et politicis se-*

5.° Pelos Concilios particulares.

Sem fallarmos agora do Concilio Antioqueno de 341, onde se lançárão os fundamentos do dominio e propriedade ecclesiastica, he para notar que os celebrados em differentes regiões da Europa convem todos no principio de huma rigorosa e verdadeira propriedade. Examinem-se dos Concilios da Italia o Paviense de 888, o Treburtino de 895, dos de Alemanha os de Moguncia em 813, 847, 888, dos de França o de Rheims em 625, o de Tours em 813, o de Chalons no mesmo anno, o de Paris em 829, o de Meaux em 845, o de Valença no Delfinado em 855, o de Roão em 1128, e o de Tours em 1163, dos de Inglaterra o de Berghamstede em 696, o de Winchestre de 1076, o de Londres de 1102, dos das Hespanhas o de Braga em 563, o 3.° de Toledo em 589, o 4.° em 633, e nomeadamente o do mesmo lugar em 655, e de todos se poderá concluir que estava impressa em todos os Bispos que nelles concorrêrão a certeza irrefragavel de que a Igreja era senhora dos bens que nesse tempo se chamavão ecclesiasticos, não abusivamente, mas porque o seu dominio pertencia á Igreja de Deos. Nem digão os Pedreiros, affectando saber Theologia quando ignorão a propria Cartilha do Mestre Ignacio, que são decisões de Concilios particulares, as quaes são falliveis, e não resolvem o ponto... Oh se resolvem!! Pela boa e sã Theologia não he menos infallivel a Igreja dispersa, que a congregada em synodo ecumenico, e logo que se tenha provado que a Igreja determinou em toda a extensão das suas conquistas evangelicas que os fieis pagassem dizimos e tudo o mais a que se tinhão obrigado para com os Bispos, Parocos, Igrejas, e Mosteiros, sob pena de excommunhão, tambem se vê claramente que a Igreja dispunha assim do

---

cundum quas potest abdicari vendendo, donando, negligendo, permutando. Unde et apud Ecclesiasticos invenitur tale dominium suo modo... Adverte que ha este dominio *suo modo*, porque estava certo da prohibição dos Canones e leis civis em quanto a alienações e permutações, que não obstão á propriedade como logo veremos... *Temporalitus* (diz elle no Tratado de Potestate Ecclesiastica T. 2 Col. 232) *addita est Ecclesiæ pro dote sua.*

que era propriamente seu, e se mostraria pelo menos excessiva, se zelasse tanto a posse de huns bens meramente nacionaes.

Sinto amargamente não me caber agora neste brevissimo ensaio a descoberta de mil enganos e falsificações pedreiraes. Allegão, por exemplo, o Concilio Maconense de 585, como a fonte e origem principal da lei ecclesiastica de se pagarem dizimos; e furtão as palavras do Concilio, que se referem á pratica mui antiga desta lei, e não haja medo que elles citem nunca o ultimo canon do 4.º Concilio de Toledo, que depois de clamar contra os infractores do juramento de fidelidade aos Reis, excommunga os que fizerem alguma conspiração, attentarem contra a vida, ou assumirem e usurparem a authoridade do Soberano, e ainda menos o 10.º de Toledo, que priva das suas dignidades e honras os Clerigos manchados por aquelles delictos. Estes nem lhes agradão, nem lhes servem.

6.º Pelos Concilios geraes.

Destes não he necessario citar muitos. Hum só deixará plenamente convencidos os que por graça de Deos ainda forem Catholicos Romanos, e nem por isso lhe faltará o ser hum açoute para os que enfatuados da sciencia do seculo ainda tem o descaramento de nos dizerem que são Catholicos.

No Concilio Lateranense 12.º geral cap. 54 lemos.... *Cum autem in signum universalis dominii, quasi quodam titulo speciali sibi Dominus decimas reservaverit etc.* Como porém o Senhor para sinal do dominio que tem sobre todas as cousas reservasse especialmente para si os *dizimos.* Ora aqui trata-se da Lei nova, e será esta por ventura huma das opiniões dos Padres do Concilio para que não interviesse o Espirito Santo? Bem sei porque indignos pretextos e subterfugios quererão alguns Canonistas evadir-se da conhecida força daquellas palavras; mas para abbreviar a disputa contento-me de produzir os artigos formaes de Wiclefo, condemnados no Concilio Geral de Constança (*).

18 *Decimæ sunt puræ eleemosynæ, et parochiani pos-*

(*) Coll. Concil. Ed. Labbæ. Tom. 27. col. 634.

sunt propter peccata suorum prælatorum ad libitum suum auferre eas.

Versão.

18 Os dizimos são puras esmolas, e os paroquianos em razão dos peccados dos seus prelados podem tirar-lhos a seu sabor (ou conforme lhes der na vontade).

36 *Papa cum omnibus clericis suis possesionem habentibus sunt hæretici, eo quod possessionem habent, et consentientes eis, omnes videlicet domini seculares et cæteri laici.*

Versão.

36 O Papa com todos os seus Clerigos que tem posse (ou que possuem alguma cousa) são herejes por terem esta posse, e os que lhes dão consentimento, a saber, todos os Senhores seculares, e os mais leigos.

39 *Imperator et Domini seculares seducti sunt a diabolo ut Ecclesiam dotarent bonis temporalibus.*

Versão.

O Imperador e os Senhores seculares forão seduzidos pelo Diabo para dotarem a Igreja de bens temporaes.

44 *Augustinus, Benedictus, Bernardus damnati sunt nisi pœnituerint de hoc quod habuerunt possesiones, et instituerunt, et intraverunt religiones, et sic a domino papa usque ad infimum religiosum omnes sunt hæretici.*

Versão.

44 Agostinho, Bento, e Bernardo, forão condemnados, se por ventura não se arrependêrão de terem posses, de instituirem e entrarem nas Religiões; e assim desde o Senhor Papa até ao *infimo* religioso, todos são hereges.

Quem não vê claramente nestes artigos o empestado

manancial donde corrêrão as opiniões modernas sobre a propriedade nacional dos bens da Igreja, e sobre os bens temporaes das Ordens Religiosas, ou está cego, ou he Pedreiro, e não ha que escolher fóra destes dous extremos.

7.º Pelas más consequencias da nova doutrina.

Nunca hesitou o Clero dos differentes Reinos da Europa em acudir aos Reis e ás Nações nos tempos de grande aperto e necessidade publica, nem he verdade que elle se peje de ser cidadão, e que aspire a livrar-se absolutamente dos principaes deveres do estado social. Custa-lhe, e deve custar-lhe que o maior pezo carregue sobre elle, e que por exemplo tirem de pancada a hum Mosteiro a terça parte ou metade do seu rendimento, e assignem a hum Proprietario que desfruta 20 mil cruzados de renda apenas a insignificancia de 50 mil réis; e custão-lhe sim, e amargamente, outros que taes excessos a que se abalanção de ordinario os executores da lei, quando são infectos das doutrinas de Eybel, Gmeiner, e outros escritores da moda. Não importa que os encarniçados inimigos da propriedade dos bens da Igreja se jactem do seu momentaneo triunfo e alardeem o seu pretendido valor contra quem he temporalmente fraco, e não tem armas ou baionetas para se defender. Já o disse, e não me cançarei do o repetir. Correrá por conta do Senhor dos Ceos e da terra o justo desaggravo de tantas injurias; e se os infames Pedreiros reflectissem ou quizessem reflectir no juizo terrivel por que tiverão de passar os Kaunitz, os Tanuccis, e outros Ministros de Estado, a pezar de *escritos com letras de ouro nos fastos da politica humana*, por certo que mudarião logo de rumo, e conhecerião a sacrilega vaidade de seus intentos. A' medida que os Principes Seculares, por inducção de Ministros Filosofos e Pedreiros attentarem contra a propriedade da Igreja, será cada vez mais visivel o atrazamento e defecação das rendas publicas, choverão sobre os taes Principes e seus Reinos calamidades de todo o genero... Tudo isto ainda he pouco ou nada em comparação de terem incorrido no justo desagrado do Deos terrivel, que he Rei e Senhor absoluto de todos os Principes, e os faz comparecer quando lhe apraz diante do seu tribunal, para serem julgados em todo o rigor, e nesta parte sem distincção do mais infimo de seus vassallos, que tudo he pó e cin-

za em comparação do unico Ser por essencia, e da unica Authoridade immutavel e essencialmente suprema!!!

Ninguem he, tornallo-hei a dizer mil vezes, ninguem, mais affeiçoado aos Reis do que eu sou. Nunca segui, antes horrorizo o texto da Merope de Voltaire, e as detestaveis maximas da Tragedia Bruto, que se representava affoutamente em Lisboa ha poucos mezes; porém desejava que elles todos abrissem por huma vez os seus olhos extremamente fascinados de prevenções, que já lhes tem sahido bem caras. Vejão o que tirou Henrique VIII de invadir e usurpar os bens Ecclesiasticos. Achar-se cada vez mais pobre, e carregar immediatamente a Nação Ingleza de novos tributos. Que proveito colhêrão os Senhores e Grandes dos Reinos de Inglaterra e Allemanha de lhes tocarem muitos bens Ecclesiasticos na hedionda partilha que fizerão os Principes do seculo 16? Verem defecados os seus rendimentos patrimoniaes, e confessarem de plano que os bens da Igreja tinhão huma virtude corrosiva, que lhes danava os proprios, e os deixaria cedo reduzidos a huma extrema penuria. Que fruto conseguio José II. de Allemanha da suppressão de tantos Mosteiros e sacrilega alienação e venda dos seus bens? Nenhum... Sumio-se tudo. A Austria ainda hoje he pobre, e toda a sua força, como diz judiciosamente Mr. Bonald, consiste na sua administração. Já toquei nas horriveis consequencias daquella suppressão dos Mosteiros, que produzio a insurreição dos Belgas, e a sua facil conquista pelos Republicanos Francezes. Que tirou a França de se apropriar e de vender os bens ecclesiasticos em 1790? A necessidade de contribuir o povo Francez em 1816 com 80 milhões de Francos para a subsistencia do Clero, e de falharem ainda as applicações mais sagradas, que se costumavão fazer daquelles bens.

Que prosperidades conta o Real Erario de Lisboa, a pezar de terem corrido para elle ha 26 annos a esta parte de todos os Bispos, Cabidos, e Mosteiros sommas avultadissimas? Tapou-se por ventura o deficit? Curárão-se os males do Estado? Restaurou-se o credito? Nem o Senhor D. José I., nem a mui virtuosa Rainha D. Maria I. lançárão mão deste expediente, e o que he mais, o proprio Senhor D. João IV., que tomava posse de hum reino desfallecido e

agonizante, obrou nesta parte de hum modo, que devia ser perpetuamente imitado pelos seus Augustos Successores... Em fim todos os Reis desta Monarquia achárão-se sempre mui bem servidos com o seu Clero, e as Bullas de subsidio, e os dons gratuitos fazião o que não faz hoje a sabedoria moderna, que eu não posso nem devo ter como infallivel; e se ella me tachar de rebelde e criminoso, gritarei bem alto protestando que humas reflexões comedidas, que procedem de convicção intima, só poderão soar mal, e parecerem actos de rebellião no conceito dos Pedreiros, que assim põem alcunhas ao que lhes não agrada; e em resolução, eu que nunca terei a ousadia de criminar a Pessoa d'ElRei, que nenhum dos seus maiores teve mais piedade e mais affeição ao Estado Ecclesiastico do que elle tem, julgo ter feito alguma equidade aos Administradores do Erario, quando me elevo a huma causa sobrenatural da decadencia que todos elles conhecerão, e não poderão remediar.

8.° Pelas conhecidas vantagens que tira o povo de serem tidos como rigorosa propriedade os bens da Igreja.

1.ª Em quanto a Igreja for tida como verdadeira proprietaria, e como tal dirigir a administração dos seus bens, terá o povo em quem descance no meio das maiores necessidades publicas. Tirado ou simplesmente enfraquecido este poderosissimo recurso, quem pagará tudo será o povo, que ordinariamente, como succedeo nos Paizes Baixos Austriacos e na França, só conhece o que são os Frades, os Conegos, e outras corporações, depois que a sua extincção faz indispensavel dentro em poucos annos que se lance mão de outros meios, que parão sempre na vexação dos particulares.

2.ª Máo he que se chegue a fazer huma excepção em materia de propriedade, pois ficou a porta aberta para tudo o que he invasão e latrocinio. Gritava o possante Mirabeau na Assembléa Nacional, quando lhe dizião: — A propriedade dos nobres corre grande perigo se for atacada, e proscrita a da Igreja — que o caso era differente, e que os nobres não se assustarião de vãs ameaças: e que veio a succeder aos nobres? Que veio a succeder aos grandes proprietarios? A sabedoria moderna aproveita-se manhosamente da mais simples concessão para tirar dahi grandissimos resultados, e assim como depois de ter feito declarar nacionaes, e vender

por sua conta os bens ecclesiasticos, invadirá os da nobreza, e proporá finalmente a *lei agraria*, ultimo passo em que levão a mira os Gracos antigos e modernos.

3.ª Devião esmerar-se os Escritores *populares* em fazerem amavel, e não odiosa a propriedade ecclesiastica. Não se tem reflectido, quanto devia ser, em que a estrada para os bens Ecclesiasticos está aberta ás mais infimas condições da sociedade. Na profissão das armas, por exemplo, chama-se fortuna subir hum homem de Soldado raso a Coronel; porém na vida Ecclesiastica não se repara nunca em a humildade de nascimento para que hum Clerigo deixe de ser habil para huma rendosa Abbadia, e até para hum Bispado; e daqui vem que a vida ecclesiastica he, para assim me explicar, hum laço que prende as jerarquias, e que dá esperanças bem fundadas aos da classe do povo, para que algum dia cheguem a nivelar-se com as primeiras classes do Estado.

Logo que prevaleça a doutrina de que a Igreja he huma simples *usofructuaria* dos seus bens, cessa de todo hum dos mais poderosos estimulos que fazem abraçar a vida ecclesiastica, que vem a ser, não a cubiça dos bens temporaes, mas a certeza de huma subsistencia honesta, que entra e deve entrar nos desejos racionaveis do homem; e apenas a invasão dos bens ecclesiasticos fizer persuadir aos candidatos para o sacerdocio que vão ter huma vida pobre, sem consideração, e talvez desprezivel, fogem todos ou a maior parte, e o voto da maçonaria está completo (*).

(*) Recapitulação syllogistica. *Maior.* — He verdadeiro proprietario, ou considerado como individuo, ou como corpo moral na associação de muitos, o que possue bens cuja legitima posse se deriva das verdadeiras fontes, e dos verdadeiros principios da propriedade:

Menor. — As corporações regulares, como individuos moraes, tem, e estão de posse de seus bens dimanada dos verdadeiros e unicos principios de propriedade:

Consequencia. — Logo as corporações regulares possuem legitimamente, e gozão dos inauferiveis direitos da propriedade.

Corollario. — Pela disposição das leis os regulares são

Advertencia.

Foi na Assembléa Nacional onde se travou a mais renhida peleja sobre a propriedade dos bens ecclesiasticos. Alli

---

iguaes em direitos aos outros cidadãos, gozão dos mesmos fóros, e como elles sujeitos aos mesmos deveres, e por isto sem suprema injustiça não podem ser despojados, ou em parte ou em todo, de seus bens, salvo o caso em que, como iguaes em direitos, forem com os outros proprietarios collectados com igualdade e exacta proporção.

Observações.

A palavra *Doação Regia* tem o mesmo e invariavel significado relativamente a todos os individuos, e a todas as classes da Nação, dando a todos o mesmo direito de possuir, porque *doação* quer dizer hum acto determinativo da vontade do legitimo Soberano, que dispõe a seu arbitrio, ou livremente ou com condições onerosas, do que he propriamente seu, por isto em nossa legislação se chamão donatarios dos bens da Coroa. Não póde formar regra alguma de direito a determinação invasora de hum Governo revolucionario e usurpador, que dá aos bens proprios da Coroa o capcioso titulo de *bens nacionaes*, quando sacrilegamente reduz o legitimo Soberano a hum simples pensionario da nação, que lhe assignala huma vergonhosa congrua, tirando-lhe o direito de propriedade, que não se atreve a negar ao ultimo cidadão da mais infima classe. Com o restabelecimento do Monarca na fruição de seus sagrados direitos e foros estão revalidadas todas as doações regias, suas e de seus Augustos Predecessores, e estas doações em suas primitivas e inalienaveis forças dão legitima propriedade aos donatarios de bens da Coroa, que não forão feitas com a clausula ou condição da *revogabilidade*. Para o espolio destes bens e da sua propriedade, he preciso legalizar e *santificar* o principio desorganizador e revolucionario, em que são declarados bens nacionaes os que forão sempre legitima propriedade da Coroa. Se as urgencias da Monarquia pedem subsidios, sejão estes

se propoz de huma e outra parte o que havia de mais certo ou de mais especioso. Quem deseja saber o *pro* e *contra* destas materias, conforme o gosto moderno, tem muito de que satisfazer a sua curiosidade no Monitor de 1789 e 1790. Li e examinei tudo; e ao ver que todos os argumentos do Conde Mirabeau, e de Mr. Thouret, se fundão no *maçonico*, *alicerce da Soberania do Povo*, quasi me resolvi a destruir esta, por ser hum caminho facil de pulverizar os taes argumentos, e por fim até me lembrei do methodo de Alexandre, que era cortar de hum golpe esse *nó gordio*, que só he indissoluvel para os estupidos e malvados... Como este derradeiro expediente se reduz a poucas palavras hei de communicallo por inteiro aos meus leitores.

SYLLOGISMO.

Proposição maior.

Todo o projecto de que, vista a maldade dos nossos tempos, necessariamente se segue a destruição do Altar, he de manifesta impiedade.

Menor.

Atqui do projecto de se fazerem nacionaes os bens do Clero resultou immediatamente a destruição do Catholicismo na França.

Conclusão.

Ergo a doutrina maçonica de assoalhar ainda hoje como nacionaes os bens do Clero, e de os invadir e esgotar por mil differentes modos, he de manifesta impiedade.

Só os taes Pedreiros hão de estranhar este raciocinio. Os que o não forem hão de conhecer-lhe a força, e hão de applaudillo; e por certo me contentaria com elle se a necessidade de responder a certas objecções me não pozesse mais

---

dados por todas as classes da Nação com orçamento porporcionado igual e justo. Só a força, a violencia, e o espirito maçonico poderão contradizer verdades tão claras, tão palpaveis, e tão evidentes. — *P. J. A. de M.*

ao alcance de desenvolver certos principios que até agora forão tocados de passagem. Serei tão franco e sincero que até conservarei as proprias *badaladas* do sino grande de Paris, do façanhoso Mirabeau.

Objecções.

1.ª de Thouret. — Huma cousa são individuos, outra cousa são corporações. Aquelles são proprietarios, estas nunca o podem ser; e por falta desta necessaria distincção he que muitas vezes se tropeça nesta materia.

R. De que constão essas corporações? São por acaso de pessoas estrangeiras? Ou não constão de individuos? E logo que estes se unão a qualquer corporação tem perdido inteiramente os direitos de propriedade que lhes cabião em quanto erão particulares? E o que o Jurisconsulto Thouret chamou Nação, deixará de ser hum todo moral, huma corporação? E acaso deverá espantar-se quando se lembre alguem de lhe retorquir a objecção?

Admira que taes inimigos do methodo syllogistico se valhão das suas mais subtis argucias, quando intentão capear os seus delirantes e incendiarios projectos.

Inst. Porém a estes chamados proprietarios falta-lhes absolutamente o poder de alienar, permutar, deixar em testamento os bens da Igreja, e até são impedidos de adquirirem novos bens; o que tudo offerece huns clarissimos testemunhos de que são apenas usufructuarios.

R. Já tiverão poder de alienar, permutar, e adquirir; se lhes foi restringido, houve justas razões para isso, e não he subtileza indigna do Abbade Maury, como lhe exprobrou Mirabeau, o affirmar que todas estas leis são conservadoras da propriedade: e assim como não se dirá que o possuidor de hum morgado deixa de ser hum verdadeiro proprietario, ainda que não possa vendello e alienallo, o que determinárão os Reis, não para lho tirarem quando muito lhes parecesse, mas para o conservarem nas respectivas familias; outro tanto se póde affirmar com a devida proporção dos bens ecclesiasticos.

Inst. As leis que os vedárão de adquirir são fundadas no prejuizo que resulta á sociedade de taes bens estagnados,

que não entrão no gyro do commercio, e que a todos os respeitos se devem reputar como de absoluta nullidade para o interesse das Nações.

R. Ainda que na Igreja não ha heranças, como na propriedade secular, não tira isto que a propriedade dos bens ecclesiasticos seja comparavel a huma propriedade gravada de substituições até ao infinito. A Igreja he proprietaria, e os seus Ministros usofructuarios. Que maior gyro do que passarem estes bens de mão em mão, e mudarem continuamente de possuidor? Sejão embora immoveis as propriedades do Clero, porém o movimento a que de continuo dão lugar (o que lhe acontece regularmente de 20 em 20 annos) suppre o movimento, cuja falta lhe estranhão os nossos adversarios. Tudo se estranha aos Ministros da Igreja, e não se repara na immensa propridade dos Capitalistas, que fazem huma desproporção enorme de fortunas, que he hum dos maiores açoutes da sociedade. Não se repara nem se faz caso do que não póde obstar ao grande fim dos Maçoes.

* Obj. de Thouret. A lei póde estabelecer que nenhuma corporação tenha propriedade. São estes huns proprietarios facticios que sempre em minoridade só podem ter o usofructo, e nada mais.

R. Póde a lei. Não entremos agora na discussão de hum poder, que basta ser iniquo e arbitrario para que se lhe não deva negar até o nome usurpado de poder. Demos que póde a lei: mas de quem? Da Nação... Esta clamou e bramio em Provincias inteiras da França, como por exemplo na Alsacia, contra a suppressão dos Mosteiros... De todos os cantos daquella vasta Monarquia chegárão requerimentos á Assembléa Nacional, para que se mantivesse illesa a propriedade do Clero. Onde esteve pois a decantada expressão da vontade geral, quando mais de duzentos Deputados reunião subscrever ao decreto da secularisação dos bens ecclesiasticos.. Para isto se confundírão as Ordens, para isto se contárão os votos por cabeça, pois não ha cousa melhor que ajustar hum cento de facciosos que hão de arruinar huma Nação, e ficar tudo pendente de suas despoticas vontades e caprichos. Foi por esta causa que o nosso Mirabeauzinho (pois coitado era hum pigmeo diante daquelle Gigante, mas queria-o arremedar) deitou os bofes pela boca

fóra, para que ninguem fosse representante da sua Provincia, e que muito embora fosse eleito pela *Beira*, e pelo Minho, ou pelo Algarve; pois logo que entrava na Sala das *Necessidades* era hum Deputado da Nação... Ah pobre Nação que fostes governada por sansculottes, demagogos, e Pedreiros!

Inst. Porém onde está a lei, que sanccionou esta propriedade dos bens ecclesiasticos?

R. Bastaria huma infinidade de leis ecclesiasticas, pois he natural que a Igreja soubesse o que era seu, e não se arrogasse o que era alheio; mas tudo o que são leis ecclesiasticas, são ranço para os delicadissimos Pedreiros, que hão de excluir a Igreja de ser juiz em causa propria, quando elles, que só tratão de empolgar os bens do Clero, pensão illudir-nos com a mascara do bem publico. Temos huma infinidade de leis civis que afianção a posse daquelles bens. Não sería difficultoso citar muitas desde Justiniano até Carlos Magno. Que vem a dizer estas palavras dos livros Carolinos. *Quid Ecclæsia possidet, in illius ditione maneat res possessa?* Para chamarmos as cousas para este Reino de Portugal: que vem a dizer tantas leis dos nossos Soberanos a favor da propriedade do Clero, e quem poderá achar differença de estylo entre as mais amplas doações dos nossos Reis á Igreja e Mosteiros, e as doações feitas a particulares? Antes as primeiras são acompanhadas de formulas especiaes, que todas notão segurança de propriedade; e se essas clausulas de que todo o que attentar contra esses bens assim doados *será maldito, computado com o traidor Judas*, etc. só provocão o riso dos nossos Filosofos, e Politicos, merecem todo o respeito de quem for, e justamente se gloriar de ser Christão.

Obj. Tudo se perdoaria facilmente ao Clero se as suas avultadas riquezas não fossem a peste da agricultura. Tristes dos povos que tem de satisfazer-lhe quartos, oitavos, dizimos, rações, e direitos banaes, etc.

R. Passárão quinhentos annos desde a fundação da Monarquia Portugueza, e os bons dos Portuguezes antes quizerão morrer de fome, que exhalarem huma só vez aquellas tão justas como lastimosas queixas... Sendo assim, não sei como elles não desertárão immediatamente das terras pertencentes ás Igrejas, e Mosteiros! Foi tanto pelo contrario, que forão

sempre estas as mais bem cultivadas, e as mais florescentes em todos os ramos de agricultura; o que assás prova a falsidade daquellas asserções. Tal foi a mudança dos tempos e dos costumes, que se reputou algum dia favor, o que actualmente he injuria; e quaes serião melhores os colonos de hoje, ou os seus antepassados? Eu como vassallo de ElRei Nosso Senhor, que nunca me chamarei seu subdito, por ser *palavrinha Maçonica*, de cuja innocencia ou maldade não disputo agora, hei de sujeitar-me a quanto ElRei mandar em assumptos meramente politicos. Entretanto fica-me salvo o meu juizo interior; e para que os desavergonhados Mações saibão de huma vez que tenho muito para lhes responder largamente, se eu quizesse, e elles o merecessem, quero desenganallos de que não me embação com as suas luminosas theorias sobre direitos banaes. Estes nem são, nem forão nunca em Portugal restos do feudalismo. Data a sua origem de hum contrato que fizerão os colonos com os senhorios, para que estes mandassem construir fornos, lagares, e moinhos; e como era forçoso que o senhorio fizesse então hum desembolso grande, e curasse para o diante da reparação daquelles edificios, por isso se obrigárão a fazer o vinho, e o azeite nos lagares do senhorio.

Onde está aqui o servilismo, e o attentado contra os direitos do homem?

Objecções de Mirabeau: e forão as ultimas que motivárão a decisão do Congresso, e a que o Abbade Maury não teve lugar de responder.

1.ª Disse o Abbade Maury que todos os Principes Catholicos tem rejeitado com indignação o projecto de se assenhorearem dos bens do Clero. Não duvido que seja assim. O Principe não tem este direito que assiste á Nação, como succede nos bens da Coroa, que os Principes tem gozado em nome, e por authoridade da Nação.

R. He digno de observar-se que os bens da Coroa correm sempre igual fortuna aos bens do Clero em todas as discussões onde for preponderante o Maçonismo, e que para se fazer menos odiosa a tentativa contra a Igreja se vai tirar o argumento dos bens da Coroa; tanto he certa e indisputavel a unidade de interesses no Sacerdocio, e no Imperio, e que se este der as mãos para a destruição daquelle, não fa-

rá outra cousa mais do que apressar a sua propria queda, e total ruina. Oução pois todos os Reis da boca do Principe dos Mações, que debaixo da mesma sentença são condemnados á morte os bens do Clero, e os bens da Coroa...! Quem não julgaria que o Sr. Conde D. Henrique, vindo de longes terras para fazer guerra aos Mouros, e conseguindo á força de armas desapossallos de huma parte deste Reino de Portugal, tinha direito ao menos á hum pedaço de terra para sustentar os seus filhos com o decoro e grandeza propria da Regia estirpe de que elle descendia? Pois não he assim... Os *veneraveis Mações* do seculo 18 não lhe deixão nem hum palmo de terra que elle podesse chamar seu; pois tudo era nacional!!! Quem não julgaria que o Sr. D. Affonso Henriques depois de brigar com os Mouros por tantos annos, e depois de huma serie de trabalhos, qual devia trazer comsigo a fundação de hum Reino, tinha ao menos direito salvo para dar ao seu Parente S. Bernardo, que lhe conseguio do Ceo importantes conquistas, a espaçosa mas deserta assentada, que elle via desde a Serra de Albardos até ao mar?.. Pois não foi assim, excedeo os limites da authoridade Real. Era necessario que a Nação fizesse este donativo, já se sabe debaixo da condição tacita de o surripiar quando o terreno de primeira doação estivesse melhorado, e já parecesse outra cousa; e o Santo Rei que em tão boa fé procedia, que comminava horrorosas maldições a quem infringisse o que elle dispunha em graça dos filhos de S. Bernardo, foi hum desgraçado, que se no seu tempo houvesse Rousseaus, e Filangieres, Mablys, e Constants, não se desmandaria tanto em suas devoções exaggeradas, nem teria por honra especial assistir aos officios divinos em Santa Cruz como se fôra hum Conego regrante de S. Agostinho!!!... Basta de ironia, que já desmentio as regras da Arte syllogistica; porém com Pedreiros sempre incoherentes, sempre vagueando fóra do escolio, não tem lugar as satisfações.

Objecção 2.ª a ultima do terrivel Mirabeau, que deo a esta hydra quatro cabeças; e só deixarei apparecer, e irei cortando a 1.ª, 2.ª, e 3.ª

O Clero tem os seus bens. 1.º » Por Doações Regias; tudo o que os Reis dão, se julga ser dado pela Nação, que sem a munificencia dos Reis estaria obrigada a dotar a Igre-

ja. Logo a Nação he proprietaria, e póde retomar o que se deo em seu nome, e para seu bem.

R. Tomem sentido neste principio geral todos os que recebem Doações da Coroa, ainda que fosse pelos mais relevantes serviços á Patria. Concede a Nação, ou Mirabeau em seu nome, que sería obrigada ao justo premio, e galardão dos honrados, e valorosos feitos; mas protesta pelo direito salvo de retomar aquelle que os Reis julgárão mais oportuno. Não querem acabar de crer, que offendida, e abalada huma propriedade, se offendem, e abalão todas. Posso, e devo assegurar que as Nações são mal trazidas e arrastradas para estes contratos, de que certamente nunca fizerão idéa; e se alguem presumisse nos seculos 11, 12, e 13, que estavão mal seguras as doações feitas á Igreja, punhão-se a gritar: *Fóra impios, fóra hereges*; assim como os bons Portuguezes ainda hoje gritão ao lerem, e ouvirem taes doutrinas: *Fóra ladrões, fóra sacrilegos.*

2.ª Póde adquirir bens temporaee da liberalidade dos individuos; estes porém não deverião ignorar que nenhuma Corporação politica podia ser incommutavelmente proprietaria, e deverião saber, que a Nação podia declarar hum tal Corpo incapaz de possuir; e visto que derão os seus bens para hum destino publico, deverião esperar que a Nação os administrasse, quando lhe parecesse conveniente.

R. Nesta parte consolem-se os manes de Fernandes Thomás, que tantas vezes fechou a Sessão, e attrahio a maioridade de votos com outras que taes arengas... As Nações ignorárão absolutamente esses deveres, e nem suspeitárão que os seus descendentes assumirião taes direitos. Tanto não souberão que essas doações livres e espontaneas ficavão sumidas no abysmo da propriedade nacional, que muitas em varios Reinos tem a clausula expressa de reversão de bens para a familia dos doadores, caso se frustrassem de algum modo os intentos do fundador. Os nossos Reis fundadores de Mosteiros descançavão na piedade de seus successores e de seus vassallos, e por isso não tocárão em similhante reversão, julgando que erão de sobejo as clausulas terriveis, que já mencionámos. He porém de notar, que nas fundações modernas já os fundadores, por ventura assustados das invasões e espoliações de Mosteiros, praticadas na Allemanha e

na Inglaterra, durante o seculo 16, segurão-se mais, como he facil mostrar pela escritura de doação da fundadora do Mosteiro de Santa Maria de Tabosa da ordem de meu Pai S. Bernardo.

3.ª Em fim, se a Igreja adquirio os seus bens por industria propria, e melhoramentos ou novas acquisições que lhe deixárão fazer, he evidente que se taes acquisições são contrarias á vontade dos fundadores, não trouxerão á Igreja hum novo direito; e se ha motivo de crer que os fundadores as approvárão, he necessario desde logo applicar a estes bens tudo o que eu disse dos bens recebidos directamente dos fundadores.

R. Custaria a crer que esta objecção era do *Jove Tonante* da Assembléa Nacional, e do Demosthenes do seculo 16, se por ventura não se lesse escrita e escarrada no Monitor, Gazeta official, cujo Redactor não ousaria falsificar hum arresoado de tal monta!! Que direito poderá haver mais torto e mais impio que o de refusar ás Igrejas e aos Mosteiros a devida recompensa de seus continuos e verdadeiramente herculeos trabalhos! Quem dava matas incultas, e povoadas de toda a especie de bicharia brava, como por exemplo as de Alcobaça, as de Lorvão, de Arouca, de S. Pedro das Aguias, etc., as quaes em lugar da grande utilidade que hoje dão ao publico davão, e ainda agora lhe causarião gravissimos prejuizos, teria seria vontade que se não roteassem? Ter porém esta vontade, e pertender que nenhuma utilidade tivessem seus cultores, a pezar de seus cuidados e suores, de suas grandes despezas e prolongadas fadigas de annos e seculos! Pertender que depois de reduzidas a ferteis campos, a prados amenos, e a multiplicadas povoações, tornassem ao seu dominio, ou voltassem ao da Nação!! Que bella politica! que optima recompensa! que rectidão! que justiça! Ou antes que feio e torpissimo engano!! Que mais fizera hum intratavel e cruelissimo Senhor de escravos Africanos? Ficárão-lhe todavia no tinteiro, assim como todos os dias ficão aos seus discipulos de cá, esse crescido numero de doações dos particulares, que fizerão subir consideravelmente o patrimonio original dos Mosteiros, e as infinitas heranças que couberão aos Frades por muitos seculos, e que forão o principio de hum sem numero de acquisições, que não tem

nada com as Doações primitivas... Em fim para os *Sabichões* do nosso tempo he mui barata a sciencia. Se chegão a pilhar hum *Ipse dixit* de Mirabeau, de Thouret, de Garat, e de outros revolucionarios, ficão senhores do bolo, e tudo o mais he ignorancia e fanatismo!!! E censurão os antigos porque juravão *in verba magistri!!*

Cançado de inepcias e sandices, arrumo a penna; e como a fechar esta demonstração se me figura estar ouvindo hum cento de *gozos* a latirem sobre o abuso que se faz das rendas Ecclesiasticas, que são o patrimonio dos pobres:

Respondo-lhes: 1.° Que ha telhados de vidro muito mais *frangiveis*, a que elles podião atirar, e que sería melhor calarem-se do que parecerem infames e despreziveis aduladores. 2.° Que o nosso Salvador conservou Judas por seu administrador até á ultima cêa, e que as más qualidades deste Apostolo não isentavão os fieis de trazerem offertas para o deposito de que se mantinha o Divino Mestre, e o Collegio Apostolico. 3.° Que não se mettão em camisa de onze varas, donde nunca mais se poderão desembaraçar; pois concedo que os bens ecclesiasticos sejão o patrimonio dos pobres; mas caso este patrimonio, como elles querem, haja de entrar no gyro do commercio, e na massa dos bens nacionaes, quem ha de soccorrer os pobres? E não se commetterá deste modo huma atrocissima injustiça? Acaso perde alguem o direito de propriedade porque não gasta as suas rendas estrictamente segundo as leis divinas e humanas? Então a Deos á sua propriedade. *Siquis sine peccato est, etc.*

P. S. Para que os meus leitores que forem menos instruidos, e que nem revolvem pergaminhos nem livros *in folio*, tenhão huma idéa clara do espirito e força das Doações feitas aos Mosteiros, pareceo-me justo communicar-lhes a seguinte

Doação ou Restituição.

Dom João por graça de Deos Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar, em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India etc. Faço saber aos que esta minha Carta patente de desistencia, nova doação, confir-

mação e ratificação de outra virem, que o Senhor Rei D. Affonso Henriques de gloriosa memoria, primeiro destes Reinos, meu decimo terceiro Avô, que com tanto zelo do serviço de Deos Nosso Senhor, e dilatação da Santa Fé Catholica, e tão insignes victorias os conquistou e livrou dos Mouros Sarracenos, que na perdição de Hespanha os havião occupado, e tinhão possuido largos annos; indo no de 1147 em 13 do mez de Maio da cidade de Coimbra para a villa de Santarem com intento de a cobrar do poder dos ditos Mouros, que estavão senhoreados della; e julgando a empreza por de muito risco e importancia; lembrado das maravilhas que Deos obrava pelos merecimentos e orações do bemaventurado Padre São Bernardo, Abbade do Mosteiro de Santa Maria de Claraval da Ordem de Cister, que então florecia vivo no Reino de França, entre o qual e o dito Senhor Rei Dom Affonso havia razão de parentesco, e desejando ter em seu favor as orações do dito Santo Abbade e dos seus Monges; fez voto solemne (se Deos, pelos merecimentos do dito Santo, lhe désse a dita villa de Santarem) de dar todas as terras que via da serra chamada de Albardos, por donde hia caminhando, agoas vertentes para o mar, para nellas se fazer hum Mosteiro da Ordem de Cister, no qual o Santo nome de Deos fosse louvado; e que logo as renunciava e apartava de seu senhorio, para que nem elle, nem seus successores podessem nellas dar, nem dotar cousa alguma que não fosse para o proprio Mosteiro; e em cumprimento deste voto, que no mesmo ponto foi revelado ao dito Santo, o qual com seus Monges esteve em oração até no dia seguinte ter segunda revelação de que o dito Senhor Rei Dom Affonso ganhára Santarem aos Mouros; elle avisou logo ao dito Santo para que lhe mandasse Monges do seu Mosteiro de Claraval que fundassem nas ditas terras o novo Mosteiro que havia prometido e votado, os quaes vindo a estes Reinos antes que a carta do dito Senhor Rei houvesse chegado á França, lhe trouxerão outra do Santo Abbade, cujo teor, traduzido da lingoa Latina na Portugueza, he o seguinte.

Ao Christianissimo Rei Dom Affonso, Rei dos Portuguezes Bernardo, chamado Abbade de Claravel, offerece o pouco que he; louvado seja o Senhor, e Pai Soberano

de Nosso Senhor Jesus Christo, Pai de misericordia e de consolação, que vos confortou no meio de vossa tribulação, e mandou soccorro a vós e á vossa gente, tirando de vossas cabeças o afrontoso jugo dos Mouros. Já cahírão os muros de Hyericó: arrasou-se por terra aquella grande Babylonia: destruio o Senhor as fortalezas de seus inimigos, e alevantou a potencia de seu povo: a qual felicidade soubemos antes de se fazer, por revelação daquelle Spirito em cuja mão está sem instrumento de voz dizer seus segredos a quem he servido: e por esta causa affligimos nossas almas, e assim eu, como todos meus irmãos, prostrados diante do Senhor, pediamos fortaleza e vigor pera vossos braços em quanto durava o combate: e de nossos demeritos não impedirem vossa felicidade, nos alegramos sobremodo; juntamente soubemos a grande piedade com que vos movestes a fazer voto de fundar hum Mosteiro, para cujo effeito mandamos estes filhos que criámos para Christo desde os primeiros annos de sua conversão, porque depois de nos encommendarem a Vossa Grandeza, dem inteiro cumprimento á piedosa tenção de vosso voto, fundando hum Mosteiro, na perpetuidade e inteireza do qual tereis hum infallivel sinal do successo de vosso Reino; e dividindo-se as rendas que lhe deixardes, se dividirá vossa Coroa. Guarde o Senhor, que tudo conserva, a Vossa Pessoa, e a Illustre Rainha Vossa Mulher, e lance a Benção sobre vossos descendentes, para que vejais Vossos Netos com gosto em vossa erança.

E o dito Senhor Rei, com os Religiosos mandados pelo Santo Abbade, lançou os fundamentos do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, e o fabricou, passando-lhe no anno de 1151 Doação das terras que havia votado e promettido, cujo teor, tambem traduzido de Latim em Portuguez, he o seguinte.

Em nome de Nosso Senhor Jesus Christo. Amen. Por ser cousa decente a cada hum dos fieis fazer participantes os servos de Deos dos bens que lhes são dados pelo Soberano Criador, para que por este meio o faça Deos participante dos bens celestiaes. Por tanto eu Dom Affonso pela divina misericordia Rei dos Portuguezes juntamente com a Rainha D. Mafalda minha Mulher, e Companheira no Reino, fazemos testamento e encoutto, a vós Dom Bernardo, Abbade

do Mosteiro de Claraval, e a vossos Irmãos, e todos vossos Successores, que forem pelo tempo adiante, de huma nossa propria erdade, que temos entre aquelles dois lugares, chamados Leiria, e Obidos, abaixo do monte Taicha, comarca de Lisboa, agoas vertentes ao mar. Damos-vos tambem o Lugar que chamão Alcobaça, e vos fazemos delle testamento e coutto por remedio de nossas almas, e de nossos antepassados, e para que fique no Mosteiro que alí se fundar, perpetua lembrança nossa; e dando-vos toda esta herdade, vos fazemos testamento, e firme coutto della, pelos limites abaixo declarados: primeiramente como se divide pela fós de Sellir, e vai direito pela agoa do Furadouro, e dahi a garganta de Olmos, pelas Cimalhas de Aljubarrota, como parte cõ Andano, e fere direito na agoa de Cóz, e passa direito por Melvua, atee a matta de Pataiás, donde corta direito por entre a Pederneira e Muel, até chegar ao mar; o qual lugar, como fica demarcado, queremos que tenhais, e possuais, com suas entradas e sahidas, agoas, e pastos, e todas as mais pertenças, e com todas as terras cultivadas, e por cultivar, vinhas, casas, ortas, e pumares, e com todas as mais cousas que neste limite se incerrarem, pera provimento dos moradores; e tudo o que delle a dentro pertence ao direito Real, seja desmembrado de nosso Senhorio, e traspassado ao vosso, e confirmado nelle com direito perpetuo; porque (assim como asima he dito) vos fazemos doação, e encoutto estavel e firme á honra e gloria de Deos, e da Bemaventurada Virgem Maria de Claraval; e com juizo perfeito, e animo constante, trabalhámos por vos meter de posse na tal erdade, para a terdes para sempre; com tal condição, que se por negligencia vossa, e vivendo eu, deixardes sem meu conselho desamparado o lugar sobredito, o não possais nunca mais recuperar; e se alguma pessoa (o que não cremos que possa acontecer) quizer anular, ou diminuir esta Doação, primeiramente seja amaldiçoado, e excomungado pela authoridade de Deos Padre Omnipotente, do Filho, e Spirito Santo, e do Bemaventurado S. Pedro, Princepe dos Apostolos, e apartado dos Sufragios da Santa Madre Igreja, e posto no Inferno com Judas o tredor; e além disto pague quinhentos soldos de boa moeda; fesse a presente carta na era de Cesar de 1191, que he no anno de

Christo de 1151; aos 8 de Abril. Eu ElRey D. Affonso, e minha Molher D. Mafalda confirmamos com grande firmeza e assignamos de nossas mãos a presente carta. — Fernão Pires, Copeiro mór, confirma; Pero Peres, Alferes mór, confirma; Affonso Mendes, Regedor, confirma; Gonçalo de Souza confirma; Vasco Sanches confirma; Pedro testemunha; Pelaijo testemunha; Gonçalo e Mendo testemunhas. Affonso Rei de Portugal, Mafalda Rainha e Molher do proprio Rei; Mestre Alberto Cancelario do proprio Senhor Rei a notou. As quais terras com suas rendas, e jurisdições na maneira que pelo dito Senhor Rei D. Affonso lhe forão dadas, e dotadas á dita Ordem de Cister, e ao Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, e os Dons Abbades della, possuírão, e lográrão por muitos annos sem alteração nem contradição alguma, havendo no dito Mosteiro de Alcobaça Coro delle, Lausperennes dos Monges repartidos em certo numero por decanias, e rezando as horas canonicas, e louvores divinos sem intermissão; e por quanto com o decurso do tempo, por alguns respeitos que então se considerárão com menos attenção do que a materia pedia, forão separados do dito Mosteiro de Alcobaça, por Bullas Apostolicas, havidas a instancia dos Srs. Reis meus predecessores, a maior parte de suas rendas, e suas jurisdições, erigindo-se emcommenda particular, para a qual os ditos Senhores Reis nomeavão as pessoas Ecclesiesticas que lhes parecião; e agora por morte do Infante de Castella D. Fernando está vaga a dita commenda; considerando eu logo que Deos Nosso Senhor foi servido de me restituir a Coroa destes meus Reinos, que pelos Reis Castelhanos intrusos havia sido usurpada, quam justo e devido he que se não diminuão as Doações que os Senhores Reis Portuguezes meus predecessores fizerão a Deos Nosso Senhor, antes se accrescentem, digo, Senhor, e ás Igrejas, antes se accrescentem, e particularmente as razões que se offerecerem para que esta das terras dos couttos de Alcobaça feita por o dito Sr. Rei D. Affonso I. á Ordem de Cister, e ao glorioso Abbade S. Bernardo, e ao Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, e seus Monges, se restitua á sua primeira fórma, e se conserve nella; esperando que com o fazer assy alcançaremos Eu, e os Reis meus descendentes, e Successores, a duração desta Coroa, conforme a ben-

ção, e profecia do dito Santo Abbade contheúda na dita sua carta já referida, como se vio cumprida na divisão da Coroa, logo que as terras, e rendas dadas a Deos, e ao dito Santo, se dividírão do dito Mosteiro de Alcobaça: Por todas estas causas, e por agradecer e reconhecer em parte a mercê que da mão divina recebi na restituição desta Coroa, concorrendo eu tambem na restituição das rendas dadas á Virgem Maria Senhora Nossa, e ao Bemaventurado S. Bernardo, e ao dito Mosteiro de Alcobaça. De meu moto proprio, certa sciencia, poder Real, e absoluto, hei por bem, e me praz de desistir, e desisto da separação e divisão das rendas, e jurisdicções do dito Mosteiro, que por Bullas Apostolicas se havião apartado das outras, que agora possue, e feito em commenda; e confirmando, e ratificando a Doação do dito Sr. Rei D. Affonso I. para que de hoje em diante se cumpra e guarde, e tenha sua força e vigor, como se a tal separação se não houvera nunca feito; quero e mando, que o D. Abbade do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça que ora he, e seus Monges, tomem posse das ditas terras, suas rendas, e jurisdições, que pelo dito Sr. Rei D. Affonso I. lhe forão dadas, e dotadas; e as tenhão, hajão, possuão, e logrem assim e da maneira que lhe pertencem, e que as tinhão, havião, e possuião antes da separação dellas, e erecção da commenda; renunciando a graça concedida aos Reis destes Reinos na divisão e applicação das ditas rendas, e jurisdições em commenda, como se tal nunca houvera sido, e para mais abundancia (se necessario he) faço nova e irrevogavel Doação para sempre em meu nome, e de todos os Reis meus descendentes, e successores, das ditas terras, rendas, e jurisdições á Virgem Nossa Senhora de Alcobaça, e aos Dons Abbades, e Monges do dito Mosteiro, assy como d'antes as tinhão, e pelo Sr. Rei D. Affonso I. lhe forão outorgadas, e as possuião antes da separação dellas, e erecção da dita commenda; dimittindo de my e de todos meus successores o direito e acção de nomear commendatario sem que em algum tempo possamos uzar delle, nem reclamar, ou revogar esta dita nova doação, confirmação, e ratificação da que pelo dito Senhor Rei D. Affonso I. foi feita; com condição e obrigação que os ditos Dons Abbades e Monges do dito Mosteiro de Alcobaça, que ora são, e ao

deante forem, terão sempre no choro delle Lausperennis dos Monges, repartidos por decanias, em certo e competente numero, de maneira que a todas as horas do dia, e da noite se rezem, sem intrepolação nem falta, as oras canonicas, e louvores divinos, como nos tempos passados se fazia, e se alguma pessoa (o que não creio possa acontecer) anular, ou diminuir esta Doação, seja excomungado, e amaldiçoado pela authoridade de Deos Padre, Filho, e Espirito Santo, e do Bemaventurado S. Pedro Princepe dos Apostolos, e apartado da comunicação, e sufragios da Santa Madre Igreja; e por firmeza de tudo o que dito he, mandei dar ao D. Abbade, e Monges do dito Mosteiro de S. Maria de Alcobaça esta Carta Patente por my asignada, e passada por minha Chancelaria; em virtude da qual os hei por metidos da posse das ditas terras, rendas, e jurisdições, e mando aos Ministros a que tocar, e que por elles forem requeridos, que lhes dem dellas particularmente a posse actual e real, sem duvida, contradição, nem embargo algum; porque assy he minha vontade e mercê, e huma copia desta dita carta se guardará na Torre do Tombo, ficando o original no cartorio do dito Mosteiro de Alcobaça. Dada na cidade de Lisboa aos 4 dias do Mez de Fevereiro. — Vicente de Soutto Maior a fez, Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1642. E eu Francisco de Lucena, do Conselho de ElRei Nosso Senhor, e seu Secretario de Estado, a fiz escrever. — ElRei. — Carta Patente de nova doação por que Vossa Magestade Ha por bem de restitoir ao Dom Abbade e Monges do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça as terras, jurisdições, e couttos, que pelo Senhor Rey Dom Affonso I. lhe forão dadas e dotadas, na maneira e forma nella declarada. — Para Vossa Magestade ver. — Fernão Cabral. — Registada na Chancelaria no Livro de Padrões a folhas 96 verço. — Diogo de Pina Cabral. — Pagou quatrocentos setenta e sinco mil e duzentos réis, com a Chancelaria dobrada, em Lisboa a 18 dias do Mez de Fevereiro de 1642; e ao Chanceller Mór e Officiaes da Chancellaria com o Cordão, cento setenta e seis mil e cem réis. — Miguel Maldonado.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 18.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

Salve ó faustissimo dia 29 de Setembro, que nunca surgiste nem mais claro, nem mais sereno para os bons e leaes Portuguezes! Se até aqui nos fazias lembrar do glorioso Principe da Milicia Celeste, que derrotou completamente as legiões infernaes, e que reanimando o já hum pouco amortecido valor do inclyto Rei o Senhor D. Affonso Henriques, o fazia romper as falanges Mauritanas, e assegurar por huma vez a nossa independencia . . . . agora vens seguido de novas e não menos estupendas maravilhas, que tão indefiniveis para nossa comprehensão, como superiores ao nosso agradecimento, nos reduzem a singella explicação do nome que alegra os Ceos, consola o mundo, e só aterra os impios, os Maçöes, e os demonios!!

Quem como Deos?

Quem como Deos? ou Miguel se chama o nosso Libertador, dizem hoje milhões de Portuguezes, saudando-se e congratulando-se mutuamente... Quem como Deos? ou Miguel se chamava, quem nos tornou ao ser de Portuguezes, quando estava quasi apagado e sumido este nome, será o grito da mais remota posteridade....

*

Não he muito que vendo-me não menos deslumbrado de tanta gloria, do que plenamente convencido que sem a heroica resolução tomada a 27 de Maio por S. A. R. o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel, eu já não possuiria as maiores felicidades que posso ter nesta vida mortal, quaes são na ordem civil a de chamar-me *Portuguez Vassallo* da Augustissima Casa Reinante, e na ordem espiritual o ser Monge de S. Bernardo, eu desça hoje a procurar nos fastos da Historia Portugueza....

Quem ha sido como o nosso Infante?

Já he costume antigo dos Serenissimos Infantes de Portugal o arrostarem as mais arduas e arriscadas emprezas, de que a Nação, justamente ufana de lhes ter dado o berço e de os possuir, ha tirado as maiores e mais subidas vantagens. Sómente quem for hospede na Historia Portugueza deixará de saber que logo no começo da nossa independencia tivemos hum Infante Grão Mestre de Malta, que nunca o chegaria a ser senão á força de merecimentos e victorias, ganhadas sobre o poder Mosulmano, que de certo honrárão o seu seculo, mais abundante de façanhas que de escritos ou memorias. Quem ignora os nomes do Infante D. Pedro Conde de Urgel, e do Infante D. Fernando Conde de Flandres, ambos filhos d'ElRei D. Sancho I, ambos famosos Generaes, ainda que ao primeiro foi mais propicia a fortuna junto ás muralhas de Sevilha, do que ao segundo nos memoraveis campos de Bovines?

Fernando se chamava outro Infante Portuguez, filho d'ElRei D. Affonso II, que acompanhando seu sobrinho D. Affonso sabio, lhe assegurou a conquista do Reino de Murcia. Esse nome de bom agouro para os nossos Infantes devia ser ainda mais illustrado pelo novo, porém melhor Atilio Regulo, que preferio os trabalhos de huma pezadissima escravidão ao deslustre do nome Portuguez, e á entrega de Ceuta, do que pelo Heroe, que morrendo na flor de pouco mais de trinta annos, já tinha luzido eminentemente na tomada de Anafé. Quem senão hum Infante de Portugal nos abrio a nova estrada para as regiões do Oriente, e deixou, para assim me explicar, já meio caminho andado para a descober-

ta de Novos Mundos? Nem só os fastos da literatura portugueza conservão com tanto apreço como saudade o nome do Infante D. Luiz; ainda hoje o repetirião com assombro as praias de Tunes se a ignorancia não fosse a companheira inseparavel dos seguidores do Alcorão.

Que sentida não foi neste Reino a execranda aleivosia, que mais de huma testa coroada usou com o Senhor Infante D. Duarte, Irmão do primeiro Soberano que nos deo a Serenissima Casa de Bragança! O proprio a quem elle offerecèra a sua espada, por quem expuzéra a vida, para quem rendèra praças e castellos, e conseguíra triunfos, deo-lhe por unico galardão... hum carcere... e os frondosos louros convertêrão-se em duros grilhões, que teve de arrastrar até á morte!!!

Quando já em tempos mais visinhos do seculo 19 foi necessario abater a sempre audaz e orgulhosa Potencia Mosulmana, que não se escarmentou para sempre dos triunfos, que o immortal Sobieski tinha alcançado nos memoraveis campos de Viena de Austria, quem se inflammou a ponto de quebrar por immensos obstaculos, e de incorrer na indignação de seu Augustissimo Soberano e Irmão o Senhor D. João V, que o estranhava e o admirava, senão o Senhor Infante D. Manoel, cujo nome associado ao de hum dos mais expertos e affamados Generaes da Europa moderna, será tão duradouro como as façanhas do Principe Eugenio, e os nomes das batalhas de Peterveradin, e de Belgrado?

E como faltaria o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel a preencher esta como sublime vocação dos Infantes deste Reino? Nenhum dos já louvados teve de passar por huma crise de tanta agitação, de tanta importancia, e de tão perigosas consequencias como esta, que accendeo a innata coragem de S. A. R., e o levou a affrontar os maiores perigos; querendo antes ficar esmagado debaixo das ruinas do Throno Portuguez, que ser hum frio, ocioso, e tranquillo expectador das nossas desgraças... Tinhão ellas subido ao maior auge... e já de bem perto anunciavão converter este formoso Reino em hum deploravel montão de ruinas, que formassem, para assim dizer, huma vasta sepultura dos seus habitantes... Era este mais hum dos mimos com que a Filosofia do tempo queria brindar a já por ex-

tremo afflicta humanidade, que apenas se hia curando, e mui lentamente, das feridas que a damnada revolução franceza lhe tinha aberto e profundado, e que ainda escorrião em sangue... já encetava outra mais ardilosa, e mais fatal do que a sua mestra e principal directora...

O Serenissimo Senhor Infante D. Miguel no verdor de seus annos tem sobeja perspicacia para ver a insondavel profundeza desse abysmo, em que já começavamos a fluctuar sem tino e sem acordo... Vio (seja-me licita huma pequena digressão, que eu por certo omittíra de bom grado, se por ventura ella não fosse de absoluta necessidade para o meu intento) vio seu Augustissimo Pai recebendo os imperiosos e então irresistiveis mandados, de quem só devia escutar e cumprir fielmente os do seu Rei e seu Soberano! Vio seu Augustissimo Pai humilhado até ao ponto de subscrever huma plena cessão de todos os seus direitos, e de sancionar o inteiro esbulho da Magestade... Rei sem repretentação alguma.. Vio.. e que mais podia ver, nem eu sei como teve animo para ver tanto sem quebrar por tudo, e romper nesse mesmo dia, o mais negro que tem assomado sobre os nossos orisontes... Vio, sim, ElRei seu Pai constrangido a assignar o barbaro decreto, que exterminava a mui Alta e Poderosa Rainha sua Esposa, e a cobrir debaixo da egide do seu Real (porém nestes e outros muitos lances *arrastado)* Nome esta violação manifesta de todas as leis divinas e humanas, e até dos santos deveres da hospitalidade!

Muito vio S. A. R. para se conter e reprimir tão largo tempo, e não he pouco de admirar, que superior á vivacidade e inquietação propria dos annos, quando sentia as feridas, que mais doem a hum Principe, soubesse ter mão nos sentimentos, que o impellião a hum desaggravo, que sería de todo inutil se fosse prematuro... A quem tocava mais do que a S. A. R., unico varão da sua Augustissima Familia, que existia neste Reino, a vingança de taes injurias? Mas a quem se deveria unir? Por ventura ao nosso exercito! A parte que seguíra a voz do Conde de Amarante, depois de varios successos tinha-se concentrado na Hespanha, e o restante da tropa ou vacilava, ou ainda seguia o bando Constitucional. O Exercito Francez estava mui distante, os Realistas se disfarçavão, os prudentes temião, os animosos se

reservavão, e todos os bons Portuguezes em fim gemião entre o Throno e o Altar; mas prezos, irresolutos, e atterados . . . Hum futuro pois tão medonho e espantoso desconcertaria e faria soçobrar esses animos observadores, que nunca se affoutão aos perigos sem contarem primeiro com hum bom exito provavel: e hum Infante, educado nos mimos e regalos de huma Corte opulenta e magnifica, teve assás denodo para fechar os olhos ás timidas considerações da prudencia humana, e fiado na protecção Divina retirar-se do foco das desordens e maldades acceso na Capital do Reino, e tanto a proposito se retira, que o primeiro annuncio já he nada menos que huma victoria decisiva sobre os seus e nossos inimigos, a qual torna confusos e balbucientes, os que ha paucas horas se appellidavão Soberanos, e dictavão leis ao mundo inteiro!!!

Lançados pois estes fundamentos, os quaes mostrão, a meu ver, que o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel já conseguio huma decedida vantagem sobre os Infantes mais acreditados em a nossa historia, julguei que para maior illustração deste ponto me convinha formar hum

Parallelo do Serenissimo Senhor Infante D. Miguel, e do Senhor Infante D. Henrique, filho d'ElRei D. João I.

O Infante D. Henrique passou ás Regiões Africanas seguido da flor da nobreza, e dos honrados Cavalleiros desses tempos (em que tambem contámos os nossos *Guesclins* e *Bayardos*) fez prodigios de valor, e mostrou aos infieis attonitos, que os filhos dos Senhores Reis de Portugal são naturalmente soldados fortes e bellicosos, e os mais destros no campo de batalha. Foi elle armado Cavalleiro, depois de ostentar o seu valor em diversos encontros, assaltos, e pelejas, sem que a sua elevada jerarquia o dispensasse das minimas formalidades, de que os nossos heroes, mais sensiveis á honra que ao interesse (devisa inherente ás almas nobres) se pagavão muito mais que dos pomposos titulos de Barão e Conde, ainda bem raros naquella idade, e por isso mais dignos de se apetecerem. Gozou a merecida opinião de ser hum cabo tão sabedor como experimentado na difficil arte da

guerra, antes que os seus assiduos e profundissimos estudos nos patenteassem o caminho para nos desaffrontarmos mui presto da pequenez de nosso territorio, onde mal cabião homens da tempera de hum Infante D. Pedro, de hum Infante D. João, e de hum Infante D. Fernando, todos filhos, ao que parecia, muito mais da alma e do espirito do Senhor D. João I., do que fructos abençoados do seu matrimonio com a Senhora Rainha D. Filippa, de tão saudosa como santa memoria...

O Serenissimo Senhor Infante D. Miguel, ainda que mui certo da lealdade portugueza, sabe perfeitamente que ella geme sopeada e agrilhoada por mil artes, a qual dellas mais imfame e detestavel, conhece que a illusão se tem apoderado da maioria do Exercito Portuguez, que assentando expor as vidas pelo Systema Constitucional, que só vivia nos escritos, e morrêra de todo nas obras dos que mais o insinuavão e recommendavão, se arroja com o seu denodo e valor antigo a expulsar do nosso territorio as hostes de Silveira, que acodião presurosas a libertar-nos e felicitar-nos. Distituido quasi inteiramente dos meios e recursos, que assistião ao Senhor Infante D. Henrique em todas as suas campanhas e descobertas, por bem pouco não se vê nos extremos de contar sómente comsigo em a sua arriscadissima empreza. Quem duvida que affoutar-se á demanda dos corações portuguezes, onde cabião mais gemidos que esperanças, e como atravessar a espessa nuvem que se lhe antolhava, sem outro norte mais do que a firme resolução de vender mui cara a sua vida á frente do punhado de bravos, que o acompanhão, he maior esforço de valentia do que arremetter á frente de hum luzido exercito contra os defensores da Ceuta?

O Senhor Infante D. Henrique, tendo suspeitado a existencia de novas terras e novos mares, fez descubrir algumas Ilhas desertas, em que se contou a Ilha da Madeira, hum dos mais preciosos diamantes que esmaltão a Coroa Portugueza, e lançou os alicerces de toda a grandeza e nomeada que os seguintes descobridores grangeárão para este Reino.

O Serenissimo Senhor Infante D. Miguel, depois de ver claramente que a sua e nossa Patria hia desgraçadamente a pique, e dentro em poucos mezes teria de chorar, tal-

vez sem remedio, a enormissima jactura de hum Throno, onde ha perto de dois seculos reinão, antes verdadeiros pais, que temidos e imperiosos Soberanos; e que não tardaria muito que nós sentissemos o exterminio da nossa antiga crença; vendo que do seu exforço e corajosa resolução estava pendente a conservação de objectos de tão alta monta, não receando navegar em desconhecidos e procellosos mares, que já o Principe da eloquencia romana assim chamava os das facções muito abaixo das que ultimamente padecemos, abalançou-se, não a descubrir terras incultas e despovoadas, mas por certo a maior empreza, a sustentar em pezo esta Monarquia, que se atolava na propria barbaridade dos Vandalos e dos Mouros, agarrando-lhe como pelos cabellos, para que surdisse do pelago de infortunios e maldições, em que se via submergida. Se a primeira gloria he conservar os proprios dominios, sem a qual sería ociosa e destruidora qualquer tentativa para adquirir outros de novo, quem hesitará em dar aquella gloria ao Serenissimo Senhor D. Miguel, nosso adorado Infante, nosso libertador, nossas delicias.

O Senhor Infante D. Henrique, nas suas instrucções, dadas no posto de Terça Nabal aos fieis executores de suas ordens, exigia mui apertadamente de todos elles, que apenas descobrissem longes e novas terras, se esmerassem quanto nelles fosse, ou para as libertarem e purificarem das abominações da idolatria e da infidelidade, quando já fossem habitadas, ou para as santificarem de certo modo, plantando no meio dellas o precioso sinal da nossa redempção, quando fossem desabitadas, como quem se lisongeava de que as suas descoberras pertencessem mais ao Rei dos Ceos, que aos Principes da terra; ainda que estes, para eterno brazão da nossa Monarquia, mais quizerão sempre fazer Christãos, que fazer vassallos a esses gentios errantes, a quem o Scetro Portuguez restituia o ser humano, ao mesmo passo que o estandarte da Cruz lhes dava outro melhor ser, o de Christãos.

O Serenissimo Senhor Infante D. Miguel... (aqui se desdobra e patentea a maior das obrigações, em que lhe fica este Reino, e em que lhe ficará toda a posteridade) bem presentio que se havião de irritar paixões vomitadas do inferno, e que tão desenvoltas como insolentes, já de colo er-

guido, sem mascara, e sem rebuço, se promettião inficionar e corromper a maioria da geração actual, e todas as futuras... mas pareceo-lhe estar ouvindo a Santa Religião de nossos Pais, que desfeita em lagrimas, e coberta de pezadissimo luto, entre lastimadissimos ais e soluços, como lhe dizia.

» Eu desde os primeiros seculos da minha instituição
» acudi ao Reino de Portugal, que justamente se ufana
» de huma turba de gloriosos Martyres, que sellárão com
» seu proprio sangue a minha verdade, e a minha gloria. Nem
» as perseguições dos Imperadores Romanos, nem as perfidias
» dos hereges, nem a invasão dos Mouros conseguírão expul-
» sar-me de hum Reino, que debaixo dos alfanges mahometa-
» nos conservou Igrejas, Mosteiros, e toda a pureza dos meus
» dogmas. Sob os meus auspicios se levantou em corpo de
» nação este meu Reino predilecto, que foi sempre as delicias
» de Christo meu fundador, que tambem fundou a Monar-
» quia Portugueza. Guiados por mim os naturaes deste ven-
» turoso Reino, eclipsárão todas as façanhas dos Gregos,
» e dos Romanos, ensinárão o commercio e a navegação a
» todos os mais povos de Europa, e o seu primeiro cuidado
» era a minha conservação, e a minha exaltação, como se
» devia esperar de meus filhos os mais queridos, e privile-
» giados... No meio das tormentas, que hão-de acompa-
» nhar-me até ao fim dos seculos, eu achava sempre neste
» meu Portugal huma bahia serena, hum porto de bonança,
» onde costumava enxugar o pranto, que a deserção de ou-
» tros filhos, e outros reinos me causava... Que prazer, que
» intimo alvoroço não foi o meu quando vi que este Reino,
» longe de ceder ao impulso da chamada refórma de Luthe-
» ro, antes por todos os modos a engeitava, e repellia. Já
» era antiga, e em muitos reinos profundamente arraigada
» a perseguição actual, que eu padeço, e este reino ainda
» não sabia nem sequer os nomes dessa progenie de viboras,
» que ousavão rasgar-me o seio, que os concebêra, e alimen-
» tára... Porém oh tristeza! oh abysmo de desgraças!! Por-
» tugal já caminha a passo largo para a incrudelidade, e pa-
» ra o Atheismo. Não sei como possa ver esta calamitosa de-
» serção, e não fujo a toda a pressa em demanda de outro
» reino, de outro povo, onde me não veja assim aviltada e

» perseguida por esses mesmos, que affectando de me trazer
» sempre na boca, nem por isso deixão de professar-me
» hum odio entranhavel... Antes quizera vê-los armados de
» ferro, e fogo, que experimentar as maquinações urdidas
» no silencio da noite para que se vá destruindo o meu im-
» perio... Quantos são tidos na conta de inimigos da pa-
» tria, só por me seguirem, ou por se doerem dos meus es-
» tragos! Dá-se-me em toda a parte o nome de *fana?ismo.*
» Já o Throno Portuguez, em que eu fundei sempre as mais
» doces e lisongeiras esperanças, vai cahindo feito em peda-
» ços, e conserva apenas hum titulo vão, huma sombra do
» do que foi... Accorda, accorda, filho de tantos heroes
» meus defensores... mais vale morrer com gloria, que vi-
» ver sem honra... Repara attentamente nas minhas feridas,
» que por certo desafião os teus mais estremosos cuidados..
» Terás animo para ver todo o Portugal transformado em
» huma Lobrega caverna de Deistas, de Atheos, de Pedrei-
» ros Livres? Dá hum grito aos ainda leaes Portuguezes,
» que tem os olhos fitos na tua mocidade, no teu valor, e
» na tua Pessoa... e verás como hes seguido... Sou Mãi..
» devem-te commover as minhas desgraças, e os meus suspi-
» ros... e quando estes não bastassem... ah! volve os teus
» olhos para outra Mãi que te gerou, e que tratada igno-
» miniosamente só por me haver sido fiel... jaz como pri-
» sioneira, e condemnada ás mais severas demonstrações de
» vingança nos proprios lugares, onde por antiquissimos di-
» reitos era Senhora... Eu a tenho animado, e confortado,
» e só por esta razão tu deverias correr, voar em meu auxi-
» lio... »

Que podia fazer o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel, senão partir com a velocidade do raio... E com a mesma, que tal costuma ser o cunho das obras abençoadas do Ceo, tornámos a ser Portuguezes... A' sua voz, como revive a Igreja Lusitana, ja quasi moribunda... Os nossos mais sumptuosos templos, que dentro em poucos annos estarião, ou fechados, ou convertidos em usos profanos, e que talvez fossem antes de poucos mezes o valhacouto das aves noturnas, já se franqueião á piedade Christã até agora, como foragida nos proprios lugares que sempre forão e devem

ser o assento de sua maior independencia... Graças ao Serenissimo Senhor Infante D. Miguel, já podemos ser Catholicos, pois quem duvidará que no infaustissimo regime Constitucional já o eramos a furto, como succedia nos tempos de Nero e de Genserico?

Conclusão deste Parallelo.

Nos bem merecidos louvores do Sr. Infante D. Henrique entrão ainda mais os possiveis chegados quasi á existencia, do que o proprio valor das descubertas intentadas e executadas em seu nome. Por esta razão os seus panegyristas ousadamente lhe attribuem as descubertas dos Gamas, e dos Cabraes, e implicitamente os Louros dos Pachecos, dos Albuquerques, e dos Castros, de maneira que o nome deste excelso e glorioso Principe está vinculado a toda a gloria militar dos Portuguezes na Asia, e na America.

Nos ainda mais bem merecidos louvores do Serenissimo Senhor Iufante D. Miguel entrão as maiores preeminencias, que podião caber as gerações futuras, quaes são a estabilidade do Throno, e a conservação da Fé... Onde terião hido parar as nossas mais respeitaveis instituições civis, ecclesiasticas, litterarias e militares condemnadas á morte pelo desalmado e *Robesperriano* furor de *arrasar tudo o que fosse antigo*? Que sería feito, neste ponto em que ainda tremo de escrever estas palavras, que sería feito dos grandiosos Mosteiros coevos da fundação da Monarquia, e para assim dizer, padrões indeleveis de tudo o que os nossos maiores fizerão de grande, e de memoravel... Se o nosso amabilissimo Infante se demora alguns mezes, por certo que já se poderia ter lavrado sobre o tumulto das Ordens Religiosas este breve, porém tão honroso como verdadeiro epitafio:

Aqui jazem as Ordens Religiosas porque não houve forças humanas que as desapegassem do amor e fidelidade aos Reis da Casa de Bragança.

Ah! Se eu tivesse forças de engenho para tecer huma Coroa digna dos immortaes serviços, que o Serenissimo Se-

nhor Infante D. Miguel acaba de fazer á Patria, ao Rei, e á Fé, por certo que a segurança do Catholicismo, que tão ameaçado foi pelo Systema Constitucional, sería o remate, que a distinguisse e aperfeiçoasse, visto que sem controversia foi este o maior bem, que S. A. R. assegurou aos bons Portuguezes; e quem para o futuro, quando já tiverem acalmado as paixões, e a verdade for perdendo até as minimas sombras de insulto, de ataque pessoal, ou de invectiva, tomar aos hombros o incomensuravel pezo de escrever a historia veridica dos nossos males, durante o curto prazo de tres annos incompletos, deverá concluir assim:

De todos estes males, e de outros ainda mais horriveis, e já pendentes sobre as nossas cabeças; em fim do maior de todos, que vem a ser a Apostasia da Fé, nos livrou o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel, como instrumento das misericordias do Senhor.

(Artigo de Fr. Fortunato de S. Boaventura, Monge de Alcobaça.)

Artigo communicado.

O Sr. Infante D. Miguel pela heroica resolução de sahir do Palacio de Seu Pai, seu e nosso Rei, pondo-se á testa do unico regimento de infantaria n.° 23, e alguma cavallaria de n.° 4, para arrostar a impia, e destruidora facção maçonica, que nos opprimia e tyrannisava, excedeo a todos os Heroes Portuguezes; porque se huns defendêrão e conserváräo a Lusitania, estabelecêrão e firmárão a Monarquia Portugueza, e outros a dilatárão pelas armas, e pela toga em muitos annos, levando a Religião, e seu nome, e fama ás tres partes do mundo, o nosso Heroe n'hum instante, e só á frente de mui pouca tropa, attrahio a si toda a Nação devastada, opprimida, e aviltada, e a rehabilitou para recuperar sua fidelidade amortisada, sua gloria denegrida, seu Throno vacillante, e sua Religião combatida. Aquelles debellárão os inimigos de Portugal, os Gentios, e Scismaticos,

e levárão o estandarte da Religião a Africa, Asia, e America, e o Sr. D. Miguel derrotou os Inimigos do Genero humano, e de todo o systema social, e os Demagogos destruidores de toda a Religião, e bons costumes, que pertendião plantar com seus socios, a impiedade do Maçonismo em todo o mundo. Se o valor da heroicidade se avalia pelos males, que termina, e pelos bens, que pronostica, qual deverá ser o louvor e gloria do Serenissimo Sr. Infante D. Miguel!!

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 19.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

Bons tempos forão aquelles em que a Igreja Lusitana, por boca de Julião Arcebispo de Braga, de Sisiclo Bispo de Evora, de Germano Bispo de Dume, de Profuturo Bispo de Lamego, de Viarico Bispo de Lisboa, de Ansiulfo Bispo do Porto, e outros, decidia em Concilio de sessenta Bispos (1) que se alguem ousasse quebrantar o jejum de Sexta Feira Santa, anticipando as horas prescritas nos sagrados Canones, fosse inhibido da Communhão Pascal! Ainda não erão máos aquelloutros em que os fieis do Arcebispado de Braga, conforme attesta o Santo Padre Innocencio III (2), antes querião morrer de fome do que valerem-se de alimentos prohibidos na Quaresma, a pezar de que padecião a mais custosa esterilidade!! E o que mais admira, quando eu leio na Historia Portugueza que o exercito d'ElRei D. João I, o da boa memoria, jejuou nesse proprio dia em que venceo a memoranda batalha de Aljubarrota, por ser vespera da Assumpção de N. S., a quem ElRei e os soldados tinhão escolhido para sua defensora e tutelar nas incertezas e perigos do combate, não posso conter-me que não ceda immediatamente á mais viva impressão de magoa por ver o quanto mudárão os tempos, e os homens!!

Que mal faria aos nossos avoengos a estreita observancia do jejum, quando tinhão causas mui attendiveis e justificadas para se eximirem delle?

---

(1) Toledano 4.° celebrado em 633.

(2) Cap. Consilium de observatione Jejun.

As tropas d'ElRei D. João I, assim mesmo cançadas de guerrearem por muitas horas, sobejando-lhes o pezo das armas, e da armadura que se usava naquelles dias, para as dispensarem do jejum, quizerão todavia ser apuradas na guarda dos preceitos da Igreja para serem mais seguramente vencedoras. Reluz por tanto nesta acção de fervorosa piedade o que erão os nossos maiores, e tem-se dado a explicação mais facil de todos os seus prodigios de ardimento e valor, que nós estamos longe de imitar, e já não he possivel excedellos. Esta opposição directa de Portugal velho ao Portugal novo pareceo-me à entrada mais conveniente para fazer envergonhar os novos Portuguezes da indifferença e menoscabo, com que tratão a lei do jejum. Ora devemos confessar que estes sentimentos vem de longe, e que tambem procedêrão da funesta *aragem* da Maçonaria, e dos seus fieis camaradas os sabichões do seculo 18. Apenas se ouvio na Igreja de Deos o grito de reforma e regeneração, levantado por quem só queria viver á grande, ter concubinas, e atropellar em tudo a santidade do Evangelho, foi necessario *á seita* relaxar certos vinculos para se fazerem muitos proselytos, e começou logo de ser combatida e abolida em todos os lugares, onde penetrárão os novos reformadores, a santa observancia do jejum, e consecutivamente appareceo hum Theologo *dos taes* (Dallêo) que dispoz e arranjou os batalhões de inepcias contra o jejum, de que se tem aproveitado muita gente má deste Reino de Portugal e suas conquistas. O primeiro fito desta guerra ao jejum era a commodidade temporal dos *reformadores*, que logo se dispensárão de *fazer milagres* e de viverem santamente, e lisonjeando por aquelle modo os ignorantes e os gargantões, espalhárão *a seita* assim como se propagou o Alcorão, decidido fautor da soltura das paixões, e nomeadamente dos appetites venereos. Nem por isso os taes seguidores do *puro Evangelho* se descuidárão deste Reino de Portugal, até onde querião estender os seus triunfos. Foi o Professor Escocez Buchanan, empregado por ElRei D. João III no Collegio das Artes em Coimbra, o primeiro que se affoutou a dizer em varios *circulos* da mocidade academica que era indifferente comer carne ou peixe na Quaresma (*). Ora este antesignano, ou precursor de hum tal Abbade Roberto, gravissimo interlocutor do aureo *Cida-*

(*) Elle proprio o affirma no commentario *de vita sua.*

dão Lusitano, foi todavia muito bem esfregado, e os carceres do S. Officio nos livrárão já naquelle tempo de sermos *regenerados á Pedreira*, crime este que nunca lhe perdoárão os Mações seus implacaveis inimigos. Basta de preludios. Encaremos de perto a questão, que he tão curiosa como importante e instructiva; julgo porém do meu dever anticipalla com alguns prenotandos essenciaes.

1.° Longe e bem longe de mim o querer detrahir a suprema authoridade do Pastor da Igreja Universal. Capricho de ter idéas sãs do seu Primado e da amplitude da sua jurisdicção, e se elle me disser que tudo o que eu escrevo nesta materia he errado, não me esquivarei de ser o primeiro que deteste os meus escritos, que os queime á face do mundo inteiro; porém creio que nesta parte advogo os interesses da Igreja Universal, e por isso me animo a propor algumas reflexões a este proposito de que vou tratando.

2.° Se o jejum da Quaresma he de instituicão pelo menos Apostolica, segundo nos movem a crer os proprios testemunhos dos SS. Padres do segundo seculo da Igreja, sómente huma carencia absoluta de alimentos proprios de Quaresma, ou huma epidemia geral authorizarião huma dispensa geral da abstinencia, visto que a faculdade de dispensar foi dada só para edificação do corpo mystico da Igreja.

Dados estes principios geraes, que já demonstrei em huma versão do escrito do Inglez Catholico Romano Butler sobre o jejum da Quaresma, que tirei a lume em *tempos constitucionaes*, desço á questão, que subdividida em pequenos artigos, diminuirá o tedio de certos leitores, e mostrará a boa fé com que procedo em todos.

Bulla antiga.

Já fiz o retrato pelo menos da maioria dos nossos regeneradores, quando fazia o dos seus modélos do seculo 16. Recebidos triunfalmente em Lisboa, observárão que a capital do Reino abundava de gente *supersticiosa ou christã* (synonymos em o Diccionario Pedreiral); e como já de posse antiga e immemorial os taes *Senhores* não soubessem o que era abstinencia de carne, doeo-lhes o cabello . . . e temêrão se lhes desmanchasse a *igrejinha*, e que o povo, que he naturalmente curioso e indagador, entrasse a syndicar do seu desprezo da Quaresma! Foi por tanto de absoluta necessida-

de acudir a este mal, e por isso revolvêrão todas as Secretarias até desencantarem huma Bulla, que os poz a salvo de todos os seus receios e temores, e que elles fizerão executar sem a mais leve contradicção pelo maior numero dos Prelados deste Reino. Não soffreo o Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarca hum tal excesso de impostura, e acudio logo a prevenir as suas ovelhas de que a dita Bulla não era concebida nos termos que lhe suppunhão, e que de mais a mais já tinha expirado a graça que fôra concedida para outros tempos e outras circumstancias. Ora o Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarca não fallava assim como desprezador dos mandados Apostolicos, pois talvez nenhum Prelado da Igreja Lusitana os respeite mais que S. Eminencia, e não advertia o seu rebanho por odio ou prevenção contra os *regeneradores*; era movido a quanto fez nesta occasião pelos deveres Pastoraes, visto que elle como Presidente da Regencia tinha visto e examinado a graça Apostolica, e facilmente concluido que o seu uso não era extensivo ao anno de 1821. Affixou-se a bem pensada e nervosa Pastoral de S. Eminencia em todas as Igrejas do Patriarcado, tanto seculares como regulares, e eu por sinal ainda a vi na Igreja do Convento da Pena em a serra de Cintra a 8 de Junho deste anno de 1823... Logo com que Bullas se comeo carne em todo o Patriarcado nesse anno de 1821, afóra as consideraveis excepções que logo terei de fazer? Logo que authoridade competente eximio os fieis de todo o Reino de guardarem a abstinencia quaresmal? Quando eu tenho acabado de citar huma testemunha por certo maior que toda a excepção, dispensei-me de raciocinios e discussões theologicas sobre a Bulla antiga (*), e devo passar ao assumpto da

Bulla nova.

Para que he agora repetir o que mil vezes se tem dito,

(*) No proprio Diario das Cortes *Bastardas*, 2.° anno da Legislatura pag. 202, se faz menção de dous indultos anteriores a 1821; o 1.° de 28 de Novembro de 1817, e o 2.° de 7 de Janeiro de 1820, que proroga por mais hum anno a graça daquelle que se limitára a dous, e por tanto a 7 de Janeiro de 1821 tinha acabado esta segunda graça, e por certo que se carecia de outra para ter vigor na Quaresma de 1821.

o que ninguem se atreve a negar, e o mesmo que os proprios *Advogados* da Bulla já confessão de plano? Forão por tanto falsas as premissas com que surprehendêrão o S. Padre, e zombárão do Pai commum de todos os fieis, mentindo-lhe torpe e descaradamente. (*) Desta vez não recorrêrão

(*) Em hum Decreto lavrado no Paço das Cortes a 18 de Maio de 1821 motivão desta sorte a exclusão do azeite estrangeiro — E sendo constante que presentemente a nossa agricultura em olivaes he muito extensa nas diversas provincias do Reino, e que já não ha a falta de azeite que infelizmente teve lugar nos annos antecedentes, decretão o seguinte. — Fica prohibida a importação por mar e terra de azeite, etc. etc. etc.

Nota communicada.

O Decreto feito pela gente, que se juntava na casa que foi livraria das Necessidades a 18 de Maio de 1821, declara que era tanta a abundancia de azeite nesse anno em Portugal, que se devia prohibir a sua importação neste Reino. Este Decreto procedeo de falta de memoria, como os outros todos procedião de falta de juizo; esquecêrão-se os Supremos Legisladores Esganarellos que tinhão assignado para premissa da Bulla da carne a sorte desgraçada de todas as oliveiras em Portugal; não sei, dizião elles, que pé de vento as levou todas, que não apparece nem hum páo para huma estaca; cebo, e mais cebo, he o que nos resta, com elle não se temperão feijões, e he preciso, Beatissimo, e *Pientissimo* Padre, que comamos carne toda a viagem, e para isto, porque somos muito melindrosos de consciencia, he necessario que S. Santidade nos conceda essa graça. Peixe tambem não ha, Santissimo Padre, porque Lord Crocháne levou aprezadas todas as Tataranhas do Barreiro para Calháo de Lima, e Val-Paraiso; e como não ha azeite para o molho, e os Srs. inglezes tem posto a manteiga pela hora da morte, ainda que os Algarvios venhão do Mediterraneo com peixe, he o mesmo, porque não ha azeite para o comer cozido, e muito menos para o comer frito. Isto, e muito mais dizião os Esganarellos quando em Fevereiro fizerão o attestado das premissas, que devião mandar ao Banqueiro *Breiner* (grande Curialista!) e repentinamente em quanto vai de Março a

á authoridade Episcopal, que já lhes era suspeita, e deixárão aos Bispos sómente o direito de fazer commutações, e nada mais!! Que argumento em fim póde haver mais forte de que os Mações erão os primeiros a conhecerem a nullida-

---

Maio, rebentão tantos olivaes por todo o Reino donde o vento os havia levado, e tão milagrosamente se cobrem de folhas, troncos e ramos, e apparecem com tal çafra de azeitonas, que foi preciso suspender a lei dos Banaes para irem as moeduras para os lagares privilegiados. Minerva foi a plantadora da oliveira, talvez que os da Sociedade Minerva fizessem entre nós este milagre, que muito maiores elles fizerão. Ora diz *Varrão*, e depois *Columella*, e finalmente o Abbade *Correia* no seu tratado de Batatas, que a oliveira he tão vagarosa, ou morosa em seu desenvolvimento e perfeição, que raras vezes quem a planta, ou mette de estaca, lhe colhe o fructo. Ainda que o *solo* Portuguez seja muito propicio á vegetação, que parece pertinacissima, nunca em menos de vinte annos se lhe apanha huma azeitona; só naquelles dois mezes constitucionaes, que não sei como lhes não chamárão tambem Fructidor e Tremidor, he tal a praga da azeitona, tal a desynteria de azeite, que he preciso prohibir a importação, para que os nossos azeiteiros não fiquem perdidos. Ainda as mulheres em garganteado pregão andão annunciando pelas ruas azeitonas novas dessa colheita, ainda os nossos timoratos Monopolistas conservão ferrolhado o mesmo azeite, sabe Deos para quando! Tudo isto são prodigios da Regeneração, que não só deo cabo das nossas boas leis civis, mas até alterou a seu arbitrio as da mesma Natureza, incurtando o espaço necessario para as producções vegetaes, e se se demorão mais, muito nos encurtarião o da vida natural!

Parece-me que a premissa da Bulla relativamente ao azeite sería justa, e sería verdadeira, se elles expozessem a humilde e respeitosa supplica desta guisa: — Beatissimo Padre, deixe-nos comer carne, porque não temos pinga d'azeite, ainda que para os nossos candieiros nos não seja necessario, porque depois que a nós mesmos nos fizemos Regeneradores sempre nos allumiamos com cera em castiçaes de prata; para o Povo Soberano sempre he preciso o azeite, porque não tem com que adubar humas berças. A falta e carestia do azeite, Beatissimo Padre, de nós procede, e he nossa

de da Bulla que o proprio testemunho de seus defensores? Hum destes que já citei, e que seguindo os passos de alguns venerandos Sacerdotes do Congresso, deitou os bofes pela boca fóra para sustentar a validade da Bulla, põe de parte as

---

a culpa desta lastimosa falta, porque quanto azeite havia, todo se tem gramado em luminarìas. Quando entrámos no 1.° de Outubro por nossa boa cidade de Lisboa, depenámos de tal sorte os renovos das oliveiras para annunciarmos a paz que vinhamos trazer aos nossos irmãos do grande Oriente, que nem em vinte annos tornão a dar azeitonas; depois como por dá cá aquella palha, mandavamos incendiar a cidade com luminarias, a seita dos Luminaristas se engrossou de tal maneira, que parece que todas as corujas do Universo derão sobre este Reino, não só chupárão o azeite que havia, mas até gramanteárão as torcidas, porque todas as que podiamos chuchar, chuchámos: nestes termos, *Pientissimo* Padre, o azeite ardeo, e as torcidas entisicárão; e assim deixe-nos comer a carne, e os que vierem que roão os ossos; e se ao atar das feridas recearmos que nos quebrem os nossos, com tempo nos transferiremos ao paiz, onde para comer carne não são precisas Bullas: Rostbif, manteiga, e batataria anda lá a granel, e para nos abarrotarmos desta rabaçaria até ao fim da nossa vida folgasã, sempre levaremos com que. Esperamos a Bulla.

ER. M.

A isto annuiria benignamente S. Santidade, a premissa sería verdadeira, e a nossa consciencia ficaria tranquilla; e os Pais da Patria serião menos ridiculos, e além de mentirosos no que allegárão, não ficarião contradictorios no que decretárão, quando em tão apertado termo fizerão apparecer tanto azeite, que houve mister prohibir a importação do estrangeiro. O grande fim era a relaxação dos costumes, o desprezo e a mofa, ou zombar-se dos Mandamentos da Igreja, o escandaloso Tolerantismo, e o acabamento e extirpação de todos os sentimentos moraes, e de todas as idéas religiosas, como total exterminio do Governo Monarquico.

Desenganem-se os esperançosos que já não tornão a illudir o Povo; porque ainda que venhão fazer milagres, sempre hão de ouvir passando pela rua, até das lojas dos çapateiros: fóra hypocritas, fóra desavergonhados, e talvez que algum aprendiz mais assomado lhes diga: fóra ladrões!

premissas todas, e acastella-se na *fórma graciosa*, como se nós ignorassemos que o *arrastrado* nome d'ElRei não foi aqui o incentivo mais forte para se requerer e impetrar a Bulla; senão consulte-se o diverso tom do indulto de 1820, e do indulto de 1821, e conhecer-se-ha evidentemente que desta vez concorrêrão incentivos mais fortes e mais decisivos. E demais, que soão aquellas palavras » Taes cousas se nos expozerão, » que fizerão huma certa violencia ao Nosso animo e o » obrigárão a que condescendesse com as Regias supplicas? » Se os Portuguezes doutos fingem não as entender, eu lhas decifro. Ameaçárão o S. Padre de que se elle não concedesse a Bulla quebrarião com a Sé Apostolica, fazendo recolher o nosso Embaixador, e o mais que já se tem praticado nos lances de rotura com a Corte de Roma. Vio o S. Padre que esta nova rotura já não era de filhos obedientes da Igreja, como sempre forão os nossos Reis, quando mais resentidos de procedimentos da Curia, mas que traçada por Maçoes podia ser funestissima aos Portuguezes; assentou que mais valia comerem alguns carne á Sexta, ao Sabbado, e no tempo da Quaresma, do que cessarem todos de estar unidos ao centro da Unidade Catholica.

Concedamos porém que não succedeo isto, que não se comminárão taes ameaças; nem por este modo os Pedreiros vencerão a causa... Notemos que o S. Padre, depois de encarecer a violencia com que se prestou aos desejos d'El-Rei, accrescenta — Porque se nos referio — e começa de enumerar as differentes causas, todas mentirosas, e que pelo contexto se vê terem influido principalmente na sua decisão feita de boa fé, e que nunca teria lugar, se por ventura o S. Padre estivesse inteirado de que o enganavão, e querião illudir. Vemos que o S. Padre recorre á mui erudita e respeitavel Constituição do S. Padre Benedicto XIV; e será natural que o S. Padre Pio VII se quizesse afastar das regras que lhe traçára o seu illustre e abalisado Predecessor, só para obsequiar hum Rei, que elle sabía não ter mais nesse tempo que hum titulo vão da sua altissima dignidade? E qual he a Doutrina intimada por Benedicto XIV á Igreja Universal?

1.° Huma cousa he dispensa parcial a individuos, outra cousa he dispensa geral ás cidades e ás Nações.

2.° Estas segundas hão de regular-se pelos antigos Canones, e para ellas não basta por exemplo a carestia de

azeite, que se dispensa os pobres dos comeres de azeite, não dispensa os ricos, que o tem e podem haver facilmente.

3.° Em suma ha só duas causas para huma dispensa geral: 1.ª Falta absoluta dos alimentos proprios dos dias de jejum. 2.ª Epidemia geral.

Tirados estes casos, julgava ociosa qualquer supplica á Sé Apostolica para taes dispensas que, segundo elle protesta, são mais nocivas do que uteis, assim para a Igreja como para seus filhos, o que se póde mostrar bem no caso presente (*).

Effeitos da Bulla em Portugal.

De duas huma, ou os Portuguezes a quem ella se concedeo erão verdadeiros Christãos, ou fingidos. Para os primeiros he sempre huma graça que os intimida, e hum privilegio que os assusta e cobre de suores frios. Para os segundos he de todo inutil a dispensa, porque não consegue evitar peccados, que antes se multiplicão todos os dias na mistu a de carne e peixe, e na constante omissão das preces e orações taxadas pelo Ordinario; e por isso nada mais frequente do que vermos esses Defensores da Bulla transgredindo solemnemente a abstinencia conservada em certas vigilias e dias de Quaresma, sem fallarmos agora nos banquetes *maçonicos* de Sexta feira Santa, e das ossadas de vitella, de leitões, e de perús, lançadas expressamente ao meio da rua, para mostrarem a quanto chega o *Imperio da Luz*. Nenhuma razão pois me convencerá já mais de que o sagrado jejum da Quaresma deixe de ser huma das *fortificações exteriores da Cidade Santa*, que os Prelados e Sacerdotes devem guardar a todo o custo. He de notar que o grande Apostolo S. Paulo chega a protestar que se a comida de carne escandalizar o seu Irmão, nunca mais ha de comella; e se o povo certissimo da antiguidade do jejum, e costumado a acatallo e reverenciallo como se fora de instituição Di-

---

(*) Consulte-se o Bullario deste S. Padre, na Constituição n.° 13, dada em Castello Gandolfo a 10 de Junho de 1745, e ahi se encontrarão em resumo todas as providencias anteriores, que elle dera em 1741 sobre a materia do jejum, e em 1744 nas suas respostas ao Arcebispo de Compostella; e desde o n.° 18 até ao fim se poderá ver o que tenho ponderado sobre as dispensas geraes, etc.

vina, se offende a tal ponto de o ver alterado em huma das suas partes, qual he a abstinencia, que logo desconfia de estar em perigo o deposito da Fé, não mereccrá contemplação nenhuma este verdadeiro escandalo dos pequenos? Não será melhor que hum cento de *peralvilhos* não levem adiante os seus projectos, do que surdir facilmente, como succedeo entre nós, o escandalo de mais de dous milhões de Fieis, que em muitas partes deste Reino andão a gritar que a esterilidade de azeite depois de 1822 he hum effeito de maldição e vingança do Ceo, pelas descaradas mentiras que se allegárão ao S. Padre?

Objecções principaes.

Tira-se a principal contra o dever da abstinencia, 1.° do exemplo dos Apostolos, e reforça-se pela indifferença das comidas, assim como pela certeza fundada em Bullas Apostolicas, de que póde haver jejum sem aquella abstinencia, pois em quanto á multidão de abusos, á mudança das compreições e naturezas, e aos damnos que fazem as comidas proprias do jejum, etc. etc., apenas direi que são loucos e vãos subterfugios de quem não faz idéa do que he o Evangelho, e por isso hei de insistir naquella proposta objecção, por ser a que anda sempre na ponta da lingoa dos defensores da Bulla.

1.° Os Apostolos tinhão licença para comerem nas suas viagens de tudo o que se lhes offerecia, porque assim lho ordenou quem o podia fazer como Senhor de todas as cousas; e já por vezes tenho observado que a ignorancia e a má fé costumão abusar muito dos exemplos dos Santos Apostolos. 2.° Hoje mesmo todos os pobres e mendigos, quando não tem outra cousa para matarem a fome, podem usar tambem desse privilegio. 3.° Note-se que os primeiros fieis antes morrião do que participassem das carnes sacrificadas aos idolos. 4.° Não he certo reputarem-se naquelle tempo como indifferentes as comidas, pois no Concilio 1.° de Jerusalem, norma de todos os Concilios geraes, para o que basta reparar-lhe no exordio » Aprouve ao Espirito Santo, e a nós » decretou-se a abstinencia de certas comidas. 5.° Sei que a abstinencia de carne não he da essencia do jejum, nem he do meu animo contravir a authoridade do S. Padre Benedicto XIV; mas importa-me fazer huma distinção.

Não he da essencia para quem póde huma parte e não póde tudo, ou para quem carece dos alimentos proprios de taes dias. Concedo. Não he essencial para quem se deve mortificar, para quem tiver saude e abundancia dos taes alimentos. Nego (1). Por ora he quanto basta a este proposito; e já que apenas toco especies, sem desenvolver a materia, creio que farei huma cousa agradavel a muitos dos meus Leitores, se lhes manifestar o que me foi communicado por huma pessoa doutissima quando chegou a Bulla nova, e fervião as disputas sobre a sua propria genuinidade, e ao que eu chamarei

Nova Hypothese.

„ Este he o maior, e talvez *unico* excesso de patifaria, insolencia e desaforo! Forjarem huma Bulla, e offerecerem esta *paxoxada* aos olhos, e á contemplação de homens vistos em estylo curial, e que tem folheado o Bullario magno, e o Bullario pequeno, e quantos Bullarios ha. Fazerem exprimir hum Papa em estylo de lavandeira, sem dignidade, sem nexo, sem ordem, sem a menor tintura de gravidade, de decencia, e até de razão, fazer com incoherencia palmar começar o indulto para comer carne na Quaresma no 1.° de Março no anno em que a Quaresma começa a 20 de Fevereiro. Não vir a Bulla remettida a hum primario Juiz Executor, não saber de tal Bulla o Delegado Querubini, não ser intimada pela Authoridade competente no Patriarcado, que era o Collegio onde reside a authoridade ordinaria. Publicar-se em huma Gazeta chamada Diario, vender-se pelos cegos, sem se mandar annunciar nas Igrejas segundo o costume, rebentar este documento em Lisboa, vindo de Roma em menos de hum mez da sua data, o que he impossivel pelo correio ordinario, fazer tomadas as muletas do Seixal, e do Barreiro pelos corsarios de Artigas, renovar a febre amarella em Hespanha, quando esta declara que se extinguio, fazer pescar Algarvios no Mediterraneo etc. se isto não he judiar com os Portuguezes, eu não sei onde se estenda mais o desaforo. „ (2)

---

(1) Sem curar da objecção mais ordinaria dos *Tarecos*; apenas os remetto para hum discurso do Padre Feijó, que se intitula — Quaresma Salutifera.

(2) Na falla do Excellentissimo Bispo de Béja, que se

Conclusão.

Só me resta endereçar os mais bem merecidos louvores á maioria dos Portuguezes, que espontaneamente, e como por huma especie de acclamação, nem quizerão servir-se da Bulla, nem temêrão as loucas ameaças de serem tidos por Corcundas se proseguissem na abstinencia de carne durante o sagrado tempo da Quaresma. Presenciei, e com assás horror, que se espreitava quem deixava de comer carne, para ser incl•do nas listas de proscripção e de exterminio; e he cousa sabida que varios Confessores forão denunciados pelos seus penitentes de lhes recommendarem a abstinencia de carne!! Apparecêrão tambem alguns Sacerdotes, ou estupidos, ou vendidos á causa do Maçonismo, que declamárão contra esta desobediencia ás ordens do Summo Pontifice, contra este novo peccado mortal!! Peccado mortal o não uso de huma graça, de hum privilegio! Peccado mortal, como se o Pontifice determinára que comessemos carne em toda a Quaresma! Peccado mortal he outra cousa, he usar de connivencia com estes Prégadores, he consentillos no exercicio das funções sacerdotaes!! Peccado mortal he não reduzir taes pregoeiros da mentira a que nunca mais possão corromper, e estragar a opinião dos fieis... Assim mesmo estes souberão guardar o seu posto, e nunca se vio mais patente a adhesão dos Portuguezes ao Catholicismo. Assentem de huma vez os Pedreiros que as *Bullas de Carne* se virárão contra os seus perversos sollicitadores, e que logo então cahio a primeira *machadada* sobre a *frondosa* arvore da liberdade, que elles plantavão, e de que elles proprios por especial disposição do Ceo forão os mais efficazes destruidores...

---

lê desde pag. 201 até pag 202 vem estabelecidos alguns principios com que se podia roborar a *nova hypotheze*, e dos quaes eu me aproveitaria se a quizesse sustentar. Grandes respostas lhe derão os seus pobres Collegas!!

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 20.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

Extinção do Tribunal do Santo Officio.

Com que authoridade e com que bullas se decidio nas Cortes Pseudo-Lusitanas que fosse abolido o Tribunal do S. Officio? Por authoridade do Principe dos Mações ou Satanaz, fielmente representado pelos seus Lugar-Tenentes, que dominavão o Congresso; e pelas *bullas* que assistião a esses reformadores intrusos para levarem adiante quanto fosse impiedade e sacrilegio.

Hum Tribunal instituido por authoridade Apostolica de acordo com o Imperio civil, como se vê da bulla do S. Padre Paulo III expedida em 1536, debaixo dos auspicios e rogativas do Senhor D. João III, he deitado por terra sem que fosse ouvida a Sé Apostolica, nem o mui alto e mui poderoso Rei o Senhor D. João VI Rei de Portugal!!! Ora viva a Jurisprudencia moderna, que ensinou e habilitou os Juizes leigos para fazerem impunemente destas maravilhas!! E querem que o mundo seja feliz em quanto houver taes abortos de maldade? Não, não... elle caminhará desenfreadamente ao ultimo precipicio; mas ai mil vezes, ai de quem se deixa perder neste labyrintho de opiniões modernas, e tem por cousa indifferente provocar a ira de Deos! Não cuideis miseraveis Theologos e miserrimos Canonistas, ainda tão contentes do *melzinho* que vos passou pelos bei-

*

ços, não cuideis que estremeço, como vos succede milhares de vezes, que me tenhão por homem abusado, superesticioso, e ignorante, pois ainda no seculo 19 me abalanço a sustentar a causa desse Tribunal *de sangue*, que vós tachais de affronta e opprobrio da humanidade! Bem sei que o vosso predilecto Montesquieu, citado triunfalmente na Encyclopedia, chega a dizer que a maior prova allegavel nos seculos futuros para se defender que o seculo 18 ainda foi seculo de ignorancia he o existir em alguns Reinos da Europa o Tribunal do S. Officio... mas que se me dá a mim deste *sinalado precursor* dos maiores impios que tem deshonrado o Universo e a especie humana? O *grande* espirito das leis bem *pequeno* se mostra em varios assumptos religiosos, e as Cartas Persanas estão bem longe de serem oraculos para quem tiver o juizo no seu lugar. A vossa *enfiada* de campanudos authores desde o Protestante ou Remonstrante *Limborch* até ao moderno e transfuga *Lorente* não me mette medo, nem eu o terei nunca a essas *avantesmas* literarias, que, tirado certo verniz que os abrilhanta, são bem pouco ou nada, e só tem valor no conceito de *papalvos*, que por terem cursado huma aula elementar ou lido quatro regras de livros *pequenos* mui aceados e mui *douradinhos*, tem para si que ficárão arvorados em preceptores do genero humano!! Chegámos a hum tempo em que a verdadeira apologia do Tribunal do S. Officio róda sobre hum eixo firme e indestructivel, qual he o mais que Vatineano odio que lhe tem os Pedreiros Livres. He agora ocioso ir buscar no grande no incomparavel S. Agostinho as provas da necessidade de se usar muitas vezes de coacção com os hereges, ou remetter os leitores para as muitas passagens das obras deste Santo Doutor e verdadeiro luminar da Igreja, que se a principio foi sobre maneira estudioso do espirito de mansidão, veio depois a conhecer pela mais funesta experiencia que tambem o medo repara grandes males, e grangêa muitos bens. Nós igualmente avisados pela experiencia, conhecemos que a Seita Maçonica se encaminha por todas as artes e meios a lançar mão dos governos, para assim destruir mais commodamente a Igreja do Redemptor, e que toda *humana e filantropica*, só para se fazer bemquista dos povos e adormecer os Soberanos, tem feito, quando lhe chega a occasião, mais

estragos em hum só dia do que fizerão os autos da Fé em duzentos annos. Tanta compaixão, tantas lagrimas pelo bem merecido supplicio de hum Judeo relapso, dogmatizante, e perturbador do socego publico, e tanta indifferença por esses centenares de Sacerdotes que forão septembrizados em 1792!! Se a França tivesse huma Inquisição vigilante, e cuidadosa de prohibir os máos livros, nunca se teria divulgado a Encyclopedia, e morrerião nas trevas ou no borrador de seus impios authores as blasfemias vomitadas no seculo 18 contra a santidade e verdade do Christianismo. E que sería melhor, terem vinte Filosofos a sorte do Cavalheiro de la Barre, ou perecerem por sua causa bons tres milhões de victimas innocentes? He o espirito revolucionario quem perturba os Estados, quem alaga de ruinas e de sangue as cidades e os campos, e no meio de tudo isto merece perdão, e nunca deverá ser arguido de obstar aos progressos do entendimento, e á felicidade dos Imperios!! Os mais intolerantes de todos os sectarios que bramem, espumão de raiva apenas sonhárão alguma especie de resistencia, e que levados de meras suspeitas vexão, maltratão, e desterrão sem dizerem porque, nem darem lugar á mais justa defeza... são estes, bom Deos, são estes os queixosos do mysterio que se guarda nos processos do S. Officio, e os que se atrevem a pintar com vivas cores o estado de violencia, e de terror a que se chega facilmente, quando huma simples denuncia, huma suspeita fazem as vezes de prova sufficiente para ser hum homem inquietado e punido!! Lembra-me ao pensar nestas cousas que por ventura o seculo 19 estará incumbido da *gloriosa missão* de esgotar as incoherencias todas, em que póde cahir o espirito humano! Ora aquelles inimigos do Tribunal do S. Officio partem sempre do que não sabem, nem se atreverão jámais a provar; e nós, seguindo melhor caminho, partimos de successos publicos e notorios; e só algum estupido ou malvado he que não verá eclipsadas e sumidas de todo as antigas sevicias do Tribunal da Fé ante os males incomensuraveis que produzio e vai produzindo a *escola de filantropia*, *a niveladora das condições, e das fortunas*, *a restauradora do seculo de ouro*, *a Revolução Franceza.*

Só teme a Inquisição quem he suspeito na Fé. Os bons

longe de a temerem desejão ardentemente que ella se instaure, e reassuma os seus direitos. Invejamos de presente a *barbaridade* dos nossos maiores, e soceguem as nações estranhas a nosso respeito, escusão de lastimar a nossa ignorancia e o nosso atrazamento, que nós teremos ainda mais razão para lastimarmos a sua deploravel cegueira, que só por effeitos della he que os negocios da Fé se considerão os ultimos, e se põem de parte quando he necessario attentar pelos interesses deste mundo. Antes queremos ser pobres, mas Catholicos, do que senhores do universo, mas impios e libertinos. Se os estrangeiros clamarem, pondo as mãos na cabeça, que perpetrámos hum crime de Lesa-Filosofia, nós lhe apontaremos hum sem numero de crimes de Lesa-Magestade Divina e humana. Honra-nos aquelle crime, e os nossos incompetentes juizes deverião assustar-se destes ultimos, porque cedo ou tarde hão de ouvir a sentença de hum juiz, que não dará quartel nem *aos direitos publicos*, nem aos sonhados interesses das Nações.

Antes que me chamem declamador, tocarei algumas especies relativas á Inquisição deste Reino: sabemos quanto foi contrariada em seus principios, e que a mais atroz calumnia forcejou desde então para a denegrir e aviltar. Sonhárão que o embusteiro Sávedra, tomando as vestes, e a equipagem de *hum Legado a latere*, fingíra Letras Apostolicas, e chegando á corte de Lisboa, conseguíra estabelecer o Tribunal do S. Officio, e abusar da conhecida piedade d'ElRei D. João III. Tachárão de manhosos e crueis os muitos perdões, que de authoridade Apostolica forão concedidos aos Judeos deste Reino; e para vermos com que espirito, e boa logica procedem os adversarios da Inquisição, basta dizer que Filippe Limborch no mesmo capitulo, em que trata da Inquisição de Portugal, zomba daquellas graças como inuteis e prejudiciaes á gente *de Nação*, e lá para o fim queixa-se de que não se renovassem mais vezes estes perdões, nem fossem attendidas as supplicas endereçadas á Curia Romana pelos Judeos Portuguezes nos fins do seculo dezesete. Ora aproveitão a condemnação do Padre Vieira, que podia ser hum grande homem, e abusar dos textos da Sagrada Escritura, seguindo nessa parte o depravado gosto daquelles tempos, e fazendo-se fortes com ella, pensão ter mostrado

que o S. Officio era hum perseguidor tão injusto como aleivoso. Ora empregão a mesma condemnação, graduando-a de especie de oraculo para vexar, e atormentar os Jesuitas; e assim costumão inverter os factos para lhes servirem de apoio aos seus intentos e doutrinas. Chorão aquelle máo tempo dos Indices expurgatorios, que nos obstruia os canaes de erudição, e da *sabença*, e quasi nos fazia viver como Africanos selvagens no meio de Europa civilizada; e eu choro ainda mais, porque depois que se limpárão e desentupírão esses canaes, ainda não vi partos litterarios *dessa gente pedreira*, que nos indemnizassem das lamentaveis ruinas causadas pela introducção das *luzes* neste Reino!! (*)

Em fim tanto dá a agua na pedra, que chega a consumilla e gastalla de todo, e outro tanto succedeo neste Reino *afrancezado*, onde corrião livremente as mais furiosas diatribes contra o S. Officio; e por isso a doutrina de ser indispensavel a extinção do Tribunal da Fé se vulgarizou de tal maneira, que todo o Portuguez medianamente sabio teria pejo de sustentar a contraria por mais bem fundada que lhe parecesse, que a tanto chega o *Despotismo Filosofico* dos nossos dias! Accrescia o resentimento de varios *adeptos*, que em melhores tempos figurarião como partes essenciaes nos autos da fé, mas que por especial indulgencia do S. Officio forão apenas exhortados e reprehendidos, para que não tardasse mais outra solemne verificação de que poupar taes inimigos he condemnar-se a morrer-lhes nas mãos...

Exultárão os Pedreiros deste como ensaio de mais claros triunfos; e por isso em Coimbra manifestárão o seu gozo, acudindo ás portas do Tribunal extincto, e deitando foguetes no meio de espantosos alaridos em tempo que já dormião os habitantes da cidade, porque os taes heroes folgão

---

(*) Não repito agora o que já disse em huma carta que debaixo do nome de = Academico religioso = sahio impressa em o numero quarto da Mnemosyne Lusitana de 4 de Janeiro de 1821, onde mostrei evidentemente que a historia verdadeira de *Cornelia Bohorquia*, ou *a Victima da Inquisição*, era huma fabula que nesse tempo se assoalhou neste Reino, para dispôr os animos a fim de que não se estranhasse a extinção do S. Officio.

muito destas *manobras feitas ás escuras*. Seguio-se a estrondosa revista dos carceres, onde se via tudo *o que podia exaltar a imaginação, e accender o justo rancor de todos os Portuguezes*, menos as victimas, que faltárão absolutamente!!! Forjárão-se calumnias, inventárão-se fórmas exoticas de castigar os réos, e a propria cal vermelha das paredes interiores foi denunciada como sangue das victimas! Arrombárão-se os cartorios (medida constitucional) furtárão-se muitos processos inteiros, e foi pena que nunca sahissem da mão de seus descobridores, que talvez *por filantropia* não quizessem tocar nos defeitos graves do S. Officio, quando por outra parte lhos assacavão a seu bel prazer...

Ainda não contente a furia dos liberaes, decretou a solemne demolição dos carceres (parece que lhes adivinhava o coração o perigo imminente de serem ainda os seus povoadores) e para a execução desta providencia foi necessario que se gastassem avultadas sommas, e, o que he ainda mais proprio deste seculo de extravagancias, a sala principal do S. Officio de Evora destinou-se, valha a verdade, para local de sociedades maçonicas... Tanto mudão os homens e as cousas!!! Nada mais facil que tapar de huma vez a boca aos inimigos do S. Officio. Muito embora não penetrem os *indifferentistas* modernos a justissima causa desse impenetravel e mysterioso segredo, que até certo ponto se guarda nos processos. Quando os negocios da Fé erão os que mais doião aos Portuguezes, não se estranhava cousa alguma destas, e os bons Catholicos perdoavão de boamente ao S. Officio que elle occultasse muito do que só poderia irritar e escandalizar os fieis. Depois que começou a grassar (até nas proprias classes que devião sobresahir em zelo e actividade para tudo que fosse promover a gloria do Christianismo) essa maldita indifferença para tudo que he sobrenatural e Divino, começárão tambem de estranhar-se os rigores do S. Officio, que teve de abrandallos, e conformar-se nesta parte ás opiniões do seculo... O grito de *usurpação dos direitos Episcopaes* he agora o mais indiscreto e menos attendivel. Já mostrou a experiencia que os Excellentissimos Ordinarios carecem da maior parte da força que acompanhava todos os procedimentos do S. Officio. Sahírão impressos nas cidades episcopaes alguns escritos obscenos, e impios, e não vi que sahissem

Pastoraes a desviarem o rebanho dos pastos venenosos; o que deve cortar pela raiz o ciume de alguns Bispos que se lastimavão dessa pretendida usurpação, que era mais hum favor, e hum auxilio poderoso, que sustentava o ministerio Episcopal, do que hum attentado contra os seus inauferaveis direitos, nem os filosofos do tempo adulárão os Bispos, e tratárão de lhes aggravar a ferida, senão com o doloso intuito de enervarem o poder do S. Officio, que era o unico de que mais se temião, e que mais obstava aos progressos da Maçonaria. Era tão poderosa a ascendencia do Tribunal sobre os malfadados vingadores de Adonirão, que assim mesmo debilitado, enfraquecido, e posto em huma certa nullidade, tinha ainda forças de sobejo para lhes estorvar as suas reuniões, e impedir que se mettessem a recrutar impunemente, e que fazendo gala do sambenito (o verdadeiro ficava-lhes a morrer!) preparassem, e adereçassem as loges dos seus *paninhos envernizados*, *de suas mitras*, *esquadrias*, e mais insignias e utensilios de lata etc., etc., etc.

Doces despojos
Tão bem logrados
Em quanto Deos,
Em quanto os fados
O consentião!

Ainda bem que na invenção e descoberta da *Farraparia maçonica* leo toda a cidade de Coimbra duas verdades mui importantes, e da maior consequencia para o futuro. 1.ª A existencia dos Pedreiros livres, que era impugnada por certos heroes, aos quaes ou faltava o senso commum, ou sobejava a malicia para encobrirem deste modo os seus carissimos irmãos. 2.ª A urgente necessidade da immediata restituição do Tribunal do S. Officio, o unico que póde fazer huma guerra bem succedida ao Maçonismo, que só vigiado de perto, contrariado em seus planos, e ameaçado de jazer, ou jazendo de facto nos carceres do S. Officio, he que poderá tomar juizo. Entrementes para que o tal Sr. Maçonismo, tão presumpçoso como depravado, não cuide que só contei historias e disse algumas *chalaças*, e que elle esgotou a materia, e fez hum papel brilhantissimo em o Salão das

Necessidades, farei hum par de observações sobre a estrepitosa Sessão em que foi abolido o Tribunal da Fé, e caminharei, depois senão a huma apologia formal, que não he agora do meu intento, pelo menos a hum ensaio de apologia, que não será de todo inutil para as *crianças* que a lerem, e poderá consolar os bons Portuguezes, para os quaes já tarda muito a desejada restituição de hum Tribunal, a quem devemos o ser Catholicos; pois que sería de nós se as heresias de Luthero e Calvino tivessem penetrado e lavrado impunemente neste Reino!!

Erros, contradicções, e sandices dos trasloucados e furibundos Preopinantes, quando fizerão abolir o Tribunal da Fé...

Se ao tempo em que eu via sahír de Coimbra no meio de Verdeaes e homens de vara hum carro atulhado de estudantes, ou vadios, ou facciosos, ou amadores de novidades prejudiciaes á ordem publica, me dissesse algum dos circumstantes que applaudião esta rigorosa, mas indispensavel medida do Vice-Reitor José Monteiro da Rocha: » Aquelle de horrenda catadura que vês estendido na carreta em ar meditabundo, propriedade de sciencia que faz objecto de seus estudos; e assim com a fysionomia de cabeça de motim, ou chefe de seita... esse mesmo ha de governar ainda os Portuguezes, ha de ser ouvido pelos *maiores* sabios da Nação como oraculo, e para te dizer de huma vez até onde chegará a sua poderosa influencia, ha de extinguir o Tribunal do Santo Officio, e ninguem abrirá bico diante delle para o impugnar ou contradizer... eu pedia a quem tal me dissesse que ninguem mais o ouvisse, temendo que o remettessem de envolta com os *heroes* do carro, mas para outro destino, a saber, *Casa de Orates*... A que chegámos no tempo constitucional!! Tudo isso vimos, e o vimos calados e tranquillos!!! Não quero agora *trabalhar* os nossos Ixiões, a quem as *nuvens* parecêrão *Deosas*... Appareça em Scena o novo Fayel ou Hamlet, o pavoroso Diario de Cortes n.º 42, que nos *regalou as entranhas* com os debates ou rebates falsos da sessão de 26 de Março de 1821, e vejamos como elle fica depois da *esfrega* Historico-critica, que lhe tenho preparado.

Texto.

Esta bulla (a da instituição do Tribunal da Fé) *foi recebida por agrado pelo Rei D. João III., sem saber que recebia com ella a infamia e a desgraça deste Reino.*

Censura e commentario.

» Bem sei, meu Portuguez á força (*vai o C plicado, se o quizeres sem ella, farás o que te parecer melhor*) que essa famigerada bulla não poderia nunca ser ouvida com agrado nos Congressos de Satanaz, Beelzebub, Astaroth, Asmodeo, e outros que taes.... porém hum Rei Catholico e verdadeiro Pai dos seus *vassallos*, (não tenhas medo a este papão) e verdadeiro Pai dos seus *vassallos*, muito bem inteirado do que succedêra em Lisboa no tempo de seu Augusto Pai, e de quanto era inflammavel o zelo dos Portuguezes em tudo o que respeitava á santa Religião dos seus maiores; e vendo-se por outra parte ameaçado das heresias de Luthero e Calvino, que só lhe trazião a perdição eterna de seus vassallos, assentou que era melhor obstar aos males em seu principio, que ter de chorar dentro em poucos annos outra *matança* e destruição de seus filhos, muito acima da que se perpetrára em Lisboa debaixo de pretextos de Judaismo... Por isso alcançou, a pezar de grandes obstaculos que lhe forão suscitados na Curia Romana, a bulla da instituição do Tribunal, que Santo Officio já o havia nestes Reinos, e os erros e heresias costumavão declarar-se aos Inquisidores geraes, que forão tirados das Ordens de S. Francisco e de S. Domingos. Soube ElRei perfeitamente o que recebia, e soube que afastava dos seus Reinos, quanto nelle era, a infamia de ser suspeito de heresia, e a desgraça de correr a pós as novidades do seculo e de perecer eternamente... Ora tudo isto he de huma verdade inquestionavel; mas era tal o predominio das opiniões filosoficas neste Reino, que a erecção do Tribunal do Santo Officio costumava ser hum grande apuro em que se vião os Prégadores nas exequias deste Soberano, que he de tarifa celebrarem-se annualmente pela Uuiversidade de Coimbra... Não o foi

para mim, que em 1819 tirei desse mesmo principio a maior gloria do Restaurador da Academia, e de bom grado quiz passar por *intolerante e fanatico*, ou por *insecto asqueroso, e immundo resto do Tribunal de sangue*, como depois me chamou certo escritor liberalissimo.

Texto.

O primeiro que teve a desgraça de ser Inquisidor Geral foi hum irmão dc ElRei, foi o Cordeal Henrique.

Censura e commentario.

Mente, e commette hum erro de palmatoria... E são estes os que profundavão as materias, e levavão o *recadinho* estudado!!! O primeiro Inquisidor geral foi D. Fr. Diogo da Silva, Bispo de Septa ou Ceuta, o Confessor d'ElRei, como se vê da bulla de instituição, que vem a pag. 713 do tomo 2.° das Provas da Historia Genealogica, e só passados bons tres annos he que entrou para Inquisidor geral o Cardeal Infante D. Henrique, por ter passado para Arcebispo de Braga o primeiro Inquisidor mór, que assim lhe chamavão nesse tempo.

Texto.

Era licito a toda a pessoa, por mais perversa que fosse, ser denunciante ou accusador, e as accusações erão recebidas a pezar da incoherencia das testemunhas.

Censura e commentario.

Já notei que o ultimo Regimento do Tribunal he cheio de circumspecção e cautelas a este proposito, e como tal merece os forçados elogios da propria *sabedoria* do seculo. Não tenho á mão a *celeberrima* narrativa da perseguição, ou o quer que he, do Irmão Hyppolito José da Costa, onde se lem por inteiro os dous ultimos Regimentos; só me foi possivel examinar o que foi dado pelo Inquisidor geral D. Pedro de Castilho, o que he tanto melhor para o meu intento, por ser o tachado na propria sessão de Codigo horri-

vel, Codigo de sangue, etc. No capitulo 9 fol. 8 v. lemos o seguinte » Por huma só testemunha se não procederá a » prizão ordinariamente, salvo quando parecer aos Inquisi- » dores que he caso para isso, e a testemunha he de credi- » to, e que falla verdade... » Já em o capitulo 3.º fol. 8 se tinha advertido que não se procedesse fogosa e precipitadamente; e no capitulo 5.º se recommendava o seguinte: » Assi mesmo se olhará muito a calidade de testemunhas, e » o credito que se lhe deve dar, segundo a calidade do ca- » so e da pessoa, e os Inquisidores farão diligencia sobre o » credito que devem dar ás testemunhas, antes que procedão » á prizão, como em negocio de tanta importancia se re- » quer, e o mesmo farão em todas as mais testemunhas que perguntarem, etc.

Ora este Regimento foi impresso em 1613, e já nesse tempo era facil destruir as objecções do *homem do carro.*

Texto.

Jazia o prezo em hum espaço menor que aquelle onde se pōem os mortos. (Aqui entrárão de chusma as polés, cavalletes, ferros em braza, etc. etc. etc.

Censura e commentario.

Já o apanhei onde o queria vêr, para o *zurzir* á minha vontade. As prizões do Santo Officio erão mais escuras que apertadas, e se havia lá segredos, calhabouços e prizões subterraneaes, imitava nessa parte o que ainda não reprovárão os Tribunaes civis quando se trata de crimes de traição ou lesa Magestade humana... prizões mais estreitas que o jazigo dos mortos, ah! que bem cabião neste rasgo de eloquencia Ciceronica essas lagrimas de pura sensibilidade, com que outro ainda mais conspicuo *arengador* devia molhar dahi a poucos minutos o *sagrado recinto!!!* Eu não tive a curiosidade de ver os carceres do Santo Officio de Coimbra, antes me escandalizei muito de que varias pessoas, e nomeadamente alguns Sacerdotes seculares e regulares, acudissem a huma revista ou exame, que era hum dos principaes triunfos da Pedreirada; mas sei de pessoas que examinárão os

carceres sem prevenção, e que os não vírão pelo *microscopio* da libertinagem e da impiedade, que elles nem ao longe se parecem com o termo de comparação, que lhes assignou o valente orador que vou refutando... No que toca aos horrorosos tratos de polés e cavalletes, etc. etc., serei hum pouco mais extenso... A moderação, e quasi extincção de tortura, deveo-se em tempos mais antigos á em tudo bem fazeja influencia do Christianismo, e o que se tem escrito de melhor neste assumpto foi roubado das obras de Santo Agostinho, sem que até agora tenhão confessado a obrigação em que está o Genero humano ao eruditissimo author dos livros immortaes *De Civitate Dei.* A pezar disto, ficou pertencendo esta gloria ao Marquez de Beccaria, apregoado em todos os cantos da Europa, e levado até ás nuvens por ter feito acabar esses opprobrios da humanidade... Deo-me agora na vontade referir certas anecdotas sobre o livro e caracter do tal Marquez, para vermos a *coherencia* com que procedem em tudo os Filosofos modernos...

Depois da condemnação do réo *Calas*, que deo tamanho brado na França e na Europa, lembrárão-se os Encyclopedistas que era huma boa occasião de assoalhar alguns principios que ainda se ensinavão ás occultas, e para este fim escrevêrão a hum Frade Barnabita de Milão, que era Mathematico e *socio da irmandade*, pedindo-lhe que fizesse disparar a artilheria grossa Italiana sobre o *rigor das penas*, e sobre a *tolerancia*, que em bom Portuguez quer dizer *guerra ao Throno*, *guerra ao Altar*, e que os irmãos de París terião cuidado de sustentar o credito da Obrinha, e fazella voar até aos ultimos confins da terra... A carta era de Mr. Condorcet *(Que heroe!!!)*, e foi lida perante os socios da Assembléa denominada do *Café*... id est. Loge — Fortaleza, Loge — Regeneração, ou como outras da mesma farinha. Todos encolhêrão os hombros, e ninguem acceitava a commissão filosofica, que estava em perigo de falhar, quando hum Filosofo mediocre, o Marquez de Beccaria, com grande pasmo do auditorio, que o reconhecia por incapaz de tamanha empreza, disse que a acceitava. Compoz o livro dos *Delictos e penas*, mandou-o á *Confraria* Parisiense, onde era esperado com ancia... porém Mr. de Alambert enojou-se tanto de o lêr, que o não pôde levar ao fim. Assentou-se

que convinha *refundillo e ataviallo* á franceza, e foi o Abbade Morelet quem se encarregou do novo trabalho, que apenas sahio a lume, foi commentado por Voltaire, premiàdo extraordinariamente pela Academia de Berne, chamado o Supplemento do Espirito das Leis, e a quinta essencia da Jurisprudencia criminal, quando o melhor que elle contém foi apanhado da Utopia de Thomás Moro, e do proprio Montesquieu, que já fizera a mesma colheita nas obras de João Bodino. Disse pois o que basta e sobeja quanto ao livro; pintarei huma palavra no tocante ao Author. Adoeceo-lhe a Marqueza sua mulher em Tourano, nas terras do Conde Calderari, amigo do Marquez, que lhe mandou para a verem o Doutor Moscati, e o Medico D. Felix Mainoni, os quaes, ao passarem no valle Marignano, forão investidos e saqueados por tres salteadores, cujo capitão se chamava Sartorello... Requerêrão os taes Doutores ao Marquez huma indemnização desta perda, e conseguintemente o Marquez poz toda a diligencia para serem prezos os criminosos, e com effeito o capitão Sartorello cahio nas mãos da justiça, mas negava tudo a pé junto, e as testemunhas não estavão certas das feições dos salteadores, o que punha os Juizes em grande hesitação, sem atinarem o modo de satisfazerem o Marquez... Foi elle proprio que suggerio o expediente para os desenredar daquella perplexidade. E qual sería? Nada menos que a tortura!!! O que he tanto mais para estranhar, quanto he certo que na Lombardia só em casos extraordinarios a infligião!! Segue-se pois de duas huma, ou Mr. Beccaria, Professor de direito *humano*, obrou mal quando impugnava a tortura, ou fez ainda peior quando a inculcou aos Juizes no sobredito caso. Em fim nada he tão ordinario nesta casta de gente, como vermos hum Frederico II curando nos seus soldados a mania do suicidio pela assistencia ás leituras do Evangelho, hum Voltaire tirando cartas de excommunhão do Cura da sua freguezia para empecer a destruição das arvores da sua mata de Ferney, e hum Dufriche Valaré (se bem me lembro) votando de morte na causa de Luis XVI, depois de ter defendido nas suas obras que a pena de morte era hum attentado contra os direitos do homem, etc. etc. etc. A Inquisição, tornando agora ao ponto essencial, ha muito que não usava de polés,

nem cavalletes, que só existião mais para incutirem susto do que para se usarem; e hum dos taes Preopinantes, que podia fallar com sobejo conhecimento de causa, não duvidou affirmar que a Inquisição se tinha amoldado ás opiniões do seculo, e já não era tão rigorosa como dantes: logo para que era temer sevicias já inteiramente desusadas, para que era aborrecer huma instituição que nas materias penaes caminhava a par *das luzes do seculo?* Responda o

Texto.

Ainda depois do reinado de ElRei D. José muitos homens sabios forão victimas delle. Ainda em nossos tempos vimos soffrer muitos benemeritos deste paiz, antes da famosa septembrizada. Do texto se conclue que temião ver excitados novamente os que elles chamavão antigos furores do Tribunal, e por isso o querião abolido a ponto de que, sendo possivel, queimassem os proprios edificios, e deitassem as cinzas e ruinas ao mar.

Censura e commentario.

Eis que chego ao mais fino da questão; e serei mais claro do que nunca. Perseguio a Inquisição o Lente José Anastacio em o Reinado da Senhora D. Maria I... assim foi... mas vejamos se o Tribunal procedeo justa ou injustamente. Ninguem provará que a Inquisição entendesse com aquelle Professor em assumptos de Faculdade de Mathematica, e debalde quererão os *adeptos* fazer deste homem perseguido hum novo Gallileo (*). Podia elle se quizesse, e os seus

(*) Já que vem a talho de fouce, ou *córte de punhal* que vem a ser o mesmo, direi que este facto da perseguição de Gallileo he hum dos que andão mais desfigurados na Historia moderna; e se alguem me sahisse ao caminho, que eu levo, então lhe mostraria por documentos de irrefragavel credito que nem a Inquisição de Roma foi cruel, nem o Astronomo foi tão innocente como se diz vulgarmente, sem exame, e sem averiguação alguma. Tenho armado huns poucos de alçapões aos *sabios* destas eras, mas infelizmente não sahem a campo, o que não admira, porque no seu S. Mar-

talentos e forças alcançassem tanto, não só igualar, mas exceder o famoso Pedro Nunes, sem que lhe pozessem o menor impedimento; José Anastacio porém excedeo-se em materias de que não era sabedor, e nas quaes não podia ser juiz; dogmatizou contra os principaes mysterios da nossa Fé, e para ser mais efficaz o veneno, temperou-o com todas as graças da Poesia, e como enfeitou de labios dourados a taça em que propinava a mortal bebida aos incautos mancebos que o attendião. Que devia fazer nestes lances o Tribunal do S. Officio quando reinava huma Princeza verdadeiramente religiosa, e que não cedia em piedade, e zelo de manter a pureza do Christianismo ao proprio Soberano que fez erigir o Tribunal da Fé? Muito embora *chorassem as musas, as letras, e as sciencias*; mas foi de absoluta necessidade reprimir os males na sua origem, e só estranhará os aliàs pequenos soffrimentos de José Anastacio quem desejar seguillo na temeridade de escrever contra a fé e bons costumes. Oxalá que o S. Officio já bastantemente agrilhoado nessas, e outras similhantes causas, podesse então bracejar e desenvolver-se na fórma que tanto convinha aos interesses da Monarquia!!! Apenas conseguio reprezar nas mãos de infames depositarios as virulentas, impias, e blasfemas cartas de hum Portuguez, que em poucas paginas recolheo todo o veneno das Cartas Persanas, Indias, Cabalisticas, etc., etc., etc. Logo porém que o dia 24 de Agosto fez soltar os ventos, e as tempestades de envolta com o Dragão Infernal que estivera sopeado mais de seiscentos annos, forão impressas neste Reino!!! As cartas de José Anastacio, vendêrão-se descaradamente no Porto e em Coimbra, que em Lisboa já serião velhas, e corrêrão como se fossem novos cathecismos da mocidade Portugueza!! Em vão protestei na Gazeta Universal contra a apparição de mais este fenomeno da impiedade; huma voz fraca, e desconhecida mal se ouvia, quando os proprios que erão obrigados a fallar em voz alta, parecião estatuas!

No que pertence aos *benemeritos* que comparecêrão no

---

tinho, no seu bom tempo constitucional, não souberão responder a quem lhes argumentava *na fórma* senão insultando, prendendo, e desterrando.

Tribunal do S. Officio, já toda a Nação conhece admiravelmente de que laia são estes *benemeritos*, e acompanha-me toda no sentimento de que, assim como levárão meigas e suaves reprehensões, não ficassem ahi detidos e clausurados! Pois que perdiamos com isso? Teriamos vivido em paz, e não teriamos visto as proezas maçonicas. Já agora que tenho adiantado este certame, convém levallo ao fim, propondo, e desfazendo as objecções dos adversarios do S. Officio.

Texto.

Quem será tão deshumano, que não se commova dos gritos de mil e quatroceutas victimas que forão queimadas, e de mais de vinte mil que forão infamadas neste Reino por esse Tribunal povoado de cannibaes e antropofagos? Sómente na Belgica forão condemnadas á morte oitenta mil pessoas, quando o feroz Duque de Alba dirigia as operações do Tribunal exterminador, e quem tomar o pincel vagaroso, mas seguio, de Dominichino, e o molhar no sangue que fez derramar em Hespanha esse infame Torquemada (*) *fará por certo o quadro mais espantoso e abominavel.*

Censura e commentario.

Qual he o Tribunal humano, que não tenha abusado de seus poderes? que não tenha excedido os limites de sua competencia e de sua jurisdicção? Se fôra este hum motivo sufficiente de sua extincção, quantos deverião ficar em pé? Tomando porém a cousa por outro lado, quantos ladrões e homicidas terão ha duzentos annos a esta parte subido á forca nas duas cidades de Lisboa e Porto? Quem folheasse os registos das sentenças capitaes deste Reino acharia mais de mil e quatrocentos; e será este hum argumento, por que se devão extinguir desde já os Tribunaes que impozerão a pena ultima? Ora esses mil e quatrocentos, numero este que por ventura será exaggerado, forão homens relapsos, dogmatizantes, e perturbadores da ordem publica, e por isso a authoridade civil deo as mãos á ecclesiastica, para que do rebanho de Jesus Christo fossem cortadas de huma vez essas

(*) Diario de Cortes — 1.° anno — n.° 42 pag. 356.

ovelhas contagiadas, que o poderião inficionar todo, se lhe não acudissem a tempo. Os filosofos de hoje estão muito discordantes da sabedoria christã, e por isso nem póde haver ajuste de principios, nem as disputas acabão felizmente. Para elles tudo he politico e temporal, e os negocios de Fé são os ultimos... Concedem facilmente que huma desattenção, huma palavra injuriosa que se diga ao Rei da terra, he punivel, e de bom grado subscreverão a pena de morte, se houver esperanças *de mercê*, *de commenda*, ou *de titulo*... porque em fim querem viver só para este mundo, e talvez não admittão, nem esperem outro... mas tratando-se de injurias publicas e atrozes feitas ao Rei dos Ceos e da Terra, *humanizão-se*, mudão de tom, e parecem-lhe delirios de cabeças estouvadas, que não contemplão nem sabem dar desconto ao fanatismo dos seus concidadãos; e muito embora se altere o socego publico, se corrompa a mocidade, pereção almas aos centos, e milhares dellas se precipitem no inferno, basta para esses crimes hum simples aviso correccional. Não he agora do meu intento defender a severidade das medidas que tomou o Duque de Alba, nem fazer encurtar o numero das victimas que se imputão ao Cardeal Torquemada; devo porém fazer huma advertencia mui essencial neste ponto. Quando os Atheos e Pedreiros Livres governão, tudo he santo e justo; fação-se embora centos de pavorosas scenas como a *decantada S. Barthelemi*, assim era necessario para o bem da sociedade, que usou dos seus direitos, cortando ou expulsando de si os membros podres que a corrompião e damnificavão; quando porém governa Carlos IX de França ou Filippe II de Hespanha, muito embora os Belgas e os Hugonotes sejão notoriamente huns vassallos rebeldes, huns aleivosos conspiradores, que levantando hum *Estado dentro do Estado* queirão e possuão lugares de segurança e praças fortes, donde renovem a seu salvo, quando houver mais forças, a guerra civil; tudo isto são *jogos de crianças* a que os Reis devem mostrar huma cara de riso, e subirem com ella ao patibulo, que lhes annuncia já sem rebuço, e lhes prepara no silencio das trevas a orgulhosa sabedoria moderna, empunhando a *trolha*, cingindo a cabeça de *mitra*, e rodeada de *esquadrias*, de *triangulos*, e outros emblemas de suas altissimas concepções.

***

Texto.

Quem se vale do argumento de se terem evitado neste Reino as funestissimas dissenssões religiosas, que ensanguentárão a França e a Alemanha, recorre a huma simples invectiva, a huma simples recriminação, como quem diz · tu fazes peior, logo eu não faço mal.

Censura e commentario.

Não he por esse modo sofistico e vicioso que nós conduzimos o argumento; porém de outro o mais conforme ás regras de huma discussão judiciosa e atilada. Os defeitos e abusos são como inherentes ás melhores instituições humanas, e a que tiver menos, tem sobejo direito não para os justificar, mas para exigir que não sejão punidos severamente, quando outros maiores se disfarção e ficão impunes. Que defeito de argumentação ou de raciocinio commettemos nós, quando protestamos que ElRei D. João III nos livrou desse 24 de Agosto, dia que tão fatal ha sido para os Reinos da Europa, e que se elle não instituíra o Tribunal do S. Officio teriamos chorado antes de 4 de Agosto (e o Agosto sempre em campo!!) de 1578 alguma catastrofe talvez maior que a perda de Africa? O dia 24 de Agosto pelo computo encarecido dos inimigos da Fé custou á França sessenta mil homens cobardemente assassinados, e pelo computo mais razoavel só vinte mil; e daqui se vê que a Inquisição a matar em setenta e nove annos, ou desde a sua instituição, (*) apenas chegou a huma vigesima parte, ou sexagesima, dos que forão trucidados na França em hum só dia! E onde iria eu parar se quizesse trazer a este parallelo o sem numero de victimas sacrificadas por iguaes motivos em toda a Allemanha, e na Inglaterra? A Maçonaria, que se diz humana e *filantropica*, deseja-nos este *mimo* só para se livrar da Inquisição, e bem parvos seriamos nós se cahissemos nesses laços já podres, que sómente chegão a apanhar as *avesinhas* incautas e desprevenidas.

(*) Varião estes calculos na boca dos varios preopinantes. Veja-se o lugar citado.

Texto.

A Inquisição tem sido a causa de vermos a Hespanha tão despovoada, e tudo mostra que foi hum invento, ou de Sacerdotes fanaticos para vexarem os povos, ou de governos fracos para augmentarem o seu poder.

Censura e commentario.

A proposta reflexão he das caducas e já sediças, e para que os meus Leitores lhe conheção a insubsistencia e fraqueza, direi que os proprios viajantes francezes, iscados de *idéas liberaes*, defendem nesta parte o Santo Officio. Na época da sua instituição (adverte Mr. Laborde) todas as classes de individuos erão *fanaticas*, e os Sacerdotes erão os menos *fanaticos* por serem os mais instruidos. Longe de que tal instituição fosse agradavel aos Soberanos, só podia causar-lhes ciumes o que he facil de conhecer; pelo empenho, com que a maior parte delles tem obstado ao exercicio da authoridade inquisitorial. No que toca ás perseguições, deixarei fallar o citado viajante (*). » Não pertendo desculpar as suas crueldades; forão atrozes; porém nunca forão » em grande numero, e, o que he mais, nunca forão imprevistas. Se em alguma parte as innovações em materia de » Religião podião ser olhadas como facções criminosas, » era sem duvida na Hespanha (e consequentemente em » Portugal) onde em todos os tempos o Governo tinha sido » huma especie de *Theocracia*, onde o Culto Catholico era » lei fundamental do Estado, e onde muito antes que nascesse Luthero a Inquisição fora estabelecida para embaraçar toda a casta de scisma, ou de qualquer dissidencia. » He necessario confessarmos que o Governo Hespanhol foi » cruel e intolerante a este respeito; porém nunca foi perfido, nem se vê na sua historia esse amontoado de caprichos, de indecisões, de palavras de tolerancia e de actos » de perseguição, de editos paternaes (allude ao de Nan-

(*) Itineraire descriptif de l'Espagne 2.^{me} edit. Paris 1809 na Introducção pag. 78 e 79.

» tes por Henrique IV), e de revogações tardias, que lhes
» destroem todos os beneficios (allude á do Edito de Nan-
» tes por Luiz XIV), e mais que tudo não se lêm nas vi-
» ctimas da Inquisição os nomes de Henrique IV e de Col-
» ligni... Adoptou hum plano fixo, que longe de prejudi-
» car os augmentos da população, antes lhe foi favoravel,
» desviando-lhe as guerras de Religião, que tem desolado
» a França e Allemanha depois da reforma (de Luthero), e
» ainda affligem a Inglaterra. Esta unidade de culto e de
» crença contribuio mais do que se cuida para formar de
» todos os Hespanhoes espalhados em ambos os hemisferios
» hum só povo uniforme, hum massiço de homens *homo-*
» *geneos*, que tem o mesmo vinculo, o mesmo caracter, e
» a mesma vontade. »

Texto.

Mas quem poderá negar que a Inquisição retardou o progresso das luzes, e nos condemnou á mais affrontosa ignorancia, quando todos os mais povos Europeos nadavão, para assim diser, em hum oceano de luzes?

Censura e commentario.

Tinha aqui muito bom lugar huma *parodia*, nem eu me posso ter que não a proponha aos meus Leitores. Quem poderá negar que a Inquisição retardou os progressos da Maçonaria, e nos condemnou a termos hum provimento de Incredulos, de Atheos e de Pedreiros Livres, menor do que esse que contavão os povos Europeos, que já em 1730 se vião minados de hum formigueiro de Loges Maçonicas? Sobejava esta censura; mas pede o caso que se faça outra mais larga... O proprio Laborde protesta que he falso ter a Inquisição retardado o progresso das sciencias e das letras, e que ao mesmo passo em que erão justiçados 80$ Belgas, tinhão as letras subido ao maior auge na Hespanha, e a literatura hespanhola era a que levava a palma a todas na Europa; e pelo contrario a decadencia das letras vem desde o tempo em que cessou a maior influencia do Tribunal do Santo Officio nas Hespanhas (*). Já por vezes tenho pro-

(*) Ibid. pag. 79.

posto e desenvolvido este argumento, e já me enfada o repetir por vezes as mesmas cousas? Desde a erecção do Tribunal do Santo Officio neste Reino até aos principios do seculo 17 foi o tempo da nossa maior gloria, e bem merecida reputação litteraria. São deste periodo as obras mathematicas de Pedro Nunes, as filologicas de André de Rezende, as exegeticas do Padre Foreiro e do Padre Azambuja, as theologicas de Diogo de Paiva, as poeticas de Antonio Ferreira e de Luiz de Camões, as historicas de João de Barros e Fr. Bernardo de Brito; e por tanto que mal fez a Inquisição ás letras nos dias em que foi mais rigorosa? Ousarão por ventura emparelhar-se com estas producções immortaes as desta era, em que o Tribunal do Santo Officio, já prezo, maniatado, e quasi moribundo, apenas dava de tempos a tempos algum signal de que ainda era vivo!!

Que boas cousas não sahírão dos nossos prelos durante o regime *encorajador* dos engenhos e das letras, isto he, dos Libertinos e da Maçonaria (*). E tem cara estes desavergonhados, tão impios como ignorantes, para nos fallarem ainda em progresso de outras luzes, que não sejão as procedidas da *Jerusalem* tenebrosa e subterranea que elles habitão, e donde repartem os fachos de discordia para abrazar o mundo?

Texto.

Depois que cessárão as maiores crueldades do Santo Officio he que o Tribunal foi mais damnoso aos habitantes da Peninsula das Hespanhas. Impedio o desenvolvimento de todas as idéas uteis, e foi prejudicialissimo, por ter mudado de natureza e adquirido novas attribuições.

Censura e commentario.

Tal he o raciocinio da propria testemunha, que vimos

(*) O Retrato de Venus póde hombrear com os Luziadas de Camões, as Superstições descobertas com a Defensão do Concilio Tridentino por Diogo de Paiva, e o Cidadão Lusitano com as Obras Pastoraes de Fr. Bartholomeu dos Martyres, e assim ficarão as cousas no seu lugar como se estivessem no meio da rua!!!

ha pouco favoravel nos seus depoimentos ao Tribunal do Santo Officio . . . mas *coitado*, elle vio-se em grandes apuros!!! Se insistia em defender o Tribunal, adeos consumo da obra, que de certo não se lhe gastava nem huma duzia de exemplares; e como os livros francezes tem sido mais hum assumpto commercial que litterario, não houve remedio senão amoldar-se ás idéas liberaes, e dar tambem a sua pennada contra a Inquisição; o que todavia fez tão mal, que nelle mesmo se encontrão as melhores provas em contrario do que elle affirma . . . Se a Inquisição obstou ao progresso dos conhecimentos uteis, quaes serião os de D. Jorge Juan e D. Antonio Ulloa (pag. 86), que fizerão pasmar Mr. de Condamine, que nunca esperou achar Mathematicos Hespanhoes de tão alta monta? Quaes serião os de Bayer Mayans, Sarmiento, Flores, Feijó, e Isla, tão louvados a pag. 87, e quaes os de Campomanes e Jovellanos, que abi mesmo se nos inculcão por mestres de Filosofia e Economia politica? E para que nos diz o mesmo author mais para diante que a Inquisição » só procede nos casos » de escandalo publico, e mesmo então faz preceder as suas » informações por noticias particulares e por todos os meios, » que prevenindo *estaludas*, a livre de se ver obrigada a » castigar: he huma justiça que todos os viajantes imparciaes são obrigados a fazer-lhe. » Quaes serão pois essas novas attribuições que exigem, como elle affirma a pag. 26 » que » importa abolir o Santo Officio mais para gloria que para » socego da Hespanha? »

Texto.

O essencial das suas novas attribuições foi a guerra declarada aos livros uteis. Montesquieu, Smith, Robertson, Raynal, e a propria Encyclopedia Methodica, forão involvidos na proscripção de outras obras, ou inuteis ou mediocres. (Ibid., e no Quadro de Hespanha moderna por Mr. Bourgoins. T. 1. pag. 301.

Censura e commentario.

Está descoberto o enigma . . . Se a Inquisição deixasse

introduzir a salvo na Hespanha os escritos que tão poderosamente influírão na revolução franceza, era a Inquisição hum tribunal de *bons homens*, que já estavão vestidos e calçados no Ceo! mas quiz livrar a sua patria das horriveis calamidades que ou ameaçavão, ou já devastavão hum Reino seu confinante, e por isso he gravemente culpada! Nunca ella chegue a ter outros crimes! Que estes só lhe dão honra, e farão avivar o justo sentimento das almas piedosas, que se lastimão de que ella não tivesse mostrado maior energia, quando era ainda tempo de se atalharem grandes males. Vamos por partes, que assim he necessario, e vejamos se o Tribunal foi injusto na condenação de taes livros da moda.. Comecemos pelo author do Espirito das Leis. — Nas suas obras se incluem as famosas Cartas Persanas, onde se escarnecem de proposito as mais augustas ceremonias da Religião Catholica, e os Mysterios que ella mais respeita e adora; e sem nos vermos obrigados a sahir do Espirito das Leis, quem ignora que o artigo *dos climas e sua influencia*, aliàs bebido em os tratados de *João Bodino*, e os incidentes do *atheismo*, *fatalidade*, *celibato*, são inadmissiveis em hum paiz Catholico? Não podem, não, os ouvidos Catholicos amoldar-se ás opiniões de Robertson sobre indulgencias, e outros assumptos, em que elle fallava como inimigo da Igreja Romana; e as sublimes theorias de Smith, já assás combatidas pela experiencia dos seculos, tem dado ha poucos annos a ultima e funestissima prova de que nunca jámais hão de felicitar a Peninsula das Hespanhas. Não se deseja que a obra de Raynal appareça e corra livremente, para que os Hespanhoes e Portuguezes tenhão verdadeiro conhecimento do estado e importancia de suas conquistas; mas para que se lhes imprimão as pestilenciaes doutrinas espalhadas nesta obra, que sería *insulsa* e não teria nada de *picante*, se não fosse mais do que huma simples Historia Politica...

Parece mais grave a imputação de se ter prohibido a Encyclopedia Methodica, e tanto mais grave, quanto he certo que os Portuguezes forão sempre nessa parte mais *bizarros* que os Castelhanos; e he natural que muitos dos meus leitores se maravilhem de que a lição da Encyclopedia seja perigosissima!.. Ora nem só motivos religiosos, tambem os politicos a fizerão prohibir na Hespanha, e causar hum damno

gravissimo ao cidadão Pankouke editor desta immensa colleção. O artigo Hespanha, por certo o mais injurioso aos povos de todos os Reinos da Peninsula, azedou por extremo o Governo Hespanhol, que sollicitou o já enfraquecido Tribunal da Fé, para que o apoiasse nesta contenda... O certo he que no artigo ou repartição *filosofica* de Mr. Naigeon encontra-se tudo o que se tem proferido até agora de blasfemias e de impiedades, e o considero muito acima do proprio Diccionario de Bayle, por isso mesmo que ao antigo veneno desta obra accrescenta o que distillão as infernaes producções de Freret, Mirabeau, e de Meslier... Se ha neste Reino homens que leião com indifferença as injurias alli vomitadas contra a Pessoa e Doutrinas de J. Christo, eu concluirei necessariamente que elles ou renunciárão de todo a Fé, ou são Pedreiros Livres... Muito mais podia notar desse *armazem* de impiedade; mas estremeço de o fazer, porque talvez seja hum incentivo de curiosidades indiscretas e criminosas, e terminarei este pequeno artigo pela mais ardente supplica aos que possuem a Encyclopedia Methodica, que já que por felicidade nem todos os mancebos a podem ter, em razão de ser muito cara, ao menos se lhes estorve a sua leitura nos pontos indicados... Embora se conte nos volumes desta Encyclopedia a parte de Theologia por Mr. Bergier; foi isto huma especie de salvo conducto, para que se facilitasse a propagação das *luzes* diffundidas nos outros ramos de sciencias e bellas letras. A primeira Encyclopedia foi o estandarte que a Filosofia arvorou contra as verdades Catholicas; porém a segunda he hum exercito já formado e posto em linha de batalha para o mesmo intento.

Texto.

Mas esses livros prohibidos tem copia de idéas sãs e proveitosas ao genero humano; e a troco de algumas leviandades, *que escapárão aos seus authores, ficaremos privados do gosto de os ler, e da solida instrucção que ahi podiamos adquirir?*

Censura e commentario.

Cessa todo esse inconveniente; e o proprio ganho que vai

enriquecer os livreiros de Paris, se converteria em beneficio dos nossos traductores e livreiros, se a authoridade publica fizesse expurgar, e pôr em linguagem esses livros. Ora isto praticou-se na Hespanha, onde se fizerão traducções de Buffon e Mably, quando a Inquisição perseguia o José Anastacio Hespanhol, o famoso D. Paulo Olavides; (*) e o proprio Mr. Bourgoing, que estranha a prohibição da Historia Politica e Filosofica de Mr. Raynal, nos diz (a pag. 300 do seu T. 1) que o Duque de Almodovar fez hum extracto daquella Historia, cortando-lhe o que tinha de *revoltante*

(*) Prescindindo agora de quanto se podia dizer deste famoso Intendente de Sevilha, por fim cahio em si, e escreveo para sinal de sua verdadeira conversão a excellente obra *O Evangelho em triunfo*, só notarei o modo por que se annunciou nos periodicos desse tempo (1778) a causa desse novo aspeito de rigor que tomava a Inquisição de Hespanha. Pedio o Inquisidor Geral huma audiencia extraordinaria a ElRei Carlos III, e fallou assim: » A Religião está espezinhada, não tenho já as forças de corpo e de espirito, quaes demanda a extensão dos meus deveres. O mal he extremo, os remedios tambem o devem ser; e quando eu tivesse o vigor necessario para os applicar, já me falta o poder necessario para este fim . . . » Não lhe acceitando ElRei a demissão, proseguio desta maneira: » Não, Senhor, a Inquisição já acabou; este baluarte seguro da authoridade Real, *que se deriva da Divina*, cedeo aos esforços de mãos sacrilegas que o minárão. A queda da Religião, e do Tribunal destinado para a vingar, *prognostíca a do Throno.* As desgraças de que V. Magestade se lastíma são os fructos desta revolução tremenda e terrivel. Se V. Magestade não ajuda o que lhe resta de vassallos, tudo está perdido; os inimigos de Deos estão junto á pessoa de V. Magestade, em vossos Tribunaes, e em os vossos Exercitos. » Respondeo ElRei: » Não sabía o que me contais: recobrai todos os vossos direitos, eu vos revisto de huma authoridade absoluta, obrai o que entenderdes. » Seguio-se reviver a Inquisição, e ser prezo D. Paulo de Olavides. (Carta escrita de Madrid a Mr. Linguet, que vem no 1.° Tomo dos Annaes Politicos deste author a pag. 400 e seg.)

sobre Atheismo e Superstição, e *emendando* os erros (e não forão poucos) que tinhão escapado ao tal Abbade sobre as Colonias Hespanholas. Aqui temos pois a obra debaixo de outras feições, e já verdadeiramente proficua aos leitores: e assim devia praticar-se em todos os Reinos Catholicos.

Texto.

O segredo impenetravel que cerca as denuncias e o modo de proceder, e que tolhe a acareação das testemunhas com o réo, he de tudo quanto se pratica nesse horrendo *Tribunal o que se oppõe mais directamente á boa razão, e á propria santidade do Evangelho.*

Censura e commentario.

Estes argumentadores, que pela maior parte são Mações, *e tem muita honra nisso*, deverião estar *mudos e quedos sem tugir nem mugir* todas as vezes que se tratasse de segredo. Elles, que são manifestamente huns rebeldes, huns conspiradores, hão de ter hum segredo inviolavel nas suas manobras, de maneira que todos os punhaes da confraria se levantem contra o falso Irmão que se atreva a quebrallo e descubrillo; e os que tratão de manter a pureza do Christianismo, por andarem cercados de hum segredo impenetravel são os criminosos de lesa-jurisprudencia civil, e de lesa-humanidade!!! Examinemos porém o amago da cousa. Assentárão os nossos maiores que se as denuncias desta importancia fossem publicas terião cessado immediatamente, pela natural repugnancia que tem os homens de expor os seus similhantes pelo menos a hum gráo de infamia, que se transfundia aos seus mais remotos descendentes, e por isso abraçárão o systema das *denuncias occultas.* Eu me explico melhor. Manda ElRei aos Bispos que informem dos Parocos e Sacerdotes que forão muito apegados ao systema constitucional, por ser prejudicialissimo que taes homens confessem, préguem, e apascentem o rebanho do Senhor. Envia-se a ordem pelos Arciprestados; e que ha de succeder? Torna-se ociosa e inutil, porque he sabido que apenas chegarem as contas ou denuncias á Camara Ecclesiastica de tal e tal Bis-

pado, terão logo aviso os deliquentes *afilhados*, e primeiro que tudo surdirá hum formigueiro de odios e de intrigas, que se terião poupado se houvera hum segredo impenetravel, e que tem posto os informantes (eu o sei com toda a certeza) nas durissimas circumstancias de palliarem ou de encobrirem a verdade. Eis-aqui o ponderoso motivo que ainda hoje faria indispensavel o segredo nos assumptos da competencia do Tribunal do S. Officio. Entre tanto o réo he sabedor das accusações, e póde contrariallas... Era cousa essencial (instão os Pedreiros) que soubesse o nome das pessoas, que, sendo seus inimigos, só por esta circumstancia desmereceriao todo o credito. Soceguem estes zelosos; a circumstancia de inimizade não podia escapar ás miudas averiguações do Tribunal, o mais recto, o mais imparcial, e o mais incorruptivel de quantos existião neste Reino.

Conclusão aos bons Portuguezes.

Meus concidadãos, estranha e bem estranha cousa he para mim, que tendo já fervido as supplicas e representações de Bispos e Cabidos ao actual Governo de Hespanha para que se restabeleça a santa Inquisição, como unico remedio para os males que as seitas tenebrosas esparzírão ás mãos cheias sobre esta desgraçada Peninsula, ainda não vissemos huma só representação do mesmo teor ao nosso clementissimo e religiosissimo Soberano lançada nos mesmos papeis publicos, onde temos lido com edificação e ternura as dos nossos vizinhos Castelhanos. O voto nacional he que se restabeleça a Inquisição no seu verdadeiro pé, e que o saber christão e a vida irreprehensivel sejão os verdadeiros gráos academicos, que habilitem o Clero secular e regular para os lugares mais eminentes daquelle Tribunal. Inquisição branda, condescendente, escrava dos Ministros de Estado, e onde possão entrar Pedreiros Livres, não agrada nem convem aos Portuguezes, que assás tem chorado a promoção de sujeitos indignos, e de reputação mais que suspeita, ao santo ministerio de julgar as causas da Fé! Quem vos impede que leveis aos pés do Throno huma vontade racional e christã, que não he bom fique encerrada em vossos corações, quando se trata de mostrarmos á face do mundo

que somos e queremos viver e morrer Catholicos?.. Temereis acaso por effeitos de caridade christã, que deve abranger os nossos maiores inimigos, que se accendão as fogueiras, e que os Pedreiros Livres sejão queimados aos centos? Desterrai por huma vez esse temor panico, suggerido manhosamente pelos nossos maiores inimigos. Ainda que o ultimo Regimento do Tribunal não fosse de tal natureza que socega todos os receios, por isso mesmo que he tão subido o numero dos criminosos, importa e convem que se adoce o rigor das penas; e se em todos os Tribunaes deve reinar para o diante a mais escrupulosa attenção no fiel desempenho dos seus deveres, para que não apontem as *saudades constitucionaes*, muito mais deverá ser attento e escrupuloso em summo gráo hum Tribunal, que tem armadas contra si todas as opiniões dos malvados, e todas as potencias infernaes. Duvidareis ainda se a Inquisição he boa ou má?.. He boa, porque no seculo 16 livrou os Portuguezes de serem Lutheranos, Calvinistas, e agitados por todos os ventos de más doutrinas. He boa, porque no seculo 18 livrou esta Nação de pertencer á seita dos Pedreiros Livres. He optima, porque no seculo 19 pareceo a estes inimigos do Throno e do Altar que só extinguindo-a poderião levar ao fim os seus perniciosos e execraveis intentos.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 21.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

O CÃO DE FILA.

Quando ao concluir o n.° 17 deste Punhal arrumei a penna sem dar attenção á *matilha de gozos* litterarios, raça de que abunda o nosso Paiz, estava eu muito longe de pensar no encontro que tive de hum tremendo e assanhado *Cão de fila*, que ladrou á sua vontade, sem apparecer huma alma de Deos que o enxotasse e corresse á pedra. He o caso: deitei-me com unhas e dentes a examinar e revolver o immenso armazem de loucuras e sandices, de heresias e impiedades, que ha pouco era adorado entre nós como se fôra alguma *inspirada emanação dos Ceos*, id est, Diario das Cortes Lusitanas; e a pag. 2917, Diario n.° 216 da primeira legislatura, ou *caricatura* da *Magestade*, li o seguinte:

» Com que direito podia o Senhor D. Affonso Henri-
» ques, posto no alto da Serra dos Carvalhos, dizer (se he
» que o disse pois a maior parte das cousas, que andão es-
» critas pelos cartorios dos Frades, são patranhas que elles
» se pozerão a inventar nas cellas depois de terem a barri-
» ga cheia á custa do pobre lavrador) mas torno a dizer,
» com que direito podia o nosso primeiro Rei dizer do alto
» daquella serra: Tudo quanto aqui estou vendo agoas ver-
» tentes ao mar por huma linha tirada desde Obidos pelas
» cimalhas de Aljubarrota até Porto de Muel, com suas

» agoas e ventos, tudo dou de propriedade aos Monges de
» S. Bernardo, para aqui fazerem hum Mosteiro. Por ven-
» tura podião os Reis dispor deste modo do territorio da
» Nação, e mandar que quantos nelles morassem paguem o
» quarto de seus frutos áquelles ociosos frades? Direito de
» conquista, nos respondem. Assim o dizião os Romanos,
» nós podemos na guerra matar os vencidos, logo tambem
» podemos reduzillos a escravos, e ficar exercendo sobre el-
» les o direito de vida e morte. E que? D. Affonso con-
» quistou só, ou empregando os braços e as vidas daquelles
» mesmos, de cujos bens tão livremente dispunha? Com que
» direito podia a nossa saudosa Rainha dizer: Tenho devo-
» ção de fazer hum Convento de Carmelitas que seja bem
» rico, e por tanto todos os cultivadores do extenso reguen-
» go de Tavira paguem para elle o terço ou quarto de quan-
» to lavrarem? Que! os Reis são senhores do fruto do suor
» de quem trabalha, para o darem a quem não trabalha? »

Assim ladrou e tornou a ladrar, em quanto as *mui circumspectas e sizudas galerias* fazião vir abaixo com vivas o Salão das *Necedades*. Segue-se tratallo agora de maneira, que *esse cão de fila* se converta em *cachorinho fraldeiro*, e o Deputado fique tão bem *decotado* que nunca mais torne a dar frutos de tão má qualidade, pois infelizmente ainda ha muitas povoações deste Reino que ainda hoje se saboreão da tal frutinha, ou, para sustentar melhor a allegoria do principio, ainda nos ouvidos dos Alcobaceiros, dos Aljubarroteiros, dos Peoens, ou do Paião, e dos Paneleiros da temivel assentada de S. André de Poiares, resoão aquelles fataes *latidos*, e causão grandes ruinas. Vamos por partes.

» Se o fez etc. » Duvída S. Excellencia Republicana (he bem para notar que estes *sans culottes* lambião os beiços á Excellencia que nem que ella fosse natural a hum bando de furiosos revolucionarios!) duvída S. Excellencia que ElRei D. Affonso Henriques fizesse o voto de edificar o Mosteiro de Alcobaça huma vez que conseguisse a tomada de Santarem! Ah pobre coitado, que nem sequer leo a Chronica de ElRei D. Affonso Henriques, outr'ora traçada por Fernão Lopes, e concertada ou reformada por Duarte Galvão, que falleceo em 1517, muito antes que viesse

ao mundo o *ocioso* Fr. Bernardo de Brito; e o que he mais não lhe sendo estranha a poeira dos cartorios, nunca vio a bulla do S. Padre Leão X, dada em Roma a 30 de Novembro de 1514, onde os Mosteiros de S. Cruz de Coimbra e o de Alcobaça vem dispensados da collecta para o augmento das commendas da Ordem de Christo, que assim o quiz ElRei D. Manoel, em quanto ao primeiro por ser o jazigo dos Reis de Portugal, e em quanto ao segundo por causa do voto que ElRei D. Affonso Henriques fizera de o fundar *em attenção á conquista divina*, e concedida pelo Ceo, de huma *praça forte dos Mouros* etc. etc. . . . mas em fim agora prescinde-se inteiramente de taes votos, e a principal mira dos *sabichões* modernos tem sido desassombrar de prodigios a fundação de Alcobaça; e tal houve que se rio da *pueril credulidade* dos eruditos Cistercienses Hespanhoes Manrique e Henriques, por terem *a fraqueza* de acreditarem que nosso Pai S. Bernardo fizera mais este milagre, além dos muitos e incontestaveis, que só negará o mais emperrado sceptcismo. Por que modo se havião de empolgar as riquezas deste *Cresso Lusitano*, desta Abbadia *opulentissima*, senão desacreditando-lhe huma origem, que penhorava em certo modo os Soberanos piedosos como ElRei D. Manoel, para que sempre a defendessem e privilegiassem? Os taes *cem mil cruzados* de renda fazião bom geito, e oh que geito! para se estabelecer naquellas terras algum *Vizir Pedreiro*, algum veneravel, que os distribuisse na *filantropica* missão de corromper a mocidade, e de a fazer cahir nos ardilosos laços do Maçonismo. Que felices serião os coutos de Alcobaça feitos huma colonia de Mações, e outra Filadelfia!!!

Que bem trazido não he o lugar commum dos Monges fabricadores de doações! Se algum o fez são todos comprehendidos na irrevogavel sentença dos *criticos* ou Mações ou *apedreirados*; e embora lhes obstem as regras da mais apurada critica, o systema ha de ir por diante, e *não volta atrás*, e as doações aos Monges, quando não sejão fabricadas pelos *taes ociosos de barriga cheia*, são monumentos de estupidez e fanatismo!!! Ah cachorro, que já te esqueces das vezes que os Frades de Alcobaça te enchêrão a barriga, em quanto elles no refeitorio erão obrigados a fazerem cru-

zes na boca... pois esses mesmos dias, em que te franqueavão a mais generosa hospitalidade, erão das maiores privações para hum Mosteiro que fôra tão maltratado pela invasão franceza!!!

„ Com que direito podia dispor do territorio da Nação? „

Muito obrigados lhe estamos de nos fazer a todos seguidores do Alcorão! Quando se fazia o voto era ainda dos Mouros esse territorio, e mui duvidosa a sua occupação, de maneira que ElRei sem esperar nada das forças humanas remontou ás Divinas, que sem estas mal poderia levar ao cabo tamanho e tão arriscado feito de armas. O nosso Gedeão teve a *imperdoavel fraqueza* de se entregar todo nas mãos de seu parente S. Bernardo; e o mais he que logo contou com a victoria.

Pertenceo aos duzentos e cincoenta soldados que tomárão Santarem o riquissimo despojo de tão importante fortaleza, que era como a chave das possessões mourescas em a nossa Extremadura; e querer agora *hum cão de fila* que aos duzentos e cincoenta tocavão por direito aquellas terras conquistadas, sem que o Soberano tivesse acção para dispor do que era pela maior parte inculto, he *apertar muito os cordeis*, e regatear demasiadamente o preço das acções heroicas... Não diz *Sua Excellencia* hum pouco abaixo, e na mesma columna, que não leva a mal que se assinem a eminentes serviços recompensas avultadas, e por isso não julga desacertada a pensão de dez contos de réis a Lord Wellington, que nos livrou dos Francezes? E hum Rei, e que grande Rei!! natural de Guimarães, que em todo o caso era cousa nossa, de que muito nos devemos honrar, e que nos livrava dos Mouros, não teria as mãos soltas para dar aos Filhos de S. Bernardo humas terras, que nesse tempo não valião dez contos de réis? Fóra com tal direito; que se para isso he que se queimão as pestanas e revolvem os cartorios, he melhor não professar taes estudos!

„ Por ventura (continúa o ladrador) podião os Reis dispor deste modo do territorio da Nação, e mandar que quantos nelle morassem paguem o quarto de seus frutos áquelles ociosos frades?

Por ventura podião os Reis de comedia dispor do di-

nheiro da Nação, e mandar que se pagassem quatro mil e oitocentos réis diarios a quem só tratava de si, e levava horas e tempos esquecidos a deliberar sobre o uso da palavra *arenga*, e sobre milhares de questões ociosas e ridiculas? Eis a verdadeira resposta aos ladridos de tal jaez.

» Direito de conquista, nos respondem etc. »

Que bem trazida não he aquella especie historica dos Romanos, que fazião escravos e exercitavão sobre elles o direito da vida e da morte! Olhe, Senhor Bartholo feito á pressa, ElRei D. Affonso Henriques era Christão pela graça de Deos, e teve a fortuna de nascer muitos seculos antes da invenção das *trolhas maçonicas*, por isso nem fez, nem soube fazer nunca dessas avarias dos Romanos, que erão pagãos e idolatras, e como taes dirigião todas as suas emprezas militares.

» E que? D. Affonso Henriques conquistou só, ou empregando os braços e vidas daquelles mesmos, de cujos bens tão livremente dispunha? »

Que discrição! Era caso de que o sanhudo Preopinante limpasse a mão á parede. De quem erão as terras? Se erão dos Mouros, para que accusas hum Rei, hum heroe, e hum santo (quizera chamar-lhe antes veneravel, porém o uso maçonico da tal palavrinha me embaraçou de usar della) de estar dispondo do que já era dos seus vassallos?

Não contente de *ladrar* aos Reis passados, tambem ousaste *ladrar* á mui Alta e mui Poderosa Rainha a Senhora D. Maria I, por ter fundado o Convento da Estrella, e rompes nesta desatinada arenga:

» Com que direito . . . podia dizer . . . Tenho devoção de fazer hum Convento de Freiras Carmelitas etc. »

Com que direito? Com o direito que lhe asseguravão as suas eminentes virtudes, mais de huma vez reconhecidas pelo Vigario de Jesu Christo na terra. Com o direito de quem soubera portar-se de tal maneira, que conseguio a mais exacta neutralidade na guerra que se moveo entre a França e a Inglaterra sobre as Colonias Americanas, poupando assim os bens e o sangue dos seus povos. Com o direito de quem fizera attrahir para as nossas praias toda a riqueza do universo a ponto de se encher e como trasbordar o Erario Regio. Com o direito de huma Soberana, que con-

tou, e devia contar se necessario fosse (que certamente o não era) com a mais submissa e rendida vontade dos Portuguezes, que nesse tempo ainda caprichavão todos de serem Catholicos. Com o direito que assiste aos Imperantes Christãos para fazerem votos, que talvez fossem tachados de menos respeitosos á Divindade, se fossem mais apoucados. Ora que tenhão os Reis o *salvo conducto* da Maçonaria para erigirem theatros sumptuosos, e que apenas se lembrão de imitar o grande Rei Salomão construindo algum templo ou convento magnifico, sejão logo apupados como roubadores do suor das nações? Onde *se emprega* bem o suor das nações he certamente nos dez mil cruzados que se derão ao transfuga, ao revolucionario Pepe, em quanto milhares de familias portuguezas morrião de fome... e tudo o mais he confusão!!!

Ai que me ralhão e fazem biquinho os taes Senhores, que tendo *bullas para tudo*, v. g. para estamparem nos *Censores e Reforços* quantas injurias lhe sahião das venaes e mal aparadas pennas, mettem agora a cousa ao serio, e toda a sua força he desviarem de cima da cabeça a tormenta do ridiculo que os perturba e que os aterra... Ora pois não levemos as cousas nem tanto ao mar, nem tanto á terra; brindemos estas criancinhas com alguma cousa seria que lhes convenha, e se eu, pelas regras da decencia e gravidade monacal, sou inhibido de gracejar com elles, que remedio tenho senão descer a viseira, metter-lhes medo, e gritar que vem lá

O Papão.

E qual será elle? Será algum novo Adamastor, que só pintado toscamente faça arripiar os cabellos? Não, Senhor, he cousa maior e mais temivel. Será por ahi algum homem *montanha*, algum novo Atlante, ou alguma dessas visarmas que atirárão com hum rochedo onde pascia hum rebanho de cabras, como quem se divertia a jogar a pella? Não, Senhor, he cousa ainda maior. Então visto isso, dirá algum dos meus leitores já zangado e impaciente, será o Diabo do inferno, ou cousa que o valha? Para os Maçães, que não acreditão que ha Demonios (talvez por lhes pertencer *in solidum* esta honra), ha outra cousa mil vezes mais abominavel. He... he... he... a palavra

Vassallo.

Eis-aqui a pedra de escandalo para os Mações, o cunho da superstição, e da ignorancia de quantos degradão e prostituem a altissima dignidade do homem para renderem cultos a outro homem; eis-aqui a infallivel resurreição do execravel direito feudal com todo o pezo das suas antigas preeminencias; e tal he a força *da infernal palavrinha* que, se por nossos peccados tornarmos a usar della, vai tudo pela agoa abaixo, adeos felicidade nacional... adeos glorias lusitanas... porque assim o querem os Pedreiros Livres... Sei que o nosso amabilissimo Rei o Senhor D. João VI, que Deos guarde e prospere por largos annos, talvez pelo justo receio de que os Mações tirassem da palavra *vassallo* o mesmo partido que tirárão ou quizerão tirar, mas em vão, do grito de *Rei absoluto*, cingio-se ás circumstancias; e como nem ainda remotamente offendo a S. Magestade se tomar a peito a defensão de hum nome, que tem sido aquelle com que os Portuguezes vencêrão os Mouros, vingárão a independencia nacional, descobrírão novos caminhos para as regiões do Oriente, repozerão no throno a excelsa Casa Brigantina, e arrojárão para alem dos Pyreneos as numerosas e guerreiras hostes de Bonaparte, entrarei seguro e dessassombrado nesta discussão historico-critica.

Que vem a dizer esta palavra tão aborrecida dos Mações? Nos seus volumes em doze e vinte e quatro importa a idéa do servilismo e da sujeição feudal; porém cá nos meus volumes *in folio* tem outra accepção bem contraria. No Glossario da media e infima latinidade de Ducange, por certo a melhor obra deste genero que se conhece em toda a Europa, eu vejo, desde os Capitulares de Carlos Magno até aos Decretos dos Reis Francezes dos seculos treze e quatorze, multiplicados testemunhos de que vassallo era hum nome honroso, e dos mais estimados naquellas eras; o que he tanto verdade, que se aquelle nome ás vezes parece menos honroso, então mesmo, segundo a opinião do Benedictino P. Carpentier, addicionador e supplementador daquelle Glossario, significa *homem corajoso*, *bravo*, *e intrepido*, e talvez porque estas prendas são mui alheias do *systema pedrei-*

ral, dahi venha terem aversão a huma palavra que lhes aponta o que elles não tem sido, e parece que tem absoluta negação para o serem.

Em todo o caso importava que se consultassem os monumentos da Historia Portugueza, que nem esses escapárão ao sabio Ducange (*); porém os nossos *sabichões* alcançárão ha muito das sociedades tenebrosas huma dispensa de baterem a outras portas, que não sejão as dos authores hereges, impios, e revolucionarios, e por isso não sabem a *digressão* que o abalisado Chronista Mór Fr. Antonio Brandão fez sobre este assumpto, e que vou exarar não sómente para confusão dos taes Pedreiros, mas tambem para ensino de muitos bons Realistas, e até de Prégadores, que fogem da palavrinha como quem se escalda e teme injuriar os Portuguezes.

„ He para notar o titulo de vassallo, que ElRei dá a Gonçalo de Sousa. Para o que he de saber que este nome *vassallo*, segundo alguns, se derivou da palavra *vasso*, que significa inferior; e sendo assim que por esta causa competia a toda a sorte de gente sujeita a algum Principe, com tudo com particular apropriação se começou a accommodar só áquelles que recebião dos Reis alguns favores, como senhorio de terras, tenças, dignidades, como declarou ElRei Dom Affonso o sabio nas partidas, dizendo: *Vassallos son aquellos, que reciben honra, e buen hecha de los senhores, assi como cavallaria, o teerras, o dineros, por servicio señalado.* E por esta causa naquelle tempo antigo não convinha este titulo senão a gente principalissima, quaes erão os Condes e Ricos homens, e Capitães famosos que mais se assignalavão no serviço dos Reis, e com quem elles repartião mais largamente do seu, segundo consta de doações e historias. A folhas quarenta e seis do primeiro livro de ElRei D. Fernando se falla no Conde de Barcellos Dom João Affonso por esta maneira. *Fazemos saber que esgoardando nos*

(*) Serve-se da Carta de Feudo a Claraval pelo Senhor D. Affonso Henriques, para mostrar o que era de honroso o nome de vassallo! He cousa galante, que os nossos *sabichões* tenhão por apocryfo hum documento achado por Ducange no proprio arquivo de Claraval!!!

como Dom João Affonso nosso fiel vassallo, e conselheiro, etc. E no mesmo livro a folhas cento e nove está huma escriptura que começa: *Carta por que o dito Senhor* (entende-se o mesmo Rei Dom Fernando) *mandou entregar huma terra de Pena com a Igreja do Salvador, e taballiados do dito logo ao Conde Dom Gonçalo seu vassallo em pagamento de sua contia.* He a data della em Santarem a vinte e nove de Maio da era de mil quatrocentos e vinte e hum, que he anno de Christo de mil e trezentos e oitenta e tres. De sorte que aos Condes, que antigamente era o maior titulo que havia, competia o titulo de vassallo, e se lhes dava por honra e preeminencia grande. E que se não desse senão a gente de grande qualidade declara a Chronica de El-Rei Dom Pedro, quando diz delle: *Foi grande creador de fidalgos de linhagem, porque naquelle tempo se não costumava ser vassallo senão filho, neto, ou bisneto de fidalgo de linhagem.* Não só aos homens, mas tambem ás mulheres illustres se dava o titulo de vassallos, como se póde ver em doação que a Rainha Dona Tareja faz ao Mosteiro de Pedroso do lugar de Santa Cruz, cuja data he na era de mil e cento e cincoenta e cinco, que vem a cahir no anno do Senhor de mil e cento e dezesete, e diz desta maneira: *Ego Regina Tarasia de Portugal Regis Alfonsi filia, tibi Ausenda Gunsalvis vassallæ meæ, placui mihi per bonam pacem, et voluntatem, ut facerem tibi cartam de hæreditate mea propria, quam habeo in villa, quæ vocitant Sanctæ Crucis in territorio Portugal subtus mons grande, discurrente rivulo Feveros.* Quer dizer. Eu Dona Tareja Rainha de Portugal, filha de ElRei Dom Affonso, a vós Ausenda Gonsalves, minha vassalla, foi meu gosto, pela affeição e amor que vos tenho, de vos fazer escritura de minha herdade propria que tenho na villa que chamão de Santa Cruz na comarca do Porto abaixo do monte grande, onde corre o rio Feveros. Sendo pois Gonçalo de Sousa Rico homem e hum dos principaes senhores de Portugal, com razão lhe competia o titulo de vassallo; e a fidelidade que ElRei lhe attribue mostrou bem em todas as occasiões do serviço do mesmo Rei, de que se tem advertido alguns lanços particulares.

Pelo tempo adiante se estendeo o nome de vassallo, e

coube a gente de menos qualidade, quaes erão os soldados particulares, que estavão alistados para seguir a guerra. Porém não foi isto só do tempo de ElRei Dom Affonso V adiante, como alguns querem, mas muito antes, como se vê do capitulo nono da primeira parte da Chronica de El-Rei Dom João o primeiro, quando o Mestre d'Avis pedio á Rainha Dona Leonor lhe mandasse dar mais gente para defender a comarca d'entre o Tejo e Guadiana, onde o Chronista diz as palavras seguintes: *Ella mandou chamar logo João Gonçalves escrivão da puridade, que visse os livros dos vassallos daquella comarca, e que desse ao Mestre quantos quizesse.* Erão estes soldados (que chamavão aconteados, por estarem alistados em certo numero) assim de pé como de cavallo, e por vezes se alistárão neste Reino, para constar aos Reis das suas forças que tinhão, e terem milicia prestes para as occasiões que se offerecessem. O nome de vassallos se lhes applicou pela mesma causa que aos grandes senhores pelos soldos e mercês que recebião dos Reis, e pelos serviços que lhe fazião. Em o tempo presente parece que o nome de vassallo naquella particular significação está extinto, e de especial se fez geral, e comprehende todos os subditos do Reino. » (L.º XI da Mon. Lusitana C. 3 fol. 208 e seg. da primeira edição).

Conclusão.

Que tal! Que dizeis a isto, pedantes dos quatro costados, e os mais atrevidos de quantos apparecêrão até hoje na *terra classica* do patriotismo e da lealdade? Assusta-vos a palavrinha, porque vos faz recordar da sujeição feudal? Ouvi nesta parte o Abbade Corrêa da Serra, que em 1805 pensava desta maneira sobre o assumpto que vou tratando.

» Esta Monarquia (de Portugal) que acabava de ser fundada por hum heroe, e em circumstancias todas particulares, era talvez o unico governo regular que então havia na Europa. Não tinha ella *de feudal senão algumas* fórmas inevitaveis nesses tempos, mas pelo fundo não o era, pois não constava de povo servo e povo conquistador. O poder dos *vassallos* da Coroa era mui limitado, e a authoridade do Principe estava por toda a parte em contacto com todos os

seus *subditos* (sujets) que elle protegia, e que lhe obedecião com huma extrema lealdade (*). » Ponhamos em fim de parte a dissimulação, que nunca se deve guardar comvosco. Assusta-vos a palavra pelo melhor e mais honroso sentido que ella póde ter. Os vassallos dão a vida pelo seu Rei, e muito embora não aprovem os designios do Soberano, assim mesmo vão morrer com elle nos campos de Africa, bem como fizerão os vassallos de ElRei D. Sebastião. Quanto a mim, eu nunca morreria pela causa de huns *farrapões*, que tão aleivosamente usurpárão os direitos da Magestade. Por Deos e pelo Rei he a minha divisa, e por isso ainda hoje me enleva e arrebata a nobre simplicidade do epitafio transcrito no epitome de Faria:

Hic jacet Antonius Peres
Vassallus Domini Regis etc.

Malditas sejão as novidades que tem corrompido o nobre caracter Lusitano!! Praza aos Ceos que ellas se cheguem a exterminar deste Reino!! Que só poderia tornar a ser feliz se tornassam a apparecer os costumes antigos!!

(Artigo de Fr. Fortunato de S. Boaventura Monge de S. Bernardo, e vassallo de ElRei D. João VI nosso Senhor).

(*) Archives Litter. de l'Europe T. 7 p. 274 e seg.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 22.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

Bulla Anti-Carbonaria.

» Ora estes heroes e campeões do fanatismo (dizia eu
» ironicamente em o N.° 84 da Gazeta Universal 1822) que-
» rerem resistir a huma Bulla Pontificia das que obrigão pa-
» ra cá dos Montes, o que não succede á outra Anti-Carbona-
» ria, que ficou emprazada para além dos Alpes! O Papa
» será fallivel em tudo, que assim o dizem e apregoão cam-
» panudos Theologos e Canonistas . . . porém quando facul-
» ta huma dispensa favoravel ao *corpinho*, e lisongeira aos
» paladares, então he mais que infallivel ! ! !

Desta arte mettia eu a bulha os nossos Regeneradores, cujos desatinados esforços para se abrigarem do raio que os feria de morte, assás nos dão a entender que elles proprios se julgavão comprehendidos na censura . . . Assentando que era ainda muito cedo para passarem por excommungados na opinião do vulgo *credulo e supersticioso* (synonymos exactissimos de fiel e religioso no Diccionario pedreiral), tratárão de enredar a questão para ganharem tempo, que a final chegaria (se Deos o permittisse para nossa desgraça) o de terem muita honra, não sómente de serem excommungados, mas até de se proclamarem Atheos positivos e desamarrados! Assás discutido está o ponto de que as novas deno-

*

minações de Carbonarios e de Jardineiros não livrão das censuras a seita condemnada em todas as suas ramificações e diversas *alcunhas*, precaução esta de que sabiamente usárão os Santos Padres Clemente XII, e Benedicto XIV, mais attentos, como o devião ser, ás cousas que ás palavras. As distinções, que o celeberrimo Abbade Medronense excogitou para salvar a pelle dos seus queridos Mações, tem sido *varejadas e açoutadas* de hum modo tão decisivo e triunfante, que por certo me poupa aos cuidados de entrar em novas refutações. Entretanto as Bullas todas, seja dos mencionados Pontifices, seja do Santo Padre Pio VII, coincidem no ponto assás liquido, até da filosofia pagã, de serem reconhecidamente pessimas quaesquer associações illegitimas e tenebrosas; e além dos motivos allegados para a condemnação do Maçonismo, suppõem a existencia de outros, e nomeadamente as providencias tomadas pelos differentes Soberanos da Europa. Foi este o motivo, por que me pareceo conveniente explorar na historia dos seculos 17 e 18 o que poderia haver de mais certo e provado nestas materias, pois eu não me posso defender de hum certo enjoo todas as vezes que os AA. das obras Anti-Maçonicas se remettem *aos AA. que lhes forão presentes*, sem ao menos terem o cuidado de lhes citarem os nomes, que tantas vezes só de per si ou recommendão, ou destroem a força dos testemunhos. Abrindo pois hum caminho até agora dos menos trilhados, para justificar os anathemas que até hoje se fulminárão sobre as innumeraveis cabeças da hydra Maçonica, direi primeiramente duas palavras da

Origem da seita dos Pedreiros Livres.

Ponho de parte as genealogias Maçonicas, todas arbitrarias e cereberinas, quando remontão acima do seculo XVI. A fabula que os tem feito descender dos edificadores do templo de Salomão, que he, para assim dizer, o maravilhoso da Historia Maçonica, a meu ver só tem huma realidade bem facil de conhecer e penetrar até pelos menos versados na tortuosa vereda, que de ordinario levão as seitas, heresias, e mais desmanchos da razão humana.... São *Pedreiros* que se lisongeão de emendar a mão ao proprio Author da Natureza e do Evangelho; e só esta horrivel

maxima sería bastante para os fazer exterminar do gremio de toda a sociedade religiosa ou civil. A opinião de muitos sabios, e nomeadamente dos Allemães, que fazem descender o Maçonismo da extincta ordem dos Templarios, ha sido completamente refutada, como advertio, e muito a proposito, o Abbade Corrèa da Serra, explicando-se desta maneira (*): » Alguns sabios tem procurado os successores (dos » Templarios) nas sociedades secretas, que não são admittidas pela Igreja, nem reconhecidas pelo Estado. Não haveria cousa melhor para provar actualmente que foi justa » a sua catastrofe, do que mostrar que elles continuárão a » associar-se debaixo de huma fórma, que, por mais indifferente que podesse ser o seu fim, *tem sempre huma apparencia de facção*... Felizmente para a sua memoria os » homens atilados sabem o que hão de seguir no tocante a » estas filiações quimericas. »

Li com attenção o decreto de Henrique VI Rei de Inglaterra, que já em 1424 condemnou de perturbadora da ordem publica a sociedade ou confraria dos Pedreiros; o que sendo mui notavel, nem por isso mostra que já nesse tempo houvesse outra cousa mais do que hum *typo* ou molde de *amotinadores*, assim como a nefanda heresia dos Libertinos, instituida no seculo XVI, quiz arrogar-se a preeminencia de ter por seus avoengos esses Libertinos de que se faz menção nos Actos Apostolicos. Ora a Encyclopedia Britanica offerece a este proposito algumas considerações, que se devem tomar em linha de conta; ainda que eu, como se irá vendo para o diante, não abraçarei todas as hypotheses que alli se propõem. He bem sabido de historia, que houve na Inglaterra hum sem numero de fundações de Igrejas e Mosteiros, como se póde ver mais a fundo na excellente obra, que se intitula — Monasticon Anglicanum. — Esta multiplicidade de fundações, que elles tachão de mania, chamou de todas as partes da Europa hum crescido numero de Pedreiros, que por este incidente se reunírão em sociedade ou confraria, a

(*) Archives Litteraires de L'Europe, etc. Tom. 7. pag. 273. Edição de Paris 1805.

que os Soberanos de Inglaterra concedêrão taes prerogativas, que até os nobres, assim ecclesiasticos como seculares, derão nome á sociedade; e querem os Encyclopedistas Inglezes que daqui proceda o serem chamados Pedreiros alguns Bispos e Titulares ainda antes da refórma de Luthero. Sem negarem absolutamente o que se passou na morte do seu Rei Carlos I, querem attribuir aos Pedreiros a gloria do restabelecimento do Throno Inglez, e contendem pela innocencia dos seus compatriotas, que sim communicárão á França, á Hollanda, e a outros Reinos Europeos a setta Maçonica, porém totalmente despida desses horrores, por que ella se tem annunciado, especialmente naquelle primeiro Reino. Seja o que for da Maçonaria Anglicana, e da sua decantada *pureza*, eu tenho para mim que cedo ou tarde ella dará signal de si no proprio Reino, que tanto a afaga e protege; e voltando á Maçonaria *sordida e revoltosa*, digo que as facções Inglezas do tempo de Cromwel acabárão de a estabelecer e organizar. Entretanto a seita foi mais hypocrita e mais ardilosa em seus principios, do que se tem mostrado ultimamente. Cromwel tinha decretado a morte de Carlos I em huma sociedade secreta, e foi-lhe necessaria toda a sua austucia para desviar do Parlamento os affeiçoados ao Rei, e fazer chegar os Communs a hum numero em que elle tivesse a mais decidida preponderancia.... Pela identidade das frases então usadas, e que de presente se usão entre os Mações, se póde tocar com o dedo, para assim me explicar, na origem do Maçonismo. Entre os differentes papeis impressos daquelle tempo, que forão vistos e examinados por Mr. Chateaubriand, encontra-se hum intitulado — Terna visitação do amor do Padre a todos os filhos escolhidos: ou Carta ás mui justas *Congregaçôes* reunidas *em a Luz*, e são os adoradores do Padre em espirito e verdade. — Aqui temos pois o caracter de filhos ou amigos da Luz, como elles ainda hoje se denominão, com tanto opprobrio de razão como affronta do Evangelho. Em outro escrito do mesmo jaez acha-se o seguinte: „ Curvai-vos, curvai-vos, arvores mui desdenhosas; „ e vós, carvalhos levantados; vòs, altos cedros e pequenos „ silvados, gritai com todas as vossas forças; escutai, escu„ tai vagas orgulhosas, e vós, mares indomaveis; escutai „ tambem vós, escuma aspera, nua, incircumcisa, e en-

» raivada, que aborreceis a reforma (1). » Repare bem o meu leitor nesta *eloquencia frenetica*, e póde ser que veja o typo de muitas vociferações que atroárão a sala das *Necedades*. Não corre pois a menor duvida que o Maçonismo se arvorou em seita, compoz os seus rituaes, estendeo as suas correspondencias no centro da propria Ilha, donde em breve tempo se derramaria por toda a Europa, assim como a liberdade de pensar, tão funesta para os Reis como para os seus Vassallos, se fez, para assim dizer, systematica pelas obras dos Filosofos inglezes, e nomeadamente pela *obra classica* dos Pedreiros, que he a do impio Collins, sobre estas materias. Pouco antes de que elles atravessassem os mares, tinhão divulgado, como de reserva para algum máo successo, huma breve historia dos seos ritos e ceremonias, que se imprimio em Londres (1723); e era tal a desprevenção que havia no Continente sobre a seita Maçonica, que o grande Leibnitz, tratando incidentemente do que era hum Rosa-Cruz, adverte o seguinte: » Sou de opinião que tudo o que » se tem dito dos Irmão da Rosea-Cruz he pura invenção » de alguma pessoa engenhosa, (2) » se bem que logo adiante faz menção dos *Free Thinkers* (Livres pensadores), que se não forem o mesmo que Pedreiros Livres, são, pelo menos, seus mui proximos parentes. De todos estes argumentos se conclue que a apparição, e como generalidade da seita, pertence ao seculo 18, e como taes são apontadas pelos bons historiadores ecclesiasticos e profanos, como se irá vendo em pequenos artigos.

1.ª *Apparição em* 1734.

Foi á Hollanda, como paiz de maior contacto e analogia com os fundadores e propagadores do Maçonismo, que tocou a infausta gloria de ser o primeiro Reino da Europa onde se instituírão sociedades e abrírão lojas maçonicas. Tanto que a peste deo sinaes claros de ter lavrado no Con-

---

(1) Essai Histor. Polit. etc. sur les revolutions. Londres 1815 pag. 318 — 320.

(2) Leibnitz. Opera Philologica pag. 329 do Tom. 6.º das suas obras.

tinente, deo logo muito em que cuidar ás authoridades civis, e especialmente ás de Amsterdão e de Haia. Alterárão-se os cidadãos pacificos; e sem embargo da declaração vulgar dos Pedreiros de que não tinhão nada que fosse contrario á ordem publica, o menor crime, que então se lhes imputou, foi o de conspiração contra o Estado. Andando as cousas em huma especie de incerteza a mais inquieta e violenta, fizerão-se os Pedreiros daquella ultima cidade tão audazes, que lançárão nos papeis publicos que tinhão aberto a sua *Loja* em presença do Grão Mestre João Cornelio Radermaker, Thesoureiro geral de Sua Alteza o Principe de Orange, e de hum Deputado Grão Mestre, que elles nomeavão. Os Estados de Hollanda tomárão conhecimento deste negocio. Descobrio-se o réo que fizera lançar nas Gazetas o referido annuncio, e confessou que era membro da Loja de Haia, e para instruir mais a fundo os *Gecommiteerd Raaden* (Conselheiros Commissarios), que o perguntavão, remetteo-se a hum livro impresso em Londres (1728). Examinou-se o livro, e achárão-se nelle dous artigos que parecêrão de assás gravidade ao Soberano para merecerem toda a sua attenção: erão os taes artigos:

1.° Que se admittião nesta confraternidade pessoas de todas as religiões, com tanto que reconhecessem a necessidade e as obrigações das leis moraes, e que vivessem honradamente; e em consequencia disto só Atheos e os Espiritos fortes erão excluidos da confraria.

2.° Que os Irmãos se conduzissem como *subditos* sujeitos ao poder civil; mas dado caso que algum delles se fizesse culpado de desobediencia ao Soberano, e até de rebellião contra o Estado, não sería por isto expulso da confraternidade, com tanto que o não podessem arguir de outro crime; pois ficaria sómente obrigado a retractar-se da sua desobediencia, e a conduzir-se de maneira que não se fizesse suspeito ao Governo.

Accrescendo a estes cargos a invencivel resistencia á manifestação dos segredos das lojas, apezar de exigida por authoridade competente, virão os Estados de Hollanda que era de absoluta necessidade esmagar a hydra nascente do Maçonismo; e por isso publicárão hum edito mui severo para se fecharem todas as lojas, e na cidade de Amsterdão

se recorreo a vias de facto para os inquietar e dispersar, quando se reunião (1).

Apparição na França em 1736.

Data deste anno a sua primeira sessão ou reunião publica e sabida na capital de França, que foi celebrada para se eleger successor de Jacques Heitor Macleane, que era Grão Mestre ha muitos annos, e recahio a eleição na pessoa de Carlos Rateliff, Par da Grã Bretenha, que pela modica prestação de dez escudos inglezes admittio muitas pessoas de diversas condições, e entre os mais correo fama que tambem entrára o Marechal d'Etreés. Corrêrão logo taes vozes e noticias destas associações que Luis XV, não obstante a sua natural indolencia, condemnou-as, estranhando muito que seis Cavalleiros da Real Ordem do Espirito Santo houvessem dado o nome a huma seita, que já naquelle tempo era geralmente accusada de promover a ruina do Sacerdocio e do Imperio. Assim mesmo alguns Inglezes fautores da seita proseguírão nas costumadas reuniões, que forão tomadas de subito, achando-se-lhes insignias e instrumentos ridiculos por extremo; e he bem para admirar (continúa o Historiador de quem tirei estas particularidades) que motejando os Pedreiros das insignias das Confrarias e Irmandades Christãs, que não tem nada de pueril ou ridiculo, queirão descer ao uso de trolhas, esquadrias, aventaes e outras similhantes quinquilharias. O taverneiro Chapelot, em cuja residencia se fazião os conventiculos, pagou mil libras de condemnação; o que, junto ás ameaças de serem transportados para a Bastilhas os que ousassem contravir o Real Decreto, fez cessar por alguns mezes o descaramento com que se fazião as reuniões e festividades maçonicas (2). Não tar-

(1) Kerroux Abregé de l'Histoire de Hollande T. 4 pag. 1170 e seguintes. Edição de Leide em 1777.

(2) A. S. Joanne-Contin. Hist. Eccles. Claudii Fleurii. Ausburg. 1785 pag. 571.

dou muito que pela falta de execução das ordens Regias tornassem os Pedreiros a levantar cabeça; e pelos annos seguintes era cousa tão ordinaria o ser Pedreiro Livre na França, que se publicárão muitos livros communs ás duas Maçonarias Ingleza e Franceza, de que me basta citar hum só.

The Tree-masons Quadrille with the solitary printed by order of the Prince of Conti Grand-Master of the Lodges in France, and revised by Mr. de Bergeron, Advocate in Parliament, and perpetual Secretary of the Royal Lodge at Versailes in French and English, with the Tree-masons Minuet and country-dance — 12 — London 1765.

Aqui vemos hum livro para uso dos Maçães Inglezes e Francezes; e lastimamos que hum Principe Francez acceitasse as enganosas honras que lhe conferião os maiores inimigos dos Principes, e nos assombramos de que na propria Corte dos Reis de França já existisse huma Loja denominada Real! Vê-se pois, e mui claramente, a justa razão com que hum sabio escritor, lamentando os estragos da Revolução Franceza, se explicou assim: » A's suas ordens (da Convenção) está essa corporação sanguinaria, cujas molas invisiveis preparão perigos occultos, executão as tramas, irritão ou acalmão as insurreições, penetrão nos lugares mais retirados, e são os instrumentos do poder revolucionario. Esta irmandade não he hum ente de razão. Os agentes das insurreições, dos incendios, das matanças, formão huma verdadeira *confraria*. Systematicamente organizados, elles tem o seu Cathecismo, o seu Lingua, seus Coroneis, seus Majores, seus Capitães, suas Profissões, seus Noviciados, seus pontos de correspondencia, suas *attribuições* respectivas, seus districtos, seu trajo proprio e seus regulamentos. Até nos paizes estrangeiros tem esta infernal sociedade os seus *afilhadas* ou *alistados*; foi ella quem perpetrou todos os crimes da Revolução; em vinte lugares da Europa tem querido fazer o mesmo, que praticou na França. Nasceo no Palacio Real, e foi a mão de que se valêrão os *conspiradores em chefe*... Eu poderia juntar *miudezas* extraordinarias a estas poucas linhas; contento-me porém de assegurar que o Publico ainda não conhece mais que a superficie da presente revolução, e que não ha cousa mais lastimosa do que a im-

prudencia dos que presumem livrar-se della, fazendo levantar alguns muros em torno da sua resistencia (*).

Apparição na Italia em 1736.

As primeiras Lojas maçonicas, que se abrírão na Italia, forão as de Florença e Liorne, dotadas liberalmente pelo Duque e Conde de Mildelsex Carlos Sackeville. Cunhárão os Mações, em obsequio deste seu bemfeitor, huma *expressiva* medalha, que de hum lado tinha estas palavras: *Carolus Sackeville Magister Fl.... orentinus;* e do outro a effigie de Harpocrates, Deos do silencio, huma cornucopia, e varios instrumentos do officio do Pedreiro, donde veio chamarem na Italia a estes sectarios os de *La Cucchiara*, ou da trolha. Queixou-se o Grão Duque de Toscana ao Papa Clemente XII, que no dia 25 de Junho teve huma conferencia com os Cardeaes Ottoboni, Spinola, e Zonzadari, sobre este assumpto, e mandou o Inquisidor Mór e outros seus Delegados a Florença, para conhecerem dos motivos de tão seria accusação. Pela confissão de alguns Pedreiros, e pelos seus proprios livros, se inteirárão de que o monstro encerrava nas entranhas todo o veneno do Quietismo, do Molinismo, e de hum Epicureismo artificiosa e manhosamente encoberto. Nenhum fruto se tirou destas diligencias para extirpar o Maçonismo, pois em 1737, logo depois que voltárão os Inquisidores, se annunciou descaradamente na Gazeta de Florença de 3 de Agosto que Sua Alteza o Grão Duque de Toscana entrára na seita; o que elles costumão divulgar dolosamante até dos Principes que lhes tem sido mais contrarios. Longe de temerem os Decretos Reaes que os proscrevêrão até na propria Turquia, e as Bullas Pontificias que os excommungavão, deo-lhes a mania de se quererem justificar aos olhos da Europa, fazendo imprimir em Dublin (1739) huma Apologia que a 18 de Fevereiro foi prohibida pela Inquisição de Roma, e a 13 de Abril queimada por mãos do Algoz, que tal era a peste de que vinha recheada!! N'outro livro impresso em Francfort sobre o Meno (1739) se lê dos

(*) Mallet Dupain Considerat. sur la nature de la revol. de France. Londres 1793 pag. 64.

partidarios da mais infame de todas as seitas — que elles não temem o perigo de morrer, como succede aos imprudentes, que vão trilhando hum caminho ordinario, e deslizão do fito verdadeiro; fallão como os plebêos, mas pensão como varões prudentes... — Quem não tirará deste modo de fallar que os Pedreiros seguem hum trilho diverso do commum: e qual he o trilho commum de todos os homens, inclusos os plebêos, senão o Christianismo? He bem para notar que das suas mais estudadas Apologias o mais que se conclue a seu favor he que são Deistas, e que aborrecem o Culto externo, para se livrarem de tudo que possa mostrar visos ou apparencias de Christianismo...

Apparição em Vienna d' Austria correndo o anno de 1743.

Sabendo o Nuncio Paolucci de huma numerosa assembléa ou reunião de Pedreiros Livres, que se fazia na capital de Allemanha, participou estas noticias, e os seus temores á grande Imperatriz Maria Teresa, que deo ordem a hum Tenente Coronel de Couraceiros para que os surprehendesse; o que se executou a 7 de Março, arrombando-se as portas da casa onde se fazia o tal ajuntamento. Os Vigilantes, apenas souberão de que era ordem superior, entregárão as espadas, fazendo grandes protestos de fidelidade e da mais viva adhesão ao Throno Imperial; no que elles costumão ser faceis por extremo, quando se lhes não antolha outro meio de escaparem. Erão 18 os reunidos, em cujo numero entravão tres Sacerdotes, e algumas pessoas de qualidade. Usou-se com estas a mal empregada attenção de ficarem prezos em suas casas; e o resto foi mandado para as cadeias publicas. Achárão na loja hum compasso, huma esquadria, hum prumo, e varios instrumentos de Mathematica, huma pouca de greda, huma pedra grosseira, tres candieiros com velas accesas, garrafas de vinho, e alguns copos: o numero já indicado de socios, ou irmãos, não era nada em comparação dos alistados em o livro da matricula, que tambem cahio em poder do Official que fez a diligencia, de que resultou fugirem muitos, e serem outros inquietados e prezos; e quando se esperava alguma demonstração de justiça, forão todos postos em liberdade por occasião do dia do nome do

Arquiduque José; e desgraçadamente o que mais afeava o crime das reuniões *secretas*, juntando-se á alta qualidade de algum dos *Mações* apprehendidos na loja, influio muito para que tivesse lugar tão estranho procedimento, pois sendo interrogados pelo Cardeal Colonitz, Arcebispo de Vienna, e pelo Nuncio do Papa, respondêrão que não era possivel quebrantarem o segredo que tinhão promettido; e por tanto o que devia accelerar a sua condemnação foi grande parte para que se lhes exigisse sómente que nunca mais fizessem as suas costumadas reuniões (*).

Effeitos das Bullas Pontificias dos SS. PP. Clemente XII e Benedicto XIV na Hespanha.

Não repitirei agora o que todos sabem, que vem a ser o Real Decreto de Fernando VI, expedido em 1751 contra os Pedreiros Livres; mas importa sabermos que talvez porque não era então vulgar a seita na Hespanha se desconheceo o perigo, que ameaçava a Peninsula, e os mais atiados escritores castelhanos se fizerão indulgentes em demasia para com huma seita, cujo progresso he mais devido á inconsideração dos Principes e dos Magistrados que á esperteza e sagacidade dos seus membros. Hum dos que logo se pozerão em campo foi o aliàs eruditissimo P. Feijó, que trata os Pedreiros Livres como duendes da nossa especie, que formão antes huma sociedade de embusteiros que de hereges ou impios. Propõe varios argumentos contra a sabia e Apostolica Pastoral do Bispo Justiniani, escusa alguns factos alli apontados, como se fossem privativos de certas lojas, e dos quaes não se podia tirar prova contra a sociedade em geral. Por outra parte não duvída que em alguns conventiculos particulares haja certos designios perniciosos ao Estado, e por ventura superstições e praticas detestaveis; confessa que na situação a que chegárão as cousas depois da Bulla do S. Padre Benedicto XIV he peccado mortal a entrada no Maçonismo, e que o juramento de segredo, pelo qual os Mações querem antes a morte do que violarem o segre-

(*) Supplemento aos Seculos Christãos pelo Trad. Hespanhol. Madrid 1792. Tom. 13 pag. 17.

do, he gravemente peccaminoso; porque ninguem póde sujeitar sua vida ao arbitrio de quem carece de authoridade legitima, e alli se involve a promessa de encobrir tudo, ainda que sejão perguntados legalmente. Quer estabelecer o principio de que depois de terem cahido sobre elles tantos Pontifices, tantos Reis e Principes, já he superfluo carregallos ainda mais, e cita a proposito o rifão: *Esto es propriamente lo de a Toro muerto.* De espaço em espaço torna a condoer-se de que se infamem pessoas de honrado nascimento, e que servem a patria em altos empregos, pela mal fundada imputação de atrocissimos delictos; se bem que mais para o fim da Carta propõe os seus receios de que a seita Maçonica chegue a emparelhar com a antiga seita de Bachanaes, especie de que farei grande uso ainda neste, ou no Punhal seguinte, e que poderia servir-lhe de norte para saber explicar a firmeza do espantoso segredo, que he a base principal do Maçonismo (*). Já o *touro morto* deo bem que fazer aos illudidos Castelhanos, e o mesmo succederá em todas as nações que tolerarem o exercicio do Maçonismo debaixo dos frivolos pretextos de que nunca chegarão a fazer mal, e de que o ridiculo inherente ás suas ceremonias parece mostrar que debaixo desta ruim capa mal poderião acolher-se os mais furiosos transtornadores da ordem social. Hoje não he menos axioma que o todo he maior que a sua parte, do que ter de acabar necessariamente a Fé e o Throno em todas as partes onde se enthronizar o Maçonismo.

Effeitos das Bullas Pontificias neste Reino de Portugal.

Se me disserem, por exemplo, que homens da *tempera antiga*, que tiverão e conservão huma educação religiosa, e que tem maior gloria de serem Catholicos que de serem Fidalgos, caso sahissem para Embaixadas ou quaesquer outras Commissões importantes, corrião perigo de se alistarem na seita Maçonica, eu faria de certo o papel de incredulo neste ponto. Se me disserem porém que outros homens sem educação e sem firmeza de principios religiosos são sempre mate-

(*) Feijó. Cartas Eruditas. Madrid 1753. Tom. 4. pag. 195 — 207.

ria disposta para se deixar embair das promessas Maçonicas, eu não me espantarei desta asserção verificada por milhares de exemplos analogos em todos os Reinos da Europa. Em quanto aos de inferior jerarquia, bastará o simples engodo de que por esta via se podem exaltar e hombrear com os grandes por nascimento, para que os dois estimulos reunidos da inveja e da ambição produzão logo o effeito de os precipitar no Maçonismo. He necessario fallar claro: os Maçães o que querem he governar a torto e a direito; não cuidem os Povos que esta *villissima canalha* tomou já mais a peito outra felicidade, que não fosse a pessoal e propria delles Mações, porque tudo o mais lhes he indifferente. Tornando ao nosso caso, eu não supponho que as Bullas Pontificias fossem naquelle tempo de absoluta necessidade para este Reino, em que talvez não se contasse huma duzia de Pedreiros Livres, durante o Reinado do Senhor D. João V; porém no seguinte corrêrão outros ares; e quem houver de escrever a curiosissima historia do Maçonismo Lusitano deverá attribuir á eminente piedade e estremosos cuidados da Senhora D. Maria I, que por isso cahio na desgraça dos Mações (*), a grande ventura de se terem retardado consideravelmente os progressos do Maçonismo em todos os Dominios Portuguezes. Entretanto não era tão desconhecida a seita Maçonica durante o Reinado do Senhor D. João V, que não se imprimisse em 1744 a obra seguinte.

Trutina Theologico-Polemica seu Dogmgtica et Moralis, ad quam revocantur juxta pondus sanctuarii quinque propositiones Muratorum, vulgo dos Pedreiros Livres. Eboræ ex typographia Academiæ 4.°

(*) Quem houver de escrever a Vida ou Chronica da Senhora D. Maria I deverá consultar a historia das seitas religiosas pelo intruso Bispo de Blois, e Regicida Gregoire, as Memorias anonymas do Pontificado do S. Padre Pio VI, e a propria Geografia de Mentelle, quando trata de Portugal, e nestes e outros authores Francezes, que eu poderia citar, se verá quanto o Maçonismo censsurou a nossa mui virtuosa Rainha pelas mesmas acções que a estas horas lhe estão sendo largamente remuneradas pelo proprio Coração, que ella tanto amou, e quiz ver exaltado nos seus Dominios.

O seu author o P. José de S. Martha Henriques, Conego secular do Evangelista, refere-se a outra obra do mesmo tempo, que se intitula *Supplemento á Historia Chronologica dos Pontifices, Imperadores, e Reis.* Não entro agora na discussão da genuidade das cinco theses attribuidas aos Pedreiros; mas devemos confessar que se estes não forão nesse tempo o que se dizia geralmente de seus principios religiosos, então fizerão gala para o diante de verificarem tudo o mais atroz que se contava do principal objecto das suas reuniões; e para este fim apontarei só dous factos que me parecem decisivos.

1.° Attribu-se aos Maçoes huma desenfreada licença em quanto aos appetites venereos. Se he calumnia, para que brindão os Candidatos com hum par de luvas para a sua amiga no ceremonial da recepção? Se disserem que não ha tal ceremonia, respondo que o Barão de Bielfeld attesta que foi praticada com elle na sua admissão a Pedreiro Livre, como se lê na primeira das suas Cartas.

2.° Entre varios artigos da seita Maçonica, que se podem ler na *Atalaia contra os Maçoes*, vem que não querem Confessor nem Sacramentos na hora da morte; e lendo eu a excellente obra intitulada *Les Soirées de S. Petersbourg par Mr. Le Conte Joseph Maistre*, a pag. 335 do Tom. 2 impresso em Paris no anno de 1821 encontrei o seguinte: „ Tive occasião de me convencer ha mais de trinta annos em huma grande cidade da França que certa classe destes illuminados tinha gráos superiores, desconhecidos dos iniciados que entravão em suas assembléas ordinarias, e que até admittião certo culto e Sacerdotes, designados pelo nome hebraico de *Cohen.* Não digo isto porque não possa haver em suas obras alguma cousa razoavel e *tocante*, mas que sahe mui cara pelo que ahi se mistura de falso e perigoso, *nomeadamente por causa da sua aversão a toda a authoridade e jerarquia sacerdotal.* Este caracter he geral entre elles: nunca eu tenho encontrado *huma excepção verdadeira* entre os muitos adeptos que tenho conhecido. O mais instruido, o mais sabio, e o mais elegante dos Theologos modernos (S. Martin, fallecido a 13 de Outubro de 1804), cujas obras forão o codigo dos homens de que eu fallo, participava todavia deste caracter geral. Morreo sem querer

Padre que lhe assistisse; e os seus escritos dão a prova mais clara de que não acreditava a legitimidade do Sacerdocio Christão. »

Que dizeis a isto, Pedreiros? Talvez que o author citado falle de secturios differentes dos Mações? Elle proprio já anticipou e refutou esta objecção a pag. 332. » Em primeiro lugar eu não digo que todo o Illuminado seja Pedreiro Livre; digo sómente que todos os que eu conheci, principalmente na França, erão Pedreiros Livres. Seu dogma fundamental he que o Christianismo, qual hoje o reconhecemos, não he senão huma verdadeira *Loge bleue* feita para o povo.

Que pasmosa identidade do que o Conde Maistre escrevia em 1820, ou talvez antes, com as horriveis scenas que presenciámos especialmente de 1822 por diante? Haverá quem duvide que a Religião no conceito dos Pedreiros não he mais do que hum *espantalho para nutrir a ociosidade dos povos?*

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 23.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

1.ª *Digressão sobre os Pedreiros Livres tirada de huma authora constitucional (Mad. Stael De L'Allemagne T. 3 ed. de Lond.* 1813 *pag.* 359*).*

» A FRANC-MAÇONARIA he huma instituição muito mais seria na Escossia e na Allemanha do que na França (1). Tem existido em todos os paizes, mas parece todavia que foi principalmente da Allemanha que veio esta associação, que depois foi transportada para a Inglaterra pelos Anglo-Saxões (2), e renovada na morte de Carlos I pelos partidistas da restauração, que se juntárão perto da Igreja de S. Paulo para restituirem Carlos II ao throno. Julga-se tambem que os Pedreiros Livres, e nomeadamente os da Escos-

(1) Aqui temos huma prova do que eu já disse. Abandalhou-se muito a seita na mão dos Francezes, e assim corrompida e abandalhada entrou neste Reino de Portugal, que assás o mostrão os insigficantissimos Palhaços Maçöes que figurárão na Tragicomedia Constitucional.

(2) Pobres Anglo-Saxões! Nem elles tinhão mais pachorra do que associarem-se a huma seita de aves nocturnas!!

sia, se enlação de algum modo com os Templarios. Lessing escreveo sobre a Maçonaria hum dialogo, em que sobresahe especialmente a clareza do seu talento. Affirma que esta sociedade tem por fim reunir os homens, apezar das barreiras estabelecidas pela sociedade, pois se debaixo de algumas relações o estado social fórma hum laço entre os homens, sujeitando-os ao imperio das leis, elle todavia os separa pelas differenças de condição, e de governo: esta fraternidade, verdadeiro retrato da idade de ouro (1), se tem misturado na seita dos Pedreiros Livres com outras muitas idéas, que são igualmente boas e moraes. Entretanto não he possivel disfarçarmos que he da natureza das sociedades secretas levar os espiritos para a independencia (2); porém estas sociedades são mui favoraveis para o desenvolvimento das luzes, pois tudo quanto os homens fazem por si mesmos, e espontaneamente, dá ao seu juizo mais força e maior alcance.

Tambem he factivel que os principios da igualdade democratica se propaguem por este genero de instituições, que põem em toda a luz o merecimento dos homens, pelo que tem de real, e não pela figura que elles representão no mundo. As sociedades secretas ensinão que forças tem o numero

---

(1) A boas horas esperão a idade de ouro!! Mas já entendo; elles tem razão, e o que elles procurão he a idade de ouro. São muito affeiçoados a este metal, e todo quanto haja lhes parece pouco e fóra do seu lugar, quando lhes não enche os seus cofres e burras. Ninguem definio melhor esta gente do que o Excellentissimo e para mim saudosissimo Bispo defunto de Coimbra (D. Francisco de Lemos) que ao chegarem a Coimbra os heroes do dia 24 de Agosto, disse para huma pessoa da sua confiança: *Estes homens o que querem he dinheiro.*

(2) Olhem a Madama Constitucional que assim descobre os seus amigos! Se hum continuado esforço pela independencia, quebrando-se todo o jugo de authoridade civil e ecclesiastica, he o caracter essencial das sociedades secretas, digão lá que as excommunhões ferírão *só os ventos*, e não recahírão sobre os taes Pedreiros?

e a reunião, ao mesmo passo que os cidadãos solitarios são, para assim dizer, huns seres abstractos, em relação aos outros homens. Debaixo deste ponto de vista as sociedades secretas poderão ter grande influencia no Estado (1); releva porém assentarmos que a Maçonaria não se occupa em geral senão de interesses religiosos e politicos.

Dividem-se os seus membros em duas classes, a saber, a Maçonaria Filosofica, e a Maçonaria *Hermetica* ou *Egypciaca*. A primeira tem por objecto a Igreja interior, ou o desenvolvimento da espiritualidade da alma. A segunda remette-se ás sciencias, e ás que tratão dos segredos da natureza. Os irmãos Rosa-Cruzes, além de outros, fazem hum gráo da Maçonaria, e os irmãos Rosa-Cruzes no seu principio erão alquimistas (2).

Em todos os tempos, em todos os paizes tem havido sociedades secretas, cujos membros tinhão por objecto fortificarem-se mutuamente na crença da espiritualidade da alma (3); os mysterios d'Eleusis entre os Pagãos, a seita dos Essenios entre os Hebreos erão fundados sobre esta doutrina, que não querião profanar entregando-a ás chacorrisses do vulgo. Ha perto de trinta annos que houve em Wilhelms-

---

(1) Por isso he que os Reis da Europa tem direito de perseguir e exterminar, sob pena de que, sendo indolentes, serão tragados ou simultaneamente ou cada hum por sua vez pela Hydra Maçonica.

(2) Tenho lido no Polisthor Litterario de Morhofio (T. 1 p. 130) algumas cousas notaveis sobre o Collegio ou Sociedade Rosiana, assim como sobre a Irmandade da Cruz de Rosa; e o capitulo 13 do livro primeiro, onde trata de *Collegiis secretis* he digno de se ler com toda a attenção e reflexão. Entretanto não se demanda hum gráo subido de esperteza para se conhecer que as *sciencias* são apenas huma *capa de velhacos*, que só poderá illudir os estupidos e os ignorantes.

(3) O que aqui vai de especies curiosas e divertidas! Pedreiros *espirituaes e mysticos*, Senhora Stael, são entes de razão... e parece-me que V. m. tambem era da seita!

Bad huma assembléa de Pedreiros Livres presidida pelo Duque de Brwnswick; esta assembléa tinha por objecto a reforma dos Pedreiros Livres da Allemanha, e parece que as opiniões mysticas em geral, e as de Saint-Martin em particular, influírão muito nesta reunião. As instituições politicas, as relações sociaes, e até muitas vezes as de familia, não tomão senão o exterior da vida: he pois natural que em todos os tempos se tenha procurado algum modo intimo para os homens se conhecerem e tratarem; pois todos aquelles cujo caracter tem alguma profundidade se tem na conta de adeptos, e procurão distinguir-se por alguns sinaes do resto dos homens. As sociedades secretas degenerão com o tempo, mas o seu principio he quasi sempre hum sentimento de enthusiasmo comprimido pela sociedade.

Ha tres classes de Illuminados: Illuminados mysticos, Illuminados visionarios, e Illuminados politicos: a primeira, de que Jacob Bæhme, e no seculo passado Pascoalis e Saint-Martin, podem ser considerados como chefes, está unida por diversos laços com essa Igreja interior, sanctuario de reunião para todos os Filosofos religiosos; estes Illuminados occupão-se meramente de Religião, e da Natureza, interpretada pelos dogmas da Religião.

Os Illuminados visionarios, á frente dos quaes se deve pôr o Sueco Swedenborg, crem que pela potencia da vontade podem fazer apparecer mortos, e obrar milagres. O defunto Rei da Prussia, Frederico Guilherme, foi levado a circumstancias de errar pela credulidade destes homens, ou pelos seus ardís, que tinhão apparencias de credulidade. Os Illuminados idealistas desdenhão destes Illuminados visionarios, tratando-os de empiricos; desprezão seus chamados prodigios, e julgão que a maravilha dos sentimentos da alma deve exceder por si só a todas as mais.

Finalmente homens que não *tinhão outro fim mais que apossarem-se do governo em todos os Estados*, e *fazer que se lhes dessem os lugares publicos*, tomárão o nome de Illuminados; seu chefe era hum Bávaro (Weisshaupt) homem de hum espirito superior, e que tinha muito bem conhecido o poder que se póde adquirir reunindo as forças espalhadas dos individuos, dirigindo-as todas para hum só fim. Hum segredo, qualquer que elle seja, lisongêa o amor proprio

dos homens, e quando se lhes diz que são mais capazes do que os seus similhantes sempre se ganha imperio sobre elles. O amor proprio offende-se de se parecer com a multidão, e logo que se queirão dar sinaes de distinção, claros ou occultos, ha toda a segurança de pôr em movimento a imaginação da vaidade, que he mais activa de todas.

Os Illuminados politicos não tinhão tomado dos outros Illuminados senão alguns sinaes para se conhecerem, mas os interesses, e não as opiniões, lhes servião de ponto de reunião. He verdade que tinhão por objecto reformar a ordem social por meio de novos principios; todavia esperando o complemento desta grande obra, o que elles querião logo era apoderar-se dos lugares publicos. Huma seita desta qualidade tem muitos adeptos em todos os paizes, que de bom grado se inicião nos seus segredos: na Allemanha porém esta seita he talvez a unica que se fundou sobre huma combinação politica, todas as mais nascêrão de alguma especie de enthusiasmo, e não tem outro fim mais que a indagação da verdade (*).

(*) No meio desta ardilosa narração dos fins e progressos da Maçonaria se podem entrever *noções preciosas*, que de muito servem para o total conhecimento das manobras da seita. Aqui se vê claramenie o *molde* que seguírão os nossos Pedreiros. Nenhum delles queria largar a *prebenda.* Apenas desconfiárão que os Eleitores podião chamar pessoas que os emendassem ou encovassem nas segundas Cortes, adeos Virtudes Catonianas e Franklianas, adeos Constituição Hespanhola. Decidírão que podião ser reeleitos, e dispozerão as cousas de modo que não lhes sahisse a preza das unhas. He tambem conhecido o empenho de terem nos *lugares* sómente as suas *creaturas e os adeptos*; e posso affirmar, com toda a segurança de não ser desmentido, que nesta parte nunca houve discipulos mais fieis a seus mestres.

2.ª Digressão sobre os Pedreiros Livres tirada da Historia das Seitas Religiosas do seculo 18.º, *por Mr. Gregoire Bispo Constitucional* (*Tom.* 1 *pag.* 401 *e seguintes, Ed. de Paris* 1814).

Homens de mais enthusiasmo que erudição tentárão pôr estacas na vereda dos seculos para ahi procurarem a origem tenebrosa da Maçonaria. Preston, e muitos dos seus confrades, dizem que ella nascêra com o mundo; depois a estão vendo estender-se e desenvolver-se na Palestina, na India, no Egypto, na Grecia, no Lacio, e entre os Druidas, pòem em contribuição as obras de Puffendorfio, Saint Croix, e de outros muitos, que nas suas indagaçoes sobre as Sociedades mysteriosas e as iniciações antigas não achárão nunca o *Grande Oriente*. Prendem depois a sua sociedade com Godofredo de Bouillon, com a Cavallaria, e com os Templarios. Grandedier e Sinclair, em vez de remontarem ao Templo de Salomão, offerecem alguma cousa mais verosimil, pondo a origem da Maçonaria na especie de confederação formada entre os obreiros, que nos seculos duodecimo e decimoterceiro edificárão a torre de Strasbourg e o Mosteiro de Kilwinning na Escossia.

Seja qual for esta origem, sabe-se que os Pedreiros Livres não excitárão a curiosidade publica em diversos paizes da Europa senão em o seculo passado; actualmente elles tem lojas nas quatro partes do Mundo, ou seja por haver segredos reaes nesta sociedade, ou seja porque o seu segredo consista em persuadir que os tem; he isto sempre hum atractivo forte para muita gente, visto que os homens gostão de se fazerem importantes cobrindo-se de véos mysteriosos.

Hum sabio de Berlin, que vê Jesuitas em toda a parte, acha-os nesta sociedade com o projecto de restabelecerem o Pretendente no throno de Inglaterra; partindo desta idéa Bonnevile publicou o seu livro *Jesuitas expulsos da Maçonaria*: Barruel, pelo contrario, que vê Jacobinos em toda a parte, identifica-os com os Pedreiros Livres. Attribue lhes o projecto de destruirem os Governos e a Religião, e toca a rebate contra todos.

As Sociedades secretas fizerão sombra por muito tempo

á Religião e á Politica; e he talvez nesta que se devão procurar os motivos, que induzírão Frederico segundo de Prussia e outros muitos Principes a fazerem-se iniciar na seita dos Pedreiros Livres. Julgárão que era necessario apoderarem-se das lojas, affectando de ahi preconizarem a igualdade, ou para as neutralizar (fazer nullas) ou para lhes imprimir huma direcção conforme às suas vistas. Achar-se-ha mais huma prova disto em huma obra que sahio em 1802: *Loge centrale des veritables Francs-Maçons.* Esta instituição olhada debaixo dos respeitos religiosos e moraes, tinha causado inquietações ao Clero; Clemente XII e Benedicto XIV despedírão Bullas contra os Pedreiros Livres. Belsuna, Bispo de Marselha, fez huma Pastoral no mesmo sentido. Os dous poderes Ecclesiastico e Civil os perseguírão em Napoles, em Hespanha, e em Portugal. A calumnia lhes imputou crimes atrozes, crimes de irreligião, de libertinagem, e de sedição; agora porém não se vê na Maçonaria outra cousa mais que huma sociedade, que ao gosto de se divertir junta algumas acções de beneficencia (*).

A Inglaterra parece ser o unico paiz em que esta instituição tem huma especie de caracter religioso. A obra citada de Preston contém formulas liturgicas, orações para o abrir e fechar das sessões, o modo de receber os adeptos, e

---

(*) Este Bispo Gregoire he hum *lince*, e podemos ficar certos de que na Maçonaria se trata só de beneficencia, porque elle o diz, e tem-se esmerado quanto he da sua parte para *arremedar* esta beneficencia. Por sinal que estando elle ausente do Congresso das Furias Regicidas, assim mesmo escreveo huma carta onde annuncia hum verdadeiro acto de beneficencia, isto he, o seu voto de que Luis XVI seja condemnado á morte!!! Té huns taes como este deixão ressumbrar de seus artificiosos escritos a verdadeira indole do Maçonismo, que por mais que se disfarce e esconda nas trevas, lá patentêa de quando em quando a sua ingenita maldade e torpeza; com que feições apparecerá aquelle monstro quando for debuxado por alguma penna veridica, aparada, e christã.

os funeraes. Então a Biblia depositada sobre huma almofada, e coberta com hum véo negro, he levada pelo mais antigo (Doyen d'age) cantão-se antifonas, e o Mestre faz hum discurso. Não he raro ver annunciados em as Gazetas Inglezas os sermões prégados diante da Sociedade Maçonica de tal ou tal cidade; e depois de sabermos isto não admiraremos que em Kikarldy, na Escossia, a loja dos Pedreiros Livres sirva ao mesmo tempo de Igreja a huma congregação de Independentes.

Aqui temos a que se reduzem as analogias remotas da seita dos Pedreiros Livres com as instituições religiosas; e por isso deixemos de parte o *Grande Oriente*, as lojas, os irmãos *Asiaticos*, os *Noachitas* ou *Cavalheiros da Prussia*, os Maçoes *Africanos*, os *Mopsos*, a Ordem de *Harodino*, as descobertas de *Bohemann*, etc. para dizermos ainda alguma cousa dos Illuminados de Allemanha, e tornarmos a seguir depois o intento principal desta obra.

As Sociedades Maçonicas, que occupavão muito os espiritos no seculo passado, parecêrão ter abusos e perigos. Algumas pessoas na Baviera julgárão ter descoberto hum remedio no proprio gremio destas Sociedades. Debaixo do nome de Ordem dos Illuminados nasceo huma nova Sociedade, cujo fundador, ou antes hum dos principaes fundadores, era Weishaupt, Lente de Direito Canonico em Ingolstad, e ora retirado em Gotha. Hum dos cooperadores era o Barão de Knigge, que em 1782 quiz enxertar na Maçonaria o projecto dos Illuminados.

A' vista das sociedades politicas, tantas vezes governadas pela inepcia, ignorancia, e pelo crime, formárão o projecto, certamente *mui louvavel* (1), de instituirem huma confederação, cujo *ascendente* podesse trazer huma ordem melhor de cousas, e substituir, ao menos algumas vezes, a virtude illustrada ao vicio estupido e triunfante: e foi este o

---

(1) E como não sería louvavel no conceito deste *liberalissimo escritor*, que por sinal presenteou as nossas chamadas Cortes com a sua obra sobre as liberdades da Igreja Lusitana?

ponto de vista, debaixo do qual se apresentou a empreza a varias pessoas respeitaveis, que se desejavão para a seita. Entrava no plano *derramar luzes* (1), *união*, *caridade*, *e tolerancia* (2), fazer abolir a escravidão dos paizanos, os direitos feudaes, e todos os *privilegios* (3) que exaltando huma porção de individuos, envilecem os outros, disseminar a *instrucção* entre o povo, fazer triunfar o verdadeiro merecimento, e melhorar gradualmente e sem abalo o systema social.

Está no destino das cousas humanas que o mal anda sempre ao lado do bem. As vistas mais sãs, os projectos mais sabios, pela maior parte são a preza de homens perversos, que tomão á sua conta dirigillos. Em toda a sociedade não he raro encontrar homens, que não estando animados de seu verdadeiro espirito, lhe contrarião as operações, e achava-se nestas circumstancias a dos Illuminados. Por ventura se tinhão elles mettido nella para este fim; sobeja facilidade nas recepções lhes abrio a entrada; e não fossem elles mais que huns membros nullos, por isso mesmo serião nocivos. Tudo o que tem ares de mysterio excita as suspeitas e favorece a calumnia.... A calumnia se esgotou no que tocava á sociedade invisivel. Desde que se ouvio o rebate, espalhárão que a sociedade mui numerosa e acreditada tinha por objecto *devorar todos os empregos honorificos e lucrativos*, *apagar o archote das sciencias*, *alagar todos os Governos*, *e destruir todas as religiões* (4). Em 1781 o Governo Báva-

---

(1) Luzes, isto he, o Maçonismo, que se alcunhou *a verdadeira luz*.

(2) Linda cousa he vermos hum Ecclesiastico feito Apostolo da tolerancia, que em linguagem filosofica traz necessariamente comsigo o indifferentismo e a abolição do culto Catholico!!

(3) Que bem falla este Mestre das Cortes Lusitanas!!!

(4) E serão talvez falsos testemunhos? Que fizerão os nossos senão tudo isto, e muito á letra? Ora pois se este vicio he tão inherente ás sociedades, que he de força constarem desta qualidade de homens perversos que só tem a mira nas honras e nas dignidades, para que se canção em reformar os Imperios, que cahindo-lhes nas mãos ficão sempre mil vezes peiores do que estavão anteriormente?

ro despregou contra elles as mais violentas medidas; forão expulsos, proscriptos, encarcerados, e atormentados. Weishaupt, que tinha fugido, pedio em vão que o seu proceder fosse examinado pelos tribunaes (1). A's fórmas de hum processo regular, que faria apparecer a verdade, o Eleitor substituio huma execução arbitraria (2) que a propria razão condemna, e que depondo da cobardia ou da perversidade de quem a emprega, não produz outro effeito mais certo do que estabelecer prevenções favoraveis a quem he alvo de taes rigores. »

(1) He o que elles querem neste *seculo de virtudes*, em que he tão facil achar testemunhas para tudo quanto se queira provar: os Pedreiros jurão falso; os outros ou não sabem, ou *querem favorecer*, e tudo vai feito ás mil maravilhas!!

(2) E os Francezes desta seita dos *melhoradores*, em que entrava o P. Cura *Gregoire*, nada commettêrão de arbitrario e despotico!!! E os Castelhanos seus filhos nunca deslizárão das regras sempiternas do *justo* e do *honesto!* E os bons *netinhos* Portuguezes, lá em quanto a despotismos e execuções arbitrarias, estão livres de toda a culpa e pena!!! Essa nuvem de proscripções e desterros, até para fóra do Reino, apenas se decretou nas lojas maçonicas, perdeo quanto offerecia de legal e de arbitrario, ficando estes nomes só para o exercicio da authoridade Real, que nunca se manchou neste Reino com taes procedimentos!!! A Septembrizada, que recahio em homens todos suspeitos de favonearem as idéas do *Corso*, e a execução dos Pseudo-Martyres do Campo de S. Anna, que erão huns rebeldes em toda a força da palavra, forão huns extremos de despotismo, e pelo contrario a Septembrizaida Franceza e as nossas Maiadas e Marçadas, forão actos do poder o mais bem regulado pelos principios fundamentaes da nossa legislação!!!

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 24.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

Harmonias da razão com as Bullas condemnatorias do Maçonismo, ou parallelo da antiga seita Bacchanal, e dos Pedreiros Livres.

Nasceo a malvada seita Bacchanal perto de duzentos annos antes que Nosso Senhor Jesus Christo viesse ao Mundo, e foi trazida da Toscana por certo homem obscuro, que a plantou na cidade de Roma: nasceo em Portugal a damnada seita Maçonica bons dezasete seculos depois da introducção do Catholicismo neste Reino, e homens obscuros, por exemplo, vendilhões de quinquelharias, forão dos primeiros que a trouxerão da França, e a estabelecêrão em muitas partes do Reino. Os inventores da seita Bacchanal, segundo affirma o sabio Rollin, não erão daquelles que fazem profissão publica de alguma especie de culto religioso; seus mysterios erão desconhecidos, e celebravão-se em segredo. Os principaes motores da entrada do Maçonismo em Portugal nunca souberão cobrir-se com a capa de professarem o culto de seus pais: todo o mundo os reputava devassos e libertinos; porém não transpirava a principio cousa alguma de seus ajuntamentos nocturnos. Na seita Bacchanal entrou a principio muito pouca gente, e só pelo tempo

adiante he que começárão a admittir indiscriminadamente pessoas de ambos os sexos. O Maçonismo Lusitano ainda ha quarenta annos constava de poucos adeptos, era melindroso na eleição de candidatos, e só ha poucos annos a esta parte he que se fez trivial e commum neste Reino e suas Conquistas. Aggregárão-se á seita Bacchanal os prazeres do vinho e da comida, para a fazerem mais appetecivel, e pela admissão dos dois sexos teve lugar toda a sorte de impurezas e maldades. Aggregárão-se á seita Maçonica os mesmos prazeres, e nenhuma injuria se lhe faz de pensarmos que relativamente ao 6.° preceito da Lei de Deos seguem as idéas da República de Platão. Erão os Congressos Bacchanaes huma forja de testemunhos falsos, de denuncias de innocentes, de propinações de veneno, e de homicidios perpetrados com tal arte, que nem ás vezes se podião achar os corpos para serem dados á sepultura. Nas *hediondas e lobregas cavernas* do Maçonismo fabrica-se todo o genero de aleives para se desacreditarem a torto e a direito os *inimigos da luz*, decreta-se a proscripção e desterro de pessoas innocentes, que só tem o crime de não approvarem os execraveis designios da seita, prepárão-se venenos, recorrendo-se a esta arma, que he propria dos Maçōes, os mais cobardes de todos os homens; e ainda que não regateem a sepultura, chegão sempre a enredar as cousas de modo que não se proceda contra elles. Estas abominações Bacchanaes, em a frase de Tito Livio, tomárão o aspecto de huma doença contagiosa, que lavrou rapidamente desde as provincias até Roma. As abominações Pedreiraes, conforme a verdadeira opinião que se deve seguir, tambem corrêrão das provincias para Lisboa, e tomárão grande corpo na capital do Reino, sendo já insufficientes as providencias do Raio Anti-Maçonico (Pina Manique) para curar tão contagiosa enfermidade: huma criada de servir os descobrio por instancias do Consul Posthumio, que lhe segurou a vida; pois aquella pobre mulher toda se carpia e lastimava de que apenas os confrades tal soubessem a farião em mil pedaços. Cá tambem criadas de servir tem dito e observado huma boa parte dos *actos Maçonicos*; e quando a proxima extinção da seita lhes permittir que desafogadamente revelem o que vírão e ouvírão, teremos neste Reino muitas *Hispalas Fescenias*. Parece que hum simples

acaso levou á noticia dos Consules o perigo que ameaçava toda a cidade e républica. Outro tanto vimos ha pouco na feliz descoberta da loge de Coimbra, que em tempos anteriores á vinda de Christo pareceria acaso, porém hoje só deve parecer o que realmente he; a saber, hum auxilio especial da Providencia para humilhar e desmascarar os impios. O terrivel juramento dos que assistião ás Bacchanaes impedio que o mal fosse conhecido, e se remediasse mais cedo. O ainda mais terrivel juramento dos Mações, que ameação cravar todos os seus *punhaes* em o coração de quem patentear as suas maldades, obsta a que sejão perfeitamente sabidos todos os particulares dos seus infames e detestaveis ajuntamentos. Nos Bacchanaes já era como impossivel o retrocesso, e quem não queria prestar se ás abominações ahi commettidas era infallivelmente assassinado pelos seus proprios confrades. Outro tanto succede no Maçonismo, em que por mais que ainda grite a consciencia, e remorda o sentimento natural que deixão os grandes crimes, vai-se para diante, succeda o que succeder; e o simples meio de passar como pusillanime e cobarde faz abalançar aos tiros, e punhaladas nas proprias imagens de Jesus Christo, pois qualquer hesitação ou pavor, que se mostrasse, pareceria cousa digna de morte. Havia crescido a tal ponto a sociedade Bacchanal, que já se tinhão alistado nella grandes e pequenos, ricos e pobres, de maneira que fazião já como hum segundo Povo Romano. Outro tanto se affirma sem temeridade do execravel Maçonismo; e grande lastima he que a voz e a fama publica denuncie de Pedreiros alguns, que de bem alto cahírão, dando nome a huma confraria de homens perversos e facinorosos. Seguio-se ao depoimento huma ordem provisoria, de que todos os Sacerdotes e Sacerdotizas Bacchanaes se detivessem nos carceres; e a todos os mais se intimou que nunca mais fizessem os seus ajuntamentos. Nas providentes medidas, que ElRei Nosso Senhor tomou no instante da sua restituição ao Throno, reluz igual prudencia e moderação, que visto o seu ardente zelo pela exaltação da Fé, e a sua antiga opposição ao Maçonismo, parecem ser interinas e provisorias. Na falla, que o Consul Posthumio endereçou ao Senado, se aponta o vicio radical de todas as sociedades secretas, e se diz formalmente que os avoengos do

Povo Romano tinhão por illegitima qualquer associação, a que não presidisse o Governador do Estado. Nas Bullas Pontificias, nos Decretos dos Reis da Europa, se allega o proprio motivo de fulminar todas as sociedades secretas, e nomeadamente as dos Pedreiros Livres, como já convencido por factos positivos de aspirar ao transtorno da Ordem publica. Insiste o Consul Posthumio em propor e encarecer os grandes males, de que já era complice a sociedade Bacchanal, a ponto de dizer que nunca existíra na républica hum tão grande mal; e que tudo quanto se delinquíra, ou por fraude, ou por licença dos appetites venereos, ou por acções façanhosas e malvadas, sahíra do fundo das cavernas Bacchanaes. Devemos nós insistir em outra verdade similhante; a saber, que todos os males da sociedade Europea, nomeadamente ha cincoenta annos a esta parte, se derivão do Maçonismo, que conseguio a extinção dos Jesuitas, por se livrar de impedimentos na sua carreira; que fez paralysar a educação publica para conseguir maior numero de adeptos; e que inficionou de doutrinas liberaes os proprios membros do Clero por abalar os fundamentos da crença verdadeira, e alcançou fazer que o nosso seculo seja o mais impio de todos quantos lhe precedêrão. Lastima-se Posthumio de que se os Senadores não tratão de remediar tamanhas desgraças, não tardará muito que as assembléas nocturnas sejão iguaes em numero ás que são legitimamente chamadas pelos Consules. E não tivemos nós de lastimar outro tanto, quando as loges da Capital decidião de noite o que se havia de resolver no outro dia nas chamadas Cortes? só com a differença de que tudo cá era illegitimo, pois nenhum desses Jurisconsultos mais empavonados com a figura de Rei poderá mostrar-me que exerceo huma authoridade legitima? Forão taes as providencias do Consul Posthumio, que não obstante o numero dos inscriptos do livro das Matriculas Bacchanaes, que chegava a 7$000 pessoas, conseguio prender nomeadamente quatro, dos quaes erão dous Romanos de infima condição, e outros dous das cidades vizinhas, que erão tidos por cabeças daquella impia seita, e como Pontifices e fundadores de taes sacrificios, e como authores de todos os crimes e desordens que lá se commettião; fez condemnar á morte estes e os mais corifeos da seita, contentando-se de

infligir a pena de carcere aos que só tinhão prestado o juramento, e que se provou não terem tomado parte nas abominações a que tal juramento os obrigava. Aqui devemos esperar que a Santa Alliança, preparada com os seus milhões de baionetas, e ainda maior numero de provas irrefragaveis, que o designio da seita he fazer da Europa hum covil de feras bravas, que se fazem irremediavelmente assim todos os homens imbuidos nas destruidoras maximas de tal seita, se encarregue de levar ao fim, e dar a ultima demão a hum parallelo, que he de força deixar ainda imperfeito; (1) e só me agrada concluillo em breves, porém atiladas reflexões do sabio Rollin: » o successo que acabamos de referir mostra a que excessos se póde abalançar o homem quando se entrega a si mesmo, e á sua corrupção. Obrigar-se por juramento, que vem a ser pelo que a Religião tem de mais sagrado, a commetter os crimes mais abominaveis: que cegueira! que horror!! (2) »

---

(1) Tem aqui lugar as passagens mais notaveis de Tito Livio, em que fundei o parallelo.

Majores vestri, ne vos quidem, nisi quum aut vexillo in arce posito comiturum causa exercitus eductus esset, aut plebi concilium. Tribuni edixissent, aut aliquis ex magistratibus ad concionem vocasset, forte temere coire voluerunt, et ubicumque multitudo esset, ibi et legitimum rectorem multitudinis censebant debere esse.

Nunquam tantum malum in republica fuit, nec ad plures, nec ad plura pertinens, quicquid his annis libidine, quicquid fraude, quicquid scelere peccatum est, ex illo uno sacrario *scitote ortum esse*....

Necdum omnia in quæ conjuraverunt, edita facinora habent; adhuc privatis noxis, quia nondum ad rempublicam opprimendam satis virium est, conjuratio se se impia tenet, crescit et serpit quotidie malum; jam majus est, quam ut capere id privata fortuna possit: ad summam rempublicam spectat. Nisi præcavetis, Quirites, jam huic diurnæ legitime ab consule vocatæ, par nocturna concio esse poterit. — Edição de Crevier liv. 39. cap. 15 — 16.

(2) Histoire Romaine. Ed. Paris 1742. Tom. 7 pag. 436.

Parallelo da cegueira dos Mações á vista do perigo que os ameaça, e da cegueira de Catelina, e de autros facciosos seus partidistas.

Quando já era cousa vulgar e sabida em toda a cidade de Roma que o depravado Catilina, só respirando vinganças e mortes, queria apossar-se da suprema authoridade, assim mesmo, que tão uniforme costuma ser o caracter e o procedimento dos facciosos de todos os seculos! ousava apparecer nas ruas, nas praças, e no proprio Senado!! Quando os malfadados seguidores do Maçonismo são apontados e conhecidos por taes, não só pelos homens graves e perspicazes, mas até pelo vulgo, que raras vezes se engana em taes juizos, apparecem todavia de collo erguido, affectando horror ao systema constitucional, que hontem adoravão, e talvez chegando aos pés do Soberano a pedirem-lhe recompensa do seu acrisolado patriotismo, e constantissima lealdade. Nutria o perverso Catilina as damnadas esperanças de que sacrificaria ao seu resentimento os mais empenhados no salvamento da Patria; e quando olhava para os Consules, parecia estar designando para a morte essas columnas do Estado. Nutrem ainda hoje os perversos Mações a desatinada esperança de sacrificarem os mais zelosos propugnadores do Throno e do Altar; e sobrepujando nesta parte os ardimentos de Catilina, dão mais signaes que elle de que se lisongeão de cumprirem cedo os seus mais ardentes votos e desejos, que são a morte aleivosa dos que lhes fazem sombra, e tratão de assoalhar os mais reconditos segredos do Maçonismo. Vivia... vivia Catilina, a pezar de toda a benignidade dos Consules, não para se humilhar e confundir de que, sendo elle tão máo que certamente não merecia que o tratassem com indulgencia, ainda houvessem homens tão bons, que lhe davão tempo de se conhecer e emendar, e que tinhão assás forças d'alma para lhe perdoarem as mais inauditas affrontas e injurias. Vivem os Pedreiros, não para largarem de todo, mas para confirmarem todos os dias a sua incomprehensivel audacia; e longe de se confundirem ao trazerem á memoria que o nosso amantissimo Rei estava disposto a perdoar-lhes, se porventura elles cahissem em si, e podessem

tornar a ser, cousa impossivel! honrados e bons Portuguezes, tudo he mostrar esperança de que ainda verão mudado o presente estado de cousas, para o que sería necessario mudar ou arrancar o coração de perto de tres milhões de Portuguezes! O grande Consul e Principe da Eloquencia Romana, ostentando-se imperturbavel, referio ao cégo Catilina á face de pleno Senado o que elle julgava mais encoberto e impenetravel, designando-lhe as proprias casas em que se reunião os Conjurados, e traçou-lhe miudamente o estudado plano da sua retirada, e das suas futuras operações, sem que o impio se movesse a deixar os seus intentos revolucionarios e fratricidas: outro tanto apparece neste Reino; e o que lá dizia huma só lingua eloquente, dizem-o cá em os pulpitos, em as cadeiras, e em os prélos milhares de linguas, ás quaes sobejava a eloquencia, ou a força propria da verdade, para arrastrarem comsigo os votos da multidão, que felizmente não está indecisa, como a de Roma, sobre os negocios de Catilina. Apontou-lhe Cicero a fraqueza de hum partido, que descançava especialmente em sujeitos carregados de dividas, em pessoas destituidas de honra, de probidade, de moral; em hum troço de escravos finalmente, que atrás do mimo da liberdade se prestavão facilmente a tudo que era impiedade, abominação, e sacrilegio . . . . Apontamos nós á seita Maçonica, que sendo ella composta dos revolucionarios de todo o Mundo, e que carecendo totalmente das grandes virtudes, que só estas podem fazer respeito á multidão; mas abundando em todos os vicios, que são os laços, ou cadeias de ferro, que prendem á seita esses homens, que são a escoria de todos os Reinos da Europa, não devem contar senão com a inevitavel ruina que os ameaça de perto. Zombava o Consul das impotentes e aleivosas tramas de Catilina, espalhava a ironia ás mãos cheias sobre esse bando infame e desprezivel de salteadores, pede-lhe afoutamente que declare a guerra, e que se levante em cabeça de motim, porque não será duvidoso o triunfo que a justiça, a humanidade, e o partido mais forte dos bons, auguravão á boa causa. Similhantemente nós zombamos das ameaças dos Pedreiros; e se os quizessem ver a todos justiçados no patibulo que merecem, por certo que lhes pediriamos que se juntassem de todas as partes do mundo para se

unirem contra os esforços da Soberania legitima, que os persegue, e que os ha de esmagar: porém outras idéas mais christãs nos animão. Como interprete dos Portuguezes moderados, lhes endereçarei pela ultima vez esse conselho saudavel, que já por vezes lhes tenho intimado, e que elles, pondo a mira já na rendida Hespanha, já na *inexpugnavel Cadiz*, desprezárão inconsideradamente; e o mais he que hei de seguir as pizadas de Cicero, encostando-me quanto seja possivel á victoriosa eloquencia, com que elle confundio e afugentou dos muros de Roma o depravado Catilina.

Conselho aos Pedreiros pela ultima vez.

Retirai-vos.... parti... Não deixeis entre nós a minima semente, que brote para o futuro novos males, novas desgraças. Purificai nossas cidades, que se julgão manchadas com a vossa presença. O maior medo que até hoje nos inspiraveis era o de crescer o numero dos vossos adeptos, e corrermos o perigo de nos ser arrancado para sempre o Reino de Deos. Só respiraremos e ficaremos socegados se entre nós, obedientes filhos da Igreja, e vós, seus maiores inimigos, se levantasse hum muro de bronze..... Todos os bons Portuguezes vos apontão com o dedo; não podemos soffrer-vos, nem consentir-vos em huma sociedade, que toda inteira vos reprova. E quantas graças devemos nós a Jesus Christo nosso Deos, e principal fundador deste Reino seu predilecto, e de todos mais favorecido, por ter desviado tantas vezes de nós essa peste a mais horrivel, e contraria ao nosso bem temporal e eterno!.. Podiamos soffrer-vos quando os vossos attentados erão menos publicos e menos odiosos, quando insultaveis as classes mais sabias deste Reino, quando tinheis lá para vós que a sciencia, erudição, e todas as prendas e talentos vos erão privativas, e que todo o homem despido de ligações comvosco era hum ignorante e hum estupido, quando vos desembaraçaveis pela fraude e pelo veneno de tudo o que vos fazia sombra; hoje porém que atacais a peito descoberto a motal de Jesus Christo, que zombais dos anathemas do seu Vigario na terra, que premeditais o esbulho das propriedades, a ruina dos nossos templos, das nossas instituições mais antigas, e bramis de raivosos só com a

idéa de que ainda ficará em pé o nosso antigo edificio social... Ah! Quem poderá conter-se, que não vos deseje ver longe, e bem longe, deste Reino?... Não queremos a vossa morte, nem a desejamos... Trememos de ver derramado o sangue Portuguez, ainda que seja o mais impuro.... Tomai o conselho, que vos importa seguir... Expatriai-vos.... Acaso direis que usurpamos authoridades, que só competem a hum Soberano? Hum conselho não he preceito, he conciliar quanto seja possivel a vossa segurança com a segurança publica; e demais o Soberano, que vós conheceis e admittis, o povo, irrita-se de que sejais tratados com moderação, e não pagueis á justiça humana o muito e muito que lhe deveis. Não sei que possa haver cousa que vos agrade entre nós. A' excepção dos vossos partidistas, não contareis hum só Portuguez que vos ame e vos applauda... Não vos injuriamos, nem vos tiramos o credito. A vida infame e torpissima de muitos dos vossos confrades he a vossa maior condemnação. Lançarei hum véo sobre a multidão de factos vergonhosos e atrocissimos, com que poderia acabrunhar-vos... Nada me importa senão o imminente perigo da Religião e da Patria; tudo o mais he alheio desta invectiva... Fosseis vós hoje bons cidadãos e bons Catholicos, e eu vos affianço desde já, em nome dos verdadeiros Portuguezes, que hoje mesmo nos abraçariamos cordialmente, e que o dia do vosso regresso para os solidos e antigos principios da nossa Fé havia de contar-se entre os mais serenos e brilhantes, que tem raiado sobre este Reino. Mas para que nos fatigamos em vos inculcar o que ha muito devieis ter feito em obzequio da Religião e da Patria? Será possivel que vos agrade ceder a estas reflexões, quando haveis illudido até agora essa nuvem de ponderosos raciocinios, com que os esforçados Athletas da verdade vos tem sepultado nos abysmos? São baldados, são inteiramente perdidos os esforços da verdade para serdes allumiados e convertidos. Não sois homens de tal jaez, que a vergonha vos desvie da torpeza, o medo vos aparte dos perigos, e a boa razão vos livre dos accessos de loucura que ha tantos annos padeceis. Não vos poderá ser violento o desterro, que eu torno a aconselhar-vos. Em toda a parte achareis irmãos, amigos e bemfeitores; achareis serviços, obsequios, bolsas abertas, e toda a casta de favor e distin-

ção... Portugal não quer a execução dos vossos projectos de reforma... Antes vos quer inimigos declarados que fingidos bemfeitores... Lembrava-me de vos pedir que applicasseis a vossa costumada filantropia em graça dos povos selvagens da Africa e da America, onde as vossas theorias luminosas poderião executar-se; pois onde se carece absolutamente de edificio social nada he mais commodo, nem mais facil, do que construillo de novo desde os alicerces: e pelo contrario nada he mais funesto do que tentar erigillo sobre as espantosas ruinas do antigo... Mas que digo eu!.. Cegava-me o desejo de que ainda tivesseis alguma felicidade cá neste mundo... Os proprios selvagens serião infelicissimos se vos cahissem nas mãos. Buscai antes as Ilhas novamente descobertas, e só habitadas de feras... reuni-vos ahi, longe da desassisada Europa, que não quer a felicidade das gerações vindouras á custa da geração presente... Que gostos, que deliciosos sentimentos inundarão vossas almas, quando em vossos ajuntamentos feitos nas praias, nas montanhas, e nas planicies só avistardes irmãos, e não vos incommodardes com a vista de hum só Christão, de hum só bom Portuguez, de hum só amigo das instituições velhas e carcomidas! Dahi lançareis vistas de piedade para os vastos continentes que vos desconhecêrão e rejeitárão: dahi sereis os modelos da paciencia e da constancia nos trabalhos da agricultura, da instituição de fabricas, da escavação de minas, e em todos os ramos do commercio; e vos chamareis infelizes só porque não deixastes mais cedo o *paiz da superstição e fanatismo*: e nós em paga de tamanho serviço nos daremos mutuamente os parabens de termos concorrido para a vossa gloria, ficando salva a que mais desejamos, e que consiste em sermos bons Portuguezes e bons Catholicos.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 25.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

Não está morta, está dormindo!!!

HA caso como este, que depois de succedido ainda me parece incrivel!!! Pois os malvados, os estupidos Mações, reconhecidos por authores das nossas desgraças, que insultárão a magestade do Throno, aviltando de mil modos e por mil artes a sagrada pessoa de ElRei Fidelissimo; que injuriárão e desterrárão Sua Magestade a Rainha Nossa Senhora, esbulhando-a, sem pejo e sem os menores visos de decencia, até do necessario para a vida; estas sanguexugas do Estado, que fizerão morrer tanta gente á fome, em quanto para elles tudo parecia escaço e diminuto, cuspindo fóra aos 4:800 réis diarios, como se fossem huma ninharia para quem só teve em casa de seu pai a *boroa*, o *caldo*, e as *bersas;* pois estes desavergonhados, que tem sobre as costas o pezo da Santa Alliança, que ha de abrir os olhos aos Reis illudidos, que ha de limpar a superficie da terra deste novo genero de peste mais assoladora que a *febre amarella;* pois estes infames, a quem todo o Reino de Portugal, já certo do que elles são, já desenganado á custa de huma longa e penosa experiencia, conhece e aponta com o dedo, tolhendo-lhes assim toda a esperança de escaparem ainda pela ma-

*

lha, como succedeo aos abonadores da invasão Franceza, que do perdão generosamente concedido por ElRei abusárão torpe e aleivosamente, para serem os primeiros que se pozessem em campo, a fim de o envilecerem e desenthronizarem; pois estes lobos racionaes, a quem a provincia de Trás-os-Montes e a mais catholica das cidades do Reino, que he Braga, tem feito a mais bem dirigida montaria; pois estes rebeldes, estes impios ainda querem levantar cabeça!!! Querem, e de feito já andão com ella bem levantada nas duas cidades de refugio, Porto e Coimbra!! Devião sumir-se cem braças abaixo da terra, e nunca mais apparecerem diante de gente honrada; e não he nada ajuntão-se ainda nos seus *clubs*, espalhão noticias aterradoras, e affectando huma segurança, que não póde existir dentro dos seus corações, por ventura já se atrevem a fallar publicamente em reacções, em contrarevoluções, que provavelmente hão de correr parelhas com a prizão do Duque d'Angouleme, com o regresso de Fernando VII para Cadiz, e com a plena derrota do Exercito Francez, que ficou todo prizioneiro de hum milhão de combatentes, que descêrão expressamente da Lua para despicarem as affrontas do Maçonismo!!! O mais he que estes novos Quixotes tem feito imprimir estas novellas para seduzirem os incautos, e já tem faltado bem pouco para levantarem o nefando grito de *Viva a Constituição*, que entrementes o seu grito de reunião he: *Não está morta, está dormindo!!!* Ora tudo isto ou deve causar a mais viva indignação, ou ser tão sómente objecto de quatro risadas.... Se tratarmos da inutilidade de todas estas aventuras he certo que só merecem huma gargalhada; porém a cousa olhada em si he muito seria, e deve chamar toda a attenção e desvelo dos Magistrados, sob pena de serem ou parecerem occultos agentes do Maçonismo os que dormirem sobre o caso. Deos nos livre de indifferentistas, que, ou corra a agua para baixo ou para cima, tudo para elles he o mesmo. Quem tiver sangue Portuguez, e que não esteja infectado de peste maçonica, forçosamente se doerá de que o nosso territorio seja pizado e enxovalhado por estas viboras, que se comprazem sómente de rasgar o seio da Mãi Patria, e que havendo confusão, tumulto, e anarquia, vai tudo para elles na ordem, vai tudo ricamente!

Quanto a mim, sei e conheço perfeitamente que todos os Medicos do universo postos á cabeceira do Maçonismo só lhe darião o ultimo desengano de que morre, e de que já póde ir cuidando no seu funeral, pois já lá vem a tumba e os pannos pretos para se fazer a armação das exequias; pasmo de que a loucura humana se requinte de tal maneira que ainda possa ter sectarios, que sem o denodo e corajem dos antigos Circumcelliões, ou dos Fanaticos de Cevenas, se exponhão gratuitamente á indignação publica e ás mais severas demonstrações da justiça; e meditando seriamente nesta aberração dos mais communs sentimentos da natureza, ponho-me a indagar as causas deste fenomeno, que se explicará facilmente depois de se definir

Que cousa he hum Pedreiro Livre?

Importa considerar este *amfibio*, que tem qualidades de homem e qualidades demoniacas, debaixo das suas relações principaes para com Deos, para com a sociedade. Para com Deos elles são absolutamente nullos; e se ha duvida mostrem-me hum Pedreiro que seja de vida exemplar, que visite as Igrejas, que frequente os Sacramentos, e que edifique o seu proximo; ainda está para vir ao mundo este *corvo branco*, e não tenhão medo que nunca se lhe ponha a vista em cima. A Religião Christã he para elles superstição abominavel: ainda a soffrião, com o seu inferno e com o sexto Mandamento, se ella não tivesse o *antigo crime*, a *fraqueza imperdoavel* de ser huma exaltada Realista; e por isso hum sabio constitucional, á face dos peixinhos de Santo Antonio que o escutavão, disse alto e em bom som: » Desde Constantino que a Religião Catholica principiou a ser advogada do despotismo, nunca mais deixou de o ser, e o proprio Concilio Tridentino concorreo muito para se apertarem os grilhões que maniatavão os infelizes Povos Europeos. » O caso he que os bons Catholicos forão sempre os melhores vassallos dos Reis Pagãos... ainda que vissem o Imperio Romano dilacerado pelas violencias de hum Nero, de hum Caligula, e d'outros desta laia, accommodavão-se, padecião, e sem murmurar cumprião todos os encargos publicos.

Não tivessem medo que algum delles se pozesse a gritar: *o Estado vai a pique, a ausencia do Imperador o fez chegar ás bordas do precipicio; vamos gritando: viva o Imperador, mas vamos-lhe arrancando o Sceptro; vamos gritando: vivão as leis do Imperio, mas logo que montarmos o cavallinho, atiremos com tudo ao chão; e se o Imperador voltar, obriguemo-lo a seguir tudo quanto nós tivermos feito; e entrementes enchão-se as nossas bolsas, despachemos sómente os nossos afilhados, e quem pilhou pilhou...* Ora eis-aqui huma habilidade que não tem os Catholicos, porque o seu Divino Mestre lhes não deo authoridade para isto; e bastava só este sinal para conhecermos que os Pedreiros Livres são ainda menos Catholicos do que os Turcos, e os Argelinos... Homens pois visivelmente fóra da graça de Deos, e cobertos de excommunhões, que ha 60 annos a esta parte chovem sobre elles, como deixarão de imitar o impio Faraó na sua obstinada cegueira? Tão poucas pragas tem elles visto cahir sobre as suas estontadas cabeças? Não importa, hum Mação, como cégo que anda, não vê nada senão a luz do candieiro triangular; e por isso não crê senão o que tem ouvido na loge: se disserem lá, por exemplo, como se disse ha poucos dias na Cima Coâ: *ahi vem o Deputado B. C. á testa de 30$ homens para restabelecer o systema*, começa a saltar e bailar de contente, e já lhe parece que no dia seguinte anda a trabalhar na desejada restauração das *Sacrosantas Lapidas*, e que se lhes formão os novos alicerces com a *ossaria dos perfidos Corcundas.*

A sua *gavadinha* he protestarem que nas suas loges não ha nada opposto á Christandade, e que as suas conferencias estão bem longe de tocarem em assumptos religiosos. E basta que elles o digão para que nunca mais nos seja licito, nem ainda suspeitar, que o que tentão he nada menos que voltar de cima para baixo, e bem para baixo, o mundo politico, e o mundo religioso. Olhai, pobres cegos, ou pobres tolos, que já passou aquelle bom tempo, em que a maioria das nações comeo este solemnissimo embuste; agora não ha cão nem gato que deixe de saber que o fito principal do Maçonismo he desassombrar o globo terraqueo desta *superstição* Christã, que os não deixa pôr pé em ramo verde. Sou inimigo de enfadonhas repetições, nem para huns homens tão odiados, e tão

cheios de crimes, he necessario fazellas.. Ahi vai cousa novinha, e mesmo do *trinque*. Tem-se dito á boca cheia que a Maçonaria ingleza he sisuda, grave e circumspecta, e que as suas loges são mais *partidas de comes e bebes*, ou de gula e borraxeira, que outra cousa: e se eu disser aos nossos sabichões que a Maçonaria ingleza (que só o nome lhe basta) he tão inimiga do Christianismo, e tão ridicula, como são a franceza, a hespanhola, a portugueza, e a mais *sucia* de Palhaços orientaes, occidentaes, europeos, asianos, e americanos, etc., ficão espavoridos, e capazes de arrancarem os seus punhaes contra mim, que dou sentenças sem conhecimento de causa, e não duvido manchar a honra e a integridade do Maçonismo britanico!.. Attendão-me e saibão por huma vez que ainda não cheguei ás do cabo, mas voume aproximando lentamente como quem não deve nem teme... Revolvendo para outros fins a immensa collecção de hum Periodico inglez, que se intitula *Monthly Review* (Revista Mensal) embirrei muitas vezes com sermões maçonicos, prégados em assembléas de Pedreiros Livres, até dar com hum, e que sermão! Olhem para o titulo, e já pelo dedo conhecerão o gigante. *Sermão prégado diante da antiga e honrada sociedade dos Pedreiros Livres em a loge provincial, reunida na Igreja de S. João de Chester a* 26 *de Junho de* 1786, por Thomaz Crane, Ministro de S. Olave Chester, e Capellão do Conde Verney, Ex-Provincial Capellão mór, Ex-Mestre, e agora Orador mór Provincial... 4.° impresso em Chester, e distribuido *gratis entre os Irmãos.*

Ora vejão se hum titulo assim não merecia ser apunhalado a ponto de o fazer em salada; e o que estes cachorros são apegados ás formulas e estylos fradescos, como se fossem muito nossos desperdiçados, e o que bem fica hum sermão destes prégado em huma Igreja que se diz Christã!!! Quem não tirará deste successo o que florece e brilha, o affavel Protestantismo, que para livrar os seus irmãos Pedreiros do trabalho de alugarem casas em sitios escuros e retirados, e de gastarem os bellos *guineos* no adereço do magestoso salão... franquea-lhe generosamente as suas Igrejas, que nem á mão de Deos Padre quereria largar, por horas que fosse, para o exercicio da Religião Catholica, novo genero de in-

tolerancia tolerantissima, que só elles entendem!! Não demoremos aos leitores hum pedaço de eloquencia maçonica, que os divertirá por extremo. Foi o thema apanhado do Genesis cap. 14 v. 17. *Edificou huma cidade.* (Suppõe o Reverendo Prégador que Cain, no seu estado de fugitivo, corrigio a sua moral, e pareceo ter voltado á Graça de Deos por se lhe permittir que edificasse a primeira cidade de que se faz menção na Historia, o que authoriza o Reverendo a fallar-nos assim) » A genuina Maçonaria, ou se applique á construcção dos navios ou aos edificios e casas, tem a sua origem na inspiração e revelação Divina. » He nova, ao menos para este Reino, a arvore genealogica que faz descender de Cain os Pedreiros Livres, dignos filhos de tão bom pai, e herdeiros de todas as suas prendas e virtudes. Esta boa joia, depois de ter manchado as suas mãos com o sangue innocente de Abel seu irmão, recebeo da justiça de Deos hum sinal, para que todos o conhecessem e ninguem o matasse; o mesmo succede, até certo ponto, aos Mações Lusitanos; são conhecidos do povo *como gatos ruivos*, mas como trazem o sinal da bondade e da clemencia de ElRei, ninguem os mata; que se os Portuguezes não fossem Christãos amantes das fórmas legaes da justiça, e obedientissimos a ElRei Nosso Senhor, onde irião já os nossos trinta ou quarenta mil Pedreiros Livres? Não interrompamos o illustre preopinante, que sendo homem lido na Escriptura, ahi vai descobrir mais outra similhança das mais honorificas para os Pedreiros Livres. » São João no Livro do Apocalypse, fallando dos successos que terão lugar no fim do mundo, diz: O Templo de Deos estava aberto no Ceo, e via-se neste Templo a Arca do Testamento, e ahi ouve relampagos, e vozes, e trovões, e terremotos, e grande saraiva. — Aquelles, que tem servido a Loge nos gráos superiores da Maçonaria hão de conhecer facilmente a affinidade que ha entre a Loge terrena e esta passagem de São João; pois hum Pedreiro acabado ha de encontrar a Maçonaria em quasi todos os Livros da Sagrada Escriptura, e com especialidade no Livro do Apocalypse, onde São João Evangelista com espirito profetico descobrio no Ceo as mesmas scenas, que fazem pasmar e recrear o espirito a todo aquelle, que he versado nos gráos superiores da Maçonaria. »

O Redactor Inglez, que não era *lerdo*, conclue o extracto com estas palavras: *A substancia de todos os sermões maçonicos se póde reduzir a huma simples proposição, a saber: Que o Christianismo ainda não he hum systema completo de moral, e que carece para o ser dos principios maçonicos, para lhe supprir as suas faltas, e dar-lhe lustre.* Ora hum Protestante não será obrigado a mais do que isto, mas disse quanto era necessario para vermos qual he o espirito da Maçonaria Ingleza nos seus escritos publicos, talvez impressos á custa da Irmandade; porém de que animo ficará hum Portuguez Catholico ao ver que as burlescas, e por extremo ridiculissimas scenas de relampagos e trovões artificiaes, e de outras momices e carantonhas que se fazem aos Noviços da Maçonaria se assemelhão á cousa mais alta e mais respeitavel que nós conhecemos!! Por bem pouco este blasfemo Prégador mór dos tolos não vio no Ceo as esquadrias, as trolhas. e as barbas de bode, e toda a mais farraparia do Maçonismo. He o que faltava para conhecermos até que ponto chega a demencia, a fatuidade, e a presumpção destes malvados! Socegue hum pouco a minha indignação para se formar hum raciocinio concludente, e que será intelligivel até para as crianças de sete annos de idade.

„ A Maçonaria he desprezadora do Christianismo em os proprios lugares, em que nos dizem que ella he sisuda, modesta, e huma santinha em carne; logo que será ella nos outros Reinos em que tem degenerado? „ Já temos visto claramente o que ella he, apezar de que ainda não vimos o que ella queria ser. O que nos valeo foi o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel, senão teriamos que ver nos mezes que corrêrão até á entrega de Cadiz cousas de arripiar os cabellos. Os leilões das santas Imagens, e a expoliação das Igrejas ainda erão *pão e mel* para a sorte que nos esperava, e por certo que já não tardava muito que fosse hum crime ouvir Missa, que de confissão já elles se hião desfazendo a toda a força nas perguntas judiciaes aos confessados sobre o que lhes dizião e recommendavão os seus Confessores.., Em fim todos os Portuguezes, que andão por tres milhões, vivem certos, e altamente persuadidos, que não ha meio entre governo de Pedreiros e governo opposto ao Christianismo. Huns toleirões, huns *miseraveis*, até desses que

estudárão sobre as saccas de arroz e os barris de manteiga as sciencias politicas, em que dão sota e az aos Smiths e aos Benthams, presumem que ainda terão forças para erguerem o systema cahido e *estartelado* nesse chão, e pizado, enlameado por tudo o que passa, carros, carretas, bestas, passageiros etc. etc. Já disse que andavão por trinta a quarenta mil; direi agora que todos estão feridos de huma cegueira peior e mais incuravel que a do pobre Cyclope, que não sentio nem deo acordo de si, quando o astuto e matreiro Ulysses lhos furou com hum páo muito á sua vontade. Metteo-se-lhes na cabeça que por terem ainda alguns Irmãos nos lugares publicos, haverá occasião de respirarem, e de *escoucinharem!* Tão loucos são elles por nutrirem a mais louca de todas as esperanças, como os seus Confrades por assentarem que estão seguros no cavallinho, e que este não os deitará no chão quando menos o pensarem! A lealdade ao Throno, meus amigos, he hum sentimento nacional, de que por alguns mezes vos soubestes aproveitar para os vossos intentos; porém a chegada de ElRei Nosso Senhor desmanchou-vos a *igrejinha*, e dahi por diante parece que foi o vosso empenho o que mais aborreceis, pois todos os vossos procedimentos estreitárão mais e mais a fidelidade a ElRei Nosso Senhor. O Povo está *são como hum pero*, e ninguem lhe dá volta; os soldados rasos são povo do que nós queremos, e ha poucos dias que hum destes, alliciado por certo filho de Minerva para ter saudades da Constituição, por bem pouco não o partio de alto abaixo com hum talho da sua *dorindaina.* He tarde, meus amigos, passou a vez, e não tornará. Seita inimiga da Santa Religião dos nossos pais não medra em corações Portuguezes, para o que bastava, e era de sobejo, esse odio figadal aos Reis, que he outra divisa maçonica, em que he necessario instruir o povo, a fim de que elle vos conheça cada vez mais, e aborreça tanto a vossa damnada seita, quanto vós aborreceis o Throno dos Reis legitimos, e os Altares de nosso Senhor Jesus Christo.

Gritão os Pedreiros francezes, castelhanos, prussianos, piemontezes, napolitanos, e toda a mais quadrilha, que são amantissimos dos Reis, e que só lhes prendem os braços para que não fação mal, deixando-lhes o livre exercicio de tudo

o que he bom por tal arte, que o Maçonismo faz de todos os Reis huns Santos em carne, e dá com elles vestidos e calçados no Ceo. O caso he que lhe tirão o poder legislativo, mettem o braço até ao cotovelo no exercicio do poder executivo, pela fórma que nós todos vimos repetidas vezes praticado; e os Reis ainda em cima hão de ficar-lhes muito e muito obrigados, hão de honrallos, fazellos grandes, e até beijar as mãos de quem lhes arranca o Sceptro das suas, e a Coroa da cabeça. *Aqui da razão* e da Nação (unicos soberanos da Maçonaria) he falso testemunho que nos levantão os Corcundas; nós tratamos sómente do bem publico, que he toda a nossa mira; queremos Reis, e só não queremos despotas. » Eis-aqui hum resumo dos brados e gritarias maçonicas, a que he necessario responder na fórma, em quanto se não principia a tratar *pro rei dignitate* o principio fundamental de todas as revoluções, isto he, a *Soberania do povo.*

Os malditos Corcundas, logo que assomou o dia 24 de Agosto, previrão todos os successos que terião de acontecer até ao dia 31 de Maio de 1823, porque sabião perfeitamente quaes erão as fontes onde o Maçonismo portuguez bebia as suas doutrinas, e começárão logo a torcer o nariz, por saberem que a cafila dos Regeneradores não era *mata donde sahisse coelho*... Systema social, Contrato social, e outros authores da mesma laia, erão ha muito os seus dilectos, a ponto de que, apenas houve liberdade de imprensa, andou em *bolandinas* o contrato social, de que em breve espaço de tempo se tem feito nada menos que tres versões portuguezas *deste precioso livro*: e não contentes da que fez *hum tal Vianna*, por isso empoleirado entre os Sabios nacionaes *pelo benigno e prazenteiro* Adriano Balbi, ainda em Julho de 1823 querião fazer sahir nova traducção dos prelos da Universidade de Coimbra!!! Ora vamos a contas, e saibão os Portuguezes que boa gentinha os governou, e lhes imprimio nos antigos brazões de lealdade aos seus Principes huma nodoa que levará seculos a desfazer e apagar.

Todos estes revolucionarios modernos, de qualquer ordem, condição, e jerarquia que elles sejão, partem constantemente deste principio: que os Povos tem direito de encurtar, e diminuir o poder e authoridade real até ao ponto

de os fazerem descer do Throno, porque assim foi estipulado em hum contrato primordial, de que ninguem até hoje encontrou o minimo rasto em a Historia das Nações. Nunca os rebeldes tiverão outro valhacouto senão este Milton Buchanan Sidney, e os fanaticos *Puritanos* regicidas de Carlos I. de Inglaterra, e ultimamente os revolucionarios francezes, que cortárão a cabeça a Luis XVI, o qual tivera a sinceridade de se fiar nos Turgots Nekers, e outros *Ministros liberaes*; em fim toda esta *boiada* foi atrás da vacca do chocalho, ou *Soberania do povo*, para fazerem este mesmo povo mais desgraçado do que nunca fora, ou podia ser debaixo do *paternal governo* dos Reis. Chamo-lhe *paternal* em contraposição ao governo dos Mações, já denunciado em toda a Europa como victima das mais sordidas paixões, e vilissimo em toda a extensão da palavra; e só quem não tiver dez réis de juizo he que poderá engulir a peta de que elles se desvelão e affanão pelo bem publico, frase da moda, que se resolve no interesse particular de meia duzia de facciosos atrevidos, que só achão as cousas boas e direitas no Estado, quando elles lhe *chupão a substancia*, e praticão ainda mais escandalosamente o *mesmo trafego de leilões* para empregos civis e ecclesiasticos, que tão agramente censuravão nos outros.

Demais, que insulto recebem os Mações de serem julgados pelas doutrinas impias e revolucionraias de seus Mestres? O Mestraço Rousseau não podia levar á paciencia que a Religião Christã nos mostrasse na propria vontade do *Soberano de todos os homens* a origem dos Reinos e dos Imperios, e chegou a explicar-se desta maneira. » Se a authoridade dos Reis vem de Deos, he da mesma sorte que as doenças e os flagellos da humanidade. (Emilio T. 4 pag. 361). O primeiro Rei que houve no mundo, accrescenta o Mestraço Voltaire, foi hum ladrão, ou hum soldado feliz (Tragedia Merope Acto I. Scena III.), e já o *systema razoavel* tinha proclamado que a força e estupidez erão a unica origem dos Thronos. Ora lá me custa pôr em linguagem a proclamação deste energumeno; he porém conveniente azedar cada vez mais os corações portuguezes contra a seita inimiga das nossas maiores felicidades.

Aos pertendidos Senhores da terra.

„ Flagellos do genero humano, illustres tyrannos dos vossos similhantes; homens, que de homens só possuis o nome; Reis, Principes, Monarcas, Chefes, Soberanos; vós todos, em fim, que subindo ao Throno, e levantando-vos acima de vossos similhantes, haveis perdido as idéas de igualdade, de equidade, de sociabilidade, e de verdade, em quem a sensibilidade, a bondade, o germen de todas as virtudes as mais ordinarias, nem sequer chegou a desenvolver-se, eu vos cito para o tribunal da razão. Se este globo infeliz, *rolando* silenciosamente no meio do ether, arrastra comsigo tantos milhões de desgraçados prezos á sua superficie, e agrilhoados pelo decreto da opinião; se este globo, torno a dizer, tem sido a vossa preza, e se vós devorais hoje huma triste herança, não he á sabedoria de vossos predecessores que vós o deveis, he á estupidez, ao terror, á barbaridade, á perfidia, e á superstição. „ *Eis-aqui os vossos titulos.*

Não sei que possa chegar a mais o odio aos Reis, que o proprio author capitula de primeiros carrascos de seus vassallos, já requintando sobre outro (Assut Toler.), que lhes chamou os creados graves de seus subditos. Aqui se manifesta bem claramente o danado espirito da seita Maçonica, diante da qual, o mais perfeito dos governos he hum delirio, e a Santa Religião, que o apoia e defende, he huma superstição abominavel!!! Mas que tem isto de commum com a doutrina dos Pedreiros portuguezes, que talvez condenem e reprovem nesta parte as más doutrinas de seus Mestres? Não, Senhor, approvão tudo quanto elles disserem, e augmentão a intrinseca maldade de taes principios. Ainda terão de sahir a lume fortissimas e exuberantes provas desta verdade, que se leva a pontos de demonstração em quasi todas as paginas do *Armazem de Sandices*, ou Diario das Cortes; e ninguem se poderá jámais esquecer do applauso com que as maçonicas e assalariadas Galerias favoneavão esse energumeno assás conhecido, que tantas vezes metteo a bulha os Christãos, que pugnão pela origem divina da authoridade dos Reis. Será bastante por agora trazer dous factos de porem

toda a Maçonaria portugueza em termos de nunca mais tornar a abrir bico para se quererem justificar neste artigo.

Facto 1.º

Para que mandárão elles vir de França hum theatro, como se não fossem de sobejo para estragarem os costumes os que nós cá temos, e a quem elles davão os contos de réis extorquidos ás Ordens Religiosas? Para que? Para assoalharem maximas impias e revolucionarias. Quando o *Patriarca de Ferney* quiz dar aos seus concidadãos huma prova ou mostra do que aprendêra nas suas viagens á Gram-Bretanha, publicou a Tragedia *Bruto*, que não obstante a devassidão dos costumes em França, e a consideravel diminuição e quebra dos sentimentos de amor e lealdade á Casa de Bourbon, o que já fazia dizer a Luis XV: *esta moda de reis vai a acabar*, assim mesmo foi recebida friamenre nas primeiras representações. Ora o que não agradou aos Francezes assim degenerados e corrompidos, offereceo-se aos Portuguezes, e soárão na capital deste Reino as fulminantes expressões de Bruto

Il nous rend nos sermens, lors qu'il trahit le sien
Et des qu' aux Lois de Rome il ose être infidelle
Rome n'est plus sujette, et lui seul est rebelle

Logo que elle quebranta o juramento,
Do nosso nos absolve, e na mesma hora,
Em que ousa ser traidor às leis de Roma,
Roma deixa de ser subdita sua,
E Tarquinio sómente he que he rebelde.

Ora mal se póde buscar o subterfugio de que estas maximas revolucionarias erão propostas em huma lingua estranha. A Franceza não o he para os caixeiros de Lisboa; e quem desejasse ter á mão a Tragedia vertida em linguagem, facilmente o podia conseguir, que para isso a fizerão imprimir.

Facto 2.°

He desnecessario citar innumeraveis passagens do *Armazem*, que respirão o mais exaltado e petulante menoscabo da Soberania dos Reis... Hum só valerá por todos. Nenhum verdadeiro Portuguez, ao ler que hum Rei he hum criado de servir, hum carrasco, deixará de estremecer, e de se azedar muito e muito contra as seitas, que parírão as abominações e monstruosidades que acima levo referidas; mas quem poderá conter-se, ou reprimir a mais justa e a mais viva indignação, lendo naquelle *Armazem* (2.° anno, pag. 487.) esta *feia* e execranda asserção: „ A palavra *Principe* (como diz Alfieri) importa aquelle que está no meio de seus vassallos, como estaria hum leão no meio de hum rebanho de ovelhas. „ Que maior analogia póde haver que a desta asserção com a outra, que já transcrevemos, e que considera os vassallos como preza dos Reis, e tão dependentes do seu capricho, como estará hum rebanho de ovelhas diante d'hum leão, que he instado pelo seu natural para as fazer em pedaços, e devorallas? E que fazião as intrepidas Galerias no meio desta nuvem de quixotadas e blasfemias de todo o calibre?.. Applaudião como fieis satellites do Maçonismo; e o Maçonismo, que assim deitou as unhas de fóra, tem o descoco de julgar que ainda haverá quem lhe perdoe, e lhe queira bem, e faça acordar a Sagrada Constituição, que dorme?.. Venha, venha, que já he tempo, a

Trovoada de desenganos sobre os Pedreiros Livres.

Da parte de dous para tres milhões de Portuguezes vos annuncio que antes queremos Rei, e Altar, do que a minima sombra do Liberalismo em as nossas leis, e instituições presentes e futuras.

Da parte da Nação Franceza, já sobejamente escaldada dos systemas liberaes, e que por mais que lhe gritem os vossos Manoeis, os vossos La Fois, os vossos Pradts, e os vossos Constants, e outros *Jam-Fernandes*, está muda e queda, e prompta a despejar milhões de soldados sobre a Facção maçonica, vos annuncío que a vossa Constituição já

não póde contar com o apoio de sua illustre porém malfadada Avó, e que morreo na casca, fado este e sorte geral das theorias modernas.

Da parte da Nação Castelhana, que largo tempo ha sido o fomento das vossas esperanças, e o ludibrio das vossas chamadas reformas, vos annuncío que o grito universal desta Nação grande e heroica he o de Viva ElRei, Viva Christo, Viva a Inquisição, que bem desfiadinhos, querem dizer, ou equivalem a estoutro — *Morrão o Systema Constitucional, Acabe o Maçonismo, Acabe de todo, seja cortado pela raiz.*

Da parte dos Reis da Santa Alliança vos torno a avisar que não ha meio; ou vós fareis o Mundo Pedreiro, e sómente povoado dos filhos de Cain, ou aquella tremenda e insuperavel força vos ha de esmagar a ponto de que depois de seiscentos annos mais chegados não entre em cabeça humana sequer o projecto de resuscitar as doutrinas liberaes.

Da parte de todas as Nações Europeas, que fazem hum coro tão unanime como respeitavel, vos digo e clamo: — A vossa Constituição Republicano-Maçonica não dorme, está morta para sempre.

Cobardes, só deitareis a perder algum desses miseraveis, que trazem as mãos no ar por dispensa. Os gritos de lealdade, e do afferro á crença dos nossos maiores, são mais energicos e mais fortes do que esses do fim de Maio, *ou Constisuição ou morte.* Nessa parte haveis degenerado muito dos vossos Irmãos Jacobinos, que erão malvados e impios como vós, porém ao menos guardavão o seu posto, e sabião morrer pela defeza de seus principios: e como he necessario tratar-vos sempre de menor, e com o desprezo que vós mereceis, heide regalar-vos a final com huma similhança, que se ajusta perfeitamente com as vossas actuaes circumstancias.

Foi a Revolução hum crocodilo ou *caiman* de desforme corpolencia, que de hum bocado engulia Povos e Nações inteiras. Ao entrar na Peninsula converteo-se em huma insignificante *lagartixa*, que sim quiz arremedar o tempo antigo, e por isso deitou a lingua fóra para abocanhar os Reinos pequenos, v. g. Napoles e Piemonte, porém foi nestes mal succedida; e os tristes Gregos, que cahírão no

langará maçonico, tem pago bem caro o seu amor á liberdade. Em fim a lagartixa apanhou taes bordoadas de Abril para cá, e levou tantas pizadelas, que ficou estontada e quasi morta. Metteo a cabeça na praça de Cadiz, onde lha cortárão a final, e apenas ficou o rabinho saltando com alguns restos de vitalidade, que desapparecem todos os dias. Já não vive a parte mais grossa deste rabo, que não foi o peior de esfolar, isto he, já se rendêrão ás Armas Francezas Badajoz e Ciudad Rodrigo, e só resta a pontinha do rabo, que são os meritissimos Pedreiros Lusitanos. Quem gostar da carapuça que se cubra com ella.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 26.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

Homilia do Bispo d'Imola.

Que farião os Constitucionaes, ou Mações, para se vingarem do S. Padre Pio VII., que apostolicamente lhes negou as Bullas para a extinção da Patriarcal, e chamada reforma das Ordens Religiosas? Assoalhárão certa Homilia, que Sua Santidade escrevêra, dizião elles, em quanto Bispo d'Imola; remettêrão-na officialmente aos Bispos, a fim de ser lida por todos os Parocos á estação da Missa conventual, e pensárão ter conseguido hum triunfo sobre a denodada resistencia que o Pai commum dos fieis, e nomeadamente das Ordens Religiosas, oppunha aos seus danados intentos. Concedida que fosse a genuidade do tal documento, assim mesmo pouco ou nada provaria contra o S. Padre, que vendo-se cercado de baionetas francezas, em quanto Bispo d'Imola, porventura se amoldou ás circumstancias, porque de outro modo aggravava os já crescidos males do seu rebanho; nem a questão politica sobre a excellencia deste ou daquelle governo mereceria a pena de se vêr immediatamente separado das suas ovelhas, quando tanta copia de lobos famintos havião entrado no redil. Accresce mais, que da letra da Homilia do Bispo d'Imola, se fosse verdadeira,

apenas se conclue que o governo democratico não se oppõe ao Evangelho, o que se vê das palavras formaes do Bispo: » A fórma de governo democratico, adoptada entre nós, muito amados irmãos, não se oppõe ás maximas que vos tenho exposto, nem repugna ao Evangelho; pelo contrario exige aquellas virtudes sublimes, que se não adquirem senão na escola de Jesus Christo. » Se a Homilia tão pomposamente allegada se propõe defender que o governo democratico, ou popular, não he contrario ao Evangelho, e por outra parte os nossos Pedreiros só querião estabelecer a Monarquia mixta, ou o governo representativo, que segundo elles protestão, até deitar os bofes pela boca fóra, não he nem por sombras o républicano ou democratico, he patente a quem não estiver cégo que a Homilia prova demasiadamente, e mais do que elles pertendião; e por isso convinha que a introducção do Traductor, peça digna de analyse, que depois lhe farei, acclarasse este ponto, e dissesse aos rudes, em cujo beneficio se traduzio a Homilia: Olhai, meus concidadãos, que se o Bispo d'Imola advoga por esta arte a causa do governo democratico, melhor advogaria a do Systema Constitucional, *que nos deixa hum Rei livre para fazer todo o bem*, e que *só o impede de fazer mal.* Logo porém que se omittio esta advertencia, que outra cousa se deo a entender senão que o governo constitucional era o républicano, ou popular, em carne e osso! Em tudo erão infelizes os pobres Constitucionaes; e o que lhes parecia mais accomodado *para levarem agoa aos seus moinhos*, era infallivelmente o que os fazia parar, e inutilizar para sempre!!! Tornemos á decantada Homilia, que não faltará materia de riso...

Annunciárão no Diario do Governo a existencia da Homilia, e foi intimado pelas Cortes que se imprimisse e divulgasse para instrucção dos Povos e desengano dos *Fanaticos*; excesso de caridade, que não podia deixar de ter os mais saudaveis effeitos. Sabião porém esses *Fanaticos*: 1.° que as doutrinas do Papa Vigilio, em quanto Diacono, e homem particular, nunca servírão de argumento contra as doutrinas desse Vigilio já Pontifice e Mestre da Igreja Universal: 2.° que as opiniões de Eneas Silvio, em quanto era Cardeal, não servem para destruir as de Pio II.; e sabião de mais a mais que a Cadeira d'Imola não he a Cadeira de S. Pe-

dro, á qual os Bispos Francezes, mais aversos de certas prerogativas do Romano Pontifice, concedem o que nunca se lembrárão de conceder ás Igrejas particulares, ainda que fossem creadas pelos outros Apostolos: mas em fim, teimosos de nos abrirem os olhos a todo o custo, designárão hum Theologo, *e de nome*, para traduzir a Homilia; e quando tudo estava prompto, cousa rara e lastimosa! faltava o melhor, que era o Original italiano da famosa Homilia; e sendo Pedreiros os agentes e promotores deste negocio, cuidárão primeiro no campanario da torre que nos alicerces.... Derão-se voltas, remexêrão-se livrarias inteiras, e nada de original, que parceo *Moura encantada*... Pedírão-se noticias, requerêrão-se exames por todas as bibliotecas do Reino, e a negra Homilia tão alapardada, que nenhum dos esquadrinhadores lhe pôz a vista em cima. Ora que custava no meio destes apuros mandala vir de Italia, onde apparecerião centos dellas, e centos de Irmãos Carbonarios que a fossem desenterrar aos proprios infernos, se necessario fosse? Aqui esmorecêrão e fraqueárão os taes amigos, e para se lhes fazer bem a caridade, he sobejo deitar-se hum volver de olhos sobre a satisfação do Traductor. » Quasi tres mezes para huma traducção, que se podia fazer em vinte e quatro horas? Eis a resposta: Faltava o original, que ainda mesmo agora se não póde descobrir. O que podémos alcançar a final he huma traducção em hespanhol, de que fielmente nos temos servido: esta versão deve ser exacta, pois tem merecido a estimação dos Hespanhoes que tem os olhos abertos. »

Em tres mezes chegaria a Lisboa desde os ultimos confins da Italia o desejado *papelucho*, e foi desordem que ficasse esta aberta para os povos desconfiarem, e os *Fanaticos* torcerem o nariz á genuidade da Homilia. Só a Bulla da carne tão depressa veio depois de requerida, que faz pasmar a toda a gente, e presumir que fosse trazida em algum Balão aerostatico! Que prova de genuidade haver huma traducção Hespanhola? Que prova da sua exactidão e conformidade com o original o terem os Hespanhoes os olhos abertos!!! Se o fizessem com os olhos fechados he que sería grande maravilha!! Sim, não o posso negar, tinhão os olhos abertos para insultarem o Vigario de Christo na terra

por mil modos, que fazem estremecer; e que são bem constantes de hum grande numero de sessões das suas abominaveis Cortes. Sim, tinhão os olhos abertos para só verem com agrado o que era opposto aos dogmas do Christianismo, e para favorecerem a entrada da collecção completa das obras de Rousseau e de Voltaire na Hespanha, com o designio de a perverterem e estragarem de todo... Olhe, Senhor eximio Traductor, destes olhos abertos não careciamos nós, antes sería muito conveniente que se fechassem por huma vez; que muito lucraria a Hespanha, a Europa, e o genero humano!!!

Passemos a cousa mais seria. Tenho para mim, e defendo, que a Homilia ou he viciada ou apocryfa. Já quando se fallou nisto pela primeira vez, eu, como empenhado na honra e gloria do S. Padre Pio VII, fiz imprimir na Gazeta Universal N.° 185 de 1821 o seguinte

Artigo do Jornal dos Debates, transcrito no Correio de Londres de 9 de Maio de 1800. Vol. 47, N.° 37, pag. 295, col. 1.ª

NOTICIA SOBRE O CARDEAL CHIARAMONTI,

Hoje Papa Pio VII.

„ Gregorio Chiaramonti, de huma familia nobre, entrou de mui tenra idade na Ordem dos Benedictinos. Professou com distinção a Theologia, e se fez notavel entre os Anti-Jansenistas. As perseguições que elle aturou aos seus Prelados obrigárão Pio VI, seu parente, a fazello Bispo, e depois Cardeal. Chiaramonti, ou simples Monge ou condecorado com a Purpura, foi sempre estimado pela sua pureza de costumes, pelo seu desinteresse, e pela sua moderação. O Sacro Collegio difficultosamente poderia fazer melhor escolha.

Para se formar huma idéa exacta do seu caracter e dos seus principios, por certo se perguntará qual foi o seu proceder durante a revolução. Chiaramonti, juntando muita

dexteridade a hum modo insinuante, soube amoldar-se ás circumstancias sem declarar o seu verdadeiro sentimento sobre os principios que vogavão nesse tempo. Quando os Francezes invadírão pela primeira vez a Romagna, elle se mostrou mui solicito para conter os habitantes, e para que os Francezes fossem bem recebidos. A sua casa e a sua meza estavão ao dispor dos Officiaes, e algumas vezes foi visto com elles passear na cidade. Soube pelo seu comportamento ganhar a confiança dos Francezes. Quando rebentou a insurreição de Lugo dirigio Cartas Pastoraes aos insurgentes, e mandou-lhes medianeiros para os induzir a que depozessem as armas; passos estes que sahírão baldados. Foi mais bem succedido com o General Angerau, que em attenção aos seus rogos poupou aquelles rebeldes.

Quando se formou a Republica Cispadana, Chiaramonti teve a maior influencia nos Comicios, e fez eleger no seu departamento sujeitos que estavão á sua devoção.

Sob o Governo da Republica Cisalpina, publicou huma *Homilia, em a qual usando de algumas passagens da Escriptura, fazia duvidosa a compatibilidade da Religião Catholica Romana com o Governo Republicano.* O Ministro da Policia Geral informou o Directorio, mas Chiaramonti teve poderosos protectores, e não foi removido da sua Diocese, como o tinha sido o Cardeal Mattei pela mesma causa.

No momento, em que recomeçava a guerra na Italia, foi interceptada huma correspondencia de Chiaramonti com os Cardeaes Giovanetti e Mattei, a qual continha huma Circular que estas Eminencias tinhão concertado endereçar aos Curas, para lhes ordenar que exhortassem os habitantes a pegar em armas a favor da Religião e do Imperador de Allemanha.

Apenas os Francezes evacuárão a Romagna, Chiaramonti publicou huma Pastoral, em que exhortava o seu rebanho, para que obedecesse aos novos conquistadores, que Deos tinha enviado para restabelecerem a Religião. Tendo os Francezes feito huma incursão na Romagna, elle, não obstante a sua Pastoral, foi sahir-lhes ao encontro com os Magistrados de Imola, e não foi mal recebido.

Deste proceder de Chiaramonti se póde conjecturar que

elle não adoptará medidas violentas, menos que seja obrigado pelos Colligados, e que saberá accommodar-se ás circumstancias. »

Pelo mesmo tempo da eleição do S. Padre Pio VII os Redactores da Decada Filosofica escrevêrão assim: » O novo Papa tomou o nome de Pio VII. Dizem que a sua politica he fina e até astuciosa; por muitos rasgos, que se tem citado nos papeis publicos, parece que de huma parte elle obzequiava os Francezes senhores de Italia, e por outra fazia contra elles Pastoraes occultas, e conservava correspondencias com os seus iuimigos.

Como he possivel que os Escriptores francezes não soubessem em 1800 que o novo Pontifice fizera em 1796 Pastoraes, ou recitára Homilias Republicanas? Se a este silencio tão extraordiuario se accrescenta que apenas o arguem de escrever Pastoraes em abono da doutrina contraria, quem desconhecerá a força destes argumentos, para se concluir que a imputação do chamado Traductor Hespanhol carece de mais provas, que nos convenção de que o Bispo de Imola escreveo Pasroraes e Homilias em sentido democratico?.. Mas para que vou mais longe? Em vão tenho querido affectar neste escrito apologetico aquella serenidade, que não tenho em meu coração!.. Saião pois, corrão á vontade as minhas lagrimas, que já não posso conter, nem reprimir... Quando eu projectei e deliniei este desaggravo do S. Padre Pio VII, ainda elle vivia, ainda felicitava a Igreja de Deos com os seus exemplos e doutrinas... Agora já não existe; e o defensor imperturbavel dos direitos da sua Esposa, que combateo e arrostou as furias de hum arrogante e soberbo Dominador da Europa; o Athleta invicto, que foi huma barreira impenetravel contra os esforços da Maçonaria, e formou na Bulla Anti-Carbonaria huma especie de vanguarda dos exercitos da Santa Alliança, pagou o tributo inevitavel á morte!!! deixando a Santa Igreja submergida em hum mar de tristeza e anxiedade, e saudosa para sempre dos grandes Pios, Tio e Sobrinho, que perto de meio seculo a illustrárão e pozerão ao nivel dos dourados tempos de S. Gregorio Magno, de S. Leão, e de Bento XIV. Não perdi sómente a cabeça visivel de que sou membro, perdi a colu-

mna das Ordens Religiosas; que se elle não fosse teria perecido aquella a que pertenço, e me glorio de pertencer; perdi hum verdadeiro pai, que zelou a conservação de meu unico patrimonio, que o preservou de cahir nas mãos de avidos e infieis administradores, e que manteve illesa a propriedade dos bens chamados nacionaes em poder dos que, sem o fortissimo apoio da Authoridade Pontificia, já estarião vivendo como assalariados, e mercenarios despreziveis. Em quanto durar a Igreja Lusitana serás chamado o seu defensor; e todas as glorias, que para o diante lhe couberem, te ficarão pertencendo, já que tão animosamente propozeste salvalla da sua total ruina! Ah! se te dessem cuidados, se te abrissem no vivo da alma pungentes feridas só aquelles, que já tinhão expulsado da Capital do Mundo Christão ao grande, ao immortal S. Padre Pio VI, era muito para sentir; mas felizmente não eras o primeiro dos successores de S. Pedro, contra quem a nefanda Revolução franceza disparava os seus tiros... mas verem-se em campo a lutar contra a Mãi de todas as Igrejas, contra o Pai commum de todos os fieis, os outr'ora seus melhores e mais obedientes filhos, os Castelhanos (*) e os Portuguezes! Ah! que sem duvida fo-

(*) Por vêr que são ignoradas neste Reino as circumstancias da ultima desavença das Cortes hespanholas com a Santa Sé, que motivárão a sahida do Nuncio de S. Santidade de Madrid, pareceo-me conveniente referir aos meus leitores mais este arrojo da prepotencia constitucional.

Tendo nomeado a 31 de Agosto de 1822 para Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de Hespanha em a Corte de Roma D. João Lourenço de Villa-Nueva, dirigio o Cardeal Gonsalvi ao Cavalheiro Apparici, encarregado dos negocios de Sua Magestade Catholica, huma nota confidencial, em que lhe expunha o que S. Santidade objectava á nomeação daquelle Enviado, por saber que elle tinha publicado escriptos, e expressado sentimentos sobre materias ecclesiasticas, que o fazião desmerecedor da confiança de S. Santidade, que sería facil nomear-se outro para o seu lugar. Accrescia mais ter Villa-Nueva composto hum livro

rão estes dos mais agudos espinhos que te formárão essa coroa, que a ninguem melhor fica do que ao Vigario de hum Deos tambem coroado de espinhos. Quem dera que o meu

---

intitulado — Cartas a D. Rocco Leale — que fôra condemnado por Sua Santidade, e que sendo elle Deputado de Cortes, avançára proposições que a Igreja Romana não podia approvar. A esta nota confidencial respondeo o Cavalheiro Apparici com huma nota official, em que participava ter recebido ordens de sua Corte para instar pela admissão de Villa-Nueva, sob pena de se vêr o Governo Hespanhol na dura necessidade de fazer sahir de Madrid o Nuncio de S. Santidade. Replicou o Cardeal Gonsalvi, que S. Santidade estava firme na sua primeira resolução; e que assim como S. Santidade propozera ultimamente a ElRei Catholico tres sujeitos para que S. Magestade escolhesse d'entre elles o que mais lhe agradasse, outrotanto queria agora fazer S. Santidade, valendo-se de mais a mais do direito que assiste aos Soberanos para rejeitarem este ou aquelle sujeito designado para embaixador nas suas respectivas cortes. Não cedeo a estas representações o desgoverno hespanhol, e o Nuncio em Madrid foi mandado evacuar o territorio da Hespanha. Ao mesmo tempo o Cavalheiro Apparici pedio os seus passaportes ao Cardeal Gonsalvi, e lembrou que se aprouvesse a S. Santidade, elle poderia ficar servindo de Agente geral dos negocios ecclesiasticos; o que lhe foi concedido. Todas estas particularidades se annunciárão ao publico em hum Supplemento ao Diario de Roma de 22 de Fevereiro deste anno (1823), e daqui se póde ver claramente se he demasiado severo, ou dictado pelas razões mais fortes da justiça e do dever, o procedimento de S. Magestade Catholica para com esse rancho de malvados, que lhe *arrastárão o seu nome* para cousas tão alheias dos sentimentos respeitosos, que o animão para com a Mestra e Mãi de todas as Igrejas. Vai no seu original, que poderá ser entendido facilmente dos Mações portuguezes, que não sabem lingua nenhuma como a castelhana, que tanto póde o uso e harmonia de sentimentos.

sangue fosse bastante para apagar essa nodoa, que os impios lançárão sobre o mais antigo e mais apreciavel timbre dos Lusitanos!! Confio porém que desde a visão clara do Principe dos Pastores, que já te cingio com a immarcessivel coroa de justiça, não te esquivarás de nos assistir e defender, e que, ainda mais poderoso junto á propria Fonte das Misericordias do que havias sido na Cadeira Pontificia, has de pulverizar a execravel e depravadissima seita, que converteo os Portuguezes em feras bravas, ousou pedir-te que sanccionasses o esbulho da propriedade da Igreja, o saque das suas maiores preciosidades, e o transtorno da sua antiga disciplina... Só estas idéas me consolão; pois he mui doce para o meu coração o lembrar-me que ainda depois da morte te deveremos novas, e talvez maiores graças do que essas, que em tanta copia derramaste, em quanto vivo, sobre a Monarquia Portugueza!!

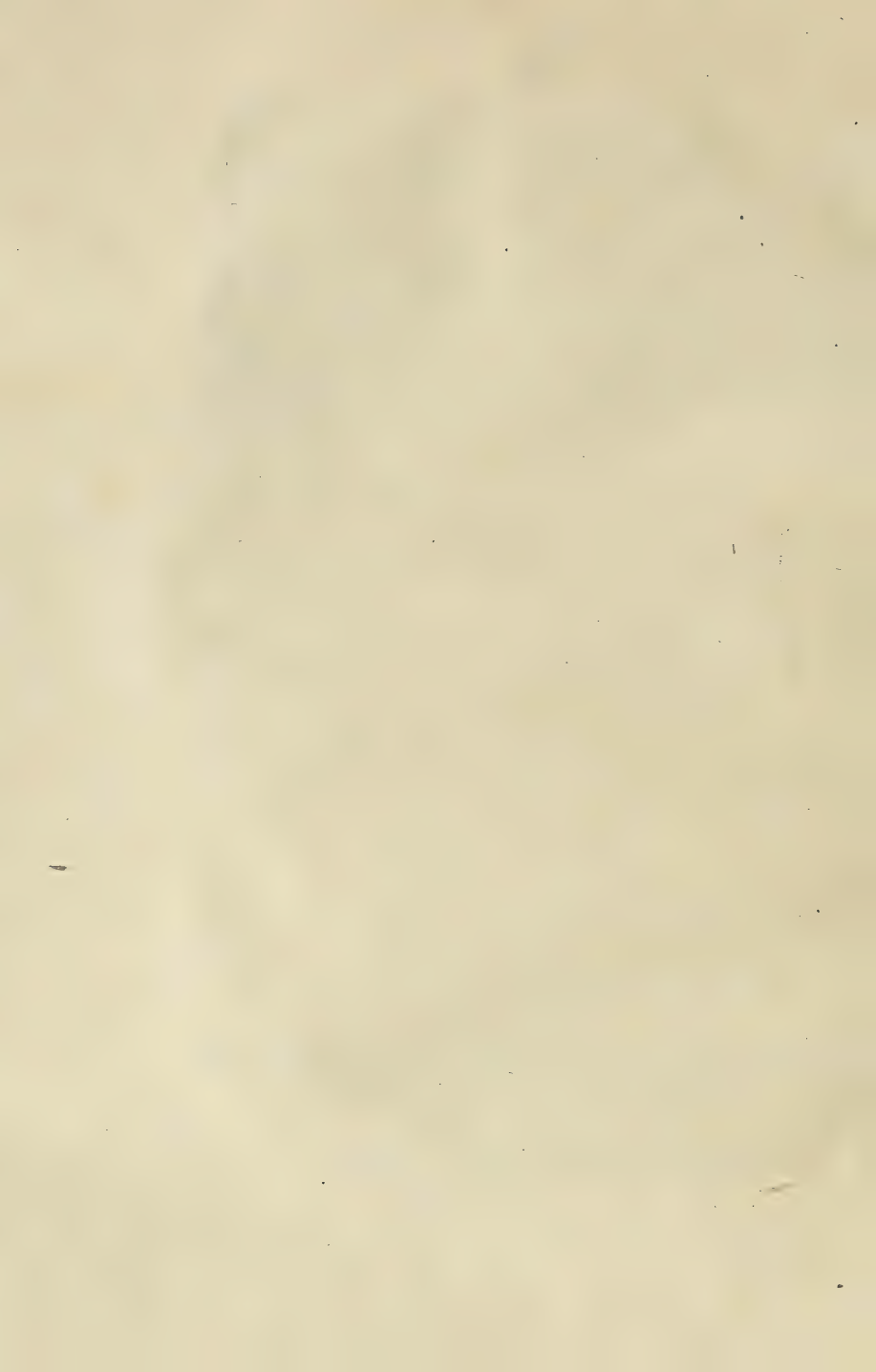
P. S. Tinha eu acabado de escrever este N.° do Punhal, quando ao ler huma carta de Carlos Luiz Haller, Membro do Conselho Supremo de Berne, e Author da — Restauração da Sciencia Politica, ou Theoria da ordem social natural opposta á quimera do estado social facticio, — (que se imprimio em Winterthur 1816 — 1821 — 4 vol. 8.°) e que infelizmente he da qualidade de obras, que tarde ou nunca chegão a este Reino, achei, entre as mais causas que o determinárão a deixar o Protestantismo, e a converter-se para a Fé Catholica, a seguinte: » Comecei a ler os

---

ElRei N. S. quier que durante su viage a la Corte no se encontre a 5 leguas en contorno de su transito ninguns individuos, que durante el Systema Const. haja sido Deputado de Cortes en las das ultimas legislaturas, ni tan poco los Ministros del despacho, Consegeros d'Estado, Vocales del Supremo Tribunal de Justicia, Commandantes Generales, Gefes Politicos, Officiales de los Secretarios del despacho, y Gefes y Officiales de la extinguida Milicia Nacional voluntaria, prohibindolles para siempre la entrada en la Corte y sitios reales al Radio de 15 leguas.

escriptos das sociedades secretas e revolucinarias da Allemanha: e vi nestas huma sociedade moral espalhada pelo mundo para prégar, propagar, e sustentar doutrinas impias e detestaveis; mas todavia poderosa, em razão da sua organização, da união dos seus membros, e dos differentes meios que ella emprega para cumprir os seus intentos. A existencia de tal sociedade me encheo de horror, e me fez vêr a absoluta necessidade de se lhe oppôr alhuma associação religiosa. » Toda a carta, datada em Paris a 13 de Abril de 1821, ha de inserir-se em o N.° 4.° dos Arquivos da Religião Christã. Não sei que tem comigo a pestifera seita dos Maçőes, que me apparece em toda a parte.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 27.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

O JURAMENTO DAS CONSTITUCIONAES,

OU

O Eminentissimo Senhor Cardeal Patribrca.

Que tormento não sería para a Igreja Lusitana, se ao volver seus olhos, ainda mal enxutos, para a desastrosa época de suas maiores calamidades, não visse nem sequer hum Bispo desterrado e perseguido? Que inveja lhe não causaria a Igreja Gallicana, que fiel companheira do Throno de S. Luis, não se esquivou de se unir com elle em a mesma quéda, em a mesma sepultura? Que inveja lhe não metteria a propria Igreja da Hespanha, que na pessoa do Bispo de Wich conta hum Martyr, e na do Arcebispo de Valencia, e do Bispo de Pamplona, e de outros mais successores dos Apostolos, huma turba numerosa e brilhante de heroicos e denodados Confessores? Bemdito seja o Pai das misericordias, que no mais desfeito da tempestade revolucionaria, que deo de golpe sobre as nossas cabeças, suscitou a primeira Dignidade deste Reino para se medir com ella, para affrontar as suas ondas, e zombar do seu poder illegitimo e usurpado, a quem a maior parte da Nação dobrava os joelhos, e queimava incensos, que só erão devidos á Monarquia legitima, e ao Throno do Senhor D. Affonso Henriques.

*

Ha muito que nas *hediondas cavernas* do Maçonismo se decidio o exterminio do Eminentissimo Cardeal Patriarca de Lisboa, como passo indispensavel para que o systema progredisse franca e desempeçadamente. Pareceo durissimo a quem vinha desbaratar as *superstições e o proprio fanatismo*, e que se julgava *omnipotente* nas suas resoluções e medidas, que hum Fidalgo, e hum Ecclesiastico, e hum Governador do Reino, titulos estes que só de per si erão crimes imperdoaveis, se atrevesse a impugnar, ainda que fosse em materias espirituaes, os despreziveis e ridiculos *palhaços* da comedia de 24 de Agosto. He de pasmar que disfarçassem o caso tão largo tempo, e que não despregassem toda a sua furia contra quem avisava corajosamente o seu rebanho das fraudes e imposturas maçonicas. Não tardou muito tempo que assomasse o pretexto, e forão as memorandas Bases da Constituição Lusitana, que erão conhecidamente as bases da tolerancia religiosa, da liberdade da imprensa, e de hum absoluto indifferentismo.

Se o Eminentissimo Cardeal Patriarca rejeitasse adherir aos pontos, que a sabedoria do seculo trata de meras temporalidades, como por exemplo a *Soberania do Povo*, póde ser que tivessem, ao menos para os que ainda seguem taes doutrinas, sequer huma sombra de justiça; porém o digno successor dos Apostolos olhou sómente para a causa de Deos, só esta lhe mereceo cuidados, e por mais que elle desejasse dar ao Cesar o que era seu, nem os tempos, nem o assenso, que parecia geral, permittião que elle obrasse de outra maneira. Bem conheceo o Eminentissimo Cardeal Patriarca o imminente perigo a que se expunha, assás conhecida lhe era a audacia maçonica para deixar de ver e sondar as alturas do precipicio em que sería despenhado. Perder honras, direitos de cidadão, e a propria Dignidade Patriarcal era o que se antolhava de menos grave e penoso. Outro tanto se havia feito ao mui alto e poderoso Senhor D. João VI, pois fazião e desfazião leis, deitavão os fundamentos do edificio constitucional sem que ElRei fosse ouvido, nem prestasse o seu consentimento. Devia pois lembrar tudo o que he mais negro e horrivel na historia dos crimes; e sem hum denodo que arrostasse com a morte, e não esmorecesse á vista de hum patibulo, nunca se chegaria a dar o passo he-

roico, que a Graça Divina inspirou ao digno successor de outro Cunha, que foi hum assombro de lealdade, e primeiro movel da restauração de 1640. Hum facto que pertence á Historia Ecclesiastica da Igreja Lusitana, donde passará para os fastos da Igreja Universal, merece ser tratado conforme está pedindo a gravidade da materia, e por isso convem trazer á memoria tudo o que se passou no Salão das Necessidades em o tocante ao exterminio da mais alta Dignidade deste Reino.

Tão ardilosamente foi contado no Diario das Cortes este processo, que por elle nunca se poderá liquidar quaes forão os artigos controvertidos; tal era o empenho dos regeneradores por cobrirem de nevoa hum successo que logo á primeira vista nos apresentava huma viva copia dos Athanasios e dos Chrysostomos. He justo que deixemos fallar hum pouco a Sua Eminencia, até para nos roborarmos, e para nos enchermos da constancia que o animava, e que ainda hoje he muito precisa para se contar a sangue frio a que extremo se abalançou a perversidade maçonica.

„ Como somos responsaveis (diz elle na sua excellente Pastoral dirigida de Bayona de França em data de 8 de Setembro de 1821) a Deos e aos homens, ainda que a nossa consciencia nos não argua a este respeito na presença Divina, he justo, e mui proprio do nosso Ministerio, justificarnos diante dos homens. Na verdade não nos tem sido tão sensiveis as mortificações que temos soffrido, como a sinistra idéa que se tem feito do nosso caracter. Sim, amados filhos, a todos he patente o facto que deo causa ou occasião a vernos separados daquelles que muito amamos em Jesus Christo: o nosso procedimento em nada se afastou da regra dos nossos deveres, nem envolveo contradicção alguma. Quando communicamos ás Authoridades Ecclesiasticas as ordens que recebemos para ellas darem o juramento sobre as Bases da nova Constituição, não interpozemos o nosso parecer sobre se devião ou não prestallo: não mandámos que se désse (como inadvertidamente se tem publicado), nem de maneira alguma quizemos influir na opinião do nosso Clero; antes deixámos inteiramente a cada hum praticar o que a sua consciencia lhe dictasse, mandando-lhe junto a copia do Aviso que tinhamos recebido, para que por elle viessem no conhe-

cimento não ser de nós que a dita ordem tinha emanado, e da qual só eramos executores; facto que se póde verificar pelas participações que ás Authoridades competentes fizemos.

Com tudo se na procuração que passámos para darmos o mandado juramento pozemos nos artigos 10 e 17 algumas distinções ou declarações, não foi porque ignorassemos o que nestes mesmos artigos he da competencia da Soberania temporal; mas sim porque nunca nos parecerá reprehensivel, antes o teremos sempre como muito conforme ao nosso Ministerio Espiritual, mostrar nossos desejos, e applicar nossas diligencias a beneficio de tudo o que póde concorrer para o esplendor, pureza, e manutenção da Religião que professamos, unica em que póde haver salvação, aquella que os Soberanos temporaes, como filhos mais nobres da Igreja, tem obrigação de observar fielmente, e respeitar com todo o acatamento; aquella mesma que, a exemplo dos primeiros Imperadores Christãos, e dos Reis que mais se distinguírão em piedade e solida virtude, devem propagar, por meio de zelosos e caritativos Ministros, em todos os seus Estados e Dominios. Quem poderá logo razoavelmente reprehender ou criminar hum procedimento que se funda na Santa Escriptura e Tradição constante? Hum procedimento justificado com o exemplo de tantos Santos Padres, que tomárão a defensa da Religião na presença dos mesmos Imperadores Gentios? Não se diga tambem que o nosso espirito se allucinou a este respeito; porque serias reflexões, e maduros conselhos nos tem em tão criticas e extraordinarias circumstancias até agora acompanhado. Sabemos que no concurso de diversos sentimentos a consciencia deve inclinar-se ao mais seguro; e não ignoramos que o mesmo que em muitos casos he licito a hum particular, deixará de ser conveniente ou permittido a hum Pastor; podendo no presente caso apoiar-nos a sentença do Apostolo: *Omnia mihi licent, sed non omnia expediunt.*

Nesta exposição succinta do acontecido ha muito mais do que era necessario para a justificação do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarca; mas para maior gloria de Sua Eminencia, e vergonha eterna dos cobardes que desfallecem e capitulão á vista da tormenta, nas proprias resoluções do Congresso, nas proprias medidas violentas que alli tomárão

sobre este *novo e desusado crime*, se póde ver claramente que o chamado Réo sería hum desertor da Fé se obrasse de outra maneira.

Já era sobejamente conhecido de Sua Eminencia o espirito dos regeneradores. O Catecismo de Volney impresso, e divulgado em Lisboa assás descobrio que grandes proveitos aguardavão a Fé Catholica, e a Igreja Lusitana. Era necessario que Sua Eminencia estivesse possuido da mais lastimosa cegueira, para que não visse quaes serião os partos da imprensa já solta e desembaraçada, se ainda em quanto preza se arrojava a vomitar os mais refinados venenos de heresia e de incredulidade. Que outro espirito senão o maçonico, e o da mais rematada impiedade, foi o dominante em as sessões de 13, 16, e 21 de Fevereiro? Ouvia-se na primeira hum Ecclesiastico, hum subdito de Sua Eminencia, que alardeando de Liberal rompia nesta sentença: » Nós tratamos de estabelecer o livre exercicio dos direitos do cidadão, que he homem e cidadão antes de ser religioso; e assim devemos abstrahir da Religião. » Tratava-se nessa hora de trevas da censura dos livros, e hum corifeo dos regeneradores ergue a voz para nos recommendar que se faça abstracção do Christianismo! E o Christianismo deverá ficar patente e descoberto ás feridas de centenares de Pedreiros Livres, que andavão já mortos por divulgarem os seus erros? Tudo se remediava, na frase de hum Medico assistente no Congresso » pois a verdade (dizia elle muito contente e senhor de si) he o symbolo da Religião Christã, e por isso mesmo ella per si só he capaz de destruir todos os erros. » Aquecendo-se a disputa, faliou *ex cathedra pestilentiæ* o Pseudo-Patriarca, que havia regular os destinos da Igreja Lusitana! Ainda se levantou hum socio a tachar de ociosa a declaração de que a censura dos livros máos depois de sahirem á luz, correrem de mão em mão, e terem feito males irreparaveis, huma vez que esse direito era inauferivel do Episcopado, nem era decente que Legisladores Christãos mostrassem conceder á Igreja o que ha muito era seu, e que só lhe poderá ser disputado pelos que exigem os *prasmes* de Tiberio, de Caligula, e de Nero, porque os Apostolos ferissem legalmenre as más doutrinas dos Nicolaitas, dos discipulos de Simão Mago, e de outras Seitas filosoficas do 1.º

seculo; foi tudo perdido, e a por extremo audaz sabença maçonica obteve ser declarada solemnemente protectora do Catholicismo!!! (*) Não foi menos curiosa a disputa sobre

(*) Se o meu intento principal fosse redigir huma lista ou cathalogo dos erros, sandices, e heresias avançadas nas sessões de 13, 16, e 21 de Fevereiro, teria muito que fazer, pois tal Deputado houve, que proferio tantos absurdos quantas forão as suas palavras. Como porém não he do meu costume produzir em taes materias cousa que eu não prove, aqui vou lançar os inconvenientes da censura dos Bispos, quaes forão enumerados ou illustrados com exemplos por certo grasnador, que nesse tempo era o Varão *sem reproche*, e o desperdiçado das Galerias. „ Se Neuton affirmar que a luz procede do Sol, probibir-se-ha a sua doutrina como impia, porque tambem alli (em o Velho Testamento) está escrito haver existido a luz quatro dias antes deste astro. Se Maffei combater os sonhos e as feitiçarias, reprovarão seus escritos aquelles que sabem estar consignada no Velho Testamento a veracidade dos sonhos, e que huma Pythonissa invocava os manes do defunto Samuel. Se Buffon affirmar que as leis da natureza são eternas, necessarias, e immudaveis, não o soffrerão os que sabem que a Biblia em cada pagina no-las mostra revogadas, em cada pagina o Sol parado, os mares divididos, os brutos fallando, hum homem quebrando cadeias de ferro, e conduzindo aos hombros duplicadas portas de huma cidade. Se a Filosofia em fim exaltar as excellencias do Matrimonio, serão julgados impios pelos leitores do Concilio Tridentino, que fulmina com anathema a quem disser que o estado de solteiro não he mais perfeito que o de casado. „ Não he nada, tudo isto he huma bagatella! Calca-se aos pés a divindade do Antigo Testamento, escarnecem-se os milagres abi referidos, e por consequencia o Author delles, que não póde ser outro senão o mesmo Deos; nega-se a este Senhor a authoridade de dispensar ou mudar as leis da natureza, ou de fazer milagres; condemna-se por absurda a doutrina de hum Concilio Geral; e tudo isto só arguia a entranhavel affeição ao Catholicismo, de que estavão possuidos os nossos regeneradores!!! Ah! Inquisição, Inquisição, se tu ainda vivesses não fica-

a desassisada, heretica, e impia exclusão da palavra *unica* entre os mais titulos que se davão no artigo 17 á verdadeira Igreja de Jesus Christo. Sería preciso não ter a minima *dose* de senso commum, e estar cego de todo, para que não se deprehendesse neste artigo a maior Liberalidade da Constituição Portugueza, que desta arte fugia do parecer e dictame de seus Mestres, que mais astutos ou manhosos tinhão excluido abertamente do territorio Hesponhol toda a crença religiosa, que não fosse o Catholicismo.

Debalde os representantes de huma grande parte da Nação, pois chegárão a vinte e dois, onde he muito singular a falta dos *Bispos assistentes* no Congresso, protestárão (1) que o seu voto era ajuntar-se a palavra *unica* ao artigo 17 das Bases; as malditas Bases, que já vinhão preparadas desde a cidade regeneradora, e que já tinhão o passe do Grande Oriente Lusitano, succedesse o que succedesse, havião de ir por diante, ainda que fosse necessario alagar em sangue a Capital do Reino.

Eis-aqui em summa o que se passou e decidio no Congresso relativamente aos artigos contestados; e só por estes indicios, ainda que lhe não sobejassem provas a centos e milhares, de quaes erão os intentos da *cafila maçonica* preponderante no Congresso, deveria elle ter feito o que fez, de que tanta gloria resultou para a Igreja Lusitana, assim como foi huma reprehensão de quantos devião seguir e não seguírão o seu exemplo (2).

---

ria impune este aranzel de blasfemias, e o éco da Filosofia moderna teria que ver e que sentir.

(1) Não deixa de ser muito notavel, e digno de passar á posteridade, que nesses mesmos, que protestavão contra a exclusão da palavra *unica*, apparecessem os que depois tachárão de allucinado o Eminentissimo Cardeal Patriarca!!

(2) Com toda a razão se lastimava o incomparavel Arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão de que os Bispos actuaes não se correspondessem, e tratassem mutuamente dos interesses da Igreja, communicando huns aos outros tudo o que occorresse de mais difficil na execução dos deveres Episcopaes, e ajudando-se alternativamente com suas luzes e conselhos. Por ventura que se a Igreja Lusitana guar-

Já agora convem seguir todos os passos desta assignalada victoria sobre os furores do Maçonismo, para os confrontar com a audacia e tyrannia dos seus perseguidores; que muito boa he a causa que vai arrancar os seus mais frondosos louros ás proprias mãos dos seus mais encarniçados inimigos. Eu já o disse, e direi milhões de vezes, que a inabalavel constancia do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarca, no que respeita ás Bases da Constituição, e o mais que varonil, ou antes sobre humano esforço, que desenvolveo a mui alta e poderosa Rainha a Senhora D. Carlota Joaquina, são os unicos successos que, durante a *perseguição triennal*, podem servir de grande allivio, e dar muitas e bem fundadas esperanças aos corações Portuguezes e Catholicos; e visto que para a multidão, a cujo proveito se endereção privativamente estes Punhaes, valêrão sempre mais os exemplos que os raciocinios, levarei de tal modo esta discussão, que os Portuguezes menos instruidos possão conhecer perfeitamente que as Bases Constitucionaes erão pessimas e abominaveis, por isso mesmo que derão causa aos illegaes e arbitrarios procedimentos que se usárão com a primeira Dignidade Ecclesiastica do Reino.

Verificado solemnemente na Igreja de S. Domingos de Lisboa que o Eminentissimo Cardeal Patriarca tinha que oppor aos artigos 10 e 17 das Bases, subio a estranheza maçonica ao maior auge; e meditando só estragos e ruinas, assentou que hum desterro era pena insufficiente para castigar o successor dos Apostolos, que pugnava pelos seus mais incontestaveis direitos, e pelo voto da maioria da Nação, visto que só era do interesse dos Pedreiros que a Religião Catholica não fosse *unica* em Portugal. Ha muito que eu invejava á Nação Hespanhola o terem possuido neste seculo

---

dasse este uso dos tempos antigos, não se veria em tantas perplexidades e occasiões de máos passos, como esses em que se vio durante o systema constitucional. He bem triste cousa que divulgando-se na Capital d'huma Diocese hum escrito impio, ninguem sahisse a campo, e que só á falta de homens apparecessem huns, como eu, a sustentar a causa da verdade, que lucraria muito e brilharia mais, se os seus defensores natos acudissem á guerra, e dirigissem o combate!!

de infamias e de cobardia hum D. Pedro de Quevedo e Quintano, Bispo de Orense, que ao jurar a Constituição Hespanhola poz a restricção de *salvos os direitos de El Rei Fernando VII ;* mas ficamos já bem indemnizados nesta parte com o ainda mais heroico procedimento de hum Cardeal Portuguez, cujas restricções forão dirigidas a mais alto e mais importante objecto, e forão seguidas de muito mais rigorosas demonstrações da parte dos nossos reformadores. Quem diria poucos mezes antes a homens, que se tinhão feito Governadores do Reino, e exercitavão hum poder que não era seu, que ainda gozarião de tamanha prepotencia, que desterrassem hum Fidalgo de primeira grandeza, hum Principe da Igreja, e hum Cardeal da Santa Igreja Romana! Se houve coração Portuguez que não estremecesse de tão desmedido arrojo, saiba que degenerou inteiramente, e que nunca mais se deve arrogar hum nome que só pertence a homens probos, honrados, e Catholicos!! Nunca os fastos da nossa historia havião apresentado hum successo desta natureza. Ainda que não era cousa estranha que hum Cardeal fosse julgado e sentenciado, como pareceo aos sabios do Congresso, pois não era outra cousa D. Miguel da Silva, quando foi desnaturalizado deste Reino pelo Senhor D. João III, ou que os Bispos fossem castigados, como foi o Bispo de Evora D. Garcia de Menezes, e o proprio Bispo Inquisidor Geral D. Francisco de Castro, não appareceo com tudo no extenso periodo de seiscentos annos hum caso assim, revestido de circumstancias todas notaveis, e todas horrorosas.

Julgastes, infames Pedreiros, no delirio da vossa presumpção, que hum Patriarca de Lisboa fosse remettido entre guardas, como hum facinoroso e hum réo de lesa Magestade, para o deserto do Bussaco, acharia em todos os lugares do seu transito os povos enfurecidos contra elle, e renovando aquelles insultos de que a vossa perversa e assalariada hoste, que se compunha dos novos Marselhezes, fiel ás vossas instrucções, cobrio nos lugares mais frequentados de Lisboa o então heroe e defensor da verdade o Bispo de Olba? Forão errados os vossos juizos; huma perseguição, hum desterro padecido em obsequio da verdade fazião a Sua Eminencia cada vez mais respeitavel; nem elle poderia ser alvo

de desprezos e affrontas em hum Reino Catholico. Sua Eminencia nunca pareceo tão digno das bençãos do Ceo, e dos applausos da terra, como no meio desse trem simples, e dessa escolta de soldados que o seguião. No maior auge do luzimento das funções Pontificaes, e no meio de hum cortejo o mais pomposo e magnifico podia elle imitar em Lisboa o que se pratíca na propria cabeça do Mundo Christão; porém no seu caminho para o desterro fazia lembrar o Principe dos Pastores, que no meio de guardas e soldadesca Romana foi prezo e levado ao ultimo supplicio. Ainda me não posso lembrar sem estremecimento da oppressão, e como especie de agonia, por que eu tive de passar quando Sua Eminencia se demorou em Coimbra, e vi que não me era possivel nem ao menos fitar os meus olhos no semblante de hum tão abalisado Confessor da Fé... Espias maçonicas rondavão de noite e de dia em torno da residencia do Prelado... Se a especie de cortejo invisivel, que o acompanhava nessa hora, foi immenso, por constar dos Anjos do Ceo e de todos os corações amantes da justiça, Religião, e virtude, não se póde dizer outro tanto da rigorosa solidão, em que elle passou os dias até chegar ao santo deserto, que pareceo alegrar-se de mais esta honra, que deve pertencer aos lugares sinalados pelas victorias do Christianismo. Em quanto deixamos a victima resignada com todo o genero de sacrificios, e amadurecendo as suas heroicas resoluções aos pés da Santa Cruz, que se antolha a cada passo debaixo desses silenciosos e copados arvoredos, onde não chegão os tumultos da vida secular, voltemos, ainda que nos cause horror, a observar o que se exhala desses corações, onde não existem a paz e tranquillidade, que sobejão no coração de Sua Eminencia, e pasmemos de que o fanatismo da seita maçonica se exaltasse de tal maneira, que julgassem fazer-se temiveis, quando apenas se fazião odiosos, e que se persuadissem de que o systema se arraigava pelos mesmos golpes da authoridade, que já de longe o minavão e destruião.

Darei todavia, se acaso he possivel, algumas tregoas á vivissima indignação que concebi nesse tempo, e que só acabará com a minha vida, para offerecer aos meus leitores, sequer em miniatura, o quadro de insolencias e atrocidades, que se offereceo ao publico em o memoravel dia 2 de Abril de 1822.

Comecemos por quem dispunha e mandava tudo no Congresso. » Se elle (Patriarca) julgou que entende alguma cousa com a sua consciencia, para que foi tão omisso Pastor, para que mandou ao seu Clero e a todos que obedecessem?... Manda aos outros que jurem, e não quer jurar? » E a isto he que se chamava nesse tempo rectidão e justiça!! Não bastava perseguirem hum chamado réo, que só merecia respeitos e obsequios, arrancarem-no ás suas ovelhas, fazerem tudo quanto nelles era para quebrarem o laço indestructivel que o prendia á Santa Igreja de Lisboa, de que todos elles, ao menos na apparencia, erão subditos, senão accrescentarem a mais desatinada impostura, como se o Eminentissimo Cardeal Patriarca tivesse mandado jurar os Pastores de segunda ordem? Todo o empenho da seita foi tirar ao heroismo de Sua Eminencia, quando não fosse todo, o que lhes era impossivel, ao menos huma parte do seu brilho, que dava luz tão clara aos Portuguezes illudidos, e poderia ter desastrosas consequencias para o Maçonismo. Daqui veio que não fizerão ler no Congresso, ou publicar no Diario, como importava em hum caso de tanta ponderação, os fundamentos a que recorreo Sua Eminencia para dar huma absoluta negativa. Não disse simplesmente Sua Eminencia » Não juro os artigos 10 e 17, porque sou Bispo, e sou Catholico, nem prescindo dos meus direitos, nem atraiço-o a minha Fé. » Accrescentou mais cousas, motivou a sua repulsa, do que todavia nunca se fez menção nos papeis publicos. Temêrão sem duvida que a seita fosse desmascarada por Sua Eminencia, o que he tão certo, que apenas se divulgou a Pastoral, ou Saudação do Eminentissimo Cardeal Patriarca, logo a tachárão de sediciosa e incendiaria, como se verá no lugar competente. Seguio-se a Fernandes Thomaz outro declamador, que não se pejou de avançar mais este delirio: » Dizia-se ao Cardeal Patriarca que jurasse que a Religião da Nação Portugueza era a Catholica Apostolica; dizer que não quer jurar este artigo he dizer que não quer observar que a Religião Portugueza he a Catholica. » E chama a este procedimento — Ignorancia crassa e supina!!!

Que juizo se deverá fazer do que se lê a pag. 411, que ainda he mais curioso, por descobrir as verdadeiras causas

do exterminio ha muito resolvido nas tenebrosas conferencias? » A Bulla relativa a comer-se carne para se evitar o sahir dinheiro para a Inglaterra, e tão interessante ao nosso estado publico; o Governo recommendou a execução della, e o Cardeal Patriarca, não devendo reputar-se mais religioso que os outros Prelados do Reino, obstou á publicação da Bulla; o que tem sido occasião de discordias entre as familias, e discordias de que elle he o culpado.

Vamos aos dous artigos das Bases em que elle embirra. 1.° Que a verdadeira Religião he a Catholica Apostolica Romana.... ao menos, querendo que se accrescentasse a palavra *unica*, dá a entender que o Congresso não quer que ella seja a unica, quando pelo contrario o Congresso decretou que ella havia de ser unica, e... não poz esta palavra, em razão das modificações que se hão de fazer relativamente aos estrangeiros. O 2.° artigo.... delle não se póde seguir o perigo de se offender em alguma cousa o dogma e a moral. »

Em fim de todos os Opinantes o mais comedido tachou a Sua Eminencia de allucinação; e só por aqui se poderá concluir a que ponto subírão as injurias, se huma por extremo grave, quando se tratava de pessoa de tão alta jerarquia, passou então aos olhos de toda a Nação como hum verdadeiro obsequio, e talvez como ardil para se quebrar de algum modo a furia da conjuração. He bem para lastimar que o descuidado taquygrafo não ouvisse as fallas dos Excellentissimos Bispos presentes no Congresso, que nunca tiverão occasião para fallarem bem alto, como esta, e faz horror que da boca de algum, ou de alguns, sahisse o pretexto de allucinação; quando só os que não penetrassem quaes erão as vistas de hum Congresso impio, e revolucionario, he que, não sendo cumplices da Maçonaria, se podião chamar allucinados, e bem allucinados, pois a todos que vivêrão largos annos em Coimbra, se póde accommodar o *Sic notus Ullysses!!*

Ainda fallou segunda e terceira vez o *Caudilho* Thomaz, que assentou da primeira vez que só extravagancias se devião esperar de quem zelava tão impavidamente os direitos e prerogativas da Igreja; o que tambem era indispensavel para a coroa dos trabalhos de Sua Eminencia, a fim

de que elle tambem podesse queixar-se, ou antes gloriar-se, com S. Paulo: *Nos stulti propter Christum*. Apurou-se mais na terceira falla, que devia arrastar a seita em pezo, e obrigalla a huma *lei nova para este crime novo e inaudito*; e convem lançar aqui as suas expressões mais notaveis.

„ O Cardeal Patriarca commetteo muitos delictos, mais do que eu suppunha: primeiramente nega a obrigação de obedecer ao Congresso em tudo o que não sejão materias politicas; já se vê que exclue as materias meramente Ecclesiasticas e Disciplinares, em que o Congresso, como todo e qualquer Soberano, tem poder e direito de legislar. O Cardeal Patriarca nega mais que o Congresso tivesse poder de legislar, e decretar que a Religião dominante do paiz he a Religião Catholica Apostolica Romana, e suppõe que isto he hum negocio só da sua competencia, e que nesta parte elle não he subdito do Congresso, nem tem obrigação de obedecer. O Patriarca julga mais que o Congresso nos dous decretos que fez deixou em perigo a Religião, não se explicando com toda a clareza que era conveniente, e erigio-se elle mesmo em legislador nestas materias, fazendo declarações que esclareção o Congresso. O Patriarca se assentou que o Congresso de proposito as omittio, e elle resiste a esta deliberação do Congresso, então o seu crime he maior. O Cardeal Patriarca disse mais que não jurava obedecer ao Decreto das Cortes, quando elle estabeleceo a liberdade da imprensa sem censura previa ecclesiastica. He hum absurdo, he hum erro o julgar-se que pelas leis do paiz, que nos governárão até 24 de Agosto, e que hoje nos governão, que os Ecclesiasticos tiverão censura previa dos livros que se imprimião. Aos Bispos nunca compete senão a censura dos livros impressos, ou não impressos, que se compõem de quaesquer opiniões que ataquem a Religião. Este direito foi salvo aos Bispos; e o Patriarca quer defender o contrario, quer usurpar o poder soberano que compete ao Congresso. „

Ora vejão que pezada injuria fazia o Eminentissimo Cardeal Patriarca á facção preponderante no Congresso de os sentir inclinados á *tolerancia religiosa*, e dispostos a admittirem neste Reino toda a especie de cultos religiosos, inclusa a Maçonaria com os seus aventaes nos seus dias clas-

sicos, e de reunião geral!!! Aqui se póde trazer bem ao intento o rifão Portuguez: *Quem não quer ser lobo não lhe vista a pelle.* Ainda que o succedido nas sessões de 13 e 16 de Fevereiro não abrisse os olhos á pessoa mais cega, e menos advertida de quaes erão os intentos da Maçonaria, bastava o que se passou nesta mesma, de que vamos tratando, para se concluir que a *liberdade da imprensa*, até em materias religiosas, só era em beneficio dos *Irmãos*, que se mettessem a impugnar as verdades dogmaticas e moraes do Christianismo, como depois mostrou a experiencia.... Dizer hum homem versado em papeis e livros velhos que nunca os Bispos censurárão livros, senão depois de estarem impressos, não he como esbofetear a gente que sabe que ha livros, e que os tem aberto e folheado desde o principio até ao fim? Que sería huma licença do Ordinario, que vem á frente das obras juridicas de Pegas, de Caldas, e de todos os mais reinicolas? Não foi por mais de duzentos annos cousa indispensavel neste Reino que os Bispos vissem, e censurassem o livro antes de se imprimir? (*) Decidio-se em fim huma das causas mais importantes que se tem agitado neste Reino; decidio-se porém a sabor das paixões freneticas e exaltadas dos coryfeos da Maçonaria..... Gemêrão os bons; a piedade christã seguio todos os passos da victima; estremeceo dos perigos que elle teria de encontrar, pizando hum territorio inficionado das mesmas doutrinas impias e revolucionarias; e foi-lhe preciso encerrar-se, fugir de testemunhas, recear as

(*) Agora mesmo nestes ultimos tempos, quando por extinção da Meza da Commissão Geral sobre o exame e censura dos livros tornárão as cousas ao pé antigo, não se devolveo aos Ordinarios a antiga licença? Não foi sem licença de algum Ordinario que o proprio Fernandes Thomaz imprimio a sua obrinha contra Manoel de Almeida de Lobão, e o seu grande Repertorio das Extravagantes; e se os Ordinarjos censurassem o livro poderia sim haver algum conflicto com as authoridades seculares, mas por via de regra não sería facil que o livro censurado pelo Ordinario se chegasse a imprimir; o que, ainda nesta hypothese, está bem longe de favorecer ou patrocinar a doutrina de Fernandes Thomaz.

proprias paredes de hum cubiculo, para desafogar em suspiros a sua magoa e saudade!!! Animou-se todavia de que a passagem ao través de Castella, bem longe de ser arriscada para o intrepido Confessor da Fé, se tornasse para elle a mais segura e commoda, e exultou quando leo a Pastoral datada em Bayonna, e cobrio de bençãos e merecidos louvores o impavido redactor da Gazeta Universal, que assim fazia constar ao rebanho quaes erão as vozes do seu Pastor ausente, e cada vez mais sollicito por desviallo de famintos lobos, e de pastagens venenosas... Não foi esta a primeira vez que a França deo asylo aos Pastores violentamente separados de seu rebanho... Desde Santo Thomaz de Cantuaria até ao Eminentissimo Cardeal Patriarca de Lisboa podia tecer-se hum catalogo immenso destas victimas de hum apego entranhavel á causa do Christianismo.... Recebêmos, em quanto durou a tormenta revolucionaria que assolou a França, hum crescido numero de Sacerdotes, e hum Bispo, hum Confessor da Fé, hum heroe Christão, veio rematar seus dias ao Mosteiro de Alcobaça: pagou-nos a França esta divida franqueando os seus lares a hum Pontifice desterrado pela mesma causa; e já tornando a si de antigos e funestos delirios, se reputou feliz de que já voltasse outra vez a ser o refugio da innocencia opprimida o ha pouco ingrato paiz, que arrojava cruelmente para fóra de si os mais constantes defensores do Throno e Altar... Assim mesmo, que longo foi o desterro de Sua Eminencia, não tanto a contar pelo numero dos dias, como pelo intimo desejo de se unir á Esposa, com quem contrahíra matrimonio espiritual, e indissoluvel a todos os esforços e pertenções do Maçonismo!! Quantas vezes ao lembrar-se de que os males do seu rebanho engravecião, e ameaçavão tocar o ponto de incuraveis, elle sentiria como abalarem-se-lhe as entranhas, e fugir do seu coração a doce paz, este mimo com que os Ceos regalão os que padecem por honra do Evangelho? Quantas vezes o coração de Sua Eminencia sería hum éco fiel por extremo das palavras de S. Leão Magno a Flaviano: » Ainda que nos glorifiquemos em o Senhor, que nos sustenta pelo poder da sua graça, he de necessidade que choremos o desastre daquelles que combatem a verdade, calcão aos pés a Religião, e abalão os fundamentos da Igreja? » E que recompensa

davão os nossos legisladores a quem lá desde o seu retiro fazia quanto nelle era por apagar todo o resentimento e o menor incentivo da guerra civil, e endereçava ao Ceo os mais puros votos pela felicidade da Monarquia Portugueza? Elle não tinha deixado de ser Patriarca, ainda subsistia firme o laço da sua união com a Igreja Ulysiponense; e quem duvída que lhe tocasse por direito ao menos huma parca subsistencia? A tudo se negárão esses homens *liberaes*, que fazião brindes de dez mil cruzados, á custa de hum Reino attenuado e empobrecido, a huns *Quixotes aventureiros*, e como refugos da especie humana. Ah! fizerão bem; porque Sua Eminencia teria menos esta razão para ser admirado, se os impios o tivessem soccorrido. Parece que elles só tratavão de cançar-lhe a paciencia, a fim de que elle, vencido pelo tedio e privações proprias de hum desterro, cantasse ainda a palinodia, e segurasse á causa liberal mais hum triunfo, que lhe sería por extremo agradavel. Quanto he possivel conjecturar de hum animo generoso, desinteressado, e só attento aos preciosos interesses do Christianismo, eu me abalanço a pôr na lingua do Eminentissimo Cardeal Patriarca as formaes doutrinas do S. Padre Pio VI, só com huma leve mudança. » Vós tendes todo o poder sobre as rendas da Patriarcal; porém a minha alma, e o meu caracter sagrado estão fóra do alcance dos vossos tiros. Eu não careço da vossa pensão. Hum bordão, em lugar da Cruz Pastoral, e hum vestido de burel são bastantes para quem deve espirar sobre o cilicio e cinza. Adoro a Mão do Todo Poderoso, que castiga o Pastor, e o seu rebanho; podeis saquear a vosso gosto as habitações dos vivos, e até as sepulturas dos mortos; porém a Religião he eterna. Ha de existir depois de vós, assim como existio antes de vós, e seu reino ha de perpetuar-se até ao fim dos seculos. »

Em quanto pois a Maçonaria se cançou em despregar todos os seus furores contra a Igreja Patriarcal, genero este de vingança que lhes pareceo o mais facil, e o mais expedito para se desembaraçarem do Athleta invencivel, que desde a França os incommodava e assombrava; em quanto concebião o desatinado plano de extinguirem a propria Dignidade Patriarcal, a fim de resuscitarem o Arcebispado de Lisboa, talvez já destinado para algum dos adeptos do Ma-

çonismo (*), remunerava a Providencia a olhos vistos a constancia insuperavel do seu servo, deparando-lhe a maior das consolações que podião suavizar-lhe o seu desterro. Alludo nesta parte ao Breve do Santo Padre Pio VII, monumento dos mais honrosos para o Senhor Cardeal Patriarca, e de que nas idades futuras se tirará hum argumento irrefragavel de que os trabalhos de hum Portuguez, de hum Cardeal, forão tão crescidos na tormenta constitucional, que o Pai commum dos Fieis, e Suprema Cabeça da Igreja universal, assentou que era do seu dever animar e consolar quem prescindio de honras, grandezas, e de tudo, por sustentar a boa causa. Bem desejarião os Pedreiros Livres que nunca transpirasse neste Reino sequer a noticia deste procedimento de Sua Santidade, que os despedia eternamente de verem realizado o seu plano de extinção da Patriarcal, e punha em toda a luz o que devia esperar a nossa Santa Religião da insolente audacia de taes reformadores; mas quiz a boa fortuna dos amantes da Religião e do Throno que elles soubessem o que os Pedreiros mais quererião ter occulto; e para que este novo argumento da innocencia do Pastor desterrado não fizesse maior abalo na opinião geral, nesse tempo já sobejamente pronunciada contra os malevolos authores da nossa degradação aos olhos de toda a Europa, e da nossa estranha decadencia a todos os respeitos, fizerão huma especie de Contra-Bulla, ousando ensinar ao Mestre da Igreja universal o estylo e industria maçonica, de que (dizião elles) era mais a proposito que Sua Santidade usasse em taes circumstancias. Duvidei largo tempo se havia de patentear mais este hediondo testemunho da perversidade maçonica, não por elle ser extremamente ridiculo, e apenas hum tecido de *frioleiras e desconchavos*, pois taes obras agora publica-

---

(*) Na obrinha estatistica de Adriano Balbi, que lhe foi encommendada pela Facção liberal, e de que a seu tempo farei mais larga menção, T. 2. pag. 8. se lê » O Congresso acaba de extinguir a Dignidade Patriarcal, e applicou-lhe os rendimentos para a divida nacional. Espera-se de Roma a Bulla respectiva a esta abolição, e ao restabelecimento da Dignidade Archiepiscopal, etc. Oh vanas hominum curas!!!

das são o açoute mais terrivel para huma seita, que desejaria se queimassem e nunca mais apparecessem as infames producções dos seus confrades; mas por ver quanto foi injuriada a pessoa do Eminentissimo Cardeal Patriarca já nos ultimos parocismos do systema. Seguindo pois hum meio termo, escolherei as passagens mais celebres, que apezar de se combaterem, e de se destruirem por si mesmas, dão seu lugar a que appareção novos argumentos de huma constancia digna dos mais formosos tempos do Christianismo.... Os miseraveis Redactores do Censor Lusitano, folha desconhecida, e que não obstante os esforços do Maçonismo para a fazerem comprar e ler *da parte de ElRei*, ainda no tempo constitucional era geralmente desprezada, e por ventura já então se vendia a pezo, embutírão na folha de 21 de Outubro (1822) esta descompostura legal, e sanccionada pelo Ministerio, a hum Summo Pontifice e a hum Soberano, dictando-lhe as palavras com que Sua Santidade deveria estranhar o Patriarca de Lisboa.

Texto.

» Amado Filho, saude e benção Apostolica. Grande foi a dor que pungio nosso terno coração, quando soubemos que tu, esquecido do teu lugar, da tua dignidade, da honra de Cidadão Portuguez, do exemplo que nos deo Jesus Christo e seus Apostolos de não resistir nas cousas temporaes aos poderes do seculo, antes viver-lhes sujeitos segundo o dictame da nossa consciencia, guiado pela tua ignorancia, e pelos estultos conselhos dos fanaticos Sacerdotes que formavão a tua corte, levaste o teu arrojo e animosidade até ao ponto de encontrares o voto de toda a Nação Portugueza, calcar aos pés dois artigos das Bases da Constituição politica, e mais magoado por largar o lugar que indignamente occupavas na Regencia do Reino Fidelissimo, do que por abandonar o Rebanho, que te fora confiado, levaste o teu capricho a tal ponto, que obrigaste a religiosa Nação Portugueza a lançar-te fóra das suas raias, e riscar teu nome do numero dos honrados Cidadãos Lusitanos.

Censura.

Que indecencia, que atrocidade!! Ninguem se lembrou do seu lugar, da sua dignidade, e da honra de Cidadão Portuguez como Sua Eminencia. Tomou o lugar de Apostolo, e a dignidade de hum Pastor zelozo das prerogativas essenciaes da Igreja Catholica, e manteve illesa a honra de Cidadão Portuguez, visto que Cidadão Portuguez he hum homem, que não crê na fantastica Soberania do povo, e que se horroriza de ser desleal e traidor a hum Rei tão benigno, e tão amante dos seus povos, como he o Senhor D. João VI. Nem Jesus Christo, nem os Apostolos ensinárão nunca aos povos, que tinhão obrigação de prestar obediencia a qualquer aventureiro, que usurpasse o Sceptro e Coroa, que lhe não pertencião. A Censura das más doutrinas, ou impressas, ou manuscritas, ou prégadas de viva voz, como direito essencial dos Bispos, não he cousa temporal, e menos o he a indevida exclusão da palavra *unica*, sendo, como era, bem sabida a tendencia dos Mações para a liberdade de consciencia. Se estes dois casos não são daquelles que pòem qualquer successor dos Apostolos nas inevitaveis circumstancias de se oppor qual muro de bronze, e de exaltar a sua voz como se fosse huma trombeta, então fiquem mudos para sempre, e condenem os Cyprianos, os Ambrosios, os Agostinhos, e todos os mais, que por muito menos resistião á ingerencia do poder secular em materias Ecclesiasticas!!! Importa reduzirmos á sua verdadeira significação as palavras maçonicas, de que o texto vai recheado — Ignorancia equivale a sciencia Christã, pois esta accusada ha muito de profana, desterrou se para sempre das subterraneas moradas da luz — Sacerdotes fanaticos vem a dizer o mesmo que Sacerdotes Catholicos, pois desde a correspondencia de Voltaire com os Atheos Frederico, Damainville, etc. até aos principios da Revolução Franceza, desde as proclamações de Junot até ás suas irmãs gemeas ou ás do Governo Supremo do Porto, e em fim desde 24 de Agosto de 1820 até aos faustissimos principios de Junho de 1823 nunca tiverão outro sentido as palavras *fanatico* e *fanatismo*, que a palavra superstição calça mais alto no Diccionario dos Mações. He

necessario ter junto, e bem junto, a si o apoio de doze mil bayonetas, para mentir á face do mundo com tal descaramento e audacia. A Nação Portugueza nunca deo procurações para que a sua antiga crença fosse postergada e insultada por mil artes e modos, e para que nos viesse ahi hum rancho de Judeos e de Mouros para levantar Synagogas e Mesquitas. A Nação foi passiva em tudo; menos que a palavra se entenda em sentido *maçonico*. Nação he a sociedade dos Pedreiros, que logo que decidão em loja que o preto he branco, não há remedio senão obedecer-lhe, he hum exercicio de Soberania da Nação, he vontade nacional...

As ultimas palavras merecem huma *parodia* em vez de refutação — magoado justamente por veres que hum Fernandes Thomaz, hum Ferreira Borges, e outros que taes, vinhão depor-te de hum lugar que elles te não podião conferir nem tirar, e que não era outra cousa mais do que huma verdadeira e execranda rebellião contra ElRei Fidelissimo; soffrerias tudo isto de bom grado se os maiores interesses do teu rebanho não estivessem a ponto de soffrer a quebra mais funesta. Abençoado sejas de levar tua constancia ao extremo de obrigares o Grande Oriente e a sua Delegação nas Cortes, a que te lançassem fóra dos Dominios Portuguezes, e mais que obedecer aos impios, quizeste ser expulso, e riscado da lista dos *Cidadãos Lusitanos*, de que hum Paroco, defensor dos Pedreiros Livres, fez o molde e o elogio.

Texto.

» Maior dor nos magoou, quando soubemos que deportado em Bayona ainda pertendeste seduzir á rebellião aquelles mesmos a que devias dar os primeiros exemplos de obediencia e humildade, enviando-lhes huma Carta, onde as authoridades da Escriptura e dos Padres não provão senão a tua rebeldia e desobediencia á Nação. Se nossos Pais, os Martyres, e os Confessores, que a Igreja conta no numero dos seus Santos, resistião ás authoridades, foi só, e unicamente, quando estas mandavão contra a lei de Deos; fóra deste caso a Igreja tem horror a similhante comportamento. Exigiste á Nação Portugueza que declarasse unica a Religião Christã..... Máos conselhos, falta de instrucção a isso vos

levou. A Nação Portugueza diz que a Religião dos Portuguezes he a Catholica Apostolica Romana. E que mais querias, amado filho? Ha por ventura outra verdadeira? ou ha outra que possa ao menos assimilhar-se a esta? Quem designa esta Religião tão francamente, não tem necessidade de accrescentar-lhe *unica*, porque era pôr em duvida o afferro dos Portuguezes a esta Religião, á qual tem sido fidelissimos em todos os tempos, era inculcar violencia, era dar idéa de força em huma cousa, que só por amor e convicção se abraça. »

Censura.

Todo o mundo leo a Pastoral de Sua Eminencia datada de Bayona a 8 de Setembro de 1821, tirou lagrimas dos olhos habitualmente mais enxutos, e a Gazeta Universal desde esse tempo ficou sendo a Gazeta dos Catholicos, em frase pedreiral *Corcundas*; pois ser Catholico na frase destes *allumbrados* he o mesmo que andar ás escuras, ou trazer huma deformidade intellectual, de que apenas he sombra a deformidade fysica de huma corcova. Todos ahi lêrão e entendêrão as palavras *obedecei ás authoridades constituidas*; e por mais que se revolva e torne a revolver toda, nem visos ahi se encontrão de huma só palavra, que pertendesse *seduzir á rebellião*, como diz o texto. Fallemos claro, sem usarmos de rodeio. A Pastoral recommendava muitas vezes a frequencia dos Sacramentos, e com especialidade do Sacramento da Penitencia, levantava os interesses eternos acima dos temporaes, chorava a monstruosa devassidão de costumes, que he a peste dos Imperios e das Republicas. Tudo na frase dos Pedreiros he soprar o fogo da sedição, pois chegando-se á fazer bons Catholicos, necessariamente se fazem optimos vassallos, que tem as mãos quebradas para insultarem e deporem os Reis, que para hum Catholico são *ungidos do Senhor*. Debaixo do mesmo espirito, e das mesmas idéas, he que os Pedreiros Constitucionaes se doião muito de que alguem combatesse os erros contra o dogma, e contra a moral de Jesus Christo, que mandavão propagar pelos seus adeptos; e quem trovejava sobre os Pedreiros Livres era forçosamente inimigo da patria, e chamava os povos á sedição!!!

E ainda se gavão estes arlequins de que era desnecessario metter no artigo a palavra unica!! Desta palavra dependia o maior favor, com que os Imperantes podem acolher a Religião verdadeira nos seus Estados. Decretar que a Religião Catholica Apostolica Romana he a Religião dos Portuguezes he o mesmo que decretar que a Religião, ou Seita de Mafoma, he a crença do Imperio Turco. Quando muito he huma simples declaração de que o Catholicismo lhes não poderia ficar obrigado. Se decidissem que o Catholicismo era a Religião unica dos Portuguezes, decidião que nenhum Portuguez, que professasse outra Religião, gozaria dos direitos de cidadão; e já se vê que as cousas por este modo levarião outro andamento. He sim de agradecer o bom conceito que merece ao author a Nação Portugueza, mas todo esse affinco de Sua Eminencia ao accrescento da palavra unica procedeo de que elle sabía, e com elle meia cidade de Lisboa, que a seita dos Pedreiros Livres se tinha propagado neste Reino, e que por causa delles tinha perdido esta Nação o attributo de Fidelissima á crença de seus maiores, que lhe coube sem quebra ou mingoa por espaço de seis seculos; e por isso não bastava para contentar Sua Eminencia, nem os bons Portuguezes, a simples declaração historica, de que tantas vezes se tem armado para serem tidos por bons Catholicos, ao que repugnão todas as forças da evidencia moral. E o medo que tinhão estas *almas piedosas* de que se julgasse que elles querião violentar os Portuguezes a serem Catholicos! Ah! podem estar seguros e descançados que ninguem os accusa deste *gravissimo crime*... Antes lhes fazia toda a justiça, e elles bem o mostrárão em tudo, que se dissesse, escrevesse, e publicasse que *era livre a cada hum seguir a Religião que muito quizesse*... Bocas Sacerdotaes o vomitárão no Congresso, e a Gazeta Mouro-Thomazina (o Independente) poz em linguagem tudo o que anda impresso em Lock e em Collins, e outros da mesma estofa, sobre liberdade de pensar, e de seguir a crença que parecer mais agradavel.

Texto.

» Quizeste dictar a lei ás Cortes de Portugal, exigindo censura previa nos escritos em materia de Religião!!!

Até que ponto, amado filho, te conduzírão os perniciosos conselhos do ignorante Senado que te cerca, e dos teus Jansenistas disfarçados, cujos oraculos e prestigios te fascinárão! Se a historia dos seculos mais puros do Christianismo estivesse aberta diante dos teus olhos, verias, amado filho, que o Apostolo das nações em lugar de exigir restricções na liberdade de escrever, disse que erão necessarias heresias: *Oportet et hæreses esse.* Verias que Santo Hilario demonstra que á proporção que os erros e perversas doutrinas atacão a Santa Religião Christã, a Igreja, invencivel no dogma e na moral, ganhou todas as victorias, e os seus inimigos não tirárão senão confusão. A' liberdade, que tiverão os inimigos de impugnar a Religião, devemos os Fieis as decisões dos primeiros quatro Concilios geraes, onde nossos Pais, presididos pelo Espirito Santo, desenvolvêrão as luzes que o Ceo nunca póde negar á sua Igreja. Se lesses a Historia das variações das Igrejas dos Protestantes do sabio Bossuet, verias, amado filho, que este sabio Bispo nunca teria occasião de desenvolver o espirito de sabedoria de que o Ceo o dotou, se não tivesse havido a liberdade de escrever; verificando-se o oraculo do Apostolo: *Oportet et hæreses esse.* »

Censura.

Ora aqui temos hum paragrafo tão abundante de proposições erroneas e absurdas, que faz desnecessario e superfluo todo o cuidado de o refutar. Devia o Eminentissimo Cardeal Patriarca deixar que os Pedreiros Livres deitassem os braços de fóra, atacassem impunemente o Christianismo, fizessem proselytos, e outras habilidades do mesmo jaez, porque deste modo facilitava novos triunfos á Religião Catholica, e sería causa de que ella resplandecesse mais e mais na derrota dos impios: *Oportet et hæreses esse.* Cuidavamos nós que sería melhor que não houvesse reformadores, nem seitas nascidas e propagadas no seculo 16; e muito embora o immortal Bossuet applicasse os seus talentos a outro destino... Cuidavamos nós que tería sido melhor que nunca houvesse Constituição Democratica neste Reino; e muito embora ficassemos sem o triunfo que a Monarquia legitima alcançou nos primeiros de Junho. Foi engano, que padecê-

mos; e o atilado escritor do Censor Lusitano, que vê as cousas em ponto grande, quer pestilencias geraes onde brilhe a sciencia dos Medicos, e ruinas politicas onde se manifeste e desenvolva a sciencia dos Pedreiros: *Oportet et hæreses esse.* Estavamos nós crentes de que as heresias erão verdadeiras calamidades, e só concordavamos em que sendo bem custoso de huma parte á Santa Igreja o ver despedaçada por aquelle monstro ás vezes milhões de prezas, nem por isso deixava ella de conhecer, e applaudir por outra parte, que luzia então mais que nunca a firmeza e constancia de seus verdadeiros filhos, e que então vocejavão nos seus campos as verdes palmas do martyrio; porém nunca entendêmos aquella passagem da Escritura como a entende o Censor, e a entendeo hum Paradoxista Allemão, que fez hum tratado singular: *Que as perseguições são huma felicidade para a Igreja.*

Não me posso ter que não accrescente duas palavras no tocante ao Jansenismo, de que são arguidos os Ministros e Sacerdotes, que rodeavão Sua Eminencia. Os Jansenistas costumavão pensar em materias Ecclesiasticas assim pelas idéas do Censor. Não costumão ser tão avessos á authoridade civil que accommettão facilmente as suas mais descaradas usurpações. Os Jansenistas fizerão a Constituição Civil do Clero Francez em 1790; e nada mais he preciso para confirmar o que eu acabo de dizer . . . Sua Eminencia sabe perfeitamente que as doutrinas actualmente ensinadas ao seu Clero no Seminario de Santarem, bem longe de serem, ou parecerem Jansenisticas, são pelo contrario tão alheias ao Espirito da Seita, e da formal resistencia ás Bullas Dogmaticas do Successor de S. Pedro, que merecêrão as honras de huma *denuncia* no tempo constitucional. Prouvéra a Deos que em todos os Seminarios Episcopaes deste Reino se tivesse ensinado sempre huma doutrina igualmente sã, igualmente pura, e sem a criminosa perfidia de nivelar o Successor do Principe dos Apostolos com os outros Bispos, deixando-lhe apenas humas sombras de Primado!!!!

Texto.

» Graves damnos ameaçavão outra vez a Nação Portu-

gueza levantada do abysmo a que o despotismo a reduzíra, se admittisse Censura prévia em qualquer objecto, pois que tendo de passar todas quaesquer obras, e escritos pela Censura, a ver se contém doutrinas que offendão o artigo privilegiado, retardadas e inuteis ficavão as vantagens da liberdade da imprensa, sem a qual absoluta e liberrima não póde existir a Constituição. Em materias de Religião só teme a liberdade da imprensa o Ecclesiastico ignorante, Bispo ou Paroco, que não sabe a doutrina, e não he capaz de defendella, ou o Ecclesiastico, e Secular fanatico, que só preza os abusos, e o nome de Religião. Em quanto a nós, amado filho, não tememos que os impios impugnem o dogma e a moral da Religião de J. C., porque elle, que assiste á sua Igreja até a consummação dos seculos, nunca a ha de desamparar, nem faltar á sua promessa.

Censura.

O que aqui vai de erros e delirios! E a darem-lhe sempre com o maldito despotismo, que em frase maçonica existe todas as vezes que os Irmãos Veneraveis não dirigem o leme dos negocios. Baixassem muito embora do Ceo os proprios Anjos para governarem qualquer imperio, de certo incorrião na censura de despotas, porque não erão, nem podião ser Pedreiros Livres. Tudo vai mal quando tudo, que he bom, lhes não cahe nas mãos. A fazenda nacional está perdida, quando elles não podem rouballa. O Exercito he de Guardas Pretorianas, quando atira com elles ao Inferno; bem entendido, que só constava de Heroes, de Brutos, Cassios, e Catões, quando auxiliava o Systema!!! Que bellas, que genuinas idéas de liberdade de imprensa!!! Sem ella absoluta e liberrima, confessão elles que não póde existir, nem medrar o Systema! Isso já nós sabiamos ha muito, que a liberbade de sentir mal dos Dogmas Catholicos, de os impugnar, e de fazer sahir á luz *Cidadãos Lusitanos*, *Retratos de Venus*, e *Superstições descobertas*, erão a quinta essencia do Liberalismo... Lá isso de se perderem almas aos centos pelas más doutrinas he bagatella; perder hum Reino inteiro, e sua antiga crença, he outra bagatella: e não sei para que os antigos e modernos defensores do Chri-

stianismo se affadigárão tanto para combaterem o erro, e sustentarem a verdade.... Segundo a opinião do Censor, fizerão mal; podião estar quietos, e dormirem a somno solto, porque Nosso Senhor Jesus Christo ha de assistir á sua Igreja até a consummação dos seculos. Sim, tresloucados Pedreiros, ha de assistir-lhe, servindo-se de meios humanos, de Apostolos, de Martyres, e Doutores para a conservar, assim como se servio delles para a estabelecer. Quando apparecem as seitas inimigas do Evangelho, como he a vossa, então he do dever pastoral a mais aturada e infatigavel resistencia a tudo o que visivelmente se destina para semear e propagar falsas doutrinas. Resistio-vos por esta causa o Eminentissimo Cardeal Patriarca; no vosso estimado Cathecismo de Volney já lhe tinheis mettido pelos olhos o que se devia esperar do systema. Conheceo-vos a tempo, obstou quanto nelle era ás vossas tão impias, como desesperadas tentativas. Por isso foi tão criminoso aos vossos olhos, quanto louvado e acreditado para com os nacionaes e estrangeiros, que amão a virtude, e prezão os triunfos e exaltação do Catholicismo...

Já me aborreço de tal enfiada de destemperos. Bem lastimosa devia ser para os Mações a penuria de bons escritores; que os seus, coitados, nem portuguez sabião, e nem sequer aprendêrão que he necessario accommodar as palavras ao caracter, genio, situação, e mais circumstancias da pessoa, em cujo nome fallamos, e a quem attribuimos certos discursos. Fazem dizer ao S. Padre, que se elle Patriarca não desse providencias sobre a nomeação de Vigario Geral, então a Igreja Lusitana congregada *legitima e validamente o faria.* Desta arte induzem hum Pontifice a accender os brandões do scisma, e a ter como legitimo e válido o que os Mações apenas se contentão de prometter, e que não se lembrão de executar depois que observárão como falhou nesta parte o seu Mestre Napoleão!! Passemos em claro dous paragrafos, que além de não serem dos mais notaveis, me obrigarião a nomear pessoas de que eu fujo quanto he possivel. Demorar-me-hei alguns instantes no final desta ficticia, e desconchavada Bulla.

Testo.

» Temos pena, amado filho, que soffras por tal motivo; pois que os teus soffrimentos, se tivessem por objecto os direitos da Igreja, e unicamente a conservação do dogma e da moral, grande sería o teu merecimento. O Pai das misericordias, e Deos de toda a consolação, que recebe benigno todo o que volta a elle do caminho do erro, te possa illuminar, para que seja tal o teu procedimento, que a Nação te perdoe e receba em seus braços. Tal deve ser o objecto das tuas preces, ás quaes ajuntamos as Nossas, e com ellas a Benção Apostolica para o teu rebanho. Dado em Roma em Santa Maria Maior a 9 de Fevereiro de 1822. — *Pio PP. VII.* »

Censura.

Ah que sem duvida foi grande o merecimento de quem tão denodadamente pugnou pelos direitos da Igreja, e pela conservação do dogma e da moral! Que refulgente coroa não perderia elle, se a troco de voltar para os seus, a quem ama extremosamente, e de ser outra vez mettido de posse da alta Dignidade Patriarcal, e mais que tudo, de vir enxugar as lagrimas a seus subditos, fraqueasse hum só momento? Embora elle se visse desamparado, até de quem, tomando aos hombros parte da sua cruz, lha fizesse mais leve e mais suave, e lançando os olhos á sua vasta Diocese, talvez já tarde soubesse que jazia nos carceres de Lisboa hum só imitador do seu exemplo, (*) nada o quebrantou, nada o fez soçobrar. Sómente Portugal Catholico poderia ter encantos para elle; Portugal *desmoralisado*, impio, ou constitucional, que he tudo o mesmo, fazia-lhe vencer a justa saudade da sua Patria, e de outro lado a unção da Graça Divina lhe fazia cada vez mais ligeiro o pezo da sua cruz... Presentimentos bem fundados lhe mostravão já proximo hum

---

(*) Foi o Prior da Igreja de S. Pedro de Obidos, a quem deve tocar na historia desta perseguição da Igreja Lusitana o lugar immediato ao seu Pastor.

futuro o mais risonho, e o màis consolador. Os fieis Transmontanos apressão-se a levantar o grito da lealdade. Os impios tremem... Seu throno balanceia... Huma Regencia he proclamada... O illustre desterrado vai ser collocado á frente de hum Governo Christão, e verdadeiramente Nacional! A espada do Senhor já se recolheo na bainha... Portugal torna a ser o que d'antes era; e hum dos primeiros cuidados do Monarca, restituido ao seu Throno, he chamar do desterro quem merecia acções de graças e louvores por ter sido a columna, sobre quem se firmou e descançou a Igreja Lusitana... Ao silencio forçado, que se guardára no transito de Sua Eminencia para o seu desterro, succedem agora os vivas e applausos sem conto, para se mostrar que os Povos estão anciosos de supprirem desta vez o que lhes faltára da outra, pelo terror que inspiravão os agentes do Maçonismo. ElRei, que tanto honrará o mais fiel de seus vassallos no dia 25 de Junho, não honrára menos o mais heroico defensor da Religião Catholica... e a solemnissima e triunfal entrada de Sua Eminencia na Capital do Reino, he muito superior á decantada pompa do triunfo entre os Romanos; he hum dos premios temporaes, com que o Deos Omnipotente costuma galardoar os Athanasios e Chrysostomos, que voltão de hum penoso desterro para a companhia de seus filhos em Jesus Christo.

Conclusão.

Aprendão os Bispos, os Sacerdotes, e os Fieis todos, no exemplo do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarca, de que modo se tratão e defendem as verdades Catholicas. A fim de se authorizar mais e mais hum tão nobre exemplo, transcreverei para remate de tudo huma passagem tão atilada, como vehemente, de hum sabio Escritor francez (*).

» A fraqueza de carather, que he hoje a doença dos homens honrados, tem ligação com o enfraquecimento da Fé. Treme-se diante da força do homem, e não se ousa acreditar nem a força da verdade, nem a força do mesmo Deos, que

(*) De La Mennais Reflexions sur L'etat de L'Eglise en France. Paris 1820, pag. 497 e seg.

sustenta a sua Igreja. Dahi procedem tantas concessões lastimosas, que tem por seu unico effeito augmentarem a audacia dos inimigos, que se trata de amaciar. Quem capitula está quasi para se render. O Christianismo, nem cede, nem capitula nunca. Fallais nas contemplações, que importa guardar para com os homens, e esqueceis-vos das que se devem á verdade. Ah! Deixai-no-la defender, e defendella toda inteira; não cedemos nem huma só pollegada. Homens pusillanimes, que não ousais *combater os combates do Senhor*, sahi de nossas fileiras. Ide, se vos agradar assim, negociar na *sombra* com as paixões; levai-lhes em segredo os despojos da Igreja, tirados furtivamente a esta Esposa do Rei dos Reis; fazei tratado com o seculo, fazei a vossa paz (separada). A nossa he aquella que *o mundo não dá*, mas que nos dá aquelle que disse: *Sereis opprimidos neste mundo; porém alentai-vos, eu venci o mundo.* »

Senhor Redactor do Punhal dos Corcundas.

Lisboa 16 *de Novembro de* 1823.

Tendo eu remettido ao Redactor da Gazeta de Lisboa a carta constante da copia N.° 1 com as originaes N.° 2 e N.° 3, pedindo-lhe a sua publicação; e havendo nisso duvidas, como o mesmo Redactor muito attenciosamente me informou; volto-me para o seu interessantissimo periodico, e lhe peço o particular obzequio de nelle publicar todas as tres, pois me acho a isso compromettido. — Sou com toda a sinceridade — O seu muito attento venerador

José Accurcio das Neves.

N.° 1.

Senhor Redactor da Gazeta de Lisboa.

Lisboa 21 *de Setembro de* 1823.

Não devendo ficar esquecidos nesta época, em que respiramos livres debaixo do Governo suave de ElRei Nosso Senhor, os rasgos de fidelidade e patriotismo valorosamente praticados nos calamitosos tempos em que a tyrannia demagogica fazia calar até os mais fieis e resolutos vassallos de Sua Magestade, porque qualquer expressão que indicasse amor e adhesão á Real Familia, erão tidas como hum crime: rogo-lhe queira publicar as duas cartas, de que lhe remetto os originaes, para credito do seu Author, que não tenho a honra de conhecer, cujos sentimentos porém fiquei respeitando desde que recebi a primeira das ditas cartas. Se eu lhe merecer este obzequio, como espero, irei remettendo mais algumas da mesma natureza; o que me persuado que concorrerá muito para a consolidação da mais justa das causas, em que toda a parte sã da Nação se acha empenhada — Sou etc.

José Accurcio das Neves.

N.° 2.

Peniche 7 *de Janeiro de* 1823.

Illustrissimo Sr. Desembargador José Accurcio das Neves.

A acertada eleição de V. S.ª para Deputado ás Cortes de Portugal foi de todos os bons Portuguezes estimada com tanto applauso, que geralmente devemos dar á Nação Portugueza os parabens pela sua incomparavel nomeação; pois nella proporcionou a grandeza e authoridade do lugar com os merecimentos de V. S.ª, os quaes ha muito tempo erão conhecidos; e mais que nunca agora vistos na justa defeza da nossa Soberana a incomparavel Senhora D. Carlota Joa-

quina: he nesta occasião que V. S.ª tem adquirido a maior estimação de todo o Povo Portuguez, assim como das pessoas instruidas e bem moralizadas; e fique certo que o futuro fará justiça ao seu merecimento, e vingará qualquer insulto que a impiedade possa presentemente commetter. Quizera-me dilatar em assumpto tão fecundo; porém julgo indiscreto este meu desejo, quando a publica voz da Nação tomou a seu cargo o elogio devido á sua respeitavel indicação. V. S.ª ouça, e principie já a gozar da immortalidade que espera o seu illustre nome, e não se esqueça igualmente dar exercicio á minha promptissima abediencia com os seus honrosos preceitos. Deos guarde a V. S.ª por muitos annos — Seu attento venerador e criado.

João Leal Moreira.

N.º 3.

Peniche 26 *de Agosto de* 1823.

Illustrissimo Senhor.

Tendo eu a felicidade de me não illudir com as fallácias e promessas dos intitulados regeneradores, que ha pouco tiverão influencia nos destinos de Portugal, de que a Divina Providencia nos livrou; tive por este motivo a gloria de escrever a V. S.ª huma carta pouco depois da sua sempre lembrada indicação a favor da nossa immortal Soberana, em que, segundo os meus pequenos conhecimentos, dava os devidos parabens á Nação Portugueza por gozar naquella infernal Synagoga, chamada Congresso, de huma pessoa adornada com todas as qualidades proprias de homem de bem, Christão, e Portuguez, as quaes se encerravão em V. S.ª: nunca tive resposta desta carta; persuadi-me da falta della por dous motivos, primeiro o não receber V. S.ª a dita carta; segundo, no caso de a receber, dictar-lhe a prudencia o não responder. Agora que vi em huma Gazeta hum certificado de V. S.ª a respeito de huma igual carta do Juiz de Fóra de Portalegre, importuno a V. S.ª para me fazer a honra de dizer, em resposta a esta, se recebeo a

minha carta dirigida de Peniche na fórma que acima digo, assignada pelo meu nome. Não pertendo este documento pelos motivos que o dito Juiz de Fóra pertendeo; nem para o fazer publico em papel algum, pois felizmente a minha conducta no passado systema não precisa de justificação alguma para provar a minha adhesão ao Governo absoluto de S. M. F., assim como hum odio inalteravel aos inimigos da Religião Catholica Romana. — Sou com toda a consideração de V. S.ª — Attento criado e venerador.

João Leal Moreira.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 28.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

O JURAMENTO DA CONSTITUIÇÃO,

OU

A MUI ALTA E MUI PODEROSA RAINHA

A SENHORA D. CARLOTA JOAQUINA.

O dia 4 de Dezembro.

He hoje o dia anniversario deste infausto e abominoso dia 4 de Dezembro de 1822, que só tem por seu rival em a Historia Portugueza o dia 4 de Agosto de 1578, que vio perecer toda a nossa gloria em os campos de Alcacer-Quibir!

Nunca os Fastos Portuguezes havião contado hum 21 de Janeiro, ou 26 do proprio mez, nem invejavão ás duas grandes Nações Europeas a funestissima gloria de publicarem por meio de jejuns solemnes, já de apparatosas e universaes exequias, que nenhum povo he criminoso do que ousou perpetrar em seu nome huma facção anarquica e destruidora de todos os direitos do Sacerdocio, e do Throno!!! Estavamos nós guardados para mais esta ignominia em o seculo das luzes, e que nos deo as sombras de Cromwel, de Marat, e de Robspierre, que por bem pouco não excedêrão os seus originaes!!

*

Temos agora o nosso dia 4 de Dezembro, em que huma Soberana sem apparencias de crime, e só por desobedecer ás intimações de quem não possuia nem visos de authoridade legitima, foi expulsa do Throno, e mandada para hum desterro!!! Depois dos monstruosos processos de Maria Stuarda, Carlos I. de Inglaterra, e de Luis XVI de França, deve collocar-se o indigno tratamento que se fez em Portugal á descendente de Henrique IV. e de S. Luis, e á Neta do grande Carlos III. Rei da Hespanha, e suas Indias!

Bem pouco faltou para que a mui alta e poderosa Rainha do Reino Unido de Portugal, Brazil, e Algarves, tomasse na boca as palavras de outra Rainha, victima das luzes do seculo 18, que sim padeceo mais, porém não foi, nem mais constante, nem mais heroina que a Senhora D. Carlota Joaquina. „ Eu era Rainha, e vós me haveis desenthronizado; eu sou Esposa, e vós me separais de meu Augusto Marido; eu sou Mãi, e vós me arrancais da suavissima companhia de meus Filhos; que vos resta? O meu sangue! Fartai-vos delle. „

Ainda o meu coração estremece e palpita de horror; nem o póde haver tal, que se ajuste á enormidade dos actos praticados com huma Personagem de tão alta jerarqaia. Quando eu tive a incomparavel fortuna de attrahir sobre mim os *raios maçonicos*, que forjados em Coimbra me fizerão deixar sem tristeza nem receio huma cidade leal, que então gemia sob o pezo da influencia maçonica, foi-me assinado para local do meu desterro a eminencia da serra de Cintra, onde me vi collocado, para assim dizer, entre os maiores exemplos de vicissitudes humanas, que tem offerecido a nossa Historia. Ficava-me a hum lado o antigo Palacio de Cintra, onde o infeliz Monarca D. Affonso VI viveo prezo largos annos; e ao outro lado o Paço do Ramalhão, onde estava huma Soberana preza, e feita o alvo da mais desaforada *espionagem!* Bastava que eu tivesse diante de mim estas mui poderosas consolações humanas, para que não devesse lastimar-me ou sentir que os Mações me perseguissem. A proximidade destes lugares, onde brilhou por extremo a mais acrysolada firmeza, accendeo-me de tal maneira, que eu tenho feito ao meu coração a mais penosa violencia em demorar por tão grande espaço a mais explosão, que declaração,

dos meus sentimentos. Não he pequena felicidade para mim que o heroismo de Sua Magestade fosse tão conspicuo, e tão geralmente admirado, até das proprias Nações estranhas; que todo o meu receio he que me accusem de mingoado nas expressões de louvor, pois á sombra daquelle heroismo, por mui alto e grandioso que he, ficarei isento para sempre da nota de encarecido e lisongeiro... Foi este heroismo a pedra fundamental da nossa verdadeira liberdade; foi quem inflammou a heroica Provincia de Trás-os-Montes, foi quem poz a descoberto a malicia dos intentos maçonicos, foi quem salvou este Reino da voragem, da iniquidade, e ruinas em que se começava a precipitar. *Está preza a nossa Rainha, está deposta de Rainha, lá foi desterrada...* forão golpes sobre golpes, de que só tivemos hum modelo em outra época desastrosa. — Lá vem os Francezes. — Está quasi a embarcar a Familia Real. — Já embarcou, e a armada deo á vela para o Rio de Janeiro... Se ElRei Nosso Senhor quizesse obstar ás furias do Maçonismo, que tão accezas encontrou no ponto da sua chegada ás nossas praias, talvez conseguisse seu intento; mas que rios de sangue portuguez não inundarião a capital do Reino? He pois evidente que só graças, e mil graças devemos render a hum Soberano, que antes quiz padecer tão horriveis affrontas do que expor a vida, e fortuna de seus Vassalos; e creio que será esta huma das coroas, que na opinião dos historiadores futuros realçará sobre a propria, que actualmente lhe cinge a cabeça, pois antes quiz ser Pai á custa dos mais dolorosos martyrios do que anticipar a devida restituição dos seus direitos á custa de males gravissimos, e de hum quasi geral transtorno da sociedade...

A heroica resistencia de Sua Magestade a Senhora Rainha aos conselhos, suggestões, e mandados da seita *pedreiral*, como partindo das alturas do Throno, fazia nos animos portuguezes o maior abalo, e a maior impressão moral, sem todavia accender immediatamente os fachos da guerra civil, azedando por extremo os corações leaes e honrados; foi huma espece de fogo lento e sagrado, que calando pelas veias de maioria dos habitantes das provincias, preparou sem estrondo nem convulsões anteriores, que obrigassem os impios a tomar serias medidas, quando mais lhes importava, esse he-

roico e memorando arrojo da lealdade transmontana, que fez tão grande parte em as nossas actuaes felicidades... Por certo que será nos tempos futuros hum problema assás curioso, e algum tanto difficil de tratar, qual contribuio mais para que a Serenissima e Real Casa de Bragança fosse restituida aos direitos que a facção maçonica lhe roubára, se a constante e imperturbavel paciencia com que Sua Magestade ElRei Nosso Senhor os deixou bracejar a ponto de descobrirem per si mesmos o proprio fundo de sua corrupção, villania, e perversidade, se a formal denegação tantas vezes repetida, com que Sua Magestade a Rainha Nossa Senhora fez vacillar o edificio constitucional, quando mais firme e indestructivel era reputado de seus famosos Arquitectos.

Assás demonstrado foi por eruditas e mui aparadas pennas, assim nacionaes como estrangeiras, a nefanda injustiça de todos os procedimentos, que se usárão com Sua Magestade a mui Alta e Poderosa Rainha Nossa Senhora; o meu ponto agora he manifestar quanto me seja possivel as fezes de hum travor e azedume insupportavel, que lhe fizerão beber com tanta insolencia e crueldade. Tenho menos em vista engrandecer o heroismo de Sua Magestade, do que metter pelos olhos dentro á Nação Portugueza os inauditos desacatos que se fizerão, debaixo do seu nome e da sua imaginada Soberania, á mais illustre das victimas do *Maçonismo Lusitano*, para que toda ella ainda hoje se peje e envergonhe do silencio de morte que guardou no meio de tão desmedidas atrocidades. A melhor impugnação desse bando de Pedreiros não se deve procurar em outra parte senão em os seus proprios arestos, em suas proprias e estudadas *arengas*, que me fornecem das mais victoriosas armas para eu os combater e destruir.

Entremos pois nesta precisa, mas hedionda analyse, em que muitas vezes o horror me fará cahir a penna, e para a levantar do chão serei obrigado a pôr os olhos da minha alma em o sangue frio e serenidade da victima, que nunca respirou em todo o seu desterro senão os verdadeiros sentimentos de Mãi carinhosa, e o mais puro desejo de felicidade de seus filhos os Portuguezes!!!

Era do maior interesse para os Mações, que apenas lhes constou que Sua Magestade não queria jurar a Constituição,

desistissem do intento, e, como se diz vulgarmente, lhe pozessem huma pedra em cima, para que ninguem sonhasse o que tinha havido a este respeito; mas fascinados de huma louca presumpção, quasi sempre ingenita aos que sobem mui alto, e por taes meios, quizerão provar á Nação, de que se dizião representantes, e aos Reinos da Europa, dos quaes imaginavão ser os assombros e os modelos, que o systema constitucional era tão firme, e havia lançado tão profundas raizes no solo portuguez, que até lhe sobejavão forças para desenthronizarem huma Soberana. Desta arte pois cavavão a sua proxima ruina pelos proprios meios que mais azados e convenientes lhes parecião para os segurar na posse do seu usurpado throno... Soárão logo os clarins da mentira, da impostura, e da aleivosia, quero dizer, as Gazetas do Maçonismo usando de palavras indecentes, e de motejos, que só dobravão o interesse que se devia tomar necessariamente por tal victima... Tudo me leva a crer que esses infames julgando de Sua Magestade pela baixeza de seus proprios sentimentos, esperavão no delirio de suas *mal organizadas* cabeças que Sua Magestade se retractaria por instancias dos Ministros, ou Conselheiros de Estado! Huma Heroina Christã não sabe o que he desdizer-se; e quanto mais fosse o empenho de lhe arrancarem huma solemne retractação, tanto mais deveria crescer huma firmeza, que só podia subir de ponto á vista de similhantes obstaculos... Estava decidido que os Vassalos, que não quizessem assentir ao novo pacto social, fossem expulsos deste Reino, e nenhum dos estrangeiros, onde não podia chegar a jurisdicção do Maçonismo Lusitano, era vedado aos ex-cidadãos Portuguezes; mas tratando-se de Sua Magestade, encareceo-se o rigor daquella já excessiva pena... e no sentir de algum dos Ministros a Cidade de Cadiz, para onde a chamavão em altas vozes o sangue e a natureza, deveria ser exceptuada, para que a victima ao abordar em praias estranhas não tivesse a minima consolação, e só achasse pessoas indifferentes, em vez de achar Irmãos, e Filha... Assim lhe regateavão até a simples entrada no Carcere, onde gemia prizioneiro seu Augusto Irmão ElRei Catholico, e não era concedido ao amor fraterno suavisar, como outra Madama Isabel, as amarguras do novo Luiz XVI. Não he muito que assim praticassem, quan-

do nem a companhia de suas Augustas Filhas, que ella creára no santo temor de Deos, e que tão enternecidamente amava, se permittio a este coração materno, que só exigia como indispensavel o que apenas lhe sería recusado pelos mais crueis e desalmados tigres debaixo de figura humana, que vegetão nos adustos ermos das regiões Africanas! Ah! ninguem se persuada que todos estes estratagemas para lhe fazerem *cançar a paciencia* lha fizerão titubiar hum só instante... Quanto mais se embravecia a tempestade, e parecia estar por momentos o naufragio, tanto mais lhe crescia dentro da alma o sentimento de sua dignidade, e a certeza de que a Rainha das Virgens sua Protectora havia de assistir-lhe, e confortalla para todo o acontecimento, por mais sinistro e mais negro, que lhe podesse sobrevir... Foi necessario que os Facultativos soubessem mostrar huma firmeza de caracter a toda a prova, e que insensiveis aos ameaços, e ás esperanças, affrontassem os maiores perigos para salvarem da morte a huma Soberana, que os impios desejavão fosse, ou engolida pelas ondas, ou ralada de desgostos, a ponto de não vencer a passagem no meio da estação a mais propria para lhe engravecerem as suas habituaes, e penosas enfermidades!! Em quanto se passavão estas cousas, e fervião os pareceres, os conselhos, e os decretos, não se quebrantava, nem adoecia o espirito da magnanima Rainha...

Quem tremia como varas verdes ao intimar-se-lhe o decreto da sua desthronização, e do mais cruel exterminio? Não foi ella, foi o proprio que lho intimava; que assim costuma produzir o caracter da Soberania esses desusados effeitos nos proprios que mais affectão desprezalla! Quem mudava de côr, balbuciava, e por mais que quizesse não podia ser senhor de si, e expulsar aquelle ingenito respeito á Magestade, que os Portuguezes bebem, por assim dizer, com o proprio leite? Se fôra decente ao sexo de Sua Magestade Fidelissima, podia ella sem custo reproduzir o bem sabido lance de constancia, e firmeza de seu Augusto Primo Luis XVI de França, quando em o meio de affrontas, e opprobrios sem numero, levava ao seu peito a mão de hum Granadeiro, acompanhando este movimento daquellas memoraveis expressões... » Dize a esse homem se o meu coração palpita mais ligeiro do que o seu natural. » Assentemos que

o proprio desterro já podia ter mil encantos para Sua Magestade, visto que assim tinha ao menos hum termo á longa serie de tormentos, que em tal copia, e por tantos dias se apinhárão sobre a sua cabeça, que a dizer a verdade, só a presença de taes verdugos parecia o maior de todos a quem sabía medir a incommensuravel distancia de tão abjectos individuos, em que a collocára a Providencia...

Barbaros, que nem sequer admittírão a mais justa e innocente de todas as supplicas!! No que por certo se avantajárão a todas as idéas que Sua Magestade já tinha ou podia ter da crueza de taes monstros! Se outra Heroina sua Parenta no meio de hum turbilhão de desgraças, que lhe levou throno, marido, e grandezas; se a immortal Henriqueta de França, só por alcançar a doce companhia de seus filhos, chegou a dizer que no meio de ancias, e dores de morte, ainda tem entrada os sentimentos de alegria, quem não verá neste lance de crueldade para com a nossa incomparavel Rainha que foi elle sem duvida o que mais devia amargarlhe, e para que se requeria ainda maior firmeza que para resistir no mais ás ordens do Maçonismo? Com que nobre confiança não protestou Sua Magestade pela companhia de suas Augustas Filhas *(as quaes sempre hão de ser inseparaveis de mim)* dando a entender nestas palavras que ainda fazia aos inimigos a equidade de assentar que elles não terião já perdido inteiramente o ser de homens! E com effeito que homens deixarião de respeitar neste conflicto ao menos os laços de sangue, e da natureza!! Os vencedores de Troia erão gentios, e idolatras... Porém a Musa de Euripides offerece-me a Rainha Hécuba seguida ao menos de huma Filha em seu desterro. He Polycena esta Filha, que adoça os martyrios de sua consternado Mãi, e que lhe enxuga o seu costumado pranto, fazendo-a ter consolações no meio das proprias hostes inimigas, que a levão prizioneira...

Foi necessario que interviesse huma cousa tida por sobrenatural, e muito acima dos calculos humanos, para que tão doce companhia lhe fosse roubada para sempre. Mas que tenho eu que admirar, se hum dos principaes dotes do Maçonismo he fazer-se sobranceiro ás idéas mais recebidas, e calcar muito de proposito os mais puros sentimentos da natureza, huma vez que o interesse da irmandade, e o *aresto*

das loges dispozer que tudo se esqueça, e ponha de parte!! Há muito, diga-se tudo por huma vez, ha muito que as loges tinhão proscripto a Sagrada Pessoa de Sua Magestade. » Suas frequentes visitas a pessoas reconhecidamente antiliberaes, suas repetidas conferencias com ellas, a aversão manifesta a assistir ás Festas Nacionaes. » (Diario das Cortes segunda legislatura pag. 276) eis-aqui os titulos fundamentaes de perseguição, que segundo o meu parecer dão hum lustre especial ao desterro de Sua Magestade, e por isso merecem ser hum pouco mais explanados e discutidos. Huma Soberana affeiçoada a homens Catholicos, e homens alheios do nefando liberalismo!! Huma Soberana, que só queria ouvir e tratar pessoas leaes ao Throno, e á profissão religiosa dos seus maiores! Huma Soberana, que tremia de authorizar com a sua presença os actos da mais desaforada hypocrisia! Agora dou eu razão aos Pedreiros; huma Soberana de taes idéas e sentimentos não convinha para o systema; era necessario removella para onde os seus exemplos de *virtude* não fossem *contagiosos;* e como de mais a mais empregava avultadas sommas para a subsistencia de *tres recolhimentos de mulheres devotas*, (Diario das Cortes pag. 305) e assim propagava o *fanatismo*, convinha que se lhe tirasse toda a Casa das Rainhas, que melhor se empregaria em obras maçonicas, e nos recrutamentos para a seita.

Desta arte nos patenteavão sem querer os merecimentos de Sua Magestade, que depois de terem passado pelo crysol da mais signalada paciencia, devião ficar muito mais puras, e mais luzidas... Se lhe faltárão na sua partida para o desterro as consolações mais preciosas, e mais doces para hum coração materno, pôde ao menos contar com a certeza de que pelo menos dois milhões de Portuguezes lhe enderaçárão do fundo da alma os mesmos votos, que o maior dos Poetas modernos da França (*) endereçou a huma Princeza tambem heroina, e proxima parente de Sua Magestade.

Pars, nos cœurs te suivront; pars, emporte les vœux
Des peuples, et des Rois de la terre, et des cieux.

(*) Dellile — La Pitié. Ed. de Paris 1805. pag. 115.

A INDICAÇÃO.

Depois do grito de lealdade transmontana, que certamente se deveo em grande parte ao desmedido abalo, que fez naquelles habitantes a prizão e desterro de Sua Magestade a Rainha Nossa Senhora, tem o primeiro lugar a heroica impavidez com que hum homem já açoitado pelo systema constitucional, que o esbulhava indevidamente de hum emprego, em que não poderia ser facilmente excedido; hum homem dado ás pacificas funcções da toga, e sem outras armas, que não fossem a indignação de ver o modo por que os facciosos tratavão huma Soberana; e sem contar com o apoio da honra e da probidade, que mui raras vezes se encontravão no segundo Congresso mais liberal que o primeiro, assim mesmo se abalançou a defender huma causa mal vista, e julgada pessima e insustentavel pelos facciosos, que nesse tempo nos dominavão...

Este homem foi o Desembargador José Accursio das Neves, que eu conheço mais pela nomeada das suas virtudes, e excellentes producções litterarias, que por algum trato de relação de amizade que podesse haver entre nós; antes posso, e devo affirmar que relativamente a mim, he sujeito *nec beneficio, nec injuria cognitus.* (*) Assás conhecida he a materia da sua indicação, que por certo será hum dos monumentos historicos de mais valia nos seculos futuros, e que poderá certificar aos leitores de que, durante o reinado maçonico, e no meio de tantos horrores, que devião ser escritos com letras de sangue, ainda não tinha perecido inteiramente a *honra lusitana*, que ha sido tão decantada pelos escritores nacionaes e estrangeiros... Quiz a Providencia

---

(*) Não posso dizer outrotanto de alguns que assignárão esta indicação, pois o actual Juiz de Fóra de Monção he meu affeiçoado ha muitos annos, e o Desembargador Antonio José ... he meu bemfeitor, como se verá ainda no Punhal em que contar *as proezas do Maçonismo usadas comigo.*

que não obstante as sordidas maquinações dos Pedreiros, que enchêrão todo o Reino de listas mandadas expressamente de Lisboa para o fim de que as segundas eleições recahissem nos seus adeptos e favorecidos, prevalecesse todavia em alguma Comarça e Provincia o grito da razão e da verdade, recahindo a eleição em sujeitos probos e Catholicos, predicados estes, que no sentir dos Mações deverião excluillos para sempre *da Augusta Representação Nacional* . . . Virá tempo em que os nossos historiadores engrandeção os sentimentos de lealdade, que possuírão o Desembargador José Accursio das Neves, e o movêrão a desafogar de hum modo tão heroico em pró da Magestade offendida e ultrajada, e o ponhão ao nivel do que mostrou o esforçado e leal Cavalheiro Egas Moniz, quando se foi entregar a ElRei de Leão em postura humilde, corda ao pescoço, e trajes antes de hum mendigo, que de hum dos principaes Fidalgos deste Reino... Egas Moniz queria desaffrontar-se por esta maneira dos remorsos que lhe causava *a palavra mal cumprida.* José Accursio das Neves adiantava mais hum passo em huma carreira sempre igual, e sempre endereçada ao bem da Patria... Egas Moniz desafiava a colera de hum Rei, que bastava ser Christão para que devesse apreciar muito os proprios sentimentos de lealdade, que lhe havião sido tão fataes. José Accursio enrostava com todas as furias do Maçonismo, e por certo que não esperou, nem devia esperar, que inimigos o admirassem e applaudissem. Egas Moniz levava comsigo o presentimento de que bastava que ElRei D. Affonso, chamado Imperador, tivesse coração, para que longe de o maltratar ou condemnar á morte, lhe houvesse de perdoar, e esquecer-se de tudo. José Accursio, não obstante a promettida inviolabilidade dos representantes da Nação, devia recear tudo o que fosse mais negro, e mais consentaneo aos bem conhecidos projectos da facção dominante; e bem sabía que já por muito menos se tinha ouvido nas Galerias a desentoada grita de *morra*, *morra*, e que não sería esta a primeira vez em que luzissem os *buidos punhaes* ao sahir das Cortes... Honra e gloria immortal aos que n'hum campo de batalha mais temivel do que forão para o diante as Collinas de Trás-os-Montes, desenvolvêrão taes sentimentos de briosa e incontrastavel adhesão ao Throno, e fizerão

derramar a pallidez da morte pelos semblantes dessa infame *quadrilha de Pedreiros*, a quem o *mais leve susurro*, o bolir de *huma aresta* fazia sempre esquecer de todas as valentias dos Catões ! ! !

Dia 24 de Dezembro.

Foi este dia a mais viva copia *das virtudes e manhas* que transmittíra ao seu parceiro 24 de Agosto. Em quanto de mais horrivel me offerece a historia, e a imaginação dos Poetas, não tenho eu cousa que tão perto se chegue de nos dar huma sombra dos attentados contra a Soberania, contra a Dignidade Nacional, contra as noções mais vulgares de honra, e de decencia, quaes se ouvírão e resoárão pelo Salão das *Necedades*, como os votos que sahírão da conferencia dos Anjos rebeldes, que presididos por Satanaz, accordárão entre si vingar-se do Creador na pessoa do homem, fazendo-o chorar em hum desterro a sua gloria primitiva, que despedindo outra hora de si os mais vivos resplandores, se ecclipsára de repente . . . Nos traços pois do *vigoroso pincel* de Milton descubro huns longes do que se passou a 24 de Dezembro relativamente aos negocios *da Ex-Rainha, e da Ex-Cidadã*! ! Vejo a maioria do Congresso fiel ao principio de Satanaz. *Cada hum de nós deve medir a sua coragem e ousadia pelo imminente lugar da Soberania, que exercitamos.* Não deixo de encontrar o Demonio Belial, que huma vez que se vingue está contente da sua sorte, e bem depressa eu me figuro ouvir da boca de mais de hum dos opinantes a sentença do Diabo Mammon, que se regozijava só com a lembrança de perder o respeito ao que elle chamava *despota dos Ceos.* — *Viva Deos* — sería hum grito de que estremecerão es Anjos rebeldes. — Viva a Rainha Nossa Senhora foi hum grito que fez estremecer a maioria do Congresso . . . Ainda bem que chegámos a hum tempo em que estes vivas já não podem ser tachados de desvario, signal de pouco juizo, nem se pedirá junta de Medicos para quem se lembre de o entoar! Ainda bem que já podemos elogiar a sobre-humana constancia da nossa heroina, sem buscarmos na Historia Grega, para a insultar, o mal trazido exemplo desse furioso Erostrato, que incendiou o

templo de Roma em Efeso... Ainda bem que já se póde chamar prudente e asisado o voto do Conselheiro Dantas, sem que hum insecto litterario ouse chamar-lhe *hum tecido de inepcias, velhacarias, e maldades, que são quasi tantas como as palavras em que foi concebido!!* Ainda bem que já hum heroismo sem par na Historia Portugueza já está livre de ser tachado publicamente de *miseravel orgulho, e fraqueza* feminina!.. Desgraçados, que nem sequer advertieis na conhecida inutilidade dos vossos esforços para denegrir a fama e gloria de quem subia em huma e outra, á proporção que vós tentaveis deprimilla e anniquilalla!

Se a mui alta, e poderosa Rainha deixando as nossas praias, levasse comsigo até á nesse tempo desvairada, e inhospita Cidade de Cadiz as nossas esperanças, e os nossos corações (eu fallo em nome dos bons Portuguezes) ah! não ouviria o indecente grito de Canibaes — *Tragala perro*; mereceria os respeitos, e attenções de seus compatriotas, e a Irmã mais velha de hum Rei, ainda que fosse Constitucional, teria ao menos com que sustentar o decoro do sangue, que lhe corre pelas vêas... Tal foi o despejo, e inaudita arrogancia com que levárão ao fim os seus intentos, chamando á indicação *infame, indiscreta, e inconstante*, que satisfeito de deitar sómente as primeiras linhas do quadro, não invejo a sorte dos historiadores, que se virem precisados a contar o que se avançou nomeadamente em duas fallas, que nenhum pretexto pode córar ou sanear de modo que pareção inferiores ás que teve de ouvir e soffrer a pé quedo outra Soberana ferida pelos impios na parte mais sensivel de hum coração honrado e virtuoso. (*) Se he necessario que continue a existir o Salão das *Necessidades*, ao menos cumpria, que em vez dessa lapida negra, em que se mandaria abrir em letras de ouro o abominavel nome do Patriarca dos rebeldes, se erigisse alli hum monumento expiatorio das injurias feitas á mui alta e poderosa Rainha a Senhora D. Carlota Joaquina.

(*) Maria Antonieta de Austria Rainha de França.

Novas Injurias.

Depois de tantas violações dos direitos os mais sagrados e imprescritiveis, parece que devião amainar os furores maçonicos, que assás tinhão excedido em violencia, e audacia a tudo quanto se lê de injurioso á Magestade de hum Throno em as Chronicas dos Reis, e Historias do Reino. He todavia propria de taes criminosos a especie de desassocego, que noite e dia lhes causava o heroismo da Soberana, que ficára mui perto para que não deslumbrasse de continuo esses olhos habituados sómente a infamias, e torpezas. Quantos mais dias ella passava no seu desterro, tanto maiores provas se accumulavão da sua invencivel constancia, o que era de sobejo para exacerbar cada vez mais a infame raiva dos seus perseguidores. De tão impestada fonte nasceo a *extinção da Casa das Rainhos, por terem revertido á Nação os bens doados, que constituião até agora as rendas desta Casa:* e se appareceo quem, instado de hum sentimento natural de compaixão, indicou a necessidade de prover no artigo da susten tação de Suas Magestades, forão seus collegas tão deshumanos, que se atrevêrão a espaçar desde 2 de Janeiro ate 29 de Março, primeiro que tomassem acordo sobre materia de tal consideração, e urgencia. Não tardou aquelle dia 29 de Março já tão proximo á feliz mudança das nossas cousas, que arremedou, se bem que ao longe, a infamia e perversidade intrinseca dos dias 4, e 24 de Dezembro. Tudo se julgaria pouco, e insufficiente para manter a dignidade de quem pertencesse á grande Familia Maçonica; mas *a quem por tal maneira, e com tamanha tenacidade como a Senhora D. Carlota Joaquina, recusou jurar a Constituição, e pertencer á grande Familia Potugueza, nada se deve conceder, e até sería indecoroso conceder-se cousa alguma.* (*) Em vão tor-

---

(*) Quem tiver alguma duvida ou sobre a fidelidade destes extractos, ou sobre o que forão de abominaveis e execrandas taes conferencias, e deliberações, consulte o Diario das Cortes (2.ª Legislatura, Tomo 1.º) a pag. 80, 259, 276, 278, 283, 813, e no Tomo 2.º a pag. 289, 302, 303, 305, 334, e achará com extensão os factos a que eu alludo, e pasmará de que eu seja tão moderado!

nou a protestar o Varão constante (José Accursio das Neves) allegando o tratado provisorio dos esponsaes, e a indispensavel obrigação de o cumprirem, satisfazendo ao menos a Sua Magestade a importancia do seu dote, que nunca poderia ser olhado como propriedade nacional Portugueza; a este conselho, que bastava ser justo para ser alli rejeitado, seguio-se hum voto, que pela sua extravagancia he dos que poderia servir para desenfado dos meus leitores se por ventura não fosse tão injurioso á Magestade. (*) Se este voto faz perder o sério a quem o ler com attenção, por certo que não succederá o mesmo com outro voto *Portuguez*, e mui parecido com o seu Autor » A indicação para a esmola do » Patriarca (vociferou elle) foi rejeitada, porque appareceo » o Ex-Patriarca com huma quantidade de proclamações in- » cendiarias, com que pertendia sublevar os Portuguezes; e » por isso foi rejeitada. » Achando o caso parallelo conti- » nuou. — Eu digo que não devemos sustentar com o ca- » lor do nosso peito a vibora, que nos quer devorar, e roer » o coração, se nós fossemos a descobrir os ramaes da re- » volução, que rebentou em Trás-os-Montes, achariamos » que o seu foco, e rastilho está no Ramalhão; aqui o digo » por denunciação da verdade, e descargo da minha con-

---

(*) Faltava mais esta a Sua Magestade, que lhe imputassem a heresia dos Anabaptistas, Quakers!! Ainda que a Rainha Nossa Senhora tivesse horror a hum tal juramento, que se lhe exigia, não era caso de que por isso lhe suppozessem a doutrina contraria aos juramentos em geral. Sua Magestade he assás instruida nos seus deveres religiosos, e politicos, e por isso mesmo que via em todo este Reino huma profusão de juramentos nunca d'antes vista, julgaria que até por esta razão lhe convinha desaggravar a Magestade Suprema, que se offende muito da facilidade com que o tomamos para testemunha. Não sei como o illustre opinante, como *Ecclesiastico de representação e probidade*, não se incumbio de ir ao Paço do Ramalhão, e preencher a *honrosa tarefa de desilludir* Sua Magestade!!! Entretanto ficamos-lhe obrigados de nos manifestar lanços de beneficencia e caridade da Senhora Rainha, que não erão sabidos, nem talvez S. Magestade quereria que o fossem.

» sciencia, porque por meu voto não ha de ter a Ex-Rai-
» nha nem real. » Que sublime descoberta! E para sahir com huma destas, he que se procura hum asylo na Grã-Bretanha, e dahi se remettem para Lisboa mensalmente *fachos de luz*, que disponhão os animos a seguir a voz da razão, e da liberdade!! Que modo aquelle de produzir, e qualificar os dois heroismos de constancia no procedimento, e de resignação nos trabalhos. Proclamação incendiaria huma instrucção Christã de hum Pastor ás suas Ovelhas!! Caso estranho por certo era o vermos que huma Princeza se esquivava de sanccionar o fantastico principio de outra Soberania reprovada por todos os homens, que não forem Pedreiros, e por todos os seculos, que não forem impios, quando lhe assistem mil outros fundamentos para detestar os tenebrosos arestos do Maçonismo!!! Agora he que eu me lastimo de que Portugal tenha creado estas viboras maçonicas armadas de veneno, e conjuradas para atassalharem os corações leaes ao Throno, os quaes se hão de apertar, e doer por extremo em quanto lhes durar a vida, de que a tanto se abalançassem os nossos proprios Concidadãos!!

Em fim depois de huma porfiosa contenda aprouve a estes Senhores *postiços* accrescentar o Patrimonio de ElRei com a magnificencia de doze contos de reis annuaes, sem declaração alguma, porque era indecente ao decoro destas *facticias Magestades* até o parecer que se doião dos trabalhos e privações da Primogenita de ElRei Catholico Carlos IV. Este aviso de cautela faz lembrar a *Semfraze do Regicida Seyeis*, como se elles dissessem: nós já ouvimos da boca do nosso Collega *Borges Carneiro* que as *Damas, Retretas, e Creadas da Rainha andão a vender os seus trastes para manterem a vida*; consta-nos officialmente que sobem a trinta contos de reis annuaes as sommas de pensões, salarios, e encargos, que satisfazia a Casa das Rainhas; porém se aquelle nosso Collega quer mostrar que ainda he homem, sigamos nós outro caminho, e mostrsmos ser feras, deixando perecer á fome esta multidão de victimas innocentes; e para maior pezo desta nossa resolução hum Sacerdote (que os achamos para tudo) avançará em pleno Congresso que o caso de sustentação de centos de pessoas, que estão morrendo á fome, não he de urgencia; que primeiro está acudir aos Thea-

tros, que desfallecem, e aos Pedreiros nossos emissarios, e *propagandistas* na França, e na Allemanha!!! A tanto chegou a descarada insolencia dos Mações, que privárão, quanto nelles era, até do necessario para a vida por espaço de tantos mezes a sua propria Soberana, tratando de a infamar, e de a envilecer por quantos meios tinhão ao seu alcance! Assim desafogárão o seu intenso e figadal odio, a quem assim inerme, desterrada, e sem apoio lhe arrancava todos os dias huma pedra do edificio constitucional, e os hia chegando lentamente ao ultimo, e fatal dispendio que lhes trouxe o dia 31 de Maio

Tornando para a nossa Augusta Heroina, e ao ver de perto como ella soffria com paciencia verdadeiramente Christã, não só os estudados insultos da Confraria maçonica, mas tambem as não sei se diga ainda mais pezadas affrontas de hum punhado de gente miseravel, que se fazia ecco da Pedreirada Lisbonense: eu tive plena confiança em hum Deos recto e justiceiro, que não tardaria muito em vingar a causa da innocencia... Quantas vezes, debruçado sobre alguma das penedias da Serra de Cintra, que ficão sobranceiras á Quinta do Ramalhão, eu me confundi ao ver como estava solitario e despido de circumstantes, hum Palacio outra hora revestido de toda a pompa, que costuma seguir a Esposa de hum Rei!! Assim mesmo era necessario olhar em roda de mim, para que algum dos Espiões que vadeavão aquella serra não me apanhasse de subito, e pelos gestos de interesse e de afflicção podesse concluir que eu amaldiçoava do fundo da alma todos os excessos que se praticavão com a minha Soberana!! Nunca o foi mais para mim do que nesses dias, em que subjugando a facção maçonica, se ostentava superior a todas as ameaças e a todos os perigos, e reinava até sobre os mais ternos affectos do seu coração, que nunca deixárão de lhe pedir huma e muitas vezes a companhia de suas Augustas Filhas, que cortando por todos os obstaculos, vinhão, como a furto, saudar sua incomparavel Mãi, e porventura lhe fazião desta sorte ainda mais dura a magoa de viverem separadas!

Saibão os Portuguezes merecedores deste honroso nome que Sua Magestade, habitualmente quebrantada no fysico, segundo attestárão os Medicos mais fieis á consciencia que

aos respeitos humanos, conseguio todavia consideraveis melhoras no seu desterro, o que he indicio certissimo de que nunca lhe fallecêra a constancia; que se esta por qualquer modo vacillasse ou succumbisse, por certo que se havia de sentir mais ou menos desta revolução moral hum corpo attenuado de molestias. Saibão de mais a mais, para cabal certeza de qual era o principio donde sahião os dons preciosos de constancia e fortaleza, que Sua Magestade fazia celebrar indefectivelmente na sua Capella duas Missas diarias, além da que se costumava celebrar no seu aposento, e que repetidas vezes, misturando-se com as suas criadas, e sem distinção alguma que a fizesse conhecer, humilhada no pavimento da Capella, acudia sem precedencia, e quando lhe tocava a sua vez, ao suppedaneo do Altar, onde recolhia no seu peito o Deos de paz e de consolação, que nos anima e consola em todas as nossas desgraças! Agora que eu a tenho levado a pontos de se conhecer que o seu heroismo foi obra do Senhor, nem correrei perigo de offender a sua natural modestia, nem accrescentarei outra cousa que não seja mais hum forçoso motivo de se humilhar na presença do Senhor, que a fez instrumento de grandes maravilhas, se mostrar aos meus leitores que debalde me cancei por descobrir na Historia Portugueza hum caso identico donde tirasse algum parallelo, e apenas decifrei huns longes, que me servissem de norma, em huma Rainha Portugueza, ainda que observados em Reino extrangeiro; se bem que a mais viçosa palma tocará infallivelmente a nossa Augusta Soberana, como se verá do seguinte

Parallelo da mui Alta e Poderosa Rainha a Senhora D. Carlota Joaquina, e da Senhora D. Catharina, Infanta de Portugal, e Rainha da Gram-Bretanha.

Discorrendo eu pela Historia antiga deste Reino, ainda que não vejo as catastrofes succedidas nos Reinos de Inglaterra, de Escocia, e da propria França, lá me apparecem de quando em quando nos primeiros tres seculos da nossa Monarquia exemplos de Soberanas perseguidas e maltratadas. Por certo que não era feliz huma, que tocando-lhe a Regencia do Reino em a menoridade de seu filho, depois Rei, o

Senhor D. Affonso V, se assignava a *triste Rainha*; e menos o foi a Esposa daquelle Rei, que teve de chorar muitas horas sobre o cadaver insepulto do Infante seu Pai, que pela sabedoria de seus conselhos e dictames acabava de ser o esteio da Monarquia. Bem sei que neste mesmo periodo figura como Rainha D. Leonor Telles, que basta não ter nascido para reinar, e ter obrado em sentido contrario á felicidade dos Portuguezes, para que sem tocarmos em outras differenças muito essenciaes, não façamos agora caso de sua prizão em Tordesilhas; e com effeito das alternativas de fortuna, porque teve de passar D. Leonor Telles, apenas se deduzirá felismente contra os Maçőes deste Reino, em prova da sua baixéza de sentimentos, o generoso proceder de D. João I., que não tocou nos rendimentos da casa da sua maior inimiga; porém que se ha de esperar de hum Rei, e que se ha de esperar dos Maçőes? Chegando mais perto do berço da Monarquia, lá me apparece a honra immortal do Reino de Aragão, e o melhor ornamento da Monarquia Portugueza, a saber, a Rainha S. Isabel, detida ou preza na sua Villa de Alemquer. Não foi isto porém senão hum desgosto momentaneo d'ElRei seu marido, que não tolhia os Grandes de a visitarem, e de lhe offerecerem seus serviços; podendo affirmar-se que mais luzida era a Corte da Augusta Prizioneira que a do Rei mal informado, e sem causa desgostoso de tão amavel consorte. Não durou muito a discordia; e a troco d'alguns dias de paciencia conseguio a Santa Rainha ser admittida novamente á graça de hum marido, que talvez ao mesmo passo que decretava a prizão, era o mais sincero admirador de suas virtudes... Sería este parallelo assás honroso para a Senhora D. Carlota Joaquina, ainda que elle cedesse em alguma desvantagem sua; porém a diversidade das circumstancias obriga-me a abrir mão deste, que á primeira vista me convidava, e já eu tinha perdido inteiramente a esperança de descobrir algum facto, ao menos similhante ao da heroica resistencia de sua Magestade, quando me lisongeei de o ter achado, e bem casualmente, (*) já em tempos mais chegados ao nosso, e em

(*) Fiz este achado em a *Miscellanea Catholica* de Fevereiro deste anno a pag. 60 e seguinte, e ahi vem o extracto

pessoa natural deste Reino, qual era a Senhora D. Catharina, Infanta de Portugal, e Rainha da Grã-Bretanha. Ora este facto he tão pouco vulgar entre nós, que julgarei fazer algum serviço a huma parte dos meus leitores, se primeiramente o referir em summa, a fim de que seja mais intelligivel, e mais bem fundamentado o parallelo.

He sabido o apparato, com que a Senhora D. Catharina, filha d'ElRei o Senhor D. João IV., foi transportada para a Inglaterra como Esposa destinada para o Rei Carlos II.; alliança esta de que se tirárão grandes proveitos para que o Throno Portuguez se consolidasse na Augustissima Casa Reinante. Apenas tocou as praias da Grã-Bretanha foi logo instada para a celebração do matrimonio, que hum Bispo Protestante devia fazer segundo os ritos da Igreja Anglicana; e ao que ella respondeo que a sua Religião e *consciencia* a impedião de annuir a similhante cousa; redobrárão as instancias debaixo do pretexto que sería indecoroso ao Rei, e que por este modo até se punha em duvida a legitimidade da prole, se a houvesse. Tornou a insistir que a sua Religião e *consciencia* lho impedião. Seguio-se a derradeira maquina com que pertendêrão abalar sua constancia, que forão as caricias amatorias, afagos, e humildes supplicas do Rei seu Esposo. Tudo foi em vão; e a invencivel heroina protestou que antes queria voltar para o Reino de Portugal sem concluir nada, que ceder ao que lhe pedião contra o dictame da sua consciencia. A final venceo, e o matrimonio foi celebrado conforme o Rito Catholico, e não recusou que hum Bispo Protestante declarasse o matrimonio *rato*, já depois de concluido pela maneira que temos visto; e accrescenta o Historiador Brunet, que ainda nesta occasião deixou de proferir certas palavras em que devia acompanhar seu marido; que tal era o seu apego invariavel á crença de seus maiores... Lançados estes fundamentos, nada he mais facil que instituir o parallelo. — Era indifferente para a Se-

---

de huma carta de Jorge Gray datada em Londres a 30 de Maio de 1662, que não deverá passar por alto a quem escrever a Historia das Infantas de Portugal.

nhora D. Catharina perder hum Throno antes de possuillo, huma vez que corria perigo de gravar a sua consciencia, e perder a sua alma. Foi indifferente para a Senhora D. Carlota Joaquina perder hum Throno ha muitos annos possuido; e sómente a voz da sua consciencia, e não *o odio ás Cortes*, a decidírão a este passo tão decisivo como arriscado. Achárão os Conselheiros do Rei Carlos II. a Senhora D. Catharina inflexivel, e cada vez mais segura nos seus bons intentos. Outrotanto achárão os Conselheiros e Ministros d'Estado na Senhora D. Carlota; com a differença de que aquelles pedião, e estes, ou mandavão imperiosamente, ou comminavão rigorosas penas. Instavão a Senhora D. Catharina para que segurasse por este modo a legitimidade da successão, e os interesses da sua descendencia. Instavão com a Senhora D. Carlota para que, ratificando pelo juramento a validade da Constituição, aproveitasse o unico modo que tinha de ficar no Throno. Applicárão-se para dobrar huma as caricias de hum Rei; empregárão-se para mudar outra huns decretos, sim extorquidos, porém formidaveis... Não cedeo a primeira aos afagos, bem certa de que nunca perderia as honras e graduação de Infanta de Portugal. Não cedeo a segunda, nem aos ameaços, nem aos castigos, bem certa de que sería esbulhada neste Reino até das proprias honras de Infanta de Hespanha. Rematou a Senhora D. Catharina em assegurar que mais queria voltar para este Reino em o baixel mais pobre da armada que a conduzíra, do que oppor-se aos dictames da sua consciencia. Rematou a Senhora D. Carlota Joaquina, antepondo huma vida particular, porém humilhada, e farta de opprobrios, a fraquear hum só instante que fosse na sua primeira resolução. Tratou a primeira com hum Rei legitimo, com a flor da Nobreza de Inglaterra, e nem ainda remotamente se lhe poderia offerecer a idéa de prizão ou de morte. Devião ser estas as primeiras que se offerecessem á Senhora D. Carlota Joaquina; e já se vê claramente para que lado está pendente a balança, e a quem fica mais vantajoso o parallelo. Superior a todas, a nossa heroina tocou as ultimas balizas do heroismo; e segundo nos he dado crer dos seus elevados sentimentos, e mais que tudo da graça celestial que a animou e conduzio em tão apurados transes, mais depressa affrontaria ella as

procellosas vagas do Oceano, e subiria a hum cadafalso, do que volvesse atrás no glorioso caminho, que tão espontanea como reflectidamente abraçára...

Ainda que o triunfo com que a Providencia já começou a premialla até neste mundo, e de que eu fui ditosa testemunha, não diga ao meu principal intento, direi ainda huma palavra que seja a confusão dos *Pedreiros*, e a melhor e mais convincente resposta aos seus argumentos. Entremos pois em hum simples bosquejo do seu

Triumpho.

Não he dado á penna dos Escriptores retratarem os sentimentos do coração humano, quando elles são mui vivos, e muito acima da sua marcha ordinaria. Não ha palavras com que se chegue a explicar, e definir o jubilo que se derramou pelas vizinhanças de Cintra, pela noticia de se ter posto o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel á frente da empreza maior, e mais bem succedida que contão as nossas Historias. Não he mais violenta a explosão dos fogos subterraneos do que foi a seu modo a explosão dos sentimentos de alegria, que por mil artes e modos se patenteárão a 31 de Maio no terreiro do Palacio do Ramalhão. Que contraste do silencio, que ainda na vespera alli se guardava, com esses clamorosos gritos de *Viva a Rainha Nossa Senhora*, que chegavão até ao Ceo! Ainda ha poucas horas a simples entrada no Palacio era hum crime punivel, e digno de huma remoção, ou desterro para as deshabitadas Berlengas (*), e tanto que foi alli sabido o heroismo do Senhor Infante, corrião os povos a enxames, para verem e admirarem a que elles tinhão na con-

(*) Foi este o lugar sinalado para o desterro do honrado Prior de S. Maria de Cintra pelo crime de ter ido algumas vezes ao Ramalhão, que nenhum outro se apontava; e tiverão a mesma sorte mais outras pessoas da Villa de Cintra!! Tudo provas claras da justiça maçonica!!

ta de sua Libertadora. Quando entrei naquelle terreiro, vi Sua Magestade no acto de repartir por aquellas boas gentes, e pelos chamados *facciosos* do Exercito do Silveira (*), grande quantidade de fitas para laços e topes, e assentei logo, que via fielmente represensada aquella bondade caracteristica da Familia de Borbon, e que ella herdou de seu Ascendente Henrique IV; e até a propria barretina de Sua Magestade me fez lembrar muitas vezes desse *pennacho* branco, que era para os Vassallos fieis daquelle Soberano huma especie de senha, e ponto de reunião... De quanto vi, e presenciei naquelles faustissimos dias, que corrêrão até 9 de Junho, só tenho para notar duas cousas memoraveis, e que me tornão a chamar para o meu primeiro intento de que nunca me arredo sem experimentar logo huma certa frieza propria de quem desmente a sua primeira vocação, e a minha he de combater até á morte os Pedreiros Livres... Fui admittido á presença de Sua Magestade; e como receberia ella as minhas felicitações pelo denodo que mostrava o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel? Pondo de parte o ser de Mãi para cumprir os deveres de Esposa, disse-me " que sim lhe agradava " muito a heroica resolução de seu Augusto Filho, mas que " tremia ao lembrar-se de que ElRei seu Esposo estava sem " guarda, e que não descançaria em quanto não soubesse " que elle não tinha perigo. "

Eis-aqui, Mações, a verdadeira resposta ao que se proferio de mais negro e affrontoso em o dia 24 de Dezembro, que sendo reforçada pelo solemnissimo, e faustissimo encontro de ElRei Nosso Ssnhor com a sua digna Esposa em as vizinhanças de Queluz, deve tapar-vos essas bocas maldizentes, sacrilegas, e blasfemas.

Muita estranheza vai causar a estes infames a segunda cousa das que eu mais admirei no Palacio do Ramalhão. Foi ver que na vespera do Santissimo Coração de Jesus todos os Creados de Sua Magestade jantavão ao meio dia, e

---

(*) He para notar que fossem estes os primeiros Officiaes e Soldados, que apenas quebrárão as suas cadêas, vierão fazer guarda a Sua Magestade!!

jantavão peixe; e sendo perguntados por esta anticipação das horas ordinarias em outros dias, respondêrão-me que Sua Magestade assim o determinava, para que ninguem se podesse escusar do jejum em attenção a ella por demoras do jantar. Ora este successo he de tanta ponderação, que me edificou e consolou quasi tanto como o primeiro, e me fez descobrir a fundo mais outra razão do odio maçonico á Pessoa de Sua Magestade, que prouvera a Deos tivesse nesta parte hum numero de imitadores igual ao dos que louvão e admirão a sua constancia!!

Conclusão.

Se as amenidades de Cintra, e suas vizinhanças attrahem hum grande numero de viajantes estrangeiros, eu me lisongeio de pensar que lá para os seculos futuros haverá muito quem olhe com huma especie de veneração religiosa para a Quinta do Ramalhão, e diga ou para si, ou para os companheiros, que hão de forçosamente seguillo nestas idéas: „ Aqui esteve „ reclusada por espaço de seis mezes a mui Alta e Poderosa „ Rainha a Senhora D. Carlota Joaquina sem outras guar- „ das mais que a sua innocencia, e a extremosa lealdade dos „ seus fieis servidores. Daqui affrontou a tempestade revolu- „ cionaria, que detida por huma especie de força invisivel, „ quebrava inteiramente ás portas deste Palacio, não ousan- „ do violallo e profanallo como tantas vezes foi seu disignio. „

Addição.

Quando nos principios deste anno de 1823 se imprimio na Gazeta Universal, e na Trombeta huma Carta, que dizião ser da Senhora D. Carlota Joaquina, e que ainda sendo apocryfa, sería muito bem achada, e trazida para as circumstancias do tempo, não faltou quem atacasse a genuinidade da Carta, e quizesse destruir-lhe os seus bons effeitos debaixo do frivolo argumento de que era muito bem feita, e não podia ser obra de Sua Magestade. Eu, que já nesse tem-

po era ameaçado de morte pela loja maçonica de Coimbra, se continuasse a escrever contra as *doutrinas liberaes*, não pude ter mão em mim, que não fizesse hum artigo para a Gazeta Universal, cujo prudente e atilado Redactor não se atreveo a publicallo, temendo attrahir novas vinganças sobre elle, e sobre mim. Não he elle homem que possa, nem desmentir-me, quando eu fallo verdade, nem usar de connivencia, quando eu quizesse mentir á sua sombra.

Julguei pois que tinha agora muito lugar esta publicação, que apezar de tardia, he a meu ver hum indicio dos meus sentimentos naquella era, e do que eu temia as furias do Maçonismo, quando estavão mais poderosas e embravecidas.

A Duvida.

Ha quem duvide se a Augustissima Senhora D. Carlota Joaquina escreveo a bem traçada, pathetica, e sublime Carta, que o denodado Redactor da Gazeta Universel acaba de inserír no seu illustre Periodico. Quem lha faria: eis o grito de muitos pedantes, classe numerosissima de que abunda a Capital, e as Provincias, onde já me consta que habeis criticos se refusão a ter por genuina similhante Carta..... Ora façamos hum serviço á Magestade deprimida e humilhada, que por certo lho não fizeramos se ainda luzisse em todo o esplendor do Throno, e das grandezas... Costuma dizer-se que a virtude não tem sexo. Tenho para mim que se lhe devem accrescentar mais duas palavras — *Nem o Talento.* — Sirvão de prova em nossos dias Madame Stael, e Madame Genlis, e todos sabem que o catalogo das mulheres sabias do Seculo 18 he assás numeroso... Que Portuguez quereria ser competidor ou rival da primeira, não só em literatura, mas, o que he mais, em hum tacto finissimo, e summa destreza de representar, como em hum breve Mappa, todas as revoluções da Filosofia moderna em hum Paiz tão culto, e tão recheado de sabios, como he a Allemanha? Que Portuguez tem hoje a ufania de que as suas obras obras sejão lidas com avidez, e reputadas por toda a França como verdadeiros modelos de elegancia, de pureza de es-

tylo, e de linguagem, o que tem acontecido á segunda? Estes *sabichões*, que desdenhão do talento das mulheres, appareção, e vejão se respondem aos argumentos invenciveis, com que Madame Genlis tem feito murchar a gloria do justamente decantado Fenelon, examinando, e analysando a sua obra prima — *Aventuras de Telemaco.* —.... O maior defeito das mulheres he não terem educação litteraria, he serem destinadas quasi desde o berço para outras fadigas... quizessem educallas de outro modo, e verião claramente que não serião inferiores aos homens... Não quero affirmar que serião mais felizes no estado de sabedoria que no de ignorancia, a que de ordinario as condemnão; porém esse caso he outro, que de nenhuma fórma destroe a verdade da minha proposição.

Chegando-nos mais ao intento, só algum hospede na Historia litteraria da Hespanha durante o reinado sempre memoravel d'ElRei Carlos III., deixará de saber que este grande Rei tratou cuidadosamente de dar huma educação literaria aos seus filhos e netos de ambos os sexos. He notorio que as idéas do Soberano se realizárão, e toda a Europa instruida conhece o nome do Infante D. Gabriel, fiel Traductor, e eruditissimo Annotador de Salustio... Se os nossos criticos Portuguezes notassem de que estofa era o sujeito, que na qualidade de Confessor e Mestre seguio a Infanta D. Carlota quando vinha desposar-se com o nosso Infante o Senhor D. João, póde ser que mudassem de rumo, e fizessem justiça aos talentos naturaes da Infanta, que aperfeiçoados pela cultura de hum tal Director e Mestre, por certo que devião produzir, quando necessario fosse, não só a Carta em questão, porém ainda cousas melhores... Foi o grande Fr. Filippe Scio de S. Miguel, assás conhecido no orbe literario pelas suas fieis como elegantes traducções de S. João Chrysostomo, e que na propria occasião em que seguia a Infanta se occupava em cousa de maior porte, qual foi a traducção da Sagrada Escriptura em lingua Castelhana, onde, com perdão dos admiradores do Padre Pereira, fez ver que não era inutil o conhecimento das linguas originaes, em que forão escritos os livros sagrados de ambos os Tertamentos. Quem he dotada de engenho, e recebe cultura de taes Mestres, nunca deixa de aproveitar...

****

Conheça de mais a mais Sua Magestade Fidelissima que a sua Carta arrancou lagrimas aos olhos habitualmente mais enxutos, e abalou os peitos mais endurecidos, a ponto de desafogarem em continuos e vehementes suspiros.

Eu, que me posso interessar pelo maior facinoroso justamente condemnado á morte, declaro que he do meu gosto e da minha vontade suprema em taes materias acompanhar Sua Magestade em seus crueis dissabores; e já que a minha opinião nestes assumptos he, e deve ser a minha rigorosa propriedade, declaro tambem á face da Nação que folgára muito de acompanhar Sua Magestade no seu desterro, e que mais queria ser *varredor das suas cavalhariças* do que Marquez ou Duque (no regimen constitucional).

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com. licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 29.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

Que tyrannia!!

FOi este o grito dos Maçóes, apenas foi sabida neste Reino a formidavel sentença contra o primeiro movel da revolução hespanhola D. Rafael Riego, que vai entrar no Calendario dos Maçóes, *fazendo ahi brigada* com os Pseudo-Martyres do Campo de S. Anna!!! Quando os Realistas erão justiçados sem fórma de processo, quando o martyr do Realismo (General Elio) padecia hum castigo affrontoso, quando as victimas da Corunha reproduzião aos nossos olhos as decantadas *afogadelas* da revolução franceza; emmudecião todos, não digo bem, applaudião taes excessos torpe e descaradamente, fazendo votos publicos para que succedesse o mesmo em Portugal! Mui fraca memoria nos suppõem esses malvados, que se lisongeem de que já nos esquecêrão as suas habilidades! Mette-se agora hum Pedreiro no segredo, começão logo de clamar que he tyrannia, que he obrigar a que se tenhão cada vez mais saudades do systema constitucional; e quando os da conspiração da Rua Formosa erão mettidos em calhabouços, em segredos, e se lhes vedava toda a communicação, ao mesmo tempo que se lhes de-

negavão todos os meios de justiça... tudo hia ás mil maravilhas, e pobre de quem estranhasse tão barbaros como illegaes procedimentos. Não querem os malditos Pedreiros acabar de crer que os conhecemos por dentro e por fóra, e que o dote de *incorrigiveis* he o que julgamos mais *saliente* nas suas *veneraveis* pessoas!! Estou bem longe de propor essas reacções sempre funestas e desastrosas, não estranho a clemencia de ElRei Nosso Senhor, porque sería em mim temeridade punivel erigir-me arbitro de suas acções, que só devo respeitar sem hesitação nem exame... hei de porém justificar o procedimento de Sua Magestade Catholica por todos os meios que estiverem ao meu alcance, já compulsando a historia antiga e moderna, já recorrendo aos authores mais graves que discutírão estas materias. Huma *bizarra amnistia*, hum perdão geral, hum esquecimento do passado são cousas lindas para os Mações, quando elles não governão, e ao mesmo tempo carecem de viver á *solta* para maquinar e adiantar novas conspirações.

Consultão-se as historias, achão-se muitos exemplos de amnistia, porém todos mal succedidos, e que cedo ou tarde se voltárão contra os proprios que as concedêrão. Entra Julio Cesar em Roma, apossa-se violentamente da authoridade, faz por adoçar aos ferozes républicanos o amargo da obediencia ao imperio de hum só homem, perdoa a todos, quer metter todos no coração; e os Brutos e Cassios, que elle favorecêra e distinguíra, cobrem-no de punhaladas em pleno Senado, e até na arma *favorita* se mostrão precursores da seita regicida ou maçonica dos nossos dias. Já perto destes appareceo a celebre amnistia de Henrique IV Rei de França, que lhe veio a dar na cabeça, e foi ella causa ou pretexto de ser assassinado no meio de huma rua de Paris. Carlos II Rei da Grã Bretanha lá foi mais bem succedido com a sua amnistia; porém o raio, que deixou de o ferir, lá cahio passados annos sobre a cabeça de seu filho Jacob II, e a Casa de Stuard foi banida para sempre do throno de Inglaterra. Mas para que he buscar exemplos de amnistias velhas, quando as temos fresquinhas, e ainda tão novas que mal contão sete annos de idade... Entrou Luis XVIII na França, subio ao throno de seus maiores, e fiel ao testa-

mento de seu Irmão, e á sua palavra sanccionada pela Carta que os famosos architectos de revoluções lhe impingírão, não tanto para felicitarem a sua patria, como para que não fossem esbulhados das suas honras e fortunas, *perdoou*, *perdoou* sem descançar, e sem exceptuar (que foi muito) os proprios assassinos de ElRei seu Irmão... Ora certos homens tão facinorosos e gravados de crimes, que desconfião sempre da benevolencia dos Reis, julgão-nos hypocritas em suas promessas, porque julgão que não cabe na alçada de clemencia humana perdoar os maiores extremos de maldade; huns taes nunca podem socegar, e todo o seu empenho he que o governo se deposite nas mãos de outros assim como elles, que assim podem respirar á sua vontade. Estes ainda tem algum discernimento, que falta de todo a essa nuvem de *tolinhos*, que da clemencia dos Reis tirão argumento a seu favor, pensando que elles por medo ás *luzes*, *e aos candieiros triangulares* he que não se resolvem a apagallos de todo, e por isso huns estupidos assim vão metter-se, para assim o dizermos, na boca do lobo, e desafiar insensatamente a espada da justiça... Por estes assim nunca vem grande mal ao mundo; antes o mundo sem páo nem pedra, como lá dizem, se vai desembaraçando delles continuamente. De tudo isto havia na França, e os segundos, que não tinhão outro remedio senão gemer, e irem cahindo *como huns passarinhos* na rede da justiça, forão dos que por isso mesmo cahírão facilmente na rede dos Le Fevres Desnouetes, dos Neis, e dos Lallemands, que saudosos das riquezas que seu Amo tão *licitamente lhes fez adquirir* na Austria, Italia, Hespanha, e Portugal, não podião soffrer as mollezas de hum Rei Christão, e naturalmente pacifico. Não he nada, juntou-se o rancho, traçou-se o plano da contra-revolução, ajustárão-se as figuras, distribuírão-se os papeis, e huma senhora chamada Policia, que não dormia nem pregava olho em quanto Bonaparte governou, fazendo-se agora ronceira, deitou-se á boa vida, e começou de dormir tão profundamente, que por bem pouco não chega o tyranno á sua boa cidade de Paris antes de chegar a noticia do seu desembarque nas costas de França!!.. Teve pois a gavada amnistia de Luis XVIII os saudaveis effeitos de o fazer sahir a unhas de cavallo, e demandar hum asylo em reino es-

trangeiro, que se este não acode talvez ainda hoje os Mações Francezes dessem as cartas na Europa... Não he nada, a clemencia dos Reis alliados, e a contemplação que tiverão com o novo Genserico, trouxe comsigo os rios de sangue que inundárão as planicies de Waterloo. » Esperança de tudo o que commettêra, e de tudo o que meditava crimes (deixemos fallar hum pouco M. Chateaubriand) elle (Bonaparte) veio, e conseguio o que desejava. Homens que vós tinheis enchido de mercês, e com o peito ornado com as vossas Ordens militares, beijárão de manhã a regia mão, que de tarde atraiçoárão; vassallos rebeldes, máos Francezes, falsos Cavalleiros, mal tinhão expirado em seus labios os juramentos que acabavão de fazer-vos, quando forão, ainda com as lizes ao peito, jurar, para assim dizer, o perjurio a quem tantas vezes se declarára traidor, desleal, e rebelde. » Estando pois visto e demonstrado por huma infinidade de exemplos, que as amnistias são tempo perdido, e bem perdido, para certa qualidade de réos, que nunca mais se esquecem *das cebolas do Egypto*, que havia de fazer Sua Magestade Catholica senão aprender em cabeça alheia? Mas que digo eu, não tem elle sobejas razões de aprender em *cabeça propria?* Que tirou elle de castigar com brandura esses réos convencidos de já lhe terem roubado a coroa? Que fez elle em prender os Arguelles e outros da mesma laia, e quanto não lucraria, assim elle como todo o Estado, se cahissem debaixo de toda a severidade da justiça huns vinte homens, que forão causa de todos os males da Hespanha? Não ha pois duvida que os exemplos antigos e modernos são todos a favor das medidas extraordinarias, que se amoldem ás circumstancias tambem extraordinarias.

Dos factos passemos aos livros, que não tendo por seu apoio as lições da experiencia são bem pouco ou nada, e só merecem a pena de fogo. Bem sei eu que ós Mações tem o seu armazem de livrinhos mui elegantes, e tão bem fallados, que he hum gosto lê-los. A seita, quando era mais subtil e ardilosa (que hoje a dizermos a verdade está huma chocha, huma tola dos quatro costados) fez assoalhar por todas as linguas, por todas as pennas, e por todos os *sabios*, que não convinha dar a pena ultima, e que estas li-

berdades dos Soberanos erão reliquias do tempo gotico, e servião de desdouro á humanidade. Deste modo entorpecêrão a marcha da justiça, enferrujárão-lhe as suas molas principaes, e á sombra da *impunidade* (que pouco menos he o horror systematico á pena de morte) cresceo até ao infinito o numero dos crimes, e para tudo que era máo se achou valhacouto na filosofia moderna... Cuidão estes Pedreiritos de cá, e assentão lá para si, que nos embação com os Pedreiros de lá!!! Forte cegueira he a deste rancho de miseraveis, que tendo apenas sabido que ha estudos preparatorios para as sciencias maiores, e tendo-se ás vezes formado *per saltum* só porque lêrão alguma obra Franceza, e decorárão os nomes de Becaria, e Filangieri, que só elles tem direito de fallar em questões politicas, e que a ninguem mais he permittido lançar mão dellas, nem advertir os erros, equivocações, e inepcias dos Mestraços da Seita... Pois, meus amigos, toda essa chusma de authoridades modernas, e de sediços lugares communs sómente envernizados á Franceza, sem que n'huma cambada de Authores appareça huma só idéa, que não fosse tirada do Atheo Bodino, e do Apologista dos Atheos Pedro Baile, não me faz senão vontade de rir ás bandeiras despregadas. Eu cá sigo outro norte mui differente, encosto-me aos homens grandes, que não estudárão só á sua banca, porém dirigírão por muitos annos o leme dos negocios publicos. Destes he que eu me sirvo para meus auxiliares na feitura dos Punhaes; pois tendo a fortuna de não comer facilmente gato por lebre, estou ha muito pela opinião do grande Huet Bispo de Abranches, que julgando os sabios dos seculos quinze e dezeseis mui preferiveis aos do nosso tempo, conclue assim: » Acho em fim a mesma differença entre hum sabio de então e hum sabio de agora, que entre Christovão Colombo, descobrindo o Novo Mundo, e o Mestre de hum Pacabote, que passa todos os dias de Calais para Douvres. Vejamos pois o que diz o meu author sobre a clemencia excessiva dos Reis. Não cuideis, meus Pedreiros, que faço apparecer na scena algum fanatico, que logo por entrada nos faça embrulhar o estomago. He o Duque de Sully, Protestante nos ossos, porém amigo da justiça, grande homem de Estado, e como tal citado continuamente como hum desses Ministros que fazem época

na historia. Ainda que elle he sobejamente conhecido pelo elogio que lhe fez Mr. Thomaz, que já foi posto em linguagem, não vem agora mal para o meu caso duas façanhas deste mesmo Ministro. A primeira he, que sendo elle Embaixador Extraordinario em Londres pelos annos de 1603, succedeo que algumas pessoas da sua comitiva concorrendo em hum lugar suspeito, se travassem de razões com alguns paizanos, e que hum destes fosse morto. Alterou-se o povo de Londres, e pedio o criminoso em altos gritos para ser justiçado conforme as leis Inglezas. Tinha-se refugiado o matador em casa do Duque de Sully, e era parente de Mr. Harsay de Beaumont, Embaixador ordinario de França na Corte de Londres. Acudio este, como era de suppor, ao seu parente, e instou com o Duque, para que lho entregasse, por ser este o meio de o salvar. » Que! lhe respondeo Sully, já me não admiro de que vos deis mal com os Inglezes, visto que preferis o particular ao publico, e o interesse dos vossos parentes ao serviço do Rei. Deveis ficar inteirado de que eu procederei de outra sorte, e hei de salvar o réo muito melhor do que vós. Juro-vos que, depois de o ter mandado fazer huma boa confissão de seus peccados, ha de ter a cabeça cortada. » Não parou aqui o bom do Ministro, que mui promptamente entregou o réo ao Maire de Londres, pedindo-lhe que fizesse justiça, pois elle não queria ser capa de insolentes, e facinorosos: e não foi por vontade de Sully que o réo escapou á morte... Passemos á segunda façanha... Ainda que Sully não continuou no Ministerio depois da morte de seu amigo Henrique IV, nem por isso Luiz XIII deixava de o consultar em os negocios mais urgentes do Estado. Apparecendo elle huma vez na Corte, succedeo que os Fidalgos moços se rissem do seu trajo; e que faria o Duque neste lance? » Senhor, disse para o Rei, quando o vosso Augusto Pai tratava comigo as cousas do Estado, fazia sahir primeiro os bôbos, e outros arlequins da nossa presença... » Ora appliquemos agora este segundo caso ao meu intento, pois só huma cabeça de ferro precisará que se lhe mostre a influencia do primeiro nos assumptos que vou tratando. Toda essa cafila de authores, ou Pedreiros, ou apedreirados, que proscrevêrão a pena ultima, são para mim da mesma valia e consideração que os bôbos de comedias...

e se me argumentarem com elles, apenas direi: *Fóra bôbos e palhaços*... Ponhão em balança de huma parte o Duque de Sully, e da outra Dufriches Valezés, Becarias, Condorcets... o prato da balança onde está Sully fica immovel, e como pregado no chão, e o outro lá pelos ares, como se lhe não tivessem posto cousa alguma. Declarando primeiramente que a edição das Memorias de Sully, donde são tiradas as suas opiniões sobre o modo de tratar os revolucionarios e conspiradores, he a de Amsterdão (1725) em doze volumes, começarei pelo que se encontra no tomo 7, pag. 123. » Eu vejo em Vossa Magestade (dizia elle a Henrique IV) eu vejo em Vossa Magestade hum numero infinito de virtudes, muito boas intenções, pouca tendencia para o rigor. E ao mesmo tempo Vossa Magestade tem todas as razões para dar castigos exemplares, e era o meu voto que se infligissem a essas almas impias, *que não podem ser mettidas na razão, e contidas no seu dever, nem pelo amor c consideração á virtude, nem por se lhe fazerem beneficios, nem por se lhe perdoarem os crimes, nem pela apprehensão do castigo.* Senhor (continúa elle a pag. 415 do mesmo tomo) lembrai-vos dos sensiveis dissabores, enfados, e inquietações que haveis tido ao descobrir que as maiores e mais qualificadas pessoas do vosso Reino, que vós tinheis empregado em os postos mais honorificos, e a quem mais tinheis obrigado, assim mesmo tinhão sido tão desgraçados, tão detestaveis, tão enraivados, a ponto de fazerem com a mais sordida ingratidão conloios, maquinações, e conspirações contra a vossa vida, e a vossa coroa. Todo o mundo sabe as consequencias, e todo o mundo sabe que ellas são fomentadas pela vossa desmedida indulgencia. » Que juizo formais, Pedreiros grandes e pequenos, Mestres, Aprendizes, Mitrados, ou de simples avental, que juizo formais desta opinião de Sully sobre os conspiradores e revolucionarios incorrigiveis? De que outra maneira poderá fallar D. Victor Saez, não só como primeiro Ministro, porém ainda mesmo como director da consciencia de ElRei Catholico? Será elle tão máo vassallo, e tão máo cidadão, que fechando inteiramente os olhos ao lastimoso espectaculo das ruinas causadas em toda a Hespanha pela infernal Constituição, por certo ain-

da maiores e mais difficeis de curar que as da invasão franceza, aconselhe ao seu Rei, que deitando, para assim o dizer, o seu manto real sobre todos estes deploraveis acontecimentos, obedeça aos gritos da Filosofia moderna, perdoe a torto e a direito, para ser daqui a pouco outra vez despenhado do seu throno, e mettido sem decoro nem attenção nos armazens de Cadiz? Mas necessita por ventura Sua Magestade Catholica de taes admoestações e conselhos? Não sabe elle perfeitamente qual he o sentido maçonico da palavra amnistia? Amnistia ou esquecimento do passado he, em frase maçonica, huma licença ampla e authentica para renovar o passado, logo que se offereça occasião; e o mesmo sería dizer agora — Vive D. Rafael Riego, apezar de que tantas victimas innocentes sacrificadas por ti clamão e gritão, que pagues á justiça quanto lhe deves, que o dizer — Principia já a cuidar n'outra revolução, e para esta não dês quartel a folgo vivo, que nada menos se deve esperar da tua pessoa!

Ora se eu visse que os meus amigos Pedreiros tinhão recolhido a falla ao bucho, que se envergonhavão do mal que fizerão, e corridos de tanta somma de parvoices de todo o tamanho fazião por se metter ao escuro, e seguião nesta parte o bom exemplo dos Corcundas, que durante o maior cachão das aguas constitucionaes, nem ousavão apparecer no meio da rua, fugião de concorrer em lugares publicos, não abrião bico, e tremião até das proprias paredes do seu aposento, que taes Corcundas houve que parece se mettêrão debaixo do chão, para surgirem quando tornasse a haver hum Rei que nos governasse; por certo que já me teria calado, e ninguem advogaria com mais calor e empenho a causa desses tristes *Sans Cullotes.* Nem a minha Religião, que he a Catholica Apostolica Romana, e unica verdadeira, fóra da qual não ha, nem póde haver salvação, nem o meu estado, que he o Monastico e Sacerdotal, e conseguintemente pacifico, nem os meus principios, assim religiosos como politicos, me excitão a pedir sangue... Já tenho dado mil provas destes sentimentos, pelo que tocava aos nossos Maçães, e quem folhear nestes Punhaes verá que o meu parecer he o do exterminio, pois Realistas e Pedreiros, Catholicos e Liberaes hão de querer-se v. g. como o

sapo á doninha, o cão ao gato... E que tenho eu tirado desta indulgencia com que trato os Pedreiros contra o voto nacional, que desde o Guadiana até ao Minho he de sangue e mais sangue? Que frutos hei colhido desta *amnistiasinha* aos Pedreiros... Não sou senhor de apparecer nas ruas de Coimbra que não os veja de continuo a ranger os dentes contra mim, a escarnecerem de mim, e a increparem as pessoas que me saudão!!! Bem sei que tudo isto he materia de riso, e que a pobre gente ainda está dorida e queixosa de se não ter executado a pena ultima, que se decretou contra mim na loja coimbrã, para cujo piedoso fim chegárão a rondar varios Irmãos junto á portaria do meu Collegio, que se eu não me recolhesse com as gallinhas, já teria levado algum tiro ou punhalada á falsa fé... mas de tudo isto se verá com que boa gente estamos mettidos, e se póde haver pazes ou tregoas com tal seita... Não me perdoão, nem ainda hoje, o crime de Realista (nome injurioso no Diccionario maçonico, que brevemente sahirá repartido por dous ou tres Punhaes), e como poderão elles sopear e chamar á ordem o seu odio Vatiniano aos Reis, aos Nobres, e aos Frades? He intrinseco á seita maçonica *reformar*, *regenerar*, *refundir*, porque em fim não podem comer nem dormir, em quanto não derem com o genero humano venturoso, fartinho de bons bocados, e cheio de luzes. Esta filantropica e invencivel tendencia obriga estas boas almas a prescindirem de todas as contemplações humanas, de todos os respeitos á Magestade do Throno, para irem minando e trabalhando de noite o que ha de apparecer de dia... Ora quem lhe saberá melhor estas prendas que Sua Magestade Catholica? Quem lhe estranhará que elle não tenha saudades do armazem de Cadiz? He forte espirito de intolerancia dos Mações, que nem dão licença a hum Rei que siga a opinião de que deve reinar como reinárão os seus maiores? Estou capaz de torcer contra elles hum epifonema de Virgilio! Pois ahi vai...

Tantæ nec animis tolerantibus iræ?

Ora já que me apurão a paciencia, ainda justificarei Sua Magestade Catholica por outro methodo, o qual, ainda que

já implicitamente se contém no sobredito, não se explanou todavia *pro rei dignitate.*

These.

Nenhum dos casos de amnistia (*), excepto se for a de ElRei Christianissimo Luis XVIII (que só hum Rei Christianissimo perdoa a quem matou seu Irmão) he applicavel aos Maçoẽs.

Provas. Os conspiradores antigos, que ou instados da ambição, ou esporeados do desejo de vingança, maquinavão contra o Estado, nunca passárão além do seu intento principal, entravão no governo, mettião para dentro as suas creaturas, e conservavão tudo o mais como estava dantes. Os conspiradores modernos tem huma prenda nova que faltou aos antigos, qual he o Atheismo; e como todas as instituições Europeas, todos os Reinos, todas as Constituições velhas se apoião sobre a idéa de Deos, tirada esta, he necessario que venha tudo ao chão, e se reconstrua o edificio, *assim á Bonaparte*, que, se *vera est fama*, produzio ou fez produzir o seu Codigo chamado Napoleão, como elle, sem que alli se encontre huma só vez o nome de Deos!!! Costuma dizer-se que he preciso ter muita constancia para soffrer o governo de Atheos; e quem ficará seguro nas pazes ou capitulações que fizer com elles? Andem lá por onde andarem, folheem todos os livros politicos, todas as instituições dos povos antigos e modernos; para homens Atheos, ou Pedreiros, não ha nem póde haver armas iguaes, senão as de terror, não pelo estylo com que se mette medo ás crianças, porém á força de castigos, com que se refreião os

---

(*) Deve-se notar que o Parlamento Britannico se oppoz á *amnistia* de Carlos II, pelo que tocava aos juizes e matadores de Carlos, e conseguio desta maneira que o regicidio não parecesse hum crime nacional.

máos, e tranquilliza a sociedade. Nem o proprio Calvino, que era ou queria parecer tolerante, achou remedio para hum gafinho de Atheismo, que brotou cá da Hespanha, senão huma boa fogueira que o reduzio a cinzas; e a cidade *Liberal*, ou Genebra, não murmurou do rigor da sentença...

Deixemos pois que Sua Manestade Catholica vá fazendo justiça, pois *não tem sem causa huma espada, de que está cingido para vingar as affrontas da sociedade*, e cá os nossos Pedreiros levantem as mãos para o Ceo (enganei-me, cuidei que fallava com gente Christã) roguem a Deos pela vida (que embaraço me faz esta canalha!) dêm parabens á sua fortuna, de terem achado hum Rei tão benigno como he o mui Alto, e mui Poderoso Senhor D. João VI.; e conheção de huma vez que a amnistia de 4 de Junho não se estende ao martello para diante, e para até quando elles quizerem delirar e asnear... e por fim de tudo vámos regalar estes Senhores com huma carta do Author da *Voz da Natureza sobre a Origem dos Governos*, obra prima no seu genero, e como tal já recommendada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarca, a que só ajuntarei huma reflexão

Aos restauradores e amigos da Paz.

„ Quando fosse possivel que nos esquecessemos de que a ordem social repousa sobre o *principio sagrado das propriedades*, e que apenas se tocar nella tudo se aballa, a experiencia de todos os seculos nos farião palpavel esta verdade. Em toda a parte onde os Proprietarios forão esbulhados do que era seu, seguírão-se immediatamente revoluções, depois guerras, discordias, animosidades implacaveis, que ainda subsistem, e hão de subsistir em quanto os direitos estiverem fóra do seu lugar. Ha exemplos bem fortes desta verdade na Irlanda, e n'outros paizes. Entretanto todas essas espoliações antigas não erão nada em comparação das succedidas em França. Ahi Palacios, Igrejas, Casas de Campo, Nobreza, Clero, Hospitaes, Possuidores publicos ou

particulares, tudo foi arruinado. He tão impraticavel que hum tão crescido numero de Proprietarios saqueados possão habitar socegadamente na mesma terra onde vivem os seus espoliadores, como he impossivel que os rebanhos de carneiros vivão com alcateas de lobos. *Se querem ter paz he necessario que estes ultimos sejão destruidos, em quanto a Europa tem forças; e para isto não basta derribar-lhe o chefe, he necessario reduzir toda a seita, castigar huns, desterrar outros*, e despojar o resto dos bens usurpados, de que se tem servido constantemente para perpetuarem as suas ladroeiras, e assalariarem os exercitos rebeldes até na ultima conspiração. Quando se pertende que as Potencias estrangeiras não devem metter-se a regular o interior dos Estados alheios, argumenta-se com hum *sofisma grosseiro*, cujo intento he facil de conhecer. Quando os Proprietarios forem restabelecidos, então o Rei de França, de acordo com as suas Provincias e Estados, poderá fazer as mudanças internas que elle julgar a proposito, e ninguem entenderá com isso . . . Mas primeiro que tudo he *necessario que os animaes ferozes sejão domados, e reduzidos á impossibilidade de levarem o terror aos mais povos.*

He do interior da França que sahírão os numerosos tigres que assolárão o mundo. Alli he que elles devem ser destruidos, em quanto se está com as armas na mão; e não se praticando isto, erra-se o golpe outra vez. Não ha que fiar nelles, quando, por se verem debaixo, se cobrem com a pelle de ovelhas. Se lhes deixão os *roubos* na mão, tanto que os alliados se separarem elles tornarão a ser tigres. Os Borbons serão obrigados a fugirem outra vez, e a Europa a tornar a pegar em armas. Com essa *indulgencia destruidora* já se tem feito perecer milhões de indivtduos, e nunca se chegará ao fim de taes desordens. O certo he que na boca dos Jacobinos Francezes todas essas palavras altisonantes — *A carta, os direitos do povo, e o governo representativo*, não são mais que huma negaça. Se lhes deixão as riquezas na mão, e fazendo-se as nomeações conforme os teres, quem serão os *representantes?* Serão elles, e teremos o governo de Bonaparte sob hum Rei legitimo. Ora que segurança tem havido, e que segurança póde haver com taes

ladrões? O restabelecimento da ordem antiga, e dos antigos Proprietarios interessa infinitamente as Potencias e os Borbons. E então que se deve fazer?

Eis-aqui, no que pertence á pratica, o que parece indispensavel para assegurar o repouso geral. 1.° O castigo da seita revolucionaria nos seus cabeças. 2.° A espoliação dos bens usurpados. 3.° O restabelecimento completo dos antigos Proprietarios, antigas ordens, *antiga constituição* sem a mais pequena mudança actual, sempre terrivel depois de grandes agitações. 4.° A *recomposição* do Exercito, e da Magistratura. 5.° Forças respeitaveis deixadas á disposição do Rei para o sustentarem. Sem estes cinco artigos deve-se prever que tudo o que subsistir do ultimo governo sem o consentimento legal dos antigos Proprietarios, estando de antemão iscado do vicio radical de nullidade, será esta segunda restauração mal segura como foi a primeira, e daqui a pouco tempo será necessario fazer correr diluvios de sangue.

Pelo Author dos — *Verdadeiros interesses da Europa, e da Voz da Natureza etc.*

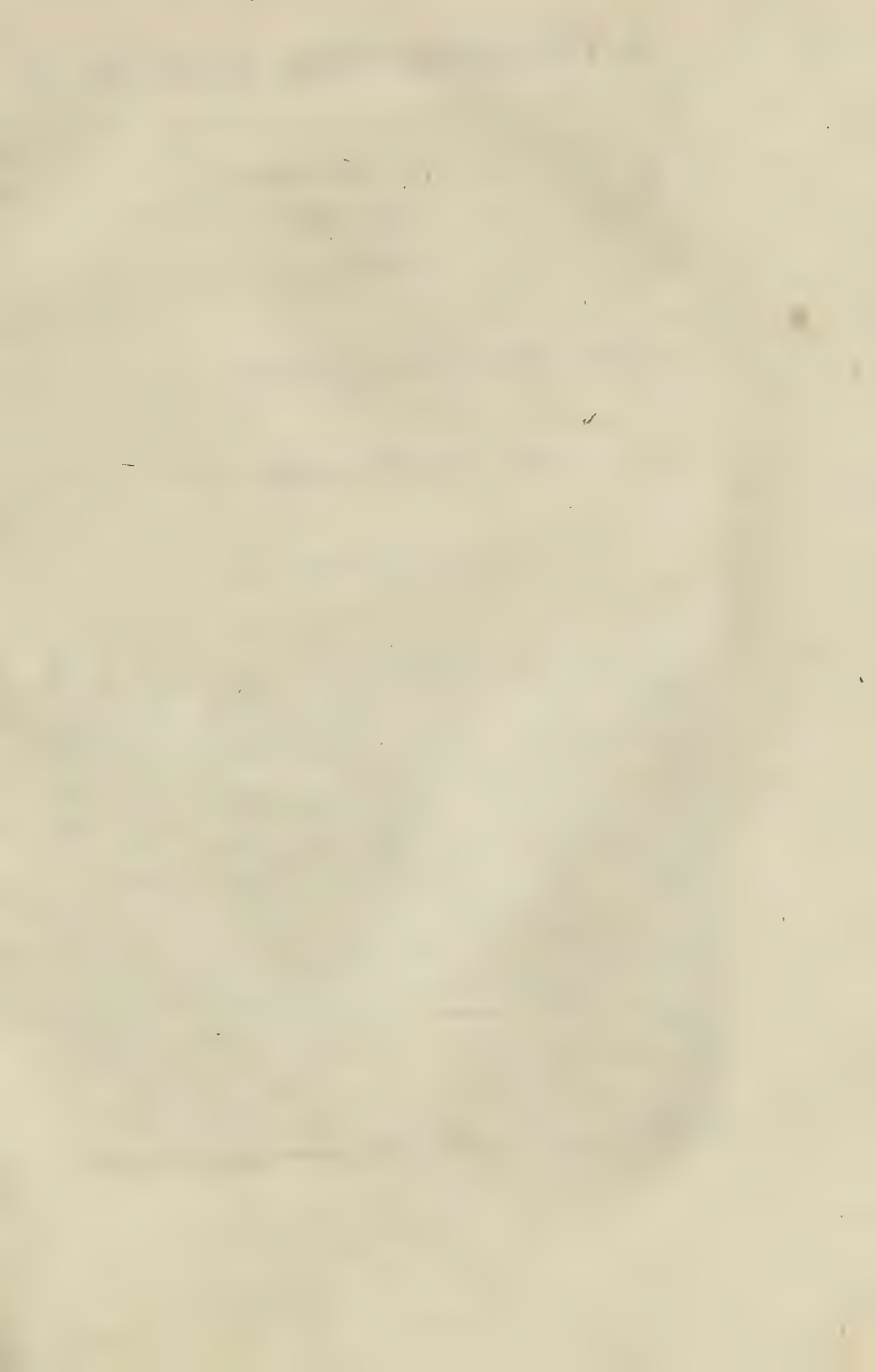
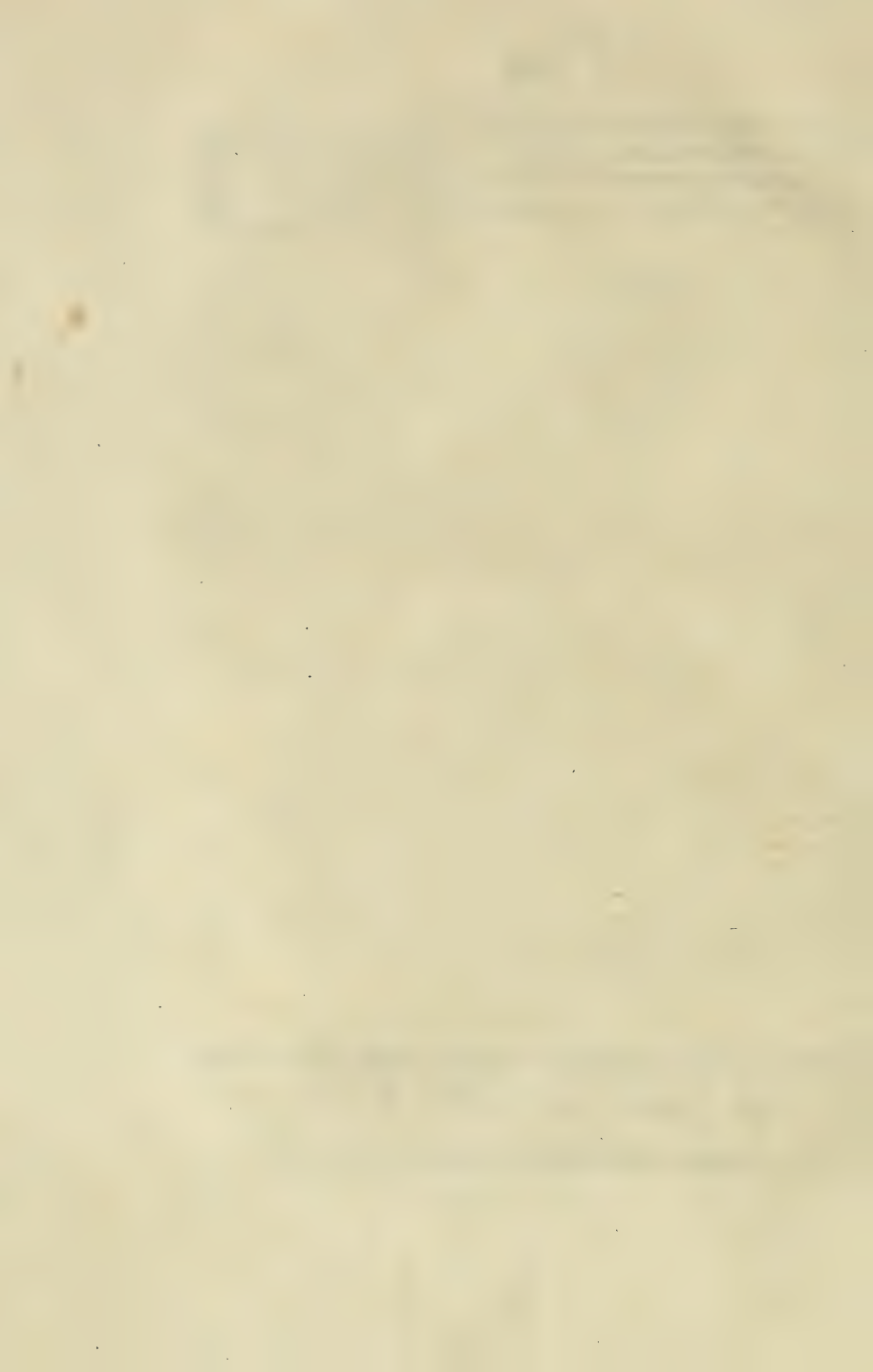
Senhores dos aventaes, das trolhas, e *de mais nada*, queirão *limpar-se a este guardanapo*, e convencer-se por huma vez que não ha de presente hum só Realista em toda a Europa, que se assuste do poder invisivel das suas esfarrapadas lojas; e como vossas mercês me arguem de motejador falto de gravidade, aqui lhes faço hum brinde de cousa seria, tirada de hum author latino, que conheceo a fundo as manhas revolucionarias.

Nam et illis parum est impune male fecisse, nisi deinde faciundi licentia eripitur: et vobis æterna sollicitudo remanebit, quum intelligetis aut serviendum, aut per manus libertatem retinendam . . . . Nam fidei quidem, aut concordiæ quæ spes? . . . Quare moneo hortorque ne tantum scelus impunitum *omittatis.* (De bello Jug)

Depois que tiverdes percebido este latim (cousa em que sois miseraveis, porque a erudição classica não he o vosso forte) não tereis que estranhar em os numeros seguintes, em que se vos dará a intelligencia literal e verdadeira do Texto Sallustiano.

Valete.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 30.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

A Logica dos Maçőes Portuguezes.

Era de presumir que huns *varões assinalados*, a quem tocava *por direito Mahometano* a sublime empreza de regenerar o mundo, e fazello assentar de huma vez sobre as firmissimas bases do *Liberalismo e Atheismo*, fossem homens lidos na Historia antiga e moderna, e em todas as Constituições velhas, e não fossem por ahi quaesquer Joões Fernandes sem conhecimento dos homens, sem instrucção solida, e sem as proprias noções preliminares da sciencia do governo. Caso talvez unico em as historias, a devassidão dos costumes foi tida como hum brazão literario, e a mais effrene audacia tomou o lugar de sabedoria e de consummada experiencia!! Lêrão duas paginas de Rousseau, ou dos seus copistas os Revolucionarios Francezes, e ficárão muito certos de que já lhes assistia cabedal de sobejo para entrarem na laboriosa *tarefa* de reformadores, e para lhe desempenharem as suas augustas funções!! Algum dia pensava-se de outro modo, e ninguem ousaria deitar mão ao leme dos negocios sem ter passado noites inteiras sobre os livros, e sem ter largas conferencias com os *velhos experimentados* no manejo

*

das Cortes, e dos negocios... Os Richelieus, os Masarinos, os Chatams, e os proprios Franklins, nem erão homens vulgares, nem saltárão dos bancos dos estudos elementares para os assentos de Conselheiros ou Negociadores, ou de Ministros de Estado! Mas em fim tudo isto forão *idéas gothicas*, *estilos rançosos*, *e maneiras selvagens*, que forçavão hum moço de talento a empoeirar-se nas livrarias, a perder noites, e a queimar as pestanas; descobrio-se o methodo facil e seguro de alcançar dentro em poucos mezes a *patente de sabio*, e a desfrutar no orbe terraqueo a fama indisputavel de homem de letras — ser alistado na confraria dos Pedreiros Livres — eis-aqui o meio certissimo *de parvenir en literature*, de lograr os creditos de erudito, e merecer os apupos de sabio. Cançárão-se os Filosofos velhos, ou Alquimistas, por descobrirem a pedra filosofal, que converteria o estanho e o chumbo em oiro... Derão mil voltas ao juizo, pozerão em movimento todas as fornalhas e alambiques, fizerão hum sem numero de caldeiradas, e foi tudo nullo. O chumbo e o oiro ficárão sendo o que dantes erão, e nada de conversão de substancias, que era o ponto desejado.... Parabens ao seculo dezoito, que nessa parte foi mais ditoso, e mais bem estreadas forão as suas gloriosas tentativas.... Incumbio-se de mais alto desenho... tratou da conversão dos *tolos* em sabios, por certo mais difficil que a conversão dos outros metaes em oiro, e em duas palhetadas, só a beneficio de dous nomes verdadeiramente feiticeiros, aplanou de huma vez a estrada das sciencias, lançou por terra o *multum sudavit et alsit* do Poeta Venusino, e deo com os homens eruditos sem estudo, e *sabichões* sem trabalho... Recommendou a leitura do *Contrato Social*, e hum bom provimento das frases e palavras da moda, como superstição, despotismo, feudalismo, aristocracia, imperio da opinião, restos de barbaridade, etc. etc., e só por isto passou e distribuio patentes de liberalismo, que enchêrão a face da terra de *tal copia de luzes*, que até os mais cegos já como entrevem e lombrigão esta pasmosa claridade! Se hum destes amigos for perguntado pelos authores, mestres, e livros onde estudou as sciencias politicas, não tenhão medo que responda outra cousa mais que esta: *Sou liberal*... que se o apertarem, sacando-lhe do bucho outra confissão mais pre-

ciosa e veneranda, que he: *Sou Pedreiro*... então *recedant*, apartem-se os Grocios e os Puffendorfs, não tornem mais a abrir o bico os Heinecios e os Strickios, emmudeção os Bohemeros e os Lauterbachios, e outros infelizes, que ainda vivêrão nesse máo tempo em que era necessario estudar para saber alguma cousa, tempo de mais densa escuridade, em que se pensou que os antigos Romanos, como estudiosos e sabios que erão, poderião tocar algumas especies de direito, que se fundasse na razão e na natureza, e fosse applicavel aos codigos das nações modernas — Sou Pedreiro — he hum titulo que de huma pedra faz hum Salomão, de huma cabeça ôca e mal organizada hum Newton, e de hum *tolcirão* dos quatro costados, que não saiba latim nem por onde elle passou, hum novo Perisonio, ou hum Lourenço Valla. Para não cuidarem que eu fallo por zombaria, darei algumas provas da *sciencia liberal*, que deixarão firme e incontroverso o que eu tenho ponderado. Ainda que não estou escaldado dos Meritissimos Jurados de Coimbra, que saltando fóra da linha constitucional quizerão absolver-me contra as decisões do Grande Oriente de Lisboa, como vi arder as barbas do meu vizinho, e ainda existe a lei velha da liberdade da imprensa, não quero estabelecer a synonymia de Liberal e Pedreiro, não obstante que o mui douto Padre José Agostinho de Macedo, tratando *ex professo* esta questão, por certo que não deixou muito para desejar. Pegarei ao acaso em hum (Pradt) author liberal, e tão liberal que ardeo como huma polvora de que o Congresso de Vienna fosse tão mesquinho que não decretasse por fim a geral adopção *das idéas liberaes.* Leio a pag. 183 do tomo 2.° do seu Congres de Vienne, edição de Londres 1815, o seguinte: » Os Estados Unidos enriquecêrão a Inglaterra, *quando ella experimentou a feliz desgraça de os perder.* Fez no seu tempo o que a Hespanha tambem faz no seu. Debaixo da inspiração do seu maior Ministro Lord Chatam lhe fez a guerra por espaço de dez annos, e gastou dous mil milhões, para ver se escapava á fortuna que se lhe offerecia; tal he o imperio que tem as idéas do costume, ainda sobre os homens os mais illustrados. » Ora que eu visse nessa passagem a crystallina fonte onde bebêrão os nossos politicos *de agua doce* a estouvada hypothese, que não

perdemos nada com a separação do Brazil, já era muito; porém haver hum Estadista Europeo, hum Constitucional *na gemma*, hum negociador nos tempos do Corso, que incensou bastantes vezes o mais insupportavel despotismo que os seculos tem visto, ignore ainda que o Ministro Inglez fautor daquella guerra foi o Conde de Butte, e não Lord Chatam, que foi levado em braços ao Parlamento, onde quasi a morrer endereçou aos seus Collegas aquella famosa expressão: *Vós não podeis conquistar a America;* por certo que he hum caso inteiramente novo, e propriamente filho do seculo das idéas liberaes... Pois a crassa ignorancia da população dos Reinos da Europa, que se conhece a pag. 134, em que manda trocar o Grão Ducado da Toscana pela Sardenha e Corsega, como se fossem o mesmo 1.250:000, ou 650:000 habitantes!!.. Pois a facilidade com que mette ao escuro a pag. 174 a parte essencial que tiverão os Francezes na independencia dos Estados Unidos!! Em fim grande cousa he ser hum homem *liberal*, que *ipso facto* se julga dispensado de saber Historia e Geografia, e muito embora dê por páos e por pedras, que tudo se perdoará a quem sustenta idéas liberaes.. Ora se os Mestraços costumão tropeçar e asnear assim, que se deverá esperar de huns Discipulos que os lêm de bôca aberta, e lhes rendem hum acatamento, que nem que elles fossem assistidos de inspiração Divina!! Já por outras vezes me tenho queixado de que o seculo das luzes renove descaradamente o *Ipse dixit* dos antigos; porém que ha de ser se esta gentinha moderna só estuda *para passar*, e não para saber? Não me levem isto a mal, que o digo por espirito de cordial affeição á minha patria, que eu desejára ver muito acima de todas as mais em reputação literaria, e que outra vez lhe amanhecessem os formosos dias de ElRei D. João III; e para se inteirarem de que eu digo a pura verdade allegarei factos, que não permittão duvidar hum só instante do que he a Logica dos Mações Portuguezes. Succedeo que o insigne escritor, e o *terror hostium* (Padre José Agostinho de Macedo) fizesse ver, como elle costuma, *id est* de hum modo triunfante e irresistivel, que Liberal e Pedreiro erão synonymos... Divulgou-se a *santa* Gazeta Universal, que continha o importantissimo artigo, estremeceo o Grande Oriente, abalárão-se todas as lojas para destruirem as

objecções do Padre. Sahio huma papeleta de cunho Mourisco, ou Fernandino, que deslizando inteiramente da questão só tratava de o metter em outras assás melindrosas, a fim de lhe apanhar alguma expressão em que assentasse huma denuncia ao Jury; espalhárão por todo o Reino a cadaverica apologia dos liberaes, remettêrão-na pelo correio aos infamados de corcundas; e como eu não entraria neste numero? (*) Mas em fim como os effeitos da carta erão terriveis para a seita, recorrêrão á sua verdadeira Logica, que todas as vezes que elles governão os costuma livrar destes apertos. — Denuncia no caso. — Accusação procedente, e não ha mais que desejar... Assim he que ficão mui bem refutados os nervosos raciocinios, com que o Padre os tinha esmagado e anniquilado!! Costuma dizer-se que humas cousas puxão outras... Ao fallar na accusação do Reverendo Padre José Agostinho de Macedo não me pude recusar a huma intima complacencia de ter sido accusado no mesmo dia, e por similhante causa, e subio-me á lembrança hum caso succedido já neste anno de 1823, consignado em letra redonda, e o mais idoneo para verificar o poderio da Logica ou sabença constitucional. Em huma enxurrada de Periodicos, que no tal anno invadírão e alagárão a cidade de Coimbra, que nenhuma das cheias do Mondego lhe ha sido tão fatal, conseguio levar o pendão, e tomar a dianteira hum Censor Provinciano, Periodico semanario de Filosofia e Literatura, que se propoz fazer brigada com o Censor Lusitano, de que já fiz honrosa memoria. Já se sabe que o eximio redactor fez o seu plano de estudos, que não era mui propicio á maldita lingua grega, que só o nome lhe basta para aterrar, e desviar esses talentos *raros e transcendentes*, que mal podem abater-se ao estudo de similhantes *garatujas*... Deixou-se cahir com a tremendissima e desabalada sandice de que pouco se achava escrito em grego (N.º 8 pag. 120). A este

(*) Cumpre-me fazer aqui menção do elegantissimo escrito que acompanhava o tal *papelucho*. „ Meu Catholico Romano disfarçado na Gazeta Universal, ou responde a isto, ou vai beber da m... „ Que gravidade! Que decencia constitucional! E prégão hoje por todos os cantos moderação, e mais moderação!!!

proposito fiz lançar na Gazeta Universal (N.° 27) hum artigo que comecei — A's armas — e que tem por objecto denunciar hum arrojo de ignorancia, que faria espanto em os Reinos estrangeiros, e deporia muito contra o nosso actual estado de literatura, se por acaso, e bem por acaso, lá chegasse tão pestifero e desatinado Censor. Desconfiou de que eu era o author, ou para melhor dizer, soube-o perfeitamente dos bons espias que trazia em campo, e sahio-se a 15 de Fevereiro com o seguinte

Passeio acavallo.

„ Se pelo dedo se conhece o gigante, pelos *coices* tambem se fazem conhecidos os *burros*... Veio á mão do Censor Provinciano o N.° 27 da *Universal*, verdadeiramente *Universal* (cloaca) (1) *da torpe-fradesco-carcundal-caterva*, (2) e nella se lê hum *asinino* aranzel, onde em *arrieiral* estilo se invectiva o Anão dos Jornaes, porque em nada se parece com a *doutoral cloaca!* E que motivaria a sahir a publico agora (não pela primeira vez) o nosso heroe da Mealhada ou da Sophia? Mas que digo? elle dos arrieiros só tem a frase; a sabença he toda dos que andão debaixo dos arrieiros... Foi ter dito o Censor Provinciano *que pouco se achava escrito em grego*... (N.° 8 pag. 120). Não gostou o nosso arrieiro da Sophia que se dissesse que os Gregos tinhão escrito pouco, porque avaliou aquelle *pouco* em pezo, e como elle conhece (por fóra) certas edições de *gregarias* de muito vulto, pensou que com duas *arrieiradas* se

---

(1) Esta chamada injuriosamente Cloaca nunca deitou máo cheiro, porque cheirou sempre ás leaes e catholicas intenções do seu Redactor, e foi como a taboa que me appareceo, e aos mais defensores da verdade, para livrarmos a opinião do terrivel naufragio que a ameaçava.

(2) Torpe-fradesco-corcundal — Não tinhamos destes *palavrões* em a nossa lingua; e quem vê o Censor mettido nestas camizas de onze varas, applaude-se de termos neste Reino mais hum colosso de sabedoria, e não deixa passar em claro o pomposo elogio que sem querer fazia aos principaes objectos da sua aversão e rancor.

fazia passar por hum grande literato grego... Que tamanho pedaço de asno he! Nomeou o pobre diabo duas duzias de authores Gregos, que nunca leo, nem entende, e que pela maior parte estão cheios de destempeios (1); e com estes nomes pareceo-lhe ter obtido hum triunfo! Se eu não soubera que isto he huma *arrieirada*, havia chamar-lhe huma Bernardice, porque, segundo o mesmo honrado redactor da *Cloaca* (2), dizer *burro*, e dizer *frade Bernardo* he huma e a mesma cousa. (Vej. o prologo dos *Burros*) Que comparação haverá entre os retalhos (3) que dos Gregos nos restão, e entre a immensa literatura de huma só das nações da Europa moderna? Bernardice, Bernardice... O que he notavel he o amor do nosso sandeu para cousas gregas: elle por tanto he Grego, muito Grego, e não Portuguez, e todos sabemos que os Gregos não tem fé nenhuma, nem probidade (4). O que he notavel he dizer-nos que tem

---

(1) E tu que bem o entendes!

(2) Padeceo aqui sua equivocação o atilado Censor; passemos-lhe por esta, mas fica-me o direito salvo para lhe pedir que me aponte em alguma sociedade literaria, em alguma faculdade academica, ou em alguma das outras Ordens religiosas desta Monarquia huma serie de homens quaes forão Fr. Bernardo de Britto, Fr. Antonio Brandão, Fr. Francisco Brandão, e Fr. Manoel dos Santos... Nem os apresentará como estes, nem tão cedo haverá quem os exceda. Mui atrevida he a ignorancia!

(3) São retalhos as obras de Aristoteles, de Platão, de Xenophonte, e de Herodoto, que todos esses eu apontava!!!

(4) Não posso resistir ao desejo de publicar o P. S. que vinha depois do tal Passeio —

„ Para os *Frades* e mais canalha inimiga do imperio da Lei... trocou-se neste anno em Coimbra a quarta feira de cinza n'hum segundo dia de entrudo... Chegou a noticia do *parto do Concilio Veronense!*.. Eis ahi vem o *bravo* e *aguerrido* General (de Angouleme) restabelecer a santa *Inquisição* e o santo *Despotismo* em toda a sua pureza.. Era bello ver os nossos *Dervises* aos bandos por essas ruas, como os cães em tempo de matança, procurarem-se, dan-

bebido no Mondego... eu sei onde elle deve beber... E muito bem lhe compete aquelle vestido que elle indica, e que deve ser huma casaca de Penafiel... Tomarei pois a meu cargo dar-lhe alguns passeios... » (*Continuar-se-ha*).

Apezar deste anuncio metteo a viola no sacco, e não tornou a continuar os *passeios*; o que talvez fosse mera casualidade, visto faltar só hum n.º dos 12, que elle promettêra.. Entretanto a loja coimbrã exhalou hum profundo gemido, e tão profundo, que parecia *rebentarem-lhe, e saltarem-lhe das paredes as envernizadas lonas*... e voltando eu de prégar fóra em o dia Quarta Feira de Cinza, achei huma carta fechada com obrêa preta, o que logo me fez doer o cabello, como experimentado que sou de taes mimos, cuja substancia era — Não escrevas contra as idéas Liberaes, senão morres... — Eis-aqui em summa o poderoso argumento com que fui rebatido, eis-aqui a Dialectica dos Maçōes.... O caso he que fui desterrado (além de outros muitos peccados anti-constitucionaes, que por escrito chegárão a *trinta*, e de palavra não tem conto) por informação, e requisição da Loge Coimbrã, á qual eu por muitas e gravissimas razões agradeço, e muito, esta graça de me livrarem da sua hedionda presença, e das esperas que me fizerão, onde entravão o proprios que eu enchêra de favores, e tratára o melhor possivel nos seus exames!!! Nunca passou por mim hum tempo mais negro, e mais nefando, que o tempo constitucional. Apregoavão o fiel cumprimento das leis, e ameaçavão-me com tiros de pistola, se eu as observasse; combatião por escrito e palavra a pena ultima, e decretavão nas Loges que eu fosse assasinado!! Prégavão Liberdade, e igualdade, e o pleno exercicio dos direitos do Cidadão, e eu via-me obrigado quasi a sumir-me debaixo do chão, para tirar aos meus inimigos a occasião de perpetrarem hum crime inutil!!! Esta figadal aversão, que elles me tem, que outra cousa prova senão que eu sou Realista por gratidão, e

---

do-se os parabens cheios da mais estupida alegria!... Ah patifes, que mal pensais que sereis as primeiras victimas, bem que torpes, sacrificadas ao Numen augusto da *Liberdade*. »

por dever da minha consciencia, e que elles são Demagogos, e Sanscullotes por inspiração dos máos mestres, e dos máos Livros? Que outra cousa prova senão que eu sou Catholico Romano por graça de Deos; e que elles são impios por authoridade, e influencia do Maçonismo?...

Não me cançarei de expôr as minhas reflexões a este intento. Póde haver cabeças mais esturradas que as destes miseraveis, que se rião dos habitos e cordões de S. Francisco, e põem lá nos seus Conciliabulos o seu avental á cinta, e a sua mitra na cabeça, encaixão nas suas as barbas de bode, fazendo tudo isto com muita pausa e gravidade!! Quanto se tem elles rido dos Sebastianistas por esperarem huma cousa tão maravilhosa, e quando houve esperança mais tresloucada que a destes infelizes sobre quem está carregando todo o pezo da Europa armada, e bem petrechada?.. Olha tu, meu Synedrio Maçonico, vai tomando juizo, e aprende outra Logica, que te faça discernir melhor a verdade da mentira, e o bem do mal... Vás perdido inteiramente com essa que tu abraçaste, e que dará comtigo em hum boqueirão donde nunca mais te poderás levantar... O que manda a boa Logica das actuaes circumstancias do Maçonismo he o seguinte: Boquinha fechada para tudo quanto seja tornar ao vomito, e engrandecer a Constituição, nada de *farrombas*, nem de *patacoadas* inuteis, que cedo ou tarde se voltarão contra os seus authores. Esses punhaes, que não servírão na melhor occasião para sustentarem o clamoroso grito de *Constituição ou morte*, deverão ser quebrados, e deitados por ahi em algum poço, ou cisterna.. que seja bem funda, e que o negro balde não pegue nessa ferramenta, assim como pegou nos sacos de farrapagem da loja coimbrã.

Larguem por huma vez esse torpe officio de cartas anonymas, que apenas servem para mostrar a insipiencia e cobardia dos seus authores... Nem ellas me offendem, e o que he ainda peior, nem eu pago os portes do Correio; e por isso eu me ri muito do Pedreiro, ou Tripeiro, que me enviou humas *noticias biograficas do General Silveira*, que eu publicára em 1810, e as acompanhou, já se sabe, do *injurioso aleive* de Corcunda, e de huma pasta de chumbo para que ella pezasse muito. Estava na minha mão deitar a perder hum bom ranchinho de Pedreiros meus conhecidos... e bem

longe estou de o fazer, porque se mostro desejos de vingança he contra os homens impios e malvados em grosso, e nunca desço a nomear senão aquelles que já não correm perígo neste mundo... mas que faço eu? Talvez com isto dê a entender aos Pedreiros que ainda tenho grande susto das suas maquinações e estratagemas, ou que receio que me enterrem no coração algum dos seus punhaes?.. Não duvido que assim o julgueis, que a vossa Logica dá para tudo; mas ficai na devida intelligencia que se algum de vós por seus peccados insultar gravemente de palavra ou de obra algum Realista, podereis ver o que eu por ora vos não digo, e que desejo cordialmente nunca chegueis a experimentar.

P. S.

Estarão lembrados os meus leitores de que prometti em o N.° 3°. deste Punhal hum relatorio dos dous desterros que padeci no systema constitucional... Assento que nenhum delles me considera, ou incapaz de o escrever, ou temeroso de vinganças maçonicas; mas importa que eu diga e confesse com toda a ingenuidade da minha alma, que sinto huma repugnancia indizivel a escrever de mim proprio, e que de melhor vontade annunciaria ao publico os meus defeitos, do que acções que por certo lado pareção recommendações de serviços á Religião e ao Throno. Em quanto aos primeiros, não duvido affirmar que muito abaixo forão do que pedia o meu estado, e que infelizmente só poderei affiançar de mim — *Servi inutiles sumus,* sem que todavia ouse accrescentar *quod debuimus facere fecimus.* Em quanto aos segundos, se por ventura os tivesse feito, eu sería o mais vil de todos os homens se lhes chamasse merecimentos, e não huma divida sagrada, como realmente forão. Sua Magestade desde a sua Corte do Rio de Janeiro me nomeou Professor de huma das Cadeiras de Grego, e com esta mercê, por certo bem acima de tudo quanto eu podia esperar segundo a minha condição, me penhorou de tal maneira, que ainda no caso imaginado, e bem imaginario, de que elle se tornasse a ver no meio das furias constitucionaes, e eu tornasse a levantar a minha voz, pensaria a final da mesma sorte que hoje penso, isto he, que satisfazia huma di-

vida que no meu conceito he impagavel. Ora neste N.° toquei insensivelmente nas causas do meu segundo desterro, e para de algum modo satisfazer á minha promessa, quanto he compativel com os meus principios, darei em o N.° seguinte a *Historia do Maço ferreo-anti-maçonico*, e se preencherá o fim do meu primeiro annuncio, que era o patentear os *saudaveis effeitos da justiça constitucional.*

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 31.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

O Axioma dos Pedreiros, ou o Povo Soberano.

Pois tambem eu, rançoso Theologo, ousarei profanar o santuario impenetravel das Questões Politicas! Não admira, porque sou membro de huma Faculdade, que no sentir do *Jurisperito de Setubal* foi sempre avessa de *Idéas Liberaes*; e quando eu me pertendesse justificar da nota de ousadia, que facil empreza tomava, se folheando o reportorio geral das *Sandices*, fosse dar com a extraordinaria, e verdadeiramente fêa asserção de hum soldado, que por ignorar o Direito Canonico, se julgou habil para dissertar sobre materias Ecclesiasticas!! Pois eu não terei a mesma authoridade para me introduzir onde me não chamão, qual tiverão esses Mordomos por devoção, que se appellidárão Linguas da Magistratura, da Nobreza, do Corpo do Commercio, do Corpo Militar, e do proprio Clero!! Não, Senhor, eu tenho mais jus de tratar a questão do que os taes enxertados Procuradores de quem não sabía de tal honra. A questão do *Povo Soberano* he mais que politica; he tambem religiosa, e como tal foi tratada ha mais de cem annos pelo maior dos Theologos modernos. Este Samsão litterario, antes de existirem Rousseaus, Pradt, e Constants, deo com todos os sofismas destes heroes em terra; e faz dó que o genero humano fechasse os olhos á bemfazeja luz, que desde o seculo XVII começava a apontar-lhe a verdadeira origem de seus males presentes e futuros. Ora pois esta questão de *alto cothurno* ha de ser tratada com vagar e madureza, como está pedindo a sua incontestavel gravidade, pois huma vez que se cortem as verdadeiras raizes da arvore da liberdade, que remedio terá esta pobre senão esmorecer, definhar-se, e seccar de todo? Começarei por alguns preliminares da questão, bem entendido que eu não fallo a homens perversos e obdurados, fallo sómente aos que se deixárão illudir e arrastar daquella *verdadinha*, e que por felicidade são ainda Catholicos.

Primeira proposição.

» O respeito, a fidelidade, e a obediencia que se devem aos Reis nunca se devem alterar por motivo nenhum. »

Quer isto dizer que se devem respeitar e servir constantemente, sejão elles como forem, bons ou máos. » Obedecei a vossos senhores, não sómente quando elles são bons e moderados, mas tambem quando são asperos e desabridos. » (Epistola 2.ª de S. Pedro cap. 2 v.º 18).

Periga o Estado, e o socego publico não tem nada de firme, se he permittido fazer levantamentos, por qualquer motivo que seja, contra os Principes.

A sagrada Unção está sobre elles, e o alto Ministerio, que elles exercitão em nome de Deos, os preserva de todo o insulto.

Achamos David não só refusando attentar contra a vida de Saul, mas tremendo por se ter atrevido a cortar-lhe a ponta do seu vestido, ainda que isto fosse para bom fim. » Deos me livre de eu levantar a minha mão contra o Ungido do Senhor, e o coração de David ficou magoado, por que tinha cortado a ponta da cota d'armas de Saul » (1).

As palavras de Santo Agostinho sobre esta passagem são notaveis. » Vós me argumentais (diz elle a Petiliano Bispo Donatista) que aquelle que não he innocente, não póde ter santidade; eu vos pergunto: se o Rei Saul não tinha a santidade do *seu Sacramento e da Unção Real*, que he o que causava nelle venerações a David? Foi por causa desta Unção santa e sagrada que o honrou durante a vida, e lhe vingou a sua morte. E seu coração magoado tremeo, quando elle cortou a ponta do vestido deste Rei injusto. Estais vendo pois que Saul, apezar de não ter innocencia, não deixava de ter santidade, não a santidade de costumes, porém a santidade do Sacramento divino, que he santo ainda nos homens de máos costumes » (2).

Chama-lhe Sacramento de Unção Real, ou porque elle dá este nome a todas as ceremonias sagradas, como he uso de todos os Padres, ou porque em particular a Unção Real dos Reis no povo antigo era hum sinal sagrado instituido por Deos, para os fazer capazes do seu cargo, e para figurar a propria Unção de Jesus Christo.

---

(1) 1. Reg. C. 24. v. 6, 7.
(2) L. 2. Lit. 148 contra Petil.

O que he todavia de mais importante he que S. Agostinho reconhece, fundando-se na Escriptura, huma santidade inherente *ao Caracter Real*, *que não póde ser apagado* por algum crime.

Foi, diz elle, esta santidade, a que David, injustamente perseguido de morte por Saul, David sagrado para lhe succeder, assim mesmo respeitou em hum Pincipe reprovado por Deos, porque elle sabía que só tocava a Deos fazer justiça nos Principes, e aos homens o respeitarem o Principe, em quanto Deos o quizer conservar.

Por isso nós vemos que Samuel, depois de ter declarado a Saul que Deos o tinha rejeitado, não deixa de o venerar. » Eu fiz mal, disse-lhe Saul; rogo-te porém que tomes sobre ti o meu peccado, e vás comigo para adorarmos o Senhor. » Samuel lhe respondeo: » Eu não irei comtigo porque rejeitaste a palavra do Senhor, e o Senhor tambem te ha rejeitado, para que não sejas Rei de Israel. Samuel voltou as costas para se retirar, e Saul pegou-lhe pela ponta do manto, que se rasgou. Samuel lhe disse: O Senhor separou de ti o Reino de Israel, e o deo ao teu proximo, que he melhor do que tu. Deos, poderoso e victorioso, não se ha de desdizer nunca, pois não he como hum homem para se arrepender dos seus designios. Pequei, respondeo Saul; honrai-me porém diante dos Anciãos do meu povo, e diante de todo o Israel, e voltai comigo, a fim de que eu adore o Senhor teu Deos » (1).

Não se póde dizer mais claramente a hum Principe que está reprovado; mas Samuel por fim se deixa commover, e consente em honrar Saul diante dos Grandes, e diante do povo, mostrando-nos por este exemplo que o bem publico não permitte que se exponha hum Soberano ao desprezo.

Roboam trata muito mal o povo; e com tudo a revolta de Jeroboam, e das dez tribus que o seguírão, ainda que permittida por Deos em castigo dos peccados de Salomão, não deixa de ser detestada em toda a Escritura, onde se declara: » Que voltando-se contra a casa de David, elles se revoltavão contra o Reino do Senhor, que elle possue pelos descendentes de David (2).

Todos os Profetas que vivêrão no governo dos máos Reis, Elias, Eliseo no tempo de Achab, e Jesabel em Israel;

---

(1) 1. Reg. C. 15. vv. 24 25 26 27 28 29 30 31.
(2) 2. Paral. C. 13. vv. 5 6 7 8.

Isaias no tempo de Achaz, e Manasses; Jeremias no tempo de Joaquim, de Jechonias, e de Sedecias; em huma palavra todos os Profetas no governo de tantos Reis impios e malvados, nunca falhárão na obediencia, nem inspirárão a rebeldia, mas sempre a submissão e respeito.

Ouvimos Jeremias, depois da ruina de Jerusalem, e da total ruina do throno dos Reis de Judá, fallar ainda com hum profundo respeito de seu Rei Sedecias: » O Ungido do Senhor, que nós consideravamos como se fosse a nossa propria respiração, foi prezo, por nossos peccados, quando nós lhe diziamos: Viviremos á vossa sombra entre os gentios » (1).

Os bons vassallos não se julgavão dispensados do respeito que devião ao seu Rei, nem depois que o seu Reino estava destruido, e que elle proprio foi levado captivo com todo o seu povo. Respeitavão alli nos ferros, e depois da quéda do throno, o caracter sagrado da authoridade Real.

Segunda proposição.

A impiedade declarada, e até a perseguição nunca eximem os vassallos da obediencia devida aos Principes.

Provas.

O Caracter Real he santo e sagrado ainda que seja nos principes infieis; pois temos visto que Cyro he chamado por Isaias o Ungido do Senhor (2).

Nabuchodonosor era impio e orgulhoso a ponto de se querer emparelhar com Deos, e de fazer morrer os que se refusavão a este culto sacrilego; e Daniel todavia lhe diz estas palavras: » Vós sois o Rei dos Reis, e o Deos do Ceo vos tem dado o Reino, o Poder, o Imperio, e a Gloria. »

He por esta razão que o Povo de Deos orava pela vida de Nabuchodonosor, de Balthasar, e de Assuero.

Achab e Jesabel tinhão feito morrer todos os Profetas do Senhor. Elias queixa-se ao Senhor, porém fica sempre obedecendo ao Rei.

Os Profetas nesse tempo fizerão prodigios assombrosos para defenderem o Rei, e o Reino (3).

---

(1) Lament. C. 4. v. 20.
(2) Isaias. C. 45. v. 2.°
(3) Baruch. C. 1. v. 2.° — 1.° Esdras Cap. 6. v. 10. 3.° Reg. Cap. 19. vv. 1 10 14. — 3.° Reg. C. 20.

Eliseo fez outrotanto no governo de Joram filho de Achab, tambem impio como seu pai (1).

Ainda não houve quem chegasse á impiedade de Manasses, que peccou e fez peccar Juda contra Deos, tratando de lhe fazer extinguir o culto, perseguindo os Fies Servos de Deos, e alagando de seu sangue a Cidade de Jerusalem. Entretanto Isaias e os Profetas Sagrados, que o reprehendião de seus crimes, nunca excitárão contra elle o mais leve tumulto (2). Esta doutrina continuou em a Religião Christã.

Foi no governo de Tiberio, não só infiel, mas de mais a mais perverso, quando Nosso Senhor disse aos Judeos: *Dai a Cesar o que he de Cesar* (3).

S. Paulo appella para o Cesar, e reconhece a sua authoridade (4). Manda fazer orações pelos Imperadores, ainda que o Imperador no tempo em que assim o mandava era Nero, o mais impio e malvado de todos os homens (5).

Assina como fim desta oração a tranquillidade publica, porque esta exige que se viva em paz até no governo de Principes perseguidores.

S. Pedro, e elle (S. Paulo) determinão aos Fieis que estejão submissos ás Potestades (6). Temos visto as suas palavras, e temos visto quaes erão as Potestades desse tempo, nas quaes os Santos Apostolos fazião respeitar aos fieis a ordem de Deos.

Em consequencia desta doutrina Apostolica os primeiros Christãos, ainda que perseguidos por espaço de tres seculos, não fizerão nunca o mais pequeno motim e alvoroto no Imperio. Somos inteirados destes sentimentos por Tertuliano, e nós os achamos por todo o decurso da Historia Ecclesiastica.

Continuavão a orar pelos Imperadores até no meio dos supplicios, a que erão condenados injustamente. » Animo, (diz Tertuliano) arrancai aos bons Juizes, arrancai aos Christãos huma alma que faz votos pelo Imperador (7). »

---

(1) 4. Reg. C. 3. v. 6 7.
(2) 4. Reg. C. 21. v. 2 3 16.
(3) Matth. C. 22. v. 21.
(4) Act. C. 25. v. 10 11 etc.
(5) 1. ad Tim. C. 11. v. 1 2.
(6) Ep. ad Rom. C. 13. v. 5. — 1. Petri. C. 2 13 14 17 18.
(7) Tertul. Apolog.

Constancio, filho de Constantino Magno, ainda que protector dos Arianos, e perseguidor da Fé Nicena, achou na Igreja huma fidelidade inviolavel.

Juliano Apostata, seu successor, que restabeleceo o paganismo condenado pelos seus predecessores, não achou os Christãos nem menos fieis, nem menos zelosos do seu serviço; tanto sabião elles distinguir a impiedade do Principe do Caracter Sagrado da Magestade Soberana.

Tantos Imperadores hereges, que vierão depois; hum Valente, huma Justina, hum Zenão, hum Basilisco, hum Anastasio, hum Heraclio, e hum Constante, ainda que expulsassem das suas Sés os Bispos Orthodoxos, e até os Papas, e enchessem a Igreja de mortandades, e de sangue, não vírão nunca a sua authoridade atacada ou enfraquecida pelos Catholicos.

Em fim, por espaço de 700 annos nunca se vê hum só exemplo de hum povo que tenha desobedecido aos Imperadores debaixo do pretexto de Religião. No oitavo seculo todo o Imperio conserva a sua fidelidade a Leão Isaurico, Chefe dos Iconoclastas, e perseguidor dos fieis. No governo de Constantino Copronimo seu filho, que lhe succedeo na Coroa, na heresia, e violencia, os Fieis do Oriente não oppozerão senão paciencia a estas perseguições. Na quéda porém do Imperio, quando os Cesares mal chegavão a defender o Oriente, onde estavão encurralados, Roma, entregue quasi dous annos ao furor dos Lombardos, e constrangida a implorar a protecção dos Francezes, foi obrigada a separar-se dos Imperadores.

Padeceo-se por muito tempo antes que se chegasse a huma similhante extremidade; e só o fizerão quando a Capital do Imperio foi tratada pelos Imperadores como hum paiz devoluto a quem o quizesse occupar, e deixado ao desamparo.

Terceira proposição.

Os Vassallos não tem que oppor á violencia dos Principes senão representações cheias de respeito, sem alvoroto nem barulho; e orações para que elles se convertão.

Provas.

Quando o Senhor quiz libertar os Israelitas da tyrannia de Faraó, não permittio que elles procedessem por via de fa-

cto contra hum Rei, cuja deshumanidade para com elles era inaudita. Pedírão respeitosamente licença de sahirem, e de irem sacrificar a Deos em o deserto.

Já temos visto que os Principes devem ouvir até os particulares, e mais forçosamente devem ouvir o povo, que lhe faz chegar as suas justas queixas pelos meios licitos.

Faraó, a pezar de endurecido e de tyranno que era, não deixava todavia de escutar os Israelitas. Ouvia a Moises e a Aarão. Admittio á sua audiencia os Magistrados dos povos de Israel, que se lhe vierão queixar em altos gritos, dizendo-lhe: » Por que tratais assim os vossos servos (1).

Seja embora licito ao povo opprimido recorrer ao Principe pelos seus Magistrados, e pelas vias competentes; mas que se faça isto respeitosamente.

As representações acompanhadas de acrimonia e de barulho são hum principio de sedição, e não se devem soffrer. Assim os Israelitas murmuravão contra Moises, e nunca lhe fizerão huma representação com socego.

Moises nunca deixou de os ouvir, de os amaciar, e de rogar por elles, e deo hum exemplo memoravel de benignidade com que os Principes devem tratar o seu povo; mas Deos para manter a ordem castigou severamente estes sediciosos (2).

Quando eu digo que estas representações devem ser cheias de respeito, entendo que ellas o sejão effectivamente, e não em apparencia, como foi a de Jeroboam, e das dez tribus que disserão a Roboam. » Vosso Pai nos põe hum jugo insupportavel: diminui hum pouco este jugo tão pezado, e nós seremos vossos vassallos fieis (3).

Havia nestas representações algum sinal exterior de respeito, em que elles só pedião huma pequena diminuição, e promettião ser fieis; mas era hum principio de motim o fazerem depender a sua fidelidade da mercê que elles pedião.

Não se vê cousa assim nas representações que os Christãos perseguidos fazião aos Imperadores. Tudo nellas he comedido, tudo he modesto, e a verdade Divina ahi se diz livremente; porém estes discursos tão longe estão de serem concebidos em termos sediciosos, que ainda hoje não se podem ler, sem que logo se sinta inclinação á obediencia.

---

(1) Exod. V. VII. — ibid. v. 15.
(2) Num. XI. XIII. XIV. XX. XXI. etc.
(3) III. Reg. XII. — 4. — II. Par. X. — 4.

A Imperatriz Justina, Mãi e tutora de Valentiniano II., quiz obrigar Santo Ambrosio a que desse huma Igreja na cidade de Milão, residencia do Imperador, aos Arianos que ella protegia. Todo o povo se reunio ao seu Bispo, e juntando-se na Igreja, esperava o exito do negocio. S. Ambrosio nunca excedeo os limites da modestia propria de hum Vassallo e de hum Bispo. Fez a sua representação ao Imperador. » Não julgueis, lhe dizia, que tendes authoridade de tirar a Deos o que he seu. Eu não posso dar-vos a Igreja que me pedis; no caso porém que a tomeis, eu não devo resistir. » E accrescentou: » Se o Imperador quer ter os bens da Igreja, póde tomar conta delles, nenhum de nós se oppõe a isso: que no-los tire, se assim o quer; eu não lhos dou, porém tambem lhos não refuso (1). »

» O Imperador, continuava elle, está na Igreja, porém não he acima da Igreja. Hum bom Imperador, longe de rejeitar o auxilio da Igreja, procura-o. » Dizemos estas cousas com respeito, porém julgamos ser da nossa obrigação expôlas com liberdade.

Continha elle por tal arte aquelle ajuntamento no devido respeito, que nunca lhes escapou hum só termo insolente. Oravão e cantavão os louvores de Deos, esperando o seu auxilio.

Eis-aqui huma resistencia digna de hum Christão e de hum Bispo. Entretanto como o povo estava unido ao seu Pastor, dizia-se no Palacio que este Santo Pastor aspirava á tyrannia. Respondeo a isto. » Eu tenho huma defensa, porém he só nas orações dos pobres. Estes cégos, estes coxos, estes estropeados, e estes velhos, são mais fortes que os vossos soldados mais corajosos. Eis-aqui as forças de hum Bispo, eis-aqui o seu exercito (2).

Possuia mais outras armas, a saber, a paciencia e as orações que fazia a Deos. » Como se trata isto de tyrannia?

» Eu tenho armas, (dizia elle) tenho o poder de offerecer o meu corpo em sacrificio. Nós temos a nossa tyrannia e o nosso poderio. O poderio de hum Bispo he a sua fraqueza. Eu sou forte quando sou fraco, dizia S. Paulo (3).

Em quanto não rebentava essa violencia de que a Igre-

---

(1) Ambr. de Basilicis non tradendis.
(2) Ibid. (3) Ambr. L. II. — Ep. 13.

ja era ameaçada, o Santo Bispo estava no altar pedindo ao Senhor com lagrimas que não houvesse effusão de sangue, ou pelo menos lhe aprouvesse dar-se por satisfeito com o seu. » Comecei (diz elle) a chorar amargamente, offerecendo o sacrificio, rogando ao Senhor nos ajudasse de tal maneira que não houvesse sangue derramado em huma causa da Igreja, e que ao menos fosse o meu derramado, não só pelo povo, mas até pelos impios (1). »

Deos ouvio humas orações tão ardentes, e a Igreja ficou vencedora sem custar sangue de pessoa alguma.

Pouco tempo depois, Justina e seu filho, quasi abandonados de toda a gente, recorrêrão a Santo Ambrosio, e não encontrárão nem fidelidade nem zelo do seu serviço senão em o proprio Bispo, que se tinha opposto aos seus intentos na causa de Deos e da Igreja.

Eis-aqui o poder das representações respeitosas; eis-aqui o que podem as supplicas. Assim fazia a Rainha Esther, tendo concebido o designio de abrandar Assuero seu marido; depois que elle se resolvêra a sacrificar todos os Judeos á vingança de Aman, ella mandou dizer a Mardocheo: Ajuntai todos os Judeos que poderdes achar em Susa, e orai por mim. Não comais nem bebais por tres dias e tres noites: eu jejuarei da mesma sorte com as minhas criadas, e depois me exporei á morte, e fallarei ao Soberano contra a lei, sem esperar que elle me chame (2).

Quando ella appareceo diante do Rei, os olhos chammejantes deste Principe annunciárão a sua colera; Deos porém, lembrando-se das orações de Esther e dos Judeos, trocou em brandura os furores do Rei. Os Judeos forão livres em attenção á Rainha (3).

Da mesma sorte quando o Principe dos Apostolos foi prezo por Herodes, toda a Igreja orava a Deos por elle sem interrupção; e Deos enviou o seu Anjo para o libertar. Eis-aqui as armas da Igreja: votos e orações com perseverança (4). S. Paulo encarcerado por Jesus Christo não tem senão este soccorro e estas armas. » Preparai-me hum quartel; que espero que Deos me ha de *entregar ás vossas orações* (5).

---

(1) Ibid.
(2) Esther IV. — 16.
(3) Ibid.
(4) Act. XII. — 5. et seq.
(5) II. ad Tim. IV. — 17.

Com effeito sahio do carcere, e foi livre das garras de Leão. Dá este nome ao Imperador Nero, inimigo não só dos Christãos, mas tambem do genero humano.

Que se Deos não attende ás orações dos seus fieis, se para experimentar e castigar os seus filhos permitte que se accenda a perseguição contra elles, neste caso devem lembrar-se de que Jesus Christo os *mandou como ovelhas para o meio dos lobos* (*).

Eis-aqui huma doutrina verdadeiramente santa, verdadeiramente digna de Jesus Christo, e dos seus Discipulos.

Até aqui o novo Agostinho: e voltando agora ás suas ultimas palavras contra os promotores, conselheiros, e cumplices das rebelliões antigas e modernas — Eis-aqui o motivo principal, porque o odio ao Christianismo he inherente a todas as seitas filosoficas-politicas, ou creadas no silencio das trevas do Maçonismo. Esta cafila de Atheos, que desde os principios do seculo dezoito estuda, forceja, e toda se afana para destruir os alicerces da sociedade, tomou logo a peito quebrar esse freio, que os incommodava, que os magoava por extremo, a ponto de lhes fazer espilrar o sangue. Bem certos de que nem Deos nem o Evangelho querião outra cousa senão huma inteira obediencia aos Principes, e que todas as furias da ambição, quaes ondas entumecidas e assoberbadas, havião de quebrar necessariamente no rochedo incontrastavel das lições da propria Divindade, esta mesma renunciárão e maldisserão; que a tanto chegão os delirios do atomo desprezivel, que no seu nome tem huma lição bem expressiva do seu nada, mas que insensivel a tudo alardêa e presume de assentar como Lucifer o seu throno sobre as alturas do Firmamento!! Penetrem-se todos os Soberanos de huma verdade a mais proficua e vantajosa para elles, se a quizerem aproveitar; fechando os olhos de huma vez a esses medonhos quadros da opulencia Sacerdotal, e a esses quimericos e sonhados perigos que ella póde causar ao throno e realeza, e tapando os seus ouvidos á manhosa insinuação de que a Igreja aspira a dominar sobre elles, e a invadir e usurpar as suas mais eminentes prerogativas. Quem deixará de conhecer as baterias e aproches, de que a seita ha lançado mão para armar os Reis contra os mais solidos apoios da Magestade? Quem poderá encarar sem horror e aperto de coração esses Reis chamados Catholicos, mas adeptos da fi-

---

(*) Matth. X. — 16.

losofia moderna, que os empurrava para o fiel cumprimento de suas traças impias e revolucionarias, mas que applaudia em segredo; e que elles para se mostrarem filosofos se condemnassem a desapparecerem mui prestes do catalogo dos Soberanos? Ainda he tempo... mas foi necessario que Deos lhes abrisse os olhos, e destapasse os ouvidos; porque d'outra maneira todos elles por industria e más artes do Maçonismo serião iguaes no destino a Carlos I de Inglaterra, e a Luis XVI de França! O Senhor, que ainda se dignou sustentar as Monarquias, e não consentio que *huns homens de nada*, *e filhos de Belial*, se jactassem de o ter escarnecido e humilhado na pessoa de seus verdadeiros Representantes, e seus Ungidos, parece que está clamando aos Reis pela voz de tão extremado beneficio: » Só a minha dextra, só o poderoso influxo de huma Religião, vossa especialissima bemfeitora, vos tem conservado na posse dos thronos que o Maçonismo queria ver destruidos, ou, para me servir do seu estilo, afogados em mares de sangue, para que nunca mais fossem vistos á superficie do globo. Assás vos tem mostrado a experiencia o que desde tempos antigos eu vos tinha affiançado.

Por mim, e só por mim, he que ainda hoje reinão os Principes em o seculo dezenove... Está na vossa mão, ou conservar, ou perder os thronos... Só farei milagres quando me aprouver; nem sempre devereis contar com elles... Curai extremosamente de que os povos obedeção ao Evangelho, e nunca mais surdirá a peste de vassallos intrigantes e rebeldes. Floreça o Christianismo; e a seita que de presente lhe he mais contraria, perderá todos os dias grande parte da sua força, a ponto de ser brevemente sepultada nesse cahos, onde cedo ou tarde vem a jazer todas as seitas inimigas do Christianismo. »

Conclusão.

Portuguezes de todas as classes, de todos os sexos, idades, e condições, aqui tendes exposta e demonstrada pelo maior homem dos seculos modernos a intrinseca malicia do façanhoso levantamento do Porto, que foi radicalmente hum acto de usurpação de authoridade Real, e huma rebeldia manifesta e contraria ás leis do Christianismo! Fiquem pois mui impressas na vossa lembrança as bem defendidas theses, ou proposições, que sem os atavios da chamada eloquencia

moderna, e assim mesmo invulneraveis aos tiros da polvora secca, e ás balas de papelão, ou de papelões, que nesta conta devem entrar os pomposos raciocinios do *Contrato Social*, não deixão mais nada para desejar, pondo em toda a luz o nefando crime que teve innumeraveis cumplices e admiradores! He porém de minha competencia reforçar agora os invenciveis argumentos de Bossuet, não para lhes accrescentar hum só grão de força e solidez, o que era impossivel ao meu fraco engenho, mas para firmar sobre elles os argumentos que chamão *a fortiori*, e que deixarão mais patente a enormidade do crime que se perpetrou a 24 de Agosto de 1820. He dever do Christianismo prestar obediencia aos Reis, por *máos* e *discolos* que sejão, e mais vale soffrer a pé quedo as injurias e máos tratamentos, do que despicallas á custa do sangue de muitos cidadãos, que necessariamente ha de correr em taes conflictos; e qualquer dos fieis da Igreja primitiva se julgaria réo de peccado mortal só de consentir o pensamento de conspirar para que hum Nero fosse deposto do throno que indignissimamente occupava. Sendo pois assim, como se tem mostrado por argumentos irrefragaveis, de que horrorosa infamia não devem cobrir-se, e ficarem manchados para em quanto houver mundo, esses perversos e desalmados, que postergando os estimulos do dever, da consciencia, e até da propria gratidão, se fizerão e acclamárão reis em lugar do Rei mais benigno da Europa... Será por ventura necessario folhear os authores estrangeiros, como por exemplo a Viagem do Professor Linck a estes Reinos, para sabermos que a bondade do coração e hum enternecido amor aos seus vassallos são, para assim dizer, o patrimonio da Augustissima Casa de Bragança? Qual desses furiosos mais accesos contra o que elles chamão Despotismo não deixa de ter na sua mão talvez multiplicados testemunhos da generosa beneficencia do mui alto e poderoso Rei o Senhor D. João VI? Praza aos Ceos que esta lembrança com a virtude de huma setta lhes traspasse os fementidos corações, para que chegue a entrar nelles, quando não seja o arrependimento, ao menos a confusão de terem procedido, não como homens, porém como feras as mais indomitas, e talvez peiores, visto que nas Historias tambem ha exemplo de tigres e leões agradecidos.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1823.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 32.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

Historia do Maço Ferreo Anti-Maçonico.

Creio que haverá muita gente persuadida de que o Maço Ferreo, este *desperdiçado dos Maçôes*, só teve por assumpto desmascarar esses infames, que *tão infelizmente nos região.* Apezar de que o erro não he substancial, pois tanto vale dizer *deo-te na cabeça*, como *na cabeça te deo*, convem que estas ccusas appareção agora no seu verdadeiro ponto de vista.

Quando o systema começou a *bambalear* pela inepcia e maldade dos que o traçárão e dirigião, acudio o Patrão da Larcha, deitou a mão ao leme, officio que lhe era natural, e tratando de escapar ao naufragio, metteo-se a Periodiqueiro, e de parelhas com outros Nautas Argelinos e Mouros fez sahir o Independente, nome mil vezes bem posto, que segundo mostrou a experiencia tudo o que sabia de taes pennas era independente de noções de Logica, de principios religiosos, e muito acima de todas as leis repressivas da liberdade da imprensa, que se fizerão só para a *vil canalha dos Christãos e dos Realistas.* Ora os taes novos Redactores bem quizerão cobrir com *ramalhos* esta como peça de

*

artilheria, para que os malditos Corcundas nem soubessem donde lhes vinha o mal, nem presumissem que os *tracalhazes* ou *postalhonas* da Magestade se aviltavão a ponto de exercerem as humildes funções de Periodiquistas; porém como os *ramalhos erão delgaditos*, e a sua folhagem não dava para cobrir peças de quarenta e oito, rompeo-se logo o tal segredo, e já desde o N.° 2.° eu sabía quem erão os Redactores. Proseguia a obra mui felizmente, quasi tomava a dianteira ao Diario do Governo, e trazia bocadinhos de ouro sobre alguns assumptos Christãos, e nomeadamente sobre a tolerancia. Caso estupendo! Maravilha peregrina! Sem lhe valer a égida dos mais claros nomes da Historia Constitucional houve *Padresinho* tão audaz, que os moeo sobre o artigo tolerancia, e o fazia com tal arte, sagacidade, e força de raciocinio, que julguei escusado sahir nessa occasião com o meu fato á rua. Chegou-se ao N.° 45, sem que eu me resolvesse ainda a encetar a peleja; mas tanto que li no Supplemento ao dito N.° as palavras seguintes — » Qual será a razão por que se não lança mão das rendas de tantos Conventos inuteis, e até prejudiciaes á regeneração que Portugal tem emprehendido, e á nossa felicidade geral? Qual será a razão por que a Commissão de reforma ecclesiastica não apresenta hum plano de reunião (ao menos quando não seja de extinção total) desses inimigos declarados da Nação Portugueza? Qual ha de ser a razão por que os Frades Bernardos hão de conservar trinta, ou quarenta, ou mais Conventos de ambos os sexos com rendas exorbitantissimas para sustentar viciosos inimigos do bem publico? Porque não se hão de fazer sahir daquelles clubs os homens que quizerem vir para o seculo, reunir todos os mais em huma ou duas casas, onde exercitem o seu instituto como monges, e não como perseguidores da humanidade? E porque se não ha de praticar este plano com todas as religiões monacaes, tendo todas o mesmo interesse em transtornar o nosso actual systema, e empregar as rendas das casas supprimidas em favor dos juros da divida publica? Qual ha de ser a razão por que as ordens militares não hão de ficar reduzidas a simples honorifico, e applicar tudo o que he util e rendoso a bem dos juros da divida publica? Por ventura esses bens e essas rendas não são da Nação Portugueza? Acaso póde

considerar-se nellas algum privilegio maior que o interesse publico? Não posso, confesso ingenuamente, accommodarme a que se não adopte este plano: quem deixará de emprestar os seus cabedaes a huma Nação tão decidida pelo systema constitucional, eque tem em si taes recursos, e tão solidas *garantias?*...... Demais, para que se conservão ainda tantas prebendas e conezias nas cathedraes de Portugal? Pois para que o culto divino se pratique será necessario que haja centos de Conegos, e que estes tenhão tres, quatro, e seis mil cruzados de renda para ir cantar, entretanto que hum empregado publico percebe hum ordenado que lhe não chega para tres mezes do anno? Não bastarião seis ou oito beneficiados, a quem se dessem duzentos ou trezentos mil réis, e não mais? Para que servirá que tantos Prelados diocesanos tenhão quarenta, sessenta, e cem mil cruzados de renda? Não bastaria dar a cada hum doze ou quinze mil cruzados, e applicar todas a mais rendas aos juros da divida publica, e desse emprestimo! Que applicação mais util, e mais santa? A mim parece-me, e não me engano certamente, que tudo isto se fazia em meia folha de papel; e que em resultado teriamos não só o indispensavel emprestimo dos capitalistas e Portuguezes, mas até dos estrangeiros; porque realmente nenhuns os podem empregar com mais segurança, nem com tanta vantagem; e a Nação Portugueza estabelecia o seu credito, e teria logo dinheiro para fazer face ás suas indispensaveis despezas, e diminuia o numero de seus inimigos. Quaes serão os perigos que se recêão de lançar mão deste plano e destas rendas, que presentemente estão gozando as ordens religiosas e corporações ecclesiasticas? Por ventura não são rendas nacionaes? Por ventura haverá entre nós alguma cousa que não seja da Nação Portugueza? Não tem elles gozado até agora com detrimento, e o maior prejuizo da mesma Nação? Que bens vem á Nação Portugueza da conservação de taes estabelecimentos, torno a repetir? Dar-se-ha caso que ainda se julgue necessario, para se adoptar este plano, recorrer á Curia Romana? Não se acha já determinado que a Nação Portugueza he livre e independente, e que não póde ser patrimonio de alguma casa ou familia? Como o ha de ser então da Curia Romana? He preciso acabar hum dia

com estas imposturas, e reconhecer por huma vez que as nossas Cortes estão authorizadas para todo o genero de reformas, e que esta he a mais interessante a bem da causa publica, e que sem ella chegar a effeito, todas as mais operações são secundarias. He preciso reconhecer a nossa independencia, e tomar hum caracter firme e decidido pelo bem geral; caia embora o raio onde cahir: esta he a taboa da nossa salvação, que não depende do arbitrio ou vontade estrangeira, depende unicamente do convencimento destas verdades, até agora occultas nas trevas da ignorancia, mantida pelo fanatismo politico, que se apoderou com arte dos governos para escravizar a humanidade: essa época porém passou: graças á mão virtuosa e liberal que soube aproveitar o momento para nos salvar do naufragio, a que hum governo perverso e despotico nos havia conduzido. — *Hum verdadeiro Constitucional.* »

Senti reverdecerem todas as minhas feridas, vi tão claramente enunciado o projecto da destruição do Catholicismo neste Reino, que peguei logo da penna, e mui determinado a expatriar-me se fosse necessario arrostei com o Mestre dos Naufragios, e mandei para a Gazeta Universal o que se publicou em o N.° 67, e he, sem mais nem menos, o que se segue.

» Senhor Redactor da Gazeta Universal — Que bullas terá o Redactor do *Independente* para nos empurrar á carga cerrada artigos impoliticos, desbocados, e em manifesta opposição ás Bases da Constituição? — Mandão-lhos inserir, e o pobre figura só de Moço de Feitos. — Seja assim muito embora, mas em quanto o Soberano Congresso não decidir que o tal *Independente* he orgão da verdade, o zenith do bom gosto, o sete-estrello da erudição, e o *non plus ultra* da sabedoria, hei de lhe ir á mala com quanta polvora houver no meu armazem. Assestemos huma peça de calibre tres: he quanto basta; que o mais chama-se gastar cera com ruim defunto... Fogo á espoleta... Ahi sabe o

1.° *Monitorio ao Constitucional enxertado em o Supplemento ao N.° 45 do Independente.*

Não serei temerario, Senhor Constitucional enxertado, se enxergar em V. m. hum irmão gemeo do tolerantismo,

Epimenides, que está arrebentando por ver em Lisboa Synagogas, Mesquitas, Pagodes, e Procissões de Trolhas, como verdadeiras fontes da riqueza e prosperidade nacional.... Ora V. m. feito éco dos *Garats*, dos *Barnaves*, e dos *Robespierres*, assentando lá para si que em fallando desde o alto da sua trípode ninguem mais ha de abrir boca!.. Não ha de ser assim. Eu tenho lingua para fallar, mãos desembaraçadas para escrever, e armas de sobejo para combater os seus delirios. Ninguem o póde livrar das minhas mãos. Ainda que eu visse o cutello já pendente sobre a minha cabeça, ou quasi lavrado o decreto da minha expatriação, nem assim mesmo poderia calár-me. Sou necessitado a desviar e repellir o injusto agressor, que tendo por ventura gozado nos Mosteiros deste Reino todas as distinções e beneficios da mais carinhosa hospitalidade, se converte agora em hum raivoso tigre disposto a atassalhar o credito de quem nunca o offendeo, e a usurpar os bens que nem lhe pertencem, nem jámais deverião pertencer-lhe... Ah! liberdade, liberdade! (exclamava a infeliz *Madama Rolland*, pouco antes de entregar a cabeça ao ferro da guilhotina) quantos crimes se fazem á sombra do teu nome. — Ah! Constituição, Constituição! (direi eu instado de mais fortes motivos) quantos malevolos, e quantos impios se cobrem com o teu respeitavel nome para fazerem a mais declarada guerra ao Catholicismo, e para levarem ao cabo os damnados fins dessa hydropica sede de ouro que os atormenta! Fallemos claro.

A opulencia de certos Mosteiros he o seu maior crime, assim como a influencia dos Jesuitas nos Gabinetes dos Principes foi o seu mais grave delicto, que assim o affirma o Patriarca de *Ferney*, talvez para V. m. texto irrefragavel., Foi jurada (eu o sei) nas hediondas e lobregas cavernas do Maçonismo a extinção das ordens religiosas, que offerecem hum abundante pasto á insaciavel cobiça dos Veneraveis e Roza-Cruzes. — Estes Senhores (que infelicidade para o genero humano!) carecem ainda dos meios necessarios para consolidarem a facção dos Trolhas em as quatro partes do mundo. Quizesse V. m., Senhor Constitucional *sans culote*, dizer a verdade, que por certo conviria comigo. Ora V. m. bem mostra haver folheado o *Amigo do Povo* (he o de lá,

que sahio da forja de *Marat*) e outras emanações impuras da cafila de Atheos, que desmoralizou, inundou de sangue, e cobrio de cadaveres a desditosa *França*... Ter V. m. o descaramento de chamar aos Frades inimigos do bem publico, e annunciar a lembrança de reduzir Ordens inteiras a hum só Convento... Meu amigo vamos a contas: quanto deo ou dá V. m. para o Erario nacional? Quem sabe se V. m. chegando lá quereria metter-lhe os braços até ao cotovelo!.. Veio já tarde com esses perfidos conselhos, que depois de turbarem o socego de muitas familias respeitaveis acabarião por atear neste Reino as vorazes chammas da discordia e da guerra civil.

Não he incompativel a existencia dos Frades com a felicidade dos Povos; e se lhe concedessemos que a extinção, por que V. m. tanto suspira, chegasse a alliviar momentaneamente o Povo, não tardaria dez annos que o Povo não gritasse contra quem os illudíra, e os expozera a terem de passar por encargos mil vezes maiores e mais pezados que os antigos. Os Mosteiros são huns como fiadores nacionaes, que acodem á patria quando ella se vê ameaçada de inimigos. Quebrando estes fiadores quem ha de receber e hospedar as tropas? O Povo. Quem ha de pagar novos e exorbitantes tributos para a continuação da guerra? O Povo. Quem ha de pagar dez e vinte vezes mais do que pagava no tempo em que havia dizimos e Frades? Quem ha de morrer de fome, estancados todos os mananciaes de beneficencia ordinarios nos claustros? O Povo. Quem ha de supprir a falta desses uteis cidadãos, que pela judiciosa e economica administração de suas rendas contribuião efficacissimamente para o bem commum, a que elles attentavão mais que ao seu particular? Ninguem. — Ah! Povo, Povo, o mais leal e o mais heroico do universo, guarda-te destes perversos conselheiros, que trazem por fóra a capa de ovelhas mansas, que parece não viverem nem respirarem senão para te constituirem rico e venturoso em suas promessas; mas lá por dentro são huns lobos esfaimados, que depois de tragarem os bens dos Mosteiros, se conseguissem os seus desejos, havião de empolgar os teus, e reduzir-te aos ultimos apertos da indigencia e da miseria...

Que terá V. m. que dizer a isto? Já o sei.... Fóra

Corcunda, Servil, agente dos Mandões! — Bravo que Dialectica! Faria inveja a *Descartes*, se este sabio tivesse o gosto de o ouvir. — Ou ha de gritar: fóra fanatico, supersticioso, intolerante. — Bravo, que eloquencia! Se o grande *Cicero* a tivesse aprendido deste calibre por certo que se livraria das unhas do Triumviro *Marco Antonio*. Fóra graças, concluo eu, antès quero todos esses nomes, depois que hum grande Mestre me ensinou os seus verdadeiros e exactos synonymos, do que os habitos de Avis, Torre e Espada, Garrotéa, Tosão d'Ouro, e o da saudosa Coroa de Ferro...

De V. m. Etc.

O Maço Ferreo Anti-Maçonico.

Margens do Mondego
2 de Março de 1822.

Não me foi estranho que soasse logo o canhão de *alarme*, e fosse decretada solemnemente nesses covis pedreiraes a minha perseguição (*). Hum devoto militar foi o denunciante occulto, e huma ordem expressa do Ministro da Justiça fez pôr em movimento os austeros e incorruptiveis Jurados de Lisboa, que me derão por incurso na mais formal transgressão das leis *coercitivas* do exercicio da liberdade da imprensa... Se eu blasfemasse de Nosso Senhor Jesus Christo, dizia hum piedoso Mação Conimbricense, não era nada, nem elle me ficaria aborrecendo por isso... mas ter eu

(*) Ao mesmo tempo me elogiava pelo Maço Ferreo, em a propria Gazeta Universal, e me excitava a combater os Maçòes huma personagem de alta jerarquia, e assás conhecida pelo seu acrysolado realismo, e pelo seu tão vasto como profundo saber. Assim eu merecêra os seus louvores como elle (o Excellentissimo Senhor D. Luis Antonio Carlos Furtado de Mendonça) os merece pela sua elegante e incontrastavel demonstração dos erros do *Cidadão Lusitano*, e pela excellente carta latina ao Santo Padre Pio VII, em que tão succinta como eloquentemente deplora os males da Igreja Lusitana em o governo constitucional!!

a louca presumpção de atacar o *mimo* da *sabença*, o corifeo, o *dulce decus*, *et praesidium* da Maçonaria Lusitana, era no seu conceito huma acção iniqua, atroz, e digna de muito mais que o perder a cadeira de grego, e direitos de cidadão, e os cinco annos de cadêa!!! Vi pois formar-se a negra e medonha tempestade, e sem grandes receios ou pavores tratei de poupar aos Mações *Coimbrãos* o gostinho de me verem prezo na cadêa da Portagem, e tomei de tal sorte as minhas medidas, que me sería mais facil e mais doce o morrer nas planicies de Castella, então mui infestadas de guerrilhas de ambos os partidos realista e constitucional, do que ser huma victima sacrificada ao idolo Thomasino (*).

(*) Bem quizera eu especificar aqui pelos seus nomes todas as pessoas a quem fui devedor de especiaes attenções e obsequios neste por ventura o mais arriscado lance da minha existencia. Em quanto se me não depara occasião de satisfazer estes meus desejos, farei ao menos especial memoria do actual Prior de Villa Cova de Subavo Manoel Lopes Garcia, e de seu sobrinho o Padre Manoel Luis Garcia, residente em Gramassos, que me facilitárão a sahida desde Villa Pouca até ao Mosteiro de Aguiar, onde fui cordialmente recebido e agazalhado pelo D. Abbade Fr. Manoel de Mello, e pelo Cellereiro Fr. Sebastião de Moraes. Eu não passaria neste Mosteiro alguns dias tranquillos se o actual Juiz de Fóra de Castello Rodrigo Antonio Pinto Machado, tão bom Ministro como leal vassallo de ElRei Nosso Senhor, me não tivera socegado no meio dos meus bem fundados temores. Quando se começou a murmurar da minha longa demora naquelle Mosteiro foi-me necessario mudar de terra, e no concelho de Sellores, em Trás dos Montes, achei refugio até passar a tempestade, por conselho e por industria de meu amigo Fr. Dionisio de Mesquita, Monge de S. Bernardo, que para o diante, como zeloso e ardente realista que sempre foi, militou na guerra Trasmontana, o qual me fez viver sem receio em casa dos seus parentes por espaço de cincoenta dias; e he bem digno de observação que constando aquelle concelho de milhares de pessoas só alli houvesse hum Constitucional!!!

Custa-me a deixar em silencio o quanto devo ao meu

Releva porém confessar ingenuamente que serião talvez infructuosas estas medidas se a Providencia não tivesse pôsto em Coimbra naquella época hum desses homens, que seguindo imperturbavelmente os caminhos da honra, da probidade, e da justiça, parecem destinados para consolar os homens enfastiados de verem á roda de si copia de baixezas, de perfidias, e de injustiças. Foi este homem o Corregedor, e actualmente Desembargador do Porto, Antonio José da Silva Peixoto, que mais para o diante havia de figurar com os seus nobres e honrados sentimentos em causa de maior vulto, e mais graves consequencias do que podião ser todas quantas lhe appareceêrão em Coimbra durante o seu para mim, e para todos os Realistas, sempre memoravel e saudoso triennio... De Lisboa se intimou a este digno Magistrado que me fizesse condenar a todo o custo!! Assim procede o Maçonismo em a execução dos seus *palavreados* de igualdade, liberdade, direitos de cidadão, e de livre communicação dos pensamentos do homem!!! A minha retirada para o territorio hespanhol fez demorar tanto a minha causa, que só veio a decidir-se em tempo do actual Corregedor Pedro Henriques de Castro, que não desmentio nem hum só apice da nobre firmeza e imparcial justiça do seu antecessor, e bons tres mezes depois da *juridica e bem fundada* pronuncia de Lisboa fui unanime e triunfalmente ab-

---

Prelado local o Reverendissimo Padre Mestre Fr. Francisco de Mello, e ás duas Communidades de Villa Pouca da Beira do Instituto do Louriçal, e de Lorvão da Ordem Cisterciense. Naquella mal posso notar preferencia, excepto se for na actual Vigaria do Mosteiro Soror Maria do Santissimo Coração de Jesus, natural de Alcobaça, onde me ensinou a ler, escrever, e contar; e nesta merece o primeiro lugar D. Anna Barbara de Faria a actual Abbadeça, que já o era nesse tempo, e que mereceo no systema constitucional a distincta honra de ser denunciada no *Astro da Lusitania* por ter feito recitar ou cantar hum *Te Deum* em acção de graças pela declaração da Santa Alliança no Congresso de Verona. Em ambos estes Mosteiros se fizerão Orações fervorosas e incessantes, para que eu fosse livre da perseguição dos impios.

solvido no Conselho dos Jurados de Coimbra, que nunca soube marchar em sentido constitucional, e que tanto em a minha causa, como em outras, que lhe forão devolvidas, mostrou a mais escrupulosa observancia das leis, pondo de parte as timidas contemplações, e os respeitos humanos, que tantas vezes empecem a boa administração da justiça, e conseguintemente a felicidade publica.... Se me esquivei de nomear os Juizes que me condenárão em Lisboa, e de fazer agora imprimir o libello do Promotor de Coimbra, não praticarei o mesmo, nem com os Juizes que me absolvêrão, nem com os que me defendêrão por escrito.

(*) *Sentença dos Juizes de facto de Coimbra, que vem a folhas 45 do Processo.*

O Conselho dos Juizes de Facto, consultando a convicção de sua consciencia, entende que o impresso accusado não contém o abuso de que he arguido, nem o accusado he criminoso. Coimbra 11 de Setembro de 1822. — Alexandre Dias Pessoa — Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Mello — Antonio Honorato de Faria e Moura — Antonio de Vasconcellos e Sousa — João Pedro Corrêa de Campos — Antonio Joaquim Barjona — Antonio da Cunha e Sousa — Manoel Dias de Sousa — Agostinho José Pinto de Almeida — Nicoláo Soares Barbosa — Bento Joaquim de Lemos.

A' vista da declaração dos Juizes de Facto, julgo ao réo innocente da denuncia contra elle dada, e não incurso na lei da Liberdade da Imprensa: pelo que mando que se lhe relaxe o sequestro, e que o mesmo réo goze da sua liberdade. Coimbra 11 de Setembro de 1822. — Pedro Henriques de Castro.

(*) Importa que eu renda as devidas graças ao Bacharel Zacharias Alves Faia, Advogado nos Auditorios de Coimbra, que fugindo ou esquivando-se outros de fazerem papel em huma causa, que tratada legalmente os privaria de mercês e graças do Patriarca dos rebeldes, por isso mesmo, como verdadeiro Christão e bom Realista que he, acceitou gostosamente o encargo de me defender.

Passemos aos escritos mais notaveis sobre a minha causa. — Apenas o Redactor da Gazeta Universal foi inteirado da denuncia, publicou o que se póde ver na Gazeta Universal N.° 82.

Seguio-se em Coimbra o meu officiosissimo defensor o Reverendissimo Padre Mestre Doutor Fr. João Huet, Chronista Mór do Reino, e Lente Substituto de Theologia na Universidade, que tratou os meus negocios, talvez com maior desvelo do que se fossem proprios, e que prescindindo generosamente de se indispor com esses *Mandões*, perante os quaes ficaria apontado como *inimigo do systema*, ou *fautor dos Realistas* e do Catholicismo, e por isso incapaz de exercer lugares publicos, fez tirar a lume cem exemplares de huma defeza que apresentou aos Juizes de Facto, e he a seguinte.

Defeza da Accusação feita no Tribunal dos Jurados contra o Doutor Fr. Fortunato de S. Boaventura, offerecida por hum seu amigo aos Srs. Juizes de Facto da Comarca de Coimbra.

São dois os periodos do Artigo *Maço Ferreo Anti-Maçonico* da Gazeta Universal N.° 67, denunciados no Tribunal dos Jurados da Cidade de Lisboa, como puniveis pela lei da Liberdade da Imprensa, e inclusos na primeira e terceira especie do artigo 12 da mesma lei por conterem excitamento directo á sedição, e ataque ao Systema Constitucional; julgando-se procedente a denuncia peles Juizes de Facto.

O primeiro periodo diz: — Ah! Constituição, Constituição! Quantos malevolos, e quantos impios se cobrem com o teu respeitavel nome, para fazerem a mais declarada guerra ao Catholicismo, e para levarem ao cabo os damnados fins dessa hydropica sede de ouro, que os atormenta!

O segundo diz: — Foi jurada (eu o sei) nas hediondas e lobregas cavernas do Maçonismo a extincção das Ordens Religiosas, que offerecem hum abundante pasto á insaciavel cobiça dos Veneraveis e Roza Cruzes. Estes Srs. (que infelicidade para o genero humano!) carecem ainda dos meios necessarios para consolidarem a facção dos Trolhas em as

quatro partes do mundo. — E alludindo a huma passagem do Periodico intitulado *Independente* (Supplemento ao N.º 45), que quer que Ordens inteiras sejão reduzidas a hum só Convento, diz: — Veio já tarde (o *Independente*) com esses pessimos conselhos, que depois de turbarem o socego de muitas familias respeitaveis, acabarião por atear neste Reino as vorazes chammas da discordia e da guerra civil.

A denuncia, que tem por objecto estes periodos, diz: — No N.º 67 ataca-se o Systema Constitucional, e a Constituição, em quanto se diz que acolhe e encobre os impios, que tem declarado guerra ao Catholicismo; e se chama a Nação á discordia e guerra civil, ou sedição, logo que appareça a reforma dos Conventos, tendo-se dito que esta reforma está decretada nas hediondas e lobregas cavernas do Maçonismo: e eis-aqui hum excitamento directo á sedição, e hum ataque ao Systema Constitucional para entrar na primeira e terceira especie da lei no artigo 12.

Pela simples leitura dos sobreditos periodos, e confrontação com a denuncia, parece que esta devia ser rejeitada *in limine* como improcedente, visto que ella accusa o Author pelo que elle não diz: porquanto 1.º accusa-o por elle dizer: *Que a Constituição acolhe e encobre os impios, que tem declarado guerra ao Catholicismo;* quando elle pelo contrario diz; *Que os impios he que se acolhem á Constituição, e se cobrem com o seu respeitavel nome.* 2.º Accusa-o de *chamar a Nação á guerra civil logo que appareça a reforma dos Conventos;* e de dizer *que esta reforma foi decretada nas hediondas cavernas do Maçonismo;* quando elle não falla de reforma, mas de extinção: e não chama a Nação á guerra civil por esta mesma extincção, porém só diz, conjecturando que ella excitaria a discordia e guerra civil. He pois preciso inverter e transtornar inteiramente as expressões do Author para achar nellas ataque á Constituição, ou excitamento á sedição contra as determinações do Soberano Congresso, quando taes imputações nem por sombra se fundão nas palavras ou mente do Author (onde devião expressamente fundar-se para proceder a denuncia), antes o contrario se mostra pela analyse dos periodos denunciados.

No primeiro periodo tão longe está de se atacar ou inculcar por má a Constituição, dizendo-se *que á sombra del-*

la os impios e malevolos, cobertos com o seu respeitavel nome, procurão fazer guerra ao Catholicismo, e encher se de dinheiro; que antes isto he o maior abono e louvor que se póde fazer á Constituição, pois suppõe (como assim he), que ella prohibe estas maldades, as quaes só por abuso se podem commetter á sombra desta boa Constituição (da qual até o nome he respeitavel) contra o que ella determina e quer. Querendo chamalla boa em hum gráo eminente, ninguem saberia expressar-se mais energicamente de outro modo. Eu appello para vós mesmos, Srs. Juizes: quantas vezes tendes lido, tendes ouvido, e talvez dito, que á sombra da Religião (muito mais accrescentando-lhe o epitheto de Santa, ou Respeitavel) se praticão grandes abusos; veio-vos nunca á mente que se atacava a Religião, que se tinha por má? Que se excitavão os Povos directa ou indirectamente a sacudir o seu jugo? Ou que tinheis incorrido (se assim o escrevesseis) nas penas desta mesma lei da Liberdade da Imprensa?

Sustentai, Srs. Juizes, eu vo-lo rogo pelo bem do genero humano, sustentai a boa intelligencia deste modo de fallar, ou estabelecei-nos hum novo modo de nos expressarmos: aliàs daqui a dois dias não nos entendemos huns aos outros; porque a nova intelligencia que na denuncia se quer attribuir a esta expressão, não póde ainda servir-nos de lei, nem fazer-nos responsaveis pela tomarmos na accepção em que toda a gente a tem tomado até ao dia de hoje.

No segundo periodo diz-se: *Que foi jurada nas cavernas do Maçonismo a extinção das Ordens Religiosas.* Isto he hum facto. Querer-se-ha pois negar este facto? Quando elle não tivesse transpirado dessas cavernas para nossos proprios ouvidos, não se lê elle repetidas vezes nos escritos dos Corifeos da Seita Maçonica! Não se lê elle em Linguagem Portugueza nesses papeis que a mesma Seita tem ultimamente espalhado, para vêr se realiza os votos de hum dos seus Patriarcas (*Diderot*) de enforcar o ultimo Rei com as tripas do ultimo Sacerdote? Mas que tem a Constituição, nem o que faz o Soberano Congresso, com o que se decreta nas cavernas do Maçonismo? Acaso tem o Congresso Nacional decretado a extinção das Religiões? Nada ainda tem decretado a este respeito: tem sim declarado que se deve fazer

huma reforma nas Ordens Religiosas. Isto he outro facto: e tão longe está de ter decretado, ou querer a sua extinção, que no projecto, ainda o mais rigoroso, apresentado pela Commissão Ecclesiastica ao Soberano Congresso para este fim, se propõe conservar mais de metade dos Conventos de cada huma dellas.

A este facto he que o Author allude, quando diz ao Redactor do *Independente*, que *veio já tarde com os seus pessimos conselhos de reduzir Ordens inteiras a hum só Convento;* por ter já sahido o projecto da Commissão, de conservar maior numero de Conventos de cada huma dellas, do que os que se devião supprimir. Porque, n'huma palavra, o que o Esclarecido Congressso intenta he huma reforma; e o que se tem decretado nas lobregas cavernas he a total extinção: esta, e não aquella, he a que perturbaria o socego de muitas familias respeitaveis; e não he muito dizer-se que então se atearia a chamma da discordia, e talvez a guerra civil. O exemplo dos nossos visinhos não nos deve fazer recear que succedesse o mesmo em nossa casa?

Sendo pois certos, mas tão differentes, estes dois factos; como he que a declamação contra hum se póde julgar hum ataque feito ao outro? Extinção e reforma são contradictorias e oppostas: huma exclue necessariamente a outra; porque a extinção tira todo o objecto da reforma; e a reforma não se póde fazer senão em objecto persistente. Ora o que se affirma de hum de dois contradictorios, não se póde dizer affirmado do outro senão pela logica mais inexacta e absurda; por tanto affirmando-se neste periodo que nas cavernas do Maçonismo se tem decretado a extinção das Ordens Religiosas, e que com isto se perturbaria o socego de muitas familias respeitaveis, e se atearia a discordia, e a guerra civil, não se diz senão huma verdade, já bem sabida, que os Mações não quererão talvez que se diga, mas que he impossivel que offenda o Soberano Congresso, pois o que elle tem projectado he o contradictorio desta extinção.

E he mais impossivel ainda o poder-se concluir sem absurdo que se chama a Nação á guerra civil, logo que appareça a reforma das Religiões, intentada pelo Soberano Congresso, por se dizer: Que a total extinção decretada pelos Mações atearia a discordia e guerra civil: porque do caso

mesmo desta extinção o Author só diz, conjecturando que se atearia a guerra civil; e isto não he excitar a ella. No caso porém da reforma projectada pelo Congresso Nacional, o Author tanto não diz nem conjectura que isto excitará a discordia e guerra civil, que antes por julgar racionaveis qualquer dos dois projectos de refórma propostos pela Commissão Ecclesiastica, he que elle os contrapõe aos tardios conselhos do *Independente*, que contrarião o systema destes projectos.

A pezar desta opposição do *Independente* aos projectos da Commissão, já existentes e publicos, ninguem o accusou de atacar o Governo Representativo, nem as suas deliberações: e aquelle, que approvando o systema destes projectos, os oppõe e lança em rosto ao *Independente*, he accusado de atacar o Governo Representativo, ou as suas deliberações? Isto he incomprehensivel!.. Quem ataca o Systema Constitucional, e o desacredita, são aquelles que pretendem fazer passar as sentenças do *Independente*, e de outros Escritores desta categoria por decisões do Congresso Nacional; querendo que se repute hum ataque feito ao mesmo Congresso tudo o que se diz contra as opiniões destes Escritores de esquentado cerebro.

Mas ainda que o Soberano Congresso, segundo os desejos do *Independente*, tivesse projectado a extinção das Religiões, não sería contra a lei, antes sería em virtude da mesma lei da Liberdade da Imprensa, expôr sentimentos oppostos, em quanto isto estivesse só em projecto; pois para se discutirem as opiniões interessantes á Nação he que ella se estabeleceo; e só o que afinal se decreta e decide he que nos obriga a obedecer e calar. Desta liberdade he que se servio o *Independente* para dar os seus conselhos posteriores aos dos projectos da Commissão, sem que ninguem o accusasse de ter infringido a lei. Se pois, opinando contra os projectos já existentes, não ha infracção da lei em quanto não estão decretados; muito menos a póde haver, opinando a favor dos mesmos projectos contra quem os impugna, como no caso presente.

O Author deste artigo na verdade não trata com melindre os Maçães: porém elles que se queixem. Se os ha, e se julgão offendidos, appareção elles no Tribunal dos Jurados para denunciar o Author, que só contra elles he que fal-

la: e se os não ha, para que fim he tomar a sua defeza, e accusar quem os não lisonjeia? Demos que a sua existencia he supposta e imaginaria: mas he innegavel que muita gente diz que os ha, e que são taes como o Author os representa: he innegavel que os Supremos Pastores da Igreja tem declarado por excommungado todo aquelle, que o for; e que a nossa Legislação ainda bem modernamente estabelece rigorosas penas contra as suas associações.

Vós todos, Srs. Juizes, conheceis bem a probidade do Accusado: ha longo tempo sois testemunhas da sua conducta, tanto Civil, como Religiosa: tem sido sempre manifesto, e até espectavel o seu patriotismo: nada certamente tereis notado de reprehensivel em seu comportamento, ou o considereis na ordem politica, ou na moral. He pois só por não respeitar huma seita, ou não existente, ou proscripta pela Igreja, e pelo Estado, que será condemnado hum Portuguez, que com tanto prazer acha nas Bases da Constituição que a sua Religião he a Catholica Apostolica Romana, que esta seita pretende destruir? Se he hum crime pensar, fallar, e escrever segundo o espirito e o preceito das leis ecclesiasticas e civis, que nos governão, o Author he criminoso. Mas he só este o crime de que aqui póde ser accusado, e não de outro algum.

Porquanto, em summa, do que se trata unicamente (pois he só este, e nenhum outro, Srs. Juizes, o objecto da vossa reunião), he saber, e declarar se o Author do *Maço Ferreo Anti-Maçonico* está incurso, como diz a Denuncia do Promotor do Tribunal dos Jurados de Lisboa, na primeira e terceira especie do artigo 12 da lei, que he: Abuso da Liberdade da Imprensa:

1.ª *Excitando os Povos directamente á rebellião:*
3.ª *Atacando a fórma do Governo Representativo, adoptado pela Nação.*

Ora do que fica dito mostra-se que não póde achar-se nas expressões do Author excitamento directo á rebellião, como era absolutamente necessario para incorrer nas pennas da primeira especie do artigo 12 da lei; porque excitamento directo, segundo os Codigos Constitucionaes mesmo, he

chamar formalmente os Povos á revolta com proclamações, ou escriptos que provoquem positivamente a insurreição contra o Governo; o que aqui não ha: e a Denuncia está em contradicção comsigo mesma, em quanto accusa o Author de excitamento directo á sedição, sendo-lhe preciso fazer raciocinios e tirar conclusões das expressões do Author, ainda mudadas e transtornadas a seu geito, para mostrar que ha excitamento directo á sedição: quando das proprias e genuinas expressões do Author nem excitamento indirecto se póde mostrar: e ainda que se mostrasse já não incorria as penas da lei, por não ser directo.

Porém não só não ha excitamento directo nem indirecto á sedição, mas antes pelo contrario ha hum excitamento indirecto á obediencia, dizendo-se aos Povos *que a Constituição he respeitavel até no nome; e tão boa, que prohibindo ella os crimes, os malevolos, cobertos com a sua capa, fazem della hum sacrilego abuso para ficarem impunes.* Portanto não ha infracção da primeira especie do artigo 12 da lei.

Mostra-se igualmente que se não ataca a fórma do Governo Representativo, porque a reforma ou extincção das Religiões não tem nada com a fórma do Governo adoptado pela Nação; que he o objecto da terceira especie do mesmo artigo. Nem mesmo se atacão as determinações do Soberano Congresso, ou Governo Representativo:

1.° Porque o ponto em questão ácerca das Religiões não está ainda decretado, mas só em projecto; e bastaria isto para que o Author não infringisse a lei, ainda que fallasse contra elle, da mesma sorte que a não infringio o *Independente*, e outros muitos, em iguaes, e mais melindrosas circumstancias:

2.° Porque este projecto do Soberano Congresso he de refórma, e não de extincção; não podendo de sorte alguma applicar-se ao projecto de reforma o que o *Maço Ferreo* diz dos conselhos de extincção dados pelo *Independente*; porque

3.° e muito principalmente, não só se não atacão as deliberações do Governo Representativo; mas são estas mesmas deliberações, são estes mesmos projectos de simples re-

fórma que tacitamente se objectão aos pessimos conselhos de extincção dados pelo *Independente:* com isto he que o *Maço Ferreo* os impugna; e faria hum inepto argumento, se não julgasse bons aquelles projectos de reforma.

Portanto não ha tambem infracção da terceira especie do artigo 12 da lei; antes pelo contrario, dos mesmos periodos denunciados se mostra o respeito e submissão que o Author delles consagra ao Governo Representativo, e o quanto o seu modo de sentir he conforme ás idéas e intenções do Congresso Nacional.

São tão claros, tão palpaveis, e tão evidentes estes raciocinios, que eu espero, Srs. Juizes, do vosso bom senso e integridade que declareis o Author do artigo denunciado plenamente absolvido da accusação que se lhe faz: e para que seja patente a todo o mundo a rectidão e justiça com que o absolveis, devem estas razões juntar-se aos autos.

Desta arte promovião os corifeos da Justiça Constitucional aquella pretendida *igualdade diante da lei*, com que nos vierão aturdindo desde o Porto até Lisboa!! Podião elles a seu salvo infringir as Bases Constitucionaes, prescindir inteiramente das restricções da Liberdade da Imprensa, que tudo que era lei se entendia sómente obrigatoria dos Catholicos e Realistas.... Bem de perto nos levárão do *quid ultimum in servitute*, de que tanto se horrorisava o Historiador mais filosofo da antiguidade.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1824.

Com licença da Real Commissão de Censura.

O PUNHAL DOS CORCUNDAS.

N.° 33.

Ostendam gentibus nuditatem tuam.

O axioma destruido.

Existirão centos de Monarquias grandes e pequenas antes que Nosso Senhor Jesus Chisto viesse ao Mundo, e erigio-se depois huma infinidade dellas. Se a moda das républicas vogou de quando em quando em alguns Estados, foi até que elles, cançados de perpetuas convulsões, se abrigassem a final das encapelladas ondas da ambição e da intriga no seio do Governo Monarquico. Os maiores amigos das républicas não se atrevem a negar que o primitivo regime desses Estados républicanos mais famosos na antiguidade foi o Monarquico, o que certamente parece indicar que a propria natureza ensinou este governo, para que todos os povos anteriores á creação das républicas da Grecia e de Roma o seguissem e abraçassem. Consultando pois a Historia das Nações, vê-se claramente que a origem das Monarquias he a mais pura de todas, e a menos suspeita de ser devida unicamente ao furor das paixões humanas. Foi necessario que decorreesem 1:500 annos depois da vinda de Christo, para que se patenteasse o unico principio de todos os governos, e, para assim dizer, o governo essencial, de que todos os mais,

*

sem exceptuar o Monarquico e o Aristocratico, são apenas humas simples modificações. Já deixei advertido que ao *Povo Soberano* em materias religiosas devia seguir-se o *Povo Soberano* em materias politicas, e sahir desta fonte perenne de dissensões e guerras civis, de rebelliõens, e das maiores atrocidades, o que temos visto e presenciado ha trinta annos a esta parte, que em numero de catastrofes e de ruinas excedem os tres mil annos que nos precedêrão. Por certo que he para fazer dó, e grande lastima o vermos que o decantado axioma da *Soberania do Povo* descança principalmente sobre a authoridade de hum homem tão regular e coherente em seus principios, que hoje impunha a necessidade de matrimonio a todos os homens, em conformidade do que elle chamava preceito geral, e sem excepção — *crescite*, *et multiplicamini*, — e á manhã remettia para a roda dos engeitados o fructo de seus amores illegitimos e criminosos; de hum homem, que sendo acolhido no meio das suas desgraças por huma bemfeitora, que o salvou das mãos da justiça, e de hum castigo assás merecido, só daqui tirou motivos para revelar, e fazer imprimir todas as fraquezas de quem o tratára com huma extremosa, ainda que mal empregada beneficencia; de hum homem, a quem a sua mesma patria, justamente receosa e espavorida das más doutrinas assoalhadas por este seu filho ingrato e rebelde, fechou as portas, e negou os foros de cidadão; de hum homem finalmente, a quem foi necessario viver em hum seculo de impiedade para ter hum grande numero de proselytos e admiradores. Este homem foi o Genebrino João Jacques Rousseau, que no seu Contrato Social, a quem outros chamárão devidamente o Contrato Anti-Social, formou, para assim dizer, a propria alavanca, que ainda hoje pertende abalar e destruir todas as Monarquias do Universo. Achou no seu seculo todas as proporções para ser lido com enthusiasmo, e seguido com alvoroço; em qualquer outro, ainda dos mais corrompidos, o mundo inteiro lhe havia de fazer a mesma opposição que elle teve de experimentar em Genebra, sua patria; e os seus delirios, correndo parelhas com os de João Bodino seu Mestre, deverião ficar sepultados no esquecimento... Não se lhe exigio o ser coherente, huma vez que elle favoneasse as paixões, já por extremo accesas, dos revolucionarios, e dos

impios; relevou-se-lhe toda a falta de nexo em seus discursos, da exactidão nas suas promessas; o tom decretorio e magistral fez as vezes de sciencia; e a frivolidade do maior numero de seus leitores concedeo-lhe a palma sobre tudo quanto se escrevêra sobre materias politicas desde Aristoteles e Cicero até aos nossos dias. A omissão affectada das materias religiosas, que apenas couberão no ultimo capitulo desta obra, e o desdem com que elle trata o Catholicismo, suppondo-o incompativel com a existencia do regimen social, chamando-lhe fonte de perpetuas collisões e duvidas, e induzindo a quimerica necessidade de deixar de ser Cidadão para ser *beato*, e de nunca saber o que está primeiro, se o Soberano, se o Sacerdote; já he materia de sobejo para que hum livro assim entre na competencia de hum Theologo; mas deixando agora de parte o que ainda figurará mais commodamente em outros lugares, não commetteria huma empreza mui laboriosa e arriscada se me decidisse a combater *meo marte* essa nuvem de paradoxos semeados com profusão em toda a obra... Quem me poderia estranhar de que eu notasse de absurda a concessão de huma Soberania illimitada ao povo, sem ter definido primeiramente o que he povo!

Quem me reprehenderia com fundamento de que eu lhe censurasse a incoherencia de attribuir a legislação á vontade geral, sem ter definido primeiramente o que he vontade geral? Quem me arguiria de que eu tachasse de estupidez hum seculo, que imbuido por seductoras expressões, nunca exigio que se lhe contassem por miudo as fórmas, as condições, e os limites desse chamado Voto Nacional? Ser grande hum homem, ou antes hum energumeno, que nem sequer advertio que a demencia, o crime, e a injustiça nunca jámais poderião infundir nas decisões tumultuarias da plebe o caracter sagrado de huma lei!!! Que melhor Filosofo não era Cicero, e que melhor fizera o Genebrino, se tentando hombrear na eloquencia com o Principe dos Oradores Latinos, tambem forcejasse por se parecer com elle na clareza de principios, e na deducção das consequencias!... Basta de azedar os sequazes das doutrinas do Contrato Social, que não tendo feito fortuna em a Grã-Bretanha, onde havia melhores tratados de sciencia politica, e onde foi geralmente desprezado, veio desforrar-se neste Reino das censuras e affrontas,

com que n'outras partes fôra recebido... Procederei nesta discussão com a mais sincera, e a mais exacta imparcialidade. Sei que não estou ao nivel dos conhecimentos politicos deste seculo, porque felismente não estou ao nivel das famosas idéas liberaes, peste assoladora de todos os Reinos da Europa... Ao entrar neste desafio mostrarei outro comedimento, outra decencia, qual nunca mostrárão esses *pedantescos e desengraçados écos* da doutrina de Rousseau, que tantas vezes retumbárão na Sala das *Necedades*... Hei de buscar hum terceiro, hum Padrinho tal, que imponha silencio a essa chusma de nescios, e de estouvados, e que lhes metta embargos ao *riso sardonico*, que he mais outro substituto da *sciencia maçonica.* Torna a figurar, não por ahi algum *genio constitucional*, mas quem fica muito acima de todas as expressões de louvor, e para o qual se deverião expressamente inventar algumas de novo, já que o nosso seculo as tem prostituido e estragado todas... Homens pequenos em tudo, e só grandes na ambição, na avareza, no orgulho, e em todas as paixões mais negras e hediondas do coração humano, cedei o passo a hum homem verdadeiramente grande em tudo o que póde fazer os homens grandes, e que ha mais de cem annos tomou a seu cargo refutar os paradoxos do Ministro Jurieu; e se os Reis da Europa já nesse tempo quizessem aproveitar-se das lições de hum Theologo, e acudissem a cortar de prompto as cabeças da hydra revolucionaria, que a penetrante Aguia de Mós lhes descobria, e lhes apontava, de certo não teria existido a nefanda Revolução Franceza, nem pereceria hum numero incalculavel de victimas de todos os sexos, estados, e condições.

Ainda que Mr. Bonald chamou a João Viclefo o Pai dos Presbyterianos, e o Avô da Filosofia moderna, póde-se affirmar com toda a segurança, o que já por vezes tenho demonstrado, e he que a seita dos Pseudo-reformadores do seculo XVI. fizerão tão celebre, e inculcárão tanto a liberdade de pensar, que se elles não fossem, porventura o Viclefismo ainda hoje sería o mesmo que em 1520, isto he, hum fogo adormecido debaixo das cinzas. Nem a natureza costuma obrar de salto, nem as grandes revoluções se concluem n'hum momento; e a do seculo XVI. foi, e tem sido huma das mais duradouras, e das que mais tem affligido a Esposa

de Christo... Quem não he fiel a Deos, e sacode affoutamente o jugo da obediencia ao Successor de S. Pedro, e Vigario de Christo, não póde ser nunca hum vassallo fiel, e amigo do seu Rei... Hum Sectario he essencialmente hum rebelde... e chegámos a hum tempo em que he desnecessario provar que he este o caracter de todas as seitas modernas... Contrariados pelos Reis de França em suas vistas de proselytismo, affadigárão-se os novadores por se manterem nos seus postos á força de armas, e todo o seu ponto era mostrar que tinhão direito de se levantar contra os Soberanos legitimos, porém contrarios aos progressos dos seus erros. Nesta parte forão elles convencidos de rebellião pelo grande Bossuet; e por mais que tergiversárão, e quizerão illudir, não ficou duvidoso a quem pertencia a victoria..... No meio deste conflicto, em que a Sabedoria Christã domina, como Senhora que he, sobre as fraudes, cavillações, e imposturas de huma sciencia mais ardilosa que atilada, succedeo que o Ministro Jurieu, fulminado pela Historia das variações, quizesse valer-se da *Soberania do Povo*, como ancora sagrada, para ao menos salvar certa decencia, quando já não podia salvar os creditos com que havia entrado naquella tão celebre como renhida disputa... Deixemos fallar Mr. Bossuet sobre o todo da questão, e vejamos se ha Theologos capazes de dirimirem semelhantes controversias.

Principios da Politica de Mr. Jurieu, e sua absurdidade.

Em quanto aos frivolos raciocinios de que se servem os especulativos para regularem o direito das Potencias que regem o Universo, mais valeria desprezar estes vãos politicos, que sem conhecimento do mundo, ou dos negocios publicos, julgão poder sujeitar os Thronos dos Reis aos decretos que elles fazem no meio dos seus livros, ou que dictão em as suas escolas. Eu deixaria pois de bom grado que Mr. Jurieu discorresse sobre os direitos do povo, e não o estorvaria de que elle se fizesse arbitro dos Reis pelas mesmas razões por que se faz Profeta; mas para que o mundo assustado de sua audacia se convença da sua ignorancia, eu quero, ao findar esta advertencia, notar humas quatro ou cinco das infinitas absurdidades de seus vãos discursos.

No desenho que Mr. Jurieu tinha de fazer á apologia do que se passa na Inglaterra, parecia natural que se examinasse a Constituição particular deste Reino; e se elle se voltasse para este lado, eu deixaria a outros o cuidado de o refutarem; pois declaro ainda huma vez que nem as leis particulares dos Estados, nem os factos pessoaes são o objecto que eu me proponho. O Ministro porém seguio outra vereda; e ou porque a Inglaterra de per si lhe parecesse hum sujeito pouco digno dos seus cuidados, ou que achasse mais barato fallar ao vento sobre direitos dos povos, do que revolver as historias, que farião conhecer a Constituição daquelle, cuja defensa tomou a seu cargo, edificou huma Politica de igual aptidão para amotinar os Reinos todos. Eis-aqui o seu resumo. *O povo faz os Soberanos, e dá a Soberania; logo o povo possue a Soberania, e a possue no gráo mais eminente. Pois o que communica deve possuir a cousa communicada de hum modo mais perfeito; e ainda que hum povo que fez hum Soberano já não possa exercitar a Soberania per si mesmo, he ainda a Soberania do povo a que he exercitada pelo Soberano; e o exercicio da Soberania, que se faz por hum só, não impede que a Soberania esteja no povo, como em a sua fonte, e ainda como em o seu primeiro sujeito.* Taes são os principios que elle põe na carta XVI.; e conclue nas duas seguintes que o povo póde exercitar a sua Soberania em certos casos, até sobre os seus Soberanos, julgallos, fazer-lhes guerra, privallos das suas Coroas, mudar a ordem da successão, e até a fórma do Governo.

O que logo se dá a conhecer neste discurso he estar cheio de contradicções. *O povo*, dizem, *dá a Soberania; logo possue-a.* Sería antes o contrario que se deveria concluir; pois se o povo a cedeo, já não a tem, ou em todo o caso, para fallarmos segundo Mr. Jurieu, elle não a tem senão em o Soberano que elle creou. He isto o que o Ministro acaba de confessar, dizendo *que hum povo, que faz hum Soberano, já não póde exercer a Soberania per si mesmo*, e que a Soberania he exercitada pelo Soberano que elle fez.

Nada mais se requer para lançar por terra o systema do Ministro. Pois tudo a que elle quer chegar pelos seus principios, he que o povo póde dar a lei em certos casos ao seu Soberano até ao ponto de lhe declarar guerra, e privallo,

como já se disse, da sua Coroa, mudar a successão, e até a fórma de Governo.

Ora tudo isto he contra a supposição que o Ministro acaba de fazer. Pois sem duvida não será pelo Soberano que o povo ha de fazer a guerra ao proprio Soberano, e lhe tirará a sua Coroa; será então por si mesmo que o povo praticará estes actos de Soberania, quando já se tem supposto que elle não póde exercitar nenhum. Sem por ora examinarmos as consequencias do Sistema, vamos á fonte, e consideremos a Politica do Ministro pelo seu lado mais especioso. Imaginou que o povo he naturalmente Soberano, ou, para usarmos da sua expressão, que elle possue naturalmente a Soberania, porque a dá a quem lhe parece: ora isto he errar em principios, e não entender as palavras. Se attendermos aos homens como elles são naturalmente, e antes de todo o Governo estabelecido, não se encontra senão anarquia, isto he, em todos os homens huma liberdade feroz e selvagem, em que cada hum póde pertender tudo, e ao mesmo passo contestar tudo, onde todos estão de cautella, e conseguintemente em guerra continua contra todos, onde a razão não póde nada, porque cada hum chama razão á paixão que o arrebata, onde o proprio direito da natureza está sem força porque a razão não a tem; onde por consequencia não ha propriedade, nem dominio, nem bem, nem repouso seguro, nem, a dizer a verdade, direito algum, quando não seja o do mais forte, e nem ainda se poderá saber quem elle he, pois cada hum por sua vez o póde chegar a ser, á medida que as paixões fizerem conjurar em seu favor a maior ou menor reunião de gente.

Para sabermos se o genero humano já esteve todo neste estado, e que povos estiverão assim, e em que lugares, ou como, e por que degráos sahírão delle, sería necessario, se o quizessem decidir, que se contasse o infinito, e se comprehendessem todos os pensamentos que podem entrar no Coração do homem. Seja o que for, he assim o estado em que se imaginão os homens antes de todo o Governo. Imaginar com Jurieu no povo, considerado nesta situação huma Soberania, que já he huma especie de Governo, he pôr hum Governo antes de todo o Governo, e contradizer-se a si mesmo. Longe de que o povo seja Soberano em tal esta-

do, o certo he que nem ha povo em tal estado. Póde sim haver familias ainda mal governadas e mal seguras; póde sim haver huma tropa, hum ajuntamento de pessoas, e multidão confusa; porém não póde haver povo, porque hum povo suppõe já alguma cousa que reuna, alguma direcção regular, e algum direito estabelecido, o que não acontece senão áquelles que já começárão a sahir deste infeliz estado, que he o mesmo que anarquia.

He porém do fundo desta anarquia que sahírão todas as fórmas de Governo; a Monarquia, a Aristocracia, e o Estado popular, e outros mais; e he isto o que nos quizerão dizer os que nos dissérão que toda a sorte de Magistraturas e Potencias legitimas viera originalmente da multidão, ou do povo... mas daqui não se póde concluir, como faz Mr. Jurieu, que o povo como Soberano destribuisse os poderes a cada hum dos tres Governos, pois era necessario para isto que já houvesse hum Soberano, ou hum povo regular, o que já vimos não era assim. Não he pois de necessidade o imaginar que a Soberania ou authoridade publica seja huma cousa como subsistente, que seja necessario ter para depois a dar; ella se fórma e provém da cessão dos particulares, quando fatigados do estado em que todo o mundo he senhor, e ninguem o he, elles se deixárão persuadir de que lhes convinha renunciarem esse direito que põe tudo em confusão, e essa liberdade que faz temer tudo a toda a gente, a favor de hum Governo, sobre o qual estiverão de accordo. Se apraz a Mr. Jurieu chamar Soberania a esta liberdade indocil, que se faz ceder á lei e ao Magistrado, póde-o fazer, porém he confundir tudo, he confundir a independencia de cada homem na anarquia com a Soberania. Mas he isto bem pelo contrario o que a destroe. Onde todos são independentes, não ha Soberano, pois o Soberano domina de direito, e aqui ainda não ha direito de dominar: não se domina senão naquelle que he dependente; ora nenhum homem se suppõe tal naquelle estado, e cada hum ali he independente, não só de qualquer outro, mas até da multidão, visto que a propria multidão, até que ella se reduza a constituir hum povo regulado, não tem outro direito senão o da força.

Eis-aqui o Soberano de Mr. Jurieu: he na anarquia

o mais forte, que vem a dizer a multidão, e o grande numero contra o pequeno: eis-aqui o povo que elle faz o Senhor e o Soberano acima de todos os Reis e de todas as Potencias legitimas; eis-aqui o que elle chama o *Tutor* e o Defensor natural da verdadeira Religião: em huma palavra, eis-aqui o proprio, que a seu vêr *não tem necessidade de ter razão para que os seus actos sejão valiosos*, pois diz Mr. Jurieu, *esta authoridade não está senão no povo*, e vê-se o que elle chama povo.

Não perca o leitor da memoria esta rara Politica: mais para o diante se lhe descubrirão os absurdos, por agora só lhe quero mostrar a sua face mais aprazivel.

Doutrina dos pactos e das relações de M. Jurieu; quanto he cheia de absurdos: e primeiramente sobre a escravidão.

He a doutrina dos pactos qual a explica o Ministro desta maneira. *Que he contra a razão que hum povo se entregue a hum Soberano sem algum pacto, e que hum tratado assim sería nullo, e contra a natureza.* Não se trata, como vemos, de Constituição particular de algum Estado, trata-se do direito natural e universal que o Ministro quer achar em todos os Estados. *He*, diz elle, *contra a natureza entregar-se sem algum pacto*, isto he, entregar-se sem reservar-se o direito da Soberania, pois he este o pacto que se deseja estabelecer, como se elle dissesse: he contra a natureza arriscar alguma cousa para se eximir do mais horrivel de todos os estados, que he a anarquia; he contra a natureza fazer o que tantos povos tem feito, como já se vio. Deixemos porém estas razões. Como estes pactos de Mr. Jurieu já não se encontrão, pois ha muito que se perdeo o original, o menos que se póde pedir a este Ministro he que elle prove o que tem avançado. Elle o faz desta maneira. *Não ha relação no mundo que não seja fundada em hum pacto mutuo, ou expresso, ou tacito, excepto a escravidão tal qual ella era entre os Pagãos, que dava a hum Senhor o poder da vida e da morte sobre seu escravo sem algum conhecimento de causa. Este direito era falso, tyrannico, puramente usurpado, e contrario a todos os*

direitos da natureza. E pouco depois: *He certo que não ha nenhuma relação de senhor, de servidor, de pai, de filho, de marido e mulher, que não seja estabelecida sobre hum pacto mutuo, e sobre obrigações mutuas, de sorte que quando huma parte anniquila estas obrigações, tambem ficão anniquiladas da outra parte.* Por mais especioso que seja este discurso em geral, se o examinarmos de perto, achão-se-lhe tantas ignorancias como palavras.

Comecemos pela relação de senhor e escravo.

Se o Ministro reflectisse alguma cousa neste ponto, teria conhecido que a origem da escravidão vem das leis de huma guerra justa, onde o vencedor, tendo todo o direito sobre o vencido, até ao ponto de lhe tirar a vida, lha conserva; o que fez nascer, como se sabe, o vocabulo *servi*, que se fez depois odioso, e que na sua origem foi huma expressão de beneficio e de clemencia, derivada do verbo *servare.* Querer que o escravo nesta situação faça hum pacto com o vencedor, que he seu senhor, he ir directamente contra a idéa de escravidão, pois hum que he senhor dá a lei que lhe apraz, e o outro que he escravo recebe-a tal qual lha querem dar, que he a cousa deste mundo que he mais contraria á indole dos pactos, onde se está livre de huma e outra parte, e onde se faz a lei de commum accordo...

Outras absurdidades sobre a relação de pai a filho, e de marido para sua mulher: erros crassos do Ministro, que confunde os deveres com os pactos.

A segunda relação, que o nosso Ministro funda sobre hum pacto expresso ou tacito, he a de pai para filho; e diz huma cousa a mais insensata que póde haver; pois quem contratou em nome dos filhos com seus pais? Acaso os filhos que ainda estão no berço fizerão algum pacto com seus pais para os obrigarem a sustentallos, e a terem-lhe ainda mais amor que á propria vida? E tiverão os pais necessidade de fazerem hum pacto com seus filhos para os obrigarem a que lhes obedeção? Allegar similhantes pactos he escrever com bem pouca reflexão.

He mais verosimil o fundar-se a relação de marido para sua mulher em algum pacto, huma vez que de facto aqui entra alguma convenção.

Querendo-se porém considerar que o essencial do direito e da sociedade conjugal, e o da obediencia que a mulher deve ao seu marido, se funda sobre a natureza, e sobre hum expresso mandamento ou preceito de Deos, não sería huma empreza vã querêlla fundar sobre hum pacto. Quem não vê em todo este discurso hum homem, que arrebatado por enganosas apparencias, confundio os termos de *pacto* com os de *obrigação e dever*? Com effeito elle confunde mui grosseiramente estas duas palavras quando nos diz que as relações ha pouco mencionadas de servo para senhor, de filho para seu pai, de mulher para seu marido, se fundão *sobre pactos mutuos, e sobre obrigações mutuas*, sem querer ao menos considerar que ha obrigações mutuas que effectivamente procedem de huma convenção entre partes, a que se chamão *pactos*, mas que tambem os ha fundados por vontade do Superior, que he Deos, e que nem são pactos nem convenções, porém leis supremas e inviolaveis, que precedêrão a todos os pactos e convenções...

Applicação aos direitos dos Reis e dos povos: temeraria proposição de Mr. Jurieu.

Em virtude dos principios já estabelecidos, eu concedo a Mr. Jurieu que ha obrigações mutuas entre o Principe e o Vassallo, de sorte que a este respeito não ha poder sem limites, pois todo o poder he limitado pela lei de Deos, e pela equidade natural; mas que estas obrigações se fundem em hum pacto mutuo he o que Mr. Jurieu está bem longe de provar, pois não allega para este fim senão principios falsos, que elle não póde sustentar de boa fé no seu interior, e por conseguinte não os entende quando os produz.

Desde que os homens se tem mettido a escrever, creio que nunca se escreveo cousa mais temeraia do que a escrita por Mr. Jurieu: *Que não se encontrão erecções de Monarquias, que não se fizessem por via de tratados em que os deveres dos Soberanos se declarassem assim como os dos subditos*... Quem o ouvir assentará que muitos destes tratados lhe passárão pelos olhos! Deveria ao menos apontar-nos algum, e mórmente se tivesse achado esse contrato primordial do Rei e do povo, que dizem ter sido violado pelo Rei

de Inglaterra, não o deveria dissimular, pois teria livrado de grandes embaraços a convenção que se incumbio de defender, principalmente se achassemos neste tratado que elle sería nullo em caso de contravenção de qualquer das partes, e que o povo tornaria ao mesmo estado, como se não tivera Rei ... Desgraçadamente Mr. Jurieu ... nem achou este nem outro algum, nem trata de mostrar por factos positivos que já tenha havido algum. Mette a bulha o douto Grocio, porque elle com o bello Grego e o bello Latim assenta persuadir-nos de quanto quer, e porventura tem razão de reprehender este sabio Author pela demasia das citações; mas que ao mesmo tempo já não digo sem Latim nem Grego, mas sem exemplo, sem authoridade, sem testemunho, nem de Poeta, nem de Orador, nem de Historiador, nem de algum Author, qualquer que elle seja, o nosso Ministro ousasse propor como hum facto incontestavel *que não se vê erecção alguma de Monarquia*, que não se fizesse por tratados quaes elle imagina, e que todos os povos do mundo, antigos e modernos, sem exceptuar os que respeitão os Soberanos como Deoses, ou para melhor dizer, que nem se atrevem a olhar para elles, e não conhecem outras leis senão as suas vontades, se tenhão reservado hum direito soberano sobre os Reis; e o mais he, sem conhecerem tal direito, e sem ao menos o suspeitarem; com effeito he outra demasia que não tem nome (que chegue a exprimilla!) e por certo não se póde abusar mais da fé publica ...

Conforme a doutrina de Mr. Jurieu não se sabe o que he o povo: confusão da sua Politica, que recahe no mesmo que ella quiz evitar.

Mas a final, até onde querem chegar com esta Soberania do povo? O povo, a quem Jurieu dá pleno direito sobre os Reis, tê-lo-ha menor sobre os outros poderes? Se elle he Soberano por ter feito as fórmas todas de Governo, he o Senhor, e he o Senhor de todas porque as fez todas igualmente. Diz Mr. Jurieu que o poder soberano está repartido na Inglaterra entre os Reis e os Parlamentos, porque o povo o quiz assim. Mas dado o caso que o povo assente que será governado melhor debaixo de outra fórma de Governo, terá

na sua mão fazer esta mudança, e terá sobre o Parlamento a mesma authoridade que lhe concedem sobre o Rei...... Cromwel teria razão para reduzir tudo aos Communs, e para reduzir os Communs a outra fórma. Podião estabelecer, se quizessem, huma républica ou Estado popular, como foi intento de varios, *e por ventura ainda hoje o he de muitos*.. O sabio Jurieu, que estabeleceo a Soberania do povo, previo este inconveniente, e dignou-se advertir que o povo póde abusar do seu poder. Eu o confesso; elle assim o diz, e até parece assinar limites ao poder do povo, *que* (diz elle) *nunca deve resistir á vontade do Soberano*, *senão quando esta se encaminha directa e plenamente para a ruina da sociedade*. Mas quem não vê em tudo isto que o povo ainda he o Juiz?... *O povo*, diz este *novo* Politico, *he aquella Potencia*, *que he a unica que não carece de ter razão para fazer os seus actos valiosos*. Quem dirá ao povo que elle não tem razão? Ninguem terá nada que lhe dizer; ou então para o bem dos povos se deve parar na fundação de poderes, contra os quaes o povo não possa fazer nada, e aqui temos em hum momento a Soberania do povo deitada por terra com o systema do Ministro (*).

O dia 26 *de Janeiro de* 1821.

Excidat illa dies aevo etc. estava para ser o meu thema em huma breve *Oraciuncula* sobre o tal dia de Janeiro de 1821, e seus immediatos successores 1822, e 1823, e por certo que eu não pouparia, nem invectivas, nem maldições contra esse nefando arrojo com que os Pedreiros sem mais ceremonia se constituírão *Assembléa Nacional*, governando, desgovernando, compondo, descompondo, fazendo, e desfazendo, e obrando toda a sorte de violencias e quixotadas!! Parece que até os proprios elementos se conjurárão para estorvar, quanto nelles era, a fatal abertura de hum Congresso, que tinha as mesmas bullas para se dizer Nacional, que póde ter a luz maçonica para se chamar luz verdadeira, o

(*) He hum extracto da quinta advertencia aos Protestantes. Tom. 5. da Edição de Liege (1766) pag. 329 e seguintes.

calor para se chamar frio, ou a neve para se appellidar fogo. Era para ver, ou para rir, o sagrado enthusiasmo com que alguns senhores Deputados de nota, que se os mandassem fazer huma viagem de duas leguas, por mais santo que fosse o motivo, todos se havião de carpir, allegando faltas de saude e conhecida impossibilidade, como agora parecião homens de ferro, e voavão por essas estradas fóra a despeito de chuvas e ventos, com o sentido em qualquer das Mitras, ou Maçonica ou Episcopal, que desgraçadamente corrião parelhas nessa desastrosa época!! Era tão vivo e tão acceso o amor da patria, que lhes fervia nos generosos peitos!! Assás calor lhes acudia do coração á superficie do corpo, que ainda no caso de chover nelles como na rua, nem sequer dessem fé, ou sentissem que chovia!! Em fim, para encurtar provas e razões, por mais que trabalhei não pude levar a cousa ao serio, e assim como os taes cavalheiros de triste figura nos atordoárão com Festas Sacro-Profanas em applauso de huma tal cousa que elles sabião, e que era bem facil de conhecer, nós agora os leaes Corcundas embacemos essa corja infame com outra festa mais adaptada ás circumstancias actuaes do Maçonismo Portuguez. Celebravão elles nas suas *Cortes installadas* o mais solido fundamento da installação ou enthronização de seus abominaveis principios; celebremos nós em suas Cortes *estaladas* e feitas em pedaços o triunfo sinalado da honra, da probidade, do Throno, e do Altar, conseguido sobre os seus maiores e mais encarniçados inimigos. Ora eu, como pobre que sou, e mui falto dos aprestes necessarios para funções desta ordem, teria de passar pela vergonha de pedir alguns trastes emprestados, que he a sorte dos pobrezinhos que se mettem a fazer festas, quando a minha boa estrella me deparou a carta seguinte, que fará todos os gastos da função, em quanto para me distrahir das minhas fadigas vou aprompando hum Diccionario ou Chave das palavras e frases mais dilectas do Maçonismo, que provavelmente sahirá nos Arquivos da Religião Christã.

CARTA.

Senhor Punhalista.

Não me dirá donde lhe vem o aço fino de que fabríca seus Punhaes, se das cordilheiras de Suecia, ou das serras de Cantabria? Elles sahem da sua adamantina bigorna tão brunidos e acicalados, que V. parece descendente da dura estirpe dos Chalybs, ou ter sido aprendiz de Vulcano, quando fazendo o ultimo de potencia, este Deos se aprimorava em fabricar aos heroes armas impenetraveis, e em ministrar a Jupiter seu Pai aquelles coruscantes e crepitantes raios, com que o maior dos Deoses domava a audacia dos Titãs, e punia a vil canalha dos insolentes mortaes. Mas perdoe, Senhor, que eu imaginava estar fallando com algum atilado artifice de obras primas, e não com hum escriptor polido, e que salpica a solidez de seus escritos com o sainete do jovial e do ridiculo opportunamente applicado contra a alcateia dos Liberaes, dos Mações, dos Epicureos, dos Materialistas, e de toda essa caterva inimiga fatal da Religião e de Deos, dos Reis e da Patria, da Virtude e da Sciencia, neste seculo mesquinho, que com razão póde appellidar-se o *seculo maçonico*.

Como pois V. se arrojou tão arriscadamente a esses mares de materias politicas, hoje tão tempestuosos e coalhados de piratas, quizera me resolvesse algumas duvidas sobre as ditas materias: advertindo porém que nada admitto de theorias; porque desde o nefasto dia 24 de Agosto pousou em Portugal tão espesso bando de cucos, tralhões, pardaes, tanjasnos, tintilhões, melros, gaios, e milhafres todos a chilrar ao mesmo tempo, e condecorados com os appellidos de Deputados da Junta dos Vinagristas, Deputados das Cortes ordinarias e extraordinarias, membros das sociedades patrioticas, e das da loja da Regeneração, do grande Oriente, dos Jardineiros etc. etc., que tendo perdido o tino nessas theorias politicas dei em Sceptico theorico, e reduzido ao mero *empirismo* só examino o que faz ao caso, e *quid interest?*

A questão que mais vezes me tem feito dar voltas ao juizo he a da Soberania do povo. Havia sete seculos que se dizia, que a Soberania estava no Rei. Em todo este espaço Portugal formou-se em Reino, ganhou poder, cahio, levantou-se, e sempre se engrandeceo. Quem notando estes acontecimentos não via que a Soberania posta em ElRei está muito bem posta? Todavia depois de 24 de Agosto começou a dizer-se que a Soberania residia *essencialmente* na nação, isto he, que a nação não he nação sem ser Soberana! Confesso que ouvindo esta doutrina senti em mim certa commoção estranha, e tal, qual se sente pela apparição de fenomenos imprevistos, espantosos, e anteriormente ignorados.

Agora sim (dizia eu) agora he que eu sou gente. Se a Soberania he tão doce, que para obtella se tem sacrificado desde o diluvio universal contos de contos de vidas, que maior ventura que obter agora hum quinhãozinho de Soberania ás mãos lavadas? Mal parece que hum só tenha tudo, e outros nada. Se a Soberania he hum bem reparta-se por todos, e o quociente dirá quanto cabe a cada hum. Com este quinhãozinho de Soberania estava eu mais contente que hum rapaz com o seu pião, e me lisongeava de poder dispor de tão rica adquisição, e repartilla por minha mulher e filhos. Minha mulher logo que o soube não cabia em si de alegria, e tal ufania a tomou toda, que já se suppunha huma Rainha pequena, já lhe enjoava a roca e a costura, já fazia de Soberana entre as criadas, e por tal maneira se descuidava do governo da casa, que eu me arrependi de lhe ter revelado o segredo.

Desta Soberania armada no ar entrei a desconfiar ainda mais quando vi seus effeitos praticos. Dizia-se que o povo havia de nomear quem lhe fizesse as leis, e que ElRei devia executallas á risca. Mas na nomeação de Deputados vi que tudo era ambição e *maranha*. O povo não sabía ler, e nomeava por escrito quem os mais poderosos e mais manhosos querião para seus representantes. Elle profanou a authoridade de Deputados, dando-lhes appellidos que nem ao diabo lembrão. Profanou-a dando aos Deputados os nomes de Pais da Patria, de Legisladores, de Reformadores dos abusos, de Liberaes etc., e bem sabía eu que os antigos da-

vão raras vezes o nome de Pai da Patria, e só a varões aõ pé dos quaes Fern. Th., M. B. C. etc. são como hum ratinho ao pé de hum elefante da Asia. Mas quando eu vi o Salão das Cortes cheio de bandalhos e petimetres, tão fofos como hum sapo inchado, vomitando sandices, e minando os alicerces da Religião e da Monarquia, desenganei-me que a tal Soberania era huma farça armada para certos fins. Que diabo de Soberania he esta (dizia eu) que traz inquieta a nação, espalha a impiedade, persegue os bons, desmancha a maquina da Monarquia, excita a guerra civil, provoca as tropas ultramontanas, e prepara a anarquia? He para isto que foi proclamada a Soberania do povo? Para espalhar a discordia em Portugal, no Brazil, em Angola, em Goa, e até em Macáo? Para elevar huns poucos de maniacos aos cargos mais pingues, entregando as pessoas honradas á escuridade e á miseria? Destas e d'outras inferia eu que tal Soberania, ou era nada, ou era Soberania pedanea, e Magestade plebêa.

Todavia pegou-se-me de tal sorte a idéa de Soberania do povo que não podia apagalla no meu espirito, similhante ás crianças que não sabem distinguir os sonhos da realidade das cousas. Esta idéa mais se me confirmou ainda pelos acontecimentos do fim de Maio e principio de Junho. Reflectindo na serie de acontecimentos maravilhosos e inesperados que então começárão, e n'huma volta de mão escangalhárão o castello de bugalhos, fundado no ar pelos nossos Maçonico-Democratico-Rapinatico-Legisladores, então fiquei para toda a eternidade persuadido que nossos Liberaes nunca fallárão com tanta verdade como quando dissérão, que a Soberania está no povo. Porque quem enxotou do Palacio das Necessidades aquella pestilente praga, que de lá impestava a nação, e era maior que todas as do Egypto, senão a Soberania do povo? Quem os dispersou com a mesma facilidade com que o vento espalha a poeira, as palhas, e as folhas seccas das arvores (pois elles não erão outra cousa) senão a Soberania do povo? Quem auxiliou o famigerado Silveira e seus irmãos d'armas na arriscada empreza de salvar a patria? Quem apoiou o nosso denodado Infante o Serenissimo Senhor D. Miguel para ultimar em poucos dias aquella heroica resolução de salvar a Religião e o

Throno, e libertar a nação que gemia debaixo da tyrannia de nossos mandões, mil vezes peiores que os Catilinas e Sejanos, e bem similhantes aos Marats, Robespierres, e Condorcets, senão a Soberania do povo? Quem libertou nosso amado Soberano, e o restituio á posse da authoridade inseparavel do Throno, derribando essas Magestades burlescas, que o deturpavão, senão a Soberania do povo? Por ventura brilhou mais esta Soberania na acclamação dos Senhores D. João I e IV, e na expulsão dos Francezes em 1808 do que agora, em que a nação estimulada do sentimento de suas desgraças, e do presentimento de outras maiores, ergue sua voz soberana, e bradou a seus tyrannos — Basta, Scelerados, basta de maquinar a perdição dos povos, vossa impiedade chegou ao seu termo, e delle não passará. Basta já de dilacerar as entranhas da patria que vos criou; apressai-vos a desapparecer da sociedade dos Portuguezes honrados e leaes, e levai vosso systema de perdição para o plantar na Siberia que vos espera, na Groelandia, ou nas adustas planicies da Africa. Que conta dareis, malvados, que conta dareis á patria das chagas profundas que em seu peito abristes? Quem vos chamou (a não ser a vossa infernal ambição) quem vos chamou para reformar seus abusos? Que conta pois dareis á patria do Brazil revolucionado, do Erario saqueado, do Throno ultrajado, da guerra civil excitada, da guerra estranha gratuitamente provocada, do decoro nacional desbotado, e de toda a nação exposta vilmente á irrisão, e ao opprobrio dos presentes e dos vindouros? Ah! Safaros, assim se trata huma nação honrada, polida, e religiosa? Hypocritas! apregoando a Soberania do povo arrebataveis para vós os melhores postos, e arrojaveis aos outros, para elles roerem, os ossos esburgados da obscuridade, do desprezo, dos degredos, das prizões, da fome, da desesperação, e de toda a casta de miserias! Almas de ferro! como vos não enternecieis, vendo quasi toda a nação sepultada na amargura? Como podieis recostar no leito esses corpos, instrumento de tantos crimes, sem que vos não perturbasse o somno a importuna imagem dos vossos attentados? Não vos acordaveis que por menos culpas já outros antes de vós subírão ao patibulo? Mas ainda que com as vidas satisfizesseis aos homens, como podereis satisfazer a justiça Divina? Que

conta lhe dareis das heresias que dessiminastes, das escolas publicas que corrompestes, do Maçonismo que propagaveis com todas as impiedades quantas se tem divulgado desde o diluvio até agora. Vós usurpastes a Soberania, por isso sereis punidos como taes. *Potentes potenter tormenta patientur : fortibus fortior instat cruciatio.*

Assim me parece, Senhor Redactor, estar ouvindo esta briosa Nação, quando *mandando á tabúa* essas Magestades de Theatro, enthronizava seu legitimo Monarca, e applaudia seu memoravel triunfo. E quem poderia então resistir á sua força? Quem suffocar sua voz? Na verdade nunca ella me pareceo tão Soberana, nem ter usado tão airosa e opportunamente de sua Soberania. Este foi sempre seu costume antigo e louvavel. Ella o exercitou sempre com heroismo superior a todo o elogio, quando algum Principe lambareiro se aventurava a tocar-lhe no Throno de seus legitimos Monarcas, qual sanhuda Leoa, que repelle o atrevido Caçador que intenta roubar-lhe os filhinhos, emprego de seu amor. Assim esta Nação amante de seus Monarcas exercitou sua Soberania em Aljubarrota, nas linhas d'Elvas, no Ameixial, e n'outras memoraveis batalhas, em que deo na tromba a Castelhanos e Francezes: assim ella agora *quebrou as pernas a esses estafermos de magestade grutesca*, bem persuadida que ella será tanto mais soberana quanto for mais obediente e adherente a seus legitimos Monarcas.

Perdoe, Senhor Redactor, a extensão desta carta, que já vai passando a testamento. Concluo pois, quando nossos *Legisladores de agua doce* proclamárão a Soberania do Povo, armárão o laço para se enforcarem. Os Liberaes brindárão a Nação com tão esplendida e magestosa attribuição, a Nação porém me parece hum pouco desagradecida, e por ventura injusta em lhes não ter ainda cabalmente prestado a devida retribuição.

DECLARAÇÃO.

O Redactor deste Periodico, tendo chegado ao N.º 33, que preenche a sua limitada correspondencia aos 33 mezes do Despotismo Constitucional, e vendo-se actualmente impedido de continuar este seu trabalho por se lhe accumularem outros de maior monta, despede-se do respeitavel Publico, e agradece nomeadamente ás pessoas de juizo e de virtude o benigno acolhimento que fizerão a huns ligeiros esboços da pintura dos males e damnos que nos causou o Systema Regenerador.

Não se despede todavia de sustentar, quanto nelle for, a Santa Causa da Religião e do Throno; e quando tiver opportunidade de degirir e pôr em ordem todas as especies que tem achado sobre o Maçonismo, terá o cuidado de as fazer imprimir nos *Archivos da Religião Christã*, de que he Collaborador.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1824.

Com licença da Real Commissão de Censura.